



DEAN
KOONTZ

A

CASA

DO MAL



Cada olho tem sua visão própria; cada ouvido ouve uma canção inteiramente diferente. No coração transtornado de cada homem, uma incisão revelaria um mal singular e vergonhoso.

Aqui se escondem, sob disfarce humano,

demônios mais estranhos

do que habitam nos vales do Inferno.

Mas a bondade, a afabilidade e o amor também florescem no coração da triste besta.

— O Livro das Lamentações

1

A noite estava tranquila e curiosamente silenciosa, como se a viela fosse uma praia deserta e sem ventos no olho de um furacão, entre a tempestade que passou e a que se aproximava. Um leve cheiro de fumaça pairava no ar imóvel, embora não houvesse fumaça visível.

Estatelado de barriga para baixo no calçamento frio, Frank Pollard não se moveu quando recobrou a consciência; aguardou, na esperança de que sua confusão mental se dissipasse. Pestanejou, tentando focalizar a visão. Véus pareciam esvoaçar dentro de seus olhos. Tragou profundas arfadas do ar frio, sentindo o gosto da fumaça invisível, fazendo uma careta diante daquele travo cáustico.

Sombras assomavam como uma convocação de figuras em mantos, fechando-se à sua volta. Gradualmente sua visão clareou, mas à fraca luz amarelada que vinha bem lá de trás dele, pouco dava para ver. Uma grande caçamba de lixo, uns dois metros à frente, estava tão obscuramente delineada que por um instante pareceu indizivelmente estranha, como se fosse um artefato de uma civilização alienígena. Frank fitou-a por um momento antes de perceber o que era. Não sabia onde estava ou como chegara até ali. Não podia ter ficado inconsciente mais do que alguns segundos, pois seu coração batia como se havia apenas alguns instantes estivesse correndo por uma questão de vida ou morte.

Vaga-lumes em um vendaval...

Essa expressão atravessou sua mente, mas não fazia a menor ideia de seu significado. Quando tentou se concentrar nela e procurar entendê-la, uma forte dor de cabeça surgiu acima de seu olho direito.

Vaga-lumes em um vendaval...

Gemeu baixinho.

Entre ele e a caçamba de lixo, uma sombra entre sombras moveu-se, rápida e sinuosa. Pequenos, mas luminosos, olhos verdes fitaram-no com um interesse glacial.

Assustado, Frank obrigou-se a erguer-se sobre os joelhos. Emitiu um grito agudo e involuntário, menos um som humano do que o lamento abafado de uma flauta rústica.

O observador de olhos verdes fugiu apressadamente. Um gato. Apenas um gato preto comum.

Frank pôs-se de pé, cambaleou estonteado e quase caiu sobre um objeto que estava no asfalto a seu lado. Cautelosamente, curvou-se e apanhou-o:

uma bolsa de viagem, de couro flexível, cheia, surpreendentemente pesada. Supunha que fosse sua. Não se lembrava. Carregando a bolsa, caminhou tropeçadamente em direção à caçamba de lixo e apoiou-se em sua superfície enferrujada.

Olhando para trás, viu que estava entre fileiras do que parecia ser prédios de apartamentos de alvenaria, de dois andares. Todas as janelas eram pretas. Dos dois lados, os carros dos inquilinos estavam alinhados de frente em vagas cobertas de estacionamento. A estranha claridade amarela, agressiva e sulfurosa, mais como o produto de uma chama de gás do que a luminosidade de uma lâmpada elétrica incandescente, vinha de um poste de luz no fim do quarteirão, longe demais para revelar os detalhes da viela onde estava.

Conforme sua respiração acelerada arrefeceu e o batimento cardíaco diminuiu, ele bruscamente compreendeu que não sabia quem ele era. Sabia seu nome — Frank Pollard —, mas isso era tudo. Não sabia sua idade, em que trabalhava, de onde vinha, para onde ia ou por quê. Estava tão perplexo com sua situação que por um instante a respiração ficou presa na garganta; então, seu coração disparou outra vez e ele soltou o ar com um jato.

Vaga-lumes em um vendaval...

Que diabos significava aquilo?

A dor acima de seu olho direito espalhou-se pela fronte.

Olhou desvairadamente para a direita e para a esquerda, em busca de um objeto ou de um aspecto do cenário que pudesse reconhecer, qualquer coisa, uma tábua de salvação num mundo que de repente parecia-lhe muito estranho. Quando a noite não ofereceu nada que o tranquilizasse, voltou a busca para dentro de si mesmo, procurando desesperadamente alguma coisa familiar intemamente, mas sua própria memória era ainda mais escura do que a viela ao seu redor.

Gradualmente, percebeu que o cheiro de fumaça desaparecera, sendo substituído por um odor vago, mas repugnante, de lixo em decomposição na caçamba. O cheiro de podridão encheu-o de pensamentos de morte, o que atçou uma vaga lembrança de que ele estava fugindo de alguém — ou de alguma coisa—que queria matá-lo. Quando tentou se lembrar por que fugia, ou de quem, não conseguiu iluminar melhor aquele fragmento de memória; na verdade, parecia mais uma percepção baseada no instinto do que uma recordação genuína.

Uma lufada de vento girou ao seu redor. Em seguida, a calma retomou, como se a noite morta tentasse voltar à vida, mas conseguira apenas um único e trêmulo suspiro. Um pedaço de papel amassado, levado por aquela

baforada, estalou ao longo do calçamento e arrastou-se até parar junto ao seu sapato direito.

Em seguida, outra lufada de vento.

O papel foi arrastado para longe.

A noite ficou mortalmente calma outra vez.

Alguma coisa estava acontecendo. Frank pressentia que aquelas efêmeras lufadas de vento eram provenientes de alguma fonte maligna, com um significado tenebroso.

Irrracionalmente, tinha certeza que estava prestes a ser esmagado por um grande peso. Ergueu os olhos para o céu limpo, para a escuridão vazia e erma do espaço e o brilho maligno das estrelas longínquas. Se alguma coisa descia sobre ele, Frank não podia vê-la. A noite expirou outra vez. Desta vez com mais força. Seu hálito era cortante e úmido.

Ele usava tênis de corrida, meias esportivas brancas, *jeans* e uma camisa de xadrez azul de mangas compridas. Precisava de um casaco, mas não tinha nenhum. O ar não estava gélido, apenas levemente revigorante. Mas havia um frio nele, um medo enregelante, e tremia incontrolavelmente entre a carícia fresca do ar da noite e aquele calafrio interior.

A rajada de vento definhou.

O silêncio tomou conta da noite.

Convencido de que precisava sair dali — e depressa —, afastou-se da caçamba. Cambaleou pela viela, deixando para trás o fim do quarteirão onde brilhava a luz do poste, para locais mais escuros, sem nenhum destino em mente, levado apenas pela sensação de que aquele lugar era perigoso e que a segurança, se realmente pudesse ser encontrada, estava em outra parte.

O vento encrespou-se outra vez e, com ele, desta vez, veio um assobio sobrenatural, quase inaudível, como a música distante de uma flauta feita de algum osso estranho.

A poucos passos, quando Frank firmou-se nos pés e seus olhos adaptaram-se à noite sombria, chegou a uma confluência de caminhos. Portões de ferro em claros arcos de alvenaria postavam-se à sua direita e à sua esquerda.

Experimentou o portão à esquerda. Estava destrancado, preso apenas por um simples trinco de gravidade. As dobradiças rangeram, fazendo Frank encolher-se, torcendo para que o barulho não tivesse sido ouvido por seu perseguidor.

A essa altura, embora não houvesse nenhum inimigo à vista, Frank não

tinha a menor dúvida de que ele era objeto de uma caçada. Sabia-o com tanta certeza quanto uma lebre sabia quando uma raposa estava no campo.

O vento investiu novamente contra suas costas, e a música de flauta, embora quase inaudível e sem uma melodia discemível, era tenebrosa. Ela perfurava-o. Aumentava seu medo.

Do outro lado do portão preto de ferro, ladeado por abundantes samambaias e arbustos, uma passagem separava dois prédios de apartamentos de dois andares. Frank percorreu-a até chegar a um pátio retangular parcialmente revelado por lâmpadas de segurança de baixa voltagem em cada ponta. Os apartamentos do primeiro andar davam para um passeio coberto; as portas das unidades do segundo andar ficavam sob as telhas de uma varanda com balaustrada de ferro. Janelas às escuras voltavam-se para uma área gramada, com canteiros de azaleias e algumas palmeiras.

Um friso de pontudas sombras das folhas das palmeiras projetava-se sobre uma parede fracamente iluminada, tão imóvel quanto se estivesse esculpido numa comija de pedra. Logo a misteriosa flauta trinou outra vez, o vento reanimado investiu ainda com mais força e as sombras dançaram, dançaram. A própria sombra de Frank, distorcida e escura, rodopiou rapidamente sobre o reboco da parede, entre as silhuetas dançarinas, enquanto ele atravessava o pátio correndo. Deparou-se com outro caminho, outro portão e Finalmente viu-se na rua para onde dava o conjunto residencial.

Era uma rua secundária sem postes de iluminação. Ali, o reino das trevas dominava absoluto.

O vento, mais agitado do que antes, demorava-se. Quando a rajada de vento parou repentinamente, com o cessar igualmente brusco da flauta dissonante, a noite pareceu cair num vácuo, como se a desaparecida turbulência tivesse carregado com ela todo o ar respirável. Em seguida, os ouvidos de Frank espocaram, como se ele tivesse sofrido uma súbita mudança de altitude. Enquanto atravessava correndo a rua deserta, em direção aos carros estacionados ao longo da calçada do outro lado, o ar voltou a envolvê-lo.

Experimentou quatro carros antes de encontrar um destrancado, um Ford. Deslizando para trás do volante, deixou a porta aberta para obter um pouco de iluminação.

Olhou para trás, de onde viera.

O conjunto residencial estava no mais absoluto silêncio na calada da

noite. Envolto em sombras. Um prédio comum e entretanto inexplicavelmente sinistro.

Não havia ninguém à vista.

Entretanto, Frank sabia que alguém se aproximava dele.

Enfiou a mão embaixo do painel, puxou um feixe de fios e apressadamente deu partida no motor antes de perceber que uma tal habilidade de gatuno sugeria uma vida fora da lei. No entanto, não se sentia um ladrão. Não tinha nenhuma sensação de culpa e nenhuma antipatia — ou medo — da polícia. Na realidade, no momento, teria ficado contente de ver um policial para ajudá-lo a lidar com quem ou o que quer que estava em seu encalço. Sentia-se não como um criminoso, mas como um homem que estava em fuga havia um tempo exaustivamente longo de um inimigo implacável e impiedoso.

Quando estendeu a mão para a maçaneta da porta aberta, um rápido lampejo de luz azul pálida derramou-se sobre ele e as janelas do Ford do lado do motorista explodiram. Pequenos fragmentos aglutinados de vidro temperado espalharam-se no banco traseiro. Como a porta da frente não estava fechada, os estilhaços do vidro desta janela não caíram sobre ele; em vez disso, a maior parte despencou na calçada.

Fechando a porta com um safanão, ele olhou pelo vazio onde antes havia vidro, na direção dos apartamentos às escuras, mas não viu ninguém.

Frank engrenou o carro, soltou o freio e pisou com toda força no acelerador. Girando para fora do meio-fio, prendeu-se no pára-choque traseiro do carro estacionado à sua frente. Um breve guincho de metal raspado ressoou estridentemente pela noite.

Mas ele ainda estava sendo atacado: uma luz azul cintilante, no máximo de um segundo de duração, iluminou o carro, em toda a sua extensão; o pára-brisa estilhaçou-se em milhares de fragmentos, embora não tivesse sido atingido por nada que ele pudesse ver. Frank desviou o rosto e cerrou os olhos bem a tempo de evitar ser cegado pela explosão de estilhaços. Por um instante, não conseguiu ver nada, mas não afrouxou o pé do acelerador, preferindo o risco de colisão ao risco maior de frear e dar ao inimigo invisível tempo para alcançá-lo. Uma saraivada de cacos de vidro atingiu-o, espalhando-se pelo topo de sua cabeça inclinada; felizmente, tratava-se de vidro de segurança e nenhum dos estilhaços o feriu.

Abriu os olhos, estreitando-os contra a rajada de vento que entrava pelo espaço agora vazio do pára-brisa. Viu que percorrera meio quarteirão e chegara ao cruzamento. Girou o volante para a direita, pisando apenas de leve no pedal do freio; e entrou numa artéria mais iluminada.

Como o fogo-de-santelmo, uma luz azul-safira reluziu no cromo e, quando o Ford estava no meio da curva, um dos pneus traseiros estourou. Ele não ouvira nenhum tiro. Uma fração de segundo mais tarde, o outro pneu traseiro estourou.

O carro sacudiu, derrapou para a esquerda e começou a deslizar.

Frank lutava com o volante.

Os dois pneus dianteiros romperam-se simultaneamente.

O carro sacudiu-se de novo, mesmo enquanto resvalava de lado, e o repentino colapso dos pneus dianteiros compensou a derrapagem para a esquerda da parte traseira, dando a Frank a oportunidade de controlar o volante desgovernado.

Novamente, não ouvira nenhum tiro. Não sabia por que tudo aquilo estava acontecendo — e, ainda assim, sabia-o.

Essa era a parte realmente assustadora: em algum nível profundamente subconsciente ele realmente sabia o que estava acontecendo, que força estranha estava rapidamente destruindo o carro à sua volta e também sabia que suas chances de escapar eram pequenas.

Uma rápida cintilação azul.

A janela traseira implodiu. Aglomerados de fragmentos de vidro de segurança, aglutinados, mas ainda assim picantes, passaram por ele. Alguns atingiram a parte de trás de sua cabeça, grudaram-se em seu cabelo.

Frank conseguiu fazer a curva e continuou a rodar com os quatro pneus arrebentados. O barulho de borraça batendo, já estraçalhada, e o ruído das bordas de metal das rodas raspando no solo podiam ser ouvidos até mesmo acima do rugido do vento que açoitava seu rosto.

Olhou pelo espelho retrovisor. A noite era um grande oceano negro às suas costas, amenizado apenas pelas bem espaçadas lâmpadas da rua que iam diminuindo na escuridão como as luzes de um duplo comboio de navios.

De acordo com o velocímetro, ele estava a cinquenta quilômetros por hora ao terminar a curva. Tentou aumentar para sessenta, apesar dos pneus destruídos, mas alguma coisa bateu e tilintou sob o capô, chocalhou e retiniu, o motor engasgou, e ele não conseguiu imprimir mais nenhuma velocidade ao veículo.

Quando a meio caminho do próximo cruzamento, os faróis explodiram ou soltaram-se. Frank não sabia exatamente o que acontecera. Embora os postes de iluminação ficassem bem distantes uns dos outros, ele podia ver o suficiente para continuar dirigindo.

O motor engasgou, várias vezes, e o Ford começou a perder velocidade.

Ele não obedeceu à placa de sinalização que mandava parar no próximo cruzamento. Ao contrário, pisou fundo no acelerador, mas em vão.

Finalmente, a direção falhou também. O volante girava inutilmente em suas mãos suadas.

Evidentemente, os pneus haviam sido completamente destruídos. O contato das bordas de metal das rodas com o calçamento lançava fagulhas douradas e azuis-turquesa.

Vaga-lumes em um vendaval...

Ainda não sabia o que aquilo significava.

Agora rodando a cerca de trinta quilômetros por hora, o carro diri-giu-se diretamente para o meio-fio à direita. Frank pisou no freio, mas já não funcionava.

O carro bateu no paralelepípedo, subiu na calçada, raspou num poste com um ruído de metal contra metal e chocou-se contra o tronco de uma enorme tamareira em frente a um bangalô branco. As luzes acenderam-se na casa enquanto o último estrondo ecoava pelo ar frio da noite.

Frank abriu a porta com toda a força, agairou a sacola de couro do banco traseiro e saiu, espalhando fragmentos de vidro grudados, porém estilhaçados.

Embora apenas fresco, o ar enregelou seu rosto porque o suor escorria de sua fronte. Podia sentir o gosto de sal quando passava a língua pelos lábios.

Um homem abriu a porta da frente do bangalô e saiu para a varanda. Luzes acenderam-se na casa vizinha.

Frank olhou para trás, de onde viera. Uma nuvem fina de uma luminescente poeira azul parecia esvoaçar pela rua. Como se atingidas por uma brusca elevação de corrente, as lâmpadas nos postes explodiram ao longo dos dois quarteirões às suas costas, e estilhaços de vidro, brilhantes como gelo, derramaram-se sobre o asfalto. Na escuridão resultante, achou ter visto um vulto alto, escuro, a mais de um quarteirão de distância, vindo em seu encalço, mas não tinha certeza.

À esquerda de Frank, o homem do bangalô vinha correndo pela calçada em direção à palmeira onde o Ford batera. Dizia alguma coisa,, mas Frank não o ouvia.

Agarrando a bolsa de couro, Frank virou-se e saiu correndo. Não sabia ao certo de que fugia, ou por que tinha tanto medo, ou onde poderia encontrar abrigo, mas ainda assim correu, porque sabia que se ficasse ali, mesmo que apenas por Liais alguns segundos, seria morto.

2

O COMPARTIMENTO TRASEIRO SEM JANELAS DA CAMINHONETE DODGE ESTAVA ILUMINADO POR MINÚSCULAS LUZES SINALIZADORAS VERMELHAS, AZUIS, VERDES, BRANCAS E AMARELAS, EM FILEIRAS DE EQUIPAMENTOS ELETRÔNICOS DE MONITORAÇÃO, MAS PRINCIPALMENTE PELA SUA LUMINOSIDADE VERDE DOS DOIS MONITORES DOS COMPUTADORES, QUE FAZIAM AQUELE ESPAÇO CLAUSTROFÓBICO PARECER UMA CÂMARA DE MERGULHO EM ÁGUAS PROFUNDAS.

Trajando um conjunto de veludo bege, um suéter marrom e um par de tênis Rockport, Robert Dakota estava sentado numa cadeira giratória diante dos dois terminais de vídeo. Batia os pés nas tábuas do assoalho, marcando o tempo, e com a mão direita alegremente conduzia uma orquestra invisível.

Bobby usava fones de ouvido em estéreo e com um pequeno microfone suspenso a cerca de três centímetros dos lábios. No momento, ouvia “One O’Clock Jump”, de Benny Goodman, a primeira versão do clássico suingue de Countie Basie, seis minutos e meio de encantamento. Quando Jess Stacy assumiu outro piano e quando Hany James deslanchou um esplêndido solo de trompete que levou à mais famosa sessão na história do suingue, Bobby estava imerso na música.

Mas ele estava também intensamente cômico da atividade nos terminais de vídeo. O da direita estava ligado, por microonda, com o sistema central na Decodyne Corporation, em frente da qual sua caminhonete estava estacionada. Mostrava o que Tom Rasmussen estava fazendo naqueles escritórios à 1:10 da madrugada de quinta-feira: nada de bom.

Um a um, Rasmussen acessava e copiava os arquivos da equipe de desenvolvimento de *software* que recentemente terminara o novo e revolucionário programa de processamento de texto da Decodyne, “Whizard”. Os arquivos do Whizard possuíam esquemas de proteção bem construídos — pontes levadiças, fossos e trincheiras eletrônicos. Entretanto, Tom Rasmussen era um especialista em segurança de computadores e não havia fortaleza em que ele não conseguisse penetrar, tendo o tempo necessário. Na verdade, se Whizard não tivesse sido desenvolvido num sistema de computação interno e inviolável, sem nenhuma conexão com o mundo lá fora, Rasmussen teria penetrado nos arquivos de fora dos muros da Decodyne, por meio de um *modem* e uma linha telefônica. Ironicamente, ele vinha trabalhando como guarda de segurança noturno da Decodyne havia cinco semanas, tendo sido

contratado com base em elaborados — e quase convincentes — documentos falsos. Essa noite ele havia rompido as últimas barreiras do Whizard. Dentro de pouco tempo, ele sairía da Decodyne com um pacote de disquetes que valiam uma fortuna para os concorrentes da companhia.

“One O’Clock Jump” terminou.

No microfone, Bobby disse:

— Parar música.

Aquele comando vocal indicava a seu sistema de CD computadorizado que desligasse, abrindo o fone de ouvido para comunicação com Julie, sua mulher e companheira de trabalho.

— Está me ouvindo, querido?

De seu posto de vigilância num carro no ponto extremo do estacionamento atrás da Decodyne, ela estivera ouvindo a mesma música através de seu próprio fone de ouvido. Suspirou.

— Será que Vemon Brown algum dia tocou seu trombone tão bem quanto na noite do concerto no Camegie?

— E que tal Krupa na bateria?

— Deleite auditivo. E um afrodisíaco. A música me dá vontade de ir para a cama com você.

— Não posso. Não estou com sono. Além do mais, estamos brincando de detetives particulares, lembra-se?

— Prefiro que sejamos amantes.

— Não ganhamos o pão nosso de cada dia fazendo amor.

— Eu lhe pagaria — disse ela.

— É mesmo? Quanto?

— Bem, em termos de pão de cada dia meio pão.

— Eu valho um pão inteiro.

Julie disse:

— Na verdade, você vale um pão inteiro, dois *croissants* e um bolinho de milho.

Ela possuía uma voz agradável, gutural e absolutamente sensual, que ele adorava ouvir, especialmente através dos fones de ouvido, quando ela parecia um anjo sussurrando em seus ouvidos. Teria sido uma esplêndida *crooner* se tivesse vivido nos anos trinta e quarenta—e se fosse capaz de cantar. Era uma excelente dançarina de suíngue, mas péssima cantora; quando estava disposta a acompanhar velhas gravações de Margaret Whiting, Andrew Sisters, Rosemary Clooney ou Marion Hutton, Bobby tinha que sair da sala em respeito à música.

— O que Rasmussen está fazendo?—perguntou ela.

Bobby verificou o segundo monitor de vídeo, à sua esquerda, que estava ligado às câmeras de segurança de dentro da Decodyne. Rasmussen achava que havia driblado as câmeras e que não estava sendo observado; mas vinham observando-o fazia algumas semanas, toda noite, e gravando cada ato seu em videoteipe.

— O velho Tom ainda está no escritório de George Ackroyd, no terminal de vídeo.—Ackroyd era o diretor de projeto do Whizard. Bobby olhou para o outro monitor, que reproduzia o que Rasmussen via na tela do computador de Ackroyd. — Ele acaba de copiar o último arquivo do Whizard no disquete.

Rasmussen desligou o computador do escritório de Ackroyd.

Simultaneamente, o terminal de vídeo diante de Bobby ficou vazio.

— Ele terminou. Agora já tem tudo — disse Bobby.

— Que Verme. Deve estar se achando muito esperto — disse Julie.

Bobby voltou-se para o monitor à esquerda, inclinou-se para a frente e observou a imagem em preto e branco de Rasmussen ao terminal de Ackroyd.

— Acho que ele está sorrindo.

— Nós vamos arrancar esse sorriso de sua cara.

— Vejamos o que fará em seguida. Quer apostar? Vai continuar lá, terminar seu turno e sair dançando de alegria pela manhã, ou vai embora agora mesmo?

— Agora mesmo — disse Julie. — Ou dentro de pouco tempo. Não vai se arriscar a ser pego com os disquetes. Irá embora enquanto não houver ninguém por lá.

— Sem apostas. Eu acho que você tem razão.

A imagem transmitida no monitor estremeceu, girou, mas Rasmussen não saiu da cadeira de Ackroyd. Na verdade, recostou-se, como se estivesse exausto. Bocejou e esfregou os olhos com os punhos.

— Parece estar descansando, recuperando as forças—disse Bobby.

— Vamos ouvir outra música enquanto esperamos seu próximo movimento.

— Boa ideia. — Deu ao aparelho de CD o comando vocal para que recomeçasse a tocar. — Começar música. — Sentiu-se recompensado quando ouviu “In the Mood”, com Glenn Miller.

No monitor, Tom Rasmussen levantou-se da cadeira no escritório fracamente iluminado de Ackroyd. Bocejou novamente, espreguiçou-se e atravessou a sala até as amplas janelas que davam para Michaelson Drive, a rua onde Bobby estava estacionado.

Se Bobby fosse para a frente do veículo, saindo da traseira da caminhonete e entrando no compartimento do motorista, provavelmente poderia ver Rasmussen lá, de pé, à janela do segundo andar, sua figura recortada contra a claridade da luminária da escrivaninha de Ackroyd, olhando a noite. Entretanto, permaneceu onde estava, satisfeito com a visão da tela.

A orquestra de Miller tocava o famoso refrão de “In the Mood”, repetidamente, diminuindo gradualmente, quase desaparecendo inteiramente, mas agora explodindo de volta com toda a força, para refazer todo o ciclo.

No escritório de Ackroyd, Rasmussen finalmente afastou-se da janela e ergueu os olhos para a câmera de segurança presa à parede, perto do teto. Parecia olhar diretamente para Bobby, como se soubesse que estava sendo observado. Deu alguns passos em direção à câmera, sorrindo. Bobby disse:

— Parar música.—A orquestra de Miller silenciou instantaneamente. Para Julie, ele disse:

— Há algo estranho aqui.

— Problemas?

Rasmussen parou bem debaixo da câmera de segurança, ainda sorrindo para ela. Do bolso da camisa de seu uniforme, retirou uma folha de papel dobrada, que abriu e exibiu diante das lentes. Lia-se uma mensagem em grandes letras pretas: ADEUS, IDIOTA.

— Problemas, sem dúvida — disse Bobby.

— Graves?

— Não sei.

Um instante depois, ficou sabendo: armas automáticas dispararam na noite — ele podia ouvir o estrondo mesmo com os fones de ouvido — e projéteis perfurantes atravessaram as paredes da caminhonete.

Julie evidentemente ouviu o tiroteio pelo fone de ouvido.

— Bobby, não!

— Caia fora daí, menina! Corra!

Ainda enquanto falava, Bobby livrou-se do fone de ouvido e lançou-se ao solo, estendendo-se o mais junto possível às tábuas do assoalho.

FRANK POLLARD CORRIA DE UMA RUA PARA OUTRA, DE UMA VIELA PARA OUTRA, ÀS VEZES ATRAVESSANDO OS JARDINS DE CASAS ÀS ESCURAS. EM UM DOS QUINTAIS, UM ENORME CACHORRO PRETO DE OLHOS AMARELOS LATIU E LANÇOU-SE ATRÁS DELE ATÉ A CERCA DE MADEIRA, AGARRANDO RAPIDAMENTE UMA DAS PERNAS

de sua calça quando ele pulava a cerca. Seu coração batia descompassadamente e a garganta estava seca e áspera porque ele sorvia grandes goles do ar seco e frio pela boca aberta. As pernas doíam-lhe. Como se fosse de chumbo, a sacola de viagem pesava-lhe no braço direito e, a cada passo que investia para a frente, a dor latejava em seu pulso e na junta do ombro. Mas ele não parou e nem olhou para trás, porque sentia como se algo monstruoso estivesse em seus calcanhares, uma criatura que não tinha necessidade de descansar e que o transformaria em pedra com seu olhar se ele ousasse colocar os olhos sobre ela.

Logo atravessou uma avenida, deserta àquela hora da noite, e correu pelo caminho de entrada de outro conjunto de apartamentos. Atravessou um portão, entrando em outro pátio, tendo ao centro uma piscina vazia e com as bordas tortas e rachadas.

O lugar estava às escuras, mas a visão de Frank adaptara-se à noite e ele podia ver bem o suficiente para evitar cair na piscina vazia. Procurava um abrigo. Talvez houvesse uma lavanderia comunitária onde ele pudesse forçar a fechadura e se esconder.

Descobrira algo a seu próprio respeito enquanto corria de seu perseguidor desconhecido: estava quinze ou vinte quilos acima de seu peso e fora de forma. Precisava desesperadamente recobrar a respiração — e pensar.

Enquanto passava correndo pelas portas dos apartamentos térreos, percebeu que alguns deles estavam abertos, as portas caindo das dobradiças enferrujadas. Depois viu que havia rachaduras nas janelas, algumas estavam esburacadas e em outras faltavam vidraças inteiras. A grama estava morta, também, ressequida como papel velho, e os arbustos secos; uma palmeira murcha pendia precariamente inclinada. O conjunto de apartamentos estava abandonado, à espera de uma equipe de demolição.

Chegou a um lance de desmoronados degraus de concreto na parte norte do pátio, olhou para trás. Quem quer ou o que quer que o estivesse seguindo ainda não estava à vista. Arquejando, subiu à varanda

do segundo andar e passou de um apartamento a outro até encontrar uma porta aberta; estava empenada; as dobradiças estavam enrijecidas, mas funcionaram sem muito barulho. Deslizou para dentro, fechando a porta ao entrar.

O apartamento era um fosso de sombras, negro como um poço de petróleo. Uma débil luz acinzentada recortava as janelas, mas não fornecia nenhuma claridade ao aposento.

Ouviu atentamente.

O silêncio e a escuridão eram igualmente profundos.

Cautelosamente, Frank avançou até a janela mais próxima, que dava para a varanda do segundo andar e para o pátio. Somente alguns cacos de vidro permaneciam no painel da vidraça, mas inúmeros estilhaços rangiam sob seus pés. Pisava com cuidado, tanto para evitar cortar um pé quanto para fazer o menor ruído possível.

À janela, ele parou, ouviu outra vez.

Silêncio.

Como se fosse o ectoplasma gélido de um fantasma indolente, uma preguiçosa corrente de ar frio infiltrava-se pelos poucos estilhaços pontudos de vidro que ainda não haviam caído do caixilho da janela.

O hálito de Frank transformava-se em vapor diante de seu rosto, pálidas fitas etéreas na escuridão.

O silêncio permaneceu imperturbado por dez segundos, vinte, trinta, um minuto inteiro.

Talvez ele tivesse conseguido escapar.

Estava prestes a afastar-se da janela quando ouviu passos do lado de fora. No outro extremo do pátio. No caminho que vinha da rua. Sapatos de sola dura ressoavam no calçamento, e cada passo ecoava surdamente pelas paredes de concreto dos prédios à volta.

Frank parou imóvel, respirando pela boca, como se soubesse que seu perseguidor possuía ouvidos de um felino da selva.

Quando entrou no pátio, vindo do caminho de entrada, o estranho parou. Após uma longa pausa, começou a se mover outra vez; embora os ecos sobrepostos tomassem os sons enganadores, parecia estar caminhando para o norte ao longo da borda da piscina, em direção às mesmas escadas por onde o próprio Frank subira ao segundo andar do prédio.

Cada passada metronômica, deliberada, era como o tique-taque pesado do relógio de um carrasco pendurado no suporte de uma guilhotina, marcando os segundos até chegar a hora da queda da lâmina.

COMO SE ESTIVESSE VIVA, A CAMINHONETE DODGE GANIA A CADA BALA QUE PERFURAVA SUAS PAREDES DE METAL E OS FERIMENTOS NÃO ERAM INFLIGIDÓS UM DE CADA VEZ, MAS AOS MONTES, COM TAL FUROR IMPLACÁVEL QUE O ATAQUE TINHA QUE ENVOLVER PELO MENOS DUAS METRALHADORAS. ENQUANTO BOBBY DAKOTA PERMANECIA RENTE AO CHÃO, TENTANDO ATRAIR A ATENÇÃO DE DEUS COM FERVOROSAS PRECES DIRIGIDAS AOS CÉUS, FRAGMENTOS DE METAL CHOVIAM SOBRE ELE. UMA DAS TELAS DE COMPUTADOR IMPLODIU, DEPOIS O OUTRO TERMINAL TAMBÉM E TODAS AS LUZES SINALIZADORAS APAGARAM-SE, MAS O INTERIOR DA CAMINHONETE NÃO FICOU INTEIRAMENTE ÀS ESCURAS; CASCATAS DE FAGULHAS PRATEADAS, VERMELHAS, VERDES E AMARELAS LANÇAVAM-SE DOS APARELHOS ELETRÔNICOS DANIFICADOS À MEDIDA QUE CADA PROJÉTIL REVESTIDO DE AÇO, UM APÓS O OUTRO, PERFURAVA AS CAIXAS DOS EQUIPAMENTOS E DESTRUÍA AS PLACAS DE CIRCUITOS. CACOS DE VIDRO CAÍAM SOBRE ELE TAMBÉM, BEM COMO ESTILHAÇOS DE PLÁSTICO, LASCAS DE MADEIRA, PEDAÇOS DE PAPEL; O AR ESTAVA VIRTUALMENTE TOMADO POR UMA TEMPESTADE DE DETRITOS. MAS O PIOR ERA O BARULHO; EM SUA MENTE, ELE SE VIA TRANCADO DENTRO DE UM ENORME TAMBOR DE METAL, ENQUANTO MEIA DÚZIA DE MOTOQUEIROS, DROGADOS EM PCP, BATIAM DO LADO DE FORA DE SUA PRISÃO COM BARRAS DE FERRO, REALMENTE ENORMES MOTOQUEIROS COBERTOS DE MÚSCULOS POSSANTES E PESCOÇOS LARGOS, BARBAS DESGRENHADAS E COLORIDAS TATUAGENS DE CAVEIRAS E DIABOS NOS BRAÇOS, TATUAGENS NOS *rostos*—sujeitos do tamanho de Thor, o deus viking, mas com olhos flamejantes, psicóticos.

Bobby tinha uma imaginação vívida. Sempre achara que essa era uma de suas melhores qualidades, uma de suas forças. Mas não podia simplesmente imaginar uma maneira de sair daquela situação.

A cada segundo que transcorria, enquanto as balas continuavam a penetrar na caminhonete, ele ficava mais estarrecido por não ter sido atingido. Estava colado ao chão, tão rente quanto um tapete, e tentava imaginar que seu corpo tinha a espessura de apenas meio centímetro, um alvo de perfil extremamente baixo, mas ainda assim esperava ser atingido no traseiro.

Não imaginara que teria necessidade de uma arma; não se tratava desse tipo de caso. Pelo menos, não *parecia* ser esse tipo de caso. Havia um revólver .38 no porta-luvas do veículo, bem fora de seu alcance, o que

não lhe causava muita frustração, na verdade, porque um simples revólver não era de muita utilidade contra um par de armas automáticas.

O tiroteio cessou.

Após aquela cacofonia de destruição, o silêncio era tão profundo que Bobby achou que tivesse ficado surdo.

O ar tresandava a metal quente, componentes eletrônicos superaquecidos, isolante queimado — e gasolina. Evidentemente, o tanque da caminhonete fora perfurado. O motor ainda roncava e algumas fagulhas lançavam-se dos equipamentos destróçados à volta de Bobby. Suas chances de escapar a um incêndio eram bem piores do que as de ganhar cinquenta milhões de dólares na loteria estadual.

Tinha vontade de sair correndo dali, mas, se irrompesse da caminhonete, poderiam estar à sua espera com metralhadoras para abatê-lo. Por outro lado, se continuasse colado ao assoalho na escuridão, contando que o julgassem morto sem verificar, o Dodge podia queimar como uma fogueira atiçada por um fluido inflamável, tostando-o como a um *marshmallôw*.

Não tinha dificuldade em imaginar-se saindo da caminhonete e sendo imediatamente atingido por uma dúzia de balas, sacudindo-se e contorcendo-se numa dança espasmódica mortal pelo asfalto da rua, como uma marionete quebrada jogada de um lado para o outro em cordas embaralhadas. Mas achou ainda mais fácil imaginar sua pele descascando-se no incêndio, a carne borbulhando e fumegando, o cabelo *encrespando-se* como uma tocha, os olhos derretendo-se, os dentes tomando-se negros como carvão à medida que as Chamas consumiam sua língua e seguiam sua respiração pela garganta em direção aos pulmões.

Às vezes, uma imaginação vivida era uma maldição.

De repente, os vapores de gasolina tomaram-se tão fortes que ele teve dificuldade em respirar e, assim, começou a erguer-se.

Lá fora, a buzina de um carro começou a berrar. Ouviu o ruído de um motor aproximando-se rapidamente.

Alguém gritou e uma metralhadora abriu fogo outra vez.

Bobby atirou-se ao chão, perguntando-se o que estaria acontecendo: Julie. Era Julie que estava acontecendo. Às vezes, ela era como uma força da natureza: acontecia como acontece uma tempestade, como acontece o relâmpago, bruscamente cortando o céu escuro. Ele lhe dissera para cair

fora dali, para salvar-se, mas ela não o ouvira; tinha vontade de dar-lhe um chute no traseiro por ser tão teimosa, mas amava-a por isso também.

AFASTANDO-SE COM CAUTELA DA JANELA QUEBRADA, FRANK TENTOU FAZER SEUS PASSOS COINCIDIREM COM OS DO HOMEM LÁ EMBAIXO NO PÁTIO, NA ESPERANÇA DE QUE QUALQUER BARULHO QUE FIZESSE, AOPISSAR NOS CACOS DE VIDRO, FOSSE ENCOBERTO PELO AVANÇO DO INIMIGO OCULTO. IMAGINAVA QUE ESTIVESSE NA SALA DO APARTAMENTO, QUE ESTAVA BASTANTE VAZIA, A NÃO SER PELOS DETRITOS DEIXADOS PARA TRÁS PELOS ÚLTIMOS INQUILINOS OU QUE HAVIAM ENTRADO PELAS JANELAS QUEBRADAS, E, NA VERDADE, ELE ATRAVESSOU AQUELE APOSENTO E ENTROU NO CORREDOR EM RELATIVO SILÊNCIO, SEM COLIDIR COM NADA.

Apressadamente, bateu seu caminho ao longo do corredor, que estava tão escuro quanto a toca de um predador. Cheirava a mofo, umidade e urina. Passou pela porta de um quarto, continuou em frente, entrou à direita na próxima porta e dirigiu-se desajeitadamente até outra janela quebrada. Esta não tinha nenhum estilhaço de vidro no caixilho e não dava para o pátio, mas para uma rua deserta e iluminada.

Algo farfalhou às suas costas.

Ele voltou-se, piscando cegamente na escuridão, e quase gritou.

Mas o barulho devia ter sido feito por um rato correndo pelo assoalho, junto à parede, em meio a folhas secas ou pedaços de papel. Apenas um rato.

Frank procurou ouvir os passos, mas, se seu perseguidor ainda estava se aproximando dele, os estalidos surdos dos seus sapatos eram completamente abafados pelas paredes que agora havia entre eles. Olhou pela janela outra vez, O gramado seco estendia-se lá embaixo, tão ressecado quanto areia e duplamente mais escuro, oferecendo pouco amortecimento. Jogou a sacola de viagem que caiu lá embaixo com um baque surdo. Pestanejando diante da perspectiva do salto, subiu no peitoril da janela, agachando-se na janela quebrada, as mãos agarradas ao batente, hesitando por um instante.

Uma rajada de vento agitou seus cabelos e acariciou friamente seu rosto. Mas era uma corrente de ar normal, nada semelhante às baforadas sobrenaturais que, antes, eram acompanhadas pela música espectral e nada melódica de uma flauta distante;

De repente, atrás de Frank, um clarão azul irrompeu da sala, entrou no corredor e transpôs a porta. A estranha onda de luz foi seguida de perto por uma explosão e uma onda de choque que sacudiu as paredes e pareceu agitar o ar, transformando-o numa substância mais sólida. A porta

da frente fora destruída; ouviu os pedaços caindo no assoalho do apartamento a dois aposentos dali.

Saltou da janela, aterrissou sobre os pés. Mas seus joelhos cederam e ele caiu estendido no gramado seco.

No mesmo instante, um caminhão grande dobrou a esquina. O compartimento de carga tinha laterais de ripas de madeira e uma comporta de descarga também de madeira. O motorista mudou de marcha tranquilamente e passou pelo prédio de apartamentos, aparentemente sem notar a presença de Frank.

Ele pôs-se de pé desajeitadamente, pegou a sacola da grama estéril e correu para a rua. Tendo acabado de dobrar a esquina, o caminhão movia-se devagar e Frank pôde agarrar-se à comporta de descarga e içar-se, com uma das mãos, até ficar de pé sobre o pára-choques traseiro.

Conforme o caminhão acelerava, Frank olhou para trás, em direção à construção em ruínas. Nenhuma misteriosa luz azul brilhava em nenhuma das janelas; estavam todas tão escuras e vazias quanto as órbitas de uma caveira.

O caminhão virou à direita na esquina seguinte, afastando-se na noite silenciosa.

Exausto, Frank agarrava-se à comporta. Poderia segurar-se melhor se tivesse se livrado da sacola de couro, mas se agarrava a ela porque suspeitava que seu conteúdo poderia ajudá-lo a descobrir quem era, de onde vinha e do que fugia.

CAIA FORA DAÍ! BOBBY REALMENTE ACHOU QUE ELA IRIA BATER EM RETIRADA QUANDO A CONFUSÃO COMEÇOU — "***Caia fora daí, menina! Corra!***" —, iria cair fora simplesmente porque ele lhe dissera que o fizesse, como se fosse uma esposa dócil e obediente, não uma pardêta habilitada na agência, não uma excelente jhvèsfigaáora por seqs próprios méritos, apenas um elemento de apoio que não podií â|uèh& o calor quando o forno esquentava demais. Bem, àò diabòcom tuçoissò.*"

Mentalmente, ela podia ver seu rosto adorável—alegres olhos azuis, nariz arrebitado, vestígios de Sardas, lima boca generosa —, emoldurado por fartps cabelos dourados e cor de mel desgrenhados (comò em geral estavam) como os de um menino que titóse acabado de tirar uma sórieca. Tinha vòntàde de torcer seu nariz arrebitado até fazer seus olhos lacrimejarem, para que não tivesse dúvidas de como aquela sugestão para que caísse fora a aborrecia.

Estivera fazendo a vigilância atrás da Decodyne, no extremo mais distante do estacionamento, nas profundas sombras embaixo de um portentoso loureiro indiano. No instante em que Bobby alertou para o problema, ela deu partida rio motor do Toyota. Quando ouviu os tiros pelos fones de ouvido, já mudará a marcha, abaixara o freio, acendera os faróis e pisara fundo no acelerador.

No Começo, manteve o fone de ouvido ligado, chamando o nome de Bobby, tentando obter uma resposta dele, ouvindo apenas um terrível tumulto do outro lado da linha. Em seguida, o fone de ouvido emudeceu; não podia ouvir mais nada, então retirou-o, atirando-o no banco de trás.

Caia fora! Droga!

Quando alcançou a última fileira do estacionamento, soltou um pouco o pé do acelerador, simultaneamente pisando de leve no freio, manobrando o pequeno carro por uma rampa, levando-o à rua de acesso que rodeava o enorme edifício. Girou o volante, em seguida deu ao veículo uma nova injeção de gasolina, antes mesmo que a parte traseira parasse de derrapar e sacolejar. Os pneus rangeram e o motor guinchou e, com um matraquear de metal ferido, o carro saltou para a frente.

Estavam atirando em Bobby e Bobby provavelmente nem podia revidar, porque não se preocupava em Carregar uma arma em todo

serviço; só ia armado quando lhe parecia que o presente serviço poderia envolver violência. O caso Decodyne parecera-lhe bastante pacífico; às vezes, espionagem industrial podia tòiHár-^é pèngosa, mas o vilão nesta história era Tom Rasmussen, um rato de computador e um mesquinho filho-da-mãe, inteligente como um cachorro lendo Shakespeare numa corda bamba, com uma ficha de roubos via computador, mas sem sangue nas mãos. Era o equivalente *high-tech* de um humilde funcionário de banco que desvia dinheiro — du assim parecera.

Mas Julie andava armada em *qualquer* serviço. Bobby era o otimista; ela, a pessimista. Bobby esperava que as pessoas agissem em favor de seus melhores interesses e fossem razoáveis, mas Julie de certa forma esperava que cada pessoa aparentemente normal fosse, secretamente, um psicótico ensandecido. Uma Magnum .357 Smith & Wesson estava presa por trás da tampa do porta-luvas e uma Uzi — com dois pentes sobressa-lentes de trinta balas cada um — jazia no outro banco dianteiro. Pelo que ouvira através dos fones de ouvido antes de emudecerem, ela ia precisar daquela Uzi.

O Toyota virtualmente *voou* pela lateral da Decodyne e ela dobrou à esquerda a toda velocidade, entrando na Michaelson Drive, quase erguendo-se sobre duas rodas, quase desgovernando, mas apenas quase. À frente, o Dodge de Bobby estava estacionado junto ao meio-fio defronte do prédio e outra caminhonete—um Ford azul-marinho—estava parada na rua, as portas abertas de par em par.

Dois homens, que evidentemente saíram do Ford, estavam parados a quatro ou cinco metros do Dodge, retalhando-a com armas automáticas, atirando com tal fúria que não pareciam estar atrás do homem que havia lá dentro, mas ter algum rancor pessoal contra o próprio Dodge. Pararam de atirar, voltaram-se para ela quando saiu do caminho lateral e entrou na Michaelson, apressadamente recarregando suas armas.

O ideal seria ela cobrir a distância de cem metros entre ela e os homens, pararia o Toyota de lado na rua, desceria e usaria o caio como cobertura para estourar os pneus do Ford e imobilizá-los até a polícia chegar. Mas não dispunha de tempo para tudo isso. Eles já erguiam os canos de suas armas.

Ficou desolada de ver o quanto as ruas eram desertas àquela hora da noite no coração metropolitano de Orange County, sem nenhum tráfego, banhada pela luz amarela cor de urina das lâmpadas de vapor de sódio. Estavam numa área de bancos e escritórios, nenhuma residência, nenhum restaurante ou bar no espaço de alguns quarteirões. Podia muito bem passar por uma cidade da lua ou uma visão do mundo depois de ter

sido varrido pela doença apocalíptica que deixara apenas alguns sobreviventes.

Não tinha tempo para lidar com os dois atiradores segundo as regras e não podia contar com ajuda de nenhum lado, portanto teria de fazer o que eles menos esperavam: bancar o camicase, usar o carro como arma.

No instante em que passou a ter o Toyota inteiramente sob controle, pisou fundo no acelerador e partiu direto para cima dos dois miseráveis. Eles abriram fogo, mas ela já estava deslizando no banco e inclinando-se ligeiramente para o lado, tentando manter a cabeça abaixo do painel e ainda assim manter o volante relativamente seguro. Balas atingiam e ricocheteavam do carro, o pára-brisa explodiu. Um segundo depois, Julie atingiu um dos homens com tanta força que o impacto jogou sua cabeça para a frente, contra o volante, cortando sua testa, fazendo seus dentes chocarem-se com tanta força que seu maxilar doeu; enquanto a dor irradiava pelo rosto, ouviu o corpo saltar do pára-choque dianteiro e aterrisar sobre o capô.

Com o sangue escorrendo da testa e pingando da sobrancelha direita, Julie pisou no freio e endireitou-se no banco ao mesmo tempo. Defrontou-se com o corpo de um homem de olhos arregalados, preso na moldura vazia do pára-brisa. Seu rosto estava diante do volante — os dentes quebrados, os lábios dilacerados, o queixo cortado, as faces afundadas, sem o olho esquerdo — e uma de suas pernas quebradas estava dentro do carro, pendurada por cima do painel.

Julie encontrou o pedal do freio e bombeou-o. Com a súbita redução da velocidade, o homem morto foi deslocado. Seu corpo desengonçado rolou pelo capô e quando o carro parou com um estremecimento ele desapareceu.

O coração descompassado, piscando para impedir que o sangue que fazia seus olhos arderem turvasse a visão de seu olho direito, Julie agarrou a Uzi do banco a seu lado, abriu a porta com um safanão e rolou para fora do carro, movendo-se com rapidez, junto ao chão.

O outro atirador já estava na caminhonete Ford azul. Acelerou sem lembrar-se de sair do ponto morto, de modo que os pneus rangeram e fumegaram.

Julie atirou com a Uzi, arrebatando os dois pneus da caminhonete que estavam voltados em sua direção.

Mas o homem não parou. Engatou a marcha finalmente e tentou passar por ela com os dois pneus arruinados.

O sujeito podia ter matado Bobby; agora estava conseguindo escapar.

Provavelmente jamais seria encontrado se Julie não o impedisse. Relutantemente, ela érgueu a Uzi e esvaziou o pente na janela lateral da caminhonete. O Ford acelerou, depois repentinamente reduziu a velocidade e virou para a direita, cada vez mais devagar, num longo arco que o levou para o outro meio-fio, onde parou com um solavanco.

Ninguém saiu lá de dentro.

Mantendo os olhos no Ford, Julie inclinou-se dentro de seu carro, pegou um pente sobressalente de cima do banco e recarregou a Uzi. Aproximou-se cautelosamente da caminhonete e abriu a porta, mas não era necessário cautela porque o homem atrás do volante estava morto. Sentindo-se um pouco nauseada, ela estendeu o braço e desligou o motor.

Por um instante, enquanto se voltava do Ford e corria em direção ao Dodge crivado de balas, os únicos sons que pôde ouvir foram o murmúrio de uma lèvè brisa no luxuriante jardim da companhia que ladeava a rua, entrecortado pelo sussurro e farfalhar suaves das folhas das palmeiras. Em seguida, ouviu também o motor ligado do Dodge, simultaneamente sentiu o cheiro de gasolina e gritou:

— Bobby!

Antes que chegasse à caminhonete branca, as portas traseiras abriram-se e Bobby saiu, soltando farpas de metal, pedaços de plástico, cacos de vidro, lascas de madeira e pedacinhos de papel. Arquejava, sem dúvida porque os vapores da gasolina haviam expulsado a maior parte do ar respirável do compartimento traseiro do Dodge.

Juntos, afastaram-se rapidamente da caminhonete. Haviam se distanciado apenas alguns passos quando viu-se um clarão laranja e as chamas ergueram-se num *sopro* da gasolina empoçada no asfalto, envolvendo o veículo num manto luminoso. Correram para longe do campo de intenso calor que se formou ao redor do Dodge e ficaram parados por um instante, fitando os destroços e em seguida um ao outro.

As sirenes aproximavam-se.

Ele disse:

- Você está sangrando.
- Só esfolei um pouco a testa.
- Tem certeza?
- Não é nada. E você?

Ele respirou fundo:

- Eu estou bem.
- Verdade?
- Sim.

- Não foi atingido? ^
- Nem um arranhão. É um milagre.
- Bobby?
- O quê?
- Eu não suportaria se você estivesse morto lá dentro.
- Não estou morto. Estou muito bem.
- Graças a Deus — disse ela.

Então, ela deu um soco no lado direito de seu queixo.

- Ei, o que é isso?

Ela atingiu o lado esquerdo.

- Julie, droga!
- Nunca mais me diga para cair fora.
- O quê ?
- Eu sou a outra metade desta parceria sob todos os aspectos.
- Mas...
- Sou tão inteligente quanto você, tão rápida quanto você.

Ele olhou para o homem morto na rua, para o outro na caminhonete Ford, parcialmente visível pela porta aberta, e disse:

- Sem sombra de dúvida, menina.
- 'Rio corajosa quanto você...
- Eu sei, eu sei. Não me bata de novo.

Ela perguntou:

- E Rasmussen?

Bobby ergueu os olhos para o prédio da Decodyne.

- Acha que ele ainda está lá?

— As únicas saídas do estacionamento dão para a Michaelson e ele não saiu por lá; portanto, a menos que tenha fugido a pé, ainda está lá dentro. Temos que pegá-lo antes que ele fuja da toca com aqueles disquetes.

— Não há nada de valor naqueles disquetes de qualquer forma disse Bobby.

A Decodyne ficou de olho em Rasmussen desde o dia em que ele se candidatou ao emprego, porque Dakota & Dakota Investigations — que foi contratada para a segurança da companhia—descobriu os documentos falsos, altamente sofisticados, do pirata. A administração da Decodyne quis fazer o jogo de Rasmussen o tempo suficiente para descobrir a quem ele passaria os arquivos do Whizard quando os obtivesse; pretendiam processar o sujeito que contratara Rasmussen, pois sem dúvida o empregador do pirata era um dos principais competidores da Decodyne.

Permitiram que Tom Rasmussen acreditasse que havia burlado as câmeras de segurança, quando na verdade estivera sob permanente vigilância. Também lhe permitiram decifrar os códigos do arquivo e acessar as informações que desejava, mas sem que ele soubesse haviam inserido instruções secretas nos arquivos, que asseguravam que qualquer disquete que ele obtivesse estaria repleto de dados sem valor para quem quer que fosse.

As labaredas estalavam e rugiam, consumindo a caminhonete. Julie observava os monstros imaginários formados pelos reflexos das chamas deslizarem e galgarem as paredes de vidro e as janelas vazias e escuras da Decodyne, como se tentassem átcânçar o teto e aglutinarem-se lá na forma de carrancas.

Erguendo um pouco a voz para competir com o fogo e com o uivo das sirenes que se aproximavam, ela disse:

— Bem, achávamos que ele acreditava ter driblado os registros de videoteipe das câmeras de segurança, mas aparentemente ele sabia que o estávamos vigiando.

— Sem dúvida.

— Então, ele também deve ter sido esperto o suficiente para procurar instruções contra cópia nos arquivos e encontrar um meio de burlá-las.

Bobby franziu a testa:

— Tem razão.

— Então, ele provavelmente tem o Whizard, perfeito, naqueles disquetes.

— Droga, não quero entrar lá. Já fui atacado o suficiente por hoje.

Um carro de polícia virou a esquina a dois quarteirões de distância e aproximou-se deles a toda velocidade, a sirene berrando, as luzes de emergência lançando ondas alternadas de luz vermelha e azul.

— Lá vêm os profissionais — disse Julie. — Por que não os deixamos assumir agora?

— Fomos contratados para fazer o serviço. Temos uma obrigação a cumprir. A honra da investigação particular é uma coisa sagrada, você sabe. O que Sam Spade iria pensar de nós?

Ela disse:

— Sam Spade que se dane.

— O que Philip Marlowe pensaria?

— Philip Marlowe que se dane.

— O que o nosso cliente vai pensar?

— Nosso *cliente* que se dane.

- Querida, “se danar” não é a expressão mais popular.
- Eu sei, mas sou uma dama.
- Sem dúvida que é.

Quando o carro branco e preto freou diante deles, outro carro de polícia dobrou a esquina, a sirene berrando, e um terceiro entrou em Michaelson Drive vindo da direção oposta.

Julie colocou sua Uzi no chão e ergueu as mãos para evitar mal-entendidos.

- Estou *realmente* feliz por você estar vivo, Bobby.
- Vai me bater de novo?
- Por enquanto, não.

7

FRANK POLLARD MANTEVE-SE AGARRADO À COMPORTA DE DESCARGA DO CAMINHÃO E PERCORREU UNS NOVE OU DEZ QUARTEIRÕES, SEM DESPERTAR A ATENÇÃO DO MOTORISTA. AO LONGO DO CAMINHO, VIU UMA PLACA DANDO-LHE AS BOAS-VINDAS À CIDADE DE ANAHEIM, DE MODO QUE DEDUZIU QUE ESTIVESSE NA CALIFÓRNIA DO SUL, EMBORA AINDA NÃO SOUBESSE SE ERA ALI QUE MORAVA OU SE ERA DE OUTRA CIDADE. A JULGAR PELO AR FRIO, ERA INVERNO — NÃO REALMENTE GELADO, MAS TÃO FRIO QUANTO POSSÍVEL NAQUELE CLIMA. FICOU DESALENTADO AO VER QUE NÃO SABIA A DATA NEM MESMO O MÊS EM QUE ESTAVA. TREMENDO DE

frio, saltou do caminhão quando este reduziu a marcha e entrou numa viela que atravessava uma região de armazéns. Construções enormes, de metal corrugado algumas recém-pintadas e outras corroídas de ferrugem, algumas fracamente iluminadas por luzes de segurança e outras não —, erguiam-se contra o céu estrelado.

Carregando a sacola de viagem, afastou-se dos armazéns. As ruas naquela zona eram ladeadas por casebres pobres. Os arbustos e árvores cresciam desordenadamente em muitos lugares: palmeiras não podadas carregadas de folhas mortas; touceiras de hibiscos com flores semi-abertas reluzindo foscamente na escuridão; cercas vivas, cheias de mato e espinhos, tão velhas que eram mais galhos do que folhas; buganvílias derramadas sobre telhados e cercas, fervilhando com milhares de galhos rebeldes e exploradores. Seus sapatos de sola de borracha não faziam nenhum barulho na calçada e sua sombra altamadamente estendia-se à sua frente e em seguida atrás, conforme ele se aproximava e depois passava por um poste de luz.

Carros, a maioria modelos antigos, alguns enferrujados e amassados, estavam estacionados ao longo do meio-fio e nas entradas das casas; alguns deviam estar com as chaves na ignição, e ele podia dar partida em qualquer

um que quisesse. Entretanto, notou que as paredes cinzentas entre as propriedades — bem como as paredes de uma casa abandonada e em ruínas—brilhavam com as pichações em tinta **spray**, semifosfores-centes e fantasmagóricas feitas pelas gangues latinas, e ele não queria fazer estardalhaço com algo que podia pertencer a um de seus membros. Aqueles sujeitos não se dariam ao trabalho de correr para um telefone e chamar a polícia se o pegassem roubando um de seus carros; eles simplesmente estourariam seus miolos ou cortariam seu pescoço com uma navalha. Frank já tinha problemas suficientes, mesmo com sua cabeça e seu pescoço intactos, de modo que continuou caminhando.

Doze quarteirões depois, numa zona de casas bem conservadas e carros melhores, ele começou a procurar um veículo que pudesse ser facilmente arrombado. O décimo veículo que tentou era um Chevy verde de um ano, estacionado junto a um poste de luz, as portas destrancadas, as chaves enfiadas sob o assento do motorista.

Resolvido a colocar uma grande distância entre ele e o prédio de apartamentos deserto onde encontrara seu perseguidor desconhecido pela última vez, Frank ligou o aquecedor do Chevy, dirigiu de Anaheim para

Santa Ana, depois para o sul, pela Bristol Avenue, em direção a Costa Mesa, surpreso com sua familiaridade com as ruas. Parecia conhecer bem a área. Reconhecia prédios, **shopping centers**, parques e bairros por onde passava, embora a visão deles nada fizesse para reacender sua memória apagada. Ainda não conseguia saber quem era, onde morava, como ganhava a vida, de que fugia ou como fora acordar numa viela no meio da noite.

Mesmo àquela hora—o relógio do carro indicava que eram 2:48 — imaginava que suas chances de encontrar um guarda de trânsito eram maiores numa auto-estrada, de modo que continuou nas ruas secundárias através de Costa Mesa e nos perímetros leste e sul de Newport Beach. Em Corona Del Mar; pegou a Pacific Coast Highway e seguiu-a até Laguna Beach, deparando-se com uma névoa fina que gradualmente se espessava, à medida que ele continuava na direção sul.

Laguna, um balneário pitoresco e uma colônia de artistas, incrustava-se numa série de colinas e contrafortes íngremes, que desciam em direção ao mar, a maior parte envolta agora numa densa neblina. Somente um ou outro carro passava por ele e o nevoeiro que vinha do Pacífico tomou-se suficientemente denso para forçá-lo a reduzir a velocidade a trinta quilômetros por hora.

Bocejando e com os olhos ardendo, ele virou numa lateral a leste da

auto-estrada è estacionou junto à calçada, defronte de uma casa escura, de dois andares, de frontão, no estilo Cape Cod, que parecia deslocada naquelas ladeiras do oeste. Queria alugar um quarto de motel, mas antes de tentar se hospedar em qualquer lugar precisava saber se estava com algum dinheiro ou cartões de crédito. Pela primeira vez naquela noite, também, tinha a oportunidade de procurar um documento de identificação. Revirou os bolsos do *jeans*, mas em vão.

Acendeu a luz do interior do carro, colocou a bolsa de couro sobre o colo e abriu-a. A sacola estava cheia de maços bem amarrados de notas de vinte e de cem dólares.

A fina camada de névoa cinzenta pouco a pouco transformava-se num manto espesso. A uns dois quilômetros mais perto do oceano, a noite provavelmente estava tomada por uma cerração tão densa que quase formava grumos.

Sem casaco, protegido da noite apenas por um suéter, mas aquecido pelo fato de ter escapado da morte por um fio, Bobby apoiou-se contra um dos carros de patrulha em frente ao prédio da Decodyne e observou Julie, enquanto ela andava de um lado para o outro com as mãos nos bolsos de seu casaco de couro marrom. Ele nunca se cansava de observá-la. Estavam casados fazia sete anos e, durante este tempo, haviam vivido, trabalhado e se divertido juntos virtualmente 24 horas por dia, sete dias por semana. Bobby nunca fora do tipo que gostasse de ficar com um bando de colegas em um bar ou num jogo de futebol — em parte, porque era difícil encontrar outros sujeitos de trinta e poucos anos que estivessem interessados nas coisas que ele gostava: música de orquestra, a arte e a cultura popular dos anos 30 e 40, as clássicas histórias em quadrinhos de Disney. Julie não era do tipo que vai almoçar com as amigas, tampouco, porque não havia muitas mulheres de trinta anos que gostavam da época das grandes orquestras, desenhos da Warner Brothers, artes marciais ou treinamento com armas sofisticadas. Apesar de passarem tanto tempo juntos, continuavam interessantes um para o outro, e ela ainda era a mulher mais atraente e mais desejável que ele já conhecera.

— Por que estão demorando tanto? — perguntou ela, erguendo os olhos para as janelas, agora iluminadas, da Decodyne, retângulos claros, mas indistintos no nevoeiro.

— Seja paciente com eles, querida — disse Bobby. — Não têm o dinamismo de Dakota & Dakota. São apenas um humilde grupo da SWAT.

Michaelson Drive estava bloqueada. Oito veículos da polícia — carros e caminhonetes — espalhavam-se pela rua. A noite fria estalava com as vozes metálicas e os ruídos de estática que se desprendiam dos rádios da faixa da polícia. Um policial estava atrás do volante de um dos carros, outros homens não uniformizados postavam-se em cada extremo do quarteirão e mais dois podiam ser vistos na porta de entrada da

Decodyne: o resto estava lá dentro, procurando Rasmussen. Enquanto isso, homens do laboratório da polícia e do consultório do médico-

legista fotografavam, mediam e removiam os dois corpos.

— E se ele conseguir fugir com os disquetes? — perguntou Julie.

— Não vai fugir.

Ela aquiesceu.

— Claro, sei o que você está pensando: Whizard foi desenvolvido num sistema fechado de computador, sem nenhuma ligação com o mundo externo. Mas há um outro sistema na companhia, com **modems** e tudo o mais, não há? E se ele levar os disquetes para um **desses** terminais e enviá-los por telefone?

— Não pode. O segundo sistema, o sistema ligado ao exterior, é totalmente diferente daquele em que Whizard foi desenvolvido. Incompatível. »

— Rasmussen é inteligente.

— Ainda há um impedimento noturno que mantém o sistema ligado ao exterior fora do ar.

— Rasmussen é inteligente — repetiu ela.

Continuou a caminhar de um lado para o outro diante dele.

O machucado em sua testa, no lugar onde ela batera com a cabeça no volante quando pisou nos freios, já não sangrava, embora estivesse vermelho e intumescido. Ela limpou o rosto com lenços de papel, mas manchas de sangue seco, que pareciam manchas roxas, haviam permanecido sob o olho direito e ao longo do maxilar. Cada vez que Bobby focalizava naquelas manchas ou no ferimento superficial, uma pontada de ansiedade percorria-o ao imaginar o que poderia ter acontecido a ela, a ambos.

Como não era de surpreender, o ferimento e o sangue em seu rosto somente acentuavam sua beleza, fazendo-a parecer mais frágil e portanto mais preciosa. Julie **era** bonita, embora Bobby concordasse que ela assim parecia mais a seus olhos do que aos olhos de outras pessoas, o que estava certo, porque afinal seus olhos eram os únicos pelos quais ele podia olhá-la. Embora estivessem enrolando-se um pouco agora no ar úmido da noite, seus cabelos castanho-claros eram sempre fartos e lustrosos. Tinha olhos bem separados, tão escuros quanto chocolate meio amargo, a pele tão macia e naturalmente bronzeada quanto sorvete de caramelo e uma boca generosa que sempre tinha um sabor doce para ele. Toda vez que a

observava sem que ela estivesse ihteírafhente consciente da intensidade de sua atenção, ou quando estava longe dela e tentava formar uma imagem sua na mente, sempre pensava nela em termos de comida:

castanhas, chocolate, caramelo, creme, açúcar, manteiga. Achava isso divertido, mas também compreendia a profundidade de sua escolha de similares: ela o fazia lembrar de comida porque, *mais* do que a comida, era ela que o sustentava.

Um movimento na entrada da Decodyne, a cerca de vinte metros de distância, no extremo do caminho de entrada ladeado de palmeiras, atraiu a atenção de Julie e depois a de Bobby. Alguém da equipe da SWAT viera até a porta para relatar o que estava acontecendo aos guardas de sentinela ali. Um instante depois, um policial fez um sinal para que Julie e Bobby se aproximassem.

Quando se reuniram a ele, ele disse:

— Encontraram o tal Rasmussen. Querem vê-lo, verificarem os disquetes?

— Sim — disse Bobby.

— Certamente—disse Julie, e sua voz rouca não soou sensual agora, apenas dura.

MANTENDO-SE ALERTA PARA ALGUM POLICIAL DE LAGUNA BEACH QUE PUDESSE ESTAR NA PATRULHA DO TUMU DA NOITE, FRANK POLLARD RETIROU OS MAÇOS DE NOTAS DA SACOLA DE VIAGEM E EMPILHOU-OS NO BANCO AO SEU LADO. CONTOU QUINZE MAÇOS DE NOTAS DE VINTE DÓLARES E ONZE DE NOTAS DE CEM. ESTIMAVA QUE CADA MAÇO, PELA ESPESSURA, TIVESSE APROXIMADAMENTE CEM NOTAS E, QUANDO FEZ AS CONTAS DE CABEÇA, CHEGOU A 140 MIL DÓLARES. NÃO FAZIA A MENOR IDEIA DE ONDE TERIA VINDO O DINHEIRO NEM SE LHE PERTENCIA.

O primeiro dos dois pequenos compartimentos laterais, dentro da bolsa, fechados com zíper, reservavam mais uma surpresa—uma carteira que não continha nenhum dinheiro ou cartões de crédito, mas dois importantes documentos de identidade: uma carteirinha da previdência

social e uma licença de motorista da Califórnia. Junto com a carteira, havia um passaporte dos Estados Unidos. As fotografias no passaporte e na carteira de motorista eram do mesmo homem: cerca de trinta anos, cabelos castanhos, rosto redondo, orelhas proeminentes, olhos castanhos, um sorriso fácil e covinhas. Percebendo que também se esquecera de sua aparência, virou o espelho retrovisor e pôde ver o suficiente de seu rosto para compará-lo com o dos documentos. O problema era que a licença e o passaporte traziam o nome de James Roman, não Frank Pollard.

Abriu o zíper do segundo compartimento e encontrou outra carteira da previdência social, passaporte e licença de motorista da Califórnia. Estes estavam todos em nome de George Ferris, mas as fotos eram de Frank.

James Roman nada significava para ele.

George Ferris era igualmente sem sentido.

E Frank Pollard, quem ele achava que era, não passava de uma cifra enigmática, um homem sem nenhum passado de que pudesse se lembrar.

— Em que diabos estou metido ? — disse em voz alta.

Precisava ouvir a própria voz para se convencer que ele era, de fato, não apenas um fantasma relutante em deixar este mundo para outro ao qual a morte lhe dera direito.

Conforme o nevoeiro cerrava-se em torno do carro, obliterando a maior parte da noite à sua volta, uma terrível solidão abateu-se sobre ele. Não se lembrava de ninguém a quem pudesse recorrer, nenhum lugar onde pudesse se refugiar e sentir-se em segurança. Um homem sem passado era também um homem sem futuro.

QUANDO BOBBY E JULIE SAÍRAM DO ELEVADOR E PISARAM NO TERCEIRO ANDAR, NA COMPANHIA DE UM POLICIAL DE NOME McGRATH, JULIE VIU TOM RASMUSSEN SENTADO NO RELUZENTE ASSOALHO DE VINIL CINZA, AS COSTAS APOIADAS NA PAREDE DO CORREDOR, AS MÃOS ALGEMADAS DIANTE DELE E PRESAS POR UMA EXTENSÃO DE CORRENTE A ALGEMAS QUE CINGIAM SEUS TORNOZELOS. FAZIA

beicinho. Ele tentara roubar *software* no valor de dezenas de milhões de dólares, se não centenas de milhões, e da janela do escritório de Ackroyd friamente dera o sinal para que matassem Bobby e, no entanto, ali estava ele amuado como uma criança porque fora apanhado. Sua cara de fuinha estava enrugada, o lábio inferior projetado para fora e os olhos castanho-amarelados pareciam rasos d'água, com se fosse romper em prantos se alguém ousasse lhe dirigir uma palavra brusca. A simples visão dele deixou Julie furiosa. Tinha vontade de fazê-lo engolir os dentes, até o estômago, para que pudesse mastigar de novo o que quer que tivesse comido antes.

Os policiais haviam-no encontrado num depósito de suprimentos, atrás de caixas que ele rearrumara para fazer um esconderijo lamentavelmente óbvio. Evidentemente, postado à janela de Ackroyd para observar o tiroteio, fora surpreendido pelo surgimento de Julie no Toyota. Ela havia levado o Toyota para o estacionamento da Decodyne durante o dia e mantivera-se distante do prédio, nas sombras dos galhos do loureiro, onde ninguém a vira. Em vez de escapar assim que viu o primeiro pistoleiro ser atropelado, Rasmussen hesitara, sem dúvida perguntando-se quem *mais* estaria lá. Em seguida, ouviu as sirenes e sua única opção foi se esconder na esperança de que iriam apenas dar uma busca casual no edifício e concluir que ele havia escapado. Com um computador ele era um gênio, mas quando se tratava de tomar decisões frias em meio a um tiroteio Rasmussen não era tão inteligente quanto se julgava.

Dois policiais fortemente armados vigiavam-no. Mas como ele estava encolhido, trêmulo e à beira das lágrimas, eles pareciam um tanto ridículos em seus coletes à prova de bala, empunhando armas automáticas, apertando os olhos no clarão da luz fluorescente e exibindo um ar severo.

Julie conhecia um dos policiais, Sampson Garfeuss, de sua própria época na delegacia de polícia, onde Sampson também serviu antes de ingressar na força da cidade de Irvine. Ou seus pais haviam previsto o futuro ou ele se

esforçara enormemente para fazer jus ao nome, pois era tanto alto quanto forte e musculoso. Segurava uma caixa sem tampa, contendo quatro pequenos disquetes. Mostrou-os a Julie e disse:

— Era isso que ele estava fazendo?

— Pode ser — disse ela, aceitando a caixa.

Tirando os disquetes dela, Bobby disse:

— Terei que ir ao andar de baixo, ao escritório de Ackroyd, ligar o computador e ver o que eles contêm.

— Vão em frente — disse Simpson.

— Você tem que me acompanhar — disse Bobby a McGrath, o policial que subira com eles no elevador. — Fique de olho em mim, certifique-se de que eu não vou adulará-los.—Indicou Tom Rasmussen. —Não vamos querer este verme alegando que eram disquetes em branco, dizendo que eu o acusei copiando eu mesmo o verdadeiro material nos disquetes.

Quando Bobby e McGrath entraram em um dos elevadores e desceram ao segundo andar, Julie agachou-se diante de Rasmussen.

— Sabe quem eu sou?

Rasmussen olhou-a, mas não disse nada.

— Sou a mulher de Bobby Dakota. Bobby estava naquela caminhonete em que seus comparsas atiraram. Foi o meu Bobby que você tentou matar.

Ele desviou o olhar para seus pulsos algemados.

Ela continuou:

— Sabe o que gostaria de fazer com você?—Colócou uma das mãos diante de seu rosto e sacudi as unhas manicuradas. — Para começar, gostaria de agarrá-lo pela garganta, prender sua cabeça contra a parede e enfiar duas destas unhas afiadas ho meio de seus olhos, perfurá-los, bem fundo, até dentro de seu pequeno cérebro, e torcê-las, ver se consigo arrumar o que está desarranjado aí dentro.

— Meu Deus, dona — exclamou o parceiro de Sampson.

Seu nome era Burdock. Ao lado de qualquer outro homem que não Sampson, ele seria um homem corpulento.

— Bem—disse ela —, ele é maluco demais para conseguir qualquer ajuda de um psiquiatra da prisão.

Sampson disse:

— Não faça nenhuma bobagem, Julie.

Rasmussen olhou-a, encontrando seus olhos apenas por uma fração de segundo, mas foi o suficiente para ele compreender a profundidade de seu ódio e ficar assustado. Um rubor de constrangimento infantil e mau gênio haviam acompanhado sua **cara** amuada, mas agora seu rosto empalideceu.

Para Sampson, numa **voz** que era estridente e trêmula demais para parecer autoritária **como** ele pretendia, Rasmussen disse:

— Afaste essa megera maluca de mim.

— Ela não é realmente louca—disse Sampson.—Não clinicamente, pelo menos. É muito difícil declarar que alguém é louco hoje em dia, eu acho. Muita preocupação com direitos humanos, você sabe. Não, eu não diria que ela é louca.

Sem afastar os olhos de Rasmussen, Julie disse:

— Muito obrigada, Sam.

— Deve ter percebido que eu não disse nada a respeito da outra metade da acusação dele—disse Sam bem-humorado.

— Sim, já entendí o que quer dizer.

Enquanto conversava com Sampson, mantinha a atenção em Rasmussen.

Todo mundo nutre um medo secreto, um bicho-papão particular feito sob encomenda e agachado num canto escuro da mente, e Julie sabia o que Tom Rasmussen temia mais que qualquer outra coisa no mundo. Não era medo de altura. Nem de locais confinados. Nem de multidões, nem de gatos, nem de voar, de insetos, de cachorros ou do escuro. Dakota & Dakota havia montado um vasto arquivo sobre ele nas últimas semanas e descobrira o fato de que ele sofria de fobia de cegueira. Na prisão, todo mês, com a regularidade de um verdadeiro obsessivo, ele exigira um exame de vista, alegando que sua visão estava se deteriorando e solicitara ser testado periodicamente por sífilis, diabetes e outras doenças que, não tratadas, podiam provocar a cegueira. Quando não estava na prisão — e ele já estivera lá duas vezes —, tinha uma consulta permanente, mensal, com um oftalmologista em Costa Mesa.

Ainda acorada defronte de Rasmussen, Julie segurou-o pelo queixo. Ele encolheu-se. Ela virou a cabeça dele em sua direção. Com dois dedos da outra mão, raspou as unhas pelo seu rosto, formando dois vergalhões vermelhos em sua pele lívida, mas não com força suficiente para arrancar sangue.

Ele guinchou e tentou atingi-la com os punhos algemados, mas foi impedido tanto por seu medo quanto pela corrente que prendia seus pulsos aos tornozelos.

— O que pensa que está fazendo?

Ela abriu os mesmos dois dedos com que o arranhara e apontou-os em sua direção, parando a apenas cinco centímetros de seus olhos. Ele pestanejou, soltou um gemido e tentou livrar-se dela, mas ela segurou-o

com firmeza pelo queixo, forçando-o a um confronto.

— Eu e Bobby estamos juntos há oito anos, casados há mais de sete, e estes têm sido os melhores anos de minha vida, mas eis que surge você e pensa que pode simplesmente esmagá-lo como se esmaga um inseto.

Lentamente, aproximou as pontas dos dedos de seus olhos. Três centímetros. Dois centímetros.

Rasmussen tentem recuar. Sua cabeça estava contra a parede. Não tinha para onde fugir.

As pontas afiadas de suas unhas manicura das estavam a menos de um centímetro de seus olhos.

— Isto é truculência policial — disse Rasmussen.

— Eu não sou uma policial — disse Julie.

— **Eles** são — disse ele, desviando os olhos para Sampson e Burdock.— E melhor tirar esta megera de cima de mim ou eu vou processá-los.

Com as unhas, ela bateu de leve em suas pestanas.

Prontamente, ele voltou sua atenção de novo para ela. Ofegava e, de repente, começou também a suar.

Ela bateu em suas pestanas outra vez e sorriu.

As pupilas escuras em seus olhos castanho-amarelados dilataram-se.

— Seus filhos-da-mãe, é melhor me ouvirem, eu juro, vou processá-los, vão expulsá-los da polícia...

Ela bateu em suas pestanas outra vez.

Ele cerrou os olhos com força.

— vão arrancar seus malditos uniformes e distintivos, vão atirá-los na prisão, e vocês sabem o que acontece com ex-tiras na prisão, fazem da sua vida um inferno, eles o dominam, matam, **violentam!**— Sua voz subiu num crescendo, falhou na última palavra, como a voz de um adolescente.

Lançando um olhar a Sampson para ter certeza de que tinha sua aprovação tácita, ainda que não explícita, para levar aquilo um pouco mais adiante, olhando também para Burdock e vendo que ele não se mostrava tão plácido quanto Sampson, mas provavelmente ainda ficaria fora disso por algum tempo, Julie pressionou seus dedos contra as pálpebras de Rasmussen.

Ele tentou fechar os olhos ainda com mais força.

Ela pressionou mais.

— Você tentou tirar Bòbby de mim, então eu vou tirar seus olhos de você.

— Você é *maluca!*

Ela pressionou com mais força.

— Faça-a parar—exigiu Rasmussen dos dois policiais.

— Se você não queria que eu tivesse meu Bobby para olhar, porque eu o deixaria jamais olhar para qualquer outra coisa?

— O que é que você quer?—O suor escorria pelo rosto de Rasmussen; parecia uma vela numa fogueira: derretendo-se rapidamente.

— Quem o autorizou a matar Bobby?

— Autorizar? O que quer dizer? Ninguém. Eu não preciso...

— Você não teria tentado tocar o dedo nele se seu patrão não o tivesse mandado fazê-lo.

— Eu sabia que ele estava atrás de mim—disse Rasmussen descontroladamente e, como ela não havia afrouxado a pressão sobre seus olhos, finas lágrimas começaram a escorrer debaixo de suas pálpebras. — Eu sabia que ele estava lá, esbarrei com ele há cinco ou seis dias, embora ele usasse diferentes caminhonetes, caminhões e até aquela caminhonete cor de laranja com o emblema do condado. Então, eu tinha de fazer alguma coisa, não tinha? Eu não podia largar o serviço, havia muito dinheiro em jogo. Eu não podia simplesmente deixar que ele me pegasse quando eu tivesse finalmente conseguido o Whizard, então eu precisava fazer alguma coisa. Ouça, por Deus, foi só isso.

— Você é apenas um paranóico de computador, um pirata de aluguel: moralmente alquebrado, frouxo, não é um sujeito durão. Você é fraco, um moleirão. Seu chefe disse-lhe que o fizesse.

— Não tenho chefe. Trabalho por conta própria.

— Ainda assim, alguém o paga.

Ela arriscou mais pressão, não com as unhas, mas com as pontas dos dedos, embora Rasmussen estivesse tão tomado de pavor que devia imaginar que ainda sentia aquelas unhas afiadas gradualmente escavando a pele delicada de suas pálpebras. Ele devia estar vendo estrelas agora, explosões e turbilhões de cores e talvez estivesse sentindo alguma dor. Tremia: suas algemas chocalhavam e retiniam. Novas lágrimas escorreram debaixo de suas pálpebras.

— Delafield. — A palavra eclodiu dele, como se ele estivesse simultaneamente tentando contê-la e expeli-la com todas as suas forças. — Kevin Delafield.

— Quem é ele? — perguntou Julie, ainda segurando o queixo de Rasmussen com uma das mãos, as unhas contra seus olhos, implacável.

— Microcrest Corporation.

— Foi quem o contratou para isto?

Ele estava rígido, com medo de mover-se uma fração de centímetro,

convencido de que a menor mudança de posição forçaria as unhas dela dentro de seus olhos.

— Sim. Delafield. Um louco. Um renegado. Não o levam em consideração na Microcrest. Sabem apenas que ele obtém resultados para eles. Quando isto atingir o ventilador, eles vão ficar surpresos, perplexos. Agora, deixe-me em paz. O que mais você quer?

Ela o soltou.

Imediatamente ele abriu os olhos, piscou, testando a visão, depois não se conteve e irrompeu em pranto de alívio.

Quando Julie se levantava, as portas do elevador mais próximo abriram-se e Bobby retomou com o policial que o acompanhara ao escritório de Ackroyd no andar inferior. Bobby olhou para Rasmussen, inclinou a cabeça para Julie, estalou a língua e disse:

Andou fazendo travessuras, não é, querida? Será que não posso levá-la a lugar nenhum?

— Só tive uma conversinha com o Sr. Rasmussen. Apenas isso.

— Ele parece ter achado a conversa estimulante — disse Bobby.

Rasmussen permanecia caído para a frente, com as mãos sobre os olhos, chorando incontrolavelmente.

— Nós discordamos sobre alguns pontos — disse Julie.

— Cinema, livros?

— Música.

— Ah.

Sampson Garfeuss disse suavemente:

— Você é doida, Julie.

— Ele tentou matar Bobby — foi tudo que disse.

Sampson aquiesceu.

— Não estou dizendo que não admire uma loucura de vez em quando um pouco. Mas você certamente está me devendo uma.

— Estou — concordou ela.

— Você me deve mais de uma — disse Burdock. — Este cara vai registrar uma queixa. Pode apostar.

— Queixa de quê? — perguntou Julie. — Ele não tem nem marcas.

As marcas dos arranhões no rosto de Rasmussen já estavam desaparecendo. Suor, lágrimas e um acesso de tremores eram as únicas evidências de seu tormento.

— Ouça — disse Julie a Burdock —, ele desmoronou porque eu sabia exatamente o ponto fraco onde eu podia interrogá-lo, como lapidar um diamante. Funcionou porque gentalha como ele pensa que todo mundo é

gentalha também, acha que *somos* capazes de fazer o que ele faria na mesma situação. Eu nunca arrancaria seus olhos, mas ele arrancaria os meus se estivéssemos em posições inversas, portanto ele tinha certeza que eu faria com ele o que ele teria feito comigo. Tudo o que fiz foi usar suas mesmas atitudes deturpadas contra ele. Psicologia. Ninguém pode registrar uma queixa pela aplicação de um pouco de psicologia. — Voltou-se para Bobby e disse: — O que havia naqueles disquetes?

— Whizard. Não dados sem valor. O programa inteiro. Estes têm que ser os arquivos que ele copiou. Ele só fez uma cópia enquanto eu o estava observando e depois que o tiroteio começou ele não teve tempo de fazer cópias **backup**.

A campainha do elevador tocou e o número do andar em que estavam acendeu-se no painel. Quando as portas se abriram, um detetive que eles conheciam, em trajes civis, Gil Dainer, entrou no corredor.

Julie pegou a caixa de disquetes de Bobby, entregou-a a Dainer.

Ela disse:

— Isto é prova. O caso inteiro reside nisso. Acha que pode resolver isso?

Dainer exibiu um largo sorriso.

— Por Deus, minha senhora, vou tentar.

FRANK POLLARD — ALIÁS JAMES ROMAN, ALIÁS GEORGE FARRIS — EXAMINOU O PORTA-MALAS DO CHEVY ROUBADO E ENCONTROU UM PEQUENO CONJUNTO DE FERRAMENTAS ENROLADO NUMA BOLSA DE FELTRO E ENFIADO NO VÃO DA RODA. ELE USOU A CHAVE DE FENDA PARA REMOVER AS PLACAS DE LICENÇA DO CARRO.

Meia hora mais tarde, depois de cruzar algumas das áreas mais altas e mais tranquilas de Laguna, imersas em nevoeiro, estacionou numa escura rua secundária e trocou as placas do Chevy pelas de um Oldsmobile. Com sorte, o dono do Olds não notaria as novas placas por alguns dias, talvez até mesmo uma semana ou mais: até ele dar queixa da troca, o Chevy não constaria de nenhuma relação da polícia e seria, portanto, relativamente seguro para dirigir. De qualquer modo, Frank pretendia livrar-se do carro no dia seguinte à noite e roubar outro ou usar parte do dinheiro na bolsa de viagem para comprar um veículo legalmente.

Embora estivesse exausto, não achava aconselhável hospedar-se em um motel. Quatro e meia da madrugada era uma hora muito estranha para qualquer pessoa querer um quarto. Além do mais, estava barbado, seus cabelos fartos estavam amarfanhados e oleosos, e tanto seu *jeans* quanto a camisa de flanela quadriculada azul estavam sujos e amarrotados de suas recentes aventuras. A última coisa que desejava era chamar atenção sobre si mesmo, de modo que resolveu tirar algumas horas de sono no próprio carro.

Dirigiu mais para o sul, até Laguna Niguel, onde estacionou numa tranquila rua residencial, sob os frondosos galhos de uma tamareira. Estendeu-se no banco traseiro, tão confortavelmente quanto possível, sem espaço para as pernas e sem travesseiro, e fechou os olhos.

No momento, não estava com medo de seu perseguidor desconhecido, pois sentia que o homem não estava mais por perto. Temporariamente, pelo menos, livrara-se do inimigo e não precisava deitar-se com receio de que um rosto hostil surgisse de repente na janela. Também podia tirar da mente todas as questões referentes à sua identidade e ao dinheiro na sacola de viagem; estava tão cansado — e seu pensamento tão confuso — que qualquer tentativa de deslindar esses mistérios seria infrutífera.

Mantinha-se acordado, entretanto, pela lembrança de como haviam sido **estranhos** os acontecimentos em Anaheim, havia poucas horas antes. As agourentas lufadas de vento. A estranha música de flauta.

Janelas implodindo, pneus estourando, freios falhando, direção falhando...

Quem entrara naquele apartamento atrás da luz azul? Seria “quem” o termo certo... ou seria mais apropriado perguntar **o que** estivera em seu encalço?

Durante sua apressada fuga de Anaheim para Laguna, não tivera tempo de refletir sobre aqueles bizarros incidentes, mas agora não conseguia afastá-los da mente. Pressentia que havia sobrevivido a um encontro com algo sobrenatural. Pior ainda, pressentia que sabia o que era—e que sua amnésia era auto-induzida por um profundo desejo de esquecer.

Depois de algum tempo, até mesmo a lembrança daqueles eventos sobrenaturais não foi suficiente para mantê-lo acordado. A última coisa que atravessou sua mente, enquanto se deixava levar pelo sono, foi aquela expressão de quatro palavras que o acometera assim que acordou na viela deserta: ***vaga-lumes em um vendaval...***

12

QUANDO TERMINARAM DE COOPERAR COM A POLÍCIA NA CENA DO CRIME, TOMAR PROVIDÊNCIAS COM RELAÇÃO AOS SEUS VEÍCULOS DESTRUÍDOS E FALAR COM OS TRÊS FUNCIONÁRIOS QUE APARECERAM NA DECODYNE, BOBBY E JULIE SÓ CHEGARAM EM CASA POUCO ANTES DO AMANHECER. FORAM DEIXADOS EM CASA POR UM CARRO DA POLÍCIA, E BOBBY ALEGROU-SE DE REVER O LUGAR.

Moravam no lado leste de Orange, em uma casa de três quartos, num conjunto habitacional em falso estilo espanhol, que haviam comprado novo fazia dois anos, em grande parte como potencial investimento. Mesmo à noite, a relativa juventude da vizinhança era visível na paisagem: nenhuma das plantas atingira o tamanho adulto; as árvores ainda eram muito pequenas para assomar acima das calhas das casas.

Bobby abriu a porta. Julie entrou, e ele a seguiu. O som de seus passos no assoalho de tacos de madeira do vestibulo, ecoando surdamente das paredes nuas da sala adjacente e inteiramente vazia, era prova de que não estavam compromissados com a casa por muito tempo. Para economizar dinheiro para a realização do Sonho, haviam deixado a sala de estar, a sala de jantar e dois quartos sem mobília. Instalaram carpetes e cortinas baratos. Nem um centavo fora gasto em outras melhorias. Esta era apenas uma parada intermediária no caminho para O Sonho, portanto não viam sentido em desperdiçar dinheiro em decoração.

O Sonho. Era, como pensavam nele — com **O** e **S** maiúsculos. Mantinham as despesas reduzidas ao mínimo, a fim de financiar O Sonho. Não gastavam muito em roupas ou férias e não compravam

carros dispendiosos. Com trabalho duro e vontade férrea, estavam construindo Dakota & Dakota Investigations para transformá-la numa firma de porte que pudesse ser vendida com grande ganho de capital, de modo que reinvestiam muito de seus ganhos no negócio para fazê-lo crescer. Para O Sonho.

Nos fundos da casa, a cozinha e a sala dos fundos—e a pequena copa que as separava—eram mobiliadas. Ali—e no quarto principal no andar superior—era onde viviam quando estavam em casa.

A cozinha tinha o piso em ladrilhos espanhóis, bancadas bege e armários de carvalho escuro. Nenhum dinheiro fora despendido em acessórios decorativos, mas o local tinha um ar aconchegante porque alguns utensílios necessários ao funcionamento de uma cozinha ficavam à mostra: uma sacola com meia dúzia de cebolas, panelas de cobre penduradas de um suporte preso ao teto, objetos de culinária, potes de temperos. Três tomates verdes amadureciam no peitoril da janela.

Julie apoiou-se contra a bancada, como se não pudesse aguentar nem mais um instante sem escorar-se, e Bobby perguntou:

- Quer beber alguma coisa?
- Bebida no amanhecer do dia?
- Estava pensando mais em leite ou suco de frutas.
- Não, obrigada.
- Está com fome?

Ela sacudiu a cabeça.

- Quero apenas cair na cama. Estou exausta.

Ele tomou-a nos braços, apertou-a bem junto a si, a cabeça enterrada em seus cabelos. Ela envolveu-o num abraço apertado.

Permaneceram assim por alguns instantes, sem dizer nada, deixando o medo residual evaporar-se no síave calor que geravam entre si. Medo e amor eram inseparáveis. Quando alguém se permite amar, importar-se com o outro, toma-se vulnerável e a vulnerabilidade leva ao temor. Ele encontrava sentido na vida através de seu relacionamento com ela e, se ela morresse, o significado e o objetivo de sua vida desapareceriam também.

Com Julie ainda nos braços, Bobby inclinou-se para trás e examinou seu rosto. As manchas de sangue seco haviam sido removidas. A pele lacerada na testa começava a cicatrizar com uma fina membrana amarela. Entretanto, a marca da recente e terrível experiência que sofreram consistia em mais do que a escoriação na testa. Com sua compleição morena, nunca se poderia dizer que ela parecia pálida, mesmo

em momentos da mais profunda ansiedade; uma detectável tonalidade cinzenta infiltrava-se em seu rosto, entretanto, em situações como aquela e, naquele momento, sua pele creme e canela apresentava uma nuance cinza subjacente que o fazia pensar em mármore de lápides.

— Está terminado — disse, confortando-a —, e nós estamos bem.

— Não está terminado em meus pensamentos. Não estará durante semanas.

— Algo como o que aconteceu esta noite é que alimenta a lenda de Dakota & Dakota.

— Não quero ser uma lenda. As lendas estão todas mortas.

— Seremos lendas **vivas** e isto vai aumentar os negócios. Quanto mais negócios atrairmos, mais cedo poderemos vender e agarrar nosso Sonho. — Beijou-a delicadamente no canto da boca. — Tenho de ligar para o escritório, deixar uma longa mensagem na secretária eletrônica, para que Clint saiba como proceder quando chegar no trabalho.

— Sim. Não quero que o telefone comece a tocar duas horas depois de eu me enfiar nos lençóis.

Beijou-a novamente e dirigiu-se ao telefone na parede, ao lado da geladeira. Enquanto discava o número do escritório, ouviu Julie caminhar para o banheiro, que dava para o pequeno corredor que ligava a cozinha à área de serviço. Ela fechou a porta do banheiro no exato instante em que a secretária eletrônica começou a funcionar ***“Obrigada por telefonar para Dakota & Dakota. Ninguém...”***

Clint Karaghiosis — cuja família greco-americana era fã de Clint Eastwood desde a época de seu primeiro seriado de televisão, “Rawhide* — era o braço direito de Bobby e Julie no escritório. Podia-se contar com ele para resolver qualquer problema. Bobby deixou uma longa mensagem para ele, resumindo os acontecimentos na Decodyne e registrando tarefas específicas que precisavam ser executadas para fechar o caso.

Quando desligou, entrou na sala adjacente, ligou o aparelho de CD e colocou um disco de Benny Goodman. As primeiras notas de “King Porter Stomp” reanimaram o aposento silencioso.

De volta à cozinha, retirou uma lata de um litro de ***egg-nog*** da geladeira. Haviam-na comprado há duas semanas para a comemoração tranquiila e a dois do Ano-Novo, mas não a abriram na ocasião. Abriu-a agora e serviu dois copos pelo meio.

Do banheiro, ouviu Julie emitir um gemido angustiado; estava finalmente vomitando. Eram basicamente apenas ânsias de vômito, já que

não haviam comido nada em oito ou dez horas, mas os espasmos soavam violentos. Durante toda a noite, Bobby esperara que ela fosse sucumbir à náusea e ficou surpreso de vê-la manter o controle por tanto tempo.

Retirou uma garrafa de rum do armário que servia de bar, na sala contígua à cozinha, e serviu uma dose dupla em cada copo de *egg-nog*.

Mexia delicadamente os drinques com uma colher para misturar o rum, quando Julie voltou, com um ar ainda mais cinzento.

Quando viu o que ele estava fazendo, disse:

— Não preciso disso.

— Eu sei do que você precisa. Sou vidente. Eu sabia que você iria colocar tudo para fora depois do que aconteceu esta noite. Agora, sei que você precisa *disto*. — Dirigiu-se à pia e lavou a colher.

— Não, Bobby, realmente, não posso beber isso.

A música de Goodman não parecia estar energizando-a.

— Vai acalmar o seu estômago. E se não tomar isto não vai conseguir dormir. — Tomando-a pelo braço, atravessando a copa e entrando na sala, ele disse: — Vai ficar acordada, preocupando-se comigo, com Thomas — Thomas era seu irmão —, com o mundo e com todos os seus habitantes.

Sentaram-se no sofá, e ele não acendeu as luzes. A única luz era a que chegava até eles da cozinha.

Ela dobrou e puxou as pernas junto ao corpo, voltando-se ligeiramente para ele. Seus olhos brilhavam com um reflexo suave. Tomou um pequeno gole de seu *egg-nog*.

A sala agora estava tomada pelos acordes de “One Sweet Letter From You”, uma das mais belas interpretações de Benny Goodman, com a voz de Louise Tobin.

Ficaram sentados, ouvindo em silêncio, por alguns instantes.

Em seguida, Julie disse:

— Sou corajosa, Bobby, realmente sou.

— Sei que é.

— Não quero que pense que sou fraca.

— Nunca,

— Não foi o tiroteio que me deixou nauseada, nem usar o Toyota para atropelar aquele sujeito, nem mesmo a ideia de quase perdê-lo...

— Eu sei. Foi o que teve de fazer a Rasmussen.

— É um filho-da-mãe miserável, com cara de fuinha, mas nem mesmo ele merece ser tratado assim. O que eu fiz com ele foi nojento.

— Era a única forma de dobrá-lo e descobrir a verdade, porque o caso

não estaria resolvido enquanto não soubéssemos quem o contratou.

Ela bebeu mais *egg-nog*. Franziu ó cenho para o conteúdo leitoso de seu copo, como se a solução de algum mistério pudesse ser encontrada ali.

Em seguida à voz de Tobin, Ziggy Elman entrou com um exuberante solo de trompete, seguido pelo clarinete de Goodman. Os acordes melódicos fizeram o aposento acanhado parecer o lugar mais romântico do mundo.

— O que eu fiz eu fiz pelo Sonho. Dar à Decodyne o mandante de Rasmussen vai agradá-los. Mas alquebrá-lo daquela forma foi pior do que matar um homem num tiroteio frente a frente.

Bobby colocou uma das mãos sobre seu joelho. Era um bonito joelho. Depois de todos esses anos, às vezes ainda ficava surpreso pela sua esbeltez e pela delicadeza de sua estrutura óssea, pois sempre pensava nela como sendo forte para seu tamanho, vigorosa, invencível.

— Se você não tivesse posto Rasmussen naquele tomo, apertando-o, eu o teria feito.

— Não, não teria. Você é brigão, Bobby, você é esperto e você é valente, mas há certas coisas que nunca fará. Esta é uma delas. Não me engane só para fazer eu me sentir melhor.

— Tem razão. Eu não poderia fazê-lo. Mas estou contente que você o tenha feito. A Decodyne é um grande negócio e poderíamos retroceder anos se tivéssemos estragado tudo.

— Há alguma coisa que não façamos pelo Sonho?

Bobby disse:

— Claro. Não torturaríamos criancinhas com facas em brasa e não empurraríamos velhinhas inocentes pelas escadas e não esmagaríamos uma ninhada de cachorrinhos com uma barra de ferro; pelo menos não sem uma boa razão.

A risada de Julie ressentia-se de uma boa dose de humor.

— Ouça — disse ele — você é uma boa pessoa. Tem um bom coração e nada do que fez a Rasmussen pode esconder isso.

— Espero que tenha razão. É um mundo cão, às vezes.

— Mais um drinque vai tomá-lo melhor ainda.

— Sabe quantas calorias isso contém? Vou ficar gorda como um hipopótamo.

— Os hipopótamos são muito bonitinhos — disse ele, pegando seu copo e retomando à cozinha para servir-lhe mais um drinque. — Adoro hipopótamos.

— Não vai querer fazer amor com uma.

- Claro. Quanto mais para apalpar, mais para amar.
- Vai ser esmagado.
- Bem, claro, farei questão de ficar por cima.

CANDYIA MATAR. ESTAVA PARADO NA SALA ESCURA DE UMA CASA ESTRANHA, TRÊMULO DE NECESSIDADE. SANGUE. PRECISAVA DE SANGUE.

Candy ia matar e não havia nada que pudesse fazer para impedir. Nem mesmo a lembrança de sua mãe poderia dissuadi-lo de sua ânsia.

Seu nome de batismo era James, mas sua mãe—uma alma generosa, extremamente boa, extravasando de amor, uma santa — sempre dissera que ele era seu docinho. Nunca James. Nunca Jim ou Jimmy. Dizia que ele era mais doce do que qualquer outra coisa na face da terra e “little candy boy” eventualmente se transformou em “candy boy” e, quando atingiu os seis anos, o apelido já encurtara e ganhara letra maiúscula, tomando-se Candy para sempre. Agora, aos vinte e nove anos, esse era o único nome a que atendia.

Muita gente achava que assassinato era um pecado. Ele discordava. Algumas pessoas nasciam com gosto para sangue. Deus os fizera como eram e esperava que matassem determinadas vítimas. Tudo fazia parte de Seu misterioso plano.

O único pecado era matar quando Deus e sua mãe não aprovavam a vítima, o que era exatamente o que estava prestes a fazer. Sentia-se enveighado. Mas também estava muito necessitado.

Ouviu com atenção. Silêncio.

Como bestas sobrenaturais e tenebrosas, os vultos escuros da mobília da sala de estar encurralavam-no.

Respirando audivelmente, tremendo, Candy atravessou a sala de jantar, cozinha, sala dos fundos, depois lentamente o longo corredor que levava à parte da frente da casa. Não fez nenhum barulho que pudesse alertar alguém dormindo no andar superior. Parecia planar em vez de andar, como se fosse um espectro no lugar de um homem de verdade.

Parou ao pé das escadas e fez um último e débil esforço de dominar sua compulsão assassina. Fracassando, deu de ombros e soltou sua respiração abafada. Começou a subir ao segundo andar, onde a família estava provavelmente dormindo.

Sua mãe o compreenderia e perdoaria.

Ela havia lhe ensinado que matar era bom e justo — mas somente quando necessário, somente quando beneficiasse a família. Ficara extremamente zangada com ele nas ocasiões em que matara por pura compulsão, sem nenhuma razão justificável. Ela não precisava puni-lo

fisicamente por seus desvios, porque seu descontentamento dava-lhe mais agonia do que qualquer castigo que pudesse imaginar. Durante vários dias, ela se recusava a falar com ele e aquele silêncio fazia seu peito inchar de dor, como se seu coração fosse sofrer um espasmo e parar de bater. Olhava através dele, também, como se ele não existisse. Quando os outros filhos falavam dele, ela dizia: “Ah, quer dizer, o seu falecido irmão, Candy, seu pobre irmão morto. Bem, lembrem-se dele se quiserem, mas só entre vocês, não para mim, nunca para mim, porque eu não quero lembrá-lo, não aquela ovelha negra. Ele não prestava, não prestava mesmo, não ouvia

suai mãe, sempre achava que sabia tudo. Só de ouvir o nome dele fico enjúada, revolve meu estômago, portanto não mencionem seu nome perto de mim/’ Toda vez que Candy era temporariamente banido para o mundo dos mortos por mau comportamento, seu prato não era colocado na mesa e ele tinha que ficar de pé no canto, observando os outros comerem, como se fosse um espírito visitante. Não o agfrafciava nem com um franzir de sobrancelhas nem com um sorriso, e não passava a mão em seus cabelos ou acariciava seu rosto com suas mãos macias e cálidas, não permitia que ele se aconchegasse em seu colo ou colocasse sua cabeça cansada em seu peito e, à noite, tinha que entrar sozinho num sono intranquiilo sem ser guiado pelas histórias que contava ou pelas canções de ninar que cantava para ele. Naquela total rejeição, ele conhecia mais do Inferno do que jamais pensara conhecer.

Mas ela compreenderia por que Candy não podia se controlar naquela noite e o perdoaria. Mais cedo ou mais tarde ela sempre o perdoava porque seu amor por ele era como o amor de Deus por todos os Seus filhos: perfeito, rico de tolerância e misericórdia. Quando ela decidia que Candy já havia sofrido o bastante, ela sempre olhava realmente para ele, sorria-lhe, abria os braços para ele. Em sua nova aceitação, ele experimentava mais do Céu do que precisava conhecer.

Ela estava no céu agora, ela mesma. Sete longos anos! Meu Deus, que falta ela lhe fazia. Mas estava observando-o naquele mesmo instante. Saberá que ele perdera o controle esta noite e ficaria decepcionada com ele.

Subiu as escadas, de dois em dois degraus, mantendo-se junto à parede, onde era menos provável que seus passos fossem ouvidos. Era um homem alto, mas gracioso e leve no caminhar e, se alguns dos degraus estivessem soltos ou envelhecidos, não rangeriam sob seus pés.

No corredor de cima, ele parou, à escuta. Nada.

Uma fraca luz noturna fazia parte do alarme contra incêndio. O clarão era apenas suficiente para Candy divisar as duas portas à direita do corredor, duas à esquerda e uma ao final.

Caminhou sorrateiramente para a primeira porta à direita, abriu-a com cuidado e entrou no quarto. Fechou a porta novamente e parou, apoiado contra ela.

Embora sua necessidade fosse enorme, foiçou-se a esperar que seus olhos se adaptassem à escuridão. Uma luz cinzenta, de um poste de iluminação da rua a pelo menos meio quarteirão de distância, refletia-se debilmente nas duas janelas. Ele notou o espelho, primeiro, um retângulo fosco onde um escasso fulgor refletia-se densamente; então, começou a divisar os contornos da cômoda abaixo dele. Um instante depois, também já podia ver a cama e, obscuramente, o vulto encolhido de alguém deitado sob o cobertor de cor clara, vagamente fosforescente.

Candy caminhou cautelosamente até a cama, segurou o cobertor e os lençóis e hesitou, ouvindo a respiração rítmica da pessoa que dormia. Detectou um vestígio de perfume misturado com um aroma agradável de calor de pele e cabelos recém-lavados com xampu. Uma menina. Sempre podia diferenciar o cheiro de uma menina do cheiro de um menino. Também sentia que esta era jovem, talvez uma adolescente. Se sua necessidade não fosse tão intensa, teria hesitado por muito mais tempo, pois os instantes que precediam um assassinato eram excitantes, quase melhores do que o próprio ato em si.

Com um movimento dramático do braço, como se fosse um mágico atirando longe o pano que cobria uma gaiola vazia para revelar um pombo cativo e enfeitado, descobriu a pessoa adormecida. Caiu sobre ela, esmagando-a no colchão com seu corpo.

Ela acordou instantaneamente e tentou gritar, muito embora ele tivesse retirado todo o ar de seus pulmões. Felizmente, ele possuía mãos anormalmente grandes e fortes e encontrara seu rosto antes mesmo que ela começasse a erguer a voz, de modo que pôde enfiar a palma da mão sob seu queixo, fincar os dedos em suas faces e prender sua boca fechada.

— Fique quieta ou eu a mato — sussurrou, os lábios roçando contra sua delicada orelha.

Emitindo um som abafado e assustado, ela contorceu-se sob ele, mas em vão. A julgar pelo seu corpo, era uma menina, não uma mulher, talvez com uns doze anos, certamente com menos de quinze. Não era páreo para ele.

— Não quero machucá-la. Só quero você e, quando tiver acabado, irei embora.

Era uma mentira, pois não tinha nenhuma vontade de violentá-la. O sexo não lhe despertava o menor interesse. Na verdade, sexo o enojava; envolvia fluidos indecentes; dependia do uso desavergonhado dos mesmos órgãos associados à urina, sexo era um ato execravelmente repulsivo. A fascinação das pessoas por sexo somente provava a Candy que homens e mulheres eram membros de uma espécie degradada e que o mundo era uma fossa de pecado e loucura.

Ou porque tivesse acreditado em sua promessa de não matá-la ou porque estivesse paralisada de medo, ela parou de resistir. Talvez apenas precisasse de toda a sua energia para respirar. O peso integral do corpo de Candy—105 quilos—pressionava seu peito, tolhendo seus pulmões. Contra sua mão, com a qual tampava sua boca, ele podia sentir suas inalações frias conforme suas narinas fremiam, seguidas de expirações curtas e quentes.

Sua visão continuara a adaptar-se à pouca luz. Embora ainda não pudesse ver os detalhes de seu rosto, podia ver seus olhos brilhando na escuridão, reluzindo de terror. Podia ver também que ela era loura; os cabelos claros refletiam o clarão cinza e opaco das janelas e brilhavam com reflexos prateados.

Com a mão livre, ele delicadamente afastou os cabelos do lado direito de seu pescoço. Mudou ligeiramente de posição, descendo sobre ela de modo a trazer os lábios até a garganta dela. Beijou a pele macia, sentiu a forte pulsação de sua veia contra seus lábios, depois fincou os dentes e encontrou o sangue.

Ela debateu-se e contorceu-se sob ele, mas ele manteve-a presa com força e ela não conseguiu deslocar sua boca ávida do ferimento que produzira. Sorvia sofregamente, mas não conseguia consumir todo o sangue espesso e doce que fluía. Logo, entretanto, o fluxo diminuiu. As convulsões da menina tomaram-se menos violentas, também, depois desapareceram completamente, até ficar tão imóvel sob ele como se não fosse mais do que um monte embolado de cobertas.

Ergueu-se de cima dela e acendeu a luz do abajur apenas o tempo suficiente para ver seu rosto. Sempre desejava ver seus rostos, depois de seus sacrifícios, se não antes. Também gostava de olhar suas vítimas nos olhos, que não pareciam sem vida, mas abençoados com uma visão do lugar distante para onde suas almas haviam se transportado. Não compreendia sua curiosidade muito bem. Afinal, quando comia um bife, não ficava pensando como seria a vaca. Esta menina—e cada uma das

outras das quais se alimentara—não devia passar de mais uma do gado para ele. Uma vez, num sonho, quando terminara de sorver de um pescoço dilacerado, sua vítima, embora morta, falara-lhe, perguntando-lhe por que queria olhar para ela na morte. Quando lhe disse que não sabia a resposta à sua pergunta, ela sugerira que talvez, nas ocasiões em que matara no escuro, ele precisava ver os rostos de suas vítimas depois porque, em algum ponto obscuro de seu coração, ele de certa forma esperava ver seu próprio rosto fitando-o, lívido e sem vida.

— No fundo — dissera a vítima do sonho —, você sabe que você mesmo já está morto, que sua chama está extinta. Você percebe que tem muito mais em comum com suas vítimas depois que as matou do que antes.

Essas palavras, embora ditas apenas em sonho, e embora sem sentido, haviam-no, porém, acordado com um grito agudo. Ele estava vivo, não morto, forte e vigoroso, um homem com apetites tão fortes quanto estranhos. As palavras da vítima no sonho permaneceram com ele ao longo dos anos e, quando ecoavam em sua lembrança em momentos como esse, deixavam-no ansioso. Agora, como sempre, recusou-se a pensar nelas. Voltou sua atenção, ao contrário, para a jovem na cama.

Parecia ter quatorze anos, muito bonita. Conquistado por sua perfeita compleição, imaginou se sua pele seria tão impecável ao toque quanto parecia, lisa como porcelana, se ousasse tocá-la com a ponta dos dedos. Seus lábios estavam ligeiramente apartados, como se tivessem sido delicadamente entreabertos pelo seu espírito quando se separou dela. Seus olhos maravilhosamente claros e azuis pareciam imensos, grandes demais para seu rosto — e tão vastos quanto um céu límpido de inverno.

Gostaria de ficar observando-a horas a fio.

Soltando um suspiro de pesar, apagou a luz.

Ficou parado alguns instantes no escuro, envolvido pelo odor pungente de sangue.

Quando seus olhos se acostumaram à escuridão, retomou ao corredor, sem se importar em fechar a porta do quarto da menina ao sair. Entrou no quarto em frente ao dela e encontrou-o vazio.

Mas no quarto seguinte Candy sentiu o cheiro abafado de suor e ouviu alguém roncando. Era um garoto, de dezessete ou dezoito anos, não um rapaz corpulento, nem tampouco franzino, e ele colocou mais resistência do que a irmã. Entretanto, ele dormia de braços e quando Candy retirou as cobertas e caiu sobre ele, o rosto do rapaz ficou imprensado contra o travesseiro e o colchão, esmagando-o e impossibilitando que gritasse por socorro. A luta foi violenta, mas breve. O rapaz morreu por

falta de oxigênio, e Candy abateu-se pesadamente sobre ele. Quando buscou a garganta a descoberto, Candy emitiu um grito baixo e ansioso, mais alto do que qualquer ruído que o rapaz tivesse feito.

Mais tarde, quando abriu a porta do quarto aposento, os primeiros raios da alvorada penetravam pelas janelas. Sombras ainda refugiavam-se nos cantos, mas a escuridão mais profunda fora banida. A primeira claridade do amanhecer era tênue e leve para emprestar cor aos objetos, e tudo no quarto parecia ter um ou outro tom de cinza.

Uma loura atraente com pouco menos de quarenta anos dormia em um dos lados de uma cama de casal. Os lençóis e o cobertor na outra metade da cama quase não haviam sido desarranjados, de modo que ele concluiu que o marido ou não morava ali ou estava viajando a negócios. Notou um copo cheio até a metade de água e um frasco plástico de remédio na mesinha-de-cabeceira. Pegou o frasco de farmácia de manipulação e viu que continha dois terços de pequenas pílulas: um sedativo, segundo o rótulo. Pelo rótulo, também soube seu nome: Roseanne Lofton.

Candy ficou ali parado por algum tempo, fitando seu rosto e um antigo anseio pelo conforto materno agitou-se dentro dele. A necessidade continuava a impeli-lo, mas não queria dominá-la com violência, não queria dilacerá-la e drená-la em alguns minutos. Queria que esta durasse.

Sentia a premência de sugar o sangue daquela mulher do modo como costumava sugar o de sua mãe quando ela lhe fazia esta concessão. Às vezes, quando estava em suas graças, sua mãe fazia um corte superficial na palma da mão ou furava um dos dedos, depois deixava que ele se aconchegasse nela e se amamentasse de seu sangue por uma hora ou mais. Durante esse tempo, sobrevinha-lhe uma grande paz, uma bênção tão profunda que o mundo e toda a sua dor cessavam de ser reais para ele, porque o sangue de sua mãe não tinha igual, era imaculado, puro como as lágrimas de uma santa. Através de ferimentos tão pequenos, é claro, ele só conseguia beber uma quantidade muito pequena do seu sangue, mas aquele pouquinho era mais precioso e mais nutriente para ele do que os litros que devia ter sugado de uma dezena de outras pessoas. A mulher diante dele não teria tal néctar em suas veias, mas, se ele fechasse os olhos enquanto sugava seu sangue e se deixasse a mente retroceder à lembrança da época anterior à morte de sua mãe, talvez pudesse reaver pelo menos parte da indizível serenidade que conhecera na ocasião... e experimentar um tênue eco daquela antiga sensação.

Finalmente, sem afastar as cobertas, Candy delicadamente abaixou-se e

deitou-se ao lado da mulher na cama, observando quando as pálpebras pesadas de seus olhos estremeceram e depois abriram-se. Ela piscou em sua direção conforme ele se aconchegava junto a ela e, por um instante, pareceu achar que ainda estava sonhando, pois nenhuma expressão enrijeceu os músculos de seu rosto flácido.

— Tudo que eu quero é seu sangue — disse ele, baixinho.

Bruscamente, ela livrou-se dos remanescentes efeitos do sedativo e seus olhos encheram-se de pânico.

Antes que ela pudesse estragar a beleza do momento gritando ou resistindo, e portanto destruindo a ilusão de que ela era sua mãe e estava dando-se espontaneamente, ele golpeou o lado de seu pescoço com seu punho cerrado. Golpeou-a outra vez. Em seguida, deu-lhe dois socos seguidos no rosto. Ela deixou-se afundar frouxamente, inconsciente, contra o travesseiro.

Ele esgueirou-se para baixo das cobertas para ficar bem junto dela, pegou sua mão e mordiscou-lhe a palma. Deitou a cabeça no travesseiro, o rosto voltado para ela, segurando sua mão entre eles, sorvendo o lento fio de sangue da palma de sua mão. Fechou os olhos depois de algum tempo e tentou imaginar que ela era sua mãe e, eventualmente, uma paz gratificante apoderou-se dele. No entanto, embora havia muito tempo não se sentisse tão feliz, não era uma felicidade profunda, apenas um verniz de contentamento que fazia brilhar a superfície de seu coração, mas que deixava os compartimentos internos frios e escuros.

APÓS APENAS ALGUMAS HORAS DE SONO, FRANK POLLARD ACORDOU NO BANCO TRASEIRO DO CHEVY ROUBADO. O SOL DA MANHÃ, PENETRANDO PELAS JANELAS, ESTAVA CLARO O SUFICIENTE PARA FAZÊ-LO PESTANEJAR.

Sentia-se cansado, os músculos rígidos e doloridos. Tinha a garganta seca e os olhos ardiam-lhe como se não dormisse fazia dias.

Gemendo, Frank retirou as pernas do banco, sentou-se direito e pigarreou, limpando a garganta. Percebeu que tinha ambas as mãos dormentes; estavam frias e inertes, e ele viu que mantivera os punhos cerrados. Evidentemente, dormira assim durante algum tempo, porque no começo não conseguia abri-las. Com grande esforço, abriu a mão direita — e um punhado de algo preto e granulado escorreu pelos seus dedos formigantes.

Olhou fixamente, perplexo, para os minúsculos grãos que haviam se derramado pela perna de seus *jeans* e sobre seu sapato direito. Ergueu a mão para examinar o resíduo que grudara na palma de sua mão. Parecia e cheirava a areia.

Areia preta? Onde arranajara aquilo?

Quando abriu a mão esquerda, mais areia entomou-se.

Confuso, olhou pelas janelas do carro para a área residencial além delas. Viu gramados verdes, o solo escuro onde a grama era falha, canteiros protegidos com palha, aparas de madeira amontoadas ao redor de algumas moitas, mas nada semelhante ao que mantivera seguro em suas mãos cerradas.

Estava em Laguna Nigel, de modo que o oceano Pacífico ficava próximo, orlado por amplas praias. Mas essas praias eram brancas, e não pretas.

Quando a circulação retomou completamente a seus dedos enrijecidos, ele recostou-se no banco, ergueu as mãos diante do rosto e examinou os grãos negros que pontilhavam sua pele úmida de suor. Areia, ainda que preta, era uma substância simples e inocente, mas o resíduo em suas mãos perturbava-o tão profundamente quanto se fosse sangue fresco.

— Quem, afinal, sou eu, e o que está acontecendo comigo? — perguntou-se em voz alta.

Sabia que precisava de ajuda. Mas não sabia a quem recorrer.

BOBBY FOI ACORDADO PELO BARULHO DO VENTO SANTA ANA QUE GRASSAVA NAS ÁRVORES LÁ FORA. ASSOBIAVA SOB AS BORDAS DO TELHADO E PRODUZIA UM CORO DE ESTALOS E RANGIDOS DAS TABUINHAS DE CEDRO DO TELHADO E DAS VIGAS DO SÓTÃO.

Piscou os olhos embaçados do sono e apertou-os em direção aos números no teto do quarto: 12:07. Como às vezes trabalhavam até altas horas e dormiam durante o dia, haviam instalado venezianas externas, deixando o quarto negro como breu, exceto pelos algarismos verde-claros do relógio de projeção, que flutuavam no teto como uma portentosa mensagem de espíritos do além.

Como tivesse ido para a cama quase ao amanhecer e adormecido instantaneamente, sabia que os números no teto significavam que passava um pouco do meio-dia, e não da meia-noite. Dormira cerca de seis horas. Permaneceu imóvel por um instante, imaginando se Julie estaria acordada.

Ela disse:

— Estou.

— Você é sobrenatural — disse ele. — Sabia o que eu estava pensando.

— Isto não é ser sobrenatural. É ser casada.

Ele voltou-se para ela e ela aninhou-se em seus braços.

Por alguns instantes, ficaram apenas abraçados, contentes de estarem um junto ao outro. Mas, por um desejo mútuo e tácito, começaram a fazer amor.

Os brilhantes números verdes do relógio de projeção eram pálidos demais para amenizar a absoluta escuridão, de modo que Bobby nada podia ver de Julie enquanto abraçavam-se. No entanto, ele a “via” através das mãos. Enquanto se deleitava com a maciez e o calor de sua pele, as curvas elegantes de seus seios, a descoberta de ângulos exatamente onde eram desejáveis, a firmeza dos músculos e o movimento fluido de ossos e músculos, sentia-se como um cego usando as mãos para formar uma visão interior do ideal de beleza.

O vento sacudia o mundo lá fora, em consonância aos orgasmos que sacudiam Julie. E quando Bobby não pôde mais se conter, quando gritou e esvaziou-se dentro dela, o vento uivante gritou também e um pássaro que se abrigara na beirada próxima do telhado foi arrancado de seu poleiro com um farfalhar de asas e um grito espiralado.

Durante algum tempo, permaneceram deitados, lado a lado, na

escuridão, a respiração mesclando-se, tocando um ao outro quase com reverência. Não queriam nem precisavam falar; conversar iria diminuir o encanto do momento.

As venezianas de lâminas de alumínio vibravam levemente no vento agitado.

Gradualmente, a sensação afogueada seguinte ao ato de fazer amor deu lugar a uma curiosa inquietação, cuja fonte Bobby não conseguia identificar. A escuridão envolvente começou a parecer opressiva, como se a contínua ausência de luz estivesse contribuindo para um espessamento do ar, até ele tomar-se tão viscoso e irrespirável quanto um xarope.

Embora tivessem acabado de fazer amor, Bobby foi tomado pela louca sensação de que Julie não estava ali realmente com ele, que fizera sexo com um sonho, ou com a própria escuridão, e que ela lhe fora roubada durante a noite, levada por alguma força que ele não conseguia divisar e que agora ela estava para sempre fora de seu alcance.

Seu medo infantil o fez sentir-se tolo, mas ele ergueu-se sobre um dos cotovelos e ligou um dos abajures presos à parede junto à cama.

Quando viu Julie deitada a seu lado, sorrindo, a cabeça erguida sobre o travesseiro, o nível de sua inexplicável ansiedade caiu bruscamente. Deixou escapar um suspiro, surpreso ao descobrir que havia retido a respiração. Mas uma tensão peculiar continuou a perturbá-lo e a visão de Julie, a salvo e em perfeito estado, a não ser pelo machucado na testa, foi insuficiente para relaxá-lo completamente.

— O que houve? — perguntou ela, sempre muito perceptiva.

— Nada — mentiu.

— Um pouco de dor de cabeça por causa de todo aquele rum no *egg-nogl*

O que o incomodava não era uma ressaca, mas a estranha, irremovível sensação de que iria perder Julie, que algo no mundo hostil lá de fora viria sequestrá-la. Como era o otimista da família, não costumava cismar sobre maus presságios; consequentemente, essa estranha sensação agourenta assustava-o mais do que o faria se ele fosse regularmente sujeito a tais distúrbios.

— Bobby? — perguntou ela, franzindo o cenho.

— Dor de cabeça — assegurou-lhe.

Inclinou-se e delicadamente beijou seus olhos, depois novamente, forçando-a a fechá-los, para que não pudesse ver seu rosto e ler a ansiedade que ele era incapaz de esconder.

Mais tarde, depois de tomar banho e vestir-se, comeram apressadamente, de pé, junto à bancada da cozinha: pãezinhos com geleia, metade de uma banana cada um e café. Por concordância mútua, não iriam ao escritório.

Um breve telefonema a Clint Karaghiosis confirmou que as providências do caso Decodyne estavam quase encerradas e que nenhum outro assunto exigia sua urgente atenção pessoal.

O Suzuki Samurai aguardava-os na garagem, e Bobby recobrou o ânimo ao vê-lo. O Samurai era um pequeno caminhão esportivo com tração nas quatro rodas. Justificara a compra exaltando sua dupla natureza — utilitário e de lazer — para Julie, ressaltando em especial o preço comparativamente razoável, mas na realidade quisera adquiri-lo porque era divertido de dirigir. Ela não se deixara enganar, mas concordara com a ideia porque ela também achava divertido dirigi-lo. Desta vez, deixou-o tomar a direção, quando ele sugeriu que ela dirigisse.

— Já dirigi muito à noite passada—disse ela, enquanto afivelava o cinto de segurança.

Folhas secas, pequenos galhos, alguns pedaços de papel e outros detritos menos facilmente identificáveis corriam e giravam em redemoinho ao longo das ruas varridas pelo vento. Pés-de-vento carregados de areia vinham girando de leste, conforme os ventos Santa Ana — assim denominados por causa das montanhas com esse nome de onde se originavam—, abatiam-se sobre os desfiladeiros e pelas colinas áridas, cobertas de vegetação rasteira, que os laboriosos administradores de Orange County ainda não haviam depenado e coberto com milhares de pedacinhos quase idênticos, de madeira e alvenaria, do sonho californiano. As árvores curvavam-se aos encapelados oceanos de vento, que se movimentavam em ondas poderosas e erráticas em direção ao verdadeiro mar a oeste. O nevoeiro da noite anterior já havia se dissipado e o dia estava tão límpido que, das colinas, podia-se ver Catalina Island, a 42 quilômetros da costa do Pacífico.

Julie colocou um **CD** de Artie Shaw no aparelho e a melodia suave e os ritmos ligeiramente sacolejantes de “Begin the Beguine” encheram o carro. Os melosos saxofones de Les Robinson, Hank Freeman, Tony Pastor e Ronnie Perry formavam um estranho contraponto ao caos e à dissonância dos ventos Santa Ana.

De Orange, Bobby dirigiu-se para sul e para oeste, em direção às cidades costeiras — Newport, Corona Del Mar, Laguna, Dana Point Viajava sempre que possível por aqueles poucos atalhos de asfalto do condado urbanizado

que ainda podiam ser chamados de estradas secundárias. Até passaram por plantações de laranja, que um dia cobriram o

condado, mas que haviam em sua maioria sucumbido ao implacável avanço das estradas e alamedas.

Julie tomou-se mais falante e agitada à medida que os quilômetros corriam pelo velocímetro, mas Bobby sabia que seu entusiasmo não era genuíno. Cada vez que iam visitar seu irmão Thomas, ela se esforçava para levantar o ânimo. Embora amasse Thomas, sempre que estava com ele seu coração partia-se e ela precisava se fortalecer antecipadamente com um bom humor fabricado.

— Nem uma nuvem no céu—disse ela, quando passaram por Irvine Ranch, a antiga indústria de embalagem de frutas. — Não está um lindo dia, Bobby?

— Um dia maravilhoso — concordou ele.

— O vento deve ter levado as nuvens para o Japão, empilhando-as bem alto acima de Tóquio.

— É mesmo. Nesse instante, toda a poluição do ar da Califórnia deve estar caindo sobre Guinza.

Centenas de flores vermelhas de buganvília, arrancadas de seus galhos, varriam a estrada e, por um instante, o Samurai pareceu ter sido apanhado no meio de uma tempestade de neve carmesim. Talvez fosse porque tivessem acabado de mencionar o Japão, mas havia algo de oriental a respeito do redemoinho de pétalas. Não se surpreenderia de ver uma mulher vestida de quimono à beira da estrada, salpicada de manchas de sol e sombra.

— Até uma ventania é bonita aqui—disse Julie.—Não temos sorte, Bobby? Não temos sorte de morar neste lugar tão especial?

“Frenesi”, de Shaw, começou a tocar, um suíngue rico em sons de instrumentos de corda. Toda vez que ouvia essa música, Bobby era quase capaz de imaginar que ele estava em um filme dos anos 30 ou 40, que iria dobrar uma esquina e encontrar seu velho amigo Jimmy Stewart ou talvez Bing Crosby, e iriam almoçar com Cary Grant e Jean Arthur e Katharine Hepburn, e coisas loucas aconteceriam.

— Em que filme você está? — perguntou Julie. Ela o conhecia bem demais.

— Ainda não descobri. Talvez *The Philadelphia Story*.

Quando entraram no estacionamento da Cielo Vista Care Home, Julie havia se transportado a um estado de altíssimo bom humor. Ela saiu do Samurai, olhou na direção oeste e abriu um amplo sorriso para o

horizonte,

delineado pelo casamento do mar e do céu, como se ela jamais tivesse visto uma paisagem tão linda. Na verdade, era uma vista deslumbrante, porque Cielo Vista ficava num escarpado a cerca de oitocentos metros do Pacífico, acima de uma longa faixa da Gold Coast do sul da Califórnia. Bobby admirou-a também, os ombros ligeiramente erguidos e a cabeça enfiada em deferência às rajadas de vento frio.

Quando Julie já estava pronta, ela tomou a mão de Bobby, apertou-a com força, e eles entraram.

Cielo Vista Care Home era uma clínica particular, administrada sem apoio financeiro governamental e sua arquitetura fugia a todos os padrões desse tipo de instituição. Sua fachada estilo espanhol, de dois andares, pintada num tom claro de pêssego, era acentuada por cantoneiras e batentes de portas e janelas de mármore branco; amplas janelas e portas pintadas de branco, embutidas em graciosos arcos, com largos peitoris e soleiras. Os passeios eram sombreados por treliças de madeira cobertas de uma mistura de buganvílias roxas e amarelas, das quais o vento extraía um coro de urgentes murmúrios. Dentro, o assoalho era de placas de vinil cinza, salpicado de pêssego e turquesa, e as paredes eram cor de pêssego com rodapés e saneas brancos, que davam ao local uma atmosfera cálida e arejada.

Pararam no vestíbulo, logo depois de atravessar a porta de entrada, enquanto Julie retirava um pente da bolsa e desfazia os nós dos cabelos embaraçados pelo vento. Depois de pararem no balcão de recepção no aconchegante saguão de visitas, seguiram pelo corredor norte para o quarto de Thomas no primeiro andar.

A sua cama era a segunda das duas existentes no quarto, mais próxima das janelas, mas ele não estava na cama nem na sua poltrona. Quando pararam na porta aberta do quarto, ele estava sentado à escrivaninha que pertencia a ele e a seu companheiro de quarto, Derek. Curvado sobre a mesa, usando uma tesoura para cortar uma fotografia de revista, Thomas parecia curiosamente ao mesmo tempo corpulento e frágil, forte e, no entanto, delicado; fisicamente, era robusto, mas mentalmente e emocionalmente era frágil e essa fraqueza interior transparecia, contradizendo a imagem externa de força. Com seu pescoço largo, ombros musculosos, costas amplas, braços proporcionalmente curtos e pernas atarracadas, Thomas tinha uma aparência de gnomo, mas quando se apercebeu da presença deles e voltou a cabeça para ver quem estava ali seu rosto não

apresentava as feições belas e sedutoras de uma criatura de contos de fada; era, ao contrário, o rosto de um cruel destino genético e tragédia biológica.

— Jules! — exclamou, deixando cair a tesoura e a revista, quase derrubando a cadeira em sua pressa de levantar-se. Usava calças *jeans baggy* e uma camisa de flanela de xadrez verde. Parecia dez anos mais novo do que sua verdadeira idade. — Jules, Jules!

Julie soltou a mão de Bobby e entrou no quarto, abrindo os braços para o irmão.

— Olá, querido.

Thomas correu para ela naquele seu jeito desengonçado, como se seus sapatos tivessem salto e sola de ferro que o impedissem de eiguê-los. Embora tivesse vinte anos, dez a menos do que Julie, era dez centímetros mais baixo do que ela, mal atingindo um metro e meio. Nascera com a síndrome de Down, um diagnóstico que mesmo um leigo podia ler em seu rosto: sua fronte era arqueada e pesada; as dobras internas das pálpebras conferiam-lhe um ar oriental; seu nariz era chato; as orelhas eram baixas numa cabeça um pouco pequena demais para estar em proporção com o corpo; o resto de suas feições possuía aqueles contornos pesados, indefinidos, em geral associados a retardamento mental. Embora fosse um semblante delineado mais para expressões de tristeza e solidão, agora desafiava suas linhas naturalmente abatidas e moldavam-se num sorriso surpreendente, um sorriso cálido de puro encantamento.

Julie sempre exercia esse efeito sobre Thomas.

Bolas, ela exercia esse efeito sobre ele próprio, pensou Bobby.

Inclinando-se ligeiramente, Julie atirou os braços em volta do irmão quando ele se aproximou e durante alguns instantes se abraçaram.

— Como vai? — perguntou ela.

— Bem — respondeu Thomas. — Estou bem. — Sua fala era espessa, mas de forma alguma difícil de entender, pois sua língua não era tão deformada quanto a de algumas vítimas da síndrome de Down; era um pouco maior do que deveria ser, mas não proeminente ou com fissuras. — Estou muito bem.

— Onde está Derek?

— Fazendo uma visita. No final do corredor. Ele já vai voltar. Estou muito bem. Você está bem?

— Estou bem, querido. Ótima.

— Eu também estou ótimo. Eu a amo, Jules — disse Thomas feliz, pois na presença de Julie sempre se sentia livre da timidez que

caracterizava seu relacionamento com qualquer outra pessoa. — Eu a amo muito.

— Eu também o amo, Thomas.

— Tive medo que talvez você não viesse.

— Eu não venho sempre?

— Sempre — disse ele. Finalmente afrouxou o abraço em sua irmã e olhou por cima de seu ombro. — Olá, Bobby.

— Olá, Thomas. Você está com boa aparência.

— Estou?

— Quero cair morto se não estiver.

Thomas riu. Para Julie, disse:

— Ele é engraçado.

— Não recebo um abraço também?—perguntou Bobby.—Ou vou ter de ficar aqui com meus braços abertos até que alguém me confunda com um cabideiro?

Hesitando, Thomas afastou-se da irmã. Ele e Bobby abraçaram-se. Após todos aqueles anos, Thomas ainda não se sentia inteiramente à vontade com Bobby, não porque não se dessem bem, mas porque Thomas não gostava muito de mudanças, adaptando-se a elas muito lentamente. Mesmo depois de mais de sete anos, sua irmã estar casada era uma mudança, algo que ainda lhe parecia novo.

Mas ele gosta de mim, pensou Bobby, talvez tanto quanto eu gosto dele.

Gostar de vítimas da síndrome de Down não era difícil, depois que se supera a piedade que no início o distancia delas, porque a maioria delas tinha uma inocência e uma ingenuidade encantadoras e revigorantes. A não ser quando inibidos pela timidez ou constrangimento sobre suas diferenças, eram em geral mais francos, mais sinceros do que outras pessoas, e incapazes dos mesquinhos ardis e intrigas sociais que empana-vam tantos relacionamentos entre pessoas “normais”. No verão anterior, no piquenique do feriado de Quatro de Julho de Cielo Vista, a mãe de um dos outros pacientes dissera a Bobby:

— Às vezes, observando-os, acho que há algo neles, uma delicadeza, uma bondade especial, que está mais próximo de Deus do que qualquer coisa em nós.

Bobby sentiu a verdade daquelas palavras nesse momento, enquanto abraçava Thomas e fitava seu rosto meigo e letárgico.

— Interrompemos uma poesia?—perguntou Julie.

Thomas afastou-se de Bobby e correu para a escrivania, onde Julie olhava a revista de onde ele recortava uma figura quando chegaram.

Ele abriu seu caderno de desenho atual — quatorze outros estavam repletos com suas criações e empilhados numa prateleira de canto, junto à sua cama — e apontou para uma folha dupla, coberta de recortes de revistas colados, arrumados em versos e estrofes, como um poema.

— Isto foi ontem. Terminei ontem—disse Thomas.—Levei muito tempo, e foi difícil, mas agora ele está pronto.

Há quatro ou cinco anos, Thomas decidira que queria ser um poeta como alguém que vira e admirara na televisão. O grau de retardamento mental entre as vítimas da síndrome de Down variava largamente, de brando a severo; Thomas estava um pouco acima da média, mas não possuía a capacidade intelectual de aprender a escrever mais do que seu nome. Isto não o impediu. Pedira papel, cola, um caderno de desenho e pilhas de revistas velhas. Como ele raramente pedia alguma coisa, e como Julie teria removido montanhas para dar-lhe o que quer que pedisse, ele logo estava de posse dos itens de sua lista.

— Todos os tipos de revistas — dissera —, com diferentes figuras bonitas: mas feias também, todos os tipos.

Da *Time*, *Newsweek*, *Life*, *Hot Rod*, *Omni*, *Seventeen* e dezenas de outras publicações, ele retirava gravuras inteiras e partes de figuras, arrumando-as como se fossem palavras, numa série de imagens que diziam alguma coisa importante para ele. Alguns de seus “poemas” tinham apenas cinco imagens e outros envolviam centenas de recortes arrumados em estrofes ordenadas ou, como era mais comum, em versos livremente estruturados que pareciam poemas livres. Julie tomou-lhe o caderno de desenho e foi sentar-se na poltrona junto à janela, onde podia concentrar-se em sua mais nova composição. Thomas permaneceu à escrivaninha, observando-a ansiosamente.

Seus poemas-gravuras não contavam histórias ou possuíam temáticas narrativas identificáveis, mas também não eram meramente punhados de imagens reunidas ao acaso. Uma torre de igreja, um rato, uma mulher bonita num vestido de gala verde-esmeralda, um campo de margaridas, uma lata de rodelas de abacaxi em conserva, uma lua crescente, uma pilha de panquecas com calda escorrendo, rubis cintilando sobre veludo preto, um peixe de boca aberta, uma criança rindo, uma freira rezando, uma

mulher chorando sobre o corpo destroçado de alguém querido em algum longínquo campo de batalha, um monte de salva-vidas, um filhote de cachorro de orelhas abanando, freiras vestidas de preto com toucas brancas engomadas—daquelas e de milhares de outras gravuras em

suas preciosas caixas de recortes, Thomas selecionava os elementos de suas composições. Desde o começo, Bobby identificara uma fantástica **exatidão** em muitos de seus poemas, uma simetria fundamental demais para ser definida, justaposições que eram tanto ingênuas quanto profundas, ritmos tão reais quanto impalpáveis, uma visão pessoal simples de ver, mas misteriosa demais para compreender em qualquer grau significativo. Com o passar dos anos, Bobby vira os poemas se aprimorarem, tomarem-se mais gratificantes, embora os compreendesse tão pouco que não sabia explicar como podia discernir a melhora; sabia apenas que ela estava lá.

Julie ergueu os olhos da página dupla no caderno de desenhos e disse;

— Isto é maravilhoso, Thomas. Faz com que eu tenha vontade de correr lá fora pela grama, ficar sob o céu e talvez até dançar, simplesmente atirar minha cabeça para trás e rir. Me faz feliz de estar viva.

— Sim! — exclamou Thomas, a voz arrastada, batendo palmas.

Ela passou o caderno para Bobby, e ele sentou-se na borda da cama para examiná-lo.

O mais intrigante acerca dos poemas de Thomas era a reação emocional que invariavelmente provocavam. Nenhum deixava o leitor impassível, como um arranjo de imagens selecionadas ao acaso deveria fazer. Às vezes, quando olhava o trabalho de Thomas, Bobby ria alto e, às vezes, ficava tão emocionado que precisava esforçar-se para conter as lágrimas e, às vezes ainda, sentia medo ou tristeza ou pesar ou admiração. Não sabia por que reagia a um determinado poema do modo como o fazia; o efeito sempre desafiava qualquer análise. As composições de Thomas funcionavam em um certo nível primitivo, extraindo reações de uma região da mente muito mais profunda do que o subconsciente.

O último poema não era nenhuma exceção. Bobby sentiu o que Julie sentira; que o mundo era lindo; encantamento com o próprio fato da existência.

Ergueu os olhos do caderno de desenho e viu que Thomas aguardava sua reação tão ansiosamente quanto aguardara a de Julie, talvez um indício de que a opinião de Bobby era tão importante quanto a dela, apesar de ele ainda não merecer uma abraço tão longo e fervoroso quanto Julie.

— Puxa — disse ele, baixinho. — Thomas, este aqui me dá uma sensação tão grande que fico todo arrepiado, os dedos dos meus pés parecem se contrair.

Thomas riu.

Às vezes, Bobby olhava para seu cunhado e sentia que havia dois

Thomas compartilhando aquele mesmo cérebro tristemente deformado. O Thomas número um era débil mental, meigo, mas imbecilizado. O Thomas número dois era tão inteligente quanto qualquer pessoa normal, mas ocupava apenas uma pequena parte do cérebro danificado que compartilhava com o Thomas número um, uma câmara no centro, de onde não possuía nenhuma comunicação direta com o mundo exterior. Todos os pensamentos do Thomas número dois tinham que ser filtrados pela parte do cérebro do Thomas número um, de modo que terminavam não parecendo em nada diferentes dos pensamentos do Thomas número um; portanto, o mundo não podia ter conhecimento de que o Thomas número dois estava lá, pensando e sentindo e inteiramente **vivo**—a não ser através das evidências dos poemas-imagem, a essência dos quais sobrevivia mesmo depois de ter sido filtrada através do Thomas número um.

— Você tem um enorme talento—disse Bobby, sinceramente, quase invejando-o.

Thomas enrubesceu e abaixou os olhos. Levantou-se e rapidamente caminhou no seu arrastar desajeitado até a geladeira que roncava baixinho, junto à porta do banheiro. As refeições eram servidas num refeitório de uso comum, onde podiam ser pedidos lanches, sucos e refrigerantes, mas pacientes com capacidade mental suficiente para manter seus quartos arrumados tinham permissão para ter suas próprias geladeiras estocadas com seus lanches e bebidas prediletos, a fim de encorajar o máximo de independência possível. Thomas pegou três latas de Coke. Deu uma a Bobby, outra a Julie. Com a terceira lata, ele voltou à cadeira da escrivaninha, sentou-se e disse:

— Andaram pegando bandidos?

— Sim, estamos mantendo as cadeias cheias — disse Bobby.

— Contem-me.

Julie inclinou-se para a frente na poltrona, e Thomas arrastou sua cadeira de espaldar reto para mais perto dela, até seus joelhos se tocarem, e ela narrou os pontos altos dos acontecimentos na Decodyne à noite passada. Fez Bobby mais heróico do que ele realmente fora e reduziu um

pouco a importância de sua própria participação, não só por modéstia, mas para não assustar Thomas com uma visão muito clara do perigo em que ela incorrera. Thomas era forte a seu próprio modo; se não fosse, há muito teria se abandonado na cama, de frente para a parede, para nunca mais se levantar. Mas não era forte o suficiente para suportar a perda de

Julie. Ficaria arrasado só de imaginar que ela pudesse estar vulnerável. Assim, ela fez sua temerária corrida e o tiroteio parecerem engraçados, excitantes, mas não realmente perigosos. Sua versão revista dos acontecimentos divertiu Bobby quase tanto quanto Thomas.

Após algum tempo, como sempre, Thomas ficou submerso no que Julie lhe dizia e a história tomou-se mais confusa do que divertida.

— Estou atordoado — disse ele, o que significava que ainda estava 'tentando processar tudo que lhe fora dito e não tinha espaço para mais nada agora. Era fascinado pelo mundo fora de Cielo Vista e em geral ansiava por fazer parte dele, mas ao mesmo tempo achava-o barulhento, ofuscante e colorido demais para ser digerido em mais do que pequenas doses.

Bobby apanhou um dos antigos cadernos de desenho da prateleira e sentou-se na cama, lendo poemas-figuras.

Thomas e Julie permaneceram sentados em suas cadeiras, as latas de Coke de lado, os joelhos encostados, inclinados para a frente e segurando-se as mãos, às vezes fitando-se, às vezes não, apenas juntos, perto um do outro. Julie precisava disso quase tanto quanto Thomas.

A mãe de Julie fora assassinada quando Julie tinha doze anos. Seu pai falecera oito anos antes, dois anos antes de Bobby e Julie se casarem. Tinha apenas vinte anos na época, trabalhando como garçoneiro para conseguir sustentar-se na faculdade e pagar sua metade do aluguel de um apartamento conjugado que compartilhava com outra estudante. Seus pais nunca foram ricos e, embora mantivessem Thomas em casa, o custo de cuidar dele consumira as poucas economias de que dispunham. Quando seu pai morreu, Julie não pôde sustentar um apartamento para ela e Thomas, sem falar no tempo necessário para ajudá-lo a lidar com o ambiente civil, de modo que fora forçada a deixá-lo aos cuidados de uma instituição estadual para crianças mentalmente incapacitadas. Embora Thomas jamais a tenha censurado por isso, ela considerava o fato uma traição ao irmão.

Pretendera formar-se em criminologia, mas abandonou a escola no terceiro ano e fez concurso para a academia de polícia. Trabalhava como delegada havia quatorze meses quando Bobby a conheceu e casou-se com ela; vivia com o mínimo de recursos, seu estilo de vida quase igual ao de uma mendicante, economizando a maior parte do salário na esperança de fazer um pé-de-meia que lhe permitisse comprar uma pequena casa um dia e levar Thomas para viver com ela. Pouco depois de terem se casado, quando Dakota Investigations tomou-se Dakota & Dakota, os dois

levaram Thomas para viver com eles. Mas não tinham horário regular de trabalho e embora algumas vítimas da síndrome de Down fossem capazes de viver com certa independência, Thomas precisava de alguém junto dele todo o tempo. O custo de três turnos diários de companhia qualificada era mais alto do que o custo de cuidados de alto nível numa instituição particular como Cielo Vista; mas eles teriam suportado isso se tivessem conseguido companhias suficientemente confiáveis. Quando se tomou impossível conduzirem seus negócios, ter uma vida privada e tomar conta de Thomas também, levaram-no para Cielo Vista. Era uma clínica das mais confortáveis, mas Julie considerava a decisão uma segunda traição ao irmão. O fato de Thomas sentir-se feliz e até vicejar ali não diminuía o peso de sua culpa.

Uma parte do Sonho, uma parte importante, era ter tempo e recursos financeiros para trazer Thomas para casa outra vez.

Bobby ergueu os olhos do caderno quando Julie disse:

— Thomas, gostaria de sair conosco para passear?

Thomas e Julie ainda seguravam-se as mãos, e Bobby viu as mãos de seu cunhado apertarem as de Julie diante da sugestão de um passeio.

— Poderíamos dar uma volta de carro—disse Julie.—Ir até o mar. Caminhar na praia. Tomar um sorvete. O que acha?

Thomas olhou nervosamente para a janela mais próxima, que emoldurava um pedaço de céu azul límpido, onde gaivotas brancas de vez em quando mergulhavam e rodopiavam em seu vôo.

— Está ruim lá fora.

— Somente um pouco de vento, querido.

— Não estou falando do vento.

— Vai ser divertido.

— Está ruim lá fora—repetiu ele. Mordeu o lábio inferior.

Às vezes, mostrava-se ansioso para aventurar-se no mundo, mas em outras ocasiões recusava a ideia como se o ar fora de Cielo Vista estivesse

impregnado de veneno. Nunca se conseguia demover ou convencer Thomas de seu estado de espírito agorafóbico, e Julie sabia que não devia insistir no assunto.

— Talvez da próxima vez — disse ela.

— Talvez — disse Thomas, olhando para o chão. — Mas hoje está **realmente** ruim. Eu pareço que sinto o perigo um frio em todo o meu corpo.

Durante algum tempo, Bobby e Julie tentaram vários assuntos, mas Thomas se negava a conversar. Não dizia nada, não os olhava nos olhos e

não dava nenhuma indicação de que os ouvisse.

Ficaram sentados em silêncio, até que depois de alguns minutos Thomas disse:

— Não vão embora ainda.

— Não iremos — assegurou-lhe Bobby.

— Só porque não posso falar não significa que quero que vão embora.

— Sabemos disso, garoto — disse Julie.

— Eu preciso de você.

— Eu também preciso de você — disse Julie. Ergueu uma das mãos de dedos grossos de seu irmão e beijou-a.

DEPOIS DE COMPRAR UM BARBEADOR ELÉTRICO NUMA LOJA, FRANK POLLAN) BARBEOU-SE E LAVOU-SE O MELHOR QUE PÔDE NO BANHEIRO DE UM POSTO DE GASOLINA. PAROU NUM *shopping center* e comprou uma mala, roupas de baixo, meias, duas camisas, outro par de *jeans* e mais algumas coisas. No estacionamento do *shopping center*, com o Chevy roubado balançando*se ligeiramente na ventania, ele enfiou as outras compras na mala que comprara. Em seguida, dirigiu-se a um motel em Irvine, onde se registrou com o nome de George Farris, usando um dos documentos de identidade que possuía, fazendo um depósito em dinheiro porque não tinha cartão de crédito. Tinha dinheiro vivo em abundância.

Poderia ter permanecido na região de Laguna; mas achava que devia ficar em um mesmo lugar por muito tempo. Talvez sua precaução se baseasse numa longa experiência. Ou talvez estivesse em fuga havia tanto tempo que se tomara uma criatura em movimento que jamais poderia se sentir realmente tranquila se parasse.

O quarto do motel era grande, limpo e bem decorado. O decorador deixara-se levar pela moda do sudoeste: madeira alvejada, cadeiras de *rattan* com almofadas em tecido nos tons de pêssego e azul-claro, cortinas verdes da cor do mar. Somente o carpete em tons de marrom, evidentemente escolhido por sua capacidade de disfarçar manchas e lugares mais gastos, destruía o efeito; em contraste, a mobília em tom azulado parecia não só se destacar contra o carpete escuro, mas flutuar acima dele, criando ilusões espaciais desconcertantes, até mesmo um pouco sobrenaturais.

Durante a maior parte da tarde Frank ficou sentado na cama, usando uma pilha de travesseiros como recosto. A televisão estava ligada, mas ele não estava assistindo a ela. Em vez disso, vasculhava o buraco negro de seu passado. Por mais que tentasse, ainda não conseguia se lembrar de nada de sua vida antes de acordar naquela viela na noite anterior. Um vulto estranho e extremamente maligno, entretanto, assomava na fronteira de sua lembrança e ele perguntava-se, nervoso, se o esquecimento não seria na verdade uma bênção.

Precisava de ajuda. Considerando a quantidade de dinheiro na bolsa de viagem e seus dois conjuntos de documentos de identidade, suspeitava que não seria prudente buscar ajuda das autoridades. Retirou as Páginas Amarelas de uma das mesinhas-de-cabeceira e examinou a lista de

investigadores particulares. Mas um detetive particular fazia-o lembrar os filmes de Humphrey Bogart, parecendo um anacronismo na época atual. Como um sujeito de sobretudo e um chapéu de abas poderia ajudá-lo a recuperar a memória?

Finalmente, com o vento entoando odes fúnebres na janela, Frank estendeu-se na cama para recuperar um pouco do sono que perdera à noite passada.

Poucas horas mais tarde, apenas uma hora antes do anoitecer, acordou repentinamente, gemendo, arquejando. Seu coração batia violentamente.

Quando se sentou e jogou as pernas para fora da cama, viu que suas mãos estavam úmidas e vermelhas. Sua camisa e a calça *jeans* estavam sujas de sangue. Uma parte, embora certamente não todo, era seu próprio sangue, pois as mãos apresentavam arranhões fundos que sangravam. Seu

rosto ardia e, no banheiro, o espelho revelou dois longos arranhões na face direita, um na face esquerda e um no queixo.

Não conseguia compreender como aquilo podia ter acontecido durante o sono. Se tivesse arranhado a si mesmo em um acesso durante algum sonho estranho — e não se lembrava de nenhum sonho —, ou se alguma outra pessoa o tivesse atacado enquanto dormia, teria acordado no mesmo instante. O que significava que estava acordado quando aquilo acontecera, e depois se deitara na cama novamente e voltara a dormir—e esquecera o [incidente, exatamente como esquecera sua vida anterior àquela noite passada.

Voltou em pânico para o quarto e examinou o outro lado da cama, depois o *closet*. Não sabia ao certo o que procurava. Talvez alguém morto. Nada encontrou.

A ideia de matar alguém o deixava transtornado. Sabia que não tinha coragem de matar, exceto talvez em autodefesa. Então, quem arranhara suas mãos e seu rosto? De quem era aquele sangue?

De volta ao banheiro, despiu as roupas sujas de sangue e enrolou-as bem apertado. Lavou o rosto e as mãos. Comprara um lápis adstringente juntamente com os outros artigos de barbear; usou-o para estancar o sangue dos arranhões.

Quando fitou os próprios olhos no espelho, estavam tão aterrorizados que teve de desviar o olhar.

Frank vestiu roupas limpas e pegou as chaves do carro de cima da cômoda. Tinha medo do que poderia achar no Chevy.

Ao chegar à porta, enquanto girava a maçaneta, percebeu que nem o

batente nem a própria porta estavam sujos de sangue. Se tivesse saído durante a tarde e retomado, com as mãos ensanguentadas, não teria tido a presença de espírito de limpar a porta antes de deitar-se. De qualquer modo, não vira nenhuma toalha ou lenços de papel sujos de sangue com que pudesse ter feito uma limpeza.

Lá fora, o céu estava claro; o sol brilhava a caminho do oeste. As palmeiras do motel estremeciam sob o vento frio e um murmúrio constante emanava delas, pontuado de vez em quando por uma série de estalidos quando os grossos espinhaços das folhas batiam uns nos outros como dentes de madeira.

O passeio de concreto do lado de fora do quarto não estava salpicado de sangue. Não havia nenhum sinal de sangue no interior do carro.

Tampouco nenhum traço de sangue manchara o tapete de borracha do porta-malas.

Ficou parado junto ao porta-malas aberto, estreitando os olhos para o motel e o estacionamento banhados de sol à sua volta. Três portas depois da sua, um homem e uma mulher de vinte e poucos anos tiravam a bagagem de seu Pontiac preto. Outro casal e sua filha andavam apressadamente pelo passeio coberto, aparentemente em direção ao restaurante do motel. Frank percebeu que não poderia ter saído, cometido um assassinato e voltado, coberto de sangue, em plena luz do dia, sem ser visto.

De volta ao quarto, foi para a cama e examinou os lençóis amarranhados. Estavam salpicados de sangue, mas não encharcados como deveriam estar se o ataque — qualquer que fosse sua natureza — tivesse ocorrido ali. Claro, se todo o sangue fosse seu, devia ter-se derramado principalmente na frente da camisa e das calças. Mas ainda assim não conseguia acreditar que houvesse provocado os arranhões em si mesmo enquanto dormia — uma das mãos atacando a outra, ambas atacando o rosto — sem acordar.

Além do mais, fora arranhado por alguém de unhas afiadas. Suas próprias unhas eram rombudas, cortadas até o sabugo.

Ao SUL DE CIELO VISTA Care Home, entre Corona Del Mar e Laguna, Bobby parou o Samurai no canto de um estacionamento numa praia pública. Ele e Julie caminharam até a praia.

O mar tinha um aspecto marmoreado em verde e azul, com finos veios cinza. A água estava escura entre as ondas, mais clara e mais colorida onde as ondas se erguiam e eram parcialmente trespassadas pelos raios do sol baixo e redondo. Numa série de fileiras, as ondas da arrebentação moviam-se em direção à margem, grandes, mas não imensas, com cristas de espuma que o vento arrancava.

Surfistas em trajes impermeáveis pretos levavam suas pranchas para além da arrebentação, buscando pegar uma última onda antes do anoitecer.

Outros, também em roupas impermeáveis, sentavam-se em tomo de grandes recipientes térmicos, tomando bebidas quentes de garrafas térmicas ou diretamente da lata. O dia estava frio demais para tomar sol e, exceto pelos surfistas, a praia estava deserta.

Bobby e Julie caminharam para o sul até encontrar uma pequena elevação bastante longe da água para não serem bonifados. Sentaram-se sobre a relva dura que nascia em alguns pontos do solo arenoso e manchado de sal.

Quando finalmente falou, Julie disse:

— Um lugar como este, com uma vista como esta. Não um lugar l muito grande.

— Não precisa ser grande. Uma sala, um quarto para nós e um para Thomas, talvez um pequeno escritório aconchegante, coberto de livros.

— Não precisamos sequer de uma sala de jantar, mas eu gostaria de uma cozinha grande.

— Sim. Uma cozinha onde se possa realmente viver.

Ela suspirou.

— Música, livros, refeições realmente feitas em casa em vez de comida pronta comprada às pressas, muito tempo para sentar-se na varanda e apreciar a vista e nós três juntos.

Esse era o resto do Sonho: um lugar junto ao mar e, levando uma vida simples, suficiente segurança financeira para se aposentar vinte anos antes.

Uma das coisas que atraía Bobby para Julie — e Julie para ele — era a noção que compartilhavam da brevidade da vida. Todo mundo sabe que a vida é curta demais, é claro, mas a maioria das pessoas afasta

esse pensamento da mente, vivendo como se houvesse infinitos amanhãs. Se a maioria das pessoas não fosse capaz de se enganar a respeito da morte como o faziam, não se importariam tão apaixonadamente com o resultado de um jogo de futebol, com a trama de uma novela, com a berraria dos políticos ou com milhares de outras coisas que na verdade nada significavam quando comparadas com o cair inevitável da noite sem fim que finalmente sobrevinha a todos. Não suportariam perder um minuto na fila de um supermercado e não sofreriam horas na companhia de pessoas tolas ou maçantes. Talvez outro mundo se estendesse depois deste, talvez até mesmo o céu, mas não se podia contar com isso; podia-se contar apenas com a escuridão. Enganar a si mesmo, neste caso, era uma bênção. Nem

Bobby nem Julie eram adeptos da depressão. Ela sabia divertir-se como qualquer um, assim como ele, ainda que nenhum dos dois pudesse comprar a frágil ilusão de imortalidade que servia à maioria das pessoas como uma defesa contra o inimaginável. Sua percepção não se expressava em ansiedade ou depressão, mas numa firme determinação de não desperdiçarem suas vidas numa correria de atividades sem sentido, mas encontrar um modo de financiar muito tempo juntos em seu próprio pequeno e tranquilo canto.

Enquanto seus cabelos castanhos flutuavam ao vento, Julie apertou os olhos na direção do horizonte longínquo, que se enchia de uma luz dourada cor de mel conforme o sol deslizava em sua direção.

— O que assusta Thomas em sair para o mundo exterior são as pessoas, gente demais. Mas ele seria feliz numa casinha junto ao mar, uma praia tranquila, pouca gente. Tenho certeza que seria.

— Vai acontecer—garantiu-lhe Bobby.

— Quando a agência for bastante grande para vender, a costa sul estará cara demais. Mas o norte de Santa Barbara é bonito.

— É uma longa costa — disse Bobby, abraçando-a. — Ainda conseguiremos encontrar um lugar no sul. E teremos tempo para desfrutá-lo. Não vamos viver para sempre, mas somos jovens. Ainda vão se passar muitos anos até chegar a nossa vez.

Mas se lembrou da premonição que o percorrera na cama de manhã, depois de terem feito amor, a sensação de que algo maligno estava lá fora no mundo varrido pelo vento, vindo tirar Julie de junto dele.

O sol atingira o horizonte e começara a desaparecer. A luz dourada rapidamente transformou-se em laranja e em vermelho cor de sangue. O capim e as ervas daninhas mais altas atrás deles farfalhavam ao vento,

e Bobby olhou por cima do ombro para as espirais de areia levantadas pelo vento, que rodopiavam pela rampa entre a praia e o estacionamento, como pálidos fantasmas fugidos de uma sepultura com a aproximação do crepúsculo. Do leste, um muro de noite assomava sobre o mundo. O ar ficara inteiramente enregelado.

CANDY DORMIU O DIA INTEIRO NO QUARTO DA FRENTE QUE UM DIA PERTENCERA A SUA MÃE, RESPIRANDO SEU AROMA ESPECIAL. DUAS OU TRÊS VEZES POR SEMANA, ELE CUIDADOSAMENTE COLOCAVA ALGUMAS GOTAS DE SEU PERFUME FAVORITO—CHANEL N^o 5—EM UM LENÇO BRANCO RENDADO, QUE ELE MANTINHA SOBRE A CÔMODA, AO LADO DO SEU JOGO DE PENTE E ESCOVA DE PRATA, DE MODO QUE A CADA VEZ QUE RESPIRAVA NO QUARTO ELE RECORDAVA-SE DELA. ÀS VEZES, ELE ACORDAVA DO TORPOR DO SONO PARA REARRUMAR OS TRAVESSEIROS OU PUXAR AS COBERTAS MAIS JUNTO AO CORPO E OS VESTÍGIOS DE PERFUME SEMPRE O APAZIGUAVAM COMO UM TRANQUILIZANTE; A CADA VEZ QUE ELE ALEGREMENTE DEIXAVA-SE LEVAR EM SEUS SONHOS.

Dormia de calças de moletom e camiseta porque tinha dificuldade de encontrar um pijama grande o suficiente e porque era muito tímido para dormir nu ou mesmo de cueca. Ficar despido deixava Candy constrangido, mesmo quando não havia ninguém para vê-lo.

Durante toda aquela longa tarde de quinta-feira, o ofuscante sol de inverno inundava o mundo lá fora, mas muito pouco atravessava as cortinas de enrolar com estampa de flores e as cortinas de tecido rosa, que protegiam as duas janelas. As poucas vezes em que acordou e piscou os olhos na escuridão, Candy viu apenas a luminosidade cinza-pérola do espelho da cômoda e o brilho das molduras de prata de fotografias sobre a mesinha-de-cabeceira. Drogado de sono e do perfume recém-aplicado ao lenço, podia facilmente imaginar que sua adorada mãe estava em sua cadeira de balanço, observando-o, e ele se sentia seguro.

Acordou completamente pouco antes do anoitecer e ficou deitado por algum tempo com as mãos cruzadas embaixo da cabeça, fitando a parte inferior do dossel, que se curvava sobre as quatro estacas de suporte; não podia vê-lo, mas sabia que estava lá em sua mente, podia evocar uma vivida imagem de tecido estampado de botões de rosa. Por um momento, pensou na mãe, nos melhores tempos de sua vida, agora terminados, e depois pensou na garota, no rapaz e na mulher que matara na noite anterior-Tentou lembrar-se do gosto do sangue de suas vítimas, mas aquela lembrança não era tão intensa quanto a que envolviam sua mãe.

Após algum tempo, acendeu o abajur e olhou em torno do quarto confortavelmente familiar papel de parede em botões de rosa; colcha estampada em botões de rosa; cortinas de enrolar em botões de rosa; o tecido das cortinas e o carpete cor-de-rosa; cama, cômoda e armário de

mogno escuro. Dois xales de lã — um verde, da cor das folhas de uma roseira, o outro no tom de pétalas—cobriam os braços da cadeira de balanço.

Entrou no banheiro contíguo, trancou e experimentou a porta. A única luz vinha das lâmpadas fluorescentes embutidas acima da pia, pois fazia muito tempo ele havia aplicado tinta preta na janela pequena e alta.

Examinou o rosto no espelho por um instante, porque gostava de sua aparência. Podia ver sua mãe no próprio rosto. Possuía os mesmos cabelos louros, tão claros que quase pareciam brancos e seus olhos azuis cor do mar. Seu rosto era todo de ângulos bruscos e feições fortes, sem nada de sua beleza e suavidade, embora a boca carnuda fosse tão cheia quanto a dela.

Enquanto se despia, evitava olhar para baixo, para si mesmo. Unha orgulho de seus ombros e braços fortes, o peito largo e as pernas musculosas, mas até mesmo um rápido vislumbre de seu sexo fazia-o sentir-se enojado e com um ligeiro mal-estar. Sentou-se na privada para urinar, para não ter que tocar-se. Durante o banho de chuveiro, quando ensaboava a virilha, primeiro vestia uma luva que costurara de duas toalhas de mão, de modo que a pele de sua mão não tivesse de tocar a pecaminosa pele do sexo.

Depois de enxugar-se e vestir-se—meias esportivas, tênis de corrida, conjunto de malha cinza-escuro e uma camisa preta —, ele hesitantemente deixou o abrigo seguro do antigo quarto de sua mãe. Anoitecera, e o corredor do andar superior era fracamente iluminado por duas lâmpadas fracas em um candelabro no teto que estava coberto de uma poeira cinza e sem a metade dos pingentes de cristal. À sua esquerda ficava o topo da escada. À sua direita ficavam o quarto de sua irmã, seu antigo quarto e o outro banheiro, cujas portas estavam abertas; não havia nenhuma luz acesa lá. O assoalho de carvalho rangeu, e a passadeira puída pouco adiantava para amortecer seus passos. Às vezes achava que devia mandar fazer uma limpeza completa na casa, talvez mesmo instalar carpetes novos e dar uma pintura; entretanto, embora mantivesse o quarto de sua mãe imaculado e em perfeito estado, não se sentia motivado a gastar tempo e dinheiro no resto da casa, e suas irmãs tinham pouco interesse — ou talento — para tarefas domésticas.

Uma agitação de passos leves alertou-o para a aproximação dos gatos e ele parou perto da escada, com receio de pisar em uma das patas ou rabos quando entrassem correndo no corredor do andar de cima. Um instante depois eles surgiram em bando no último degrau e amontoaram-

se ao seu redor: vinte e seis ao todo, se a sua contagem mais recente já não estivesse defasada. Onze eram pretos, vários outros eram marrom-escuros, mar-rom-claros e cinza-escuros, dois eram de um dourado escuro e apenas um era branco. Violet e Verbina, suas irmãs, preferiam gatos escuros, quanto mais escuro, melhor.

Os animais rodearam-no, pisando em seus pés, esfregando-se em suas pernas, enrolando a cauda em seus tornozelos. Entre eles, havia dois angorás, um abissíni, um gato sem cauda da ilha de Manx, um maltês e um malhado, mas a maioria era vira-lata, sem nenhuma linhagem definível. Alguns tinham olhos verdes, alguns amarelos, outros cinza-prateados, outros ainda azuis e todos eles olhavam-no com grande interesse. Nenhum deles ronronava ou miava; sua inspeção era conduzida no mais absoluto silêncio.

Candy não gostava muito de gatos, mas tolerava-os não só porque pertenciam a suas irmãs, mas porque, de certo modo, eram virtualmente uma extensão de Violet e Verbina. Feri-los, falar-lhes rispidamente, seria o mesmo que atacar suas irmãs, o que jamais faria porque sua mãe, à beira da morte, dissera-lhe que cuidasse e protegesse as meninas.

Em menos de um minuto, os gatos cumpriram sua missão e, quase simultaneamente, afastaram-se dele. Com muita agitação de caudas, flexão de músculos felinos e eriçamento dos pêlos, deslizaram como um único animal em direção ao topo das escadas e desceram.

Quando ele pisou no primeiro degrau, os gatos chegavam ao patamar e viravam, desaparecendo de sua vista. Ele desceu para o corredor térreo, e os gatos haviam ido embora. Passou pela sala escura e cheirando a bolor. O odor de mofo desprendia-se do escritório, onde as prateleiras estavam repletas dos romances embolorados de que sua mãe tanto gostava e, quando passou pela sala de jantar fracamente iluminada, a sujeira no chão rangeu sob seus pés.

Violet e Verbina estavam na cozinha. Eram gêmeas idênticas. Igualmente loiras, com a mesma pele clara e perfeita, com os mesmos olhos azuis-porcelana, sobrancelhas suaves, maçãs do rosto altas, nariz reto com

narinas delicadamente esculpidas, lábios naturalmente vermelhos sem batom e dentes pequenos e regulares tão brancos quanto os dos seus gatos.

Candy tentava gostar de suas irmãs, mas não conseguia. Por sua mãe, ele não podia detestá-las, de modo que permanecia neutro, dividindo a casa com elas, mas não como uma verdadeira família o faria. Elas eram magras

demais, pensou, de aspecto frágil, quase fraco, e demasiadamente pálidas, como criaturas que raramente viam o sol—que realmente quase nunca as aquecia, já que raramente saíam. Suas mãos delgadas eram bem-cuidadas, pois se cuidavam tão frequentemente quanto se também fossem gatos; mas, para Candy, seus dedos pareciam excessivamente longos, singularmente flexíveis e ágeis. Sua mãe era corpulenta, de feições fortes e cores saudáveis, e Candy sempre se perguntava como uma mulher tão cheia de vida podia ter gerado aquela pálida dupla.

As gêmeas haviam empilhado cobertores de algodão, seis ao todo, num canto da enorme cozinha, para formar uma ampla área onde os gatos pudessem deitar-se confortavelmente, embora a forração fosse na verdade para Violet e Verbina, para que pudessem sentar-se no chão entre os gatos durante horas a fio. Quando Candy entrou no aposento, elas estavam sobre os cobertores, com gatos a toda a volta e em seus colos. Violet lixava as unhas de Verbina. Nenhuma das duas ergueu os olhos, embora naturalmente já o tivessem saudado através dos gatos. Verbina jamais pronunciara uma palavra que Candy tivesse ouvido, nunca em todos os seus 25 anos — as gêmeas eram quatro anos mais novas do que ele —> mas ele não sabia se ela não podia falar, se meramente não queria falar ou se se sentia acanhada de falar em sua presença. Violet era quase tão silenciosa quanto sua irmã, mas falava quando necessário; aparentemente, no momento, nada tinha a dizer.

Ele parou junto à geladeira, observando-as enquanto se debruçavam sobre a pálida mão direita de Verbina, manicurando-a, e achou que era injusto em seu julgamento. Outros homens deviam achá-las atraentes de um modo estranho. Embora, para ele, parecessem ter os membros magros demais, outros homens podiam achá-los macios e eróticos, como as pernas de dançarinas e os braços de acrobatas. Tinham a pele branca como leite e seios fartos. Como ele era abençoadamente isento de interesse sexual, não estava qualificado para julgar seu encanto.

Normalmente usavam o mínimo de roupas possível, o mínimo que ele poderia tolerar sem ordenar que fossem vestir mais roupas. Mantinham

a casa excessivamente quente no inverno e, em geral, vestiam-se—como agora — com camisetas e **shorts** curtos ou calcinhas, descalças e sem nenhum agasalho. Somente o quarto de sua mãe, que agora era seu, era mantido a uma temperatura mais baixa, porque ele fechara os respiradouros. Sem sua presença exigindo um grau maior de recato, elas andariam pela casa inteiramente nuas.

Preguiçosamente, Violet lixava a unha do polegar de Verbina e ambas

fitavam-na tão intensamente como se o significado da vida pudesse ser lido na curva da meia-lua ou no arco da própria unha.

Candy assaltou a geladeira, retirando um naco de presunto em lata, um pacote de queijo suíço, mostarda, picles e uma caixa de leite. Pegou pão em um dos armários e sentou-se numa cadeira de espaldar de ripas à mesa amarelada pelo tempo.

A mesa, cadeiras, armários e o madeiramento um dia haviam sido imaculadamente brancos, mas não eram pintados desde pouco antes da morte de sua mãe. Agora eram de um branco amarelado, branco-acinzen-tado nos cantos e nas emendas, trincado pelo tempo. O papel de parede estampado de margaridas estava manchado e, em diversos lugares, sol-tando-se nas emendas, e as cortinas de *chintz* pendiam molemente de gordura e poeira.

Candy preparou e degustou dois generosos sanduíches de presunto e queijo. Bebeu o leite diretamente da embalagem.

De repente, todos os 26 gatos, que se espreguiçavam languidamente em tomo das gêmeas, saltaram simultaneamente, dirigiram-se à portinhola para animais na base da larga porta da cozinha e saíram em ordem. Hora de fazerem a toalete, evidentemente. Violet e Verbina não queriam caixas malcheirosas na casa.

Candy cerrou os olhos e tomou um longo gole de leite. Preferia-o à temperatura ambiente ou mesmo ligeiramente momo. Lembrava vagamente o gosto de sangue, embora não fosse tão pungente; seria mais como sangue se não estivesse gelado.

Dentro de poucos minutos, os gatos retomaram. Agora, Verbina estava deitada de costas, a cabeça apoiada num travesseiro, os olhos fechados, os lábios movendo-se como se falasse consigo mesma, embora não emitisse nenhum som. Estendia sua outra delgada mão para que a irmã pudesse meticulosamente lixar aquelas unhas também. Mantinha as longas pernas separadas, e Candy podia ver entre suas coxas lisas. Usava apenas uma camiseta e uma fina calcinha cor de pêssego que delineava mais do que ocultava a fenda de seu sexo. Os gatos silenciosos dirigiram-se em bando para ela, cobriram-na como um manto, mais preocupados com o decoro do que ela, e olharam para Candy acusadoramente, como se soubessem que ele andara olhando-a.

Ele abaixou os olhos e examinou os farelos de pão sobre a mesa.

Violet disse:

— Frankie esteve aqui.

No começo, ficou mais surpreso com o fato de ela ter falado do que com

o que dissera. Em seguida, o significado daquelas três palavras repercutiram através dele como se fosse um gongo de bronze atingido por uma marreta. Eigueu-se tão bruscamente que derrubou a cadeira.

— Ele esteve aqui? Aqui em casa?

Nem os gatos nem Veibina encolheram-se ao estrondo da cadeira ou ao tom agudo de sua voz. Continuavam deitados, sonolentos, indiferentes.

— Lá fora — disse Violet, ainda sentada no chão ao lado da irmã recostada, trabalhando nas unhas da gêmea. Tinha uma voz baixa, quase sussurrante. — Observando a casa do muro de pitangueiras.

Candy olhou para a noite do outro lado das janelas.

— Quando?

— Por volta das quatro horas.

— Por que não me acordou?

— Ele não se demorou. Nunca se demora. Um ou dois minutos, depois vai embora. Ele está com medo?

— Você o viu?

— Sabia que ele estava lá.

— Não tentou impedi-lo de ir embora?

— Como poderia? — Parecia irritada agora, mas a voz mantinha o mesmo timbre sedutor. — No entanto, os gatos o perseguiram.

— Feriram-no?

— Um pouco. Nada demais. Mas ele matou Samantha.

— Quem?

— Nossa pobre gatinha. Samantha.

Candy não sabia os nomes dos gatos. Sempre pareceram ser não um bando, mas uma única criatura, em geral movendo-se em bloco, aparentemente pensando em bloco.

— Ele matou Samantha. Estraçalhou sua cabeça contra uma das pilastras de pedra no final do caminho. — Final mente, Violet ergueu os olhos, afastando-os da mão da irmã. Seus olhos pareciam de um azul mais pálido do que antes, glaciais. — Quero que o fira, Candy. Quero que o machuque muito, do mesmo modo como machucou nosso gato. Não me importa que seja nosso irmão.

— Ele não é mais nosso irmão, não depois do que fez—disse Candy, furioso.

— Quero que faça com ele o que ele fez com nossa pobre Samantha. Quero que o estraçalhe, Candy, quero que esmague sua cabeça, quebre seu crânio até os miolos saírem. — Continuou a falar baixinho, mas ele estava

concentrado em suas palavras. Às vezes, como agora, quando sua voz era até mais sensual do que o normal, parecia não só brincar em seus ouvidos, mas penetrar em sua cabeça, onde se depositava suavemente em seu cérebro, como uma neblina, um nevoeiro.—Quero que bata na cabeça dele, dilacere-o até ele se transformar num monte de ossos quebrados e entranhas dilaceradas, e quero que arranque seus olhos. Quero que ele se arrependa de ter ferido Samantha.

Candy estremeceu.

— Se eu puser as mãos nele, eu o matarei, sem dúvida, mas não pelo que ele fez ao seu gato. Mas pelo que ele fez à nossa **mãe**. Não se lembra do que ele fez a **ela**? Como pode se preocupar em se vingar por causa de um gato quando ainda não o fizemos pagar pelo que fez a nossa mãe, após sete longos anos?

Ela pareceu abalada, desviou o rosto e calou-se.

Os gatos saíram de cima do corpo recostado de Verbina.

Violet estendeu-se quase em cima da irmã. Deitou a cabeça sobre os seios de Veibina. Suas pernas nuas entrelaçaram-se.

Desprendendo-se parcialmente de seu estado de transe, Verbina acariciou os cabelos sedosos da irmã.

Os gatos retomaram e aconchegaram-se contra as gêmeas onde houvesse um canto tépido para se acomodarem.

— Frank esteve aqui — disse Candy em voz alta, mas basicamente **W** para si mesmo, e cerrou as mãos em punho.

Uma fúria cresceu dentro dele, como um pequeno redemoinho de vento distante no mar, mas prestes a se transformar num furacão. Entretanto, a raiva era uma emoção à qual ele não se atrevia a sucumbir. Unha de se controlar. Uma torrente de ódio iria fecundar as sementes de sua

tenebrosa necessidade. Sua mãe aprovaria a morte de Frank, pois Frank traía sua família; sua morte beneficiaria a família. Mas se Candy deixasse a raiva que sentia de seu irmão avolumar-se a uma torrente de ódio, e depois não conseguisse encontrar Frank, iria ter de matar outra pessoa, porque a necessidade seria grande demais para ser contida. Sua mãe, no céu, sentiria vergonha dele e, durante algum tempo, virar-lhe-ia o rosto e negaria que jamais tivesse sido sua mãe.

Eiguendo os olhos para o teto, para o céu fora do alcance da vista e o lugar no reino de Deus onde sua mãe se encontrava, Candy disse:

— Vou ficar bem. Não perderei o controle. Não o farei.

Afastou-se de suas irmãs e dos gatos e saiu para ver se havia qualquer pista de Frank junto à cerca viva ou na pilastra onde ele matara Samantha.

BOBBY E JULIE JANTARAM NO OZZIE’S, EM ORANGE, DEPOIS PASSARAM AO BAR CONTÍGUO. A MÚSICA ERA PROVIDA POR EDDIE DAY, QUE TINHA UMA VOZ MACIA, AVELUDADA; TOCAVA MÚSICA CONTEMPORÂNEA, MAS TAMBÉM MELODIAS DOS ANOS 50 E COMEÇO DOS ANOS 60. NÃO ERA A GRANDE ORQUESTRA, MAS ALGUMA COISA DO COMEÇO DO *rock-and-roll*, tinha um balanço de suíngue. Podiam embalar-se ao som de músicas como “Dream Lover”, dançar rumba com “La Bamba” e cha-cha-cha com qualquer *dance music* que se intrometia no repertório de Eddie, de modo que se divertiram a valer.

Sempre que possível, Julie gostava de dançar depois de visitar Thomas em Cielo Vista. No embalo da música, marcando o ritmo, concentrada nos passos da dança, podia tirar tudo o mais da mente — mesmo a culpa, mesmo a tristeza. Nada a liberava tão completamente. Bobby também gostava de dançar, especialmente suíngue. Puxar um de encontro ao outro, afastar-se, trocar de lugar, roçar um no outro, bater a coxa, juntar outra vez, afastar-se, trocar de lugar segurando-se as mãos, voltar à posição inicial. A música acalma, mas a dança tem o poder de encher o coração de alegria e anestesiar as partes feridas.

Durante o intervalo dos músicos, Bobby e Julie bebericaram uma cerveja numa mesa junto à pista de dança. Falavam de tudo, exceto de Thomas e eventualmente voltaram ao tema do Sonho—especificamente, como mobiliar o bangalô à beira-mar se conseguissem comprá-lo. Embora não pretendessem gastar uma fortuna em mobília, concordaram que poderiam se dar ao luxo de duas peças da era do suíngue: talvez um armário de bronze e mármore *art déco* de Emile-Jacques Ruhlmann e *definitivamente* uma vitrola automática Wurlitzer.

— O modelo 950—disse Julie.—Era fantástico. Tubos com bolhas. Gazelas saltitantes nos painéis frontais.

— Foram fabricadas menos de quatro mil. Culpa de Hitler. Wurlitzer reestruturou-se para a produção de guerra. O modelo 500 é bonito também ou o 700.

— Bonitos, mas não são o 950.

— Nem *tão caros* quanto o 950.

— Está contando centavos quando estamos falando do máximo em beleza?

Ele disse:

— O máximo em beleza é o Wurlitzer 950?

— Claro. O que mais seria?

— Para mim, você é o máximo em beleza.

— Que encantador — disse ela. — Mas ainda quero o 950.

— Para você, o máximo em beleza não sou eu? — Bateu as pestanas.

— Para mim, você é apenas um homem difícil que não quer me deixar comprar meu Wurlitzer 950 — disse ela, divertindo-se com o jogo.

— Que tal um Seeburg? A Packard Pla-mor? Certo. Um Rock-ola?

— Rock-ola fez lindas vitrolas automáticas — concordou ela.

— Compraremos uma dessas e a Wurlitzer 950.

— Você vai gastar nosso dinheiro como um marujo bêbado.

— Nasci para ser rica. A cegonha se confundiu. Não me entregou aos Rockefellers.

— Não gostaria de poder botar as mãos nessa cegonha agora?

— Já a peguei há muitos anos. Cozinhei-a e comi na ceia de Natal. Deliciosa, mas ainda queria ser uma Rockefeller.

— Feliz? — perguntou Bobby.

— Delirante. E não é por causa da cerveja. Não sei por que, mas esta noite sinto-me como há muito não me sentia. Acho que vamos conseguir o que queremos, Bobby. Acho que vamos nos aposentar cedo e viver uma vida longa e feliz à beira-mar.

O sorriso dele definhou enquanto ela falava. Agora, tinha uma expressão sisuda.

Ela perguntou:

— O que há com você, Jururu?

— Nada.

— Não brinque comigo. Você esteve meio estranho o dia inteiro. Tentou me esconder, mas está cismado com alguma coisa.

Ele tomou um pequeno gole de sua cerveja. Em seguida, falou:

— Bem, você está com essa sensação boa de que tudo vai dar certo, mas eu tenho um mau pressentimento.

— Você? O Sr. Tudo Azul?

Ele ainda tinha o cenho franzido.

— Talvez você devesse restringir-se ao trabalho administrativo por um tempo, ficar longe da linha de fogo.

— Porquê?

— Meu mau pressentimento.

— E qual é?

— Que eu vou perder você.

— Huh, experimente.

COM SEU BASTÃO INVISÍVEL, O VENTO CONDUZIA UM CORO DE VOZES SUSSURRANTES AO LONGO DA CERCA VIVA. AS DENSAS PITANGUEIRAS FORMAVAM UM MURO DE MAIS DE DOIS METROS DE ALTURA EM VOLTA DOS TRÊS LADOS DA PROPRIEDADE DE UM HECTARE E ESTARIAM MAIS ALTAS DO QUE A PRÓPRIA CASA SE CANDY NÃO USASSE A MÁQUINA PARA PODAR SEUS TOPOS UMAS DUAS VEZES POR ANO.

Ele abriu o portão de ferro, da altura de sua cintura, entre as duas pilastras de pedra, e saiu para o acostamento de cascalho da estrada rural. À sua esquerda, a estrada asfaltada, de duas pistas, enredava-se pelas colinas por mais uns três quilômetros. À sua direita, ela descia bruscamente em direção à costa distante, passando por casas em lotes cada vez menores, à medida que se aproximavam da beira-mar, até transformarem-se, na cidade, em um décimo do tamanho da propriedade dos Pollards. À medida que o terreno descia em direção oeste, as luzes aglomeravam-se numa concentração cada vez maior—e, então, paravam repentinamente, a alguns quilômetros de distância, como diante de uma muralha negra; esta muralha era o céu noturno e a extensão não iluminada do mar frio e profundo.

Candy caminhou ao longo da cerca viva alta, até sentir que chegara ao lugar onde Frank estivera. Ergueu as mãos enormes, deixando as folhas agitadas pelo vento tremularem contra suas palmas, como se a folhagem pudesse lhe transmitir algum resíduo físico da breve visita de seu irmão. Nada.

Apartando os galhos, ele espreitou a casa, que parecia maior à noite do que realmente era, como se tivesse dezoito ou vinte cômodos, em vez de dez. As janelas da frente estavam às escuras; na lateral, mais ao fundo, onde a luz filtrava-se através de cortinas de chintz encardidas, havia uma janela da cozinha recortada por uma claridade amarela. A não ser por aquela única luz, a casa poderia parecer abandonada. Alguns dos ornamentos vitorianos haviam lascado e se soltado das bordas do telhado. O telhado da varanda estava cedendo, alguns balaústres do parapeito estavam quebrados e alguns degraus da entrada estavam abaulados. Mesmo à luz fraca da lua crescente ainda baixa no céu, podia ver que a casa precisava de pintura; via-se a madeira nua, como vislumbres de osso escuro, em muitos pontos e a pintura remanescente ou estava descascando ou tão transparente quanto a pele de um albino.

Candy tentou colocar-se na mente de Frank, para imaginar por que

Frank sempre voltava. Frank tinha medo de Candy e havia razões para isso. Unha medo de suas irmãs também e de todas as lembranças que guardava daquela casa, de modo que deveria manter-se longe dali. Mas frequentemente insinuava-se de volta, em busca de alguma coisa—talvez algo que nem ele mesmo compreendesse.

Frustrado, Candy soltou os galhos de árvore, refez o caminho de volta ao longo do muro de pitangueiras e parou junto a uma das pilastras do portão, depois junto à outra, em busca do lugar onde Frank havia espantado os gatos e esmagado a cabeça de Samantha. Embora bem mais ameno

agora do que antes o vento ainda assim havia secado o sangue que manchara as pedras, e a escuridão ocultava os resíduos. Mesmo assim, Candy tinha certeza de que podia descobrir o local do massacre. Com extremo cuidado, tocou na pilastra em cima e embaixo, nos quatro lados, com se esperasse que uma parte dela estivesse quente o suficiente para queimar sua pele. Mas, embora tivesse pacientemente percorrido os contornos das pedras ásperas e das emendas de cimento, já se passara tempo demais; nem mesmo seus talentos excepcionais podiam extrair dali a aura remanescente de seu irmão.

Caminhou apressado pelo passeio rachado e desnivelado, fugindo da noite fria novamente para a casa sufocantemente aquecida, entrou na cozinha, onde suas irmãs estavam sentadas nos cobertores no canto dos gatos. Verbina estava atrás de Violet, um pente em uma das mãos e uma escova na outra, penteando os cabelos louros da irmã.

Candy disse:

— Onde está Samantha?

Inclinando a cabeça, erguendo os olhos para ele perplexa, Violet disse:

— Eu lhe disse. Morta.

— Onde está o *corpo*!

— Aqui — disse Violet, fazendo um gesto largo com as mãos para indicar os felinos inertes, estirados ou enroscados à sua volta.

— Qual?—perguntou Candy. Metade das criaturas estava tão quieta que qualquer uma delas poderia ser a morta.

— Todos — disse Violet — Todos eles agora são Samantha.

Candy temia isso. Cada vez que um dos gatos morria, as gêmeas reuniam o resto do bando num círculo, colocavam o corpo no centro e sem falar ordenavam aos vivos que partilhassem do morto.

— Droga — disse Candy.

— Samantha ainda vive, ainda é parte de nós — disse Violet. Sua voz era

tão baixa e sussurrante quanto antes, porém mais sonhadora do que o normal.—Nenhuma de nós gatas realmente vai embora. Parte dele ou dela permanece em cada um de nós e ficamos mais fortes por causa disso, mais fortes e mais puros, e sempre juntos, sempre e para sempre.

Candy não perguntou se as irmãs haviam compartilhado do banquete, pois já sabia a resposta. Violet lambeu o canto da boca, como se recordasse o gosto e seus lábios úmidos brilharam; um instante depois, a língua de Verbina também umedeceu os lábios.

Às vezes, Candy achava que as gêmeas faziam parte de uma espécie inteiramente diferente da sua, pois raramente conseguia sondar suas atitudes e comportamento. E quando olhavam para ele — Verbina, em perpétuo silêncio —, seus rostos e olhos nada revelavam de seus pensamentos ou sentimentos; eram tão inescrutáveis quanto os gatos.

Compreendia apenas vagamente a ligação das gêmeas com os gatos. Era a dádiva de sua abençoada mãe para elas assim como seus muitos talentos eram um generoso legado de sua mãe para ele, de modo que não questionava a sanidade ou a razão do fato.

Ainda assim, teve vontade de esbofetear Violet por não ter guardado o corpo para ele. Ela sabia que Frank o tocara, que poderia ser útil a Candy, mas ela não o guardara até ele acordar, não o acordara antes. Tinha vontade de espancá-la, mas ela era sua irmã e ele não podia machucar suas irmãs; tinha de tomar conta delas, protegê-las. Sua mãe o observava.

— E as partes que não puderam ser comidas? — perguntou ele.

Violet fez um gesto em direção à porta da cozinha.

Ele acendeu a luz externa e saiu para a varanda dos fundos. Pequenas juntas de ossos e vértebras espalhavam-se como dados de formas estranhas nas tábuas nuas do assoalho. Apenas dois lados da varanda eram abertos; a casa formava um ângulo em tomo dos outros dois lados e, no canto onde as duas paredes se encontravam, Candy encontrou parte da cauda e tufo de pêlo, enfurnados ali pelo vento da noite. O crânio semi-esmagado estava no primeiro degrau. Apanhou-o e desceu para a grama crescida.

O vento, que estivera declinando desde o final da tarde, de repente parou completamente. O ar frio poderia transportar o menor som a uma grande distância; mas a noite estava imersa em silêncio.

Em geral, Candy podia tocar um objeto e ver quem o manuseara recentemente antes dele. Às vezes, conseguia até ver onde algumas das pessoas haviam ido depois de abandonar o objeto e, quando saía à sua procura, sempre as encontrava aonde sua clarividência o conduzia.

Frank matara o gato, e Candy esperava que o contato com os restos iriam detonar uma visão interna que o recolocaria no rastro de seu irmão outra vez.

Não restava nenhum fragmento de carne sobre o crânio quebrado de Samantha, e seu interior também havia sido esvaziado. Limpa, lambida

até ficar lisa, seca pelo vento, poderia ser o pedaço de um fóssil de uma era distante. A mente de Candy não estava repleta de imagens de Frank, mas de outros gatos, Verbina e Violet, e finalmente ele atirou longe o crânio destruído, frustrado.

A frustração atçou sua raiva. Sentiu a necessidade crescendo dentro dele. Não ousava deixar a necessidade expandir-se mas resistir era infinitamente mais difícil do que resistir aos encantos de mulheres e outros pecados. Ele *odiava* Frank. Odiava-o tanto, tão profundamente, odiara-o tanto por sete anos, que não podia suportar a ideia de que perdera uma oportunidade de destruí-lo.

Desejo...

Caiu de joelhos na grama cheia de mato. Cerrou os punhos, curvou os ombros e cerrou os dentes, tentando transformar-se numa rocha, uma massa tão imóvel que não poderia ser removida nem um centímetro pela mais urgente necessidade, nem um fio de cabelo nem mesmo pelo desejo mais avassalador, a ânsia mais extrema, a vontade mais ardente. Rezou para que sua mãe lhe desse forças. O vento recomeçou a soprar, e ele achou que era um vento maligno que iria levá-lo em direção à tentação, de modo que se jogou para a frente no chão e cravou os dedos na terra, repetindo o nome sagrado de sua mãe — Roselle —, murmurando seu nome furiosamente para dentro da terra e da poeira, sem parar, desesperado para apaziguar a germinação de sua sombria necessidade. Então, ele chorou. Em seguida, levantou-se. E foi caçar.

21

FRANK FOI AO CINEMA E ASSISTIU A UM FILME, MAS NÃO CONSEGUIU SE CONCENTRAR NA HISTÓRIA. JANTOU NO EL TORITO, EMBORA NÃO TIVESSE SENTIDO O GOSTO DA COMIDA; APENAS ENGOLIU AS *enchiladas* com arroz como se alimentasse uma fornalha com lenha. Por umas duas horas vagou de carro sem rumo, para cima e para baixo, pelo centro e pelo extremo sul de Orange County, mantendo-se na estrada apenas porque, por enquanto, se sentia mais seguro em movimento. Finalmente, retomou ao motel.

Continuou a vasculhar a muralha negra em sua mente, atrás da qual toda a sua vida se escondia. Diligentemente, buscou a menor fresta através da qual pudesse vislumbrar alguma lembrança. Se conseguisse encontrar uma rachadura, tinha certeza que toda a fachada de amnésia ruiria. Mas a barreira era lisa e sem nenhuma imperfeição.

Quando apagou as luzes, não conseguiu dormir.

O vento Santa Ana havia amainado. Não podia atribuir sua insônia ao barulho do vento.

Embora a quantidade de sangue nos lençóis fosse mínima e embora houvesse secado desde que ele acordara de seu breve sono horas antes, resolveu que a simples ideia de dormir em lençóis manchados de sangue estava impedindo-o de adormecer. Acendeu um abajur, removeu as roupas de cama, aumentou o aquecimento, estendeu-se na cama no escuro outra vez e tentou dormir sem coberta. Em vão.

Disse a si mesmo que sua amnésia — e a consequente solidão e sensação de isolamento — é que o impedia de dormir. Embora houvesse alguma verdade nisso, sabia que estava enganando-se.

A verdadeira razão pela qual não conseguia dormir era medo. Medo de onde pudesse ir enquanto estivesse sonâmbulo. Medo do que pudesse fazer. Medo do que pudesse encontrar em suas mãos quando acordasse.

DEREK DORMIA. NA OUTRA CAMA. RONCANDO BAIXINHO.

Thomas não conseguiu dormir. Levantou-se e ficou parado junto à janela, olhando para fora. A lua desaparecera. A escuridão era imensa.

Ele não gostava da noite. Assustava-o. Gostava da luz do sol e flores coloridas e grama verde e céu azul por toda parte, de modo que parecia haver uma tampa sobre o mundo, mantendo todas as coisas aqui embaixo no solo e em seus lugares. À noite todas as cores desapareciam e o mundo ficava vazio, como se alguém retirasse a tampa e deixasse entrar um grande vazio e, erguendo os olhos para todo aquele vácuo, tinha-se a sensação de que também se poderia desaparecer como as cores, flutuar para cima e para longe, para fora do mundo, e então, pela manhã, quando recolocassem a tampa, você não estaria ali, estaria lá fora em algum lugar e jamais poderia retomar. Jamais.

Colocou as pontas dos dedos contra a vidraça. O vidro estava frio.

Gostaria de poder dormir a noite inteira. Geralmente dormia bem. Não esta noite.

Estava preocupado com Julie. Sempre se preocupava um pouco com ela. Um irmão sempre se preocupa. Mas o que estava sentindo não era uma ligeira preocupação. Era uma preocupação muito grande.

Começara naquela manhã. Uma sensação engraçada. Não de fazer rir. Engraçada por ser estranha. Engraçada por ser assustadora. Alguma coisa muito mim iria acontecer a Julie, dizia a sensação. Thomas ficou tão perturbado, tentou avisá-la. Transmitiu-lhe um aviso como uma transmissão de tevê. Diziam que as imagens, vozes e música na televisão eram enviadas pelo ar, o que ele no começo achou que era mentira, que estavam zombando dele por ser retardado, esperando que acreditasse em *qualquer coisa*, mas depois Julie disse que era verdade, de modo que às vezes ele tentava televisionar-lhe seus pensamentos, porque se era possível enviar imagens, música e vozes pelo ar, pensamentos devia ser fácil. *Tenha cuidado, Julie*, transmitiu. *Fique atenta, seja cuidadosa, algo muito ruim vai acontecer.*

Em geral, quando sentia alguma coisa em relação a alguém, esse alguém era Julie. Sabia quando ela estava feliz. Ou triste. Quando estava doente, ele às vezes encolhia-se em sua própria cama e colocava a mão sobre o próprio ventre. Sempre sabia quando ela viria visitá-lo.

Tinha pressentimentos a respeito de Bobby também. Não no começo.

Quando Julie trouxe Bobby pela primeira vez, Thomas nada sentiu. Mas aos poucos passou a sentir alguma coisa. Até que agora sentia quase tanto a respeito de Bobby quanto sentia a respeito de Julie.

Tinha pressentimentos sobre outras pessoas também. Como Derek. Como Gína, outra garota com síndrome de Down na clínica. E em relação a algumas das assistentes e uma das enfermeiras. Mas não sentia tanto a respeito deles como sentia em relação a Bobby e Julie. Imaginava que quanto mais amava alguém, mais sentia — mais *sabia* coisas — 'sobre eles.

Às vezes, quando Julie estava preocupada com ele, Thomas queria muito dizer-lhe que sabia como se sentia e que ele estava bem. Porque apenas o fato de saber que ele compreendia iria fazê-la sentir-se melhor. Mas não tinha palavras. Não conseguia explicar como e por que ele às vezes sentia os sentimentos dos outros. E não queria tentar explicarlhes a respeito porque tinha medo de parecer idiota.

Ele *era* idiota. Sabia disso. Não tanto quanto Derek, que era muito bom, bom companheiro de quarto, mas que era realmente retardado. Eles às vezes diziam “retardado” em vez de “idiota” quando falavam na frente deles. Julie nunca o dizia. Bobby tampouco. Mas algumas pessoas diziam “retardado” e achavam que não compreendíamos. Ele compreendia. Tinha palavras mais imponentes também e ele realmente não as compreendia, mas certamente compreendia “retardado”. Não *queria* ser estúpido, ninguém lhe deu escolha, e ele às vezes televisionava uma mensagem a Deus, pedindo-Lhe para não ser mais idiota, mas ou Deus queria que ele continuasse idiota sempre e para sempre — mas por quê? — ou Deus simplesmente não recebia as mensagens.

Julie também não recebia as mensagens. Thomas sempre sabia quando ele conseguia se comunicar com alguém através de um pensamento televisado. Nunca alcançava Julie.

Mas às vezes conseguia comunicar-se com Bobby, o que era engraçado. Não engraçado de dar risada. Estranhamente engraçado. Interessantemente engraçado. Quando Thomas enviava um pensamento a Julie, às vezes era Bobby quem o captava. Como nesta manhã. Quando televisionara uma mensagem a Julie.

— *Algo de ruim vai acontecer, Julie, algo realmente ruim está a caminho...*

Bobby a captara. Talvez porque ambos, Thomas e Bobby, amassem Julie. Thomas não sabia. Não conseguia compreender. Mas certamente aconteceu. Bobby sintonizou.

Agora Thomas se postava à janela, de pijamas, fitava a noite

assustadora e sentia o Mal lá fora, sentia-o como uma agitação no seu sangue, como uma vibração em seus ossos. O Mal estava distante, longe de Julie, mas estava a caminho.

Hoje, durante a visita de Julie, Thomas quis contar-lhe sobre a vinda do Mal. Mas não conseguiu encontrar um modo de dizê-lo e fazer sentido, e receava parecer idiota. Julie e Bobby sabiam que ele era retardado, é claro, mas detestava parecer idiota diante deles, *lembrá-los* do quanto era retardado. Toda vez que quase começava a falar-lhes do Mal, simplesmente-

te se esquecia das palavras apropriadas. Tinha-as na mente, todas arrumadas em sequência, prontas para serem ditas, mas repentinamente elas se misturavam e ele não conseguia recolocá-las em ordem, de modo que não podia pronunciá-las porque seriam apenas palavras sem sentido e ele iria parecer realmente idiota.

Além disso, não sabia lhes dizer o que era o Mal. Achou que talvez pudesse ser uma pessoa, uma pessoa realmente terrível lá fora, que faria muito mal a Julie, mas não lhe parecia realmente uma pessoa. Em parte uma pessoa, em parte outra coisa. Algo que fazia Thomas sentir-se enregelado não apenas externamente, mas por dentro também, como ficar exposto ao vento do inverno tomando sorvete ao mesmo tempo.

Estremeceu.

Não queria ter esses sentimentos ruins a respeito do que estava lá fora, mas não conseguia voltar para a cama e desligar o pensamento tampouco, porque quanto mais sentisse a respeito do Mal distante melhor poderia alertar Julie e Bobby quando ele já não estivesse tão distante.

Às suas costas, Derek resmungou em seu sono.

A clínica estava inteiramente silenciosa. Todos os internos dormiam profundamente. Exceto Thomas. Às vezes, gostava de ficar acordado quando todos os outros dormiam. Às vezes, isso o fazia sentir-se mais esperto do que todos os outros juntos, vendo coisas que eles não podiam ver e sabendo de coisas que eles não podiam saber porque estavam dormindo e ele não estava.

Olhou fixamente para o vazio da noite.

Pressionou a testa contra a vidraça.

Por Julie, ele projetou-se. Para dentro do vazio. Para a distância.

Abriu-se. Aos sentimentos. Sensação de tremor e vibração.

Uma coisa enorme e ruim atingiu-o. Como uma onda. Saiu da noite e atingiu-o, e ele cambaleou para trás, para longe da janela, caindo sentado ao lado da cama, e logo já não podia sentir o Mal, havia

desaparecido, mas o que sentira era tão forte e tão terrível que seu coração batia descompassado e ele mal conseguia respirar. Imediatamente, televisionou a Bobby:

— *Depressa, vá, fuja, salve Julie, o Mal está a caminho, o Mal, corra, corra.*

O SONHO ESTAVA REPLETO DA MÚSICA DE GLENN MILLER “MOONLIGHT SERENADE”, EMBORA, COMO TUDO EM SONHOS, A MÚSICA FOSSE INEXPLICÁVELMENTE DIFERENTE DA MELODIA ORIGINAL. BOBBY ESTAVA EM UMA CASA AO MESMO TEMPO FAMILIAR E ENTRETANTO INTEIRAMENTE ESTRANHA, E DE ALGUMA FORMA ELE SABIA QUE SE TRATAVA DO BANGALÔ À BEIRA-MAR PARA ONDE ELE E JULIE IRIAM DEPOIS DE SE APOSENTAREM AINDA JOVENS. DIRIGIU-SE À SALA DE ESTAR, ANDANDO SOBRE UM TAPETE PERSA ESCURO, PASSANDO POR ESTOFADOS DE APARÊNCIA CONFORTÁVEL, POR UM ENORME E ANTIGO SOFÁ COM ENCOSTO ARREDONDADO E ALMOFADAS ESPESSAS, UM ARMÁRIO RUHLMANN COM PAINÉIS DE BRONZE, UM ABAJUR *art déco* e estantes repletas de livros. A música vinha de fora, de modo que ele se dirigiu para lá. Apreciava as fáceis transições do sonho, atravessando uma porta sem abri-la, atravessando uma ampla varanda e descendo os degraus de madeira sem sequer levantar um dos pés. O mar rugia de um lado e a espuma fosforescente das ondas reluzia mortificamente na noite. Sob uma palmeira, na areia, com muitas conchas ao redor, via-se uma Wurlitzer 950, com luzes douradas e vermelhas acesas, tubos de bolhas em ebulição, gazelas perpetuamente saltando, figuras de Pan perpetuamente tocando sua flauta, mecanismos de troca de discos brilhando como prata verdadeira e um enorme prato negro de disco girando. Bobby sentiu como se “Moonlight Serenade*” fosse tocar para sempre, o que estaria bem para ele, porque nunca se sentira mais bem-humorado, mais em paz, e pressentia que Julie saíra da casa atrás dele, que o aguardava na areia úmida junto à orla e que ela queria dançar com ele, de modo que ele virou-se e lá estava ela, exoticamente iluminada pela Wurlitzer, e ele deu um passo em sua direção...

Corra, vá, fuja, salve Julie, o Mal está a caminho, o Mal, corra, corra!

O oceano azul-marinho repentinamente saltou como se açoitado por uma tempestade e a espuma explodiu no ar da noite.

Uma ventania de tufão varreu as palmeiras.

O Mal! Corra! Corra!

O mundo inclinou-se. Bobby correu aos tropeções em direção a Julie-O mar avolumou-se ao seu redor; ia envolvê-la; era água com utf

propósito, um mar capaz de pensar, com uma conscifincia malévola brilhando obscuramente em suas profundezas.

OMall

A música de Glenn Miller acelerou, girando em rotação duplicada.

O Mal!

A luz romântica e suave da Wurlitzer incandesceu-se, feriu seus olhos, e no entanto não afastou a escuridão da noite. Era uma luz fulgurante com se a porta do Inferno tivesse sido aberta, mas a escuridão à volta deles apenas se intensificava, não cedendo em nada àquele clarão sobrenatural.

O MAU! O MAU!

O mundo inclinou-se outra vez. Ergueu-se e girou.

Bobby cambaleava pela praia em convulsão, em direção a Julie, que parecia incapaz de mover-se. Estava sendo tragada pelo mar espumante, negro como petróleo.

O MAL! O MAL! O MAL! O MAU!

Com o estrondo seco de pedra lascada, o céu abriu-se acima deles, mas nenhum relâmpago projetou-se daquele vão desmoronante.

Gêiseres de areia eclodiam em tomo de Bobby. Uma água turva explodia repentinamente de enormes buracos na praia.

Olhou para trás. O bangalô havia desaparecido. O mar elevava-se de todos os lados. A praia dissolvia-se sob seus pés.

Gritando, Julie desapareceu sob as águas.

MALMALMALMALMALMAU!

Uma onda de seis metros assomou sobre Bobby. Quebrou. Ele foi tragado. Tentou nadar. A carne em seus braços e mãos começou a borbulhar, arrebentar-se em bolhas e descascar-se, revelando o branco do osso em alguns pontos. A água do mar da meia-noite era um ácido. Sua cabeça submergiu. Arquejou, veio à tona, mas o mar corrosivo já havia corroído seus lábios e ele sentiu as gengivas separando-se dos dentes, a língua transformou-se numa polpa rançosa na golfada salgada de salmoura cáustica que ele havia engolido. Até mesmo o ar aspergido pela água era corrosivo, devorando seus pulmões em segundos, de modo que quando tentou respirar não conseguiu. Submergiu, agitando os braços e as mãos, que eram apenas ossos, foi arrastado pelo recuo das ondas, tragado para a escuridão eterna, para a dissolução, para o nada.

O Mal!

Bobby sentou-se ereto na cama.

Gritava, mas não emitia nenhum som. Quando percebeu que estivera sonhando, parou de tentar gritar e finalmente deixou escapar um som baixo e angustiado.

Havia retirado as cobertas. Sentou-se na beira da cama, os pés no chão, as mãos no colchão, firmando-se como se ainda estivesse na praia balançante ou lutando para nadar naquelas ondas revoltas.

Os números verdes projetados pelo relógio brilhavam fracamente no

teto: 2:43.

Por alguns instantes o baque surdo de seu próprio coração encheu-o com sons internos e ficou surdo ao mundo exterior. Mas, após alguns segundos, ouviu Julie respirando com regularidade, ritmicamente, e surpreendeu-se de não tê-la acordado. Evidentemente ele não se agitara em seu sono.

O pânico que o sonho lhe incutiu não desaparecera inteiramente. Sua ansiedade começou a crescer outra vez, em parte porque o quarto estava tão escuro quanto o mar devastador. Com medo de acordar Julie, não acendeu o abajur ao lado da cama.

Assim que conseguiu se levantar, pôs-se de pé e deu a volta na cama na mais completa escuridão. O banheiro ficava do lado de Julie, mas havia uma passagem desimpedida e ele encontrou o caminho como já o fizera inúmeras outras vezes, sem dificuldade, guiado tanto pela experiência quanto pelo instinto.

Fechou a porta com cuidado ao entrar e acendeu as luzes. Por um instante, a claridade fluorescente impediu-o de mirar-se na reluzente superfície do espelho acima das duas pias. Quando finalmente olhou para sua imagem refletida, viu que sua carne não fora devorada. O sonho fora assustadoramente real, diferente de qualquer outra coisa que já tivesse experimentado antes; de algum modo estranho, fora até mais real do que a vida, com cores e sons intensos que pulsavam através de sua mente adormecida com o brilho ofuscante da luz ao longo do filamento de uma lâmpada incandescente. Embora cômico de que se tratava de um sonho, em parte temera que o oceano do pesadelo tivesse deixado sua marca corrosiva nele mesmo depois de acordado.

Com um estremecimento, recostou-se contra a bancada. Abriu a torneira de água fria, inclinou-se para a frente e molhou o rosto. Pingando, olhou novamente sua imagem no espelho e fitou seus olhos. Murmurou para si mesmo:

— Que diabos foi *aquilo*?

CANDY ERRAVA EM BUSCA DE UMA PRESA.

O lado leste da propriedade de um hectare da família Pollard descia para um desfiladeiro. As escarpas eram íngremes, compostas basicamente de solo sêco e desmoronante, em alguns pontos cortados por veios róseos e cinza de xisto. Somente o vasto sistema de raízes da vegetação resistente do deserto—chaparral, moitas espessas de mato seco, capim dos pampas, uma ou outra árvore anã — impedia as encostas de extensa erosão a cada tromba d'água. Poucos eucaliptos e loureiros cresciam nas paredes do desfiladeiro e, onde o solo era amplo o suficiente, carvalhos da Califórnia lançavam raízes profundas na terra ao longo do canal de escoamento das águas. O canal era apenas um leito seco agora, mas durante as chuvas ele transbordava.

Ágil e silencioso apesar de seu tamanho, Candy seguiu o desfiladeiro para leste, subindo a encosta, até alcançar um entroncamento com outro declive, estreito demais para ser chamado de desfiladeiro. Ali, tomou a direção norte. O terreno continuava a subir, embora não mais tão íngreme. Muralhas verticais erguiam-se de ambos os lados e, em alguns locais, a passagem estreitava-se a menos de um metro. O mato seco e quebradiço, trazido pelo vento para a garganta, amontoava-se formando montículos em alguns desses pontos de estrangulamento, e Candy arranhava-se neles conforme avançava.

Sem sequer uma fração da lua, a noite era extraordinariamente escura no fundo daquela fenda na terra, mas ele nunca tropeçava nem hesitava. Seus dons não incluíam visão sobre-humana; era tão cego pela falta de luz quanto qualquer pessoa. Entretanto, mesmo na noite mais escura, sabia quando havia obstáculos à sua frente, pressentia os contornos do terreno tão bem que podia prosseguir com decidida confiança. Não sabia como

esse sexto sentido lhe sobrevinha e não precisava fazer nada para ele se manifestar, ele simplesmente possuía uma estranha percepção de sua relação com o ambiente à sua volta, sabia todo o tempo onde estava pisando, como o melhor dos equilibristas que caminham sobre fios de arame, de olhos vendados, podia prosseguir com segurança ao longo do fio retesado acima dos rostos voltados para cima do público de um circo.

Esse era um outro dom que recebera de sua mãe.

Todos os seus filhos eram bem-dotados. Mas os talentos de Candy

excediam os de Violet, Verbina e Frank.

A estreita passagem abriu-se em outro desfiladeiro, e Candy virou-se para leste outra vez, ao longo de um pedregoso canal de escoamento de chuva, correndo agora que seu desejo aumentava. Embora cada vez mais distanciadas, algumas casas ainda se empoleiravam mais acima, na borda do desfiladeiro; suas janelas iluminadas estavam longe demais para iluminar o terreno à sua frente, mas de vez em quando ele olhava para cima suspeitosamente porque dentro daqueles lares estava o sangue de que precisava.

Deus dera a Candy o gosto pelo sangue, fizera dele um predador e, portanto, Deus era responsável por qualquer coisa que Candy fizesse; sua mãe explicara-lhe tudo isso havia muito tempo. Deus queria que ele fosse seletivo ao matar, mas quando Candy era incapaz de se conter a culpa na verdade era de Deus, pois fora Ele quem incutira em Candy o desejo de sangue, mas não lhe dera a força de vontade suficiente para controlá-lo.

Como a de todos os predadores, a missão de Candy era separar o doente e o fraco do rebanho. No seu caso, membros moralmente degenerados do rebanho humano eram suas presas visadas: ladrões, mentirosos, falsificadores, adúlteros. Infelizmente, ele nem sempre reconhecia pecadores quando os encontrava. Cumprir sua missão sempre fora infinitamente mais fácil quando sua mãe era viva, pois ela não tinha nenhuma dificuldade em identificar para ele as almas maléficas.

Essa noite ia fazer todo o possível de restringir a matança a animais selvagens. Assassinar pessoas — especialmente perto de casa — era arriscado; podia levantar as suspeitas da polícia. Podia se arriscar a matar gente do lugar somente quando haviam de alguma forma irritado a família e simplesmente não podiam continuar vivos.

Se não conseguisse satisfazer sua necessidade com animais, iria para algum lugar, qualquer lugar, para matar pessoas. Sua mãe, lá no céu, iria ficar zangada com ele e decepcionada com sua falta de controle, mas Deus não poderia culpá-lo. Afinal, ele era apenas como Deus o criara.

Com as luzes da última casa bem distantes às suas costas, parou junto a um bosque. Os ventos fortes do dia haviam saído das altas colinas, atravessado os desfiladeiros e se dirigido para o mar; no momento, o ar parecia completamente parado. Trepadeiras pendiam dos galhos das árvores e cada folha estava imóvel.

Seus olhos haviam se adaptado ao escuro. As árvores pareciam platinadas sob o luar opaco e as trepadeiras em cascatas contribuíam para a ilusão de que ele estava cercado por uma cachoeira silenciosa

ou congelada numa nevasca dentro de um peso de papéis. Podia até mesmo discernir os rolos de cascas da árvore que se desprendiam dos troncos e galhos no perpétuo processo de renovação e que emprestavam uma beleza ímpar àquela espécie.

Não conseguia localizar nenhuma presa.

Não conseguia ouvir nenhum movimento furtivo de vida silvestre no meio do mato.

Entretanto, sabia que muitas criaturas pequenas, cheias de sangue momo, estavam encolhidas por perto, em tocas, em ninhos secretos, em montes de folhas mortas e nos abrigos das rochas. A simples lembrança desses animais deixava-o enlouquecido de fome.

Estendeu os braços, as palmas das mãos voltadas para a frente, os dedos afastados. Uma luz azul, da cor de safira clara, fraca como a luminosidade de uma lua minguante, talvez de um segundo de duração, pulsou de suas mãos. As folhas estremeceram e o ralo mato rasteiro agitou-se, em seguida tudo tomou a ficar imóvel como queria a escuridão no solo do desfiladeiro.

Outra vez mais, a luz azul projetou-se de suas mãos, como se fossem lanternas encobertas, das quais as tampas tivessem sido momentaneamente levantadas. Dessa vez a luz era duas vezes mais forte, um azul-escuro, e durou cerca de dois segundos. As folhas farfalharam, algumas das trepadeiras pendentes balançaram-se e o mato agitou-se a uns dez metros à sua frente.

Perturbado por aquelas estranhas vibrações, alguma coisa correu em direção a Candy, ia passar ao largo. Com aquele sentido especial do ambiente à sua volta que não dependia de visão, audição ou olfato, ele estendeu a mão para a esquerda e agarrou a invisível criatura em disparada.

Seus reflexos eram tão estranhos quanto tudo o mais a seu respeito, e ele agarrou sua presa. Um rato do campo. Por um instante a criatura ficou petrificada de pavor. Depois, contorceu-se em sua mão, mas ele prendia-o com firmeza.

Seus poderes não exerciam nenhum efeito em seres vivos. Não podia paralisar sua presa com a energia telecinética que irradiava de suas mãos espalmadas. Não podia atraí-las, apenas assustá-las e fazê-las correr para fora de seus esconderijos. Ele poderia ter destruído uma das árvores ou erguido redemoinhos de poeira e pedras no ar, porém, por mais que se esforçasse, não poderia mexer num só fio do pêlo do rato apenas com o uso da mente. Não sabia por que era tolhido por essa limitação. Violet e I

Verbina, cujos dons não eram nem de longe tão impressionantes como os r dele, pareciam ter poderes apenas sobre outras criaturas vivas, animais pequenos como os gatos. As plantas submetiam-se à vontade de Candy, é claro, e às vezes insetos, mas nada com uma mente, nem mesmo algo com uma mente tão insignificante como a de um rato.

Ajoelhando-se sob as árvores platinadas, foi envolvido numa escuridão tão profunda que não conseguia ver nada do rato a não ser seus olhos brilhantes. Levou à boca a primeira criatura que conseguira agarrar.

Ela emitiu um som estridente e apavorado, mais um gemido do que um guincho.

Cortou fora sua cabeça, cuspiu-a e grudou os lábios em volta do pescoço dilacerado. O sangue era doce, mas insuficiente.

Atirou longe o roedor e ergueu os braços outra vez, as palmas voltadas para fora, os dedos afastados. Dessa vez, o facho de luz espectral foi de um azul-safira intenso, elétrico. Embora não durasse mais do que o anterior, seu efeito foi surpreendentemente maior. Algumas ondas vibratórias, cada uma a uma fração de segundo, golpearam o solo inclinado do desfiladeiro. As árvores altas balançaram-se e as centenas de trepadeiras pendentes açoitaram o ar, as folhas agitaram-se de um lado para o outro com um barulho de enxames de abelhas. Cascalhos e pequenas pedras foram arremessados do chão e pedras soltas chocalharam-se umas contra as outras. Cada lâmina de capim retesou-se, em pé, como os cabelos na nuca de um homem assustado, e algumas moitas soltaram-se do solo e rolaram pela noite, juntamente com montes de folhas mortas, como se tivessem sido arrebatadas por uma ventania. Mas nenhum vento pertur-

bara a noite — somente o breve esplendor de luz safira e as poderosas vibrações que a acompanharam.

Animais silvestres saltaram de seus esconderijos e alguns deles correram em sua direção, procurando descer o desfiladeiro. Havia muito descobrira que eles nunca identificavam seu cheiro com o de um ser humano. Tanto podiam correr em sua direção como se afastar dele. Ou ele não possuía nenhum cheiro que pudessem detectar ou pressentiam algo de selvagem nele, algo mais semelhante a eles próprios do que a um ser humano, e em seu pânico não percebiam que ele era um predador.

Eram visíveis, na melhor das hipóteses, como vultos escuros sem contornos definidos, como sombras lançadas de uma lâmpada giratória. Mas ele também os pressentia com seu dom paranormal. Coiotes passavam saltando e um *raccoon* em pânico roçou sua perna; não tentou agarrá-los, porque queria evitar ser mordido ou arranhado. Pelo

menos duas dezenas de ratos também passaram correndo dentro de seu alcance, mas ele queria algo mais cheio de vida, repleto de sangue.

Tentou agarrar o que lhe pareceu ser um esquilo, perdeu-o, mas um instante depois pegou um coelho pelas patas traseiras. Ele soltou um grito agudo. Debateu-se com suas patas dianteiras, mas Candy agarrou-as também, não só imobilizando a criatura, mas paralisando-a de medo.

Ergueu-o até a altura do rosto.

Seu pêlo desprendia um cheiro de terra, almiscarado.

Seus olhos vermelhos reluziam de terror.

Podia ouvir seu coração disparado.

Enfiou os dentes em sua garganta. O pêlo, a pele e o músculo resistiram aos seus dentes, mas o sangue jorrou.

O coelho contorceu-se, não na tentativa de escapar, mas como se quisesse expressar resignação ao seu destino; eram pequenos espasmos, estranhamente sensuais, como se a criatura quase almejasse a morte. Ao longo dos anos, Candy vira esse comportamento em inúmeros animais pequenos, especialmente coelhos, e sempre exultava com ele, pois lhe dava uma inebriante sensação de poder, fazia-o sentir-se como uma raposa ou um lobo.

Os espasmos cessaram, e o coelho ficou mole em suas mãos. Embora ainda estivesse vivo, já reconhecera a iminência da morte e entrara num estado de transe em que evidentemente não sentia nenhuma dor. Isso parecia ser uma graça que Deus concedia às pequenas presas.

Candy mordeu seu pescoço outra vez, dessa vez com mais força, mais profundamente, depois mordeu novamente, ainda mais fundo, e a vida do coelho esguichou e borbulhou em sua boca ávida.

Longe dali, em outro desfiladeiro, um coiote uivou. Foi respondido por outros do bando. Um coro de vozes sobrenaturais ergueu-se e desapareceu, depois ergueu-se outra vez, como se os coiotes percebessem que não eram os únicos caçadores na noite, como se sentissem o cheiro do abate recente.

Depois de drená-lo, Candy atirou fora o corpo vazio.

Seu desejo ainda era grande. Teria de romper as reservas de sangue em mais coelhos ou esquilos antes de aplacar sua sede.

Ergueu-se e penetrou mais fundo no desfiladeiro, onde os animais não haviam sido perturbados pelo uso de seus poderes, onde criaturas de muitas espécies aguardavam nas tocas e esconderijos para serem ceifados. A noite era profunda e farta.

TALVEZ FOSSE APENAS A TRISTEZA PRÓPRIA DAS SEGUNDAS-FEIRAS. TALVEZ FOSSE O CÉU ESCURO E A PROMESSA DE CHUVA QUE A DEIXASSEM NAQUELE ESTADO DE ESPÍRITO. OU TALVEZ ESTIVESSE TENSA E AMARGA PORQUE OS VIOLENTOS ACONTECIMENTOS NA DECODYNE TIVESSEM OCORRIDO FAZIA APENAS QUATRO DIAS, E PORTANTO AINDA ESTIVESSEM MUITO RECENTES. MAS, POR ALGUMA RAZÃO, JULIE NÃO QUERIA PEGAR AQUELE CASO DE FRANK POLLARD. OU NENHUM OUTRO CASO NOVO, PARA DIZER A VERDADE. TINHAM ALGUNS CONTRATOS DE SEGURANÇA COM EMPRESAS QUE VINHAM SERVINDO HAVIA ANOS E QUERIA RESTRINGIR-SE ÀQUELES NEGÓCIOS CONFORTÁVEIS E FAMILIARES. A MAIOR PARTE DO TRABALHO QUE FAZIAM ERA TÃO ARRISCADA QUANTO IR AO SUPERMERCADO COMPRAR UM LITRO DE LEITE, MAS O PERIGO ERA UM POTENCIAL DO TRABALHO E O GRAU DE PERIGO EM CADA NOVO CASO ERA DESCONHECIDO. SE UMA SENHORA FRÁGIL E IDOSA OS TIVESSE PROCURADO NAQUELA SEGUNDA-FEIRA DE MANHÃ EM BUSCA DE AJUDA PARA ENCONTRAR UM GATO PERDIDO, JULIE PROVAVELMENTE A TERIA CONSIDERADO UMA AMEAÇA TÃO GRANDE QUANTO UM PSICOPATA BRANDINDO UM MACHADO. ESTAVA INQUIETA.

Afinal, se a sorte não estivesse ao lado deles na semana anterior, Bobby agora estaria morto *há quatro dias*.

Sentando na borda da cadeira, inclinando-se sobre a resistente escrivaninha de metal e fórmica, os braços cruzados sobre o forro de feltro verde, Julie analisou Pollard. Ele não conseguia encará-la nos olhos e aquela evasiva levantava suas suspeitas apesar de sua aparência inofensiva e até mesmo atraente.

Parecia-se com alguém que deveria ter um nome de comediante de Vegas—Shecky, Buddy, algo assim. Tinha cerca de trinta anos, um metro e setenta e cinco aproximadamente, oitenta quilos, o que para ele era um pouco demais; entretanto, era seu rosto que mais se adequava para uma carreira de comediante. Exceto por alguns estranhos arranhões que já estavam quase cicatrizados, era uma cara agradável: franca, amável, redonda o suficiente para ser alegre, extremamente sardenta. Um rubor permanente tingia suas faces como se tivesse ficado exposto a um vento ártico a maior parte da vida. Seu nariz era avermelhado também, aparentemente não por um gosto excessivo de bebida, mas por ter sido quebrado algumas vezes; era amassado o suficiente para ser engraçado, mas não suficientemente achatado para fazê-lo parecer um bandido.

Ombros caídos, sentava-se em uma das duas cadeiras de cromo e couro que havia diante da escrivaninha de Julie. Sua voz era macia e agradável, quase musical.

— Preciso de ajuda. Não sei onde mais procurá-la.

Apesar de seu ar cômico, seus modos eram desolados. Embora suave, sua voz era carregada de desespero e cansaço. Com uma das mãos, de vez em quando limpava o rosto, como se retirasse teias de aranha, em seguida examinava a mão com perplexidade toda vez que ela saía limpa.

As costas de suas mãos estavam marcadas por arranhões que também já haviam criado crostas, sendo que uns dois estavam ligeiramente inchados e inflamados.

— Mas, francamente — disse —, buscar a ajuda de detetives particulares parece ridículo, como se não se tratasse da vida real, mas de um programa de tevê.

— Eu estou com azia, portanto é vida real, sim — disse Bobby. Ele estava de pé junto a uma das amplas janelas do sexto andar que davam para o mar obscurecido pela neblina e para os prédios vizinhos de Fashion Island, o *shopping center* de Newport Beach adjacente ao prédio comercial onde Dakota & Dakota alugava um conjunto de sete salas. Voltou as costas à vista, recostou-se no parapeito e retirou um comprimido antiácido do bolso de seu casaco. — Detetives de tevê nunca sofrem de azia, caspa ou o desconforto de psoríase.

— Sr. Pollard — disse Julie. — Tenho certeza de que o Sr. Karaghiosis explicou-lhe que não somos detetives particulares na verdadeira acepção do termo.

— Sim.

— Somos consultores de segurança. Trabalhamos basicamente com empresas e instituições particulares. Temos onze empregados com habilidades especiais e anos de experiência em segurança, o que é muito diferente das fantasias de investigadores particulares da televisão. Não seguimos esposas de clientes para saber se estão sendo traídos e não trabalhamos com divórcio ou nenhum dos outros motivos que geralmente fazem as pessoas buscarem um detetive particular.

— O Sr. Karaghiosis me explicou — disse Pollard, abaixando os olhos para as mãos, que estavam agarradas às coxas.

Do sofá à esquerda da escrivaninha, Clint Karaghiosis disse:

— Frank contou-me sua história e eu realmente acho que vocês deviam ouvir por que ele precisa de nós.

Julie notou que Clint usara o primeiro nome do possível cliente, o que nunca fizera antes durante os seis anos com Dakota & Dakota. Clint tinha uma constituição sólida — um metro e oitenta, 73 quilos. Parecia ter sido um dia uma montagem inanimada de pedaços de granito e lascas de mármore, sílica, pedra, ardósia, ferro e magnetita, que algum alquimista

transformara em ser vivo. Seu rosto largo, embora bonito, também parecia ter sido esculpido da rocha. Em busca de um sinal de fraqueza em seu semblante, podia-se dizer apenas que, embora forte, alguns traços não eram tão fortes quanto outros. Tinha uma personalidade dura como pedra também: firme, confiável, imperturbável. Poucas pessoas impressionavam Clint e menos ainda penetravam sua reserva e extraíam dele alguma coisa mais do que uma resposta educada e prática. O fato de usar o primeiro nome do cliente parecia uma expressão sutil de simpatia por Pollard e um voto de confiança na verdade de qualquer que fosse a história que o homem tivesse a contar.

— Se Clint acha que é um negócio para nós, para mim é o suficiente — disse Bobby. — Qual é o seu problema, Frank?

Julie não ficou impressionada por Bobby usar o primeiro nome do cliente tão imediatamente, casualmente. Bobby gostava de toda pessoa que conhecia, pelo menos até que enfaticamente provassem não merecer sua afeição. Na verdade, era preciso apunhalá-lo repetidamente pelas costas, virtualmente rindo de maldade, até ele final e pesarosamente considerar a possibilidade de que talvez **não devesse** gostar daquela pessoa. Às vezes, achava que se casara com um cachorrinho grande que se fazia passar por um ser humano.

Antes que Pollard pudesse começar, Julie disse:

— Primeiro, devo dizer uma coisa. Se resolvermos aceitar seu caso, e eu ressalto o **se**, saiba que não cobramos barato.

— Isso não é problema — disse Pollard.

Ergtiu uma sacola de viagem de couro do chão, junto a seus pés. Era uma das duas que trouxera consigo. Colocou-a no colo e abriu o zíper. Retirou dois maços de notas e colocou-os sobre a escrivaninha. Notas de vinte e de cem dólares.

Enquanto Julie pegava o dinheiro para examiná-lo, Bobby afastou-se da janela e aproximou-se de Pollard. Olhou para dentro da bolsa e exclamou:

— Está cheia até a borda.

— Cento e quarenta mil dólares — disse Pollard.

Sob uma rápida inspeção, o dinheiro sobre a mesa não pareceu falso.

— Sr. Pollard, tem o costume de carregar uma quantia tão grande em dinheiro?

— Não sei — disse Pollard.

— Não sabe?

— Não sei — repetiu, angustiado.

— Ele literalmente não sabe — disse Clint. — Ouça o que ele tem a

dizer.

Numa voz ao mesmo tempo branda e carregada de emoção, Pollard disse:

— Têm que me ajudar a descobrir aonde eu vou à noite. O que em nome de Deus eu estou fazendo quando deveria estar dormindo?

— Ei, isso parece interessante—disse Bobby, sentando-se na ponta i da escrivaninha de Julie.

O entusiasmo infantil de Bobby deixou Julie nervosa. Ele iria comprometê-los com Pollard antes mesmo de saberem o suficiente para terem

certeza de que seria uma decisão acertada aceitar o caso. Thmbém não gostou do fato de ele sentar-se na ponta da sua mesa. Simplesmente não parecia profissional. Achava que isso dava ao possível cliente uma impressão de amadorismo.

Do sofá, Clint disse:

— Posso ligar o gravador?

— Certamente — disse Bobby.

O homem ligeiramente gorducho, de rosto redondo, ergueu os olhos para eles. As olheiras escuras em tomo de seus olhos, os próprios olhos avermelhados e lacrimejantes e a palidez dos lábios negavam qualquer imagem de saúde e robustez que suas faces coradas pudessem lhe emprestar. Um sorriso hesitante atravessou nervosamente sua boca. Fitou Julie nos olhos por não mais do que um segundo e novamente abaixou o olhar para as mãos. Parecia amedrontado, derrotado, num estado completamente deplorável. Apesar de si mesma, sentiu uma pontada de simpatia por ele.

Quando Pollard começou a falar, Julie suspirou e deixou-se afundar na cadeira. Dois minutos depois, estava inclinando-se para a frente outra vez, ouvindo atentamente a voz branda de Pollard. Não queria ficar fascinada, mas estava. Até mesmo o fleumático Clint Karaghiosis, ouvindo a história pela segunda vez, estava obviamente seduzido por ela.

Se Pollard não fosse um mentiroso ou um louco desvairado—e muito provavelmente era ambos —, então estava envolvido em acontecimentos que eram quase sobrenaturais. Julie não acreditava em sobrenatural. Procurou manter-se cética, mas a expressão e evidente convicção de Pollard persuadiu-a mesmo contra sua vontade.

Bobby começou a emitir sons de espanto e admiração, batendo na mesa de perplexidade à revelação de cada reviravolta na história.

Quando o cliente—não. Pollard. Não “o cliente”. Ainda não era seu

cliente. Pollard. Quando Pollard lhes contou sobre ter acordado num quarto de motel na tarde de quinta-feira com sangue nas mãos, Bobby exclamou:

— Vamos aceitar o caso!

— Bobby, espere — disse Julie. — Ainda não ouvimos tudo que o Sr. Pollard veio nos relatar. Não deveríamos...

— Sim, Frank—disse Bobby —, o que afinal aconteceu *então?*

Julie disse:

— O que quero dizer é que temos de ouvir toda a sua história antes de sabermos se podemos ou não ajudá-lo.

— Ah, podemos ajudá-lo sim — disse Bobby. — Nós...

— Bobby — interrompeu ela com firmeza —, posso falar-lhe em particular por um instante?

Levantou-se, atravessou o escritório, abriu a porta para o banheiro contíguo e acendeu a luz lá dentro.

Bobby disse:

— Já volto, Frank.

Seguiu Julie até o banheiro, fechando a porta ao entrar.

Ela ligou o exaustor do teto para ajudar a abafar suas vozes e falou num sussurro:

— O que há de errado com você?

— Bem, tenho pés chatos, e tenho aquela verruga feia no meio das costas.

— Você é impossível.

— Pés chatos e uma verruga são demais para você? Você é má.

O lugar era pequeno demais. Estavam de pé entre a pia e a privada, o nariz quase tocando o do outro. Ele beijou-a na testa.

— Bobby, pelo amor de Deus, você acaba de dizer a Pollard que vamos aceitar o caso dele. Talvez não aceitemos.

— Por que não o faríamos? É *fascinante*.

— Para começar, ele parece louco.

— Não, não parece.

— Disse que alguma força estranha fez aquele carro se desintegrar, explodiu as lâmpadas da rua. Estranha música de flauta, luzes azuis misteriosas. O sujeito andou lendo o *National Enquirer* muito tempo.

— Mas é exatamente isso. Um louco de verdade já seria capaz de explicar o que lhe aconteceu. Iria alegar que se encontrou com Deus ou com marcianos. Esse sujeito está perplexo, buscando respostas. Isso me parece uma reação normal.

— Além do mais, estamos trabalhando, Bobby. Trabalhando. Não nos

divertindo. Por dinheiro. Não somos um casal que trabalha por *hobby*.

— Ele tem dinheiro. Você mesma viu.

— E se for dinheiro sujo?

— Frank não é um ladrão.

— Você o conhece há menos de uma hora e tem certeza que não é ladrão. Você confia tanto nos outros, Bobby.

— Obrigado.

— Não foi um elogio. Como pode fazer o tipo de trabalho que faz e confiar tanto nas pessoas?

Ele riu.

— Eu confiei em você e isso deu certo.

Ela recusou-se a se deixar enlear.

— Ele diz que não sabe onde obteve o dinheiro e, só para não brigarmos, digamos que acreditamos nessa parte da história. E digamos também que você tem razão quando diz que ele não é um ladrão. Então talvez ele seja um traficante de drogas. Ou outra coisa qualquer. Há mil possibilidades de ser dinheiro sujo sem que seja roubado. E se descobrirmos que é sujo não poderemos ficar com o que ele nos pagar. Teremos de entregar tudo à polícia. Teremos desperdiçado nosso tempo e energia. Além disso, vai ser complicado.

— Por que diz isso? — perguntou ele.

— Por que digo isso? Ele acabou de lhe contar que acordou num quarto de motel com as mãos cobertas de sangue!

— Fale baixo. Pode ofendê-lo.

— Por Deus!

— Lembre-se, não houve cadáver. Deve ter sido seu próprio sangue.

Frustrada, ela disse:

— Como podemos saber que não houve cadáver? Por que ele assim o diz? Ele deve ser tão doido que nem notaria o corpo se pisasse em suas entranhas fumegantes e tropeçasse na cabeça decapitada.

— Que imagem vivida.

— Bobby, ele diz que talvez tenha arranhado a si mesmo, mas isso não é muito provável. Talvez alguma pobre mulher, alguma menina inocente, talvez até mesmo uma criança, uma estudante indefesa, tenha sido atacada por esse homem, arrastada para seu carro, estuprada, surrada e estuprada de novo, forçada a executar cada ato humilhante que uma mente perversa possa imaginar, depois levada para algum desfiladeiro deserto, talvez torturada com agulhas e facas e só Deus sabe o que mais, depois golpeada até a morte e atirada nua numa vala seca, onde os coiotes estão até agora

devorando suas partes mais macias, com moscas entrando e saindo de sua boca.

— Julie, você está se esquecendo de uma coisa.

— O quê?

— Sou eu quem tem a imaginação fértil.

Ela riu. Não pôde evitar. Tinha vontade de socar sua cabeça para enfiar um pouco de bom senso ali dentro, mas riu em vez disso e sacudiu a cabeça.

Ele beijou seu rosto, depois segurou a maçaneta.

Ela colocou a mão sobre a dele.

— Prometa que não vamos aceitar o caso até que tenhamos ouvido toda a sua história e tenhamos tido tempo de pensar no assunto.

— Está bem.

Voltaram ao escritório.

Do outro lado das janelas, o céu parecia uma placa de aço, queimada em alguns pontos enegrecidos, com algumas incrustações espalhadas de corrosão amarelo-mostarda. A chuva ainda não começara a cair, mas o ar parecia pesado à sua espera.

As únicas luzes no aposento eram de dois abajures de metal nas mesas que ladeavam o sofá e de um abajur de pé com cúpula acetinada em um canto da sala. As lâmpadas fluorescentes do teto não estavam acesas, porque Bobby detestava o clarão e acreditava que um escritório devia ser iluminado de forma aconchegante como uma sala de estudos numa casa. Julie achava que um escritório devia parecer-se e ter um ar de escritório. Mas ela fazia a vontade de Bobby e geralmente deixava as luzes fluorescentes apagadas. Agora, como a tempestade iminente escurecia o dia, teve vontade de acender as lâmpadas do teto e afastar as sombras que começavam a se aglomerar nos cantos não alcançados pela claridade âmbar dos abajures.

Frank Pollard continuava em sua cadeira, fitando os pôsteres emoldurados do Pato Donald, Mickey Mouse e Tio Patinhas que decoravam as paredes. Eram outro fardo que Julie tinha de carregar. Era fã dos desenhos animados da Warner Brothers, porque eram mais incisivos do que as criações de Disney e tinha uma coleção desses videoteipes, além de dois filmes do Pato Daffy, mas mantinha esse material em casa. Bobby trouxera os personagens dos desenhos de Disney para o escritório porque, segundo ele, o relaxavam, faziam-no sentir-se bem e ajudavam-no a pensar. Nenhum cliente jamais questionara suas habilidades profissionais meramente por causa dos objetos de decoração pouco convencionais em

suas paredes, mas ela ainda se preocupava com o que eles pudessem pensar.

Ela dirigiu-se para trás de sua escrivaninha outra vez, e Bobby novamente empoleirou-se na ponta.

Após piscar os olhos para Julie, Bobby disse:

— Frank, fui prematuro em aceitar o caso. Nós na verdade não podemos tomar nenhuma decisão até ouvirmos toda a história.

— Claro — disse Frank, olhando rapidamente para Bobby, para Julie, depois para baixo, para suas mãos arranhadas, que agora agarravam a sacola aberta. — É perfeitamente compreensível.

— Claro que é — disse Julie.

Clint ligou o gravador outra vez.

Trocando a sacola de viagem em seu colo pela que estava no chão, Pollard disse:

— Eu deveria lhes dar isso.

Abriu o zíper da segunda sacola e retirou dali um saco plástico contendo uma pequena porção do punhado de areia preta que estava segurando quando acordou de seu breve sono na quinta-feira de manhã. Também retirou a camisa ensanguentada que estava usando quando se levantara do sono ainda mais breve mais tarde, naquele mesmo dia.

— Eu os guardei porque... bem, pareciam provas. Pistas. Talvez os ajude a descobrir o que está havendo, o que eu fiz.

Bobby aceitou a camisa e a areia, examinou-as rapidamente, em seguida colocou-as a seu lado, sobre a mesa.

Julie notou que a camisa fora inteiramente encharcada de sangue, não apenas respingada. Agora, as manchas secas marrons tomavam o material endurecido.

— Então, você estava no motel na quinta-feira à tarde — retomou Bobby.

Pollard aquiesceu.

— Não aconteceu nada de extraordinário naquela noite. Fui ao cinema, não consegui me interessar pelo filme. Dirigi sem rumo por algum tempo. Estava cansado, realmente cansado, apesar do cochilo que tirara, mas não consegui dormir. Tinha medo de dormir. Na manhã seguinte, mudei-me para outro motel.

— Quando finalmente dormiu outra vez? — perguntou Julie.

— Na noite seguinte.

— Sexta-feira à noite, então?

— Sim. Tentei ficar acordado tomando grande quantidade de café. Sentei-me ao balcão do pequeno restaurante do motel e tomei tanto café até começar a boiar no banco. O estômago ficou tão ácido, que tive de parar. Voltei para o meu quarto. Toda vez que começava a cochilar, eu saía para dar uma volta. Mas era inútil. Eu não poderia ficar acordado para sempre. Estava uma pilha de nervos. Precisava descansar. Assim, fui para a cama logo depois das oito horas naquela noite, dormi logo e não acordei até as cinco e meia da manhã.

— Sábado de manhã.

— Sim.

— E estava tudo bem? — perguntou Bobby.

— Pelo menos não havia nenhum sangue. Mas havia uma outra coisa.

Aguardaram.

Pollard umedeceu os lábios, balançou a cabeça como se confirmasse para si mesmo o desejo de continuar.

— Veja bem, eu fora dormir de cuecas mas quando acordei estava inteiramente vestido.

— Então, você esteve com sonambulismo e vestiu-se enquanto dormia — disse Julie.

— Mas as roupas que estava usando eu jamais havia visto.

Julie pestanejou.

— O que foi que disse?

— Não eram as roupas que estava usando quando voltei a mim naquela viela duas noites antes e não eram as roupas que comprei no *shopping center* na quinta-feira de manhã.

— De quem eram as roupas? — perguntou Bobby.

— Ah, deviam ser minhas — disse Pollard —, porque elas caíam muito bem em mim para pertencer a outra pessoa. Ajustavam-se perfeita-mente, inclusive os sapatos. Eu não poderia ter roubado aquelas roupas de outra pessoa e ter a sorte de tudo me caber tão bem.

Bobby deslizou para fora da mesa e começou a andar de um lado para o outro.

— Então, o que está nos dizendo? Que você saiu do motel de roupa de baixo, foi a alguma loja, comprou roupas e ninguém fez objeção à sua falta de recato nem mesmo o questionou sobre o assunto?

Sacudindo a cabeça, Pollard disse:

— Eu não sei.

Clint Karaghiosis disse:

— Ele pode ter se vestido no quarto, enquanto estava sonâmbulo, em

seguida saiu, comprou outras roupas, trocou as anteriores.

— Mas por que ele faria isso? — perguntou Julie.

Clint encolheu os ombros.

— Só estou oferecendo uma explicação plausível.

— Sr. Pollard — disse Bobby —, por que o senhor faria uma coisa dessas?

— Não sei. — Pollard usara aquelas três palavras tantas vezes que já estavam gastas; cada vez que as repetia, sua voz parecia mais branda e indistinta do que antes. — Não creio que o tenha feito. Não faz sentido como uma explicação, quero dizer. Além disso, eu não adormeci no motel senão depois das oito horas. Provavelmente, não poderia ter me levantado outra vez, saído e comprado as roupas antes das lojas fecharem.

— Alguns lugares ficam abertos até as dez horas — disse Clint

— Havia uma possibilidade mínima — concordou Bobby.

— Não acho que eu teria arrombado uma loja no meio da noite — disse Pollard. — Ou roubado as roupas. Não sou um ladrão.

— Nós sabemos que não é um ladrão — disse Bobby.

— Nós não sabemos nada disso — disse Julie, em tom ríspido.

Bobby e Clint olharam-na, mas Pollard continuou a fitar as mãos, tímido ou confuso demais para se defender.

Julie disse:

— Ouçam, se ele comprou ou roubou as roupas não vem ao caso. Não aceito nenhuma das duas hipóteses. Pelo menos não com o cenário atual. É simplesmente extravagante demais o homem sair para um *shopping center* ou outro lugar qualquer, de cuecas, vestir-se inteiramente, enquanto está sonâmbulo. Ele poderia fazer tudo isso e não despertar ou parecer estar acordado para as outras pessoas? Não creio. Não sei nada sobre sonambulismo, mas se pesquisarmos acho que veremos que nada disso é possível.

— Claro, não foram apenas as roupas — disse Clint

— Não, não apenas as roupas — disse Pollard. — Quando acordei, havia uma sacola de papel, grande, ao meu lado, como essas que se usam no supermercado se você não quiser saco plástico. Olhei dentro e ela estava cheia de dinheiro. Mais dinheiro.

— Quanto? — perguntou Bobby.

— Eu não sei. Muito.

— Não contou?

— Está lá no motel onde estou hospedado agora, o novo lugar. Estou sempre mudando de hotel. Sinto-me mais seguro assim. De qualquer forma,

você pode contá-lo mais tarde, se quiser. Tentei contá-lo, mas perdi a capacidade de fazer até uma simples conta. Sim, parece loucura, mas é o que aconteceu. Não conseguia somar os números. Continuo tentando, mas números já não significam muito para mim. — Abaixou a cabeça, enfiou o rosto nas mãos. — Primeiro perdi a memória. Agora estou perdendo habilidades essenciais, como a matemática. Sinto-me como se estivesse me desmontando, dissolvendo até não restar mais nada de mim, apenas um corpo, sem nenhuma mente desaparecida.

— Isso não vai acontecer, Frank — disse Bobby. — Não o permitiremos. Descobriremos quem você é e o que significa tudo isso.

— Bobby — disse Julie em tom de advertência.

— Hein? — Sorriu obtusamente.

Ela levantou-se da cadeira e entrou no banheiro.

— Ah, meu Deus. — Bobby seguiu-a, fechou a porta e ligou o exaustor. — Julie, nós temos de ajudar o pobre rapaz.

— O sujeito obviamente está sofrendo de fugas psicóticas. Está fazendo essas coisas numa condição inconsciente. Ele se levanta no meio da noite, sim, mas não está sonâmbulo. Está acordado, alerta, mas num estado de fuga. Poderia matar, roubar e não se lembrar de nada.

— Julie, aposto como era o próprio sangue que ele tinha nas mãos. Ele pode estar tendo períodos de inconsciência, fugas, o que for que queira chamar, mas ele não é um assassino. Quanto quer apostar?

— E você ainda diz que ele não é um ladrão? Regularmente, ele acorda com um saco cheio de dinheiro, não sabe onde o obteve, mas não é um ladrão? Acha que ele talvez falsifique dinheiro durante seus ataques de amnésia? Não, tenho certeza que acha que ele é bom demais para ser um falsificador.

— Ouça, às vezes temos de seguir nossos instintos, e meus instintos me dizem que Frank é um bom sujeito. Até Clint acha que ele é um bom sujeito.

— Os gregos são sabidamente gregários. Eles gostam de todo mun- I do.

— Está me dizendo que Clint é o seu típico animal social grego? I Estamos falando do mesmo Clint? Sobrenome: Karaghiosis? Um sujeito I que parece ter sido esculpido em concreto e sorri tão frequentemente I quanto um índio vendedor de tabaco?

A luz do banheiro era clara demais. Refletia-se no espelho, na pia I branca, nas paredes brancas e no piso de cerâmica branca. Graças à I claridade e à determinação bem-humorada, ainda que de ferro, de Bobby I em ajudar Pollard, Julie estava começando a ficar com dor de cabeça.

Fechou os olhos.

— Pollard é patético — admitiu.

— Quer voltar lá e ouvir o resto da história?

— Está bem. Mas, droga, não lhe diga que o ajudaremos até termos ouvido tudo. Entendeu?

Voltaram ao escritório.

O céu já não parecia metal frio e queimado. Estava mais escuro do que antes e agitado, fundido. Embora somente uma leve brisa soprasse ao nível do solo, ventos fortes aparentemente grassavam em altitudes maiores, porque nuvens ameaçadoras, densas e negras, eram empurradas para a terra, vindas do mar.

Como limalhas atraídas para ímãs, sombras haviam se empilhado em alguns cantos. Julie estendeu a mão até o interruptor para acender as lâmpadas fluorescentes do teto. Mas viu Bobby olhando em tomo com óbvia satisfação para as superfícies de latão polido, suavemente lustrosas dos abajures, para a maneira como o carvalho lustrado das mesinhas dos dois lados do sofá e da mesinha de centro brilhava sob a luz quente e amanteigada, e ela não tocou no interruptor.

Sentou-se atrás de sua escrivaninha outra vez, e Bobby empoleirou-se na beirada, as pernas balançando-se.

Clint ligou o gravador, e Julie disse:

— Frank. Pollard, antes de continuar sua história, gostaria que respondesse a algumas perguntas importantes para mim. Apesar do sangue em suas mãos e dos arranhões, o senhor acha que é incapaz de ferir alguém?

— Sim. Exceto talvez em defesa própria.

— E não acredita que seja um ladrão?

— Sim. Eu não posso nem me vejo como um ladrão, não.

— Então, por que não buscou a ajuda da polícia?

Ele ficou em silêncio. Agarrou a sacola de viagem aberta em seu colo e olhou dentro dela, como se Julie estivesse lhe falando do seu interior.

Ela disse:

— Porque se *realmente* tiver certeza de que é um homem inocente sob todos os aspectos, a polícia está melhor equipada para ajudá-lo a descobrir quem é e quem o está perseguindo. Sabe o que eu penso? Acho que não está tão certo de sua inocência quanto quer fazer crer. Sabe como dar partida num carro sem chave e embora qualquer homem com um conhecimento razoável de carros pudesse realizar este artifício, é ao menos uma indicação de experiência criminosa. E depois, há o dinheiro, todo esse dinheiro, sacolas cheias. O senhor não se lembra de ter praticado nenhum crime, mas

no fundo de seu coração está convencido de que o fez, por isso tem medo de recorrer à polícia.

— Em parte é verdade—reconheceu ele.

Ela continuou:

— O senhor compreende, espero, que se aceitarmos seu caso, e se descobrirmos provas de que cometeu um ato criminoso, teremos de comunicar essa informação à polícia.

— Claro. Mas imaginei que se eu procurasse os tiras eles não iriam nem sequer buscar a verdade. Iriam achar que sou culpado de alguma coisa antes mesmo de eu terminar de contar minha história.

— E é claro que *nós* não iríamos fazer isso—disse Bobby, virando-se para lançar um olhar significativo a Julie.

Pollard disse:

— Em vez de me ajudar, iriam buscar crimes recentes para me culparem.

— A polícia não trabalha assim — assegurou-lhe Julie.

— Claro que trabalham—disse Bobby, com malícia. Deslizou para fora da escrivaninha e começou a andar de um lado para o outro, do pôster de Tio Patinhas para o de Mickey Mouse.—Já não a vimos fazer isso mil vezes nos seriados de tevê? Nós todos não vimos Hammett e Chandler?

— Sr. Pollard — disse Julie —, eu já fui uma policial...

— Prova o que eu digo—retrucou Bobby.—Frank, se você tivesse procurado os tiras, você já teria sido indiciado, julgado, condenado e sentenciado a mil anos de prisão.

— Há uma razão mais importante pela qual não posso procurara polícia. Seria como se tomar um caso público. Talvez a imprensa ficasse sabendo a meu respeito e ficasse muito interessada numa história sobre o pobre sujeito com amnésia e sacolas de dinheiro. Então, ele saberia onde une encontrar. Não posso me arriscar a isso.

— Quem é “ele”, Frank?—perguntou Bobby.

— O homem que me perseguia naquela noite.

— Da maneira como falou, pensei que tivesse lembrado seu nome, tivesse alguém específico em mente.

— Não. Não sei quem é. Sequer tenho certeza **do que** ele é. Mas sei que virá em meu encalço outra vez se souber onde estou. Portanto, tenho de me manter oculto.

Do sofá, Clint disse:

— Preciso virar a fita.

Aguardaram até que ele tirasse a fita cassete do gravador.

Embora fossem apenas três horas da tarde, o dia estava tomado por um falso crepúsculo, em nada diferente de um crepúsculo verdadeiro. A brisa ao nível do solo esforçava-se para acompanhar o vento, que empurrava as nuvens nas altitudes mais elevadas; uma névoa fina avançava do oeste, não exibindo nada do movimento lento com que as névoas geralmente avançam, girando em redemoinhos, um fluxo úmido que parecia estar tentando soldar a terra às nuvens negras lá em cima.

Quando Clint ligou o gravador outra vez, Julie disse:

— Frank, isso é tudo? Quando você acordou no sábado de manhã, trajando roupas novas, com a sacola cheia de dinheiro a seu lado na cama?

— Não. Não é tudo. — Ergueu a cabeça, mas não encarou-a. Olhou além dela, para o dia lúgubre do outro lado das janelas, embora parecesse estar fitando algo muito mais distante do que Newport Beach. — Talvez nunca termine.

Da segunda sacola de couro da qual ele antes retirara a camisa ensanguentada e a amostra de areia preta, retirou um recipiente de vidro temperado, de cerca de meio litro de capacidade, do tipo que se usa para fazer conservas de frutas e legumes em casa, com uma tampa de vidro forte e presa com uma armação de arame que se fechava sobre um aro de borracha. O vasilhame estava cheio do que pareciam ser pedras preciosas brutas, não lapidadas, com um brilho fosco. Algumas estavam mais polidas do que outras; elas faiscavam, lançavam chispas.

Frank abriu a tampa, virou o recipiente e derramou uma porção do seu conteúdo sobre o tampo da mesa de fórmica imitando madeira clara.

Julie inclinou-se para a frente.

Bobby aproximou-se para olhar mais de perto.

As pedras menos irregulares eram redondas, ovais, em forma de gotas ou losangos; alguns aspectos de cada pedra eram perfeitamente arredondados e outros eram naturalmente lapidados com inúmeras arestas cortantes. Outras pedras eram irregulares, cheias de grumos e marcas. Algumas eram do tamanho de uvas grandes, outras tão pequenas quanto ervilhas. Eram todas vermelhas, embora variassem no grau de coloração. Refletiam a luz com intensidade, uma mancha vermelha e brilhante sobre a superfície clara da escrivaninha; as gemas concentravam o clarão difuso dos abajures através dos seus prismas e lançavam reluzentes lâminas escarlates em direção ao teto e a uma das paredes, onde as placas acústicas pareciam marcadas por ferimentos luminosos.

— Rubis? — perguntou Bobby.

— Não se parecem exatamente a rubis — disse Julie. — O que são,

Frank?

— Não sei. Podem nem mesmo ser valiosas.

— Onde as conseguiu?

— No sábado à noite, eu não conseguia dormir direito. Apenas alguns minutos de cada vez. Ficava rolando de um lado para o outro na cama, acordando assim que pegava no sono. Com medo de dormir. E não dormi no domingo à tarde. Mas quando chegou ontem à noite, eu estava exausto, não conseguia mais manter os olhos abertos. Dormi completamente vestido e, quando me levantei hoje de manhã, os bolsos de minhas calças estavam cheios delas.

Julie pegou uma das pedras mais brilhantes da pilha e levou-a junto ao olho direito, olhando-a de encontro à luz do abajur mais próximo. Mesmo em seu estado bruto, a cor e a limpidez da pedra eram excepcionais. Deviam, como Frank insinuou, ser apenas semipreciosas, mas suspeitava que na verdade tivessem um considerável valor.

Bobby disse:

— Por que as está guardando num jarro de conservas?

— Porque eu tive de sair e comprar um de qualquer maneira para guardar isso — respondeu Frank.

Da bolsa de viagem, retirou um recipiente maior, de cerca de um litro de capacidade, e colocou-o sobre a mesa.

Julie voltou-se para olhá-lo e ficou tão admirada que deixou cair a pedra que estivera examinando. No jarro de vidro, via-se um inseto, quase do tamanho de sua mão. Embora tivesse um casco dorsal como um besouro — negro como breu, com marcas vermelhas cor de sangue em torno da borda —, o inseto dentro daquela carapaça mais se parecia a uma aranha do que a um besouro. Unha as oito pernas fortes e cabeludas de uma tarântula.

— Que diabo é isso? — perguntou Bobby com um esgar. Era um pouco entomofóbico. Quando se deparava com qualquer inseto maior do que uma mosca, chamava Julie para pegá-lo ou matá-lo, enquanto observava a distância.

— Está vivo? — perguntou Julie.

— Agora não — disse Frank.

Dois antebraços, como garras de lagosta em miniatura, projetavam-se de baixo da carcaça do animal, um de cada lado da cabeça, embora diferissem dos apêndices de uma lagosta no sentido de que as pinças eram muito mais articuladas do que as de um crustáceo comum. De certa forma, lembravam mãos, com quatro segmentos curvos e quitinosos, ligados pela base; as bordas eram malignamente serrilhadas.

— Se essa criatura pegasse seu dedo—disse Bobby —, garanto que poderia arrancá-lo. Disse que estava viva, Frank?

— Quando acordei esta manhã, estava rastejando em meu peito.

— Meu Deus! — Bobby empalideceu visivelmente.

— Arrastava-se lentamente.

— É mesmo? Bem, ela certamente parece rápida como uma barata.

— Acho que já estava morrendo — disse Frank. — Dei um berro, atirei-a longe. Ela ficou lá, de costas, esperneando fiacamente por alguns segundos, depois ficou imóvel. Tirei a fronha de um dos travesseiros, coloquei-a dentro, amarrei a ponta da fironha para que não pudesse se arrastar para fora caso ainda estivesse viva. Foi então que descobri as pedras preciosas em meu bolso; assim comprei dois recipientes, um para o inseto, e ele ainda não se moveu desde que o coloquei aí dentro, de modo que acho que está morto. Já viu alguma coisa semelhante a isso?

— Não — disse Julie.

— Graças a Deus, não—concordou Bobby. Ele não estava inclinado sobre o recipiente para olhar mais de perto como Julie estava. Na verdade, dera um passo para trás, afastando-se da escrivaninha, como se achasse que a criatura rastejante pudesse, num piscar de olhos, atravessar o vidro do recipiente.

Julie pegou o vidro e virou-o para poder olhar o inseto de frente. Sua ' cabeça negra e brilhante como cetim era quase do tamanho de uma ameixa estava semi-escondida sob a carcaça. Olhos amarelos, embaçados e multifacetados, localizavam-se no alto dos dois lados da cara e, sob cada Nim, havia o que parecia ser outro olho, um terço menor do que o outro logo acima e de um azul avermelhado. Estranhas e minúsculas perfura-ções, meia dúzia de saliências pontiagudas como espinhos e três feixes de pêlos de aparência sedosa marcavam a superfície brilhante e, afora isso, fcompletamente lisa daquele semblante hediondo. A boca pequena, agora aberta, era um orifício circular onde viu o que pareciam ser anéis de dentes «ninúsculos, porém afiados.

Fitando a ocupante do vidro, Frank disse: — Seja o que for em que eu esteja metido, não é nada de bom. É [alguma coisa realmente muito ruim, e eu estou com medo.

Bobby remexeu-se. Num tom pensativo, falando mais a si mesmo do nque aos outros, Bobby disse:

— Coisa ruim.

Colocando o vidro de volta sobre a mesa, Julie disse:

— Frank, nós aceitamos o caso.

— Muito bem! — exclamou Clint, desligando o gravador.

Afastando-se da escrivaninha em direção ao banheiro, Bobby disse:

— Julie, preciso falar com você por um instante.

Pela terceira vez, entraram juntos no banheiro, fecharam a porta e [ligaram o exaustor.

O rosto de Bobby estava cinza, como um retrato extremamente detalhado feito a lápis; até suas sardas estavam sem cor. Seus olhos normalmente alegres não estavam alegres agora, i Disse:

— Ficou maluca? Disse a ele que aceitaremos o caso.

Julie pestanejou, surpresa.

— Não é o que você queria?

— Não.

— Ah. Então, acho que o ouvi mal. Devo estar com muita cera nos ouvidos. Dura como cimento.

— Ele provavelmente é um lunático, perigoso.

— Acho melhor eu ir a um médico, mandar limpar meus ouvidos.

— Essa história louca que ele inventou é simplesmente...

Ela levantou uma das mãos, interrompendo-o no meio da frase.

— Acorde, Bobby. Ele não inventou aquele bicho. O que é aquilo? Nunca vi fotos de nada que se parecesse com aquilo.

— E o dinheiro? Ele deve tê-lo roubado.

— Frank não é nenhum ladrão.

— O quê? Foi Deus quem lhe disse isso? Porque não há nenhum outro modo de saber. Você só conheceu Pollard há pouco mais de uma hora.

— Tem razão — disse ela. — Deus me disse. E eu sempre dou ouvidos a Deus porque se você não O ouvir, Ele pode enviar uma praga de pululantes gafanhotos sobre você ou atear fogo a seu cabelo com um raio. Ouça, Frank está tão desarvorado, tão perdido, sinto pena dele. Certo?

Ele fitou-a, mordendo o lábio inferior por um instante, e depois disse finalmente:

— Nós trabalhamos bem juntos porque nos complementamos mutuamente. Você é forte onde eu sou fraco e eu sou forte onde você é fraca. Sob muitos aspectos, não somos nem um pouco parecidos, mas nos encaixamos como peças de um quebra-cabeça.

— Aonde quer chegar?

— De certa forma, somos diferentes, mas complementares em nossa motivação. Esta linha de trabalho me agrada porque gosto de ajudar pessoas inocentes em dificuldades. Gosto de ver o bem triunfar.

Parece coisa de herói de história em quadrinhos, mas é como eu me sinto. Você, por outro lado, é basicamente motivada pelo desejo de eliminar os bandidos. Sim, claro, também gosto de ver os bandidos derrotados, lamuriando-se, mas não é tão importante para mim quanto o é para você. E, é claro, você gosta de ajudar quem não tem culpa, mas é secundário em relação a vencer e destruir os maus. Provavelmente, porque você ainda está se livrando de sua raiva com o assassinato de sua mãe.

— Bobby, se eu precisar de psicanálise, vou procurá-la num lugar onde a principal peça do mobiliário é um divã e não uma privada.

Pegaram a mãe dela como refém num assalto a banco quando Julie tinha doze anos. Os dois criminosos estavam altamente dopados com anfetaminas e com pouco bom senso ou compaixão. Antes de tudo terminar, cinco dos seis reféns estavam mortos e a mãe de Julie não foi quem teve sorte de escapar.

Voltando-se para o espelho, Bobby olhou para sua imagem refletida, como se estivesse constrangido de fitá-la diretamente nos olhos.

— O que quero dizer é que, de repente, você está agindo como eu, e isso não é bom, destrói nosso equilíbrio, perturba a harmonia de nosso relacionamento, e é a harmonia que nos mantém vivos, bem-sucedidos e vivos. Você quer pegar esse caso porque está fascinada, ele excita sua imaginação, e porque gostaria de ajudar Frank, ele é tão digno de pena. Onde está sua raiva de sempre? Vou lhe dizer onde está. Não tem nenhuma porque, pelo menos neste momento, não há ninguém para trazê-la à tona, nenhum bandido. Certo, há o sujeito que ele diz que o perseguiu naquela noite, mas nem sabemos se ele é real ou apenas invenção da fantasia de Frank. Sem um bandido óbvio contra quem dirigir sua raiva, eu deveria ter de arrastá-la para esse caso a todo instante, e isso era o que eu estava fazendo, mas agora é você que está nos puxando e isso me preocupa. Não parece direito.

Deixou que ele continuasse a falar, seus olhares presos ao espelho, e quando ele finalmente terminou ela disse:

— Não, esse não é o seu ponto.

— O que quer dizer?

— Quero dizer que tudo que você acaba de falar é apenas fumaça. O que realmente o está incomodando, Robert?

Sua imagem refletida no espelho tentou enfrentar a imagem dela.

Ela sorriu.

— Vamos. Conte-me. Nunca guardamos segredos.

O Bobby no espelho parecia uma imitação ruim do verdadeiro Bobby

Dakota. O verdadeiro Bobby, o seu Bobby, era divertido, cheio de alegria e energia. O Bobby no espelho era pálido, quase sombrio; sua vitalidade fora minada pela preocupação.

— Robert? — ela incitou-o.

— Lembra-se da última quinta-feira quando acordamos?—perguntou ele. — O vento Santa Ana estava soprando forte. Nós fizemos amor.

— Lembro-me.

— E logo depois que fizemos amor eu tive a sensação estranha, terrível, de que iria perder você, que algo lá fora no vento estava vindo buscá-la.

— Você me falou sobre isso mais tarde, naquele mesmo dia, no Ozzie*s, quando falávamos de vitrolas automáticas. Mas a ventania passou e nada me pegou. Aqui estou eu.

— Nessa mesma noite, quinta-feira à noite, tive um pesadelo, o pesadelo mais vivido que você possa imaginar. — Contou-lhe a respeito da pequena casa de praia, a vitrola na areia, a trovejante voz interior.—O MAL ESTÁ A CAMINHO, O MAL, O MAL! — E sobre o mar corrosivo que tragara a ambos, dissolvendo-lhes a carne e arrastando seus ossos para as profundezas escuras. — Aquilo me abalou. Você não pode imaginar o quanto parecia *real*. Acordei apavorado como nunca me senti antes. Você estava dormindo, e eu não a acordei. Não lhe contei sobre isso depois porque não via sentido em preocupá-la e porque, bem, parece infantilidade dar muita importância a um sonho. Não tive o pesadelo outra vez. Mas desde então, sexta, sábado, ontem, tive momentos em que uma estranha ansiedade me percorria como uma espécie de calafrio e eu acho que talvez alguma coisa ruim esteja vindo em seu encalço. E agora, lá no escritório, Frank disse que estava envolvido com alguma coisa ruim, algo muito ruim, foi como ele disse, e imediatamente eu fiz a conexão. Julie, talvez esse caso seja o mal sobre o que eu sonhei Talvez não devamos aceitá-lo.

Ela fitou Bobby no espelho por um instante, imaginando como devolver-lhe a confiança. Finalmente, decidiu que, como seus papéis haviam se invertido, deveria lidar com ele como Bobby lidaria com ela numa situação semelhante. Bobby não iria se apegar à lógica e à razão, que eram suas armas, mas iria seduzi-la e diverti-la para tirá-la de um estado de medo.

Em vez de reagir diretamente às suas preocupações, ela disse:

— Já que estamos lavando a roupa suja, sabe o que me incomoda? O modo como você às vezes se empoleira na minha mesa quando estamos falando com um possível cliente. Com alguns clientes, pode fazer sentido eu *me* sentar sobre a mesa, usando uma saia curta, mostrando as

pernas, porque tenho pernas bonitas, embora seja eu mesma quem o diga. Mas você não usa saias, nem curta nem comprida, e não tem pemocas para isso, de qualquer modo.

— Quem está falando de mesa?

— Eu estou — disse ela, virando-se do espelho e olhando-o diretamente. — Alugamos um apartamento de sete cômodos em vez de oito para economizar dinheiro e, quando o resto do pessoal foi instalado, tínhamos apenas um escritório para nós dois, o que pareceu bom. Há espaço suficiente para duas mesas, mas você diz que não quer uma. Escrivaninhas são muito formais para você. Tudo que necessita é de um sofá para se esticar enquanto telefona, você diz, e no entanto quando os clientes vêm, você senta-se na minha mesa.

— Julie...

— A fórmica é um material resistente, quase impenetrável, porém mais cedo ou mais tarde você terá passado tanto tempo sentado na minha mesa que ela vai ficar com uma marca permanente da sua bunda.

Como ela se recusasse a olhar para o espelho, ele teve de voltar-se também e encará-la.

— Não ouviu o que eu disse sobre o sonho?

— Agora, não me interprete mal. Você tem um traseiro bonito, Bobby, mas não quero a marca dele no tampo da minha mesa. Os lápis vão ficar rolando sempre para aquela depressão. O pó vai se acumular ali.

— O que está acontecendo aqui?

— Quero avisá-lo de que estou pensando em mandar cercar o tampo da minha mesa com arame farpado, de modo que eu possa eletrificá-lo apenas acionando um botão. Você vai sentar-se na mesa e ficar sabendo o que uma mosca sente quando pousa num daqueles mata-moscas eletrônicos.

— Você está sendo difícil, Julie. Por que está sendo difícil?

— Frustração. Não eliminei nem destruí nenhum bandido ultimamente. Isso me deixa irritada.

Ele disse:

— Ei, espere um instante. Você não está sendo difícil.

— Claro que não.

— Você está sendo *eu*!

— Exatamente. — Ela beijou sua face direita e deu um tapinha na esquerda. — Agora vamos voltar lá dentro e aceitar o caso.

Abriu a porta e saiu do banheiro.

Meio divertido, Bobby exclamou, seguindo-a:

— Macacos me mordam.

Frank Pollard conversava calmamente com Clint, mas silenciou e ergueu os olhos, esperançoso, quando entraram.

Sombras agarravam-se aos cantos como monges a seus claustros e, por alguma razão, a claridade âmbar dos três abajures faziam-na lembrar da luz cintilante e misteriosa de velas votivas em fileiras numa igreja.

O amontoado de pedras preciosas escarlates ainda brilhava em cima da mesa.

O inseto ainda estava em sua posição de morte dentro do recipiente de vidro.

— Clint explicou o pagamento de nossos honorários?—perguntou ela a Pollard.

— Sim.

— Muito bem. Além disso, vamos precisar de dez mil dólares como adiantamento para as despesas.

Lá fora, raios rasgavam os ventres das nuvens. O céu ferido abriu-se, e uma chuva fria começou a açoitar as vidraças.

VIOLET ESTAVA acordada havia mais de uma hora e durante a maior parte desse tempo ela fora um falcão, voando bem alto ao vento, lançando-se para baixo de vez em quando para um rápido abate. O céu aberto era quase tão real para ela quanto para o pássaro que invadira. Plainava em correntes termais, o ar oferecendo pouca resistência às bordas dianteiras de suas asas lisas, com apenas as nuvens cinza acima e todo o mundo abaixo.

Também tinha consciência do quarto imerso em penumbra onde seu corpo e parte de sua mente permaneciam. Violet e Verbina geralmente dormiam durante o dia, pois passar as noites dormindo era desperdiçar as melhores horas. Compartilhavam um quarto no segundo andar, uma cama de casal, separadas uma da outra nunca a mais do que a extensão de um braço, embora em geral entrelaçadas. Naquela tarde de segunda-feira, Verbina ainda dormia, nua, de braços, com a cabeça voltada para o outro

lado, às vezes resmungando alguma coisa ininteligível junto ao travesseiro. Suas costas cálidas pressionavam-se contra Violet. Mesmo enquanto Violet estava com o falcão, tinha consciência do calor do corpo da irmã gêmea, a pele macia, a respiração ritmada, os murmúrios sonolentos e o seu cheiro próprio. Podia sentir o cheiro de pó do quarto também e o odor rançoso dos lençóis há muito não lavados — e dos gatos, é claro.

Não só sentia o cheiro dos gatos, que dormiam na cama e no assoalho à volta ou se estendiam preguiçosamente se lambendo, como vivia em cada um deles. Enquanto parte de sua consciência permanecia em sua própria carne pálida e parte voava nas alturas com a ave de rapina, outros aspectos de si mesma residiam em cada um dos gatos, 25 ao todo, agora que a pobre Samantha se fora. Ao mesmo tempo, Violet vivenciava o mundo através de seus próprios sentidos, através dos sentidos do falcão e através dos cinquenta olhos, 25 narizes, cinquenta ouvidos, centenas de patas e 25 línguas do bando. Podia sentir o cheiro do próprio corpo não meramente através de seu próprio nariz, mas através dos narizes de todos os gatos: o fraco resíduo de sabonete do banho da noite anterior; o perfume agradavelmente remanescente do xampu de limão; o cheiro viciado que sempre se seguia ao sono; o mau hálito provocado pelos restos dos vapores dos ovos crus, cebolas e fígado cru que comera naquela manhã antes de ir para a cama com o sol nascente. Cada integrante do bando tinha o olfato

mais apurado do que ela, e cada um percebia seu cheiro de forma diferente do que ela o fazia; achavam sua fragrância natural estranha, mas reconfortante, intrigante e, entretanto, familiar.

Podia sentir o cheiro, ver, ouvir e sentir-se através dos sentidos de sua irmã também, pois sempre fora inextricavelmente ligada a Verbina. Segundo sua vontade, podia rapidamente entrar ou desvencilhar-se das mentes de outras formas de vida, mas Verbina era a única **pessoa** com quem podia ligar-se dessa forma. Era um vínculo permanente, que compartilhavam desde o nascimento, e, embora Violet pudesse desprender-se do falcão ou dos gatos sempre que o desejasse, nunca podia desvencilhar-se da irmã gêmea. Da mesma forma, podia controlar as mentes dos animais assim como habitá-los, mas não podia controlar a irmã. Sua ligação não era como a de um mestre e sua marionete, mas especial e sagrada.

Durante toda a sua vida, Violet vivera na confluência de muitos rios de sensação, banhada em grandes e agitadas correntes de audição, olfato, visão, sabor e tato, vivenciando o mundo não só através de seus próprios sentidos, mas através daqueles incontáveis substitutos. Durante parte de sua infância, ela fora autista, tão dominada pelos estímulos sensoriais com os quais não sabia lidar, voltara-se para dentro, para seu mundo secreto de experiências ricas, variadas e profundas, até aprender a controlar a entrada do fluxo, aproveitando-se dele em vez de se deixar arrastar. Somente então resolveu relacionar-se com as pessoas à sua volta, abandonando o autismo, e não aprendeu a falar até os seis anos de idade. Nunca saiu daquelas profundas e velozes correntes de extraordinária sensação para se colocar na margem comparativamente seca da vida na qual outras pessoas existiam, mas pelo menos aprendera a interagir com sua mãe, Candy e outras pessoas a um grau limitado.

Verbina nunca lidou com a situação tão bem quanto Violet e evidentemente nunca o faria. Havendo escolhido uma vida quase que exclusivamente definida pela sensação, não exibia nenhuma preocupação pelo exercício e desenvolvimento de seu intelecto. Nunca aprendera a falar, não demonstrava nenhum interesse em ninguém a não ser sua irmã e deixava-se imergir com alegre abandono no oceano de estímulos sensoriais que se avolumava à sua volta. Correndo como um esquilo, voando como um falcão ou uma gaivota, berrando como uma gata, saltando e matando como um coiote, bebendo água fresca de um regato pela boca de um **raccoon** ou rato do campo, entrando na mente de uma cadela no cio enquanto outros cachorros a cobriam, simultaneamente

compartilhando o terror do coelho encurralado e a excitação selvagem da raposa predado-ra, Verbina desfrutava de aspectos da vida que ninguém mais, a não ser Violet, poderia desfrutar. E ela preferia a emoção permanente do mergulho na vida selvagem do mundo à existência comparativamente mundana das outras pessoas.

Agora, embora Verbina ainda dormisse, parte dela estava com Violet no falcão que voava nas alturas, pois nem o sono requeria a completa desconexão de seus elos com outras mentes. A contínua alimentação sensorial das espécies menores não era o único material de que suas vidas eram feitas, mas também a matéria de que eram feitos seus sonhos.

Sob nuvens tempestuosas que se tomavam mais escuras a cada minuto, o falcão pairava muito acima do desfiladeiro atrás da propriedade dos Pollards. Ele caçava.

Muito mais abaixo, entre pedaços de galhos secos e partidos, entre moitas espinhosas de torso, um rato gordo saiu de seu esconderijo. Correu pelo solo do desfiladeiro, alerta a sinais de inimigos ao nível do chão, mas alheio à morte de penas que o observava do alto.

Instintivamente cômico de que o rato poderia ouvir o barulho do bater das asas de uma grande distância e fugiria para o abrigo mais próximo ao primeiro ruído delas, o falcão silenciosamente virou as asas para trás, como que as dobrando junto ao corpo, e mergulhou verticalmente em direção ao roedor. Embora já tivesse compartilhado essa experiência inúmeras vezes antes, Violet prendeu a respiração enquanto mergulhavam 360 metros, descendo abaixo do nível do solo e penetrando na ravina; e, embora ela na verdade estivesse deitada em segurança em sua cama, seu estômago parecia revolver-se dentro dela e um terror primitivo avolumava-se em seu peito enquanto deixava escapar um guincho agudo de agradável excitação.

Na cama, ao lado de Violet, sua irmã também soltou um grito abafado.

No solo do desfiladeiro, o rato ficou paralisado, pressentindo o desastre que se abatia sobre ele, mas sem saber ao certo de onde provinha o perigo.

O falcão estendeu as asas como aerofólios no último instante; bruscamente a verdadeira substância do ar tomou-se aparente e forneceu uma bem-vinda resistência. Deixando a traseira precedê-lo, estendendo as pernas, abrindo as garras, o falcão agarrou o rato no mesmo instante em que a criatura reagia ao repentino abrir das asas e tentava escapar.

Embora permanecesse com o falcão, Violet entrou na mente do rato um instante antes do predador apoderar-se dele. Sentiu a gélida satisfação do

caçador e o terror da presa. Da perspectiva do falcão, sentia a carne gorda do rato furar-se e romper-se sob as garras afiadas e poderosas e, da perspectiva do rato, era devastada por uma dor insuportável e tinha consciência de uma ruptura mortal no interior de seu corpo. O pássaro olhou para baixo, para o roedor que esbravejava sob suas garras e estremeceu com uma sensação selvagem de domínio e força, com a percepção de que sua fome seria saciada. Soltou um grasnido de triunfo que ecoou por todo o desfiladeiro. Sentindo-se pequeno e indefeso nas garras do atacante voador, presa de um medo excruciante tão intenso a ponto de assemelhar-se estranhamente ao mais primoroso dos prazeres sensoriais, o rato olhou para cima, fitando os olhos frios e impiedosos e parou de se debater, relaxou, resignou-se com a morte. Viu o bico feroz descendo, tinha consciência de estar dominado, mas já não sentia dor, apenas uma resignação entorpecida, depois um breve instante de dilacerante contentamento, depois nada, nada. O falcão ergueu a cabeça e deixou que nacos e tiras de carne sangrenta descessem por sua goela.

Na cama, Violet virou-se de lado para fitar a irmã. Tendo sido acordada pela força da experiência com o falcão, Verbina aconchegou-se nos braços de Violet Nuas, pelve contra pelve, ventre contra ventre, seios contra seios, as gêmeas abraçaram-se, tremendo incontrolavelmente. Violet arquejava contra a garganta macia de Verbina e, através de sua ligação com a mente de Verbina, ela sentia aquele fluxo quente de sua própria respiração e o calor que ele produzia na pele da irmã. Emitiam sons sem palavras, agarravam-se uma à outra e sua respiração frenética não amainou senão quando o falcão arrancou o último pedaço de carne suculenta do quarto traseiro do rato e, com um agitar de asas, arremessou-se nos céus outra vez.

Embaixo ficava a propriedade de Pollard: a cerca de pitangueiras; a casa castigada pelo tempo, com o telhado empenado, de telhas de ardósia; o Buick de vinte anos que pertencera a sua mãe e que Candy às vezes dirigia; feixes de primulas, exuberantes com flores vermelhas, amarelas e roxas num canteiro estreito e malcuidado que acompanhava toda a extensão da varanda dos fundos em ruínas. Violet também viu Candy lá embaixo, no extremo nordeste da extensa propriedade.

Ainda fortemente agarrada à irmã, cobrindo a garganta, as faces e as têmporas de Verbina com beijos delicados, Violet simultaneamente dirigia o falcão para dar voltas acima de seu irmão. Através do pássaro, observou-o postado, a cabeça abaixada, junto ao túmulo de sua mãe, lamentando sua morte como lamentara a cada dia, sem exceção, desde sua

morte há tantos anos.

Violet não pranteava a morte da mãe. Ela fora uma estranha como qualquer outra pessoa do mundo e nada sentira de especial com a morte da mulher. Na verdade, porque Candy também era dotado, Violet sentia-se mais próxima dele do que da mãe, o que não significava muita coisa, porque ela na verdade não o conhecia bem nem se importava muito com ele. Como podia sentir-se apegada a alguém se não podia entrar em sua mente e viver com ele, através dele? Essa incrível intimidade era o que a unia a Verbina e marcava as inumeráveis relações que desfrutava com todos os animais que habitavam a natureza. Ela simplesmente não sabia como se relacionar com alguém sem aquela conexão estreita, intensa, e, se não podia amar, não podia sentir-se de luto.

Muito abaixo do falcão que dava voltas, Candy deixou-se cair de joelhos ao lado da sepultura.

SEGUNDA-FEIRAÀ TARDE. THOMAS ESTAVA SENTADO À SUA ESCRIVANINHA. FAZENDO UM POEMA-GRAVURA.

Derek ajudava. Ou assim imaginava. Revirava uma caixa de recortes de revistas. Escolhia ilustrações, entregava-as a Thomas. Se a gravura fosse correta, Thomas aparava-a, colava-a na página. Na maioria das vezes, não estava certa, de modo que ele a deixava de lado e pedia outra e outra gravura, até Derek dar-lhe algo que pudesse usar.

Não contou a Derek a terrível verdade. A terrível verdade era que ele queria fazer o poema sozinho. Mas não desejava ferir os sentimentos de Derek. O amigo já era suficientemente sofrido. Demais. Ser idiota realmente doía, e Derek era mais idiota do que Thomas. Derek tinha uma aparência mais idiota também, o que era mais sofrimento. Sua testa era mais inclinada do que a de Thomas. Seu nariz era mais chato e a cabeça tinha uma forma achatada. Terrível verdade.

Mais tarde, cansados de fazer o poema-gravura, Thomas e Derek dirigiram-se à sala de recreação e foi lá onde tudo aconteceu. Derek foi magoado. Foi tão magoado que chorou. Foi uma garota. Mary. Na sala de recreação.

Algumas pessoas jogavam bolas de gude num dos cantos. Outros viam televisão. Thomas e Derek sentaram-se num sofá junto às janelas, sendo sociáveis quando alguém se aproximava. Os assistentes sempre queriam que as pessoas na clínica fossem sociáveis. Fazia-lhe bem ser sociável. Quando ninguém mais apareceu para ser sociável com eles,

Thomas e Derek ficaram observando os beija-flores em um dos bebedouros que ficavam pendurados do lado de fora das janelas. Beija-flores na verdade não zumbiam, mas cortavam o ar de um lado para o outro e era muito divertido observá-los. Maiy, que era nova na clínica, não corria de um lado para o outro e não era divertido observá-la, mas zumbia um bocado. Não, ela tagarelava. Tagarelava, tagarelava o tempo todo.

Mary sabia a respeito de epicantos nos olhos. Disse que eram realmente importantes, os epicantos, e talvez fossem, embora Thomas nunca tivesse ouvido falar nisso e não soubesse do que se tratava, mas de qualquer modo havia muitas coisas que ele não compreendia e que eram importantes. Imaginava que devia ser uma coisa realmente muito ruim não ter o formato certo dos olhos e essa Mary dizia que seus olhos eram quase normais para uma mongolóide.

— Sou uma mongolóide de ponta—disse, feliz consigo mesma, ao que parecia.

Thomas não sabia o que era um mongolóide, mas não conseguia ver que Mary pudesse ser “de ponta” em alguma coisa, ela era gorda e completamente amorfa.

— Você provavelmente também é um mongolóide, Thomas, mas não é de ponta como eu. Sou quase normal, e você não é tão normal quanto eu.

Tudo isso apenas serviu para confundir Thomas.

Confundiu Derek mais ainda, podia-se ver, e em sua voz arrastada e muitas vezes difícil de ser compreendida Derek disse:

— Eu? Não sou mongolóide. — Sacudiu a cabeça. — Caubói — sorriu. — Caubói.

Mary riu dele.

— Você não é nenhum caubói, nem nunca será. Você é um imbecil.

Tiveram que lhe pedir para repetir aquilo algumas vezes até compreenderem, mas mesmo assim não captaram inteiramente o seu significado. Podiam repetir a palavra, mas não sabiam o que significava, tanto como não sabiam o que eram epicantos.

— Primeiro vêm as pessoas normais — disse Mary —, depois mongolóides logo abaixo, depois imbecis, que são mais estúpidos do que mongolóides, e por último os idiotas, que são mais estúpidos do que imbecis. Eu sou uma mongolóide de ponta e não vou ficar aqui para

sempre, vou ser boa, vou me comportar, vou me esforçar para ser normal, e um dia voltar para uma casa de transição.

— Casa de quê?—perguntou Derek, que era o que Thomas também se perguntava.

Mary riu dele.

— De transição para a normalidade, o que é mais do que você jamais vai conseguir, seu imbecil desgraçado.

Dessa vez Derek compreendeu que ela estava zombando, rindo dele, e tentou não chorar, mas não se conteve. Ficou vermelho e chorou, e Mary deu um sorriso malévolo, toda empertigada, excitada, como se tivesse conquistado um grande prêmio. Ela usara um palavrão, desgraçado, e devia se envergonhar, mas isso não ocorreu. Repetira a outra palavra, que para Thomas agora era um palavrão também, “imbecil”, e continuou a repeti-la, até que o pobre Derek levantou-se e saiu correndo e, mesmo assim, ela ainda gritou-lhe pelas costas.

Thomas voltou ao quarto, à procura de Derek, que estava no *closet*, com a porta trancada, berrando. Algumas assistentes surgiram e começaram

uma conversa suave com Derek, mas ele não queria sair do *closet*. Tiveram de conversar com ele durante muito tempo até conseguirem que saísse de lá, mas mesmo assim ele não conseguia parar de chorar e, então, depois de algum tempo, eles tiveram que lhe Dar Alguma Coisa. Às vezes, quando se estava doente, com um resfriado, por exemplo, as assistentes pediam-lhe para Tomar Alguma Coisa, que significava uma pílula de um jeito ou de outro, de uma cor ou outra, grande ou pequena. Mas quando tinham de lhe Dar Alguma Coisa sempre significava uma injeção, o que era ruim. Nunca tinham de Dar Alguma Coisa a Thomas porque ele era sempre bom. Mas às vezes Derek, por melhor que fosse, sentia-se tão mal consigo mesmo que não conseguia parar de chorar, e de vez em quando ele se agredia, batia no rosto, até se ferir e sangrar e, mesmo assim, ele não parava, de modo que tinham de lhe Dar Alguma Coisa Para Seu Próprio Bem. Derek nunca feria ninguém, ele era bom, mas Para Seu Próprio Bem às vezes tinham de fazê-lo relaxar e às vezes até mesmo dormir, que foi o que aconteceu no dia em que Mary, a mongolóide de ponta, chamou-o de imbecil.

Depois que Derek foi colocado para dormir, uma das assistentes sentou-se ao lado de Thomas à escrivaninha. Era Cathy. Thomas gostava de Cathy. Era mais velha do que Julie, mas não tão velha para ser a mãe

de alguém. Era bonita. Não tão bonita quanto Julie, mas bonita, com uma voz agradável e olhos que você não tinha medo de fitar. Segurou uma das mãos de Thomas entre as suas, perguntou se ele estava bem. Respondeu que sim, mas na verdade não estava e ela sabia disso. Conversaram por algum tempo. Foi bom. Ser sociável.

Ela lhe falou sobre Mary, para que ele compreendesse, e isso também foi bom.

— Ela é tão frustrada, Thomas. Ela esteve no mundo lá fora por algum tempo, numa casa de transição, e até tinha um emprego em tempo parcial, ganhando um pouco de seu próprio dinheiro. Ela se esforçou muito, mas não deu certo, ela teve muitos problemas, e teve de ser internada outra vez. Acho que ela se arrepende do que fez a Derek. Ela está tão decepcionada que precisava se sentir superior a alguém.

— Eu estou... *estive*... no mundo lá fora uma vez — disse Thomas.

— Sei que esteve, querido.

— Com meu pai. Depois com minha irmã. E Bobby.

— Você gostava de lá?

— Em parte me dava medo. Mas quando eu estava com Julie e Bobby eu gostei dessa época.

Em sua cama, Derek agora ressonava.

A tarde praticamente já se fora. O céu estava se preparando para uma tempestade. O quarto tinha sombras por toda parte. Só a lâmpada da escrivaninha estava acesa. O rosto de Cathy ficava bonito na claridade da luz. Sua pele parecia cetim cor de pêssego. Ele sabia como era o cetim. Julie uma vez teve um vestido de cetim.

Ele e Cathy ficaram em silêncio por alguns instantes.

Em seguida, ele disse:

— Às vezes, é difícil.

Ela colocou a mão em sua cabeça. Alisou seus cabelos.

— Sim, eu sei, Thomas. Eu sei.

Ela era muito amável. Ele não sabia por que começou a chorar quando ela se mostrou tão boa, mas foi o que fez. Talvez fosse justamente por ela ser tão boa.

Cathy arrastou a cadeira para mais junto de Thomas. Ele recostou-se nela. Ela abraçou-o. Ele chorou sem parar. Não um choro alto e terrível como o de Derek. Suave. Mas não conseguia parar. Procurava não chorar, porque chorar fazia-o se sentir tolo, e ele detestava se sentir tolo.

Através de suas lágrimas, disse:

— Eu detesto me sentir tolo.

— Você não é tolo, querido.

— Sim, eu sou. Detesto isso. Mas não posso ser de outro jeito, procuro não pensar que sou idiota, mas não se pode deixar de pensar nisso quando é isso que somos e outras pessoas não são, e elas saem no mundo todos os dias e vivem, mas você não vai lá fora no mundo, nem quer ir, mas, ah, você quer, mesmo quando diz que não.

Era muito para ele dizer e ficou surpreso de ter dito tudo aquilo, Surpreso, mas também frustrado porque ele queria muito lhe dizer como 'se senti' como era ser estúpido, ter medo de sair no mundo, e fracassara, não conseguira encontrar as palavras certas, de modo que o sentimento ainda estava todo preso dentro dele.

— Tempo. Há muito tempo, sabe, quando se é idiota e não se pode sair no mundo lá fora, muito tempo para preencher, mas na verdade não há tempo suficiente, não suficiente para aprender a não ter medo das coisas, e eu tenho de aprender a não ter medo para que eu possa voltar e Ticar com Julie e Bobby, o que eu realmente desejo, antes que todo o tempo se esgote. Há tempo demais e não há tempo suficiente, e isso parece estúpido, não é?

— Não, Thomas. Não parece estúpido.

Ele não saiu de seus braços. Queria ser abraçado.

Cathy disse:

— Sabe, às vezes a vida é dura para todos. Mesmo para as pessoas inteligentes. Mesmo para a mais inteligente de todas.

Com uma das mãos, ele limpou os olhos úmidos.

— É mesmo? Às vezes é difícil para você?

— Às vezes. Mas eu acredito em Deus, Thomas, e em que ele nos põe aqui por alguma razão e que todo sofrimento que temos de enfrentar é uma prova e que nos tomamos melhores quando a suportamos.

Ele ergueu a cabeça para fitá-la. Que olhos bonitos. Belos olhos. Eram olhos cheios de amor. Como os de Julie ou de Bobby.

Thomas disse:

— Deus me fez idiota para me testar?

— Você não é idiota, Thomas. Não em muitas formas. Não gosto de ouvi-lo se chamar de idiota. Não é tão inteligente quanto alguns, mas não

é culpa sua. Você é diferente, apenas isso. Ser diferente é a sua provação e você está lidando com ela muito bem.

— Estou?

— Maravilhosamente. Olhe para você mesmo. Não é uma pessoa amarga. Não é mal-humorado. Você procura as pessoas.

— Ser sociável.

Ela sorriu, tirou um lenço de papel da caixa sobre a escrivaninha e limpou as lágrimas do rosto dele.

— De todas as pessoas inteligentes no mundo, Thomas, nenhuma delas lida com o sofrimento melhor do que você, e a maioria nem tão bem.

Ele sabia que ela estava sendo sincera e suas palavras o deixaram feliz, embora não acreditasse que a vida jamais pudesse ser dura para pessoas inteligentes.

Ela permaneceu por mais algum tempo. Até ter certeza de que ele estava bem. Depois, foi embora.

Derek ainda ressonava.

Thomas ficou sentado à escrivaninha. Tentou fazer novos poemas.

Depois de algum tempo, dirigiu-se à janela. Chovia agora. A chuva escorria pelas vidraças. A tarde já estava quase finda. Logo a noite se abateria sobre a chuva.

Colocou as mãos contra o vidro. Olhou para dentro da chuva, do dia cinzento, para dentro do nada da noite que lentamente se insinuava sobre eles.

O Mal ainda estava lá fora. Podia senti-lo. Um homem, mas não um homem. Às vezes, mais do que um homem. Muito ruim. Assustador. Sentia-

o havia dias, mas não enviara uma mensagem para Bobby desde a semana passada porque o Mal não estava se aproximando. Estava distante, no momento Julie estava a salvo, e se ele enviasse muitas mensagens a Bobby, Bobby deixaria de lhes dar atenção e, quando o Mal finalmente surgisse, Bobby não iria mais acreditar nele e ele alcançaria Julie porque Bobby não estaria prestando atenção.

O que Thomas mais temia era que o Mal levasse Julie para a Casa do Mal. Sua mãe fora para a Casa do Mal quando Thomas tinha dois anos, de modo que nunca a conhecera. Depois, seu pai também fora para a Casa do Mal, deixando Thomas apenas com Julie.

Ele não se referia ao Inferno. Sabia a respeito de Céu e Inferno. O Céu pertencia a Deus. O Diabo era o dono do Inferno. Se havia um Céu.

tinha certeza que seu pai e sua mãe estavam 11 Todos queriam ir para o Céu, se possível. As coisas eram melhores por 11 No Inferno, as assistentes não eram boas.

Mas, para Thomas, a Casa do Mal não era apenas o Inferno. Era a Morte. O Inferno era um lugar ruim, mas a Morte era a Casa do Mal. A Morte era uma palavra que não se podia imaginar. A Morte significava que tudo parava, ia embora, todo o seu tempo se esgotava, terminava, findava. Como se poderia imaginar isso? Uma coisa não era real se não se podia imaginá-la. Ele não podia ver a Morte, não conseguia formar uma imagem dela em sua mente, não se pensasse nela da mesma forma que as outras pessoas pareciam pensar. Ele era muito idiota, de modo que tinha de imaginá-la em sua cabeça como um lugar. Diziam que a Morte vinha levá-lo, e*ela viera para levar seu pai uma noite, seu coração falhara, mas se ela vinha para levá-lo tinha de levá-lo para algum lugar. E esta era a Casa do Mal. É para onde se é levado e de onde nunca mais se podia voltar. Thomas não sabia o que acontecia a uma pessoa lá. Talvez nada de ruim. Exceto que não lhe era permitido voltar e ver as pessoas que amava, o que era bem mim, ainda que a comida fosse boa lá. Talvez algumas pessoas fossem para o Céu e outras para o Inferno, mas não se podia voltar de nenhum dos dois, de modo que ambos eram parte da Casa do Mal, apenas quartos diferentes. E ele não tinha certeza de que o Céu e o Inferno eram reais, de modo que talvez tudo que houvesse na Casa do Mal fosse escuridão e frio e tanto espaço vazio que quando se ia para lá não se podia sequer encontrar as pessoas que haviam partido antes de você.

Isso era o que mais o assustava. Não apenas perder Julie para a Casa do Mal, mas o fato de não ser capaz de encontrá-la quando ele próprio fosse para 11

Ele já tinha medo da noite. Todo aquele espaço vazio. A cobertura do mundo. Portanto, se a própria noite era tão apavorante, a Casa do Mal devia ser muito pior. Certamente era maior do que a noite e a luz do sol nunca surgia na Casa do Mal.

Lá fora, o céu escureceu ainda mais.

O vento agitava as palmeiras.

A chuva escorria pelas vidraças.

O Mal estava longe.

Mas ele viria. Em breve.

28

CANDY ESTAVA EM UM DAQUELES DIAS EM QUE NÃO CONSEGUIA ACEITAR A MORTE DA MÃE. TODA VEZ QUE ATRAVESSAVA O UMBRAL DE UMA PORTA OU SE VOLTAVA PARA UM CANTO, ESPERAVA VÊ-LA. ACHOU QUE A OUVIRA BALANÇANDO-SE EM SUA CADEIRA NA SALA, CANTAROLANDO BAIXINHO PARA SI MESMA, ENQUANTO TRICOTAVA UMA NOVA MANTA, MAS QUANDO FOI LÁ OLHAR A CADEIRA DE BALANÇO ESTAVA COBERTA POR UMA CAMADA DE POEIRA E UM MANTO DE TEIAS DE ARANHA. UMA VEZ, CORREU PARA A COZINHA, ESPERANDO ENCONTRÁ-LA NUM ALEGRE VESTIDO FLORIDO COM UM AVENTAL BRANCO DE BABADOS, DESPEJANDO PERFEITAS COLHERADAS DE MASSA DE BISCOITO NAS ASSADEIRAS OU TALVEZ BATENDO UM BOLO, MAS, É CLARO, ELA NÃO ESTAVA LÁ. NUM MOMENTO DE AGUDO TURBILHÃO EMOCIONAL, CANDY CORREU ESCADAS ACIMA, CERTO DE QUE ENCONTRARIA A MÃE NA CAMA, MAS QUANDO IRROMPEU EM SEU QUARTO LEMBROU-SE QUE AGORA AQUELE ERA O SEU QUARTO E QUE ELA PARTIRA.

Finalmente, para livrar-se daquele estranho e perturbador estado de espírito, foi para o quintal e parou junto ao seu túmulo solitário, no canto nordeste da enorme propriedade. Ele a enterrara ali, fazia sete anos, sob um circunspecto céu de inverno como aquele que agora encobria o sol, com um falcão dando voltas lá em cima exatamente como um agora o fazia. Cavara sua sepultura, envolvera-a em lençóis perfumados com Chanel n² 5 e a enterrara em silêncio, porque sepultamento em propriedade privada, não designada como cemitério, era contra a lei. Se tivesse permitido que ela fosse enterrada em qualquer outro lugar, ele teria tido de ir morar lá, pois não suportaria ficar separado de seus restos mortais por muito tempo.

Candy deixou-se cair de joelhos.

Com o passar dos anos, o monte original de terra havia se assentado, até sua sepultura ficar marcada por um ligeiro afundamento do terreno. A grama era esparsa ali, as lâminas ásperas, cortantes, diferentes do resto do gramado, embora ele não soubesse por quê; mesmo nos meses seguintes ao seu sepultamento, a grama sobre ela não crescera. Não havia

nenhuma pedra tumular em memória de sua passagem; embora o quintal fosse protegido por uma cerca alta, não podia se arriscar a chamar atenção para seu lugar de repouso ilegal.

Fitando o solo diante dele, Candy perguntou-se se uma lápide o ajudaria a aceitar sua morte. Se todos os dias ele visse seu nome e a data de sua morte profundamente entalhados numa placa de mármore, essa visão poderia aos poucos, mas permanentemente, gravar a perda em seu coração, poupando-o de dias como esse, quando era perturbado por um estranho esquecimento e por uma esperança que jamais poderia ser realizada.

Estendeu-se sobre a sepultura, voltou a cabeça para um lado, com o ouvido sobre a terra, como se em parte esperasse ouvi-la falar com ele de seu leito subterrâneo. Pressionando seu corpo com força contra o terreno que cedia sob seu peso, ansiava por sentir a vitalidade que ela um dia irradiara, a energia singular que fluía dela como calor de um fomo aberto, mas nada sentiu. Embora sua mãe tivesse sido uma mulher especial, Candy sabia que era absurdo esperar que seu cadáver, depois de sete anos, irradiasse ainda que um fantasma do amor com que o cobrira quando era viva; ainda assim, ficou seriamente decepcionado quando nem mesmo a mais leve aura tremeluziu através da terra de seus ossos sagrados.

Lágrimas escaldantes queimavam seus olhos, e ele tentou contê-las. Mas o leve rufar de um trovão atravessou o céu e algumas grossas gotas de chuva começaram a cair e nem a tempestade, nem suas lágrimas puderam ser contidas.

Ela jazia a apenas um metro e meio abaixo dele e sentiu-se tomado pela vontade de abrir caminho com suas mãos até ela. Sabia que sua carne teria se deteriorado, que encontraria apenas ossos dispostos numa lama vil de origem impensável, mas queria abraçá-la e ser abraçado, ainda que tivesse de arrumar seus braços esqueléticos à sua volta num falso abraço. Chegou a arrancar a grama e escavar alguns punhados de terra. Logo, entretanto, foi assolado por fortes soluços que rapidamente o deixaram exausto e fraco demais para continuar lutando contra a realidade.

Ela estava morta.

Partira.

Para sempre.

Conforme a chuva caía mais pesadamente, açoitando as costas de Candy, parecia extirpar o exaltado pesar de dentro de seu peito e substituí-lo por um ódio glacial. Frank matara sua mãe; ele tem de pagar por esse crime com a própria vida. Ficar deitado numa sepultura

enlameada, chorando como uma criança, não iria aproximar Candy da vingança.

Finalmente, ele se levantou e ficou parado com os punhos cerrados junto ao corpo, deixando a tempestade lavar um pouco da lama e da dor que sentia.

Prometeu à mãe que seria mais implacável e diligente na perseguição de seu assassino. Da próxima vez que conseguisse uma pista de Frank, não iria perdê-lo.

Olhando para o céu carregado de nuvens negras e vertendo água, dirigindo-se a sua mãe no céu, ele disse:

— Eu encontrarei Frank, eu o matarei, eu o destruirei. Vou esmagar seu crânio, cortar seu cérebro em pedacinhos e despejá-los pela privada.

A chuva parecia penetrá-lo, fazendo um calafrio percorrer sua medula, e ele estremeceu.

— Se eu encontrar alguém que tenha erguido um dedo para ajudá-lo, cortarei seus dedos fora. Arrancarei os olhos de qualquer um que tenha olhado para Frank com simpatia. Juro que o farei. E cortarei fora a língua de qualquer sacana que tenha lhe dirigido palavras amáveis.

De repente, a chuva começou a cair com mais força, amassando a grama no chão, estalando pelas folhas de um carvalho próximo, arrancando um coro de murmúrios das pitangueiras. Açoitava seu rosto, fazendo-o estreitar os olhos, mas ele não abaixou os olhos do céu.

— Se ele encontrou alguém com quem se importa, quem quer que seja, eu os tirarei dele como ele me tirou você. Eu os rasgarei, sugarei seu sangue e os atirarei fora como lixo.

Fizera essas mesmas promessas muitas vezes durante os últimos sete anos, mas as repetia agora com não menos fervor do que o fizera antes.

— Como lixo — repetiu entre dentes cerrados.

Sua necessidade de vingança não era mais feroz agora do que no dia do seu assassinato havia sete anos. Seu ódio por Frank era, se havia alguma diferença, mais forte e intenso do que nunca.

— Como lixo.

Um raio, como um machado, fendeu o céu contundido. Por um breve instante, uma laceração longa e denteada abriu-se em meio às nuvens negras, o que por um instante pareceu-lhe não nuvens, mas o corpo infinitamente estranho e pulsante de uma entidade divina e, através da carne rasgada pelo raio, ele achou ter entrevisto o brilhante mistério do além.

CLINT DETESTAVA A ESTAÇÃO CHUVOSA DO SUL DA CALIFÓRNIA. A MAIOR PARTE DO ANO ERA SECA E ENTRE AS SECAS INTERMITENTES DA ÚLTIMA DÉCADA ALGUNS INVERNOS FORAM MARCADOS POR APENAS UMAS POUCAS TEMPESTADES. QUANDO A TORMENTA FINALMENTE CAÍA, OS HABITANTES DO LUGAR PARECIAM TER-SE ESQUECIDO COMO DIRIGIR NA CHUVA. CONFORME AS SARJETAS TRANSBORDAVAM, AS RUAS FICAVAM ATRAVANCADAS COM O TRÁFEGO. AS AUTO-ESTRADAS ERAM AINDA PIORES, PARECIAM LAVADORAS DE CARROS INFINITAMENTE LONGAS ONDE AS ESTEIRAS HAVIAM QUEBRADO.

Enquanto a luz cinzenta lentamente definhava da tarde de segunda-feira, ele dirigiu o carro primeiro para o Palomar Laboratories em Costa Mesa. Era um prédio amplo, de blocos de concreto e de um único andar, a um quarteirão de Bristol Avenue. A divisão de análises clínicas analisava amostras de sangue e material para exames Pap e biópsias, entre outras coisas, mas também faziam análises de amostras industriais e geológicas de todos os tipos.

Parou seu Chevy no estacionamento contíguo. Carregando uma sacola de plástico de supermercado, chafurdava pelas poças, a cabeça abaixada contra a chuva fustigante, e entrou na pequena sala de recepção, escorrendo copiosamente.

Uma loura jovem e atraente estava sentada num banco por trás do balcão do guichê de recepção. Usava um uniforme branco e um cardigã roxo. Ela disse:

— Devia usar um guarda-chuva.

Clint assentiu, colocou a sacola de supermercado sobre o balcão e começou a desatar o nó do barbante para abri-la.

— Ao menos uma capa — disse ela.

Do bolso interno do casaco, ele retirou um cartão Dakota & Dakota, entregou-o a ela.

— É para eles que devo mandar a conta? — perguntou.

— Sim.

— Já usou nossos serviços antes?

— Já.

— Tem uma conta?

— Tenho.

— Nunca o vi aqui antes.

— Não.

— Meu nome é Lisa. Estou aqui há apenas uma semana. Nunca um

detetive particular veio aqui, pelo menos desde que comecei.

Da grande sacola branca ele retirou três sacos plásticos Ziploc, menores e transparentes, e arrumou-os um ao lado do outro.

— Qual o seu nome?—perguntou ela, inclinando a cabeça, sorrindo-lhe.

— Clint.

— Você fica andando por aí sem um guarda-chuva ou uma capa com este tempo, Clint, e vai pegar uma pneumonia, por mais forte que pareça ser.

— Primeiro, a camisa — disse Clint, empurrando o saco plástico para a frente. — Queremos uma análise das manchas de sangue. Não apenas o tipo. Queremos um serviço completo. E uma análise genética exaustiva também. Tire amostras de quatro partes diferentes da camisa, porque pode haver sangue de mais de uma pessoa. Se for esse o caso, faça uma análise completa de ambos.

Lisa olhou para Clint com o cenho franzido, depois para a camisa no saco plástico. Começou a preencher o pedido de análise.

— A mesma coisa para isto aqui — disse ele, empurrando para a frente o segundo saco plástico. Continha uma folha de papel timbrado Dakota & Dakota com várias manchas de sangue. De volta ao escritório, Julie esterilizara um alfinete na chama de um fósforo, furou o polegar de Frank Pollard e espremeu as amostras vermelhas sobre o papel. “Queremos saber se o sangue da camisa combina com o que está no papel.”

O terceiro saco plástico continha a areia preta.

— Isso aí é uma substância biológica? — perguntou Lisa.

— Não sei. Parece areia.

— Porque se for uma substância biológica deve ir para nossa divisão médica, mas se não for biológica deve ir para o laboratório industrial.

— Envie um pouco para ambos. E peça urgência.

— Custa mais.

— Não tem importância.

Enquanto preenchia o terceiro formulário, ela disse:

— Há algumas praias no Havaí que têm areia negra, já estive lá?

— Não.

— Kaimu. É o nome de uma das praias de areia preta. Parece que é de origem vulcânica. A areia, quero dizer. Gosta de praia?

— Gosto.

Ela ergueu os olhos, a caneta parada acima do formulário, e deu-lhe um largo sorriso. Tinha lábios carnudos. Os dentes eram muito brancos.

— Eu adoro praia. Não há nada que eu goste mais do que vestir um

biquíni e me refestelar ao sol, realmente tostar ao sol, e não me importo com o que dizem que um bronzeado não faz bem à pele. A vida é curta de qualquer modo, sabe? É melhor vivê-la com uma boa aparência. Além do mais, ficar ao sol me faz sentir, ah, não exatamente preguiçosa, porque não estou, dizendo que o sol mina minhas energias, é justamente o oposto, me faz sentir cheia de energia, mas uma energia preguiçosa, mais ou menos como a maneira de um leão caminhar, sabe como é?, forte mas indolente. O sol me faz sentir uma leoa.

Ele não disse nada.

Ela continuou:

— O sol é erótico. Acho que é isso que estou tentando dizer. \focê fica deitado ao sol bastante tempo, numa bela praia, e todas as suas inibições parecem se derreter.

Ele simplesmente continuou a fitá-la.

Quando terminou de preencher os pedidos de análises, dar-lhe as cópias e afixar cada pedido na amostra correspondente, Lisa disse:

— Ouça, Clint, vivemos num mundo moderno, certo?

Ele não sabia o que ela queria dizer.

Ela continuou:

— Hoje em dia somos todos liberados, correto? Portanto, se uma garota acha um rapaz atraente, ela não tem de esperar que ele tome a iniciativa.

Ah, bem, pensou Clint.

Inclinando-se para trás em seu banco, talvez para que ele visse como seus seios volumosos enchiam a blusa do uniforme branco, ela sorriu e disse:

— Estaria interessado num jantar, um cinema?

— Não.

Seu sorriso congelou-se.

— Sinto muito — disse ele.

Dobrou as cópias dos pedidos de análise e colocou-as no mesmo bolso do casaco de onde antes retirara um cartão de visitas.

Ela fitava-o com os olhos arregalados, e ele compreendeu que a magoara.

Buscando alguma coisa para dizer, tudo que conseguiu foi:

— Sou bicha.

Ela pestanejou e sacudiu a cabeça como se tentasse se recuperar de um golpe estonteante. Como o sol saindo do meio das nuvens, seu sorriso irrompeu no semblante sombrio.

— Unha de ser, para resistir a este pedaço.

— Sinto muito.

— Ora, não é sua culpa. Nós somos o que somos, não é?

Ele entrou na chuva outra vez. Estava esfriando. O céu parecia as ruínas de um edifício destruído pelo fogo e ao qual os bombeiros haviam chegado tarde demais: cinzas molhadas, carvão gotejante.

QUANDO A NOITE CAIU NAQUELA CHUVOSA SEGUNDA-FEIRA, BOBBY DAKO-TA POSTOU-SE À JANELA DO HOSPITAL E DISSE:

— Não é uma bela vista, Frank. A menos que goste de estacionamentos. — Virou-se e inspecionou o quarto branco e pequeno. Hospitais sempre o deixavam arrepiado, mas não demonstrou seus verdadeiros sentimentos para Frank. — A decoração certamente não vai figurar no próximo número da *Architectural Digest*, mas é bastante confortável. Você tem tevê, revistas e três refeições por dia na cama. Também notei que algumas das enfermeiras são muito atraentes, mas, por favor, mantenha as mãos longe das freiras, certo?

Frank estava mais pálido do que nunca. As olheiras haviam se acentuado como borrões de tinta. Ele não só parecia que precisava de um hospital, mas que já estivesse lá havia semanas. Usava os controles para etguer a inclinação da cama.

— Esses exames são realmente necessários?

— Sua amnésia pode ter uma causa física — disse Julie. — *Você* ouviu o Dr. Freebom. Vão procurar abscessos cerebrais, neoplasmas, cistos, coágulos, todo tipo de coisas.

— Não confio nesse Freebom — disse Frank, preocupado.

Sanford Freebom era amigo de Bobby e Julie, assim como seu médico. Fazia alguns anos, eles haviam ajudado o irmão dele a sair de uma grande enrascada.

— Por quê? O que há de errado com Sandy?

Frank disse:

— Eu não o conheço.

— Você não conhece ninguém — disse Bobby. — Esse é o seu problema. Lembra-se? Você está com amnésia.

Depois de aceitar Frank como cliente, eles o haviam levado diretamente para o consultório de Sandy Freebom para um exame preliminar. Tudo que Sandy sabia era que Frank não conseguia se lembrar de nada além do seu nome. Não lhe contaram sobre as sacolas de dinheiro, o sangue, a areia preta, as pedras rubras, o inseto estranho ou qualquer outra parte da história. Sandy não perguntou por que Frank os fora procurar em vez de procurar a polícia ou por que eles haviam aceitado um caso tão fora da sua alçada; uma das coisas que faziam dele um bom amigo era sua confiável discrição.

Nervosamente ajeitando os lençóis, Frank disse:

— Acha que é realmente necessário um quarto particular?

Julie assentiu.

— Você quer que nós descubramos o que você faz à noite, aonde vai, o que significa monitorá-lo, com segurança máxima.

— Um quarto particular é caro — disse Frank.

— Você pode pagar o melhor tratamento — disse Bobby.

— O dinheiro naquelas sacolas pode não ser meu.

Bobby deu de ombros.

— Então, vai ter de trabalhar para pagar sua conta do hospital: trocar a roupa de cama de algumas centenas de leitos, esvaziar alguns milhares de comadres, fazer uma cirurgia de cérebro sem cobrar nada. Talvez você seja um cirurgião de cérebro. Quem sabe? Com amnésia, é tão possível

que tenha se esquecido que é um cirurgião quanto que é um vendedor de carros usados. Vale a pena tentar, pegue uma serra de osso, retire a tampa da cabeça de alguém, dê uma espiada lá dentro, veja se algo lhe parece familiar.

Recostando-se contra a grade da cama, Julie disse:

— Quando não estiver na radiologia ou em algum outro departamento fazendo exames, teremos um homem com você, vigiando-o. Esta noite é Hal.

Hal Yamataka já assumira seu posto numa poltrona estofada, de aparência desconfortável, própria para visitas. Estava para um dos lados da cama, entre Frank e a porta, em posição tanto de vigiar a pessoa que estava sob sua guarda quanto ver a televisão presa à parede. Hal parecia-se a uma versão japonesa de Clint Karaghiosis: pouco mais de um metro e setenta, ombros e peito largos, constituição tão sólida que parecia construído por um pedreiro que sabia como assentar pedras bem unidas e esconder a argamassa. Caso não houvesse nada que valesse a pena ver na televisão e a pessoa sob seus cuidados não se mostrasse um bom interlocutor, ele trouxera um livro de John D. MacDonald.

Fitando a janela batida pela chuva, Frank disse:

— Acho que estou com medo.

— Não precisa ficar com medo — disse Bobby. — Hal não é tão perigoso quanto parece. Nunca matou ninguém de quem gostasse.

— Só uma vez — disse Hal.

Bobby disse:

— Você matou alguém de quem gostava? Por quê?

— Ele pediu meu pente emprestado.

— Está vendo só, Frank?—disse Bobby.—Só não lhe peça o pente

emprestado e você estará a salvo.

Frank não estava com disposição para brincadeiras.

— Não consigo parar de pensar em acordar com sangue nas mãos. Receio já ter ferido alguém. Não quero ferir mais ninguém.

— Ah, você não pode ferir Hal — disse Bobby.—Ele é um oriental invulnerável.

— Inescrutável — disse Hal. — Eu sou um oriental inescrutável.

— Não quero saber de seus problemas sexuais, Hal. De qualquer forma, se você não comesse tanto **sushi** e não tivesse hálito de peixe cru. seria vulnerável como qualquer um.

Estendendo a mão por cima da grade da cama, Julie tomou as mãos de Frank.

Ele sorriu frouxamente:

— Seu marido é sempre assim, Sra. Dakota?

— Chame-me de Julie. Quer dizer, ele é sempre espirituoso ou infantil? Nem sempre, mas a maior parte do tempo, receio.

— Ouviu isso, Hal?—perguntou Bobby. — Mulheres e amnésicos, eles não têm nenhum senso de humor.

Para Frank, Julie disse:

— Meu marido acha que tudo na vida deveria ser divertido, mesmo acidentes de carro, funerais.

— Mesmo higiene dental — disse Bobby.

— E ele provavelmente estaria fazendo piadas no meio de uma guerra nuclear. É o jeito dele. Não tem cura.

— Ela tentou — disse Bobby. — Ela me mandou para um centro de desintoxicação de felicidade. Prometeram incutir alguma morbidez em mim. Não conseguiram.

— Estará seguro aqui—disse Julie, apertando a mão de Frank antes de soltá-la. — Hal tomará conta de você.

A CASA DO ENTOMOLOGISTA ficava em Turtle Rock, Irvine, a curta distância de carro da universidade. Luminárias Malibu, baixas, pretas, da forma de um cogumelo, lançavam círculos de luz no caminho cheio de poças de água da chuva e que levava até as reluzentes portas de carvalho.

Carregando uma das sacolas de viagem de couro pertencentes a Frank Pollard, Clint subiu na pequena varanda coberta e tocou a campainha.

Um homem falou-lhe através do interfone logo abaixo do interruptor da campainha.

— Quem é, por favor?

— Dr. Dyson Manfred? Sou Clint Karaghiosis. De Dakota & Dakota.

Meio minuto depois, Manfred abriu a porta. Era pelo menos 25 centímetros mais alto do que Clint, um metro e noventa e seis, e magro. Usava calça preta, camisa branca e uma gravata verde; o botão superior da camisa estava desabotoado e a gravata frouxa.

— Por Deus, homem, está encharcado.

— Apenas molhado.

Manfred recuou, abrindo a porta de par em par, e Clint entrou no vestíbulo de chão de ladrilho.

Ao fechar a porta, Manfred disse:

— Devia usar um guarda-chuva ou tuna capa numa noite como esta.

— É revigorante.

— O quê?

— O mau tempo—respondeu Clint

Manfred olhou-o como se ele fosse estranho, mas na visão de Clint era o próprio Manfred quem parecia estranho. O sujeito era magro demais, apenas ossos. Não conseguia preencher suas roupas; as calças pendiam amorfas sobre os quadris pontudos e os ombros espetavam o tecido da camisa como se por baixo só existissem ossos descarnados. Anguloso e desengonçado, parecia ter sido montado de uma pilha de varas secas por um aprendiz de deus. Unha o rosto longo e estreito, com a testa alta e o queixo saliente e sua pele curtida parecia tão esticada sobre as maçãs do rosto que dava a impressão de que iria rasgar-se. Possuía estranhos olhos cor de âmbar que fitavam Clint com uma expressão de fria curiosidade, sem dúvida familiar aos milhares de insetos que ele prendera nos mos-truários de espécimes.

O olhar de Manfred percorreu Clint de cima até o chão, onde a água se empoçava em volta dos seus tênis.

— Desculpe-me—disse Clint

— Vai secar. Eu estava em meu gabinete. Acompanhe-me.

Olhando para a sala de visitas à sua direita, Clint notou o papel de parede de flor-de-lis, um espesso tapete chinês, poltronas e sofás em demasia, mobília inglesa antiga, cortinas de veludo cor de vinho e mesas apinhadas de bibelôs que brilhavam sob a luz do abajur. Era um aposento muito vitoriano, em desarmonia com as linhas californianas e o próprio projeto da casa.

Ele seguiu o entomologista passando pela sala de estar e seguindo um pequeno corredor até seu gabinete. Manfred tinha um trejeito singular, como se andasse sobre pernas de pau. Alto e parecendo uma vara como era, com os ombros curvados e a cabeça ligeiramente projetada para a frente, parecia tão primitivo e pré-histórico quanto um louva-a-deus.

Clint esperava que o escritório de um professor universitário fosse entulhado de livros, mas apenas quarenta ou cinquenta volumes alinhavam-se numa estante ao lado da escrivaninha. Havia cômodas com gavetas rasas e largas que provavelmente estavam cheias de animais rastejantes e, nas paredes, viam-se insetos em mostruários de vidro.

Quando viu Clint fitando uma determinada coleção, Manfred disse:

— Baratas. Belas criaturas.

Clint não retrucou.

— A simplicidade de suas linhas e funções, quero dizer. Poucos as achariam belas na aparência, é claro.

Clint não conseguia se livrar da sensação de que os insetos estivessem realmente vivos.

Manfred disse:

— O que acha daquela grandalhona no canto da coleção?

— É grande, senhor.

— Barata sibilante de Madagascar. O nome científico é *Gromphadorrhina portentosa*. Essa tem mais de oito centímetros e meio, cerca de três polegadas e meia. Absolutamente linda, não acha?

Clint não disse nada.

Acomodando-se na poltrona ao lado da escrivaninha, Manfred cruzou os longos braços e pernas ossudos no pequeno espaço, do modo como uma aranha grande se comprime numa pequena bola.

Clint não se sentou. Tendo trabalhado o dia inteiro, estava ansioso para ir para casa.

Manfred disse:

— Recebi um telefonema do reitor da universidade. Ele me pediu para colaborar com o Sr. Dakota da melhor forma possível.

A UCI—University of Califórnia at Irvine—há muito se esforçava para ser uma das melhores universidades do país. O reitor atual e o seu antecessor buscaram atingir esse *status* oferecendo vultosos salários e generosos benefícios adicionais a renomados professores e pesquisadores de outras instituições. Antes de comprometer recursos substanciais na forma de excelentes ofertas de emprego, entretanto, a universidade contratou os serviços de Dakota & Dakota para conduzir uma investigação

do passado dos possíveis membros do corpo docente. Mesmo um brilhante físico ou biólogo podia ter uma sede grande demais por uísque» um nanz para cocaína ou uma infeliz atração por menininhas. A UCI queria comprar cérebros» respeitabilidade e glória acadêmica, não escândalos; Dakota & Dakota prestou-lhes um bom serviço.

Manfred fincou os cotovelos no braço da poltrona e juntou os dedos, que eram tão longos que pareciam ter, cada um, um nó extra.

— Qual é o problema?—perguntou.

Clint abriu a sacola de vôlei de couro e retirou o recipiente de vidro de boca larga. Colocou-o sobre a mesa do entomologista.

O inseto no vidro era pelo menos duas vezes maior do que a barata sibilante de Madagascar na parede.

Por um instante, o Dr. Dyson Manfred pareceu ficar paralisado. Não moveu um dedo; seus olhos não piscaram. Olhava intensamente para a criatura no vidro. Finalmente, disse:

— O que é isso, um embuste?

— É real.

Manfred inclinou-se para a frente, curvando-se sobre a escrivaninha e abaixando a cabeça até seu nariz quase tocar o vidro grosso por trás do qual o inseto jazia encolhido.

— Vivo?

— Morto.

— Onde encontrou isso? Não aqui no sul da Califórnia?

— Sim.

— Impossível.

— O que é? — perguntou Clint.

Manfred ergueu os olhos para ele, franzindo as sobrancelhas.

— Nunca vi nada semelhante a isso. E se eu não vi nada semelhante,

ninguém mais viu. Pertence ao *phylum Arthropoda*, tenho certeza, que inclui coisas como aranhas e escorpiões, mas se pode ser classificado como um inseto eu não posso dizer antes de tê-lo examinado. Se for um inseto, é de uma nova espécie. Onde, exatamente, você o encontrou e por que seria de interesse de detetives particulares?

— Desculpe-me, senhor, mas nada lhe posso dizer sobre o caso. Tenho de proteger a privacidade do cliente.

Manfred cuidadosamente girou o recipiente nas mãos, examinando o seu ocupante de todos os ângulos.

— Absolutamente incrível. Preciso ficar com ele.—Ergueu a cabeça e seus olhos âmbar já não pareciam frios e avaliadores, mas brilhantes de excitação. — Preciso ficar com este espécime.

— Bem, eu pretendia deixá-lo com o senhor para exame — disse Clint— Mas quanto ao senhor ficar com ele permanentemente...

— Sim, permanentemente.

— Isso depende do meu chefe e do cliente. Enquanto isso, queremos saber o que é, de onde vem, tudo que puder nos dizer a respeito.

Com exagerado cuidado, como se manipulasse o mais fino cristal em vez de um vidro ordinário, Manfred colocou o recipiente sobre o mata-borrão da mesa.

— Farei um registro completo do espécime em fotografias e vídeo, de todos os ângulos e em **close-up** máximo. Depois, será necessário dissecá-lo, embora isso seja feito com o máximo cuidado, asseguro-lhe.

— Como quiser.

— Sr. Karaghiosis, o senhor parece terrivelmente entediado a esse respeito. Compreende inteiramente o que acabo de lhe dizer? Isto parece pertencer a uma espécie inteiramente nova, o que seria extraordinário. Por que como poderia tal espécie, produzindo indivíduos deste tamanho, ter passado despercebida por tanto tempo? Isto vai ser uma grande novidade no mundo da entomologia, Sr. Karaghiosis, uma grande novidade.

Clint olhou para o inseto no vidro e disse:

— Sim, imagino.

32

Do hospital, BOBBY E Julie dirigiram o Toyota da companhia para as terras baixas de Garden Greve a oeste do condado, em busca de Serape Way 884, o endereço na carteira de motorista que Frank possuía em nome de George Farris.

Julie espreitava pelas janelas laterais salpicadas de chuva e para a frente entre os ativos limpadores de pára-brisas, verificando os números das casas.

A rua era ladeada de fortes lâmpadas de vapor de sódio e casas de trinta anos, de um único andar. Havia sido construídas em dois modelos básicos, tipo caixa, mas uma ilusão de individualidade era proporcionada por uma variedade de acabamentos. Uma era de alvenaria com detalhes em tijolos. Outra era de alvenaria com painéis de cedro — ou pedras Bouquet Canyon ou vulcânicas.

A Califórnia não era inteiramente de Beverly Hills, Bel Aire Newport Beach, não era toda de mansões e vilas de praia, que era a imagem criada pela televisão. Casas populares haviam tomado o sonho californiano acessível a ondas de imigrantes que havia décadas vinham em enxurradas da costa do Oriente e agora de praias ainda mais distantes, como era evidente pelos adesivos de pára-choques em vietnamita e coreano que se viam em alguns carros estacionados ao longo da Serape.

— No próximo quarteirão—disse Julie. — Do meu lado.

Algumas pessoas diziam que esses bairros eram uma mancha na paisagem, mas para Bobby eram a essência da democracia. Fora criado numa rua como Serape Way, ao norte, em Anaheim, em vez de Garden Grove, e nunca lhe parecera feia. Lembrava-se das brincadeiras com outros garotos nas longas tardes de verão, quando o sol se punha em labaredas vermelhas e cor de laranja, e as silhuetas de penachos das palmeiras eram negras como desenhos de nanquim recortadas contra o céu; na hora do crepúsculo, o ar às vezes ficava permeado do aroma de jasmims e ecoava com o grito de uma gaivota retardatária a distância. Lembrava-se do que significava ser uma criança com uma bicicleta na Califórnia — as paisagens a explorar, as grandiosas possibilidades de aventura; cada rua de casas de alvenaria vista pela primeira vez e do banco de uma Schwinn parecera-lhe exótica.

Duas árvores dominavam o pátio do número 884 da Serape. As flores brancas de azaléas irradiavam uma claridade suave na noite desolada.

Tingida pela luz das lâmpadas de vapor de sódio da rua, a chuva torrencial parecia ouro derretido. Mas, quando Bobby correu pelo caminho da casa atrás de Julie, a chuva parecia quase tão fria quanto granizo em seu rosto e mãos. Usava um quente casaco de náilon acolchoado e com capuz, mas tremia.

Julie tocou a campainha. A luz da varanda se acendeu, e Bobby pressentiu alguém olhando-os pelo olho mágico na porta da frente.

Empurrou o capuz para trás e sorriu.

Aporta abriu-se com a corrente de segurança e um asiático espreitou pela fresta. Tinha uns quarenta anos, baixo, magro, de cabelos negros desbotando para grisalho nas têmporas.

— Sim?

Julie mostrou-lhe sua licença de investigador particular e explicou que procuravam alguém de nome George Farris.

— Polícia?—O homem franziu as sobrancelhas.—Não há nada de errado, não é preciso polícia.

— Não, veja, somos detetives particulares — explicou Bobby.

Os olhos do homem se estreitaram. Parecia que ia fechar a porta na cara deles, mas repentinamente seu rosto se iluminou e ele sorriu.

— Ah, são detetives! Como na televisão.

Retirou a corrente da porta e deixou-os entrar.

Na verdade, não só os deixou entrar, como os tratou como se fossem visitas de honra. Dentro de exatos três minutos, ficaram sabendo que seu nome era Tuong Tran Phan (a ordem de seus nomes fora rearranjada para se adaptar ao costume ocidental de colocar o sobrenome por último), que ele e a mulher, Chinh, estavam entre as pessoas que fugiram do Vietnã em embarcações dois anos depois da queda de Saigon, que haviam trabalhado em lavanderias e tinturarias e, em seguida, abriram duas tinturarias. Tuong insistiu em ajudá-los a tirar os casacos. Chinh — uma mulher miúda de traços delicados, vestida em calças largas pretas e uma blusa de seda amarela — disse que ia providenciar refrigerantes, apesar de Bobby explicar que só precisariam de alguns minutos de seu tempo.

Bobby sabia que a primeira geração de vietnamitas-americanos às vezes se mostravam receosos da polícia, a ponto mesmo de relutarem em pedir ajuda quando eram vítimas de algum crime. A polícia do Vietnã do Sul sempre fora corrupta e os senhores do Vietnã do Norte, que tomaram o Sul depois da retirada dos Estados Unidos, haviam sido sanguinários. Mesmo depois de quinze anos ou mais nos Estados Unidos, os vietnamitas continuavam um pouco desconfiados de todas as autoridades.

No caso de Tuong e Chinh Phan, entretanto, essa desconfiança não se estendia aos investigadores particulares. Evidentemente, haviam visto tantos detetives heróicos nos seriados de tevê que acreditavam que todos os detetives eram campeões da luta pelos injustiçados, cavaleiros com reluzentes .38 em vez de lanças. Em seu papel de libertadores dos

oprimidos, Bobby e Julie foram conduzidos, com alguma cerimônia, ao sofá, que era a peça mais nova e melhor da sala de visitas.

Os Phans fizeram entrar na sala seus filhos excepcionalmente bonitos para as apresentações: Rocky, de treze anos; Sylvester, de dez anos; Sissy, de doze; e Meryl, de seis. Eram obviamente nascidos e criados americanos, exceto que eram reconfortantemente mais gentis e bem-educados do que muitos de seus contemporâneos. Depois das apresentações, as crianças voltaram para a cozinha, onde estavam fazendo os deveres da escola.

Apesar de seus protestos educados, Bobby e Julie foram rapidamente servidos de café adornado com leite condensado e acompanhado de finos e delicados docinhos vietnamitas. Os Phans também tomaram café.

Tuong e Chinh sentaram-se em gastas poltronas, visivelmente menos confortáveis do que o sofá. A maior parte da mobília era em estilo contemporâneo simples e em cores neutras. Um pequeno altar budista destacava-se a um canto; viam-se frutas frescas no santuário vermelho e vários incensos em suportes de cerâmica. Somente um dos incensos estava aceso, e um fio azul-claro de fumaça fragrante erguia-se em volteios. Os outros únicos elementos orientais eram mesas de laca preta.

— Estamos procurando um homem que um dia deve ter morado neste endereço — disse Julie, escolhendo um dos *petit-fours* da travessa onde a Sra. Phan os servira. — Seu nome é George Farris.

— Sim. Ele morou aqui — disse Tuong, e sua mulher assentiu.

Bobby ficou surpreso. Estava certo de que o nome e o endereço de Farris haviam sido escolhidos aleatoriamente por um falsificador de documentos, que Frank jamais vivera ali. Frank estava igualmente certo de que seu verdadeiro nome era Pollard, não Farris.

— Comprou esta casa de George Farris? — perguntou Julie.

Tuong disse:

— Não, ele estava morto.

— Morto? — exclamou Bobby.

— Há cinco ou seis anos — disse Tuong. — Um câncer terrível.

Então, Frank Pollard não era Farris e não havia morado ali. A identidade era inteiramente falsa.

— Compramos casa há apenas alguns meses atrás da viúva—disse Tuong. Seu inglês era bom, embora ocasionalmente omitisse o artigo antes do substantivo. — Não, quero dizer, do espólio.

Julie disse:

— Então, a Sra. Farris também está morta.

Tuong voltou-se para sua mulher e trocaram um olhar significativo. Ele disse:

— É muito triste. De onde vêm homens assim?

Julie perguntou:

— De que homem está falando, Sr. Phan?

— Do que matou a Sra. Farris, seu irmão, duas filhas.

Algo pareceu contorcer-se no estômago de Bobby. Gostara instintivamente de Frank Pollard e tinha certeza de sua inocência, mas repentinamente uma minhoca da dúvida penetrou na perfeita e bem polida maçã de sua convicção. Poderia ser apenas uma coincidência que Frank estivesse carregando a identidade de um homem cuja família fora massacrada — ou seria Frank responsável? Dera uma mordida num doce recheado de creme e, embora estivesse delicioso, teve dificuldade de engolir.

— Foi no final de julho — disse Chinh. — Durante a onda de calor, vocês devem se lembrar. — Soprou seu café para esfriá-lo. Bobby notou que Chinh falava um inglês perfeito e suspeitava que suas ocasionais infelieidades com a língua eram erros conscientes que ela inseria uma vez ou outra para não parecer melhor do que seu marido, uma gentileza bem oriental e sutil. — Compramos casa em outubro último.

— Nunca pegar assassino — disse Tuong Phan.

— Têm uma descrição dele? — perguntou Julie.

— Não creio.

Relutantemente, Bobby olhou para Julie. Parecia tão abalada quanto ele, mas ela não lhe lançou um olhar de eu-bem-que-havia-lhe-avisado.

Ela perguntou:

— Como foram assassinados? A tiros? Estrangulados?

— A faca, eu acho. Venham. Eu lhes mostro onde corpos foram encontrados.

A casa tinha três quartos e dois banheiros, mas um dos banheiros estava sendo reformado. Os ladrilhos foram retirados das paredes, do chão e da bancada. Os armários estavam sendo refeitos em carvalho de primeira.

Julie seguiu Tuong dentro do banheiro, e Bobby permaneceu na | entrada com a Sra. Phan.

O matraquear da chuva ecoava pelo orifício de ventilação do teto.

Tuong disse:

— Corpo da filha mais nova dos Farris estava aqui, no chSo. Tinha treze anos. Uma coisa horrível. Muito sangue. A argamassa entre os ladrilhos ficou permanentemente manchada, foi preciso tirar tudo.

Encaminhou-os ao quarto de suas filhas. Camas de solteiro, mesi-nhas-

de-cabeceira e duas pequenas escrivaninhas quase não deixavam espaço para mais nada. Mas Sissy e Meiyl haviam conseguido arrumar ali um monte de livros.

Tuong Phan disse:

— O irmão da Sra. Farris, hospedado com ela por uma semana, foi morto aqui. Em sua cama. Havia sangue nas paredes, no carpete.

— Nós vimos a casa antes de ela ser colocada à venda numa imobiliária, antes do carpete ter sido substituído e as paredes pintadas— disse Chinh Phan.—Este quarto era o pior. Ele me deu pesadelos durante algum tempo.

Prosseguiram para o quarto principal parcimoniosamente mobiliado: uma cama de casal, mesinhas-de-cabeceira, dois abajures, mas nenhum armário ou cômoda de gavetas. As roupas que não cabiam no **closet** ficavam arrumadas ao longo de uma parede, em caixas de armazenamento de papelão, com tampas de plástico transparente.

A frugalidade daquela família pareceu a Bobby similar à dele e Julie. Talvez eles também tivessem um sonho para o qual estavam trabalhando e economizando.

Tuong disse:

— A Sra. Farris foi encontrada neste quarto, em sua cama. Coisas horríveis lhe foram feitas. Ela foi mordida, mas nunca falaram disso nos jornais.

— Mordida? — perguntou Julie. — Pelo quê?

— Provavelmente pelo assassino. No rosto, na gaiganta e outras partes.

— Se não escreveram sobre isso nos jornais—disse Bobby —, como sabe a respeito das mordidas?

— Vizinha que encontrou os corpos ainda vive aqui ao lado. Ela disse que tanto a menina mais velha quanto a Sra. Ferris estavam mordi-das.

A Sra. Phan disse:

— Ela não é do tipo de imaginar tais coisas.

— Onde a segunda filha foi encontrada? — perguntou Julie.

— Por favor, sigam-me.

Tuong reconduziu-os por onde vieram, atravessando a sala de visitas *t*e a sala de jantar e entrando na cozinha.

Os quatro filhos de Phan estavam sentados em torno da mesa da Cozinha. Três deles diligentemente liam livros escolares e tomavam notas. [Não havia rádio ou televisão distraíndo-lhes a atenção e pareciam satisfeitos com seus estudos. Até Meryl, que estava na primeira série e provavelmente não tinha deveres de casa, lia um livro infantil.

Bobby notou dois gráficos coloridos pregados na parede junto à

[geladeira. O primeiro mostrava as notas de cada criança e os resultados das provas principais desde o começo do ano letivo em setembro. O outro era uma lista de tarefas domésticas pelas quais cada criança era responsável.

Por todo o país, as universidades estavam num impasse, porque um ^percentual extraordinariamente grande dos melhores candidatos à admissão era de origem asiática. Negros e hispânicos queixavam-se de estarem sendo preteridos em função de uma outra minoria e os brancos alardeavam 'um racismo reverso quando lhes era negada admissão, em favor de um -estudante oriental. Alguns atribuíam o sucesso dos americanos-asiáticos a uma conspiração, mas Bobby via a explicação simples para suas conquistas em toda parte da casa dos Phans: eles se esforçavam mais. Abraçavam os ideais sobre os quais o país fora construído — inclusive trabalho duro, honestidade, privação pessoal em função de um objetivo e a liberdade de ser o que o indivíduo desejasse ser. Ironicamente, seu enorme sucesso era em parte devido ao fato de tantos americanos natos terem se tomado céticos a respeito desses mesmos ideais.

A cozinha abria-se para uma sala dos fundos mobiliada tão modestamente quanto o resto da casa.

Tuong disse:

— Garota mais velha dos Farris encontrada aqui junto ao sofá. Dezesete anos.

— Muito bonita — disse Chinh com ar de tristeza.

— Ela, como a mãe, foi mordida. Assim disse nossa vizinha.

Julie disse:

— E as outras vítimas, a filha mais nova e o irmão da Sra. Farris, eles também foram mordidos?

— Não sei—respondeu Tuong.

— A vizinha não viu os corpos deles — disse Chinh.

Ficaram em silêncio por alguns instantes, olhando para o chão onde a jovem morta fora encontrada, como se a monstruosidade do crime fosse tal que a marca devesse de alguma forma ter reaparecido no carpete novo. A chuva tamborilava no telhado.

Bobby disse:

— Às vezes não lhes incomoda viver aqui? Não porque tenham ocorrido assassinatos nestes aposentos, mas porque o assassino nunca foi encontrado. Não têm medo que ele retome uma outra noite?

Chinh assentiu.

Tuong disse:

— Todo lugar tem perigo. Vida mesmo é perigo. Menos arriscado nunca ter nascido. — Um débil sorriso atravessou seu rosto e se perdeu. — Deixar o Vietnã num barquinho foi mais perigo do que isto.

Olhando para a mesa na cozinha ao lado, Bobby viu as quatro crianças ainda profundamente absortas em seus estudos. A perspectiva de um assassino retomar à cena do crime não os perturbava.

— Além das tinturarias — disse Chinh —, nós reformamos casas, vendemos. Esta é a quarta. Vamos morar aqui talvez mais um ano, reformando cada cômodo, depois vendemos, temos lucro.

Tuong disse:

— Por causa dos assassinatos, algumas pessoas não pensariam em se mudar para cá depois dos Farris. Mas perigo também é oportunidade.

— Quando terminarmos com a casa—disse Chinh —, ela não estará apenas reformada. Estará limpa, espiritualmente limpa. Compreende? A inocência da casa será restaurada. Teremos afastado o mal que o assassino trouxe para cá e teremos deixado nossa própria marca espiritual nesses aposentos.

Balançando a cabeça em confirmação, Tuong disse:

— Isso é um prazer.

Retirando a falsa licença de motorista do bolso, Bobby segurou-a de forma que seus dedos encobrissem o nome e o endereço, deixando a fotografia visível.

— Reconhecem este homem?

— Não — respondeu Tuong, e Chinh concordou.

Depois que Bobby guardou a licença, Julie disse:

— Sabem qual era a aparência de George Farris?

— Não — disse Tuong. — Como lhes disse, ele morreu de câncer, muitos anos antes de sua família ser assassinada.

— Pensei que talvez pudessem ter visto uma foto dele aqui na casa, antes dos pertences dos Farris serem removidos.

— Não. Sinto muito.

Bobby disse:

— Você mencionou antes que não comprou a casa através de um corretor. Lidou diretamente com o herdeiro?

— Sim. O outro irmão da Sra. Farris herdou tudo.

— Você teria o nome e o endereço dele? — perguntou Bobby. — Acho que vamos precisar conversar com ele.

CHEGOU A HORA DA JANTA. DEREK ACORDOU. ESTAVA ZONZO, MAS TAMBÉM COM FOME. APOIOU-SE EM THOMAS ENQUANTO CAMINHAVAM PARA O REFEITÓRIO. JANTARAM. ESPAGUETE. ALMÔNDEGAS. SALADA. PÃO SABOROSO. BOLO DE CHOCOLATE. LEITE FRIO.

De volta ao seu quarto, viram televisão. Derek adormeceu outra vez. Era uma noite ruim de televisão. Thomas suspirou de desagrado. Após mais ou menos uma hora, desligou o aparelho. Nenhum dos programas era suficientemente interessante para valer a pena ser assistido. Eram muito idiotas até para um mongolóide, como Mary dissera que ele era. Talvez imbecis os apreciassem. Provavelmente não.

Usou o banheiro. Escovou os dentes. Lavou o rosto. Não olhou no espelho. Não gostava de espelhos porque lhe mostravam o que ele era.

Depois de vestir o pijama, deitou-se e apagou a luz, embora fossem apenas oito e meia. Virou-se de lado, com a cabeça apoiada em dois travesseiros e examinou o céu noturno emoldurado pela janela mais próxima. Nenhuma estrela. Nuvens. Chuva. Gostava de chuva. Quando caía uma tempestade, era como uma tampa sobre a noite e não se sentia a sensação de poder sair flutuando em toda aquela escuridão e simplesmente desaparecer.

Ficou ouvindo a chuva. Eia sussurrava. Derramava lágrimas sobre a janela.

Longe dali, o Mal estava à solta. Ondas medonhas desprendiam-se dele como ondulações se espalham em um lago quando se joga uma pedra na água. O Mal era como uma pedra grande caída na noite, algo que não pertencia a este mundo, e com um pouco de esforço Thomas pôde pressentir suas ondas quebrarem-se sobre ele.

Estendeu a mão. Sentiu-o. Algo pulsante. Frio e cheio de ódio. Vil. Ele quis aproximar-se. Compreender o que era aquilo.

Tentou enviar mensagens televisivas para ele. O que você é? Onde você está? O que deseja? Por que vai ferir Julie?

De repente, como um grande ímã, o Mal começou a puxá-lo. Nunca sentira nada igual antes. Quando tentava enviar mensagens de tevê para Bobby e Julie, eles não o agarravam e o puxavam como esse Mal o fazia.

Parte de sua mente parecia se desenrolar como uma bola de barbante e a ponta solta voou pela janela e foi esvoaçando, subindo pela noite adentro, pela escuridão, até encontrar o Mal. Repentinamente, Thomas viu-se muito

perto do Mal, perto demais. Ele envolvia-o, grande e feio e tão estranho que Thomas teve a sensação de ter caído numa piscina cheia de gelo e lâminas afiadas. Não sabia se era um homem, não conseguia ver sua forma, apenas senti-lo; podia ser bonito por fora, mas por dentro era latejante, escuro e asqueroso. Sentiu que o Mal estava comendo. O alimento ainda estava vivo e debatendo-se. Thomas ficou apavorado e tentou recuar imediatamente, mas por um instante a mente maligna imobilizou-o e ele só conseguiu fugir imaginando a mente-barbante reenrolando-se novamente na forma de uma bola.

Quando a mente-barbante estava toda enrolada de novo, Thomas virou-se sobre o ventre. Respirava aceleradamente. Ouvia o coração batendo descompassado.

Sentiu um gosto enjoativo na boca. O mesmo gosto que tinha às vezes quando mordida a língua sem querer e o mesmo gosto quando o dentista arrancou um de seus dentes, por querer. Sangue.

Enjoado e amedrontado, sentou-se na cama e acendeu a luz imediatamente. Apanhou um lenço de papel da caixa sobre a mesinha-de-cabeceira. Cuspiu nele e olhou para ver se havia sangue. Não havia. Apenas cuspe.

Experimentou outra vez. Nenhum sangue.

Sabia o que aquilo significava. Estivera perto demais do Mal. Talvez mesmo dentro da coisa ruim, apenas por um instante. O gosto repulsivo em sua boca era o mesmo gosto que o Mal sentia, rasgando com seus dentes um alimento vivo, contorcendo-se. Thomas não tinha sangue na boca, tinha apenas uma lembrança de sangue em sua boca. Mas era bastante ruim; desta vez não era absolutamente como morder a língua ou ter um dente extraído, porque desta vez o gosto que sentia não era do seu próprio sangue.

Embora o quarto estivesse bastante aquecido, ele começou a tremer incontrolavelmente.

Candy caçava pelos desfiladeiros, tomado por uma necessidade urgente, escorraçando animais selvagens de suas tocas e ninhos. Estava ajoelhado na lama ao lado de um enorme carvalho, açoitado pela chuva, sugando o sangue da garganta estraçalhada de um coelho, quando sentiu alguém colocar a mão sobre sua cabeça.

Atirou o coelho fora e pôs-se de pé num salto, virando-se ao mesmo tempo. Não havia ninguém ali. Dois dos gatos mais pretos de suas irmãs testavam a uns cinco metros dele, visíveis apenas porque seus olhos brilhavam no escuro; seguiam-no desde que ele deixara a casa. À

exceção tios gatos, estava sozinho.

Por um ou dois segundos, ainda sentiu a mão em sua cabeça, embora nada houvesse ali. Depois, a estranha sensação desapareceu.

Examinou as sombras em todas as direções e ouviu atentamente a chuva batendo entre as folhas do carvalho.

Por fim, esquecendo-se do episódio, levado por sua vontade incontável, continuou mais para leste, subindo a encosta. Um regato de sessenta centímetros de largura formara-se no fundo do desfiladeiro, com quinze ou vinte centímetros de profundidade, não suficientemente grande para impedi-lo de prosseguir.

Os gatos encharcados seguiam-no. Não os queria com ele, mas sabia por experiência que não conseguiria se livrar deles. Nem sempre o acompanhavam, mas quando resolviam seguir seus passos, era impossível dissuadi-los.

Depois de percorrer cerca de cem metros, caiu de joelhos outra vez, estendeu as mãos diante do corpo e deixou que o poder irrompesse mais uma vez. Uma tremeizante luz safira varreu a noite. Arbustos agitaram-

se, árvores estremeceram e rochas chocalharam-se umas contra as outras. No rastro da luz, nuvens de poeira levantavam-se, espectrais colunas prateadas que tremulavam como mortalhas batidas pelo vento, desfazendo-se em seguida na escuridão.

Um bando de animais irrompeu de seus esconderijos e alguns correram em direção a Candy. Tentou agarrar um coelho, não conseguiu, mas apanhou um esquilo. O animal tentou mordê-lo, mas ele sacudiu-o com força por uma das pernas, batendo sua cabeça com força contra o chão lamacento e deixando-o atordoado.

Violet estava com Verbina na cozinha. Sentavam-se nos cobertores com 23 dos seus 25 gatos.

Partes de sua mente — e partes da mente da irmã — estavam em Crnders e Lamia, os gatos pretos através dos quais acompanhavam seu irmão. Observando Candy agarrar e destruir sua presa, Cinders e Lamia ficaram excitadas, e Violet também estava excitada. Eletrizada.

A noite úmida de janeiro era sombria, iluminada apenas pela luz ambiente das comunidades a oeste, que se refletia do bojo das nuvens baixas. Naquela vastidão deserta, Candy era a mais selvagem das criaturas, um predador feroz, implacável e poderoso que rastejava ágil e silenciosamente pelos desfiladeiros ondulados, apossando-se do que precisava e desejava. Era tão forte e flexível que parecia voar pelo

desfiladeiro, passando por cima de rochas e árvores caídas, contornando a vegetação espinhosa, como se não fosse um homem de carne e osso, mas a sombra recortada pelo luar de alguma criatura alada planando bem alto, acima da terra.

Quando Candy agarrou o esquilo e golpeou sua cabeça no solo, Violet dividiu a parte de sua mente que estava em Lamia e Cinders e também entrou no esquilo. Ele estava atordoado com o golpe. Lutava debilmente e olhava para Candy com absoluto terror.

As mãos grandes e fortes de Candy seguravam o esquilo, mas para Violet parecia que estavam sobre ela também, movendo-se sobre suas pernas, quadris, ventre e seios nus.

Candy quebrou sua espinha sobre o joelho dobrado.

Violet estremeceu. Verbina choramingou e agarrou-se à irmã.

O esquilo já não tinha nenhuma sensibilidade nas extremidades.

Com um grunhido rouco, Candy fincou os dentes na garganta do animal. Estraçalhou sua pele, deixando à mostra os vasos cheios de sangue.

Violet sentiu o sangue quente jorrar do esquilo, sentiu a boca de Candy abocanhar avidamente a ferida. Era quase como se não houvesse nenhum substituto entre eles, como se os lábios de Candy estivessem firmemente pressionados contra a garganta de Violet e como se seu próprio sangue fluísse para dentro de sua boca. Desejava poder entrar na mente de Candy e estar em ambos os extremos do sangue dado e recebido, mas ela podia unir-se apenas a animais.

Já não tinha forças para sentar-se. Deixou-se ficar estendida sobre os cobertores, somente em parte consciente de que repetia uma monótona ladainha:

— *Sim, sim, sim, sim, sim...*

Verbina rolou sobre si mesma e colocou-se sobre a irmã.

À sua volta, os gatos enrolavam-se uns sobre os outros numa turbulência de pêlos, caudas e fios de bigode.

Thomas tentou outra vez. Por Julie. Procurou alcançar mais uma vez a mente fria, reluzente do Mal. Imediatamente, o Mal atraiu-o para si. Ele deixou que sua mente se desenrolasse como uma enorme bola de barbante. Ela ultrapassou a janela, sumiu dentro da noite, fez contato.

Ele enviou perguntas telepaticamente: O que é você? Onde está? O que quer? Por que quer ferir Julie?

No instante em que Candy atirou fora o esquilo morto e pôs-se de pé, sentiu a mão sobre sua cabeça outra vez. Contorceu-se, virou-se e golpeou a

escuridão em todas as direções com os punhos cerrados.

Não havia ninguém atrás dele. Com luminosos olhos amarelados, os dois gatos observavam-no de uma distância de cerca de cinco, seis metros, manchas escuras sobre o lodo pálido. Toda a vida selvagem na vizinhança imediata desaparecera. Se havia alguém espionando-o, o intruso escondia-se na vegetação mais para trás no desfiladeiro ou em algum nicho nas encostas do desfiladeiro, certamente não suficientemente perto para tocá-lo.

Além disso, ele ainda sentia a mão. Esfregou o topo da cabeça, quase esperando encontrar folhas presas em seus cabelos molhados. Nada.

Mas a pressão da mão continuava, até aumentara, e era tão bem definida que ele podia sentir os contornos dos quatro dedos, um polegar e a curva da palma da mão contra seu crânio.

O quê... onde... o quê... por quê?

Essas palavras ecoavam em sua mente. Nenhuma voz quebrara o tom fino da chuva.

O quê... onde... o quê... por quê?

Candy fez uma volta completa, furioso e confuso.

Uma sensação de algo rastejante avolumou-se em sua cabeça, diferente de qualquer coisa que já tivesse sentido antes. Como se alguma coisa estivesse penetrando em seu cérebro.

— Quem é você? — perguntou em voz alta.

O quê... onde... o quê... por quê?

— Quem é você?

O Mal era um homem. Agora Thomas o sabia. Um homem repulsivo por dentro e mais ainda também, mas ainda assim, ao menos em parte, um homem.

A mente do Mal era como um sorvedouro, mais negro que o breu, girando rapidamente, sugando Thomas, para baixo, para baixo, querendo engoli-lo vivo. Ele tentou escapar. Fugir nadando. Não foi fácil. O Mal iria tragá-lo para a Casa do Mal e ele jamais conseguiria voltar. Julgava-se um homem morto. Mas o medo da Casa do Mal, de ir para onde Julie e Bobby jamais o encontrariam e onde ele ficaria sozinho era tão grande que ele finalmente se livrou e rebobinou-se até seu quarto em Gelo Vista.

Escorregou-se no colchão e puxou as cobertas sobre a cabeça, para que não pudesse ver o céu além da janela e para que nada lá fora na noite pudesse vê-lo.

WALTER HAVALOW, O IRMÃO VIVO DA SRA. GEORGE FARRÍS E HERDEIRO DE SEU MODESTO ESPÓLIO VIVIA NUM BAIRRO MAIS RICO DO QUE O DOS PHANS, MAS ERA MAIS POBRE EM CORTESIA E BOAS MANEIRAS. SUA CASA TUDOR INGLESA EM VILLA PARK POSSUÍA VIDRAÇAS DE VIDRO CHANFRADO REPLETAS DE UMA LUZ QUE

julie achou cordial e convidativa, mas Havalow ficou parado na soleira da porta e não os convidou para entrar, nem mesmo depois de ter examinado e devolvido sua licença de investigador particular.

— O que deseja?

Havalow era alto, barrigudo, com cabelos louros ralos e um bigode espesso, parte louro e parte ruivo. Seus penetrantes olhos cor de avelã indicavam um homem inteligente, mas eram frios, cautelosos e calculistas — os olhos de um contador da Máfia.

— Como expliquei — disse Julie —, os Phans nos disseram que o senhor poderia nos ajudar. Precisamos de uma fotografia de seu falecido cunhado, George Farris.

— Porquê?

— Bem, como eu disse, há um sujeito andando por aí se fazendo passar pelo Sr. Farris e ele faz parte de um caso em que estamos trabalhando.

— Não pode ser meu cunhado. Ele está morto.

— Sim, nós sabemos. Mas a carteira de identidade falsa desse impostor é muito boa e nos ajudaria ter uma foto do verdadeiro George Farris. Lamento não poder contar-lhe nada mais. Estaria violando a privacidade de nosso cliente.

Havalow virou-lhes as costas e fechou a porta.

Bobby olhou para Julie e disse:

— O Sr. Cordialidade.

Julie tocou a campainha outra vez.

Após uns instantes, Havalow abriu a porta.

— O que foi?

— Sei que viemos sem nos anunciarmos antes—disse Julie, esforçando-se para continuar em tom cordial —, e peço desculpas por impor-tuná-lo, mas uma foto de seu...

— Eu ia justamente buscar a foto — disse com impaciência. — Eu já a teria em mãos agora se você não tivesse tocado a campainha outra vez. — Voltou-se e fechou a porta na cara deles outra vez.

— Será que estamos com cheiro de suor?—perguntou Bobby.

— Que cafajeste.

— Acha que ele realmente vai voltar?

— Se não voltar, eu arrombo a porta.

Por trás deles, a chuva escorria da cobertura que protegia os últimos três metros do caminho de entrada e a água borbulhava surdamente ao escoar por uma calha — sons frios.

Havalow retomou com uma caixa de sapatos cheia de fotos.

— Meu tempo é valioso. Se querem minha cooperação, tenham isso em mente.

Julie refreou seus piores instintos. A descortesia deixava-a furiosa. Imaginava derrubar a caixa, agarrar sua mão e dobrar o indicador para trás até onde fosse possível, assim distendendo o nervo digital na palma de sua mão enquanto simultaneamente prendia os nervos radial e mediano nas costas, forçando-o a se ajoelhar. Em seguida, um joelho enfiado sob seu queixo, um golpe rápido na nuca, um chute bem colocado na sua barriga flácida e proeminente.

Havalow remexeu na caixa e retirou a foto de um homem e de uma mulher sentados a uma mesa de piquenique de madeira em um dia de sol.

— Esses são George e Irene.

Mesmo à luz amarelada da lâmpada da varanda, Julie pôde ver que George Fanis fora um homem longilíneo, com um rosto comprido e estreito, exatamente o oposto de Frank Pollard.

— Por que alguém estaria se fazendo passar por George?—perguntou Havalow.

— Estamos possivelmente lidando com um criminoso que usa diversas identidades falsas—disse Julie. — George Farris é apenas mais uma de suas identidades. Sem dúvida o nome de seu cunhado foi escolhido aleatoriamente pelo falsificador de documentos que esse sujeito usou. Falsificadores às vezes usam nomes e endereços de pessoas falecidas.

Havalow franziu o cenho.

— Acredita que esse homem que está usando o nome de George seja o assassino de Irene, meu irmão e minhas duas sobrinhas?

— Não — respondeu Julie imediatamente. — Não estamos lidando com um assassino. Apenas um vigarista, um trapaceiro.

— Além do mais — disse Bobby —, nenhum assassino iria se vincular a assassinatos que ele cometeu utilizando o identidade com o nome do marido de sua vítima.

Olhando Julie nos olhos, claramente tentando determinar até onde estavam despistando-o, Havalow disse:

— Esse sujeito é seu cliente?

— Não — mentiu Julie. — Ele passou a perna em nosso cliente e fomos contratados para localizá-lo, para que ele seja forçado a fazer a restituição.

Bobby disse:

— Pode nos emprestar essa foto, senhor?

Havalow hesitou. Ainda fitava Julie com um olhar inquisitivo.

Bobby estendeu a Havalow um cartão de visitas de Dakota & Dakota.

— Nós lhe devolveremos a fotografia. Aqui está nosso endereço e telefone. Compreendo sua relutância em desfazer-se de uma foto de família, especialmente quando sua irmã e seu cunhado já não estão vivos, mas se...

Aparentemente decidindo que eles não estavam mentindo, Havalow disse:

— Ora, leve-a. Não tenho nenhum sentimentalismo em relação a George. Nunca o suportei. Sempre achei que minha irmã foi idiota em se casar com ele.

— Obrigado — disse Bobby. — Nós...

Havalow deu um passo para trás e fechou a porta.

Julie tocou a campainha.

Bobby disse:

— Por favor, não o mate.

Praguejando de impaciência, Havalow abriu a porta.

Interpondo-se entre Julie e Havalow, Bobby estendeu a licença de motorista falsificada, portando o nome de George Farris e a foto de Frank.

— Mais uma coisa, senhor, e vamos parar de importuná-lo. .

— Meus minutos são preciosos — disse Havalow.

— Já viu esse homem antes?

Irritado, Havalow pegou a licença de motorista e examinou-a.

— Rosto rechonchudo, sem traços marcantes. Há milhões como ele num raio de cem quilômetros daqui, não acha?

— E o senhor nunca o viu?

— Você é retardado? Tenho de dizer claramente, em frases curtas e simples? Não. Eu nunca o vi.

Guardando a licença, Bobby disse:

— Obrigado pelo seu tempo e...

Havalow fechou a porta. Com força.

Julie estendeu a mão para a campainha.

Bobby interceptou-a.

— Já conseguimos tudo que queríamos.

— Eu quero...

— Sei o que quer—disse Bobby —, mas torturar um homem até a morte é contra a lei na Califórnia.

Puxou-a para fora, em direção à chuva.

Outra vez no carro, ela disse:

— Aquele filho da mãe arrogante e grosseiro!

Bobby deu partida no motor e ligou os limpadores de pára-brisas.

— Vamos dar uma parada no *shopping center*, comprar um daqueles ursinhos gigantes para você, colocar o nome de Havalow nele e então você vai poder destruí-lo, extrair suas entranhas. Certo?

— Quem ele pensa que é?

Enquanto Julie olhava para a casa com ar furioso, Bobby afastou-se.

— Ele é Walter Havalow, menina, e vai ter que ser ele mesmo até morrer, o que é um castigo pior do que qualquer coisa que você pudesse lhe fazer.

Poucos minutos depois, quando já haviam saído de Villa Park, Bobby entrou no estacionamento de um supermercado Ralph's e estacionou o Toyota. Desligou os faróis e o limpador de pára-brisa, mas deixou o motor ligado para que pudessem ter aquecimento.

Havia apenas poucos carros diante do supermercado. Poças do tamanho de piscinas refletiam as luzes do estabelecimento.

Bobby disse:

— O que ficamos sabendo?

— Que detestamos Walter Havalow.

— Sim, mas o que ficamos sabendo que importa para o caso? Trata-se apenas de uma coincidência que Frank esteja usando o nome de Georige Farris e a família Farris ter sido massacrada?

— Eu não acredito em coincidências.

— Nem eu. Mas ainda não acredito que Frank seja um assassino.

— Nem eu, embora tudo seja possível. Mas o que você disse a Havalow é verdade: sem dúvida Frank não iria matar Irene Farris e todas as pessoas na casa, para depois ficar andando com uma identidade falsa que o liga a elas.

A chuva começou a cair com mais força, tamborilando ruidosamente sobre o Toyota. Apesada cortina de chuva quase encobria o supermercado.

Bobby disse:

— Sabe o que eu penso? Acho que Frank estava usando o nome de Farris e quem está atrás dele descobriu isso.

— O Sr. Luz Azul, você quer dizer. O sujeito que supostamente pode

fazer um carro desmoronar à sua volta e magicamente induzir as lâmpadas da ma a explodirem.

— Sim, ele mesmo—disse Bobby.

— Se ele existir.

— O Sr. Luz Azul descobriu que Frank estava usando o nome de Farris e foi àquele endereço, na esperança de encontrá-lo. Mas Frank nunca estivera ali. Fora apenas um nome e um endereço que seu falsificador escolhera ao acaso. Assim, quando o Sr. Azul não encontrou Frank, matou todos na casa, talvez porque pensasse que estavam lhe mentindo e escondendo Frank, ou talvez simplesmente porque estivesse com raiva.

— Ele teria sabido como lidar com Havalow.

— Então acha que estou no caminho certo?

Ela pensou um pouco.

— Pode ser.

Ele sorriu-lhe.

— Não é divertido ser detetive?

— Divertido? — exclamou ela, incrédula.

— Bem, quero dizer, “interessante”.

— Nós ou estamos representando um homem que matou quatro pessoas ou estamos representando um homem que está sendo perseguido por um assassino brutal, e você acha isso engraçado?

— Não tão divertido quanto sexo, porém mais divertido do que boliche.

— Bobby, às vezes você me deixa maluca. Mas eu o amo.

Ele tomou-lhe a mão.

— Se vamos levar essa investigação à frente, certamente vou me divertir com ela o máximo que eu puder. Mas largo o caso no instante que você quiser.

— Por quê? Por causa do seu pesadelo? Por causa do Mal? — Ela sacudiu a cabeça. — Não. Se deixarmos um sonho estranho nos assustar, logo qualquer coisa vai nos assustar. Vamos perder nossa confiança e não se pode fazer esse tipo de trabalho sem confiança.

Mesmo no reflexo turvo das luzes do painel do carro, ela pôde notar a ansiedade em seus olhos.

Finalmente, ele disse:

— Sim, eu sabia que era isso que você ia dizer. Portanto, vamos logo até o fundo do caso o mais rápido possível. De acordo com esta outra licença de motorista, ele é James Roman e mora em El Toro.

— São quase oito e meia.

— Podemos ir até lá, e para encontrar a casa talvez gastemos uns

quarenta e cinco minutos. Não é muito tarde.

— Está bem.

Em vez de engrenar o carro, empurrou o banco para trás e tirou seu casaco de náilon.

— Abra o porta-luvas e me dê minha arma. De agora em diante vou usá-la por toda parte.

Cada um tinha uma licença para levar uma arma escondida. Julie também tirou o casaco, depois retirou dois coldres de ombro de baixo do assento. Pegou os dois revólveres no porta-luvas: dois Smith & Wesson .38 Chiefs Special de cano curto, armas confiáveis e compactas que podiam ser portadas sem chamar atenção sob roupas comuns, sem necessidade de nenhuma ajuda do alfaiate.

A casa desaparecera. Se alguém de nome James Roman tivesse morado ali, agora tinha nova residência. Havia uma placa lisa de concreto no meio do terreno, cercada de mato, arbustos e várias árvores, como se a estrutura tivesse sido aspirada de cima por seres intergalácticos e simplesmente levada sem deixar vestígios.

Bobby estacionou no caminho de entrada e eles desceram do Toyota para olhar a propriedade mais de perto. Mesmo sob a chuva fustigante, um poste de luz próximo lançava bastante claridade para revelar que o gramado estava amassado, sulcado por pneus e falhado em alguns lugares; também estava atulhado de lascas de madeira, pedaços pálidos de placas de revestimento, reboco desmoronado e alguns estilhaços de vidro que reluziam foscamente.

A pista mais forte sobre o destino da casa foi encontrada no estado das árvores e dos arbustos. Os mais próximos da laje de cimento estavam ou inteiramente mortos ou bastante danificados, e um exame mais cuidadoso mostrou que estavam crestadas. A árvore mais próxima estava desfolhada e seus galhos inteiramente pretos emprestavam uma sensação anacrônica de Halloween à noite chuvosa de janeiro.

— Incêndio — disse Julie. — Depois demoliram o que restou.

— Vamos conversar com algum vizinho.

O terreno vazio era ladeado de casas. Mas só se viam luzes na casa do lado norte.

O homem que atendeu à campanha aparentava cerca de 55 anos, um metro e oitenta e cinco, de compleição rígida, cabelos grisalhos e um bigode também grisalho perfeitamente aparado. Seu nome era Park Hampstead e tinha a aparência de um militar reformado. Convidou-os a entrar, com a condição de que deixassem os sapatos encharcados na entrada. De meias,

seguiram-no até uma pequena copa adjacente à cozinha, onde o estofamento de vinil amarelo estava a salvo de suas roupas molhadas; mesmo assim, Hampstead os fez aguardar enquanto dobrava grossas toalhas de praia cor de pêssego e forrava duas das cadeiras.

— Desculpem-me — disse — mas sou um tanto meticoloso.

A casa tinha assoalho de carvalho alvejado e mobília moderna, e Bobby notou que estava impecavelmente limpa e arrumada em toda parte.

— Trinta anos com os fuzileiros navais deixaram-me com um complacente respeito pela rotina, pela ordem e pela limpeza — explicou Hampstead.—Na verdade, quando Sharon, minha mulher, morreu há três anos, acho que fiquei um pouco obcecado por limpeza. Nos primeiros seis ou oito meses depois de sua morte, eu limpava a casa de cima abaixo pelo menos duas vezes por semana, porque enquanto estivesse limpando meu coração não doía tanto. Gastei uma fortuna em detergentes, toalhas de papel, desinfetantes e sacos de lixo. Vou lhes contar, não há pensão militar que aguente a mania de limpeza que adquiri! Já superei esta fase. Ainda sou enjoado, mas não sou mais obcecado por limpeza!

Acabara de coar um bule de café, de modo que serviu a eles também. As xícaras, pires e colheres eram imaculados. Hampstead entregou a cada um deles dois guardanapos de papel cuidadosamente dobrados, em seguida sentou-se em frente a eles, do outro lado da mesa.

— Claro—disse, depois que o assunto foi levantado —, eu conheci Jim Roman. Bom vizinho. Era piloto de helicóptero na Base Aérea El Toro. Foi meu último posto antes de me reformar. Jim era um ótimo sujeito, o tipo que tiraria a camisa do corpo para lhe dar e depois lhe perguntava se precisava de dinheiro para comprar uma gravata que combinasse.

— Era? — perguntou Julie.

— Morreu no incêndio? — perguntou Bobby, lembrando-se dos arbustos crestados e da laje de concreto enegrecida no terreno ao lado.

Hampstead franziu o cenho.

— Não. Ele morreu cerca de seis meses depois de Sharon. Digamos há uns dois anos e meio. Teve um acidente com o helicóptero durante uma manobra. Tinha apenas quarenta e cinco anos, onze anos mais novo do que eu. Deixou uma mulher, Maralee. Uma filha de quatorze anos chamada Valerie. Um garoto de doze, Mike. Crianças muito boas. Uma coisa horrível. Era uma família unida, e o desastre de Jim deixou-os arrasados. Tinham alguns parentes em Nebraska, mas ninguém a quem pudessem realmente recorrer. — Hampstead olhava fixamente para além de Bobby, para a geladeira que zumbia surdamente e seus olhos ficaram

rasos d'água. —Então, eu tentei ajudar, aconselhar Maralee sobre as finanças, emprestar-lhe um ombro onde se apoiar e um ouvido para ouvir quando as crianças precisavam. Levava-os à Disneyland e a parques de diversão de vez em quando, sabe, esse tipo de coisas. Maralee me disse inúmeras vezes que eu era uma bênção enviada por Deus, mas na verdade era eu quem precisava deles e não ao contrário, porque ajudá-los fazia com que eu finalmente deixasse de pensar tanto em Sharon.

Julie disse:

— Então, o incêndio aconteceu mais recentemente?

Hampstead não respondeu. Levantou-se, dirigiu-se à pia, abriu o armário embaixo da bancada, retirou um frasco de detergente e um esfregão e começou a limpar a porta da geladeira, que já parecia tão limpa quanto as superfícies esterilizadas de uma sala de cirurgia.

— Valerie e Mike eram crianças incríveis. Depois de um ano e ^Louco, era quase como se fossem meus próprios filhos, os que eu e Sharon nunca tivemos. Maralee ficou de luto por Jim durante muito tempo, quase dois anos, antes de começar a se lembrar que era uma mulher no auge da vida. Talvez o que começou a acontecer entre ela e eu tivesse aborrecido Jim, mas não creio; acho que teria ficado feliz por nós, mesmo eu sendo onze anos mais velho do que ela.

Quando terminou de limpar a geladeira, Hampstead inspecionou a porta de lado, a favor da luz, aparentemente procurando uma mancha ou uma marca de dedos. Como se tivesse acabado de ouvir a pergunta que Julie fizera um minuto antes, repentinamente disse:

— O incêndio ocorreu há dois meses. Acordei no meio da noite, ouvi sirenes, vi o clarão amarelo na janela, levantei-me, olhei para fora.

Afastou-se da geladeira, examinou a cozinha por um instante, em seguida dirigiu-se à bancada ladrilhada mais próxima e começou a borrifar e limpar a superfície brilhante.

Julie olhou para Bobby. Ele sacudiu a cabeça. Nenhum dos dois disse nada.

Após um instante, Hampstead continuou:

— Cheguei à casa deles pouco antes dos bombeiros. Entrei pela porta da frente. Passei ao vestíbulo, depois ao pé da escada, mas não consegui subir ao quarto, o calor era muito forte, e a fumaça. Chamei-os, ninguém respondeu. Se eu tivesse ouvido uma resposta, talvez tivesse encontrado foixas para subir, apesar das chamas. Acho que devo ter desmaiado por alguns segundos e ter sido levado para fora pelos

bombeiros, porque acordei'no gramado, tossindo, sufocado, um médico dando-me oxigênio.

— Os três morreram? — perguntou Bobby.

— Sim — disse Hampstead.

— O que causou o incêndio?

— Acho que nunca conseguiram descobrir. Ouvi alguma coisa sobre um curto-circuito, mas não tenho certeza. Creio até que suspeitaram de incêndio criminoso por algum tempo, mas isso não levou a parte alguma. Não importa muito, não é mesmo?

— Por que não?

— Seja o que for que tenha causado a tragédia, os três estão mortos.

— Sinto muito — disse Bobby em voz baixa.

— O terreno foi vendido. Vão começar a construção de uma casa nova na primavera. Mais café?

— Não, obrigada—disse Julie.

Hampstead passou os olhos pela cozinha, depois dirigiu-se à coifa de aço inoxidável do fogão, que começou a limpar apesar de já estar imaculada.

— Desculpe-me pia bagunça. Não sei como a casa fica assim se apenas eu moro aqui. As vezes, acho que deve haver gnomos saltando às minhas costas, fazendo bagunça para me atormentar.

— Não é preciso gnomos — disse Julie. — A própria vida nos dá todo o tormento que temos de enfrentar.

Hampstead voltou-se do fogão. Pela primeira vez desde que se levantara da mesa e começara o ritual de limpeza, ele olhou-os diretamente.

— Nenhum gnomo — concordou. — Nada tão simples e fácil de lidar quanto gnomos.

Era um homem corpulento e obviamente endurecido pelos anos de treinamento e disciplina militares, mas a evidência brilhante e aquosa de dor transbordou de seus olhos e, naquele instante, parecia tão perdido e indefeso quanto uma criança.

De volta ao carro, olhando pelo pára-brisa manchado de chuva para o terreno vazio onde antes estivera a casa dos Romans, Bobby disse:

— Frank descobre que o Sr. Luz Azul sabe a respeito da identidade Farris e, então, arranja uma nova identidade no nome de James Roman. Mas o Sr. Luz Azul também fica sabendo a respeito disso e vai em busca de Frank no endereço de Roman, onde descobre apenas a viúva e as crianças. Mata-os, do mesmo modo que matou a família Farris, mas dessa vez põe

fogo na casa para encobrir o crime. É assim que está lhe parecendo?

— Pode ser—disse Julie.

— Ele queima os cadáveres porque ele os morde, como os Phans nos disseram, e as marcas das mordidas ajudam a polícia a ligar um crime ao outro, de modo que ele quer tirar os tiras do caminho

Julie perguntou:

— Então, por que não os queima toda vez?

— Porque isso seria uma pista igual às marcas de mordidas. Às vezes, ele queima os corpos, às vezes não, e talvez ele desapareça com eles de modo a jamais serem encontrados.

Ambos fizeram silêncio por um instante. Em seguida, ela disse:

— Então, estamos lidando com um chacinador, um monstro, que evidentemente é um psicopata furioso.

— Ou um vampiro—disse Bobby.

— Por que ele está atrás de Frank?

— Não sei. Talvez Frank tenha tentado fincar uma estaca de madeira em seu coração.

— Não tem graça.

— Concordo — disse Bobby.—No momento, nada parece engraçado.

DA CASA DE DYSON MANFRED CHEIA DE ESPÉCIMES DE INSETOS EM IRVINE, CLINT KARAGHIOSIS SEGUIU DE CARRO PELA CHUVA FRIA ATÉ SUA PRÓPRIA CASA EM PLACENTIA. ERA UMA PEQUENA CASA DE DOIS QUARTOS COM UM TELHADO DE ARDÓSIA, UMA VARANDA FUNDA NA FRENTE, AO ESTILO ARTESÃO DA CALIFÓRNIA E JANELAS GRANDES DE VIDRO CHEIAS DE UMA ACONCHEGANTE LUZ AMARELADA. QUANDO FINALMENTE CHEGOU EM CASA, O AQUECIMENTO DO CARRO PRATICAMENTE JÁ SECARA SUAS ROUPAS ENCHARCADAS PELA CHUVA.

Felina estava na cozinha quando Clint entrou pela porta interna da garagem. Ela abraçou-o, beijou-o, apertou-se a ele por um instante, como se estivesse surpresa de vê-lo vivo outra vez.

Acreditava que o trabalho dele era repleto de perigo todos os dias, muito embora ele já tivesse lhe explicado várias vezes que a maior parte de seu trabalho eram maçantes caminhadas. Perseguia provas, em vez de culpados, seguia um rastro de papel em vez de um rastro de sangue.

Entretanto, compreendia a preocupação de sua mulher, porque ele mesmo se preocupava com ela sem razão. Por um lado, a esposa era uma mulher atraente, com cabelos negros, pele morena e olhos cinza surpreendentemente bonitos; nessa época de juizes tolerantes, com um excesso de sociopatas implacáveis nas ruas, uma mulher bonita era considerada por alguns uma boa caça. Além do mais, embora o escritório onde Felina trabalhava como processadora de dados ficasse a apenas três quarteirões da casa, uma caminhada fácil mesmo com mau tempo, Clint ainda assim se preocupava com o perigo que ela enfrentava no cruzamento mais movimentado que tinha de atravessar; numa emergência, um grito de aviso ou uma buzina não a alertariam para a morte iminente.

Não podia deixar que ela soubesse o quanto se preocupava, pois se orgulhava com razão de ser tão independente apesar da sua surdez. Não desejava diminuir seu auto-respeito deixando-a perceber de algum modo que ele não tinha confiança absoluta em sua habilidade de lidar com cada tomate podre que o destino lhe atirava. Assim, ele diariamente lembrava a si mesmo que ela vivera 29 anos sem se ferir seriamente, e ele resistia ao impulso de ser superprotetor.

Enquanto Clint lavava as mãos na pia, Felina preparava a mesa para um jantar tardio. Uma enorme panela de sopa de legumes feita em casa estava sendo aquecida no fogão e, juntos, os dois encheram duas generosas tigelas. Ele retirou o vidro de queijo parmesão ralado da geladeira e ela desembrolhou um pão italiano crocante.

Ele estava com fome, e a sopa estava excelente — espessa, com legumes e pedacinhos de carne magra —, mas quando Felina já terminara sua primeira tigela, Clint tomara menos da metade da sua, porque repetidamente parava para conversar com a esposa. Ela não conseguia ler bem seus lábios quando ele tentava falar e comer ao mesmo tempo e no momento sua fome era menos premente do que sua necessidade de lhe contar seu dia. Ela encheu sua tigela outra vez e completou a dele.

Além das paredes de sua própria casa, ele era apenas um pouco mais falante do que uma pedra, mas na companhia de Felina ele era tão loquaz quanto um apresentador de programas na televisão. Não tagarelava apenas, mas se adaptava com surpreendente facilidade ao papel de contador de história. Aprendera a contar uma piada de tal forma a aumentar seu impacto e maximizar a reação de Felina, pois adorava extrair uma risada dela ou ver seus olhos arregalarem-se de surpresa. Em toda a vida de Clint, ela era a primeira pessoa cuja opinião a seu respeito realmente importava e queria que ela o achasse inteligente, espirituoso e divertido.

No começo de seu relacionamento, imaginara se a surdez dela teria alguma coisa a ver com sua capacidade de abrir-se com ela. Surda de nascença, ela nunca ouvira a palavra falada e portanto não aprendera a falar com clareza. Respondia a Clint — e mais tarde lhe contaria sobre seu próprio dia—por meio de sinais, que ele aprendera a fim de entender sua fala de dedos ágeis. Inicialmente, pensara que o principal encorajamento à intimidade era sua deficiência, que lhe assegurava que seus segredos e sentimentos mais particulares não iriam adiante; uma conversa com Felina era quase tão privada quanto uma conversa consigo mesmo. Com o tempo, entretanto, finalmente compreendeu que se abria com ela apesar de sua surdez, não por causa dela, e que desejava que ela compartilhasse cada um de seus pensamentos e experiências — e compartilhar as dela por sua vez — simplesmente porque a amava.

Quando contou a Felina como Bobby e Julie haviam se transferido para o banheiro para três conversas particulares durante a reunião com Frank Pollard, ela riu deliciada. Ele adorava aquele som; era tão caloroso

e singularmente melodioso, como se a grande alegria da vida que ela não podia expressar em palavras estivesse inteiramente contida em seu riso.

— Eles são uma dupla e tanto, os Dakota — disse ele. — Quando você os encontra pela primeira vez, parecem tão diferentes em alguns aspectos, imagina-se que não podem trabalhar juntos em hipótese alguma. Mas

quando se passa a conhecê-los vê-se como se encaixam como duas peças de um quebra-cabeça e percebe-se que têm um relacionamento quase perfeito.

Felina abaixou sua colher de sopa e fez os sinais: Nós também.

— Claro que sim.

Encaixamo-nos melhor do que peças de um quebra-cabeça. Nos encaixamos como um conector e a tomada.

— Claro que sim — concordou ele, sorrindo. Então, percebeu a dissimulada conotação sexual do que ela havia dito e riu. — Você é uma garota de mente suja, não é?

Ela sorriu e balançou a cabeça em sinal de afirmação.

— Conector e tomada, hein?

Conector grande, tomada apertada, bom encaixe.

— Mais tarde, verificarei sua fiação.

Estou precisando desesperadamente de um eletricitista de primeira. Mas me conte mais sobre este novo cliente.

Trovões estrondavam e ribombavam na noite lá fora e uma súbita rajada de vento fez a chuva açoitar a janela. Os ruídos da tempestade faziam a cozinha cheirosa e quente ainda mais convidativa em comparação. Clint suspirou de satisfação, depois sentiu uma ponta de tristeza quando percebeu que a sensação profundamente gratificante de estar abrigado, induzida pelos sons de trovões e chuva, era um prazer específico que Felina jamais poderia experimentar ou compartilhar com ele.

Do bolso da calça, ele retirou uma das pedras vermelhas que Frank Pollard trouxera para o escritório.

— Tomei esta emprestado porque queria que você a visse. O sujeito tinha um frasco cheio delas.

Ela pegou a pedra do tamanho de uma uva entre os dedos polegar e indicador e ergueu-a contra a luz. Linda, sinalizou com a mão livre. Colocou a pedra junto ao prato de sopa, sobre a superfície creme de fórmica da mesa da cozinha. É muito valiosa?

— Ainda não sabemos — disse ele. — Vamos ter a opinião de um especialista amanhã.

Acho que é valiosa. Quando a levar de volta ao escritório, assegure-se de que não tem nenhum buraco no bolso. Suspeito que você teria que trabalhar durante muito tempo para pagar por ela se a perdesse.

A pedra absorveu a luz da cozinha, lançou-a de um prisma a outro e refletiu-a com uma cor vibrante, pintando o rosto de Felina com manchas e

pontos luminosos e vermelho-escarlate. Ela parecia salpicada de sangue.

Um estranho pressentimento tomou conta de Clint.

Ela sinalizou: *Por que este ar preocupado?*

Ele não soube o que dizer. Seu nervosismo era fora de proporção em relação à causa. Um formigamento glacial rapidamente percorreu sua espinha da base até a nuca, como se dominós de gelo caíssem um atrás do outro. Estendeu a mão e mudou a pedra de lugar alguns centímetros, para que os reflexos vermelhos cor de sangue recaíssem sobre a parede e não sobre o rosto de Felina.

36

À UMA E MEIA DA MADRUGADA, HAL YAMATAKA ESTAVA COMPLETAMENTE ABSORTO NA HISTÓRIA DE JOHN D. MACDONALD, *O Último Sobrevivente*. A única poltrona do quarto não era a mais confortável em que já assentara seu traseiro, o cheiro anti-séptico de hospital sempre o deixava um pouco nauseado e a comida mexicana que comera no jantar ainda subia à sua garganta, mas o livro era tão envolvente que eventualmente ele se esqueceu de todos esses pequenos desconfortos.

Até se esqueceu de Frank Pollard por algum tempo, até ouvir um ligeiro chiado, como o barulho de ar escapando sob pressão, e sentir uma repentina corrente de ar. Ergueu os olhos do livro, esperando ver Pollard sentando-se na cama ou tentando se levantar, mas Pollard não estava lá.

Surpreso, Hal levantou-se de um salto, deixando cair o livro.

A cama estava vazia. Pollard estivera ali a noite toda, dormindo há mais de uma hora, mas agora desaparecera. O quarto não estava profusa

mente iluminado porque as lâmpadas fluorescentes por trás da cama estavam apagadas, mas as sombras deixadas pela luz do abajur não eram suficientes para ocultar um homem. Os lençóis não estavam desarrumados, mas perfeitamente estendidos na cama, como se Frank Pollard tivesse evaporado como uma figura esculpida em gelo seco.

Hal tinha certeza de que teria ouvido Pollard abaixar uma das grades, sair da cama, depois levantar a grade de novo. Sem dúvida, também teria ouvido Pollard saltar por cima da grade.

A janela estava fechada. A chuva escorria pela vidraça, brilhando com reflexos prateados à luz do quarto. Estavam no sexto andar, e Pollard não poderia escapar pela janela, mas ainda assim Hal foi verificar, notando que a janela não só estava fechada como trancada.

Aproximando-se da porta do banheiro contíguo, disse:

— Frank?

Quando ninguém respondeu, ele entrou. O banheiro estava deserto.

Somente o estreito *closet* permanecia como um esconderijo viável. Hal abriu-o e encontrou dois cabides com as roupas que Pollard usava quando deu entrada no hospital. Seus sapatos também estavam lá, com as meias cuidadosamente enroladas.

— Ele não pode ter passado por mim e saído para o corredor—disse Hal, como se dando voz a essa afirmação a tomasse magicamente verdadeira.

Abriu a pesada porta e correu para o corredor. Não havia ninguém à vista em nenhuma direção.

Virou-se para a esquerda, correu para a saída de emergência ao final do corredor e abriu a porta. Parado no patamar do sexto andar, ficou à escuta de passos descendo ou subindo, não ouviu nada, olhou por cima da balaustrada, para o poço da escada, depois para cima. Não havia ninguém além dele.

Voltando por onde viera, dirigiu-se ao quarto de Pollard e olhou para dentro, para a cama vazia. Ainda incrédulo, continuou até a junção dos corredores, onde virou à direita e caminhou até a sala envidraçada das enfermeiras.

Nenhuma das cinco enfermeiras do turno da noite havia visto Pollard andando por ali. Como os elevadores ficavam diretamente em frente à sala das enfermeiras, onde Pollard teria de ficar esperando bem à vista das pessoas em serviço, parecia improvável que tivesse deixado o hospital por ali.

— Pensei que o estivesse vigiando — disse Grace Fulgham, a supervisora, de cabelos grisalhos, do sexto andar à noite. Sua compleição sólida, seus modos voluntariosos e o rosto envelhecido mas bondoso a faziam perfeita para o principal papel feminino se Hollywood algum dia viesse a refilmar os velhos filmes *Tugboat Annie* ou *Ma and Pa Kettle*. — Não era essa sua função?

— Não saí do quarto nem uma vez, mas...

— Então, como ele passou por você?

— Não sei—disse Hal, consternado. — Mas o importante é que ele está sofrendo de amnésia parcial, está um pouco confuso. Pode sair vagando por aí, sair do hospital, Deus sabe para onde. Não consigo imaginar como ele pôde passar por mim, mas temos de encontrá-lo.

A Sra. Fulgham e uma enfermeira mais jovem chamada Janet Soto iniciaram uma rápida e silenciosa inspeção de todos os quartos ao longo do

corredor de Pollard.

Hal acompanhou a enfermeira Fulgham. Quando verificavam o quarto 604, onde dois homens idosos roncavam baixinho, ele ouviu uma música estranha, quase inaudível. Quando se virou, buscando a fonte da música, as notas desapareceram.

Se a enfermeira Fulgham ouviu a música, não o demonstrou. Um instante depois, no quarto 606 ao lado, quando aqueles acordes ergueram-se outra vez, um pouco mais altos do que na vez anterior, ela murmurou:

— O que é isto?

Para Hal, soava como uma flauta. O flautista invisível não produzia nenhuma melodia discemível, mas a sequência de notas era assustadora mesmo assim.

Quando deixavam o quarto, a música parou outra vez, e no mesmo instante uma corrente de ar varreu o corredor.

— Alguém deve ter deixado uma janela aberta, ou talvez uma porta de escada—disse a enfermeira em voz baixa, mas de forma incisiva.

— Eu não fui — assegurou-lhe Hal.

Janet Soto deu um passo para dentro do corredor no exato momento em que a forte corrente de ar repentinamente desapareceu. Ela franziu as sobrancelhas, encolheu os ombros, depois dirigiu-se ao quarto seguinte.

A flauta soou baixinho. A corrente de ar assanhou-se outra vez, mais intensa do que antes, e sob os odores adstringentes do hospital, Hal achou que detectava um leve cheiro de fumaça.

Deixando Grace Fulgham prosseguir com sua busca, Hal correu para o extremo do corredor. Pretendia verificar a porta no topo da escada de emergência, para se certificar de que não a deixara aberta.

Pelo canto dos olhos, ele viu a porta do quarto de Pollard começando a se fechar e percebeu que a corrente de ar devia estar vindo de lá. Passou pela porta antes que ela se fechasse e viu Frank sentado na cama, parecendo confuso e amedrontado.

A corrente de ar e a flauta haviam cedido lugar à calma e ao silêncio.

— Onde você foi? — perguntou Hal, aproximando-se da cama.

— Vaga-lumes—disse Pollard, aparentemente aturdido. Seu cabelo estava arrepiado e desgrenhado e seu rosto redondo estava pálido.

— Vaga-lumes?

— Vaga-lumes num vendaval — disse Pollard.

Em seguida, desapareceu no ar. Num segundo, estava sentado na cama, tão real e sólido quanto qualquer pessoa que Hal conhecesse, e no seguinte sumira tão inexplicavelmente quanto um fantasma. Um rápido chiado,

como ar escapando de um pneu furado, acompanhou seu desaparecimento.

Hal cambaleou como se tivesse sido golpeado. Por um instante, seu coração pareceu parar e ele ficou paralisado de espanto.

A enfermeira Fulgham surgiu na soleira da porta.

— Nenhum sinal dele nos quartos deste corredor. Deve ter subido ou descido para outro andar, não acha?

— Uh...

— Antes de verificarmos o resto deste andar, talvez seja melhor eu chamar a segurança e fazê-los dar uma busca no hospital inteiro. Sr. Yamataka?

Hal olhou para ela, depois novamente para a cama vazia.

— Uh, sim. Sim, é uma boa ideia. Ele pode sair vagando para Deus sabe onde.

A enfermeira Fulgham saiu, apressada.

Com as pernas bambas, Hal dirigiu-se para a porta, fechou-a, apoiou-se contra ela e fitou a cama do outro lado do aposento. Depois de algum tempo, perguntou:

— Você está aí, Frank?

Não recebeu resposta. Não esperava nenhuma. Frank Pollard não se tomara invisível; ele fora a algum lugar, de algum modo.

Sem saber por que estava mais assombrado do que amedrontado pelo que vira, Hal hesitantemente atravessou o quarto até a cama.

Com cautela, tocou na grade de aço inoxidável, como se achasse que o ato do desaparecimento de Pollard tivesse se ligado a alguma força da natureza, deixando uma corrente residual mortífera na cama. Mas nenhuma fagulha se desprende sob seus dedos; o metal estava liso e frio.

Esperou, perguntando-se quando Pollard reapareceria, imaginando se ele deveria chamar Bobby agora ou esperar até que Pollard se materializasse, imaginando se o homem iria se materializar outra vez ou desaparecer para sempre. Pela primeira vez na vida, Hal Yamataka foi tomado pela indecisão; normalmente, raciocinava com presteza e era rápido no agir, mas nunca antes estivera frente a frente com o sobrenatural.

A única coisa de que tinha certeza era de que não devia deixar que Fulgham, Soto ou qualquer outra pessoa no hospital soubesse o que realmente acontecera. Pollard estava envolvido num fenômeno tão estranho que a notícia sairía rapidamente do hospital para os jornais. Proteger a privacidade de um cliente sempre fora uma das principais preocupações da Dakota & Dakota, mas neste caso era ainda mais

importante. Bobby e Julie disseram que alguém estava atrás de Pollard, evidentemente com intenções violentas; portanto, manter a imprensa longe do caso podia ser essencial se o cliente devesse sobreviver.

A porta abriu-se, e Hal deu um salto como se tivesse sido espetado com um alfinete.

Grace Fulgham estava parada no vão da porta, com o ar de quem ou havia guiado um navio-reboque por mares tempestuosos ou cortado e carregado lenha para a lareira porque o pai fora preguiçoso demais para providenciar.

— A segurança está colocando um homem em cada saída para impedi-lo se tentar deixar o hospital e estamos mobilizando as enfermeiras de todos os andares para procurar por ele. Vai participar da busca?

— Ah, bem, tenho de ligar para o escritório, o chefe...

— Se o encontrarmos, onde encontraremos você?

— Aqui. Aqui mesmo. Estarei aqui, dando alguns telefonemas.

Ela assentiu e se afastou. A porta fechou-se lentamente atrás dela.

Uma cortina para privacidade do doente corria de um trilho do teto que descrevia um arco em tomo de três lados da cama. Estava fechada junto à parede, mas Hal Yamataka puxou-a até o pé da cama, bloqueando a visão da porta, para o caso de Pollard materializar-se exatamente quando alguém estivesse entrando, vindo do corredor.

Suas mãos tremiam, de modo que as enfiou nos bolsos. Em seguida, retirou a esquerda para consultar o relógio: 1:48.

Pollard estava desaparecido havia talvez uns dezoito minutos — exceto, é claro, pelos poucos segundos durante os quais surgira no mundo real e falara de vaga-lumes em um vendaval. Hal resolveu esperar até às duas horas para telefonar para Bobby e Julie.

Ficou parado ao pé da cama, agarrando a grade com uma das mãos, ouvindo o vento da noite uivando junto à janela e a chuva açoitando as vidraças. Os minutos arrastavam-se como caramujos numa subida, mas pelo menos a espera lhe dava tempo para acalmar-se e pensar como iria contar a Bobby o que acontecera.

Quando os ponteiros de seu relógio marcaram duas horas, ele acabou de dar a volta na cama e já estendia a mão para o telefone na mesinha-de-cabeceira quando ouviu o estranho lamento de uma flauta distante. A cortina semicerrada da cama esvoaçou com uma súbita corrente de ar.

Ele voltou para o pé da cama e olhou para a porta que dava para o corredor. Estava fechada. Não era esta a fonte da corrente de ar.

O som de flauta desapareceu. O ar dentro do quarto tomou-se imóvel,

pesado.

Bruscamente, a cortina estremeceu e agitou-se, sacudindo de leve as argolas no trilho acima, e um sopro de ar frio varreu o aposento, despen-teando seus cabelos. A música fantasmagórica, atonal, ergueu-se de novo.

Com a porta fechada e a janela completamente cerrada, a única fonte possível da corrente de ar era a grade de ventilação na parede acima da mesinha-de-cabeceira. Mas quando Hal ficou na ponta dos pés e ergueu a mão direita diante da saída de ar, nada sentiu. As frias correntes de ar pareciam ter surgido dentro do próprio quarto.

Girou nos calcanhares, andou de um lado para o outro, tentando localizar a flauta. Na verdade, não soava como uma flauta quando ouvia com atenção; era mais como um vento flutuante assobiando por muitos tubos ao mesmo tempo, grandes e pequenos, associando muitos sons vagos e separados numa trama solta que era ao mesmo tempo arrepiante e melancólica, triste e de alguma forma ameaçadora. Desapareceu, depois retomou uma terceira vez. Para sua surpresa e estupefação, as notai dissonantes pareciam emitidas do ar vazio acima da cama.

Hal imaginou se alguma outra pessoa no hospital poderia ter ouvido a flauta dessa vez. Provavelmente não. Embora a música fosse mais sítia agora do que no começo, continuava fraca; na verdade, se estivesse dormindo, a misteriosa serenata não seria suficiente para acordá-lo.

Diante dos olhos de Hal, o ar acima da cama estremeceu. Por um instante, ele não conseguiu respirar, como se o quarto tivesse temporariamente se transformado numa câmara de vácuo. Sentiu os ouvidos estalarem como fazem durante uma mudança de altitude muito brusca.

O estranho gorjeio e a corrente de ar desapareceram ao mesmo tempo, e Frank Pollard reapareceu tão repentinamente quanto sumira. Estava deitado de lado, com os joelhos erguidos na posição fetal. Por algum segundos, ficou desorientado; quando percebeu onde estava, agarrou a grade da cama e, com um impulso, sentou-se. A pele em volta de seus olhos estava inchada e escura, mas afora isso estava mortalmente pálido. Seu rosto estava coberto por uma fina camada oleosa como se seus poros não exsudassem suor, mas puras gotículas de óleo. Seu pijama de algodão azul estava amarrotado, com manchas escuras de suor e sujo de lama em alguns pontos.

Disse:

— Impeça-me.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou Hal, a voz falhada.

— Fora de controle.

— Onde você esteve?

— Pelo amor de Deus, ajude-me. — Pollard ainda agarrava-se à barra de metal da cama com a mão direita, mas estendia a esquerda suplicantemente para Hal. — Por favor, por favor...

Dando um passo em direção à cama, Hal estendeu a mão...

... e Pollard desapareceu, desta vez não somente com um som sibilante, como antes, mas com um guincho e um estalido agudo de metal retorcido. A barra de aço inoxidável, a que ele se agarrava tão ferozmente, soltara-se da cama e desaparecera com ele.

Hal Yamataka olhou atônito para as dobradiças onde a grade desmontável estivera afixada. Estavam retorcidas e dilaceradas, como se fossem feitas de papelão. Uma força de incrível poder arrancara Pollard daquele quarto, arrancando uma peça de aço de meio centímetro de espessura.

Olhando pasmado para sua própria mão estendida, Hal imaginou o que teria acontecido a ele se estivesse agarrado à mão de Pollard. Teria desaparecido com ele? Para onde? Não para algum lugar onde gostaria de ir, disso tinha certeza.

Ou talvez somente parte dele tivesse ido com Pollard. Talvez ele se desprendesse numa junção, exatamente como a grade da cama. Talvez seu braço tivesse sido arrancado do ombro com um estalido quase tão agudo quanto aquele com o qual as dobradiças de metal haviam se separado e talvez ele ficasse ali uivando de dor, com o sangue jorrando dos vasos rompidos.

Puxou rapidamente a mão de volta, como se temesse que Pollard reaparecesse de repente e a agarrasse.

Ao dar a volta na cama para pegar o telefone, achou que suas pernas não iriam obedecê-lo. Suas mãos tremiam tanto que quase deixou cair o aparelho e teve dificuldade em discar o número do telefone da casa dos Dakota.

BOBBY E JULIE SAÍRAM PARA O HOSPITAL ÀS 2:45. A NOITE PARECIA MAIS ESCURA DO QUE O NORMAL; AS LUZES DA RUA E OS FARÓIS DOS CARROS NÃO PARECIAM PENETRAR COMPLETAMENTE A ESCURIDÃO. A CHUVA CAÍA COM TAL FORÇA QUE PARECIA RICOCHETEAR DO ASFALTO, COMO SE FOSSEM FRAGMENTOS SÓLIDOS DE UMA CRIPTA EM DESINTEGRAÇÃO QUE CORTAVAM O CÉU NOTURNO.

Julie dirigia porque Bobby não estava inteiramente acordado. Seus olhos pesavam, ele não conseguia parar de bocejar e seus pensamentos estavam nebulosos nos contornos. Haviam ido para a cama havia apenas três horas quando Hal Yamataka os acordou. Quando Julie precisava se satisfazer com apenas isso, ela conseguia, mas Bobby precisava de pelo menos seis horas — de preferência, oito — de sono para funcionar a contento.

Essa era uma diferença menor entre eles, nada demais. Mas por causa de diversas pequenas diferenças como essa Bobby suspeitava que Julie era muito mais forte do que ele, ainda que ele pudesse vencê-la todas as vezes numa queda-de-braço.

Deu uma risadinha.

Ela perguntou:

— O que foi?

Ela freou num sinal de trânsito que passou para o vermelho. Sua imagem sangrenta refletia-se em padrões distorcidos na superfície espelhada e negra da rua varrida pela chuva.

— Sou um louco em lhe conceder uma vantagem destas, mas tenho de admitir que em alguns pontos você é mais forte do que eu.

— Não é nenhuma revelação. Eu sempre soube que sou mais forte — retrucou ela.

— Ah, é assim? Numa queda de braço, eu venço você todas as vezes.

— Que tristeza. — Ela sacudiu a cabeça. — Você realmente acha que vencer alguém menor do que você, e ainda por cima uma mulher, o toma um machão?

— Eu poderia vencer muitas mulheres maiores do que eu — assegurou-lhe Bobby.—E se fossem suficientemente velhas, eu poderia com duas, três ou quatro delas de uma só vez. Na verdade, mande-me seis vovós grandes e eu as venço todas com uma das mãos nas costas!

A luz do sinal passou a verde, e ela continuou.

— Estou falando de vovós realmente grandalhonas — disse ele. — Não

velhinhas miúdas e frágeis. Grandes, gordas e fortes vovós, seis de uma vez.

— É impressionante.

— Pode ter certeza. Embora seria bom se eu pudesse ter um macaco de carro.

Ela riu, e ele abriu um amplo sorriso. Mas não podiam se esquecer para onde estavam indo nem por quê, e seus sorrisos deram lugar a um franzir de sobrancelhas. Continuaram em silêncio. O baque surdo dos limpadores de pára-brisa, que deveria ter levado Bobby a dormir, ao contrário, mantinha-o acordado.

Finalmente, Julie disse:

— Acha que Frank realmente desapareceu diante dos olhos de Hal, como ele diz?

— Nunca vi Hal mentir ou ceder à histeria.

— Nem eu.

Dobrou à esquerda na esquina seguinte. Alguns quarteirões adiante, sob cerradas cortinas de chuva, as luzes do hospital pareciam piscar, pulsar e escorrer como um líquido luminoso, o que o fazia parecer-se a uma miragem de um oásis fantasma tremendo sob véus de calor que se erguiam das areias do deserto.

Quando entraram no quarto, Hal estava parado junto ao pé da cama, em grande parte oculta pela cortina. Parecia um sujeito que não só vira um fantasma, como o abraçara e beijara seus lábios frios, úmidos e pútridos.

— Graças a Deus vocês chegaram. — Olhou além deles, para o corredor. — A chefe das enfermeiras quer chamar a polícia, dar queixa de uma pessoa desaparecida...

— Já resolvemos isso — disse Bobby. — O Dr. Freebom falou com ela pelo telefone, e nós assinamos uma nota isentando o hospital de culpa.

— Ótimo. — Gesticulando em direção à porta aberta, Hal disse: — Vamos querer manter isso em segredo o quanto pudermos.

Depois de fechar a porta, Julie uniu-se a eles ao pé da cama.

Bobby notou a grade que faltava e as dobradiças quebradas.

— O que foi isso?

Hal engoliu em seco.

— Ele estava agarrando a grade quando desapareceu e ela foi com ele. Não mencionei isto ao telefone porque imaginei que vocês já deviam estar achando que eu estava maluco e isso viria confirmar.

— Conte-nos agora — disse Julie em voz baixa.

Todos falavam em voz baixa, pois, caso contrário, a enfermeira Fulgham

certamente iria aparecer ali e lembrá-los de que a maioria dos pacientes naquele andar estava dormindo.

Quando Hal terminou sua história, Bobby disse:

— A flauta, a brisa estranha foi o que Frank nos contou que ele havia ouvido pouco antes de recobrar a consciência naquela noite na viela e de algum modo ele sabia que isso significava que alguém estava vindo.

Um pouco da lama que Hal observara no pijama de Frank, depois de sua segunda aparição, estava nos lençóis. Julie pegou um pouco entre os dedos.

— Não é bem lama.

Bobby examinou os grãos com a ponta dos dedos.

— Areia preta.

Para Hal, Julie disse:

— Frank não reapareceu desde que desapareceu com a grade da cama?

— Não.

— E quando foi isso?

— Uns dois minutos depois das duas. Duas e dois, duas e três, por lá aí.

— Há cerca de uma hora e vinte minutos — disse Bobby.

Ficaram parados em silêncio, olhando fixamente para o local de onde a grade da cama fora arrancada. Lá fora, uma rajada de vento atirou a chuva contra a janela com força suficiente para fazê-la ressoar como se alguém numa traquinagem de Halloween fora de época atirasse punhados de milho seco.

Finalmente, Bobby olhou para Julie.

— O que fazemos agora?

Ela pestanejou.

— Não me pergunte. Este é o primeiro caso em que trabalho que envolve bruxaria.

— Bruxaria?—perguntou Hal, nervoso.

— Só uma figura de retórica — assegurou-lhe Julie.

Talvez, pensou Bobby. Disse:

— Temos de presumir que ele vá voltar antes do amanhecer, talvez lá mais umas duas vezes e, mais cedo ou mais tarde, ele virá para ficar. Deve ser isso que acontece toda noite quando ele dorme; essa é a viagem da qual ele não se lembra quando acorda.

— Viagem — disse Julie. Sob as circunstâncias, aquela palavra comum parecia tão exótica e cheia de mistério quanto qualquer outra da lá língua.

Com cuidado para não acordar os pacientes, eles pegaram mais duas cadeiras de outros quartos ao longo do corredor. Hal sentou-se, tenso, atrás da porta fechada do quarto 638, numa posição em que pudesse

impedir qualquer funcionário do hospital de entrar livremente. Julie sentou-se ao pé da cama, e Bobby posicionou-se do lado da cama que estava mais ; próximo da janela e onde a barra de aço inoxidável da grade ainda estava no lugar.

Aguardaram.

De sua cadeira, Julie tinha apenas que virar ligeiramente a cabeça para olhar para Hal do outro lado do aposento. Quando olhava para o outro lado, podia ver Bobby. Mas, por causa da cortina de privacidade que estava puxada ao longo da cama do lado que estava sem a grade, Hal e Bobby não estavam na linha de visão um do outro.

Imaginou se Hal teria ficado surpreso ao ver como Bobby adormecera rapidamente. Hal ainda estava excitado com o que acontecera e Julie, apesar de ter ouvido sobre o desaparecimento mágico de Frank apenas em segunda mão, estava ainda assim aguardando, ansiosa—e nervosa — a oportunidade de presenciar, ela mesma, aquele passe de bruxaria. Bobby era um homem de consideráveis poderes de imaginação, com um senso de deslumbramento infantil, de modo que provavelmente estava mais excitado com os acontecimentos do que ela ou Hal; além disso, por causa de sua premonição de que haveria problemas, ele suspeitava que o caso seria cheio de surpresas, algumas hediondas, e esses acontecimentos sem dúvida o alarmaram. Entretanto, ele conseguia deixar-se cair sobre o braço inadequadamente acolchoado de sua cadeira, deixar o queixo pender sobre o peito e cochilar. Ele jamais seria destruído pelo estresse. Às vezes, seu senso de proporção, sua habilidade de enquadrar qualquer coisa numa perspectiva controlável pareciam sobre-humanos. Quando a música de Bobby McFerrin “Não se Preocupe, Seja Feliz” fora um sucesso havia alguns anos, ela não ficara surpresa que seu próprio Bobby tivesse se enamorado dela; a canção era seu hino pessoal. Aparentemente por um ato de vontade, ele podia de imediato alcançar a serenidade e ela admirava esse seu traço.

Às 4:40, quando Bobby já ressonava satisfeitamente por quase uma hora, ela observava-o dormir com uma admiração que rapidamente atingia as raias de uma inveja pouco saudável. Tinha vontade de dar um chute em sua cadeira, derrubando-o. Continha-se só porque suspeitava que ele iria apenas bocejar, enroscar-se de lado e dormir ainda mais confortavelmente no chão, quando então sua inveja se tomaria tão avassaladora que ela simplesmente teria de matá-lo ali mesmo. Imaginava-se no tribunal: *Sei que assassinato é crime, Sr. Juiz, mas ele era simplesmente descansado demais para continuar vivendo.*

Uma cascata de notas suaves, quase melancólicas, caiu do ar à sua frente.

— A flauta! — disse Hal, saltando da cadeira como uma pipoca da panela quente.

Ao mesmo tempo, um sopro de ar frio percorreu o quarto, sem fonte aparente.

Pondo-se de pé, Julie murmurou:

— Bobby!

Sacudiu-o pelo ombro e ele acordou no instante em que a música dissonante desaparecia e o ar tomava-se imóvel como um sepulcro.

Bobby esfregou os olhos com as palmas das mãos e bocejou.

— O que houve?

Ainda enquanto falava, a música fantasmagórica avolumou-se outra vez, fraca, porém mais alta do que antes. Não era música, na verdade, apenas ruído. E Hal estava certo: ouvindo atentamente, podia-se perceber também que não se tratava de uma flauta.

Ela deu um passo em direção à cama.

Hal deixara seu posto junto à porta. Colocou a mão em seu ombro, fazendo-a parar.

— Tenha cuidado.

Frank relatara três — talvez quatro — trinados separados da flauta falha e outras tantas turbulências do ar, antes do Sr. Luz Azul ter surgido em seu encalço naquela noite em Anaheim, e Hal observara que três episódios haviam precedido cada um dos próprios reaparecimentos de Frank. Entretanto, tais fenômenos associados evidentemente não podiam ser esperados num padrão imutável, pois quando o segundo fluxo de notas *i* dissonantes parou de jorrar do éter, o ar imediatamente acima da cama *I* estremeceu, como se um duplo punhado de embaçadas lantejoulas tivesse sido arremessada no ar e se alvoroçassem em ascendentes correntes de calor e, de repente, Frank Pollard surgiu em cima dos lençóis amarfanha-dos.

Os ouvidos de Julie estouraram.

— Puxa! — exclamou Bobby, que era exatamente o que Julie esperava que ele fizesse.

Ela, por sua vez, estava impossibilitada de falar.

Arquejando, Frank Pollard sentou-se na cama. Seu rosto estava exangue. Em tomo de seus olhos lacrimejantes, a pele parecia machucada. O suor brilhava em seu rosto e porejava na barba por fazer.

Segurava uma fronha cheia pela metade com alguma coisa. A ponta

estava torcida e amarrada com um pedaço de barbante. Ele laigou-a e ela caiu pelo lado da cama onde a grade estava faltando, batendo no assoalho com um suave ruído.

Quando falou, sua voz soou rouca e estranha.

— Onde estou?

— Está no hospital, Frank — disse Bobby. — Está tudo bem. Está no seu lugar agora.

— Hospital — disse Frank, saboreando a palavra como se a ouvisse... — e agora a pronunciasse...—pela primeira vez. Olhou à sua volta, obviamente confuso; ele ainda não sabia onde se encontrava. — Não me deixe resvalar...

Desapareceu no meio da frase. Um breve chiado acompanhou sua súbita partida, como se o ar do quarto escapasse por um furo na pele da realidade.

— Droga! — disse Julie.

— Onde estava o pijama dele? — perguntou Hal.

— O quê?

— Ele usava sapatos, calças cáqui, camisa e suéter—disse Hal —, mas da última vez que eu o vi, há umas duas horas, ele ainda usava seu pijama.

No outro extremo do aposento, a porta começou a se abrir, mas chocou-se contra a poltrona vazia de Hal. A enfermeira Fulgham enfiou a cabeça pelo vão da porta. Olhou para baixo, para a poltrona, depois para Hal e Julie, em seguida para Bobby, que se dirigiu para o pé da cama para espreitar além de seus dois sócios e da coitina parcialmente cerrada.

A perplexidade deles diante do ato de desaparecimento de Frank devia estar estampada em seus semblantes, pois a mulher franziu o cenho e disse:

— O que houve?

Julie atravessou rapidamente o quarto enquanto Grace Fulgham empurrava a poltrona para o lado e abriu a porta de par em par.

— Está tudo bem. Acabamos de falar pelo telefone com o nosso homem que está encabeçando a busca e ele disse que encontraram alguém que viu o Sr. Pollard esta noite. Sabemos em que direção ele foi, de modo que agora é só uma questão de tempo até nós o encontrarmos.

— Não esperávamos que fossem ficar aqui tanto tempo — disse Fulgham, franzindo as sobrancelhas para a cama atrás da cortina.

Mesmo através da pesada porta, talvez ela tenha ouvido o débil goijeio da flauta que não era flauta.

— Bem — disse Julie —, este é o melhor lugar para coordenar a busca.

Ficando parada logo à entrada junto à porta, com a poltrona vazia de Hal entre elas, Julie tentava bloquear o avanço da enfermeira sem

parecer fazê-lo. Se Fulgham ultrapassasse o limite da cortina, poderia notar a grade faltando, a areia preta sobre a cama e a fronha cheia de só-Deus-sabe-o-quê. Perguntas sobre essas coisas podiam ser difíceis de serem respondidas convincentemente e se a enfermeira permanecesse no quarto por muito tempo ela poderia estar lá quando Frank retomasse.

Julie disse:

— Tenho certeza de que não perturbamos nenhum dos outros pacientes. Fizemos absoluto silêncio.

— Não, não — disse a enfermeira Fulgham —, vocês não perturbaram ninguém. Só imaginamos se vocês não gostariam de tomar um café para mantê-los acordados.

— Ah. — Julie voltou-se para olhar para Hal e Bobby. — Café?

— Não — os dois homens responderam ao mesmo tempo. Em seguida, falando ao mesmo tempo, Hal disse:

— Não, obrigado.

E Bobby disse:

— É muita gentileza.

— Estou completamente acordada — disse Julie, desesperada para se ver livre da mulher, mas tentando parecer casual —, e Hal não toma café e Bobby, meu marido, não pode ingerir cafeína por causa de problemas na próstata. — Estou dizendo asneiras, pensou ela. — De qualquer forma, vamos embora daqui a pouco, tenho certeza.

— Bem — disse a enfermeira —, se mudarem de ideia...

Depois que Fulgham saiu, deixando que a porta se fechasse, Bobby sussurrou:

— Problemas de próstata?

Julie respondeu:

— Cafeína em excesso causa problemas de próstata. Pareceu-me um detalhe conveniente para explicar por que, com todos os seus bocejos, você não queria café.

— Mas eu não tenho problema de próstata. Faz-me parecer um velho decrepito.

— Eu tenho — disse Hal. — E não sou um velho decrepito.

— O que é isto? — disse Julie. — Estamos todos falando asneiras.

Ela empurrou a poltrona em frente da porta e voltou para junto da cama, onde pegou a sacola feita de fronha, que Frank Pollard trouxera de de onde quer que tenha estado.

— Cuidado—disse Bobby.—Da última vez que Frank mencionou uma fronha, foi onde ele prendeu o inseto.

Cautelosa, Julie colocou a sacola sobre uma cadeira e observou-a mais de perto.

— Não parece haver nada se contorcendo aí dentro.

Começou a dasatar o nó do barbante que amarrava a fronha.

Com uma careta, Bobby disse:

— Se você deixar escapar algo do tamanho de um gato, com um monte de pernas e antenas, vou direto para um advogado pedir o divórcio.

O barbante se soltou. Ela abriu a fronha e olhou em seu interior.

— Ah, meu Deus.

Bobby deu dois passos para trás.

— Não, não é isso — tranquilizou-o ela.—Nenhum inseto. Apenas mais dinheiro vivo.—Enfiou a mão dentro da sacola e retirou dois maços de notas de cem dólares. — Se forem todas de cem, deve haver um quarto de milhão aí dentro.

— O que Frank anda fazendo? — perguntou-se Bobby. — Lavando dinheiro para a turma da Zona de Transição?

Um assobio desafinado, solitário e abafado, perfurou o ar outra vez e, como uma agulha puxando uma linha, o som trouxe com ele uma corrente de ar que fez a cortina agitar-se.

Estremecendo, Julie voltou-se para olhar para a cama.

A música de flauta desapareceu gradualmente com a lufada de ar, em seguida avolumou-se de novo, desapareceu, aumentou e desapareceu pela quarta vez quando Frank Pollard reapareceu. Estava de lado, os braços contra o peito, os punhos cerrados, fazendo um esgar, os olhos cerrados com força, como se estivesse se preparando para receber o golpe de misericórdia de um machado.

Julie deu um passo em direção à cama e mais uma vez Hal a impediu.

Frank inspirou profundamente, estremeceu, soltou um gemido longo

e angustiado, abriu os olhos — e desapareceu. Dentro de dois ou três segundos, ele apareceu mais uma vez, ainda estremecendo. Mas imediatamente desapareceu, reapareceu, desapareceu, reapareceu, desapareceu, como se ele fosse uma imagem piscando num aparelho de televisão de má recepção. Finalmente, ele se agarrou com força ao tecido da realidade e ficou estendido na cama, gemendo.

Depois de virar-se, ficando de costas, ele fitou o teto. Ergueu os punhos do peito, descerrou-os e olhou fixamente para as mãos, estarrecido, como se nunca tivesse visto dedos antes.

— Frank ? — disse Julie.

Ele não respondeu. Com as pontas dos dedos, explorou os contornos do

rosto, como se ler suas feições pelo método Braille o fizesse lembrar as esquecidas características de sua aparência.

O coração de Julie disparara, e todos os músculos de seu corpo pareciam tensos como a corda de relógio enrolada em excesso. Na verdade, não estava com medo. Não era uma tensão gerada pelo temor, mas pelo caráter absolutamente surpreendente do que acontecera.

— Frank, você está bem?

Piscando pelos interstícios de seus dedos, ele disse:

— Oh. É você, Sra. Dakota. Sim, Dakota. O que aconteceu? Onde estou?

— Está no hospital agora—disse Bobby.—Ouça, o importante não é onde você está, mas onde você esteve.

— Onde estive? Bem, o que quer dizer?

Frank tentou sentar-se na cama, mas parecia não dispor de forças suficientes no momento.

Pegando o controle remoto da cama, Bobby elevou a parte superior do colchão.

— Você não esteve neste quarto durante a maior parte das últimas horas. São quase cinco da manhã e você andou entrando e saindo daqui como um membro da tripulação da nave satélite *Enterprise* que vive lançando-se de volta à nave-mãe!

— *Enterprise*? Lançando-se? De que está falando?

Bobby olhou para Julie.

— Quem quer que seja este sujeito, de onde quer que venha, nós agora sabemos com certeza que ele tem vivido do outro lado da fronteira

da cultura moderna, no limite. Já conheceu algum americano moderno que não tenha ouvido falar em Jornada nas Estrelas?

Julie disse, dirigindo-se a Bobby:

— Obrigada por sua análise, Sr. Spock.

— Sr. Spock? — perguntou Frank.

— Está vendo?! — exclamou Bobby.

— Podemos interrogar Frank depois—disse Julie.—No momento ele está confuso, de qualquer modo. Temos de tirá-lo daqui. Se aquela enfermeira voltar e o vir, como vamos explicar seu reaparecimento? Será que ela vai acreditar que ele veio vagando de volta ao hospital, passou pela segurança e pela sala das enfermeiras, subiu seis andares, sem que ninguém o visse?

— Sim — disse Hal —, e embora ele pareça ter voltado para ficar, e se ele Some de novo, diante dos olhos dela?

— Está bem, então vamos tirá-lo da cama e levá-lo às escondidas pelas

escadas ao fim do corredor — disse Julie —, até o carro.

Enquanto falavam sobre ele, Frank virava a cabeça de um lado para o outro, acompanhando a conversa. Parecia estar vendo uma partida de tênis pela primeira vez, incapaz de compreender as regras do jogo.

Bobby disse:

— Assim que o tirarmos daqui, podemos dizer a Fulgham que ele foi encontrado a alguns quarteirões e que estamos indo ao seu encontro para ver se ele quer, ou se precisa, voltar ao hospital. Ele é nosso cliente, afinal de contas, não nosso tutelado, e temos de respeitar seus desejos.

Sem ter de esperar que os testes fossem realizados, eles agora sabiam que Frank não estava sofrendo estritamente de nenhuma doença física como abscessos cerebrais, coágulos, aneurismas, cistos ou neoplasmas. Sua amnésia não advinha de tumores no cérebro, mas de algo muito mais estranho e mais exótico. Nenhum mal, por mais singular que fosse sua natureza, investiria sua vítima de poder para entrar na quarta dimensão— ou para onde quer que Frank estava indo quando desaparecia.

— Hal—disse Julie —, pegue as outras roupas de Frank do armário, enrole-as e enfie-as na fronha com o dinheiro.

— Agora mesmo.

— Bobby, ajude-me a retirar Frank da cama e ver se ele consegue ficar em pé com os próprios pés. Ele parece terrivelmente fraco.

A grade da cama que restara ficou presa por um momento quando

Bobby tentou abaixá-la, mas ele forçou-a porque não poderiam retirar Frank da cama pelo outro lado sem abrir a cortina e assim expô-lo a qualquer pessoa que abrisse a porta.

— Você poderia ter me feito um grande favor levando esta grade junto com a outra para Oz — disse Bobby a Frank.

— Oz?—indagou Frank.

Quando a grade finalmente desceu, liberando a passagem, Julie viu que hesitava em tocar Frank, por receio do que lhe pudesse acontecer— ou a partes dela — se ele apresentasse mais um ato de desaparecimento. Vira as dobradiças despedaçadas da grade da cama; estava também profundamente cônica de que Frank não trouxera a grade de volta com ele, mas a abandonara nesse outro lugar ou tempo para onde viajara.

Bobby hesitou também, mas superou sua apreensão agarrando o sujeito pelas pernas e puxando-as pela beira da cama, segurando seu braço e ajudando-o a sentar-se.

Em alguns aspectos ela podia ser mais forte do que Bobby, mas quando

se tratava de encontros com o desconhecido, ele era claramente mais flexível e rápido a se adaptar do que ela.

Finalmente Julie dominou seu medo e juntos, ela e Bobby, ajudaram Frank a sair da cama e a ficar de pé. Suas pernas cederam e eles tiveram que ampará-lo. Ele queixou-se de fraqueza e tontura.

Enfiando o outro conjunto de roupas em uma fronha, Hal disse:

— Se for preciso, eu e Bobby podemos carregá-lo.

— Desculpem-me por dar tanto trabalho — disse Frank.

Para Julie, ele nunca parecera mais patético, e ela sentiu uma onda de culpa por sua relutância em tocá-lo.

Ladeando Frank, os braços rodeando-o para apoiá-lo, Julie e Bobby fizeram-no caminhar de um lado para o outro, passando pela janela açoitada pela chuva, dando-lhe chance de recuperar o uso das pernas. Aos poucos, suas forças e equilíbrio retomaram.

— Mas minhas calças continuam ameaçando cair — disse Frank.

Escoraram-no contra a cama, e ele apoiou-se em Julie enquanto

Bobby levantava o suéter de algodão azul para ver se o cinto precisava ser apertado mais um furo. A ponta do cinto estava perfurada por inúmeros buraquinhos, como se laboriosos insetos a tivessem atacado. Mas que insetos comiam couro? Quando Bobby tocou na fivela de metal enferrujada, ela se desfez como se fosse feita de massa folhada.

Estarrecido diante dos brilhantes farelos de metal em seus dedos, Bobby disse:

— Onde compra suas roupas, Frank? Numa loja de refugos?

Apesar do tom despreocupado de Bobby, Julie percebeu que ele ficou nervoso. Que substância ou circunstâncias podiam alterar tão profunda* mente a composição do metal? Quando ele limpou os dedos no lençol da cama para remover os curiosos resíduos, ela encolheu-se, esperando que sua carne tivesse sido contaminada pelo contato com o metal e fosse se desfazer também como a fivela.

Depois de apertar as calças de Frank com o cinto que ele usava quando deu entrada no hospital, Hal ajudou Bobby a levar seu cliente para fora do quarto. Com Julie fazendo o reconhecimento do caminho, percorreram em silêncio e bem rápido o corredor e atravessaram a porta de incêndio ao final da escada de emergência. A pele de Frank continuava fria ao toque, e ele ainda estava pegajoso de suor, mas o esforço trouxe alguma cor às suas faces, fazendo-o se parecer menos a um cadáver ambulante.

Julie correu para o pé da escada para ver o que havia depois da porta do térreo. Com o arrastar e o baque surdo de seus passos ecoando ocamente

das paredes nuas de concreto, os três homens desceram quatro lances de escada sem muita dificuldade. No patamar do quarto andar, entretanto, tiveram que fazer uma pausa para que Frank pudesse recuperar o fôlego.

— Você sempre se sente fraco assim quando acorda e não se lembra onde esteve?— perguntou Bobby.

Frank meneou a cabeça. Suas palavras eram emitidas num fio de voz.

— Não. Sempre assustado; cansado, mas não tanto assim. Sinto que o que quer que esteja fazendo onde quer que esteja indo está cada vez me exigindo mais. Não vou agiientar isso por muito mais tempo.

Enquanto Frank caminhava, Bobby observou algo curioso sobre o suéter de algodão azul. O desenho da malha estava extremamente irregular em alguns lugares, como se a máquina de tricotar tivesse enlouquecido por alguns instantes. E nas costas, perto da omoplata direita, havia um lugar onde faltavam fibras; o buraco era do tamanho de um conjunto de quatro selos postais, embora com os bordos irregulares em vez de retos. Mas não se tratava apenas de um buraco. Um pedaço do que parecia ser um tecido cáqui preenchia o espaço, não apenas costurado no lugar, mas

entrelaçado firmemente no fio à sua volta, como se fizesse parte da própria roupa. O cáqui era do mesmo tom e textura das calças que Frank usava.

Um calafrio de pavor percorreu Bobby, embora não estivesse bem certo do motivo. Seu subconsciente parecia compreender a existência do remendo e o que significava, bem como entender alguma hedionda conseqüência ainda não realizada, enquanto seu consciente mostrava-se perplexo.

Viu que Hal, do outro lado de Frank, também notara o remendo e cerrava as sobrancelhas.

Julie subiu as escadas enquanto Bobby fitava desconcertado o remendo cáqui.

— Estamos com sorte — disse. — Há duas portas ao fim da escada. Uma dá para o corredor que leva ao saguão de entrada, onde provavelmente depararíamos com um segurança, embora já não estejam procurando por Frank. Mas a outra porta dá para a garagem, no mesmo nível de onde está nosso carro. Como vai indo, Frank? Está se sentindo melhor?

— Estou me recuperando — disse menos ofegante do que antes.

— Olhe isto — disse Bobby, chamando a atenção de Julie para o tecido cáqui entremeado no suéter azul de algodão.

Enquanto Julie examinava o estranho remendo, Bobby soltou Frank e, agachando-se, examinou as pernas das calças de seu cliente.

Encontrou uma irregularidade correspondente: fibras de algodão azul do suéter estavam tecidas nas calças. Não era um ponto do mesmo tamanho e forma daquele do suéter, mas uma série de três buracos menores perto da boca da perna direita; entretanto, tinha certeza de que medições mais cuidadosas iriam confirmar o que sabia com um rápido olhar—que a quantidade total de fibras azuis naqueles três buracos dariam exatamente para preencher o buraco no ombro da suéter.

— O que houve? — perguntou Frank.

Bobby não respondeu, mas segurou a perna da calça e esticou-a para que pudesse examinar melhor os três remendos. Na verdade, “remendos” não era a palavra apropriada porque as anormalidades no tecido não pareciam consertos; estavam muito bem tecidas no material à sua volta para terem sido costuradas a mão.

Julie agachou-se ao lado dele e disse:

— Primeiro, temos de tirar Frank daqui, levá-lo de volta ao escritório.

— Sim, mas isso é realmente estranho — disse Bobby, indicando as ftepgularidades nas calças. — Estranho e de algum modo importante, g — O que há de errado? — voltou a perguntar Frank. — Onde conseguiu estas roupas? — perguntou-lhe Bobby.

— Bem... não sei.

Julie apontou para a meia branca esportiva no pé direito de Frank, e Bobby viu imediatamente o que lhe chamara a atenção: diversos fios jffczuis, precisamente da cor do suéter. Não estavam soltos, gradados na ptneia. Estavam entremeados no próprio tecido, i Então, ele notou o sapato esquerdo de Frank. Era um sapato marrom de caminhada, mas algumas linhas brancas e finas manchavam o couro no lugar do dedo maior. Quando as examinou atentamente, viu que as ffinhas pareciam fios rústicos como os da meia esportiva; raspando-as com ia unha, descobriu que não estavam grudadas no sapato, mas que eram aparte integrante da superfície do couro.

Os fios que faltavam no suéter haviam de algum modo se tomado lparte tanto das calças cáqui como das meias; as linhas da meia haviam se fbmado parte do sapato no outro pé.

— O que foi? — repetiu Frank, mais temeroso do que antes.

Bobby hesitou em erguer os olhos, esperando ver que filamentos do sapato de couro estavam embutidos no rosto de Frank e que a came daí aeslocada estava magicamente entrelaçada na malha do suéter. Levantou-se e se forçou a confrontar seu cliente.

Afora as olheiras escuras e inchadas em tomo dos olhos, a palidez doentia aliviada apenas pelo rubor das maçãs do rosto e o medo e a confusão que lhe emprestavam um ar atormentado, não havia nada de errado com seu rosto. Nenhum enfeite de couro. Nenhum tecido cáqui cozido em seus lábios. Nenhum filamento de fio azul ou pontas de plástico de cordões de sapato ou fragmentos de botões brilhando em suas órbitas.

Bobby repreendeu-se em silêncio por sua imaginação fértil e deu uns fapinhas no ombro de Frank.

— Está tudo bem. Tudo certo. Mais tarde descobriremos. Venha, vamos tirar você daqui.

No abraço da escuridão, envolto pelo aroma de Chanel nº5, sob os mesmos cobertores e lençóis que um dia aqueceram sua mãe e que ele tão cuidadosamente conservava, Candy cochilava e acordava repetidamente com um sobressalto, embora não pudesse se lembrar de nenhum pesadelo.

Entre períodos de sono espasmódico, ele cismava sobre o incidente no desfileiro, no começo da noite, quando estivera caçando e sentira uma presença invisível colocar a mão em sua cabeça. Nunca experimentara nada semelhante antes. Estava perturbado pelo encontro, sem saber ao certo se era ameaçador ou benigno, e ansioso para entendê-lo.

No começo, pensou se teria sido a presença angelical da mãe, pairando acima dele. Mas logo descartou essa explicação. Se sua mãe tivesse transposto o véu que separa este mundo do outro, ele teria reconhecido seu espírito, sua aura especial de amor, calor e compaixão. Ele teria caído de joelhos sob o peso de sua mão espectral e chorado de alegria com sua visita.

Por um instante, considerou se uma, ou ambas, de suas misteriosas irmãs possuíam um talento até então não revelado para contato psíquico e o haviam alcançado por alguma razão desconhecida. Afinal, de alguma forma elas controlavam seus gatos e pareciam ter igual influência sobre outros animais de pequeno porte. Talvez pudessem penetrar em mentes humanas também. Não queria aquela dupla pálida, de olhos frios, invadindo sua privacidade. Às vezes, ele as olhava e pensava em cobras — sinuosas cobras albinas, silenciosas e atentas—com desejos tão estranhos quanto os que motivavam os répteis. A possibilidade de que pudessem penetrar em sua mente era aterradora, ainda que não pudessem controlá-lo.

Mas entre um e outro acesso de sono, ele abandonou a ideia. Se Violet e Verbina possuísem tais qualidades, já o teriam escravizado havia muito tempo, do mesmo modo como haviam subjugado os gatos. Elas o teriam forçado a fazer coisas obscenas, degradantes; não possuíam seu autocontrole nas questões da carne e viveriam, se pudessem, em permanente violação dos mais fundamentais mandamentos de Deus.

Não podia entender como sua mãe o fizera jurar que iria cuidar delas e protegê-las, como também não entendia como podia amá-las. Obviamente, sua compaixão por uma prole tão perversa era apenas mais um exemplo de sua santa natureza. Perdão e compreensão fluíam dela como águas

límpidas e claras de um poço artesiano.

Dormiu por algum tempo. Quando novamente acordou com um sobressalto, virou-se de lado e viu a fraca luz do alvorecer aparecer ao longo das bordas das cortinas cerradas.

Considerou a possibilidade da presença no desfiladeiro ser de seu irmão Frank. Mas isso também era improvável. Se Frank possuísse habilidades telepáticas, teria encontrado uma forma de empregá-las para destruir Candy há muito, muito tempo. Frank era menos dotado do que suas irmãs e muito menos dotado do que seu irmão Candy.

Então, quem se aproximou dele duas vezes no desfiladeiro, insistentemente forçando a entrada em sua mente? Quem enviou as palavras desconexas que ecoaram em sua cabeça: *O quê... onde... o quê... porquê... o quê... onde... o quê... porquê... ?*

À noite passada, ele tentara agarrar mentalmente a presença. Quando ela apressadamente recuou, afastando-se, ele tentou deixar que parte de sua consciência se elevasse na noite junto com ela, mas fora incapaz de sustentar sua perseguição naquele plano psíquico. Pressentiu, no entanto, que poderia desenvolver essa habilidade.

Se a indesejada presença algum dia retomasse, ele tentaria prender um filamento de sua mente a ela e localizar sua origem. Em 29 anos, suas próprias irmãs eram as únicas pessoas que conhecera com o que ele podia chamar de dotes psíquicos. Se alguém no mundo lá fora fosse igualmente dotado, ele precisava saber quem era. Essa pessoa, não nascida de sua santa mãe, era um rival, uma ameaça, um inimigo.

Embora o sol do outro lado das janelas fechadas não tivesse surgido inteiramente, sabia que não conseguiria dormir outra vez. Afastou as cobertas, atravessou o quarto escuro e apinhado de móveis com a segurança de um cego num lugar familiar e entrou no banheiro contíguo. Após trancar a porta, despiu-se sem se olhar no espelho. Urinou vigorosamente, sem olhar para seu detestável órgão. Quando tomou banho, ensaboou e enxaguou seu membro sexual apenas com a luva de banho que fizera e que protegia sua mão inocente de ser corrompida pela carne perniciosa e imoral.

Do HOSPITAL EM ORANGE, dirigiram-se diretamente para seu escritório em Newport Beach. Tinham muito trabalho a fazer no caso de Frank e a piora de seu estado evocava neles uma sensação de urgência ainda maior. Frank foi com Hal, e Julie seguiu-os a fim de poder oferecer ajuda se acontecimentos imprevistos ocorressem durante o percurso. O caso inteiro parecia ser uma série de acontecimentos imprevistos.

Quando chegaram a seus escritórios desertos—o pessoal da Dakota & Dakota somente chegaria dentro de duas horas —, o sol já se levantara inteiramente por trás das nuvens no leste. Podia-se ver uma faixa fina de céu azul, como uma fenda sob a porta da tempestade, acima do oceano a oeste. Quando os quatro atravessaram a sala de recepção passando aos seus aposentos privados, a chuva parou repentinamente, como se a mão divina tivesse fechado uma comporta celestial; a água nas amplas janelas parou de escorrer em reluzentes lençóis e aglutinou-se em centenas de pequenas contas que brilhavam com um lustre cinza-mercúrio na luz opaca da manhã.

Bobby indicou a volumosa fronha que Hal carregava.

— Leve Frank ao banheiro, ajude-o a vestir as roupas que usava quando o deixamos no hospital. Então, daremos uma olhada realmente cuidadosa nas roupas que está usando agora.

Frank recuperara seu equilíbrio e grande parte de suas forças. Não precisou da ajuda de Hal. Mas Julie sabia que Bobby não deixaria Frank ir a nenhum lugar desacompanhado de agora em diante. Precisavam mantê-lo sob vigilância permanente, a fim de não perder nenhuma pista que pudesse levar a uma explicação para seus súbitos desaparecimentos e reaparições.

Antes de acompanhar Frank, Hal retirou as roupas amassadas da fronha. Deixou o restante do conteúdo sobre a mesa de Julie.

— Café? — perguntou Bobby.

— Desesperadamente — disse Julie.

Ele dirigiu-se à cozinha que dava para a sala de recepção, para ligar uma das duas máquinas de café que possuíam.

Sentando-se à sua mesa, Julie esvaziou a fronha. Continha trinta feixes de notas de cem dólares em maços presos com elásticos. Ela folheou as bordas das notas de dez maços para verificar se havia notas de menor valor, todas eram de cem. Escolheu dois feixes a esmo e contou-os. Cada um continha cem notas. Dez mil em cada um. Quando Bobby voltou

com canecas, colheres, creme, açúcar e um bule de café quente, tudo numa bandeja, Juue concluiu que aquele era o maior dos três recebimentos de Frank até então.

— Trezentos mil dólares — disse, enquanto Bobby colocava a bandeja sobre a mesa.

Ele assobiou baixinho. — Quanto dá no total?

— Com este, estaremos guardando seiscentos mil para ele.

— Logo vamos ter de arranjar um cofre maior.

Hal Yamataka colocou o outro conjunto de roupas de Frank sobre a mesinha de centro.

— Há algo de errado com o zíper da calça. Não estou dizendo apenas que está com defeito, o que é verdade. Mas há alguma coisa de realmente errada com ele.

Hal, Frank e Julie puxaram cadeiras em volta da mesinha baixa de tampo de vidro e tomaram café forte e puro, enquanto Bobby sentava-se no sofá e cuidadosamente examinava as roupas. Além das peculiaridades que ele notara no hospital, descobriu que a maior parte dos dentes do zíper eram de metal, como deviam ser, enquanto uns quarenta outros, entremeados aleatoriamente, pareciam de borracha dura; na verdade, o zíper estava emperrado em uns de borracha.

Bobby fitou intrigado com o zíper anormal, passando o dedo devagar para cima e para baixo de uma das fileiras, quando teve uma inspiração repentina. Pegou um dos sapatos que Frank usara e examinou o salto. Parecia perfeitamente normal, mas no salto do outro pé do sapato trinta ou quarenta minúsculos e brilhantes pedacinhos de metal estavam embutidos na borracha, nivelados com sua superfície.

— Alguém tem um canivete?—perguntou Bobby.

Hal retirou um do bolso. Bobby usou-o para soltar alguns dos brilhantes retângulos, que pareciam ter sido colocados na borracha quando esta ainda estava sendo moldada. Dentes de zíper. Caíram sobre o tampo de vidro da mesa. Com um relance dos olhos, estimou que a quantidade de borracha deslocada por aqueles dentes era igual à encontrada no zíper.

Sentado no escritório decorado com Disney dos Dakota, Bank Pollard estava dominado por um cansaço que parecia caricatural em seu extremo, o grau de absoluta exaustão suficiente para deixar o Pato Donald tão mole que ele poderia deslizar da cadeira e esparramar-se no assoalho como um monte flácido de pele e penas. Estava insinuando-se nele a cada dia, a cada hora, desde que acordara naquela viela na semana passada; mas agora repentinamente inundara-o como se um dique houvesse se rompido.

Essa avassaladora sensação de cansaço tinha uma densidade não de água, mas de chumbo líquido, e ele sentia-se extremamente pesado; só conseguia eigher um pé ou mexer um braço com muito esforço, e até manter a cabeça erguida era um esforço excessivo sobre seu pescoço. Praticamente todas as juntas do corpo doíam, até mesmo as dobras dos dedos dos pulsos e dos cotovelos, mas principalmente dos joelhos, quadris e ombros. Sentia-se febril, não realmente doente, mas como se suas forças tivessem sido sistematicamente solapadas por uma infecção virótica de baixa intensidade da qual sofrerá toda a sua vida. O cansaço não embotara seus sentidos; ao contrário, deixara seus nervos à flor da pele. Sons altos o faziam encolher-se, a luz forte fazia-o apertar os olhos de dor e estava estranhamente sensível ao frio e ao calor, bem como às texturas de tudo que tocava.

Sua exaustão poderia somente em parte ser atribuída à sua impossibilidade de dormir mais do que umas duas horas à noite anterior. Se Hal Yamataka e os Dakota fossem dignos de crédito—e Frank não via razão para que lhe mentissem —, ele executara uma incrível façanha de desaparecer várias vezes durante a noite, embora ao retomar à sua cama e ali ficar, ele não pudesse se lembrar de nada do que fizera. Qualquer que fosse a causa desses desaparecimentos, independente de aonde tivesse ido ou como ou por quê, o próprio ato de desaparecer provavelmente exigia um dispêndio de energia da mesma forma que andar, correr ou levantar pesos ou qualquer outra atividade física; portanto, talvez sua fraqueza e profunda exaustão fossem em grande parte devidas às suas misteriosas incursões noturnas.

Bobby Dakota retirara apenas alguns dos dentes de metal do salto do sapato. Após examiná-los por alguns instantes, ele colocou o canivete sobre a mesa, recostou-se no sofá e ficou olhando pensativamente para o

céu sombrio, mas sem chuva, do outro lado das amplas janelas do escritório. Todos fizeram silêncio, esperando para ouvir o que ele deduzira da condição daquelas roupas e sapatos.

Mesmo exausto, preocupado com seus próprios temores, e depois de apenas um dia de associação aos Dakota, Frank percebeu que Bobby era o mais ágil mentalmente dos dois. Julie provavelmente era mais inteligente do que o marido, mas ela também tinha um raciocínio muito mais metódico do que ele, muito menos provável de fazer súbitas deduções lógicas e chegar a conclusões perspicazes e soluções criativas. Julie em geral estava mais certa do que Bobby, mas nessas ocasiões em que a firma resolvia os problemas de um cliente rapidamente, a solução em geral poderia ser

atribuída a Bobby. Faziam uma boa dupla, e Frank confiava em suas naturezas complementares para salvá-lo.

Voltando-se novamente para Frank, Bobby disse:

— E se você, de alguma forma, pudesse se teletransportar, enviar-se de um lugar para outro num piscar de olhos?

— Mas isso é bruxaria — disse Frank. — Eu não acredito em bruxaria.

— Ah, eu acredito — disse Bobby. — Não em bruxas, feitiços e gênios da lâmpada, mas acredito na possibilidade de coisas fantásticas. O simples fato de o mundo existir, de estarmos vivos, de podermos rir, cantar e sentir o sol em nossa pele, isso me parece uma espécie de magia.

— Teletransportar-me? Se eu posso. Não sei se posso. Evidentemente, tenho de adormecer primeiro. O teletransporte deve ser uma função de meu subconsciente, essencialmente involuntário.

— Você não estava adormecido quando reapareceu no quarto do hospital ou em nenhuma das outras vezes em que desapareceu — disse Hal. — Talvez da primeira vez, mas depois, não. Seus olhos estavam abertos. Você falou comigo.

— Mas eu não me lembro disso — disse Frank, frustrado.—Eu só me lembro de ir dormir, depois de repente de estar deitado acordado na cama, perturbado, confuso e de vocês estarem todos lá.

Julie suspirou.

— Teletransporte. Como pode ser possível?

— Você viu. — Bobby encolheu os ombros. Pegou o café e tomou um gole, mais relaxado do que qualquer um dos outros no aposento, como se ter um cliente com um poder psíquico assombroso, se não era um

acontecimento comum, ao menos uma situação que todos eles deveriam ter considerado simplesmente inevitável, dado os longos anos no ramo de investigação particular.

— Eu o vi desaparecer—concordou Julie —, mas não tenho certeza que isso prova que ele se teletransportou.

— Quando desapareceu—disse Bobby —, ele foi para algum lugar. Certo?

— Bem, sim.

— E ir de um lugar para outro, instantaneamente, como um ato de pura vontade ao que eu saiba, isso é teletransporte.

— Mas como? — perguntou Julie.

Bobby novamente encolheu os ombros.

— No momento, não importa como. Apenas aceite a suposição de teletransporte como um ponto de partida.

— Como uma teoria — disse Hal.

— Certo — concordou Julie. — Teoricamente, vamos supor que Frank pode se teletransportar.

Para Frank, que estava excluído de sua própria experiência pela amnésia, isso era o mesmo que supor que o ferro era mais leve do que o ar, a fim de permitir um argumento para a possibilidade de construir dirigíveis flexíveis com placas de aço. Mas estava disposto a seguir adiante com a ideia.

Bobby disse:

— Ótimo, muito bem, então esta suposição explica a condição dessas roupas.

— Como?—perguntou Frank.

— Vai levar algum tempo para chegar às roupas. Acompanhem meu raciocínio. Primeiro, considerem que talvez o ato de teletransportar-se requeira que os átomos de seu corpo temporariamente se dissociem uns dos outros, depois voltem a se reunir num instante seguinte em outro lugar. O mesmo acontece com as roupas que você estiver usando e com qualquer coisa à qual você esteja agarrado com firmeza, como a grade da cama.

— Como a câmara de teletransporte naquele filme — disse Hal. — A Mosca.

— Isso mesmo—disse Bobby, agora claramente excitado. Colocou a caneca de café sobre a mesa e deslizou para a frente, para a borda do sofá, gesticulando enquanto falava.—Algo desse tipo. Exceto que a força

para fazer isso talvez esteja toda na mente de Frank, não em uma máquina futurística. Ele como que se imagina em outro lugar, desmonta-se numa fração de segundo—puf! — e refaz-se no lugar de destino. Claro, também estou supondo que a mente se mantém intacta mesmo durante o tempo em que o corpo se dispersa em átomos desconectados, porque teria de ser o simples poder da mente que transporta aqueles bilhões de partículas e as mantém juntas como um cão que conduz um rebanho, depois as une entre si outra vez nas configurações certas do outro lado.

Embora seu cansaço fosse suficiente para ter resultado de uma tarefa tão impossivelmente complexa e extenuante como essa que Bobby acabava de descrever, Frank não se convenceu.

— Bem, puxa, eu não sei. Isso não é uma coisa que se aprende na escola. AUCLA não tem um curso em teletransporte. Então isso é instinto? Mesmo supondo que eu instintivamente saiba como desmembrar meu corpo em um fluxo de partículas atômicas e enviá-las a alguma outra parte, depois

reagrupá-las, como pode qualquer mente humana, mesmo o maior gênio de todos os tempos, ser poderoso o suficiente para manter o controle desses bilhões de partículas e reuni-las exatamente como antes? Seriam necessários cem gênios, mil, e eu nem sequer sou um gênio. Não sou um idiota, mas não sou mais inteligente do que uma pessoa comum.

— Você respondeu sua própria pergunta — disse Bobby. — Você não precisa de poderes sobre-humanos para fazer isso, porque teletransporte não é em princípio uma função da inteligência. Não é instinto, tampouco. É apenas, bem, uma habilidade programada em seus genes, como a visão ou a audição ou o olfato. Raciocine da seguinte forma: qualquer cena que você veja é composta de bilhões de pontos separados de cor, luz, sombra e textura, e no entanto seus olhos instantaneamente ordenam esses bilhões de pedacinhos de *input* numa cena coerente. Você não tem de pensar em ver. Você simplesmente vê, é automático. Entende o que quero dizer com magia? A visão é quase mágica. Com o teletransporte, provavelmente há um gatilho que você tem de acionar, como desejar estar em algum lugar, mas daí para a frente o processo é automático; a mente detona o processo da mesma forma que dá sentido instantaneamente a todos os dados que entram através de seus olhos.

Frank fechou os olhos com força e concentrou-se em desejar se transportar para a sala de recepção. Quando abriu os olhos e viu-se ainda na sala privada do escritório, disse:

— Não funciona. Não é assim tão fácil. Não posso fazer isso segundo minha vontade.

Hal disse:

— Bobby, você quer dizer que todos nós temos essa habilidade e que somente Frank descobriu como utilizá-la?

— Não, não. Provavelmente, isso é uma fração de material genético exclusivo de Frank, talvez mesmo um talento que suígiu de um dano genético.

Todos ficaram em silêncio, absorvendo o que Bobby conjecturara.

Do lado de fora, a camada de nuvens partia-se, desfazia-se, e o conhecido azul do céu mostrava-se em mais lugares a cada instante. Mas o dia cada vez mais limpo e claro não reanimou Frank.

Finalmente Hal Yamataka indicou a pilha de roupas sobre a mesinha.

— Como tudo isso explica o estado dessas roupas?

Bobby apanhou o suéter azul de algodão e segurou-o de modo que pudessem ver o remendo cáqui nas costas.

— Muito bem, digamos que a mente possa automaticamente reunir

todas as moléculas de seu próprio corpo pelo processo de teletransporte sem um único erro. Também pode lidar com outras coisas que Frank quer levar com ele, como roupas...

— E sacolas cheias de dinheiro — disse Julie.

— Mas por que a grade da cama? — perguntou Hal. — Não havia nenhuma razão para ele querer levar isso com ele.

Para Frank, Bobby disse:

— Você não pode se lembrar disso agora, mas você claramente sabia o que estava acontecendo enquanto estava preso na série de teletransportes. Você tentava parar, pediu a Hal para ajudá-lo a parar, e você agarrou-se à grade para não desaparecer, para se ancorar no quarto do hospital. Você estava concentrado no fato de agarrar aquela grade, de modo que, ao desaparecer, levou-a com você. Quanto às roupas estarem misturadas como estão, talvez sua mente se concentre primeiro em recompor o corpo na ordem certa porque a recriação física sem erro é crucial para sua sobrevivência, mas às vezes pode não lhe restar forças para fazer um trabalho perfeito em coisas secundárias como roupas.

— Bem—disse Frank —, não consigo me lembrar de nada anterior à semana passada, mas esta é a primeira vez que uma coisa como esta aconteceu desde então, embora ao que parece tenho estado viajando mais noites do que imagino. E depois, mesmo que minhas roupas tenham se refeito direito, eu pareço estar ficando mais fraco, mais cansado e mais confuso a cada dia que passa.

Não precisou concluir o pensamento, porque a preocupação em seus olhos e faces deixou claro que eles compreenderam. Se ele estava se teletransportando, e se era um ato extenuante, que minava suas forças, que ele não conseguia repor com o descanso, ele estava gradativamente tomando-se menos meticuloso sobre a reconstituição de suas roupas e de quaisquer outros itens que tentava transportar com ele. Porém, mais importante ainda, é que ele poderia começar a ter dificuldades em reconstituir seu corpo também. Poderia retomar de uma de suas incursões noturnas e encontrar fragmentos de seu suéter entremeados nas costas da mão e a* pele substituída pelo fio de algodão poderia aparecer como um pálido remendo no couro escuro de seu sapato, e o couro deslocado do sapato poderia surgir como parte integrante de sua língua ou como fileiras de células estranhas entremeadas no tecido do cérebro.

O medo, nunca muito distante e rondando como um tubarão nas profundezas da mente de Frank, bruscamente deu um salto para a superfície, atraído pela preocupação e pena que ele via nos rostos daqueles

de quem dependia para sua salvação. Cerrou os olhos, mas isso foi uma péssima ideia porque visualizou seu próprio rosto, quando bloqueou a visão dos semblantes deles, como ele poderia ser após uma desastrosa reconstituição ao final de uma futura jornada de teletransporte: oito ou dez dentes despontando da órbita de seu olho direito; o olho desapropriado olhando fixamente, sem pálpebra, do meio da face; o nariz deformado com pavorosos grumos de carne e cartilagens ao longo do lado do rosto. Na visão, ele abria a boca enviesada, talvez para gritar, e dentro se via dois dedos e uma parte da mão, implantada onde a língua deveria estar.

Abriu os olhos com um grito rouco de terror e desespero.

Tremia. Incontrolavelmente.

Tendo servido uma nova rodada de café para todos e, por sugestão de Bobby, tendo completado a caneca de Frank com *bourbon*, apesar da hora, Hal dirigiu-se à *kitchenette* que dava para a recepção para preparar mais um bule.

Depois que Frank se recobrou com alguns goles do café fortificado, Julie mostrou-lhe as fotografias e observou cuidadosamente sua reação.

— Reconhece alguma dessas pessoas?

— Não. São totalmente estranhas para mim.

— O homem — disse Bobby — é George Farris. O verdadeiro George Farris. Conseguimos a foto com o cunhado dele.

Frank examinou a fotografia com renovado interesse.

— Talvez eu o conheça e por isso tenha usado seu nome, mas não consigo me lembrar de jamais tê-lo visto antes.

— Ele está morto — disse Julie, e achou que a surpresa de Frank foi autêntica.

Ela explicou como Farris morrera, anos atrás, e então como sua família fora massacrada havia bem pouco tempo. Contou-lhe sobre James Roman, também, e como a família de Roman morreu num incêndio em novembro.

Com uma expressão que parecia de sincera consternação e perplexidade, Frank disse:

— Por que todas essas mortes? Será coincidência?

Julie inclinou-se para a frente.

— Achamos que o Sr. Azul os matou.

— Quem?

— O Sr. Luz Azul. O homem que você disse que o perseguiu naquela noite em Anaheim, o homem que você acha que o está perseguindo por alguma razão. Acreditamos que ele tenha descoberto que você estava viajando sob os nomes Farris e Roman, de modo que ele foi aos

endereços que descobriu e, quando não o encontrou lá, matou todos, ou enquanto tentava extrair informações deles ou simplesmente por nada.

Frank ficou abalado. Seu rosto pálido tomou-se mais pálido ainda, como se fosse uma imagem apagando-se lentamente numa tela de cinema. O olhar vazio intensificou-se.

— Se eu não estivesse usando identidade falsa, ele nunca teria chegado a essas pessoas. Foi por minha causa que elas morreram.

Sentindo pena do seu cliente, envergonhada pela suspeita que a levara a abordar a questão daquele modo, Julie disse:

— Não deixe essa ideia consumi-lo, Frank. O mais provável é que o falsificador que forjou seus documentos tenha escolhido os nomes a esmo de uma lista de mortes recentes. Se tivesse usado outra maneira qualquer, as famílias Farris e Roman nunca teriam sido alvo da atenção do Sr. Azul.

Mas não é culpa sua que o falsificador tenha usado o método mais fácil e mais rápido.

Frank sacudiu a cabeça, tentou falar, não conseguiu.

— Não pode se culpar—disse Hal do vão da porta, onde evidentemente estivera parado o tempo suficiente para perceber a importância da foto. Pareceu de fato peituibado diante da angústia de Frank. Como Clint, Hal fora conquistado pela voz suave de Frank, por seus modos discretos e sua aparência de querubim.

Frank limpou a garganta, e finalmente as palavras soaram.

— Não, não, foi culpa minha, meu Deus, todas essas pessoas mortas por minha causa.

No centro computacional de Dakota & Dakota, Bobby e Frank sentaram-se em «duas cadeiras de digitador com rodas de borracha, e Bobby ligou um dos três microcomputadores que eram o estado-da-arte em IBM PCs, cada um dos quais ligado ao mundo através de seu próprio *modem* e linha telefônica. Embora suficientes para o trabalho, as lâmpadas no teto eram suaves e difusas para evitar a claridade excessiva nas telas dos computadores, e a única janela da sala era protegida por cortinas escuras pela mesma razão.

Como policiais na era do silício, os detetives particulares modernos e consultores de segurança contavam com o computador para facilitar seu trabalho e para compilar um montante de informações que jamais poderia ser conseguido pelo antiquado método de investigação de Sam Spade e Philip Mariowe. Percorrer as ruas, entrevistar testemunhas e possíveis suspeitos, conduzir investigações ainda eram aspectos de seu

trabalho, é claro, mas sem o computador seriam tão ineficientes quanto um ferreiro tentando consertar um pneu furado com um martelo e bigorna e outras ferramentas de seu ofício. Com o progresso do século XX até sua última década, os detetives particulares ignorantes da revolução dos *microchips* existiam apenas nos seriados da televisão e da maioria dos romances policiais curiosamente obsoletos.

Lee Chen, que projetara e agora operava seu sistema eletrônico de obtenção de informações, não chegaria ao escritório até por volta de nove horas. Bobby não queria esperar quase uma hora para começar a colocar o computador para trabalhar no caso de Frank. Não era um analista de sistemas, como Lee, mas conhecia todo o *hardware*, tinha capacidade de aprender novos *software* com rapidez quando necessário e sentia-se quase tão confortável buscando informações em espaço cibernético quanto examinando arquivos de jornais amarelados.

Usando o livro de códigos de Lee, que retirou de uma gaveta trancada da escrivaninha, Bobby primeiro entrou na rede de dados da Administração de Previdência Social que continha os arquivos aos quais era permitido o amplo acesso do público. Outros arquivos no mesmo sistema eram restritos e supostamente inacessíveis por trás de muros de códigos de segurança exigidos por leis de direito à privacidade.

Dos arquivos abertos, ele pediu o número de homens chamados Frank Pollard nos registros da Administração e em poucos segundos a resposta apareceu na tela: contando com variações de Frank, tais como Franldin e Franco, além de nomes como Francis, para o qual Frank podia ser um diminuti vo—havia seiscentos e nove Frank Pollards de posse de carteiras de identidade.

— Bobby—disse Frank, ansioso —, isso aí na tela faz sentido para você? São palavras, palavras de verdade, ou um amontoado de letras?

— Hein? Claro que são palavras.

— Não para mim. Não fazem nenhum sentido para mim.

Bobby pegou um exemplar da revista *Byte* que estava entre dois computadores, abriu-a num artigo e disse:

— Leia isso.

Frank segurou a revista, fitou-a, folheou mais umas duas páginas, depois outras mais. Suas mãos começaram a tremer. A revista agitava-se em suas mãos.

— Não consigo. Ah, meu Deus, perdi isso também. Ontem, eu perdi a habilidade de fazer contas e agora não posso mais ler e estou cada vez mais confuso, minha mente mais nebulosa, e todas as juntas do meu corpo doem,

cada músculo. Esse teletransporte está me desgastando, me matando. Estou desintegrando, Bobby, mental e fisicamente, cada vez mais rápido.

— Tudo vai dar certo — disse Bobby, embora sua confiança fosse em grande parte fingida. Tinha absoluta certeza de que chegariam ao âmago de tudo aquilo, saberiam quem era Frank e onde ele ia à noite e como e por quê; entretanto, podia ver que Frank decaía rapidamente e não apostaria dinheiro de que encontrariam todas as respostas enquanto Frank ainda estivesse vivo, são e capaz de se beneficiar de suas descobertas.

Ainda assim, colocou a mão sobre o ombro de Frank e deu-lhe um leve aperto para transmitir-lhe ânimo.

— Aguenta firme, meu caro. Tudo vai dar certo. Eu realmente acho que vai. Realmente.

Bank respirou fundo e balançou a cabeça.

Voltando-se para a tela do computador outra vez, sentindo-se culpado pela mentira que acabara de pregar, Bobby disse:

— Lembra-se de sua idade, Frank?

— Não.

— Você parece ter trinta e dois, trinta e três anos.

— Sinto-me mais velho.

Assobiando baixinho “Satin Doll” de Duke Ellington, Bobby pensou por um instante, depois pediu ao computador da APS para eliminar aqueles Frank Pollards que fossem mais novos do que 28 e mais velhos do que 38. Sobraram 72.

— Frank, você acha que já morou em algum outro lugar ou é um inveterado californiano?

— Não sei.

— Vamos presumir que você seja filho do estado ensolarado.

Pediu ao computador da APS para reduzir os Frank Pollards restantes àqueles que solicitaram suas carteiras de identidade enquanto moravam na Califórnia (quinze), depois aqueles cujos endereços atuais nos arquivos eram na Califórnia (seis).

A parte da rede de dados da Administração de Previdência Social aberta ao público era proibida por lei de revelar os números das identidades a pesquisadores ocasionais. Bobby consultou as instruções no livro de códigos de Lee Chen e entrou nos arquivos de acesso restrito através de uma complicada série de manobras que ludibriava a segurança da APS.

Sentia-se mal em burlar a lei, mas era um fato da vida *high-tech* que você nunca obtinha o máximo de benefícios do seu sistema de dados se agisse estritamente segundo as regras. Os computadores eram

instrumentos de liberdade e os governos eram, em maior ou menor grau, instrumentos de repressão; os dois não podiam conviver sempre em harmonia.

Obteve os seis números e endereços para os Frank Pollards que residiam na Califórnia.

— E agora? — perguntou Frank.

— Agora—disse Bobby —, eu uso esses números e endereços para cruzar referências com o Departamento de Veículos Automotores da Califórnia, todas as Forças Armadas, a polícia estadual, a polícia municipal e todas os outros órgãos governamentais, para obter descrições dos seis Frank Pollards. Conforme soubermos a altura, peso, cor dos cabelos, cor dos olhos, raça, gradualmente os eliminaremos um a um. Melhor ainda, se um deles for você, e se já tiver feito o serviço militar ou sido preso por algum crime, poderemos até conseguir uma foto sua em um desses arquivos e confirmar sua identidade comparando com a foto.

Sentados à escrivaninha, diagonalmente em relação um ao outro, Julie e Hal retiraram os elásticos de mais da metade dos maços de dinheiro, examinaram as notas de cem dólares para ver se algumas estavam numeradas em série, o que poderia indicar que tivessem sido roubadas de um banco, uma corretora de valores ou outra instituição financeira.

De repente, Hal ergueu os olhos e disse:

— Por que aqueles sons de flauta e correntes de ar precedem os momentos em que Frank se teletransporta?

— Quem sabe?—disse Julie. —Talvez seja deslocamento de ar que o segue por algum túnel até a outra dimensão, do lugar de onde ele sai para o lugar para onde vai.

— Eu estava pensando: Se o Sr. Azul for real e se estiver perseguindo Frank e se Frank ouviu aqueles sons de flauta e sentiu as rajadas de ar naquela viela, então o Sr. Azul também é capaz de se teletransportar.

— Sim. E daí?

— Então Frank não é único. O que quer que ele seja, existe um outro como ele. Talvez até mais do que um.

— Isso é algo sobre o que pensar — disse Julie. — Se o Sr. Azul pode se teletransportar e se ele descobrir onde Frank está, não poderemos manter um lugar secreto para ele. O Sr. Azul poderá surgir entre nós. E se ele chegar com uma metralhadora, disparando ao se materializar?

Após um instante de silêncio, Hal disse:

— Sabe, a jardinagem sempre me pareceu uma profissão agradável.

Você precisa de um cortador de grama, um arrancador de ervas daninhas e algumas ferramentas simples. Não há muitas despesas e você dificilmente é baleado.

Bobby seguiu Frank para o escritório, onde Julie e Hal examinavam o dinheiro. Colocando uma folha de papel sobre a mesa, ele disse:

— A caminho, Sherlock Holmes. O mundo agora tem um detetive melhor.

Julie inclinou a folha para que ela e Hal pudessem lê-la juntos. Era uma cópia impressa a **laser** das informações que Frank prestara ao Departamento de Veículos Automotores da Califórnia quando solicitara a renovação de sua carteira de motorista.

— Os dados físicos combinam — disse ela. — Seu primeiro nome é realmente Francis e o seu sobrenome Ezekiel?

Frank assentiu.

— Não me lembrava até vê-lo. Mas sou eu, sim. Ezekiel.

Batendo na folha de papel, ela disse:

— Este endereço em El Encanto Heights o faz se lembrar de alguma coisa?

— Não. Nem sei lhe dizer onde fica El Encanto.

— Fica logo depois de Santa Barbara — informou Julie.

— Foi o que Bobby me disse. Mas não me lembro de ter estado lá. Exceto...

— O quê?

Frank dirigiu-se à janela e fitou o mar distante, acima do qual o céu agora estava completamente azul. Algumas gaivotas madrugadoras cortavam o ar em arcos tão amplos e perfeitamente delineados que sua exuberância era emocionante de ser observada. Claramente, Frank nem estava emocionado com os pássaros nem encantado com a paisagem.

Finalmente, ainda de frente para a janela, ele disse:

— Não me lembro de ter estado em El Encanto Heights, mas toda vez que ouço o nome sinto uma reviravolta no estômago, sabe, como se eu estivesse numa montanha-russa que acabasse de mergulhar. E quando tento pensar em El Encanto, esforçar-me para lembrar, meu coração dispara, minha boca fica seca e tenho dificuldade em respirar. Acho que devo estar reprimindo quaisquer lembranças que tenha do lugar, talvez porque alguma coisa tenha me acontecido lá, alguma coisa ruim, algo que eu esteja com muito medo de me lembrar.

Bobby disse:

— Sua licença de motorista expirou há sete anos e, de acordo com os

registros do Departamento, ele nunca tentou renová-la. Na verdade, em algum momento este ano ele terá sido retirado até mesmo do arquivo morto, de modo que tivemos sorte em encontrar isto antes que apagassem o registro. — Colocou mais duas folhas impressas sobre a mesa. — Ao trabalho, Holmes e Sam Spade.

— O que são?

— Registros de ordem de prisão. Frank foi parado por infrações de trânsito, uma vez em San Francisco há pouco mais de seis anos. A segunda vez foi na Highway 101, ao norte de Ventura, há cinco anos. Ele não tinha uma licença de motorista válida em nenhuma das duas ocasiões e, por causa de comportamento estranho, foi levado sob custódia.

As fotografias que faziam parte dos dois registros de ocorrência mostravam um homem um pouco mais novo, até mesmo mais rechonchudo, que sem dúvida era seu cliente.

Bobby afastou parte do dinheiro e sentou-se na beira da escrivaninha.

— Ele fugiu da prisão nas duas vezes, de modo que estão à sua procura mesmo depois de todos esses anos, embora provavelmente não muito empenhados, pois não foi preso por um crime maior.

Frank disse:

— Não me lembro de nada disso também.

— Nenhum dos relatórios indica como ele escapou — disse Bobby — mas desconfio que ele não passou pelas barras de ferro, nem escavou um túnel, nem esculpiu o sabonete como uma arma, nem usou nenhum dos métodos tradicionais e consagrados de fugir da prisão. Ah, não, não o nosso Frank.

— Ele se teletransportou — sugeriu Hal. — Desapareceu quando ninguém estava olhando.

— Eu apostaria nisso — concordou Bobby. — E depois disso ele começou a carregar uma identidade falsa suficientemente boa para satisfazer qualquer tira que o parasse.

Olhando os papéis à sua frente, Julie disse:

— Bem, Frank, pelo menos sabemos que este é o seu verdadeiro nome e descobrimos um endereço real para você lá no condado de Santa Barbara, não apenas mais um quarto de motel. Estamos começando a fazer progresso.

Bobby disse:

— A caminho, Holmes, Spade e Srta. Marple.

Incapaz de se deixar contagiar pelo otimismo dos presentes, Frank retomou para a cadeira onde estivera sentado antes.

— Progresso. Mas não o suficiente. E não suficientemente rápido. — Inclinou-se para a frente com os braços sobre as coxas, as mãos unidas entre os joelhos apartados, olhando fixa e sombriamente para o chão. — Algo desagradável acaba de acontecer comigo. E se eu não estiver cometendo erros apenas com minhas roupas quando me reconstituo? E se eu já tiver começado a fazer erros com minha própria biologia também? Nada muito importante. Nada visível. Centenas ou milhares de minúsculos erros ao nível da célula. Isso explicaria por que me sinto tão mal, tão cansado e dolorido. E se o tecido do meu cérebro não está mais se reconstituindo corretamente, isso explicaria por que estou confuso, desorientado, incapaz de ler ou fazer contas.

Juliç olhou para Hal, depois para Bobby, e compreendeu que os dois homens queriam apaziguar os temores de Frank, mas não conseguiam fazê-lo porque o quadro que ele pintara não só era possível como provável.

Frank disse:

— A fivela de metal parecia perfeitamente normal até que Bobby a tocou e ela se transformou em pó.

DURANTE TODA A NOITE, QUANDO O SONO ESVAZIOU A CABEÇA DE THOMAS, SONHOS RUINS VIERAM OCUPÁ-LA. SONHOS DE COMER PEQUENAS CRIATURAS VIVAS. SONHOS DE BEBER SANGUE. SONHOS DE SER O MAL.

Acordou com um sobressalto, sentando-se na cama, tentando gritar, mas incapaz de emitir qualquer som. Por alguns instantes, ficou ali sentado, tremendo, com medo, arquejando com tanta força e tão rapidamente que seu peito doía.

O sol estava de volta e a noite se fora, o que o fez se sentir melhor. Saindo da cama, calçou os chinelos. Seu pijama estava frio de suor. Ele tremia. Vestiu um robe. Dirigiu-se à janela, olhou para fora e para cima, gostando muito de ver o céu azul. Os restos da chuva faziam o gramado parecer ensopado, as calçadas mais escuras do que o normal, a terra dos canteiros quase preta e, nas poças, podia-se ver o céu azul outra vez como um rosto no espelho. Gostava de tudo aquilo, também, porque o mundo inteiro parecia limpo e novo depois que toda aquela chuva derramou-se do céu.

Imaginou se O Mal ainda estaria longe ou mais perto, mas não tentou alcançá-lo. Porque à noite passada ele tentara agarrá-lo. Porque era tão forte que ele quase não conseguiu se soltar. E porque mesmo quando realmente conseguiu se soltar, ele tentou segui-lo. Sentira sua presença, voltando pela noite com ele, e livrara-se dele o mais depressa possível, mas da próxima vez talvez não tivesse tanta sorte e talvez ele o acompanhasse durante todo o trajeto, viesse até seu próprio quarto, não apenas sua mente, mas o próprio Mal. Não compreendia como isso podia acontecer, mas de alguma forma sabia que era possível. E se O Mal viesse para a clínica, estar acordado seria como estar dormindo com um pesadelo ocupando sua cabeça. Coisas terríveis aconteceriam e não haveria nenhuma esperança.

Afastando-se da janela, dirigindo-se para a porta fechada do banheiro, Thomas olhou para a cama de Derek e viu Derek morto. Ele estava de costas. Seu rosto estava deformado, machucado, inchado. Os olhos estavam esbugalhados, podia vê-los brilhando na luz que vinha da janela e do abajur ao lado da cama. Sua boca estava aberta também, como se ele estivesse gritando, mas fora esvaziado de qualquer som, como um balão de gás estourado e, podia-se ver, jamais nenhum outro som viria dele novamente. Fora esvaziado de muito sangue também, muito sangue, e uma tesoura

estava cravada em sua barriga, bem fundo, somente com o cabo à mostra, a mesma tesoura que Thomas usava para cortar figuras de revistas para seus poemas.

Sentiu uma forte pontada de dor no coração, como se alguém estivesse enfiando-lhe uma tesoura também. Mas não era uma dor física tanto quanto uma “dor de sentimento” como ele chamava, porque era dor pelo fato de ele estar perdendo Derek, não uma dor real. Entretanto, era tão ruim quanto uma dor real, porque Derek era seu amigo, ele gostava de Derek. Estava com medo, também, porque de algum modo ele sabia que fora O Mal quem tirara a vida de Derek, O Mal estava ali na clínica. Então, percebeu que essas coisas podiam acontecer exatamente como ocorrem nos filmes na televisão, com os tiras chegando e achando que fora Thomas quem matara Derek, culpando Thomas, e todos odiando Thomas pelo que ele fizera, mas ele não fizera isso, e durante todo o tempo O Mal ainda estava à solta para prosseguir matando, talvez até fazendo a Julie o que fizera a Derek.

A dor, o medo por si mesmo, o medo por Julie—tudo isso foi demais. Thomas agarrou a madeira do pé de sua própria cama, fechou os olhos e tentou respirar. Não conseguiu. Seu peito estava apertado. Em seguida, finalmente o ar encheu seus pulmões, o mesmo acontecendo com um cheiro repugnante, que logo percebeu tratar-se do mau cheiro do sangue de Derek, sentindo uma ânsia de vômito.

Sabia que precisava controlar-se. As enfermeiras não gostavam quando alguém Perdia o Autocontrole, quando então lhe Davam Alguma Coisa para seu Próprio Bem. Ele jamais Perdera o Controle e não queria fazê-lo agora.

Tentou não sentir o cheiro do sangue. Respirou fundo várias vezes. Forçou-se a abrir os olhos para olhar o cadáver. Imaginou que olhá-lo pela segunda vez não seria tão ruim quanto da primeira. Desta vez, já sabia que ele estaria lá, de modo que não seria uma surpresa tão grande.

A surpresa foi que... o corpo desaparecera.

Thomas fechou os olhos, cobriu o rosto com a mão, olhou outra vez por entre os dedos abertos. O corpo ainda não estava lá.

Começou a tremer porque pensou que aquilo era como um desses filmes de tevê que ele vira onde cadáveres asquerosos andavam como seres vivos, em decomposição, cheios de vermes, com os ossos à mostra em algumas partes, matando pessoas sem nenhum motivo e às vezes até comendo-as. Não conseguia ver grande parte dessas histórias. Certamente não gostaria de estar numa delas.

Estava tão apavorado que quase enviou uma mensagem telepática para

Bobby — *Cadáveres, cuidado, cuidado, cadáveres famintos, malignos, à solta* —, mas parou quando viu que não havia sangue nos cobertores e lençóis de Derek. A cama sequer estava desfeita. Perfeitamente arrumada. Nenhum cadáver ambulante era tão rápido para sair da cama, trocar lençóis e cobertas, arrumar tudo somente enquanto os olhos de Thomas estavam fechados. Então, ouviu o chuveiro aberto no boxe no banheiro e ouviu Derek cantando baixinho como sempre fazia quando tomava banho. Por um segundo, em sua mente, Thomas imaginou um morto tomando

banho, tentando limpar-se, mas nacos de carne em decomposição soltavam-se juntamente com a sujeira, deixando mais ossos à mostra, entupindo o ralo. Compreendeu então que Derek jamais estivera morto. Thomas não vira realmente um corpo na cama. O que vira fora outra coisa que aprendera nos filmes de tevê — ele tivera uma visão. Uma visão de vidente. Ele era um vidente.

Derek não fora assassinado. O que Thomas vira, apenas por um instante, era Derek sendo assassinado amanhã ou em algum outro dia depois de amanhã. Devia ser alguma coisa que iria acontecer, independente do que Thomas pudesse fazer para tentar impedir, ou podia ser alguma coisa que iria acontecer somente se ele deixasse acontecer, mas pelo menos não era algo que já tivesse acontecido.

Soltou a beira do pé da cama e dirigiu-se à sua escrivaninha. Suas pernas estavam trêmulas. Ficou satisfeito em poder sentar-se. Abriu a primeira gaveta do armário lateral da escrivaninha. Viu ali sua tesoura, no lugar onde deveria estar, com seus lápis de cor, canetas, cliques, fita adesiva e grampeador — e uma barra de chocolate pela metade, na embalagem aberta, que não deveria estar lá porque Atrairia Baratas. Tirou o doce da gaveta e enfiou-o no bolso do roupão, lembrando-se de colocá-lo na geladeira mais tarde.

Por alguns instantes, ficou olhando a tesoura, ouvindo Derek cantar no chuveiro e pensou em como a tesoura estava enfiada na barriga de Derek, arrebatando-lhe para sempre a música e outros sons, enviando-o para a Casa do Mal. Finalmente, tocou no cabo de plástico preto. Parecia normal, de modo que ele tocou nas lâminas de metal, mas isso foi ruim, muito ruim, como se o remanescente de um raio de uma trovoada estivesse nas lâminas e tivesse saltado sobre ele quando as tocou. Uma luz branca, tórrida e crepitante, atravessou-o. Ele retirou a mão bruscamente. Seus dedos formigaram. Fechou a gaveta e correu de volta para a cama, ficando lá sentado com o cobertor em volta dos ombros, como os índios na televisão se enrolavam em mantas quando se sentavam nos acampamentos.

O chuveiro parou. A cantoria também. Após algum tempo, Derek saiu do banheiro, seguido de uma nuvem de ar enfumaçado, cheirando a sabonete. Estava vestido para o dia. Seus cabelos úmidos estavam penteados para trás.

Não era um morto em decomposição. Estava perfeitamente vivo, cada parte de seu ser, pelo menos todas as partes que podia ver, e não havia ossos à mostra em nenhum lugar.

— Bom dia—disse Derek, as palavras arrastadas e abafadas por sua boca retorcida e língua grande demais. Sorriu.

— Bom dia.

— Dormiu bem?

— Sim—respondeu Thomas.

— Café da manhã vem logo.

— Sim.

— Talvez pães doces.

— Talvez.

— Gosto de pão doce.

— Derek?

— Hein?

— Se um dia eu lhe disser...

Derek aguardou-o, sorrindo.

Thomas pensou melhor no que queria dizer, depois continuou:

— Se um dia eu lhe disser que O Mal está chegando e lhe disser para correr, não fique parado como um imbecil. Simplesmente corra.

Derek olhou-o admirado, pensando no que ouvira, ainda sorrindo, e depois de alguns instantes, disse:

— Claro, está bem.

— Promete?

— Prometo. Mas o que é o mal?

— Não sei bem, com certeza, mas saberei quando estiver a caminho, eu acho, então eu lhe digo e você sai correndo.

— Para onde?

— Qualquer lugar. Pelo corredor. Encontre algumas enfermeiras, fique com elas.

— Claro. Melhor você tomar banho. Café da manhã vem logo. Talvez pães doces.

Thomas desenrolou-se do cobertor e saiu da cama. Calçou os chinelos outra vez e dirigiu-se ao banheiro.

No momento em que Thomas abria a porta do banheiro, Derek

perguntou:

— Quer dizer, no café da manhã?

Thomas virou-se.

— O quê?

— Quer dizer, uma coisa ruim pode vir no café da manhã?

— Talvez—disse Thomas.

— Podería ser... ovos escaldados?

— Hein?

— A coisa ruim poderia ser ovos escaldados? Não gosto de ovos escaldados, todo escorregadio, aarrh, isso seria muito ruim, não é bom como cereais com banana e pão doce.

— Não, não—disse Thomas.—A coisa ruim não é ovos escaldados. É uma pessoa, um sujeito estranho, esquisito. Eu saberei quando ele estiver se aproximando, então lhe direi e você sairá correndo.

— Ah. Sim, claro, uma pessoa.

Thomas entrou no banheiro, fechou a porta. Não tinha muita barba. Possuía um barbeador elétrico, mas só o usava algumas vezes no mês e hoje não precisava dele. Escovou os dentes. E mijou. Ligou o chuveiro. Somente então se permitiu rir, porque já se passara muito tempo, e Derek não iria nem imaginar que Thomas pudesse estar rindo dele.

— Ovos escaldados!

Embora Thomas normalmente não gostasse de se ver, ver o quanto seu rosto era estúpido e disforme, olhou para o espelho manchado de vapor. Uma vez, havia muito tempo, fazia mais tempo do que conseguia se lembrar, estava rindo quando por acaso viu sua imagem em um espelho e — surpresa! — não se sentira tão mal a respeito de sua aparência. Quando ria, parecia-se mais a uma pessoa normal. Fingir rir apenas não o fazia parecer mais normal, era preciso que fosse riso verdadeiro, e sorrir também não adiantava, porque um sorriso não era suficiente para mudar seu rosto. Na verdade, um sorriso às vezes podia parecer tão triste, que ele não aguentava ver a própria imagem.

Ovos escaldados.

Thomas sacudiu a cabeça e quando seu riso terminou ele afastou-se do espelho.

Para Derek, a pior coisa que podia imaginar eram ovos escaldados e nenhum pão doce, o que era mesmo muito engraçado. Você tenta contar a Derek sobre mortos ambulantes e tesouras espetadas em barrigas e algo que devora pequenos animais vivos e o velho Derek olha para você, sorri, balança a cabeça e não entende nada.

Toda a sua vida Thomas desejara ser uma pessoa normal, não um imbecil, e muitas vezes agradecia a Deus ao menos por não fazê-lo tão imbecil quanto o pobre Derek. Mas agora quase chegava a desejar que fosse ainda mais retardado, de modo que pudesse livrar sua mente daquelas visões repulsivas, para que pudesse esquecer-se que Derek iria morrer, que O Mal estava a caminho e que Julie estava em perigo, de modo que não tivesse nada com que se preocupar exceto ovos escaldados, o que sequer seria uma preocupação, porque ele até que gostava de ovos escaldados.

QUANDO CLINT KARAGHIOSIS CHEGOU À DAKOTA & DAKOTA POUCO ANTES DAS NOVE, BOBBY SEGUROU-O PELOS OMBROS, VIROU-O E VOLTOU PARA OS ELEVADORES COM ELE.

— Você dirige e eu lhe contarei tudo que aconteceu durante a noite. Sei que tem outros casos para cuidar, mas o caso Pollard está ficando mais quente a cada minuto que passa.

— Aonde vamos?

— Primeiro, Laboratórios Palomar. Eles telefonaram. Os resultados dos testes estão prontos.

Restavam apenas algumas nuvens no céu e estavam todas distantes, na direção das montanhas, afastando-se como as velas enfunadas de grandes galeões em viagem para o Oriente. Era um perfeito dia da Califórnia do Sul: azul, temperatura amena, tudo verde e viçoso e um trânsito da hora do *rush* tão hediondamente enfurecido que podia transformar um cidadão comum num sociopata espumante de raiva, com vontade de puxar o gatilho de uma arma semi-automática.

Clint evitava as auto-estradas, mas mesmo as ruas normais estavam congestionadas. Quando Bobby terminou de recontar toda a história desde que se viram pela última vez no dia anterior à tarde, ainda estavam a dez minutos de Palomar, apesar das perguntas acarretadas pela perplexidade de Clint — moderada como todas as suas reações, mas ainda assim de perplexidade — com a descoberta de que Frank era evidentemente capaz de se teletransportar.

Finalmente, Bobby mudou de assunto porque falar demais sobre fenômenos sobrenaturais a um sujeito fleumático como Clint o fazia sentir-se um lunático, como se ele tivesse perdido o vínculo com o mundo real. Enquanto se arrastavam pela Bristol Avenue, ele disse:

— Posso me lembrar do tempo em que se podia ir a qualquer lugar em Orange County sem nunca ficar parado no trânsito.

— Não faz tanto tempo assim.

— Lembro-me de quando não era necessário assinar uma lista de espera de uma construtora para comprar uma casa. A demanda não era muito maior que a oferta.

— Poisé.

— E lembro-me quando os laranjais cobriam todo o Orange County.

— Eu também.

Bobby suspirou.

— Diabos, veja como estou, como um velho, tagarelando sobre os bons tempos. Logo estarei falando de como era bom quando tínhamos dinossauros por toda parte.

— Sonhos — disse Clint. — Todo mundo tem um sonho e o que as pessoas mais têm é o sonho californiano, de modo que não param de chegar, embora tanta gente já tenha percebido que o sonho já não é mais possível, não o sonho original, que deu início a tudo. Claro, talvez um sonho deva ser inatingível, ou pelo menos estar no limite do seu alcance. Se for fácil demais, perde a graça.

Bobby surpreendeu-se com a torrente de palavras de Clint, ainda mais ouvindo-o falar de algo tão intangível quanto sonhos.

— Você já é um californiano, portanto qual é o seu sonho?

Após uma breve hesitação, Clint disse:

— Que Felina possa vir a escutar um dia. Há tantos avanços médicos hoje em dia, novas descobertas, tratamentos e técnicas o tempo todo.

Enquanto Clint virava à esquerda, saindo da Bristol, para uma rua secundária onde ficavam os Laboratórios Palomar, Bobby concluiu que aquele era um bom sonho, um sonho muito bom, talvez até melhor do que o sonho dele e de Julie sobre ganhar tempo, ter chance de tirar Thomas de Cielo Vista e trazê-lo para a família outra vez.

Pararam no estacionamento ao lado do enorme prédio de concreto que abrigava os Laboratórios Palomar. Quando caminhavam para a entrada, Clint disse:

— Ah, aliás, a recepcionista daqui acha que sou *gay*, o que para mim está bem.

— O quê?

Clint entrou sem dizer mais nada, e Bobby seguiu-o até a recepção. Uma loura atraente estava sentada atrás do balcão.

— Olá, Lisa—disse Clint

— Oi! — Sublinhou seu cumprimento estourando uma bola de chiclete.

— Dakota & Dakota.

— Eu me lembro — disse ela. — Seu material está pronto. Vou buscar.

Ela olhou para Bobby e sorriu, e ele sorriu também, embora a expressão da jovem lhe parecesse um tanto peculiar.

Quando ela voltou com dois envelopes de papel pardo grandes e lacrados — um com a etiqueta AMOSTRAS e o outro ANÁLISES —, Clint entregou o segundo a Bobby. Dirigiram-se a um canto do saguão, afastando-se do balcão.

Bobby rasgou o envelope e folheou os documentos.

— Sangue de gato.

— Verdade?

— Sim. Quando Frank acordou naquele motel, estava coberto de sangue de gato.

— Sabia que ele não era um assassino.

Bobby disse:

— O gato deve ter uma opinião diferente.

— E o que era o outro material?

— Tem um monte de termos técnicos aqui, mas no final das contas quer dizer o que realmente parece ser. Areia preta.

Voltando ao balcão de recepção, Clint disse:

— Lisa, lembra-se que conversamos sobre uma praia de areias pretas no Havaí?

— Kaimu — disse ela. — É um lugar incrível.

— Sim, Kaimu. É a única?

— Praia de areia preta? Não. Há Punaluu, que é um lugar realmente lindo. Essas ficam na ilha principal. Imagino que existam mais nas outras ilhas, porque há vulcões por toda parte, não é?

Bobby juntou-se a eles no balcão.

— O que os vulcões têm a ver com isso?

Lisa tirou o chiclete da boca e colocou-o sobre um pedaço de papel.

— Bem, pelo que ouvi dizer, a lava incandescente corre para o mar e, quando se encontra com a água, há essas imensas explosões, que arremessam uma infinidade de mínimas partículas de vidro preto e depois, com o passar de muito tempo, as ondas moem essas partículas até transformá-las em grãos de areia.

— Essas praias só existem no Havaí? — indagou Bobby.

Ela encolheu os ombros.

— Provavelmente. Clint, esse camarada é seu amigo?

— É, sim — disse Clint.

— Quero dizer, sabe, seu amigo íntimo?

— Sim — respondeu Clint, sem olhar para Bobby.

Lisa piscou para Bobby.

— Ouça, faça com que Clint o leve a Kaimu, porque vou lhe contar uma coisa. É realmente incrível ir para uma praia de areias negras à noite, fazer amor sob as estrelas, porque é macia, para começar, mas principalmente porque a areia preta não reflete a luz da lua como a areia comum. Parece que você está flutuando no espaço, a escuridão envolvendo-o, isso realmente aguça os seus sentidos, se entende o que eu quero dizer.

— Parece fantástico — disse Clint. — Cuide-se, Lisa. -r- Encaminhou-se para a porta.

Quando Bobby virava-se para seguir Clint, Lisa disse:

— Faça-o levá-lo a Kaimu, entendeu? Você vai adorar.

Lá fora, Bobby disse:

— Clint, você tem de me dar algumas explicações.

— Você não a ouviu? Essas partículas de vidro preto...

— Não é disso que estou falando. Ei, vejam só, você está rindo. Acho que nunca o vi rindo. Não sei se você fica bem rindo.

42

Às nove horas, Lee Chen já chegara ao escritório, abrira uma garrafa de refrigerante sabor laranja e se instalara na sala de computadores em meio ao seu adorado *hardware*, onde Julie o aguardava. Tinha um metro e sessenta e oito, esbelto, mas rijo, com uma pele bronzeada e cabelos absolutamente negros, espetados em um penteado *punk* ligeiramente modificado. Calçava tênis vermelhos, meias, calças *baggy*, de algodão preto, com um cinto branco, camisa preta e cinza-chumbo com um suave padrão de folhas, e um casaco preto de lapelas estreitas e ombros largos e armados. Era o mais bem vestido empregado de Dakota & Dakota, mesmo comparado a Cassie Hanley, a recepcionista, que era uma notória vitrine de lojas.

Enquanto Lee permanecia sentado diante de seus computadores, tomando refrigerante, Julie colocou-o a par de tudo o que acontecera no hospital e mostrou-lhe as cópias das informações que Bobby obtivera de manhã cedo. Frank Pollard acompanhava-os, numa terceira cadeira, onde Julie podia mantê-lo sob vigilância. Durante toda a sua explanação, Lee não demonstrou nenhuma surpresa ao que lhe contavam, como se seus computadores tivessem lhe emprestado tal sabedoria e visão que nada — nem mesmo um homem capaz de teletransportar-se — conseguia surpreendê-lo. Julie sabia que Lee, como todos na família Dakota & Dakota, jamais deixaria vazar qualquer informação sobre um cliente para ninguém; mas ela não sabia o quanto de seu comportamento frio era verdadeiro ou o quanto fazia parte de uma imagem consciente que ele vestia todas as manhãs com suas roupas da moda.

Embora sua inabalável indiferença pudesse em parte ser fingida, seu talento para computadores era inquestionavelmente real. Quando Julie terminou sua versão condensada dos fatos recentes, Lee disse:

— Certo, o que precisa de mim agora?

Não havia nenhuma dúvida nem da parte dele, nem da parte dela, que mais cedo ou mais tarde ele conseguiria fornecer-lhe o que quer que solicitasse.

Ela entregou-lhe um bloco de estenografia. Listas duplas de números de série de dinheiro enchiam as primeiras dez páginas.

— São amostras aleatórias das notas em cada uma das sacolas de dinheiro que estamos guardando para Frank. Pode descobrir se é dinheiro criminoso roubado, talvez uma extorsão, ou pagamento de resgate?

Lee rapidamente folheou as listas.

— Nenhum número consecutivo? Isso toma as coisas mais difíceis. Em geral, a polícia não tem os registros dos números de série de dinheiro roubado, a menos que sejam notas novas, ainda amarradas em pacotes, numeradas em sequência, que acabaram de ser impressas.

— A maior parte desse dinheiro já circulou bastante.

— Há uma possibilidade pouco provável de que possa ainda assim se tratar de dinheiro de resgate ou extorsão, como você disse. Os tiras podem ter anotado todos os números antes de deixarem a vítima fazer a entrega, para o caso do meliante conseguir se safar. Parece improvável, mas vou tentar. O que mais?

Julie disse:

— Uma família inteira em Garden Grove, sobrenome Farris, foi assassinada no ano passado.

— Por minha causa—disse Frank.

Lee apoiou os cotovelos nos braços da cadeira, reclinou-se e uniu as pontas dos dedos. Parecia um mestre Zen forçado a vestir as roupas de um artista *avant-garde* depois de ter trocado as malas no aeroporto.

— Ninguém morre realmente, Sr. Pollard. Apenas se vão daqui. A dor do luto é compreensível, mas a culpa não faz sentido.

Embora ela conhecesse bem poucos fanáticos de computadores para ter certeza, Julie suspeitava que não eram muitos que encontravam um modo de combinar as duras realidades da ciência e da tecnologia com religião. Mas, na verdade, Lee chegara a uma crença em Deus através de seu trabalho com computadores e seu interesse em física moderna. Uma vez ele lhe explicou por que uma profunda compreensão do espaço sem dimensão dentro de uma rede de computadores, combinada com uma visão do universo do físico moderno, inevitavelmente levavam à fé no Criador, mas ela não compreendera nada do que ele lhe dissera.

Deu a Lee Chen as datas e detalhes dos assassinatos dos Farris e dos

Romans.

— Achemos que todos eles foram mortos pelo mesmo homem. Não tenho pistas de seu verdadeiro nome, de modo que o chamo de Sr. Azul. Considerando a sei vageria dos assassinatos, suspeitamos que ele seja um

assassino compulsivo, com uma longa lista de vítimas. Se estivermos com a razão, os assassinatos foram tão espalhados ou o Sr. Azul encobriu tão bem suas pegadas que a imprensa nunca fez conexões entre os crimes.

— Caso contrário — disse Frank —, teriam alardeado na primeira página. Principalmente porque esse sujeito sempre morde as vítimas.

— Mas, já que a maior parte das delegacias de polícia são ligadas por computador hoje em dia — disse Julie —, eles devem ter feito conexões entre jurisdições, devem ter visto o que a imprensa não viu. Deve haver uma ou mais investigações discretas em andamento entre as autoridades locais, estaduais e federais. Precisamos saber se a polícia na Califórnia, ou o FBI em nível nacional, estão no encalço do Sr. Azul, e precisamos saber tudo que tenham descoberto sobre ele, por mais trivial que seja.

Lee sorriu. No meio de seu rosto bronzeado, os dentes pareciam pinos de marfim altamente polidos.

— Isso significa ir além dos arquivos de acesso público de seus computadores. Terei de burlar a segurança deles, uma delegacia depois da outra, até chegar ao FBI.

— Difícil?

— Muito. Mas não sou inexperiente no assunto. — Empurrou as mangas do casaco mais para cima nos braços, flexionou os dedos e voltou-se para o terminal de computador como se fosse um pianista prestes a interpretar Mozart num concerto. Hesitou e olhou de soslaio para Julie. — Entrarei em seus sistemas por via indireta para evitar ser localizado. Não danificarei nenhum dado nem violarei a segurança nacional, de modo que provavelmente nem serei notado. Mas, se alguém me pegar bisbilho-tando e puser um rastreador no meu encalço, que eu não possa ver nem despistar, ele podem cassar sua licença de detetive particular por isso.

— Eu me sacrificarei, assumirei a culpa. A licença de Bobby não será cassada também, de modo que a agência não será fechada. Quanto tempo isso vai levar?

— Cinco ou seis horas, talvez mais, talvez muito mais. Alguém pode me trazer um almoço ao meio-dia? Prefiro comer aqui e não perder tempo.

— Claro. O que gostaria?

— Um Big Mac, duas batatas fritas e um *milk shake* de baunilha.

Julie riu.

— Como é que um sujeito *high-tech* como você nunca ouviu falar em colesterol?

— Já ouvi. Não me incomodo. Se a gente nunca morre realmente, o colesterol não pode me matar. Só pode me transportar desta vida um pouco mais cedo.

ARCHER VAN CORVAIRE ABRIU UMA FRESTA NAS PERSIANAS E ESPREITOU PELO ESPESSO VIDRO À PROVA DE BALAS DA PORTA DA FRENTE DE SUA LOJA EM NEWPORT BEACH. ESTREITOU OS OLHOS COM DESCONFIANÇA PARA CLINT E BOBBY, EMBORA OS CONHECESSE E OS AGUARDASSE. FINALMENTE DESTRANCOU A PORTA E DEIXOU-OS ENTRAR.

Van Corvaire tinha cerca de 55 anos, mas investia muito tempo e dinheiro na manutenção de uma aparência mais jovem. Para driblar o tempo, se submetera a dermoabrasão, cirurgia plástica; para ajudar a natureza, fizera uma plástica no nariz, implante nas faces e reconstrução do queixo. Usava uma peruca tão primorosamente feita que poderia se confundir com seu próprio cabelo pintado de preto — desde que ele não sabotasse a ilusão insistindo não somente em uma substituição, mas em um penteado farto, artificial. Se ele algum dia entrasse numa piscina com aquele topete iria parecer a torre de comando de um submarino.

Depois de recolocar as duas travas de segurança, ele voltou-se para Bobby.

— Nunca faço negócios pela manhã. Só aceito hora marcada à tarde.

— Ficamos gratos pela exceção que fez para nós — disse Bobby.

Van Corvaire suspirou ruidosamente.

— Bem, do que se trata?

— Tenho uma pedra que gostaria que avaliasse para mim.

Ele estreitou os olhos, o que não era atraente, uma vez que seus olhos já eram tão estreitos quanto os de um furão selvagem. Antes de mudar de nome há trinta anos, ele fora Jim Bob Spleener e um amigo teria lhe dito que, ao estreitar os olhos com desconfiança, ele se parecia muito mais a um Spleener do que a um Van Corvaire.

— Uma avaliação? É só isso que quer?

Conduziu-os através de uma sala pequena, poiém elegante: teto de revestimento trabalhado; paredes brancas acamurçadas; assoalho de carvalho alvejado; carpete Patterson, Flynn & Martin, feito sob encomenda, em tons de pêssego, azul-claro e areia; um sofá branco, moderno, ladeado por duas mesas de madeira maciça, em decapê, assinadas por Bau; quatro elegantes cadeiras de *rattan* em volta de uma mesa redonda de tampo de vidro grosso o suficiente para resistir a um golpe de uma marreta.

A esquerda, via-se um pequeno mostruário. Os negócios de van

Corvaire eram conduzidos inteiramente com hora marcada; suas joias eram exclusivas, feitas sob encomenda para os muito ricos e de mau gosto, pessoas que achavam necessário comprar colares de cem mil dólares para usar em jantares beneficentes de mil dólares o prato e nunca perceberem a ironia.

A parede dos fundos era espelhada, e van Corvaire observou-se com evidente satisfação durante toda a travessia da sala. Mal tirou os olhos de sua imagem até transpor a porta que dava para a oficina.

Bobby imaginou se o sujeito às vezes ficava tão enleado com a própria imagem que batia de cara com o espelho. Não gostava de Jim Bob van Corvaire, mas o conhecimento de pedras preciosas e joias do narcisista asqueroso geralmente era útil.

Anos atrás, quando Dakota & Dakota Investigações era apenas Dakota Investigações, sem o “e” comercial e a redundância (melhor nunca falar desse modo diante de Julie, que apreciaria o espirituoso efeito retórico, mas que o faria engolir o “redundância”), Bobby ajudara van Corvaire a recuperar uma fortuna em diamantes avulsos roubados por uma amante. O velho Jim Bob desejava suas pedras preciosas desesperadamente, mas não queria que a mulher fosse para a prisão, e assim recorrera a Bobby em vez de ir à polícia. Esse fora o único ponto fraco que ele jamais vira em van Corvaire; nos anos subsequentes, o joalheiro sem dúvida formara um calo sobre esse ponto também.

Bobby pegou uma das pedras vermelhas do tamanho de bolas de gude do bolso. Viu os olhos do joalheiro se arregalarem.

Com Clint de pé a seu lado, com Bobby atrás dele e olhando por cima de seu ombro, vanCorvaire sentou-se num banco alto junto a uma bancada e examinou a pedra bruta através de uma lupa. Em seguida, colocou-a sobre a base de vidro iluminada de um microscópio e examinou-a com aquele instrumento mais poderoso.

— E então?—perguntou Bobby.

O joalheiro não respondeu. Levantou-se, afastando-os de seu caminho, dirigindo-se a outro banco, mais adiante na bancada. Lá, usou uma balança para pesar a pedra e outra para determinar se sua densidade específica combinava com a de qualquer outra pedra conhecida.

Finalmente, deslocou-se para um terceiro banco posicionado diante de um tomo. De uma gaveta, retirou uma caixa redonda onde três pedras grandes lapidadas jaziam num quadrado de veludo azul.

— Diamantes de má qualidade — disse.

— Parecem-me bons—disse Bobby.

— Muitos defeitos.

Escolheu uma daquelas pedras e fixou-a no tomo com algumas voltas da manivela. Segurando a bela pedra vermelha com uma pinça, usou uma de suas faces mais rombudas para tentar arranhar a face polida do diamante no tomo, pressionando com bastante força. Em seguida, deixou de lado as pinças e a pedra vermelha, pegou outra lupa de joalheiro, inclinou-se para a frente e examinou o diamante.

— Um leve arranhão — disse. — Diamante corta diamante. — Segurou a pedra vermelha entre o polegar e o dedo indicador, fitando-a com evidente fascínio — e cupidez. — Onde obteve isso?

— Não posso lhe dizer — respondeu Bobby. — Então, trata-se apenas de um diamante vermelho?

— Apenas? O diamante vermelho pode ser a pedra mais valiosa da face da terra! Tem de deixar eu negociá-la para você. Tenho clientes que pagariam qualquer coisa para ter isto como a pedra central de um colar ou um pingente. Provavelmente será grande demais para um anel mesmo depois da lapidação final. É imensa!

— Quanto vale? — perguntou Clint.

— Impossível dizer até ser lapidada. Milhões, certamente.

— Milhões? — perguntou Bobby, incrédulo. — É grande, mas não tão grande.

Van Corvaire finalmente desvencilhou os olhos da pedra e ergueu o olhar para Bobby.

— Você não compreende. Até hoje, houve apenas sete diamantes vermelhos conhecidos no mundo. Este é o oitavo. E quando estiver lapidado e polido, será um dos dois maiores. Isto praticamente não tem preço.

Fora da pequena loja de Archer van Corvaire, onde o tráfego pesado rugia pela Pacific Coast Highway, com ofuscantes clarões do reflexo do sol em cromados e vidros, era difícil acreditar que a tranquilidade de Newport Harbor e sua carga de belos iates estava logo atrás dos prédios do outro lado da rua. Num repentino momento de iluminação, Bobby compreendeu que toda a sua vida (e talvez a de quase todo mundo) era como esta rua naquele preciso instante: somente barulho e correria, claridade e movimento, uma corrida desesperada para se destacar do rebanho, para conseguir alguma coisa e transcender o redemoinho frenético do comércio, dessa forma obtendo uma trégua para reflexão e um pouco de serenidade — quando o tempo inteiro a serenidade estava a apenas alguns passos dali, do outro lado da rua, quase ao alcance da vista.

Essa compreensão contribuiu para um sentimento até aqui despercebido de que o caso Pollard era de certa forma uma armadilha — ou, mais precisamente, uma gaiola de esquilo que girava cada vez mais depressa enquanto ele corria precipitadamente tentando equilibrar-se no seu assoalho giratório. Ficou parado por alguns segundos junto à porta, aberta do carro, sentindo-se apanhado num laço, enjaulado. Naquele momento, não tinha certeza do motivo, apesar dos perigos óbvios, pelos quais ficara tão ansioso em assumir os problemas de Frank, colocando tudo que lhe era caro em risco. Sabia agora que as razões que repetira para Julie e para si mesmo — compaixão por Frank, curiosidade, a excitação de um tipo de trabalho completamente diferente — eram meras justificativas, não razões, e que seus verdadeiros motivos eram algo que ele não compreendia.

Desalentado, entrou no carro e fechou a porta enquanto Clint dava partida no motor.

— Bobby, quantos diamantes vermelhos você diria que existem naquele vidro? Cem?

— Mais. Uns duzentos.

— Que valem centenas de milhões?

— Talvez mais de um bilhão.

Entreolharam-se e, por alguns instantes, nenhum dos dois falou. Não era que nenhuma palavra fosse adequada à situação; ao contrário, havia demais a ser dito e nenhuma maneira fácil de determinar por onde começar.

Finalmente, Bobby disse:

— Mas você não poderia converter as pedras em dinheiro, pelo menos não rapidamente. Teria de pingá-las gota a gota no mercado durante um período de muitos anos para evitar uma repentina diluição de sua raridade e valor, mas também para evitar causar sensação, atraindo atenção indesejável e talvez tendo de responder a algumas perguntas impossíveis de serem respondidas.

— Depois de terem garimpado diamantes por centenas de anos, no mundo inteiro, e terem encontrado apenas sete diamantes vermelhos, onde será que Frank conseguiu um vidro inteiro?

Bobby sacudiu a cabeça sem nada dizer.

Clint enfiou a mão no bolso da calça e retirou um dos diamantes, menor do que o exemplar que Bobby trouxera para a avaliação de Archer van Corvaire.

— Levei este para casa para mostrar para Felina. Ia devolvê-lo ao vidro

quando chegasse ao escritório, mas você me empurrou para fora antes que eu tivesse a oportunidade. Agora que sei o que é, não o quero comigo nem mais um instante.

Bobby pegou a pedra e colocou-a no bolso com o diamante maior.

— Obrigado, Clint.

O escritório do Dr. Dyson Manfred, em sua casa em Turtle Rock, era o lugar mais desconfortável em que Bobby já estivera. Sentira-se melhor na semana anterior, deitado no chão de sua caminhonete, tentando não ser despedaçado pelos disparos de armas automáticas, do que entre a coleção de Manfred de exóticos e absolutamente repulsivos insetos de muitas pernas, carapaças, antenas e mandíbulas.

Repetidamente, em sua visão periférica, Bobby via alguma coisa se mover em uma das muitas molduras com tampo de vidro penduradas nas paredes, mas toda vez que se virava para verificar qual hedionda criatura estava prestes a rastejar para fora da moldura seus temores mostravam-se infundados. Todos os horríveis espécimes estavam fixados com pinos e imobilizados, alinhados perfeitamente um ao lado do outro, nenhum faltando. Também podia jurar que ouvira coisas arrastando-se e resvalando dentro das gavetas rasas dos muitos armários que ele sabia que continham mais insetos, mas supunha que esses sons eram tão imaginários quanto os movimentos-fantasma que vislumbrara pelo canto dos olhos.

Embora soubesse que Clint era um estóico nato, Bobby estava impressionado pela aparente tranquilidade com que o rapaz suportava a decoração arrepiante. Aquele era um empregado que jamais deveria perder. Decidiu na mesma hora dar um significativo aumento de salário para Clint antes do final do dia.

Bobby achou o Dr. Manfred quase tão perturbador quanto sua coleção. O entomologista alto, magro e longilíneo parecia ser o rebento de um jogador de basquete e um desses pegajosos insetos africanos que se vêem em filmes sobre a natureza e que se espera nunca encontrar na vida real.

Manfred ficou de pé, atrás de sua escrivaninha, a cadeira afastada, e eles postaram-se à sua frente. As atenções dirigiam-se para uma bandeja de laboratório de sessenta centímetros de comprimento por trinta de largura, dois centímetros e meio de profundidade, esmaltada de branco, que ocupava o centro da mesa e sobre a qual estava estendida uma pequena toalha branca.

— Não consegui dormir desde que o Sr. Karaghiosis me trouxe isto

ontem à noite—disse Manfred —, e tampouco dormirei muito esta noite, remoendo todas as perguntas remanescentes em minha mente. Essa dissecação foi a mais fascinante de toda a minha carreira e duvido que algum dia possa vivenciar novamente alguma coisa que se equipare a isso.

A intensidade com que Manfred falava—e a implicação de que nem boa comida, nem sexo, nem um belo pôr-de-sol, nem um excelente vinho poderiam proporcionar uma fração do prazer de desmembrar um inseto — revirou o estômago de Bobby.

Olhou para o quarto homem na sala, ao menos para desviar sua atenção por um instante do seu anfitrião amante de insetos. O sujeito devia ter quase cinquenta anos, tão roliço quanto Manfred era anguloso, tão rosado quanto Manfred era pálido, de cabelos ruivos, olhos azuis e sardas. Estava sentado numa cadeira a um canto, forçando as costuras do seu conjunto de moletom cinza, com os punhos cerrados sobre as coxas grossas, parecendo um bom irlandês de Boston que estivera tentando fazer carreira como lutador de Sumô. O entomologista não o apresentara ou mesmo se dirigira ao observador rechonchudo. Bobby imaginou que as apresentações seriam feitas quando Manfred estivesse pronto. Resolveu não forçar a questão — ainda mais porque o homem os olhava com tal

misto de admiração, suspeita, medo e intensa curiosidade que fazia Bobby acreditar que não iriam gostar de ouvir o que ele tinha a lhes dizer quando, afinal, falasse.

Com mãos aracnídeas, de dedos longos—que Bobby teria borrifado com algum *spray* se tivesse um à mão —, Dyson Manfred retirou a toalha da bandeja esmaltada, revelando os restos do inseto de Frank. Á cabeça, duas pernas, uma das pinças bem articuladas e algumas outras partes não identificáveis haviam sido decepadas e separadas. Cada horrendo pedaço descansava numa almofadinha do que parecia ser tecido de algodão, quase como um joalheiro apresentaria uma pedra preciosa sobre veludo a um possível comprador. Bobby fitou a cabeça do tamanho de uma ameixa com seu pequenino olho azul-avermelhado, abaixo dos dois olhos maiores, de um amarelo embaçado, muito semelhantes em cor aos de Manfred. Estremeceu. A parte principal do inseto estava no meio da bandeja, de costas. A barriga exposta fora aberta, as camadas externas do tecido removidas ou dobradas para trás e as entranhas reveladas.

Usando a ponta reluzente de um delicado bisturi, que manipulava com graça e precisão, o entomologista começou a mostrar-lhes os sistemas respiratório, digestivo e excretor do inseto. Manfred referia-se seguidas vezes à “grandiosa arte” do *design* biológico, mas Bobby não via

nada que se comparasse a uma pintura de Matisse; na verdade, as entranhas da criatura eram ainda mais repelentes do que seu exterior. Um termo — câmara polidora—chamou sua atenção, mas quando pediu uma explicação, Manfred apenas disse: “Um momento, um momento”, continuando com sua aula.

Quando o entomologista terminou, Bobby disse:

— Certo, já sabemos como a criatura funciona, agora o que isso nos diz que precisamos saber? Por exemplo, de onde vem?

Manfred fitou-o, sem responder.

Bobby perguntou:

— As selvas da América do Sul?

Os estranhos olhos cor de âmbar de Manfred eram difíceis de serem lidos e seu silêncio era desconcertante.

— África? — disse Bobby.

O olhar fixo do entomologista começava a deixá-lo mais nervoso do que já estava.

— Sr. Dakota—disse Manfred finalmente —, o senhor está fazendo a pergunta errada. Deixe-me fazer-lhe as mais interessantes. O que esta criatura come? Bem, para colocar em termos simples que qualquer leigo possa entender, ela come um amplo espectro de minerais, rochas e solo. O que ela...

— Come terra?—perguntou Clint.

— Esta é uma maneira ainda mais simples de colocar a questão — disse Manfred. — Não é precisa, veja bem, mas é a mais simples. Ainda não compreendemos como decompõe essas substâncias e como extrai energia daí. Há aspectos de sua biologia que podemos ver com absoluta clareza, mas que ainda assim permanecem misteriosos.

— Pensei que insetos comessem plantas, comessem uns aos outros ou carne morta — disse Bobby.

— É o que fazem — confirmou o entomologista. — Esta criatura não é um inseto, ou nenhuma outra classe de *phylum Arthwpoda*, para dizer a verdade.

— Certamente, a mim parece um inseto — disse Bobby, olhando para a criatura parcialmente desmembrada e rindo involuntariamente.

— Não—disse Manfred —, esta é uma criatura que evidentemente se nutre de terra e pedra, capaz de ingerir tais materiais em nacos do tamanho de uvas grandes. E a próxima pergunta é: “Se é isso que ela come, o que é que excreta?” E a resposta, Sr. Dakota, é que ela excreta diamantes.

Bobby contraiu-se num movimento brusco, como se o entomologista o

tivesse golpeado.

Lançou um olhar para Clint, que parecia tão surpreso quanto Bobby. O caso Pollard havia acarretado diversas mudanças no grego e agora privara-o de seu semblante de jogador de pôquer.

Em um tom de voz que sugeria que Manfred estava tentando fazê-los de tolos, Clint disse:

— Está nos dizendo que ele transforma terra em diamantes?

— Não, não — disse Manfred.—Ele metodicamente vai comendo pelos veios de carbono e outros materiais, onde existem diamantes, até encontrá-los. Então, ele os engole com suas capas incrustadas de minerais, digere esses minerais, passa o diamante bruto para a câmara de polimento, onde qualquer matéria estranha remanescente é removida pelo vigoroso contato com suas centenas de finas cerdas semelhantes a fios de arame, que forram a câmara. — Com o bisturi apontou para a característica da

criatura que ele acabara de descrever. — Em seguida, ele expele o diamante pela outra extremidade.

O entomologista abriu a gaveta do meio de sua escrivaninha, retirou um lenço branco, desdobrou-o e revelou três diamantes vermelhos, todos consideravelmente menores do que o que Bobby levava a van Corvaire, mas provavelmente com valor de centenas, talvez milhões, cada um.

— Encontrei-os em vários pontos do sistema da criatura.

A maior das três ainda estava parcialmente envolvida numa crosta mineral malhada em marrom, preto e cinza.

— São diamantes? — perguntou Bobby, fingindo-se de ignorante. — Nunca vi diamantes vermelhos.

— Eu também nunca os havia visto. Por isso, fui a um professor, um geólogo que por felicidade também é um especialista em pedras preciosas, tirei-o da cama à meia-noite para lhe mostrar isto.

Bobby lançou um olhar para o pretenso irlandês lutador de Sumô, mas o homem não se levantou de sua cadeira nem disse nada, de modo que evidentemente ele não era o geólogo.

Manfred explicou o que Bobby e Clint já sabiam — que aqueles diamantes vermelhos estavam entre as maiores raridades do mundo —, enquanto eles fingiam que tudo era uma grande novidade para eles.

— Essa descoberta reforçou minhas suspeitas sobre a criatura, de modo que fui diretamente à casa do Sr. Gavenall e acordei-o pouco antes das duas da madrugada. Ele vestiu às pressas um suéter e tênis e voltamos direto para cá, onde estamos desde então, decifrando esse enigma, sem acreditar

em nossos próprios olhos.

Finalmente, o homem rechonchudo levantou-se e aproximou-se do lado da mesa.

— Roger Gavenall — disse Manfred, apresentando-o. — Roger é um geneticista, um especialista em DNA e famoso por suas projeções criativas de engenharia genética em macroescala que poderão advir do conhecimento atual.

— Sinto muito — disse Bobby —, eu o perdi em “Roger é”. Acho que precisamos de uma linguagem mais para leigos.

— Sou um geneticista e um futurólogo — disse Gavenall. Sua voz era surpreendentemente melódica, como a de um desses apresentadores de programas de auditório na televisão. — A maior parte da engenharia genética, no futuro próximo, ocorrerá em escala microscópica, criando

novas e úteis bactérias, consertando genes defeituosos nas células dos seres humanos para corrigir falhas genéticas e evitar doenças hereditárias. Consequentemente seremos capazes de criar espécies de animais e insetos inteiramente novas, engenharia em macroescala, coisas úteis como vorazes comedores de mosquitos que eliminarão a necessidade de se usar um inseticida em regiões tropicais como a Florida. Vacas com talvez menos da metade do tamanho das atuais e muito mais eficientes metabolicamente, de modo a requererem menos alimento e, no entanto, produzirem o dobro da quantidade de leite.

Bobby queria sugerir que Gavenall considerasse a combinação das duas invenções biológicas para produzir uma vaca pequena que comesse enormes quantidades de mosquitos e produzisse três vezes mais leite. Mas ficou de boca fechada, certo de que nenhum dos dois cientistas apreciaria seu senso de humor. De qualquer modo, tinha de admitir que sua compulsão para fazer piada de tudo aquilo era uma tentativa de lidar com seu arraigado temor do crescente mistério do caso Pollard.

— Esta criatura—disse Gavenall, indicando o inseto desmantelado sobre a bandeja de laboratório — não é nada que a natureza tenha criado. É claramente uma forma de vida criada pela engenharia, tão surpreendentemente específica para uma determinada tarefa em todos os aspectos de sua biologia que vem a ser essencialmente uma máquina biológica. Um escavador de diamantes.

Usando um par de fórceps e um bisturi, Dyson Manfred virou o inseto que não era inseto delicadamente, para que pudessem ver sua carcaça preta como breu rodeada de umas marcas vermelhas.

Bobby achou ter ouvido inúmeros movimentos sussurrantes em diversas partes do estúdio e desejou que Manfred deixasse entrar um pouco da luz do sol. As janelas estavam fechadas com persianas de madeira internas e as ripas firmemente cerradas. Insetos gostavam de escuridão e sombras e os abajures na sala eram insuficientes para dissuadi-los de saírem correndo das gavetas rasas, por cima dos sapatos de Bobby, subindo por suas meias e por baixo das pernas de sua calça.

Pendurando sua barriga protuberante em cima da mesa, indicando a borda vermelha da carapaça, Gavenall disse:

— Com base numa suspeita que eu e Dyson tínhamos, mostramos a representação deste padrão para um colega do departamento de matemática e ele confirmou que se tratava obviamente de um código binário.

— Como o código universal de produto que está em todas as mercadorias que se compra no supermercado hoje em dia — explicou o entomologista.

Clint disse:

— Quer dizer que as marcas vermelhas são o número do inseto?

— Sim.

— Como, bem, como uma placa de licença?

— Mais ou menos — disse Manfred. — Ainda não retiramos uma amostra do material vermelho para análise, mas suspeitamos que verificaremos tratar-se de material cerâmico, pintado ou impresso sobre o casco de alguma outra forma.

Gavenall disse:

— Em algum lugar deve haver um monte dessas criaturas, laboriosamente escavando em busca de diamantes, diamantes vermelhos, e cada uma delas carrega um número de série que a identifica para quem quer que a criou e a pôs para trabalhar.

Bobby debateu-se com aquele conceito por um instante, tentando encontrar um meio para visualizá-lo como parte do mundo em que vivia, mas simplesmente não se encaixava.

— Certo, Dr. Gavenall, o senhor é capaz de imaginar criaturas como essa...

— Eu não poderia ter imaginado isso — disse Gavenall veementemente.

— Jamais teria me ocorrido. Só pude reconhecê-lo pelo que era, pelo que deveria ser.

— Tudo bem, mas ainda assim reconheceu o que deve ser, o que é algo que nem Clint nem eu poderíamos ter feito. Então, agora, diga-me: quem

poderia criar algo tão extraordinário assim?

Manfred e Gavenall trocaram um olhar significativo e ambos ficaram em silêncio por alguns instantes. Finalmente, abaixando sua voz de apresentador de televisão a um tom ainda mais melífluo, Gavenall disse:

— O conhecimento genético e a capacidade de engenharia exigidos para produzir esta criatura ainda não existe. Sequer estamos perto de sermos capazes disso.

Bobby disse:

— Quanto tempo levará até a ciência avançar a ponto de tomar isso possível?

— Não há como chegar a uma resposta precisa — disse Manfred.

— Dê um palpite.

— Décadas? — disse Gavenall. — Um século? Quem sabe?

Clint disse:

— Espere um minuto. O que está nos dizendo? Que esta criatura vem do futuro, que veio através de alguma deformação no tempo do próximo século?

— Ou isso — disse Gavenall —, ou não vem absolutamente deste mundo.

Perplexo, Bobby olhou para o inseto com não menos repulsa, mas com uma admiração e um respeito consideravelmente maiores do que sentia havia poucos minutos antes.

— Realmente acha que pode ser uma máquina biológica criada por pessoas de outro mundo? Um objeto alienígena?

Manfred moveu a boca, mas não produziu nenhum som, como se tivesse ficado sem fala diante da perspectiva do que estava prestes a dizer.

— Sim—disse Gavenall —, um objeto alienígena. Parece-me mais provável do que a possibilidade de que tenha vindo rolando até nós através de algum buraco no tempo.

Enquanto Gavenall falava, Dyson Manfred continuava a remexer a boca numa tentativa frustrada de quebrar o silêncio que se apoderara dele e seu queixo comprido dava-lhe um ar de um louva-a-deus mastigando um horrendo almoço. Quando as palavras finalmente foram emitidas, vieram numa torrente:

— Queremos que compreendam, nós não iremos, definitivamente não iremos, devolver este espécime. Seríamos negligentes como cientistas se permitíssemos que essa criatura incrível ficasse em mãos de leigos, temos de conservá-la e protegê-la, e nós o faremos, nem que seja à força.

Um rubor de desafio conferiu um brilho saudável ao rosto angular e

pálido do entomologista pela primeira vez desde que Bobby o vira.

— Ainda que seja pela força — repetiu.

Bobby não tinha nenhuma dúvida de que ele e Clint podiam dar uma surra naquele inseto humano e em seu rechonchudo colega, mas não havia razão para isso. Não se importava que ficassem com a criatura na bandeja de laboratório — desde que concordassem com algumas regras básicas sobre como e quando poderiam tomá-la pública.

Tudo que queria agora era sair daquele hospício, para o ar limpo e a luz quente do sol. Os sons sussurrantes que vinham das gavetas de

espécimes, embora certamente imaginários, tomavam-se mais altos e mais intensos a cada minuto. Sua entomofobia logo o lançaria da borda da sanidade mental, fazendo-o sair daquela sala correndo e gritando; imaginava se sua ansiedade era evidente ou se ele era suficientemente autocontrolado para ocultá-la. Sentiu uma gota de suor escorrer pela têmpora esquerda e teve a resposta.

— Sejam absolutamente francos—disse Gavenall.—Não se trata apenas de nossa obrigação para com a ciência que exige que nos mantenhamos de posse deste espécime. A revelação desta descoberta vai nos realizar, acadêmica e financeiramente. Nenhum de nós é um desleixado em seu próprio campo, mas isto irá nos lançar no topo, no verdadeiro topo, e estamos dispostos a fazer o que for necessário para proteger nossos interesses aqui. — Seus olhos azuis haviam se estreitado e seu rosto irlandês franco se fechara numa dura máscara de determinação. — Não estou dizendo que mataria para manter este espécime mas também não estou dizendo que não o faria.

Bobby suspirou.

— Fiz muita pesquisa para a UCI sobre os antecedentes de possíveis membros do corpo docente, de modo que sei que o mundo acadêmico pode ser tão competitivo, depravado e sujo, ainda mais sujo do que a política ou o **show business**. Não vou brigar com vocês por causa disso. Mas temos de fazer um acordo sobre quando vocês poderão ir a público. Não quero que façam qualquer coisa que chame a atenção da imprensa para o meu cliente até termos resolvido este caso e estarmos seguros de que ele já não corre perigo.

— E quando será isso?—perguntou Manfred.

Bobby encolheu os ombros.

— Um ou dois dias. Talvez uma semana. Duvido que se arraste por muito mais tempo.

O entomologista e o geneticista entreolharam-se com evidente

entusiasmo e satisfação. Manfred disse:

— Isso não será nenhum problema. Precisaremos de muito mais do que isso para acabar de estudar este espécime, preparar nosso primeiro artigo para publicação e planejar uma estratégia para lidar tanto com a comunidade científica quanto com os meios de comunicação.

Bobby imaginou ter ouvido uma das gavetas rasas abrir-se devagar no armário às suas costas, forçada para a frente por uma torrente de baratas Madagascar gigantes contorcendo-se.

— Mas levarei os três diamantes comigo — disse. — São muito valiosos e pertencem a meu cliente.

Manfred e Gavenall hesitaram, esboçaram um protesto, mas concordaram rapidamente. Clint pegou as pedras e embrulhou-as novamente no lenço. A capitulação dos cientistas convenceu Bobby de que havia mais de três diamantes no inseto, provavelmente pelo menos cinco, deixando-os com duas pedras para comprovar sua tese relativa às origens e propósitos do inseto.

— Vamos querer conhecer seu cliente, entrevistá-lo — disse Gavenall.

— Isso é com ele — disse Bobby.

— É essencial. Temos de entrevistá-lo.

— A decisão é dele — disse Bobby. — Têm quase tudo de que precisam. Talvez ele venha a concordar e então terão tudo que procuram. Mas não forcem isso agora.

O gorducho balançou a cabeça afirmativamente:

— É bastante razoável. Mas, diga-me, onde foi que ele encontrou isso?

— Ele não se lembra. Sofre de amnésia.

A gaveta às suas costas estava aberta agora. Podia ouvir as carapaças das imensas baratas chocalhando-se umas com as outras à medida que saíam aos montes do confinamento da gaveta e desciam pela frente do armário, vindo em bando em sua direção.

— Nós realmente precisamos ir — disse. — Não podemos perder nem mais um minuto.

Saiu do escritório apressadamente, tentando não parecer estar fugindo para salvar a pele.

Clint seguiu-o, como os dois cientistas, e na porta da frente Manfred disse:

— Vou parecer como se estivesse escrevendo histórias para algum jornal sensacionalista, mas, se este for um objeto alienígena que chegou às mãos do seu cliente, acha que ele pode tê-lo conseguido dentro de uma, bem, uma nave espacial? As pessoas que alegam ter sido sequestradas

e forçadas a se submeter a exames a bordo de naves espaciais sempre parecem passar por um período de amnésia primeiro, antes de compreenderem a verdade.

— Essas pessoas são embusteiros e impostores—disse Gavenall de modo contundente.—Não podemos nos deixar associar com esse tipo de coisa.—Franziu o cenho, a expressão tomou um ar carrancudo e ele disse: — A menos que neste caso seja verdade.

Voltando-se da varanda para olhá-los, satisfeito por estar fora da casa, Bobby disse:

— Talvez seja. Cheguei a um ponto em que acredito em qualquer coisa até ser provado em contrário. Mas vou lhes dizer uma coisa: minha impressão é que, seja o que for que esteja acontecendo com o meu cliente, é algo muito mais estranho do que seqüestro de extraterrestres.

— Muito mais — concordou Clint.

Sem maiores explicações, percorreram o caminho de entrada até o carro. Bobby abriu sua porta e ficou parado um instante, relutante em entrar no Chevy de Clint. A brisa suave que descia das colinas de Irvine parecia muito límpida depois do ar abafado do escritório de Manfred.

Enfiou a mão no bolso, tateou os três diamantes e disse baixinho:

— Cocô de inseto.

Quando finalmente entrou no carro e bateu a porta, mal resistiu à urgência de enfiar a mão debaixo da camisa e verificar se os insetos que ainda sentia rastejarem sobre ele eram reais.

Manfred e Gavenall ficaram parados na varanda, observando Bobby e Clint, como se esperassem que seu carro fosse empinar nas rodas traseiras e partir direto para os céus para se encontrar com alguma nave brilhante de um filme de Spielberg.

Clint dirigiu por dois quarteirões, dobrou a esquina e encostou junto ao meio-fio assim que ficaram longe da vista dos dois.

— Bobby, onde afinal Frank obteve aquilo?

Bobby só pôde responder-lhe com outra pergunta:

— A que lugares estranhos ele vai quando se teletransporta? O dinheiro, os diamantes vermelhos e o inseto, a areia negra e a que distância ficam esses lugares? Realmente longe?

— E quem é ele?—perguntou Clint.

— Frank Pollard, de El Encanto Heights.

— Mas, quero dizer, quem é esse sujeito? — Clint bateu o punho contra o volante. — Quem afinal é Frank Pollard de El Encanto?

— Acho que o que você realmente quer saber não é quem é ele. Mais

importante... o que é ele.

BOBBY FEZ UMA VISITA DE SURPRESA.

O almoço fora servido antes de Bobby chegar. A sobremesa ainda estava na mente de Thomas. Não o gosto. A lembrança. Sorvete de baunilha, morangos frescos. Como as sobremesas o fazem se sentir.

Estava sozinho no quarto, sentado na poltrona, pensando em fazer um poema ilustrado que transmitisse o sentimento de saborear sorvete de baunilha com morangos, não o gosto, mas a sensação agradável, de modo que algum dia, quando não tivesse nem sorvete nem morangos, pudesse olhar para o poema e ter a mesma sensação agradável, mesmo sem comer nada. Claro, não podia usar gravuras de sorvete ou morangos no poema, porque isso não seria um poema, seria apenas dizer como sorvete e morangos o faziam se sentir bem. Um poema não dizia apenas, ele mostrava-lhe e o fazia sentir a sensação.

Então Bobby entrou, e Thomas ficou tão contente que se esqueceu do poema e eles se abraçaram. Havia alguém com Bobby, mas não era Julie, e Thomas ficou decepcionado. Ficou constrangido também, porque viu que encontrara aquela pessoa com Bobby algumas vezes antes, ao longo dos anos, mas não se lembrou dele imediatamente, o que o fez se sentir idiota. Era Clint Thomas repetiu o nome para si mesmo, muitas vezes, para que se lembrasse da próxima vez: Clint Clint Clint Clint Clint

— Julie não pôde vir—disse Bobby. — Está servindo de babá para um cliente.

Thomas imaginou por que um bebê iria precisar de um detetive particular, mas não perguntou. Na tevê, apenas adultos precisavam de detetives particulares, que eram assim chamados por que faziam investigações para você, embora não soubesse ao certo porque eram chamados de

particulares. Também se perguntou como um bebê podia pagar por um detetive particular, porque sabia que Bobby e Julie trabalhavam por dinheiro como qualquer outra pessoa, mas bebês não trabalhavam, eram pequenos demais para fazer qualquer coisa. Então, onde esse conseguiria o dinheiro para pagar Bobby e Julie? Esperava que eles não fossem enganados e ficassem sem o dinheiro, eles trabalhavam muito para ganhá-lo.

Bobby disse:

— Pediu-me para lhe dizer que o ama hoje ainda mais do que ontem e

que amanhã o amará ainda mais.

Abraçaram-se outra vez, porque agora Thomas estava dando um abraço em Bobby para Julie.

Clint perguntou se ele podia ver o último bloco de poemas. Levou-o para o outro lado do quarto e sentou-se na poltrona de Derek, o que estava bem porque Derek não estava no quarto.

Bobby puxou a cadeira da escrivaninha, colocando-a perto da poltrona de Thomas. Sentou-se e conversaram sobre como o céu estava azul e como as flores resplandeciam do lado de fora da janela de Thomas.

Por alguns instantes, conversaram sobre muitas coisas e Bobby era sempre engraçado — exceto quando falavam de Julie, então ele mudava. Estava preocupado com Julie, podia ver. Quando falava sobre ela, ele parecia um bom poema ilustrado — não declarava sua preocupação, mas a demonstrava e o fazia senti-la.

Thomas também estava preocupado com Julie, de modo que a preocupação de Bobby o fazia sentir-se ainda pior, receoso por ela.

— Estamos assoberbados com este novo caso—disse Bobby —, de modo que nenhum de nós deve poder visitá-lo outra vez até o próximo fim de semana ou o início da semana que vem.

— Claro, tudo bem—disse Thomas, e uma enorme sensação de frio veio de algum lugar e apoderou-se dele. Toda vez que Bobby mencionava o novo caso, o do bebê, seu poema ilustrado de preocupação tomava-se mais fácil de ler.

Thomas imaginou se seria esse o caso onde eles iriam se deparar com o Mal. Tinha certeza que era. Achou que devia contar a Bobby sobre o Mal, mas não sabia como fazê-lo. Não importa como contasse, iria parecer o mais imbecil dos imbecis que jamais vivera na clínica. Era melhor esperar até o perigo se aproximar mais, e então transmitir para Bobby um aviso realmente forte que o fizesse sair no encalço do Mal e atirar nele

quando o visse. Bobby daria atenção a um aviso transmitido como por televisão porque ele não saberia de onde vinha, de que vinha apenas de uma pessoa idiota.

E Bobby sabia atirar também, todos os detetives particulares sabiam porque quase sempre era perigoso no mundo lá fora, e você sabia que iria se encontrar com alguém que atiraria em você primeiro ou tentaria atropelá-lo com um carro, esfaqueá-lo, estrangulá-lo ou, de vez em quando, atirá-lo de um prédio ou mesmo Tentar Fazer Parecer Suicídio e, já que a maior parte dos bons sujeitos não portavam armas, os detetives particulares que tomavam conta deles tinham de ser bons

atiradores.

Pouco tempo depois, Bob tinha de ir. Não ao banheiro, mas de volta ao trabalho. Abraçaram-se outra vez. Então, Bobby e Clint se foram e Thomas ficou sozinho outra vez.

Dirigiu-se à janela. Olhou para fora. O dia era bom, melhor do que a noite. Mas mesmo com o sol afugentando a maior parte das sombras para o outro lado do mundo, e mesmo com o resto da escuridão escondendo-se do sol atrás de árvores e prédios, havia algo de ruim no dia. O Mal não fora para o outro lado do mundo com a noite. Ainda estava lá, em alguma parte do dia, tinha certeza.

Na noite passada, quando se aproximara demais do Mal e ele tentara agarrá-lo, teve tanto medo que se recolheu depressa. Tinha o pressentimento de que o Mal estava tentando descobrir quem ele era e onde estava e, então, viria à clínica e o comería como comia os pequenos animais. Assim, tomou a decisão de não se aproximar muito dele outra vez, manter-se a distância, mas agora não podia fazê-lo por causa de Julie e do bebê. Se Bobby, que nunca se preocupava, estava tão preocupado com Julie, então Thomas devia ficar ainda mais preocupado por ela do que ele. E se Julie e Bobby achavam que tinham de tomar conta do bebê, então Thomas tinha que se preocupar com o bebê também, porque o que era importante para Julie era importante para ele.

Projetou-se no dia.

Ele estava lá. Entretanto, distante.

Não se aproximou.

Tinha medo.

Mas por Julie, por Bobby, pelo bebê, teria de parar de ter medo, aproximar-se, e ter certeza de que saberia o tempo todo onde o Mal estava e se se encontrava a caminho.

JACKIE JAXX SOMENTE CHEGOU AOS ESCRITÓRIOS DE DAKOTA & DAKOTA ÀS QUATRO E DEZ DA TARDE DE TERÇA-FEIRA, UMA HORA DEPOIS DE CLINT E BOBBY RETOMAREM E, PARA CONTRARIEDADE DE JULIE, ELE PASSOU MEIA HORA CRIANDO UMA ATMOSFERA QUE ACHAVA PROPÍCIA A SEU TRABALHO. ACHOU QUE A SALA ESTAVA CLARA DEMAIS, DE MODO QUE FECHOU AS PERSIANAS DAS AMPLAS JANELAS, EMBORA O CREPÚSCULO DE INVERNO QUE JÁ SE AVIZINHAVA E O BANCO DE NUENS QUE VINHA DO PACÍFICO JÁ TIVESSEM PRIVADO O DIA DA MAIOR PARTE DE SUA LUZ. TENTOU ARRANJOS DIFERENTES COM OS TRÊS ABAJURES DE METAL, CADA UM DOS QUAIS ERA EQUIPADO COM LÂMPADA REGULÁVEL EM TRÊS ESTÁGIOS, PROPORCIONANDO-LHE O QUE PARECIA SER UM NÚMERO INFINITO DE COMBINAÇÕES; FINALMENTE, DEIXOU UMA DELAS EM SETENTA WATTS, UMA EM TRINTA E UMA INTEIRAMENTE APAGADA. PEDIU A FRANK QUE SE MUDASSE DO SOFÁ PARA UMA DAS CADEIRAS, RESOLVEU QUE ASSIM NÃO IRIA FUNCIONAR, DESLOCOU A GRANDE CADEIRA DE JULIE DE TRÁS DA ESCRIVANINHA E COLOCOU-O NELA, DEPOIS ARRUMOU QUATRO OUTRAS CADEIRAS NUM SEMICÍRCULO À SUA FRENTE.

Julie achava que Jack poderia ter agido com eficiência com as persianas abertas e todas as lâmpadas acesas. Era um ator, entretanto, mesmo quando fora dos palcos, e não resistia a ser teatral.

Nos últimos anos, os bruxos haviam abandonado falsos nomes artísticos como O Grande Blackwell e Harry Houdini em prol de nomes que ao menos se pareciam a nomes reais, mas Jackie era um exemplo de atavismo. Assim como o nome verdadeiro de Houdini era Erich Weiss, Jackie fora batizado como David Carver. Como ele apresentava magia cômica, evitara nomes misteriosos. E como, desde a adolescência, sempre almejava fazer parte do cenário de casas noturnas e de Vegas, escolhera uma nova identidade que, para ele e os de seu círculo social, soava como realeza de Nevada. Enquanto outros garotos pensavam em ser professores, médicos, agentes imobiliários e mecânicos de automóveis, o jovem Davey Carver sonhara em se tomar alguém como Jackie Jaxx; agora, Deus o ajude, estava vivendo seu sonho.

Embora no momento estivesse entre um compromisso de uma semana em Reno e uma apresentação na abertura do *show* de Sammy Davis em Vegas, Jackie apareceu não em *jeans* ou num terno comum, mas num traje que podia usar em suas apresentações: um terno preto com debruns verde-esmeralda nas lapelas e nos punhos do casaco, uma camisa da mesma cor e sapatos pretos de couro legítimo. Tinha 36 anos de idade, um metro e setenta e três, era magro, bronzeado cancerigenamente, com cabelos que tingia de preto e dentes artificiais, ferozmente brancos, graças ao milagre

moderno do recapeamento dentário.

Havia três anos, Dakota & Dakota fora contratada pelo Hotel Las Vegas com o qual Jackie tinha um contrato de longo tempo e incumbida da ingrata tarefa de descobrir a identidade de um chantagista que estava tentando extorquir a maior parte da renda do mágico. O caso teve muitas reviravoltas inesperadas, mas, quando chegaram ao fim, o que mais surpreendeu Julie foi o fato de ter superado sua aversão inicial ao bruxo e de certa forma ter passado a apreciá-lo. De certa forma.

Finalmente, Jackie instalou-se na cadeira diretamente em frente a Frank.

— Julie, você e Clint sentem-se à minha direita. Bobby, à minha esquerda, por favor.

Julie não via nenhuma boa razão para que não se sentasse em qualquer uma das três cadeiras, mas fez o que ele pedia.

Metade do ato de Jackie no Vegas envolvia hipnotizar e explorar comicamente os membros da plateia. Seu conhecimento da técnica de hipnotismo era tão extenso e sua compreensão do funcionamento da mente em estado de transe tão profundo, que era frequentemente convidado a participar de conferências médicas com psicólogos, médicos e psiquiatras que exploravam a utilização prática da hipnose. Talvez pudessem persuadir um psiquiatra a ajudá-los a romper a amnésia de Frank com a terapia de regressão hipnótica. Mas duvidavam que qualquer médico fosse tão qualificado para a tarefa quanto Jackie Jaxx.

Além do mais, por mais coisas fantásticas que Jackie soubesse a respeito de Frank, podia-se confiar nele para manter a boca fechada. Devia muito a Bobby e Julie e, apesar de seus defeitos, era um homem que pagava suas dívidas e tinha ao menos um vestígio de senso de lealdade que era raro na cultura egoísta do *show business*.

Na soturna luz amarelada dos dois abajures de metal, com o mundo escurecendo-se rapidamente do outro lado das persianas cerradas, a voz macia e modulada de Jackie, cheia de tons baixos e suaves e uma ocasional vibração dramática, comandava não apenas a atenção de Frank, mas a de todos. Usou um pêndulo de cristal multifacetado pendurado numa corrente dourada para focalizar a atenção de Frank, depois de sugerir aos outros que olhassem para o rosto de Frank em vez de se fixarem no pêndulo, para evitar um fascínio indesejável.

— Frank, por favor, observe a luz piscando no cristal, uma luz muito suave e bonita tremulando de uma faceta para a outra, uma faceta atrás da outra, uma luz muito agradável e fascinante, agradável, piscando...

Depois de algum tempo, ela mesma sentindo-se um pouco enleada pela fala pausada de Jackie, Julie notou os olhos de Frank se embaçarem.

A seu lado, Clint ligou o pequeno gravador que usara quando Frank lhes contara sua história na tarde do dia anterior.

Ainda rodando a corrente de um lado para o outro, entre o polegar e o indicador, para fazer o cristal girar na ponta, Jackie disse:

— Muito bem, Frank, você agora está se sentindo muito relaxado, num estado de profundo relaxamento, onde ouvirá apenas a minha voz, nada mais, e responderá apenas à minha voz, a nenhuma outra.

Quando conseguiu levar Frank a um transe profundo e terminou de dar-lhe instruções relativas ao interrogatório que iria fazer, Jackie disse-lhe para fechar os olhos. Frank obedeceu.

Jackie guardou o cristal. Ele disse:

— Qual é o seu nome?

— Frank Pollard.

— Onde você mora?

— Não sei.

Julie o informara por telefone horas antes e ele sabia quais informações eles buscavam de seu cliente. Jackie disse:

— Você já morou em El Encanto?

Uma hesitação. Em seguida:

— Sim.

A voz de Frank estava estranhamente monótona. Seu rosto estava tão macilento e mortalmente pálido que quase parecia um cadáver exumado que fora magicamente revitalizado com o propósito de servir de ponte entre os membros de uma sessão espírita e aqueles com quem eles desejavam falar no mundo dos mortos.

— Você se lembra de seu endereço em El Encanto?

— Não.

— Seu endereço era Pacific Hill Road 1.458?

Um ar de preocupação atravessou o semblante de Frank e rapidamente desapareceu.

— Sim. Foi o que Bobby encontrou com o computador.

— Mas você realmente se lembra deste lugar?

— Não.

Jackie ajustou seu relógio Rolex, depois usou as mãos para alisar os cabelos pretos e fartos.

— Quando você morou em El Encanto, Frank?

— Não sei.

— Precisa me dizer a verdade.
— Sim.
— Não pode mentir para mim, Frank, ou esconder-me qualquer coisa. Isso é impossível em seu estado atual. Quando foi que você morou lá?
— Não sei.
— Você morava lá sozinho?
— Não sei.
— Lembra-se de ter estado no hospital ontem à noite, Frank?
— Sim.
— E você desapareceu?
— Eles dizem que sim.
— Para onde você foi, Frank?
Silêncio.
— Frank, para onde você foi?
— Eu... eu... tenho medo.
— Porquê?
— Eu não sei. Não consigo pensar.
— Frank, lembra-se de acordar em seu carro na manhã de quinta-feira passada e estacionar numa rua em Laguna Beach?
— Sim.
— Suas mãos estavam cheias de areia negra.
— Sim. — Frank limpou as mãos nas coxas, como se pudesse sentir os grãos pretos grudados em suas mãos suadas.
— Onde conseguiu aquela areia, Frank?
— Não sei.
— Não tenha pressa. Pense um pouco.
— Eu não sei.
— Lembra-se de dar entrada num motel mais tarde, adormecer, depois acordar todo sujo de sangue?
— Lembro-me — disse Frank, estremecendo.
— De onde veio aquele sangue, Frank?
— Não sei — disse, angustiado.
— Era sangue de gato, Frank. Sabia que era sangue de gato?
— Não. — Suas pálpebras vibraram, mas ele não abriu os olhos. — Apenas sangue de gato? Verdade?
— Lembra-se de ter encontrado um gato naquele dia?
— Não.

Obviamente, uma técnica mais agressiva ia ser necessária para obter as respostas de que precisavam. Jackie começou a fazer Frank regredir

no tempo, gradualmente levando-o até sua admissão no hospital na noite anterior, depois mais para trás, para o instante em que acordara naquela viela em Anaheim nas primeiras horas de quinta-feira de manhã, sem saber nada além do próprio nome. Sua memória devia estar além daquele ponto, se ele pudesse ser induzido a atravessar o véu de amnésia e recuperar o passado.

Julie inclinou-se ligeiramente para a frente em sua cadeira e olhou além de Jackie Jaxx, imaginando como Bobby estaria apreciando o *show*. Imaginava que o pêndulo de cristal e outras prestidigitações atrairiam seu espírito infantil de aventuras e que ele estaria sorrindo, com os olhos brilhantes.

Em vez disso, estava sombrio. Seus dentes deviam estar cerrados, porque os músculos de seus maxilares estavam proeminentes. Ele lhe contara o que souberam na casa de Dyson Manfred, e ela ficara tão perplexa e abalada quanto ele e Clint Mas isso não parecia explicar seu estado de espírito atual. Talvez ainda estivesse nervoso com a lembrança dos insetos no escritório do entomologista. Ou talvez continuasse a se sentir perturbado pelo sonho que tivera na semana anterior *o mal está a caminho, o mal...*

Não dera importância ao sonho. Agora, imaginava se ele não teria sido genuinamente profético. Depois de todo o mistério que Frank trouxera a suas vidas, estava mais propensa a dar crédito a coisas como maus presságios, visões e premonição.

O mal está a caminho, o mal...

Talvez o mal fosse o Sr. Azul.

Jackie regrediu Frank até a viela, até o exato instante em que acordara num lugar estranho, desorientado e confuso.

— Agora, vá ainda mais para trás, Frank, somente um pouco mais atrás, apenas alguns segundos, depois mais um pouco, para trás, para trás, além da total escuridão em sua mente, além daquela parede preta em sua mente...

Desde que o interrogatório começara, Frank parecia minguar na cadeira de Julie, como se fosse feito de cera e estivesse sob uma chama. Tomara-se mais pálido, também, se isso fosse possível, branco como parafina. Mas agora, quando era forçado a regredir pela escuridão de sua mente, em direção à luz da memória do outro lado, sentou-se ereto, colocou as mãos sobre os braços da cadeira e agarrou o vinyl com força quase suficiente para rasgar o estofamento. Parecia estar crescendo, retomando a seu antigo tamanho, como se tivesse bebido um dos elixires mágicos que Alice

consumira em suas aventuras do outro lado da toca do coelho.

— Onde você está agora? — perguntou Jackie.

Os olhos de Frank se reviraram sob as pálpebras cerradas. Emitiu um som estrangulado, inarticulado.

— Uh, uh...

— Onde está agora? — Jackie insistiu com delicadeza, mas firmemente.

— Vaga-lumes — disse Frank, trêmulo. — Vaga-lumes em um vendaval!

— Começou a respirar aceleradamente, arquejante, como se tivesse dificuldade em fazer entrar o ar em seus pulmões.

— O que quer dizer com isso, Frank?

— Vaga-lumes...

— Onde você está, Frank?

— Em toda parte. Em nenhum lugar.

— Não temos vaga-lumes no sul da Califórnia, Frank, portanto você deve estar em outro lugar. Pense, Frank. Olhe à sua volta agora e diga-me onde está.

— Em lugar nenhum.

Jackie fez mais algumas tentativas para fazer Frank descrever o ambiente que o cercava e ser mais específico quanto à natureza dos vaga-lumes, mas tudo em vão.

— Tire-o de onde está — disse Bobby.—Faça-o regredir mais.

Julie olhou para o gravador na mão de Clint e viu os canetéis girando por trás da tampa de plástico do gravador.

Com sua voz melódica e vibrante, em cadências sedutoramente rítmicas, Jackie ordenou a Frank para regressar além da escuridão cravejada de vaga-lumes.

Repentinamente, Frank disse:

— O que estou fazendo aqui?

Não se referia aos escritórios de Dakota & Dakota, mas ao lugar que Jackie Jaxx desenhara em sua mente.

— Por que aqui?

— Onde você está, Frank?

— A casa. O que estou fazendo aqui, por que vim aqui? Isto é loucura, eu não devia estar aqui.

— De quem é esta casa, Frank?—perguntou Bobby.

Como fora instruído a ouvir apenas a voz do hipnotizador, Frank não respondeu enquanto Jackie não repetiu sua pergunta.

Em seguida:

— A casa dela. É a casa dela. Ela está morta, é claro, há sete anos, mas

ainda é a casa dela, sempre será, a megera assombra a casa, não se pode destruir esse tipo de mal, não completamente, parte dele permanece pelos quartos onde ela viveu, em tudo que ela tocou.

— Quem era ela, Frank?

— Minha mãe.

— Sua mãe? Qual era o nome dela?

— Roselle. Roselle Pollard.

— É a casa na Pacific Hill Road?

— Sim. Olhe só, meu Deus, que lugar, que lugar sombrio, que lugar ruim. Será que as pessoas não vêem que é um lugar maligno? Não vêem que algo terrível vive aí? — Chorava. As lágrimas brilharam em seus olhos, depois escorreram pelas faces. O desespero distorcia sua voz. — Não podem ver o que existe aí dentro, o que vive aí dentro, o que se esconde e se multiplica aí dentro? Será que as pessoas são cegas? Ou será que simplesmente não querem ver?

Julie estava absorvida pela voz torturada de Frank e pela agonia que contraíra seu rosto na expressão angustiada de uma criança perdida e aterrorizada. Mas desviou os olhos dele e espreitou além do hipnotizador para ver se Bobby reagira às palavras “lugar ruim”.

Ele a fitava. A expressão aflita que turvava seus olhos azuis era prova suficiente de que a referência não lhe passara despercebida.

Do outro lado da sala, carregando um maço de folhas impressas, Lee Chen entrou, vindo da sala de recepção. Fechou a porta em silêncio. Julie colocou o dedo sobre os lábios e em seguida indicou-lhe o sofá.

Jackie falava apaziguadoramente com Frank, tentando acalmar o medo que o deixara petrificado.

De repente, Frank deixou escapar um grito de medo. Soou mais como um animal apavorado do que como um homem. Sentou-se ainda mais ereto. Tremia. Abriu os olhos, mas obviamente não via nada na sala; ainda estava em transe.

— Ah, meu Deus, ele está vindo, está vindo, as gêmeas devem ter-lhe dito quep estou aqui, ele está vindo!

O absoluto terror de Frank era tão puro e intenso que um pouco dele se transmitiu a Julie. Seu coração acelerou, e ela começou a respirar mais rápido, arquejando.

Tentando manter seu paciente suficientemente relaxado para ser cooperativo, Jackie disse:

— Acalme-se, Frank. Relaxe e acalme-se. Ninguém vai feri-lo. Nada de mal acontecerá. Fique calmo, relaxe, calma...

Frank sacudiu a cabeça.

— Não. Não, ele está vindo, está vindo, desta vez ele vai me pegar. Droga, por que voltei aqui? Por que voltei e lhe dei uma chance de me pegar?

— Relaxe agora.

— Ele está lá! — Frank tentou erguer-se, pareceu não encontrar as forças necessárias e fincou os dedos ainda mais fundo no acolchoamento de vinil dos braços da cadeira. — Está bem ali e ele está me vendo, ele está me vendo!

Bobby disse:

— Quem é ele, Frank? — e Jackie repetiu a pergunta.

— Candy. É Candy!

Quando lhe perguntaram novamente o nome da pessoa que temia, ele repetiu:

— Candy.

— O nome dele é Candy?

— Ele está me vendo!

Numa voz mais autoritária e veemente do que antes, Jackie disse:

— Você vai relaxar, Frank. Você vai ficar calmo e relaxar.

Mas Frank apenas ficou mais agitado. Começou a suar. Fixos em alguma coisa distante no tempo e no espaço, seus olhos pareciam desvairados. Seu terror arrastava-o a um incontrollável estado de pânico.

— Não tenho muito controle sobre ele—disse Jackie, preocupado. — Vou ter de trazê-lo de volta.

Bobby deslizou para a frente, para a ponta da cadeira.

— Não, ainda não. Dentro de um minuto, mas ainda não. Pergunte-lhe sobre este Candy. Quem é o sujeito?

Jackie repetiu a pergunta.

Frank disse:

— Ele é a morte.

Franzindo o cenho, Jackie disse:

— Esta não é uma resposta clara, Frank.

— Ele é a morte ambulante, é a morte viva, é meu irmão, filho dela, seu filho preferido, sua cria, e eu o odeio, ele quer me matar, lá vem ele!

Com um deplorável berro de pavor, Frank começou a erguer-se da cadeira.

Jackie ordenou-lhe que permanecesse onde estava.

Frank sentou-se relutantemente, mas seu terror apenas cresceu, porque ainda podia ver Candy caminhando em sua direção.

Jackie tentou trazê-lo de volta daquele lugar no passado, para o presente, fazendo-o sair daquele transe, mas em vão.

— Tenho de fugir agora, agora, agora — repetia Frank, descontrolado.

Julie estava com medo por ele. Nunca vira ninguém parecer mais patético e vulnerável. Estava banhado de suor, tremendo violentamente. Os cabelos haviam caído sobre a testa, diante dos olhos, mas isso não interferia com sua visão de terror que havia evocado do passado. Agarrou-se tão ferozmente aos braços da cadeira que uma unha de sua mão direita finalmente perfurou o forro de vinil.

— Tenho de sair daqui—repetia Frank, desesperado.

Jackie disse-lhe para ficar onde estava.

— Não, tenho de fugir dele!

Para Bobby, Jackie Jaxx disse:

— Isto nunca me aconteceu antes, perdi o controle sobre ele. Meu Deus, olhe para ele, tenho medo que ele sofra um ataque do coração.

— Vamos, Jackie, você precisa ajudá-lo — disse Bobby com veemência. Ele saiu de sua cadeira, agachou-se ao lado de Frank, colocando a mão sobre a de Frank para confortá-lo e tranquilizá-lo.

— Bobby, não faça isso — disse Clint, erguendo-se tão repentinamente que derrubou o gravador que tinha no colo.

Bobby não atendeu ao pedido de Clint, pois estava concentrado em Frank, que parecia se desfazer em pedaços diante deles. O sujeito era como uma caldeira com válvula de escape emperrada, cheia até a borda não com pressão de vapor mas com um terror insano. Bobby tentava acalmá-lo, onde Jackie falhara.

Por um instante Julie não compreendeu o que fizera Clint pôr-se de pé num salto. Mas percebeu que Bobby vira alguma coisa que o resto das pessoas não vira: sangue na mão direita de Frank. Bobby não colocara a mão dele sobre a de Frank meramente para oferecer-lhe consolo; ele tentava, o mais delicadamente possível, soltar a mão de Frank do braço da cadeira, porque Frank rasgara o vinil e se cortara, talvez repetidas vezes, em algum prego exposto ou uma tacha do estofamento.

— Ele está vindo, tenho de fugir! — Frank largou a cadeira, agarrou a mão de Bobby e pôs-se de pé, fazendo Bobby erguer-se com ele.

De repente, Julie compreendeu o que Clint temia e ela levantou-se tão depressa que derrubou sua cadeira.

— Bobby, não!

Em pânico diante da visão de seu irmão assassino, Frank gritou. Com um assobio como vapor escapando de uma locomotiva, ele desapareceu. E

levou Bobby com ele.

46

VAGA-LUMES EM UM VENDAVAL.

Bobby parecia estar flutuando no espaço, pois não tinha nenhuma sensação da posição de seu corpo, não sabia se estava deitado, sentado ou em pé, de costas ou de bruços, como se isento de peso num imenso vácuo. Não tinha nenhuma sensação de cheiro ou gosto. Não ouvia nada. Não sentia nem frio nem calor nem textura ou peso. A única coisa que podia ver era uma escuridão sem fim que parecia se estender aos confins do universo — e milhões e milhões de minúsculos vaga-lumes, efêmeros como fagulhas, que se aglomeravam à sua volta. Na verdade, não tinha certeza se os estava realmente vendo, pois não sabia se possuía olhos com os quais vê-los; era mais como se ele tivesse consciência da presença deles, não através dos sentidos comuns, mas através de alguma visão interior, os olhos da mente.

No começo, entrou em pânico. A extrema privação dos sentidos convenceu-o de que estava paralisado, sem sensibilidade em nenhum membro ou fração da pele, atingido por uma poderosa hemorragia cerebral, surdo, cego e preso para sempre num cérebro danificado que cortara todas as suas conexões com o mundo exterior.

Então, percebeu que estava locomovendo-se, não flutuando à deriva na escuridão como pensara no início, mas atravessando-a a toda velocidade, voando como um foguete a uma velocidade tremenda e assustadora. Percebeu que era arrastado como se fosse um botão voando em direção a algum aspirador de poeira cósmica e a toda sua volta os vaga-lumes giravam e volteavam. Era como estar num parque de diversões, num brinquedo tão grande e rápido que somente Deus poderia tê-lo criado para seu próprio prazer, embora não houvesse nenhum prazer nisso para Bobby enquanto ele girava na montanha-russa através de uma escuridão absoluta, tentando gritar. Atingiu o chão da floresta, de pé, cambaleou e quase caiu em cima de Frank, diante de quem se encontrava. Frank ainda agarrava dolorosamente sua mão.

Bobby estava desesperado por ar. Seu peito doía; seus pulmões pareciam ter encolhido. Inspirou fundo uma vez, outra vez, expirando ruidosamente.

Viu o sangue, que agora estava nas mãos de ambos. Uma imagem do estofamento rasgado atravessou sua mente. Jackie Jaxx. Bobby lembra-se.

Quando Bobby tentou se desvencilhar de seu cliente, Frank segurou-o com firmeza e disse:

— Aqui não. Não posso correr o risco. Perigoso demais. Por que estou aqui?

Impregnado do aroma de pinheiros, Bobby examinou a floresta primitiva que o cercava, imersa em sombras conforme o crepúsculo trazia a noite para o mundo. O ar era gélido e os galhos ouriçados das coníferas gigantes arqueavam-se sob o peso da neve, mas ele não viu nada assustador na paisagem.

Então, percebeu que Frank olhava para além dele. Virou-se e descobriu que estavam na beira da floresta. Uma pradaria coberta de neve estendia-se numa inclinação suave por trás deles. No topo, havia uma cabana de tocos de madeira, não um casebre rústico, mas uma estrutura elaborada que claramente mostrava a mão de um arquiteto, um retiro de férias para alguém com muito dinheiro. Um manto de neve cobria o telhado principal, outro estendia-se sobre o telhado da varanda, cada qual decorado com uma franja de pingentes de gelo que refletiam os últimos raios do sol frio. Nenhuma luz brilhava nas janelas. Nenhuma fumaça erguia-se de nenhuma das três chaminés. O lugar parecia deserto.

— Ele sabe a respeito deste lugar — disse Frank, ainda em pânico. — Eu o comprei sob outro nome, mas ele descobriu e veio aqui, quase me matou aqui, e provavelmente mantém o lugar monitorado, verificando-o regularmente, esperando me pegar de novo.

Bobby estava entorpecido menos pelo frio abaixo de zero do que pela compreensão de que se teletransportara de seu escritório para aquela encosta nas Sierras ou em alguma outra montanha. Finalmente encontrou sua voz e disse:

— Frank, o que...

Escuridão.

Vaga-lumes.

Velocidade.

Atingiu o solo rolando, bateu contra uma mesinha de centro e sentiu Frank soltar sua mão. A mesa virou, derrubando um jarro e outros objetos decorativos—e quebráveis — no assoalho de madeira.

Recebera uma boa pancada na cabeça. Quando ergueu-se nos joelhos e tentou se levantar, sentiu-se tonto demais para ficar de pé.

Frank já se levantara, olhando à sua volta, respirando com dificuldade.

— San Diego. Este aqui já foi meu apartamento. Ele descobriu. Tive de sair às pressas.

Quando Frank estendeu a mão para ajudar Bobby a levantar-se, Bobby inconscientemente aceitou sua mão, a que não estava ferida.

— Outra pessoa vive aqui agora — disse Frank. — Deve estar no trabalho, estamos com sorte.

Escuridão.

Vaga-lumes.

Velocidade.

Bobby viu-se de pé junto a um portão de ferro enferrujado entre duas pilastras de pedra, olhando para uma casa em estilo vitoriano, com o telhado da varanda arriado, balaústres quebrados e degraus soltos. A calçada estava rachada e desnivelada e o mato crescia no gramado abandonado. No entardecer, era a imagem que todo garoto tinha de uma casa verdadeiramente mal-assombrada e suspeitava que à luz do dia era pior ainda.

Frank exclamou em voz entrecortada:

— Meu Deus, não, aqui não!

Escuridão.

Vaga-lumes.

Velocidade.

Papéis caíam de uma pesada escrivaninha de mogno como se uma rajada de vento tivesse atravessado o aposento, embora o ar estivesse imóvel agora. Estavam num escritório forrado de livros com amplas janelas envidraçadas. Um homem idoso erguera-se de uma poltrona de couro de espaldar com orelhas. Usava calças de flanela cinza, camisa branca, um cardigã azul e um ar de surpresa.

Frank disse, estendendo a mão livre para o velho homem alarmado.

— Doc.

Escuridão.

Bobby concluiu que tudo estava sem peso e sem forma porque, naquele momento, ele não existia como uma entidade física coerente; não tinha olhos, ouvidos nem terminais nervosos com os quais sentir. Mas compreender não reduzia o seu temor.

Vaga-lumes.

Os milhões de minúsculos pontos de luz girando em turbilhão eram provavelmente partículas de átomos dos quais sua carne era composta, sendo conduzidas puramente pelo poder da mente de Frank.

Velocidade.

Estavam se teletransportando e o processo era provavelmente instantâneo, requerendo apenas microssegundos da dissolução física à

reconstituição, embora subjetivamente parecesse levar mais tempo.

Acasa em ruínas outra vez. Devia ser o lugar nas colinas ao norte de Santa Barbara. Estavam afastados do portão, junto à cerca viva que circundava a propriedade.

Frank deixou escapar um grito sufocado de terror no instante em que viu onde estava.

Bobby receava se deparar com Candy tanto quanto Frank, mas também temia Frank e teletransportar-se...

Escuridão.

Vaga-lumes.

Velocidade.

Desta vez eles não se materializaram com o equilíbrio e a estabilidade de sua chegada no escritório do homem idoso ou à casa descascada com o portão enferrujado, mas com a inépcia de sua intrusão no apartamento em San Diego. Bobby foi tropeçando por uma ladeira acima, ainda agarrado por Frank com tanta firmeza como se estivessem algemados e ambos caíram de joelhos na grama macia e bem aparada.

Bobby tentou freneticamente se desvencilhar de Frank. Mas Frank continuou segurando-o com uma força de super-homem e apontou para uma sepultura a apenas alguns metros diante deles. Bobby olhou em tomo e viu que estavam sozinhos num cemitério, onde árvores portentosas e palmeiras avultavam fantasmagoricamente na luz arroxeadada do crepúsculo.

— Ele era nosso vizinho — disse Frank.

Arquejando, impossibilitado de falar, ainda torcendo a mão na tentativa de escapar da mão de ferro de Frank, Bobby viu o nome NORBERT JAMES KOLREEN na pedra de granito.

— Ela o matou — disse Frank —, fez seu precioso Candy matá-lo simplesmente porque achou que ele foi indelicado com ela. Indelicado com ela! A louca.

Escuridão.

Vaga-lumes.

Velocidade.

O escritório recoberto de livros. O velho homem agora no vão da porta, olhando para eles.

Bobby sentia-se como se estivesse numa montanha-russa girando há horas em espiral, virando de cabeça para baixo em alta velocidade, inúmeras vezes, até não saber mais se estava realmente em movimento ou parado, enquanto o resto do mundo girava em redemoinho

à sua volta.

— Eu não deveria ter vindo aqui, Dr. Fogarty — disse Frank, preocupado. O sangue escorria de sua mão machucada, manchando uma parte verde-clara do tapete chinês. — Candy deve ter me visto na casa, deve estar tentando me seguir. Não quero trazê-lo até você.

— Frank, espere...

Escuridão.

Vaga-lumes.

Velocidade.

Estavam no quintal da casa arruinada, a uns dez metros dos degraus de uma varanda, tão dilapidados quanto os da frente da casa. Havia luzes nas janelas do primeiro andar.

— Quero ir embora, quero sair daqui — disse Frank.

Bobby esperava ser teletransportado imediatamente e contraiu-se à espera, mas nada aconteceu.

— Quero sair daqui — disse Frank outra vez. Quando não saltaram daquele lugar para outro, Frank praguejou, frustrado.

De repente, a porta da cozinha se abriu e uma mulher surgiu. Parou na soleira da porta e fitou-os. A luz mortiça, arroxeadada, do crepúsculo mal a revelava e a luz da cozinha recortava sua silhueta, mas não revelava nenhum detalhe de seu rosto. Se era uma ilusão causada pela estranha iluminação ou uma revelação precisa de suas formas, Bobby não sabia, mas assim delineada, ela apresentava uma figura fortemente erótica: como uma sífide, graciosamente esbelta e no entanto clara e generosamente feminina, um fantasma enevoadado que parecia ou vestida sumariamente ou nua e que transmitia um chamado de desejo sem emitir um único som. Havia uma forte sensualidade naquela mulher misteriosa que a tomava igual a uma sereia que levava navegantes a conduzirem seus navios contra rochas destruidoras.

— Minha irmã Violet — disse Frank com evidente medo e asco.

Bobby notou movimento em tomo de seus pés, um monte de sombras.

Elas desceram as escadas em bando, até o gramado, e ele viu que eram gatos. Seus olhos reluziam na escuridão.

Agarrava Frank com a mesma força com que ele o agarrava, porque agora temia largá-lo tanto quanto antes temera a contínua captura.

— Frank, tire-nos daqui.

— Não posso. Não tenho controle sobre isso, sobre mim mesmo.

Havia uma, duas dúzias de gatos, talvez mais. Quando saíram correndo da varanda e atravessaram os primeiros metros do gramado

abandonado, estavam silenciosos. Então, simultaneamente, gritaram, como se fossem uma única criatura. Seu uivo de raiva e fome instantaneamente curou Bobby de seu enjôo e fez seu estômago se contrair de terror.

— Frank!

Lamentou ter retirado seu coldre quando voltou ao escritório. Sua arma estava lá, sobre a mesa de Julie, sem nenhuma utilidade para ele, mas quando viu os dentes à mostra da horda que vinha em sua direção, concluiu que o revólver de qualquer forma não os faria parar, pelo menos não muitos deles.

O gato que estava mais próximo saltou...

Julie estava de pé junto à cadeira de sua escrivania, para onde fora levada, no centro da sala para a sessão de terapia por hipnose. Não conseguia se afastar dali porque era onde Bobby estava quando o vira pela última vez e era onde se sentia mais próxima dele.

— Quanto tempo já se passou?

Clint estava de pé a seu lado. Consultou o relógio.

— Menos de seis minutos.

Jackie Jaxx estava no banheiro, lavando o rosto com água fria. Ainda no sofá com um maço de folhas impressas, Lee Chen não estava tão relaxado quanto estivera há seis minutos e meio. Sua calma zen fora destruída. Segurava os papéis com as mãos, como se tivesse medo que fossem desaparecer de seu colo e seus olhos ainda estavam tão arregalados quanto no momento em que Frank e Bobby desapareceram.

Julie se sentia zozza de medo, mas estava determinada a não perder o autocontrole. Embora não parecesse haver nada que pudesse fazer para ajudar Bobby, podia surgir uma oportunidade de agir quando menos esperasse e ela queria estar calma e pronta.

— Ontem à noite, Hal disse que Frank retomou pela primeira vez cerca de dezoito minutos depois de desaparecer.

Clint assentiu.

— Então, ainda faltam doze minutos.

— Depois de seu segundo desaparecimento, levou horas para retornar.

— Ouça — disse Clint —, se eles não reaparecerem aqui em doze minutos, uma hora ou três horas, isso não significa que alguma coisa terrível tenha acontecido a Bobby. Não ocorre sempre da mesma forma.

— Eu sei. O que mais me preocupa é a maldita grade da cama.

Clint não disse nada.

Sem conseguir manter a voz inalterada, ela disse:

— Frank nunca mais a trouxe de volta. O que terá acontecido a ela?

— Ele vai trazer Bobby de volta — disse Clint — Não vai deixar Bobby lá aonde quer que tenham ido.

Queria poder acreditar nisso.

Escuridão.

Vaga-lumes.

Velocidade.

A chuva caía em torrentes mornas, como se Bobby e Frank tivessem se materializado sob uma queda-d'água. Fez suas roupas grudarem na pele instantaneamente. Não havia absolutamente nenhum vento, como se o enorme peso e ferocidade da tormenta tivesse apagado o vento como se fosse uma fogueira; o ar estava carregado e úmido. Haviam viajado o suficiente em volta do globo terrestre para terem deixado o crepúsculo para trás; o sol estava lá em cima em algum lugar por trás da placa metálica de nuvens cinzentas.

Dessa vez, estavam estendidos de lado, de frente um para o outro, como dois bêbados que tivessem disputado uma queda-de-braço e houvessem caído de seus bancos no assoalho do bar, onde ainda estavam com as mãos presas uma na outra. No entanto, não estavam em um bar, mas em meio a uma luxuriante floresta tropical: samambaias, plantas verde-escuras, de folhagens firmes e profundamente crenuladas; trepadeiras viçosas rastejando pelo chão, com folhas tão grossas quanto jujubas e frutos da cor da polpa da tangerina.

Bobby desvencilhara-se de Frank com um puxão e desta vez seu cliente deixou-o escapar. Pôs-se de pé atabalhoadamente e afastou a vegetação escorregadia, esponjosa e aderente.

Não sabia para onde estava indo nem se importava. Simplesmente tinha de colocar alguma distância entre ele e Frank, distanciar-se do perigo que Frank agora representava para ele. Estava perplexo com o que acontecera, atordoado com as novas experiências que precisava analisar e às quais tinha de se adaptar antes de seguir em frente.

Em meia dúzia de passos, ele irrompeu da mata tropical para uma extensão de terra escura, cuja natureza no começo não conseguiu discernir. A chuva caía não em gotas e nem em lençóis d'água, mas em cascatas cinza-pérola, ensurdecedoras e que reduziam drasticamente a visibilidade; também fazia seus cabelos escorrerem sobre os olhos, o que não ajudava. Imaginou que algumas pessoas, sentadas à janela em salas aconchegantes, deviam até ver beleza na tormenta, mas havia chuva demais, uma inundação; chocava-se contra a terra e a vegetação com um rugido

dissonante que ameaçava ensurdecê-lo. A chuva não só o exauria, mas o deixava irritado e com uma raiva irracional, como se estivesse sendo açoitado não pela chuva, mas por saliva, grandes escarros de catarro, como se o rugido fosse na verdade as vozes combinadas de milhares de espectadores cobrindo-o de insultos e outros desaforos. Avançou aos tropeções pelo solo estranhamente empapado — não lamacento, mas empapado — à procura de alguém para culpar pela chuva, alguém com quem gritar, alguém para sacudir e talvez até dar um soco. Em seis ou oito passos, entretanto, viu as ondas quebrando na praia em um tumulto de espuma branca e compreendeu que estava numa praia de areia negra. Essa constatação deixou-o paralisado.

— Frank! — gritou e quando se voltou para olhar para trás, viu que Frank o seguia, alguns passos atrás e curvado, como se fosse um velho incapaz de eigner-se sob a força da chuva, ou como se sua espinha tivesse sido enveigada por toda aquela umidade.

— Frank, diabos, onde estamos?

Frank parou, endireitou um pouco as costas, eigneu a cabeça e piscou com ar idiota.

— O quê?

Eiguendo ainda mais a voz, Bobby gritou acima do tumulto:

— Onde estamos?

Apontando para a esquerda de Bobby, Frank indicou uma estrutura enigmática, encoberta pelo manto de chuva, que assomava como um antigo templo de uma religião havia muito desaparecida, talvez a uns trinta metros, mais abaixo, ao longo da praia.

— Posto salva-vidas!

Apontou em outra direção, mais acima na praia, indicando uma grande construção de madeira consideravelmente distante de onde estavam, mas menos misteriosa porque seu tamanho a tomava mais fácil de ser vista.

— Restaurante. Um dos mais populares da ilha.

— Que ilha?

— A ilha grande.

— Que ilha grande?

— Havaí. Estamos na praia de Punaluu.

— Aonde Clint deveria me trazer — disse Bobby.

Riu, mas era um riso estranho, descontrolado, que o assustou, fazendo-o parar.

Frank disse:

— A casa que comprei e abandonei fica lá. — Indicou a direção de onde

vieram.—Dá para um campo de golfe. Eu adorava o lugar. Fui feliz ali por oito meses. Então, ele me encontrou. Bobby, temos de sair daqui.

Frank deu alguns passos em direção a Bobby, saindo da área empapada para um local da praia onde a areia era mais compacta.

— Fique onde está — ordenou Bobby quando Frank estava a uns dois metros de distância. — Não se aproxime mais.

— Bobby, precisamos ir agora, imediatamente. Não posso teletransportar-me exatamente quando desejo. Acontece quando acontece, mas pelo menos temos de sair desta parte da ilha. Ele sabe que vivi aqui. Conhece esta área. E ele pode estar nos seguindo.

A raiva incontável de Bobby não foi apaziguada pela chuva; tomava-se cada vez mais incandescente.

— Seu filho-da-mãe mentiroso.

— É verdade, acredite — disse Frank, obviamente surpreso com a veemência de Bobby. Estavam suficientemente próximos agora para conversarem sem gritar, mas Frank ainda falava mais alto do que o normal para ser ouvido acima da turbulência do dilúvio.—Candy veio aqui atrás de mim e ele estava pior do que eu jamais o vira, mais horrível, mais maligno. Entrou na minha casa com um bebê, uma criancinha que pegara em algum lugar, de apenas alguns meses, ele provavelmente matara os pais. Ele cravou os dentes na garganta da pobre criança, Bobby, depois riu e ofereceu-me seu sangue, insultou-me com ele. Ele bebe sangue, sabe, ela ensinou-o a beber sangue, e ele agora delicia-se com isso, viceja com isso. E quando eu não quis juntar-me a ele na gaiganta do bebê, ele atirou-o a um canto como se descarta uma lata vazia de cerveja, e veio em minha direção, mas eu viajei.

— Não quis dizer que estivesse mentindo sobre ele. — Uma onda quebrou-se mais perto da praia do que as outras, banhando os pés de Bobby e deixando fugazes vestígios rendados de espuma na areia preta. — Quero dizer que você mentiu para nós sobre sua amnésia. Você se lembra de tudo. Sabe exatamente quem você é.

— Não, não. — Frank sacudia a cabeça e fazia gestos de negação com as mãos.—Eu não sabia. Era um vazio. E talvez seja um vazio outra vez quando eu parar de viajar e ficar parado em algum lugar.

— Mentira! — exclamou Bobby.

Inclinou-se, encheu as mãos de areia preta e molhada e atirou-a em Frank numa fúria cega, mais dois punhados de areia encharcada, depois mais dois. Começou a perceber que estava se comportando como uma criança num acesso de raiva.

Frank esquivava-se da areia molhada, mas aguardou pacientemente até que Bobby parasse.

— Esse não é seu modo de agir — disse, quando Bobby finalmente parou.

— Vá para o inferno!

— Sua raiva é totalmente desproporcionada em relação a qualquer coisa que imagine que eu tenha lhe feito.

Bobby sabia que era verdade. Enquanto limpava as mãos cobertas de areia preta na camisa e tentava recuperar o fôlego, começou a compreender por que estava com raiva não de Frank, mas do que Frank representava para ele. Caos. O teletransporte era um brinquedo de parque de diversões onde os monstros e perigos não eram ilusórios, onde a constante ameaça de morte devia ser levada a sério, onde não havia regras, nenhuma verdade em que se pudesse confiar, onde em cima era embaixo e dentro era fora. Caos. Haviam cavalgado no lombo de um touro chamado Caos e Bobby ficara completamente aterrorizado.

— Você está bem? — perguntou Frank.

Bobby assentiu.

Havia mais do que medo envolvido. Em um nível mais profundo do que o intelecto e mesmo do que o instinto, talvez tão profundo quanto a

própria alma, Bobby se sentira ofendido por aquele caos. Até agora ele não havia percebido a poderosa necessidade que tinha de estabilidade e ordem. Sempre se considerara um espírito livre que se regozijava com a mudança e o inesperado. Mas agora via que tinha limites a isso e que, na verdade, sob a atitude despreocupada que às vezes adotava, batia o metódico coração de um conservador amante da estabilidade. Repentinamente compreendeu que sua paixão por suíngues tinha origens que jamais suspeitara: os ritmos e melodias elegantes e complexos das grandes orquestras atraíam sua superfície *bebop* e o secreto perseguidor da ordem que habitava seu coração. Não era de admirar que gostasse dos desenhos de Disney, onde o Pato Donald podia fazer loucuras e o Mickey podia se engalfinhar com Pluto, mas onde a ordem sempre triunfava no final. Não era para ele o universo caótico dos Looney Tunes da Warner Brothers, onde a razão e a lógica raramente conquistavam mais do que uma vitória temporária.

— Desculpe-me, Frank—disse finalmente.—Dê-me um segundo. Este certamente não é o local adequado para isso, mas estou tendo uma iluminação.

— Ouça, Bobby, por favor, estou lhe dizendo a verdade. Evidentemente,

posso me lembrar de tudo quando viajo. O próprio fato de viajar derruba a parede que bloqueia minha memória, mas tão logo eu paro de viajar, a parede se eigue outra vez. Acho que faz parte da degeneração que estou sofrendo. Ou talvez seja apenas uma necessidade desesperada de esquecer o que me aconteceu no passado, o que está me acontecendo agora e que sem dúvida irá me acontecer nos próximos dias.

Embora nenhum vento tivesse se eiguído, algumas das ondas agora eram maiores, avançando sobre a praia. Batiam nas pernas de Bobby e, ao recuarem, enterravam seus pés na areia escura.

Esforçando-se para se explicar, Frank disse:

— Viajar não é fácil para mim, como o é para Candy. Ele pode controlar aonde quer ir e quando. Pode viajar se assim o decidir, virtualmente apenas desejando estar em algum lugar, como você sugeriu que eu pudesse fazer. Mas eu não posso. Meu dom de teletransportar-me não é realmente um dom, mas uma maldição. — Sua voz embargou-se. — Eu sequer sabia que podia fazê-lo até sete anos atrás, no dia em que aquela megera morreu. Todos nós que viemos de seu ventre somos amaldiçoados,

não podemos fugir a isso. Pensei que, matando-a, pudesse escapar de alguma forma, mas isso não me libertou.

Depois dos acontecimentos da última meia hora, Bobby achava que nada podia surpreendê-lo, mas ficou peiplexo com a confissão que Frank acabava de fazer. Aquele homem patético, de olhos tristes, sardento, de expressão cômica e roliço não parecia um provável matricida.

— Você matou sua própria mãe?

— Não se preocupe com ela. Não temos tempo para ela. — Frank olhou para trás, em direção à mata de onde haviam saído, e para ambos os lados da praia, mas ainda estavam sozinhos sob a tempestade. — Se você a tivesse conhecido, se tivesse sofrido sob suas mãos—disse Frank, a voz trêmula de raiva —, se soubesse das atrocidades de que era capaz, você teja apanhado um machado e a golpeado também.

— Você pegou um machado e golpeou sua mãe quarenta vezes? — Aquele som estranho explodiu de Bobby outra vez, uma risada tão dissonante quanto aquela chuva, mas não tão cálida e, novamente, assustou-se consigo mesmo.

— Descobri que podia teletransportar-me quando Candy me acuou num canto e veio me matar por eu tê-la assassinado. E é só assim que consigo teletransportar-me, quando é uma questão de sobrevivência.

— Ninguém o estava ameaçando à noite passada no hospital.

— Bem, veja, quando começo a viajar durante o sono, acho que talvez

esteja tentando escapar de Candy em um sonho, o que desencadeia o teletransporte. Viajar sempre me acorda, mas depois não consigo parar, fico saltando de um lugar para o outro, às vezes permanecendo ali por alguns segundos, às vezes por uma hora ou mais, e está fora do meu controle, como se eu estivesse sendo lançado de um lado ao outro dentro de um maldito fliperama cósmico. Isso me deixa exausto. Está me matando. Você pode ver como está me matando.

A persistência ansiosa de Frank e o nigrir inexorável, entorpecedor da chuva aplacaram a raiva de Bobby. Ele ainda estava com um pouco de medo de Frank, do potencial de caos que Frank representava, mas já não estava zangado.

— Anos atrás — disse Frank —, os sonhos começaram a me fazer viajar talvez uma noite por mês, mas gradativamente a frequência aumentou, até que nas últimas semanas tem acontecido quase toda vez que adormeço. E quando finalmente terminarmos em seu escritório ou onde

quer que este episódio chegue ao fim, você se lembrará de tudo que nos aconteceu, mas eu não. E não somente porque eu queira esquecer, mas porque o que você suspeitava é verdade: eu nem sempre estou me recompondo sem erros.

— Sua confusão mental, perda de capacidade intelectual, amnésia, são sintomas desses erros.

— Sim. Tfenho certeza que há reconstruções displicentes e danificação de células toda vez que viajo, nada dramático em uma única viagem, mas os efeitos são cumulativos e estão se acelerando. Mais cedo ou mais tarde vão se tomar críticos, e eu morrerei ou sofrerei uma estranha mistura biológica, lê-lo procurado em busca de ajuda foi inútil, por melhor que você seja no que faz, porque ninguém pode me ajudar. Ninguém.

Bobby já chegara a essa conclusão, mas ainda estava curioso.

— O que há com sua família, Frank? Seu irmão tem o poder de fazer aquele cano se desintegrar à sua volta, o poder de fazer explodir aquelas lâmpadas da ma e ele pode se teletransportar. E que negócio era aquele com os gatos?

— Minhas irmãs, as gêmeas, ela têm essa afinidade com os gatos.

— Como todos vocês possuem essas habilidades? Quem foi sua mãe, seu pai?

— Não temos tempo para isso agora, Bobby. Mais tarde. Tentarei explicar mais tarde. — Estendeu a mão ferida, que ou parara de sangrar ou fora lavada do sangue pela chuva. — Posso saltar para longe daqui a qualquer momento e você ficaria perdido.

— Não, obrigado — disse Bobby, esquivando-se da mão de seu cliente. — Pode me chamar de chato, mas prefiro uma companhia aérea. — Bateu no bolso da calça.—Tenho minha carteira, cartões de crédito. Posso estar de volta a Orange County amanhã e não preciso correr o risco de chegar lá com minha orelha esquerda onde meu nariz deveria estar.

— Mas Candy provavelmente vai nos seguir, Bobby. Se estiver aqui quando ele aparecer, ele o matará.

Bobby voltou-se para a direita e começou a caminhar na direção do restaurante distante.

— Não tenho medo de ninguém chamado Candy.

— É melhor ter — disse Frank, agarrando seu braço e fazendo-o parar.

Desvencilhando-se com um safanão, como se o contato com seu cliente fosse equivalente a contrair a peste bubônica, Bobby disse:

— De qualquer modo, como ele poderia nos seguir?

Quando Frank, com ar preocupado, examinou novamente a praia, Bobby percebeu que por causa da chuva torrencial e os ruídos das vagas ao fundo, eles podiam não ouvir os delatores sons de flauta que os avisaria da chegada iminente de Candy.

Frank disse:

— Às vezes, quando ele toca em alguma coisa que você tocou recentemente, ele vê uma imagem sua na mente dele e às vezes pode ver aonde você foi depois de ter largado o objeto, e ele pode segui-lo.

— Mas eu não toquei em nada lá na casa.

— Você ficou de pé no gramado dos fundos.

— Edaí?

— Se ele puder encontrar o lugar onde a grama está pisada, descobrir onde estávamos, ele pode colocar os dedos sobre a grama e nos ver, ver este lugar, e vir atrás de nós.

— Pelo amor de Deus, Frank, você faz esse sujeito parecer sobrenatural.

— Ele é quase isso.

Bobby quase disse que correria o risco com o irmão Candy, apesar de seus magníficos poderes. Então, lembrou-se do que os Phans haviam lhe dito sobre os brutais assassinatos da família Farrís. Também se lembrou da família Roman, seus corpos brutalizados queimados para ocultar as gaigantas dilaceradas pelos dentes de Candy. Lembrou-se do que Frank lhe dissera sobre Candy oferecendo-lhe o sangue fresco de um bebê vivo, constatou o terror irrestrito nos olhos de Frank naquele mesmo instante e pensou no inexplicável sonho profético que tivera sobre o “mal”. Finalmente, disse:

— Está bem, se ele aparecer e se você pode fugir daqui antes de ele nos matar, então estarei melhor em sua companhia. Segurarei sua mão, mas só até chegarmos ao restaurante, chamarmos um táxi e nos dirigirmos ao aeroporto. — Agarrou a mão de Frank com relutância. — Assim que sairmos desta área, eu soltarei sua mão.

— Está bem. Combinado — disse Frank.

Apertando os olhos conforme a chuva açoitava seus rostos, dirigiram-se ao restaurante. O prédio, a cerca de 150 metros, parecia feito de

madeira acinzentada, maltratada pelo tempo e muitas vidraças. Bobby achou ter visto luzes indistintas no lugar, mas não tinha certeza; as amplas janelas eram sem dúvida escurecidas, o que filtrava qualquer fração de luz que já não estivesse oculta pelos véus de chuva.

Cada terceira ou quarta onda que quebrava era agora muito maior do que as anteriores; avançava mais sobre a praia e agitava-se em tomo de suas pernas com força suficiente para fazê-los perder o equilíbrio. Passaram para a faixa de areia mais alta, afastando-se da arrebentação, mas a areia era muito mais macia ali; fazia seus sapatos afundarem e tomava o progresso mais difícil.

Bobby pensou em Lisa, a recepcionista loura dos Laboratórios Palomar. Imaginou-a caminhando pela praia naquele mesmo instante, dando um passeio loucamente romântico sob a chuva moma com algum sujeito que a trouxera às ilhas, imaginou seu rosto quando o avistou caminhando pela praia de areia negra de mãos dadas com outro homem, traindo Clint.

Dessa vez sua risada não tinha uma ponta de terror.

Frank disse:

— O quê?

Antes mesmo que Bobby pudesse começar a explicar, viu que alguém realmente vinha na direção deles pela chuva ofuscante. Era uma figura escura, não Lisa, um homem, e estava a apenas trinta metros de distância.

Não estava lá há poucos instantes.

— Éele — disse Frank.

Mesmo a distância, o sujeito parecia grande. Viu-os e de imediato voltou-se diretamente para eles.

Bobby disse:

— Tire-nos daqui, Frank.

— Não posso fazer isso sob comando. Você sabe disso.

— Então vamos correr—disse, tentando puxar Frank pela praia, em

direção à torre de salva-vidas abandonada e o que quer que estivesse além dela.

Mas, depois de arrastar-se alguns passos pela areia, Frank parou e disse:

— Não, não posso, não tenho forças. Vou ter de rezar para sair daqui a tempo.

Ele parecia mais do que sem forças. Parecia semimorto.

Bobby voltou-se em direção a Candy outra vez e viu o irmão maligno caminhando pesadamente pela areia macia e encharcada com muito mais desenvoltura do que eles o haviam feito, mas ainda assim com dificuldade.

— Por que ele simplesmente não se teletransporta de lá para cá num *flash* e nos domina?

O horror de Frank diante de seu vingador cada vez mais próximo era tão completo que parecia ter perdido a fala. Entretanto, as palavras vieram ásperas, com respirações curtas:

— Pequenos saltos, a menos de cem metros, não são possíveis. Não sei por quê.

Talvez se a viagem fosse muito curta, a mente tinha uma fração de segundo menos do que o tempo mínimo necessário para desmontar e reconstruir completamente o corpo. Não importava qual a razão. Mesmo que não pudesse teletransportar-se pela faixa de areia que ainda os separava, Candy iria alcançá-los dentro de poucos segundos.

Ele estava a apenas trinta metros de distância e aproximando-se, um homem enorme, com um pescoço largo o suficiente para sustentar um carro equilibrado sobre a cabeça e músculos que lhe dariam vantagem numa queda-de-braço com um robô industrial de quatro toneladas. Seus cabelos louros eram quase brancos. Unha um rosto largo, duro, de traços bem definidos — e tão cruel quanto o rosto de um daqueles garotos pré-psicóticos que gostam de atear fogo a formigas e testar os efeitos de ácido nos cachorros da vizinhança. Avançando pela tempestade, levantando areia preta e molhada a cada passo, ele se parecia menos a um homem do que a um demônio com uma fome voraz por almas humanas.

Segurando a mão de seu cliente com força, Bobby disse:

— Frank, pelo amor de Deus, vamos sair daqui.

Quando Candy estava perto o suficiente para Bobby ver olhos azuis tão desvairados e cruéis quanto os de uma cobra cascavel enfurecida, ele soltou um rugido de triunfo. Lançou-se sobre eles.

Escuridão.

Vaga-lumes.

Velocidade.

A luz fraca da manhã filtrava-se de um céu claro para uma estreita passagem entre dois prédios decadentes, em ruínas, tão deteriorado com os anos que era impossível determinar de que material suas paredes foram construídas. Bobby e Frank estavam de pé, com lixo até os joelhos, atirado das janelas dos prédios de dois andares e ali deixados em decomposição

num entulho fétido que emanava vapores como um monte de adubo. Sua chegada mágica assustara uma colônia de baratas que fugiram em disparada, fazendo com que enxames de grandes moscas pretas levantassem vôo de seu café da manhã. Vários ratos luzidios postaram-se em suas traseiras para ver o que havia aterrissado no meio deles, mas eram ousados demais para se deixarem amedrontar.

Os cortiços em ambos os lados tinham algumas janelas completamente abertas para fora, algumas cobertas com o que parecia ser papel parafinado, nenhuma com vidro. Embora não houvesse ninguém à vista, ouviam-se vozes provenientes de dentro dos velhos cômodos: uma risada aqui; uma troca de desaforos acolá; uma cantoria, como um mantra, filtrando-se baixinho do segundo edifício à direita. Tudo numa língua estrangeira, com a qual Bobby não estava familiarizado, embora suspeitasse que pudessem estar na Índia, talvez em Bombaim ou Calcutá.

Por causa do insuportável mau cheiro, que fazia o odor de um matadouro parecer um novo perfume de Calvin Klein, e por causa das moscas com seu zumbido insistente e exibindo um grande interesse em uma boca aberta e narinas, Bobby não conseguia recuperar o fôlego. Engasgou-se, colocou a mão livre sobre a boca, ainda assim não conseguiu respirar e percebeu que iria desmaiar, caindo de cara na sujeira putrefata e nauseante.

Escuridão.

Vaga-lumes.

Velocidade.

Num lugar de calma e silêncio, raios do sol da tarde filtravam-se entre ramos de mimosa e salpicavam o chão com luz dourada. Estavam sobre uma pequena ponte vermelha oriental em um lago artificial num jardim japonês, onde **bonsais** esculturais e outras plantas meticulosamente podadas posicionavam-se entre caminhos de cascalhos cuidadosamente varridos com ancinho.

— Ah, sim — disse Frank com uma mistura de encanto, prazer e alívio.

— Eu também vivi aqui durante algum tempo.

Estavam sozinhos no jardim. Bobby compreendeu que Frank sempre se materializava em locais escondidos onde fosse improvável ser visto no ato de se materializar, ou em circunstâncias — como no meio de um aguaceiro — que praticamente garantiam que mesmo um local público como uma praia estaria convenientemente deserta. Claro que, além da

inimaginavelmente exaustiva tarefa de desfazer-se-viajar-reconstruir-se, sua mente também era capaz de averiguar o caminho à frente e escolher um local discreto de chegada.

Frank disse:

— Fui o mais duradouro hóspede que já tiveram. É uma estalagem tradicional japonesa nos arredores de Kyoto.

Bobby percebeu que ambos estavam totalmente secos. Suas roupas estavam amarrotadas, precisando de um ferro de passar, mas quando Frank os desfez no Havaí, ele não teletransportou as moléculas de água que haviam saturado suas roupas e cabelos.

— Foram tão gentis aqui — disse Frank. — Respeitavam minha privacidade, e no entanto eram muito atenciosos e gentis. — Falava de modo saudoso e absolutamente exausto, como se quisesse encerrar sua viagem ali mesmo, ainda que parar significasse morrer nas mãos do seu irmão.

Bobby ficou aliviado de ver que Frank também não trouxera com eles nada da sujeira da estreita viela em Calcutá ou onde quer que fosse. Seus sapatos e calças estavam limpos.

Então, notou algo na ponta de seu sapato direito. Inclinou-se para ver o que era.

— Quisera poder ficar aqui — disse Frank. — Para sempre.

Uma das baratas da viela imunda agora fazia parte do sapato de Bobby. Uma das maiores vantagens de ser seu próprio patrão era a liberdade de não usar gravatas e sapatos desconfortáveis de modo que estava usando, como sempre, um par de macios sapatos, e a barata não estava meramente presa no couro escuro, mas ouriçada dele e misturada com ele. A barata não se mexia, obviamente morta, mas estava lá, ou pelo menos parte dela, alguns pedaços aparentemente tendo ficado para trás.

— Mas temos de continuar fugindo — disse Frank, indiferente à barata. — Ele está tentando nos seguir. Temos de deixá-lo perdido se...

Escuridão.

Vaga-lumes.

Velocidade.

Estavam num lugar alto, uma trilha rochosa, com um panorama incrível abaixo.

— Monte Fuji—disse Frank, não como se soubesse para onde iam, mas como se estivesse agradavelmente surpreso de se achar lá. — Mais ou menos na metade do caminho.

Bobby não se mostrava interessado na paisagem exótica nem preocupado com o ar frio. Estava inteiramente absorto na descoberta de que a barata já não mais fazia parte da ponta de seu sapato.

— Os japoneses um dia acharam que o monte Fuji era sagrado. Acho que ainda pensam assim, pelo menos alguns deles. E pode-se ver por quê. É magnífico.

— Frank, o que aconteceu com a barata?

— Que barata?

— Havia uma barata misturada ao couro deste sapato. Eu a vi quando estávamos lá no jardim. Evidentemente, você a trouxe daquela viela imunda. Onde ela está agora?

— Não sei.

— Você simplesmente deixou seus átomos para trás no caminho?

— Não sei.

— Ou seus átomos ainda estão comigo, mas em outro lugar?

— Bobby, eu simplesmente não sei.

Na mente de Bobby, formara-se a imagem de seu próprio coração, escondido na cavidade escura de seu peito, batendo com o mistério de todos os corações, mas com um novo segredo próprio — as pernas eriçadas e a carcaça brilhante de uma barata embutida no tecido do músculo que formavam as paredes do átrio ou de um ventrículo.

Podia haver um inseto dentro dele e, ainda que a criatura estivesse morta, sua presença dentro de seu corpo era intolerável. Um ataque de entomofobia acometeu-o com a força equivalente à de um golpe de martelo no estômago, tirando o ar de seus pulmões, enviando ondas de náusea pelo seu corpo. Esforçou-se para respirar, ao mesmo tempo lutando para não vomitar no solo sagrado do monte Fuji.

Escuridão.

Vaga-lumes.

Velocidade.

Desta vez, aterrissaram com mais força, como se tivessem se materializado no ar e tivessem caído a uma pequena distância do chão. Não conseguiram se manter ligados um ao outro, nem conseguiram cair de pé. Separado de Frank, Bobby rolou por um pequeno declive, sobre

pequenos objetos que chocalhavam e estalavam sob seu corpo, espetando-o doloro-

samente. Quando por fim parou, arquejante e amedrontado, estava com o rosto junto a um solo cinzento, quase tão empoeirado quanto cinzas. Espalhados à sua volta, brilhando intensamente contra o fundo cinza, viam-se centenas, se não milhares, de diamantes vermelhos brutos.

Erguendo a cabeça, viu que os mineiros de diamantes estavam lá em números assustadores: dezenas de enormes insetos exatamente iguais ao que haviam levado a Dyson Manfred. Tomado, como estava, por um pânico absoluto, Bobby achou que cada um daqueles insetos olhava fixamente para ele, todos aqueles olhos multifacetados voltados para ele, todas aquelas pernas de tarântulas arrastando-se pelo solo de pó cinza em sua direção.

Sentiu alguma coisa rastejando em suas costas, compreendeu do que se tratava e rolou sobre si mesmo, prendendo a criatura entre ele e o chão. Sentiu-a esperneando furiosamente sob seu corpo. Impulsionado pela repulsa, viu-se de repente em pé, sem sequer se lembrar como se levantara. O inseto ainda agarrava-se às costas de sua camisa; podia sentir seu peso, o avanço rápido de suas pernas da nuca para a cabeça. Estendeu a mão, aganou-o, gritou de nojo ao senti-lo espernear contra sua mão e atirou-o o mais longe possível.

Ouviu-se respirando descontroladamente e emitindo sons estranhos e curtos, de medo e desespero. Não gostava do que ouvia, mas não conseguia calar-se.

Sentiu um gosto ruim na boca. Deduziu que ingerira um pouco do pó do solo. Cuspiu, mas sua saliva parecia limpa e ele compreendeu que fora o gosto do próprio ar o que sentira. O ar quente era pesado, não exatamente úmido, mas espesso, diferente de tudo que já experimentara antes. E, além do gosto amargo, possuía um cheiro inconfundivelmente diferente, mas igualmente desagradável, como leite azedo com uma pitada de enxofre.

Voltando-se, inspecionando o terreno, viu que estava numa cratera rasa, com cerca de um metro e vinte de profundidade no ponto mais fundo e cerca de trinta metros de diâmetro. As paredes em declive eram marcadas por buracos a espaços regulares, uma fileira dupla, e mais dos insetos desenvolvidos pela bioengenharia contorciam-se para dentro de alguns buracos, saíam de outros, sem dúvida procurando — e trazendo — diamantes.

Como a cratera tinha apenas um metro e vinte de profundidade, ele podia ver acima da borda. Através da imensa e deserta região

plana, ligeiramente inclinada, onde a depressão se encontrava, ele viu o que pareciam ser centenas de depressões similares, como crateras de meteoro suavizadas pelo tempo, embora estivessem a espaços tão regulares que tinham de ser artificiais. Ele estava no centro de uma gigantesca operação de mineração.

Chutando um inseto que se aproximara, Bobby voltou-se para olhar a última parte do ambiente que o cercava. Frank estava lá, do outro lado da cratera, apoiado nas mãos e nos joelhos. Bobby sentiu-se aliviado ao vê-lo, mas definitivamente assustou-se com o que viu no céu além do local onde Frank estava.

A lua era visível em plena luz do dia, mas não como a lua diáfana que às vezes podia ser vista no céu claro. Era uma esfera com manchas cinza-amareladas seis vezes o tamanho normal, assomando portentosa-mente acima da terra, como se estivesse prestes a colidir com o mundo mais amplo em tomo do qual deveria estar girando a uma respeitável distância.

Mas isso não era o pior. Uma nave enorme e de aparência estranha pairava em silêncio a uma altura de cerca de 150 metros, tão estranha sob todos os aspectos que fez com que Bobby compreendesse o que até agora lhe passara despercebido. Ele não estava mais em seu próprio mundo.

— Julie — disse, porque, de repente, percebeu o quanto estava terrivelmente longe dela.

Do outro lado da cratera, quando se levantava, Frank Pollard desapareceu.

Enquanto O DIA escurecia e sobrevinha a noite, Thomas permanecia junto à janela, sentava-se em sua cadeira ou estendia-se na cama, às vezes tentando alcançar o Mal para ter certeza de que ele não estava se aproximando. Bobby estava preocupado quando veio visitá-lo, de modo que

Thomas também estava preocupado. Sentia um bolo de medo na garganta, mas o engolia porque tinha de ser corajoso e proteger Julie.

Não se aproximou tanto do Mal quanto à noite passada. Não suficientemente perto para deixar que ele o agarrasse com sua mente. Não suficientemente perto para deixar que ele o seguisse quando ele rapidamente rebobinava o próprio fio do pensamento de volta à clínica. Mas perto. Muito mais perto do que agradava a Thomas.

Toda vez que ele se aproximava do Mal para se certificar de que ele ainda estava lá, em algum lugar ao norte, que era o seu lugar, sabia que o Mal sentia espreitando. Isso aterrorizava Thomas. O Mal sabia que ele estava bisbilhotando, mas nada fazia e, às vezes, Thomas sentia que talvez o Mal estivesse aguardando como um sapo.

Um dia, no jardim aos fundos da clínica, Thomas observava um sapo sentado absolutamente imóvel por um longo tempo, enquanto uma vistosa borboleta amarela, bonita e rápida, pulava de folha em folha, de flor em flor, de um lado para o outro, em círculos, perto do sapo, depois não tão perto, depois mais perto ainda, depois fora de alcance, depois perto outra vez, como se estivesse desafiando o sapo, mas o sapo não se mexia, nem um centímetro, como se fosse um sapo de mentira ou simplesmente uma pedra que se parecia a um sapo. Assim, a borboleta sentia-se segura, ou talvez simplesmente gostasse do jogo, e ela se aproximou ainda mais. *Wham!* A língua do sapo projetou-se como um daqueles apitos de enrolar que distribuíam na noite do Ano-Novo e pegou a borboleta, e o sapo verde comeu a borboleta, inteira, e assim terminou o jogo.

Se o Mal estava se fingindo de sapo, Thomas iria ser bem cauteloso para não brincar de borboleta.

Então, exatamente quando Thomas decidiu que estava na hora de ir tomar banho e trocar de roupas para o jantar, exatamente quando ia se afastar do Mal, ele partiu para outro lugar. Sentiu-o partir, como um estalo, ali num segundo e muito distante no próximo, para além de onde

podia vigiá-lo, para o outro lado do mundo, para o mesmo lugar onde o sol levava a última luz do dia. Não entendia como ele podia ir tão depressa, a menos, talvez, que estivesse num avião a jato, apreciando uma boa comida e um vinho fino, sorrindo para moças bonitas de uniforme que colocavam pequenos travesseiros no encosto do assento do Mal e davam-lhe revistas e sorriam-lhe tanto que se esperava que fossem beijá-lo como

todo mundo estava sempre se beijando na tevê. Sim, isso mesmo, talvez um avião a jato.

Thomas tentou mais um pouco encontrar o Mal. Depois, quando o dia já se fora e a noite se instalara completamente, desistiu. Saiu da cama e aprontou-se para o jantar, desejando que o Mal tivesse partido para nunca mais voltar, esperando que Julie estivesse a salvo para sempre e desejando que tivessem bolo de chocolate na sobremesa.

Bobby disparou pela cratera semeada de diamantes, chutando os insetos em seu caminho. Enquanto corria, dizia a si mesmo que seus olhos o haviam enganado e que sua mente estava lhe pregando peças de mau gosto, que Frank não se teletransportara realmente dali sem ele. Mas quando chegou ao local onde Frank estivera encontrou apenas pegadas no pó do solo.

Uma sombra encobriu-o e ele eixeu os olhos conforme a aeronave alienígena deslizava com o silêncio de um dirigível sobre a cratera, parando por completo diretamente acima dele, ainda a cerca de 150 metros de altitude. Não se parecia a espaçonaves de filmes, nem possuía aspecto orgânico ou de um disco voador. Tinha a forma de um losango, com pelo menos 150 metros de comprimento e talvez sessenta de diâmetro. Imenso. Nas pontas, nos lados e em cima, ouriçava-se com centenas, se não milhares, de pontudos espinhos de metal preto, do tamanho de pontas de torres de igreja, o que o fazia parecer-se um pouco a um porco-espinho mecânico numa postura permanentemente defensiva. A parte de baixo, que Bobby melhor podia ver, era lisa, preta e sem traços distintos, isenta não só dos espinhos maciços, como de quaisquer marcas, sensores remotos, portinholas, escotilhas e todos os demais aparatos que se podia esperar.

Bobby não sabia se o reposicionamento da nave era coincidência ou se ele estava sob observação. Se estava sendo vigiado, não queria pensar na natureza das criaturas que deviam estar espreitando-o e certamente não queria considerar quais poderiam ser suas intenções em relação a ele. Para cada filme que apresentava um adorável alienígena capaz de

transformar as bicicletas das crianças em veículos aéreos, havia dez outros onde os extraterrestres eram vorazes devoradores de seres humanos com disposição tão maléfica que fazia um *maitre* em Nova York pensar duas vezes antes de ser grosseiro, e Bobby tinha certeza que isto era uma coisa que

Hollywood fizera direito. O universo era hostil lá fora e lidar com seus semelhantes já era suficientemente assustador para ele; não precisava fazer contato com uma raça inteiramente nova que inventara suas próprias e incontáveis crueldades.

Além do mais, sua capacidade para terror já estava cheia até à borda, transbordando; não podia absorver mais nada. Estava abandonado num mundo distante, onde o ar — começava a suspeitar — devia conter oxigênio e outros gases necessários apenas o suficiente para mantê-lo vivo por um curto espaço de tempo, insetos do tamanho de gatinhos rastejavam à sua volta, havia a possibilidade de que um inseto morto muito menor estivesse na verdade fundido com o tecido de um de seus órgãos internos e um gigante louro psicopata com poderes sobrenaturais e um apetite para sangue estava em seu encalço — e a possibilidade era de bilhões para um de que jamais voltasse a ver Julie, beijá-la, tocá-la ou vê-la sorrir.

Uma série de vibrações pulsantes, tremendas, foram emitidas pela nave e sacudiram o chão em tomo de Bobby. Seus dentes chocalharam e ele quase caiu.

Procurou um lugar onde se esconder. Não havia nada na cratera que pudesse fornecer um abrigo e nenhum lugar para onde correr na planície deserta.

As vibrações cessaram.

Mesmo na profunda sombra lançada pela nave, Bobby viu uma horda de insetos idênticos começar a se arrastar para fora dos buracos nas paredes da cratera, um atrás do outro. Havia sido chamados.

Embora não houvesse nenhuma abertura aparente na parte de baixo da nave, uma dezena ou mais de raios *laser* de baixa energia— amarelos, brancos, azuis e vermelhos — começaram a brincar sobre o chão da cratera. Cada raio tinha o diâmetro de uma moeda de um dólar de prata e cada qual se movia independentemente dos outros. Como focos de luz, varriam repetidas vezes a cratera e tudo que nela havia, às vezes movendo-se paralelamente, às vezes cruzando-se, numa demonstração que desorientou Bobby ainda mais e deu-lhe a sensação de que estava preso no meio de um espetáculo de fogos de artifício silenciosos.

Lembrou-se do que Manfred e Gavenall haviam lhe dito sobre as marcas vermelhas ao longo da borda da carcaça da criatura e ele viu que os raios **laser** brancos focalizavam-se somente nos insetos, diligentemente varrendo as marcações em tomo de cada carcaça. Seus donos estavam

fazendo a chamada. Viu um raio branco remexer-se sobre o corpo quebrado de um dos insetos que ele chutara e, após alguns instantes, um raio vermelho uniu-se a ele no exame da carcaça. Em seguida, o raio vermelho saltou para Bobby e dois outros raios de tonalidades diferentes também focalizaram-se nele, como se ele fosse uma lata de ervilhas sendo identificada e acrescentada à conta de alguém no caixa de um supermercado.

O chão da cratera agora pululava de insetos, tantos que Bobby não podia ver nem o solo cinza nem os diamantes excretados sobre os quais eles trepavam. Disse a si mesmo que não eram insetos de verdade; eram apenas máquinas biológicas, criadas pela mesma raça que construía a nave que pairava acima deles. Mas isso não ajudava em nada porque eles ainda se pareciam mais a insetos do que a máquinas. Haviam sido projetados para extrair diamantes; não estavam absolutamente interessados nele; mas seu desinteresse não o fazia se sentir melhor, porque sua fobia garantia que ele estava interessado neles. Sua pele esfriada pela sombra ficou arrepiada. Terminais nervosos de curto-circuito alvoroçavam-se com falsos informes de criaturas rastejando sobre ele, de modo que ele se sentia como se os insetos o cobrissem dos pés à cabeça. Estavam na verdade subindo em seus sapatos, mas nenhum deles tentava subir pelas suas pernas; sentiu-se aliviado, pois tinha certeza que enlouqueceria se comesçassem a subir nele.

Usou a mão como uma viseira sobre os olhos, para evitar ser ofuscado pelos **lasers** que brincavam sobre ele. Viu alguma coisa brilhando nos raios a apenas alguns poucos passos dele: uma parte curva do que parecia ser um tubo oco de metal. Projetava-se do pó do solo, parcialmente enterrado, ainda mais escondido pelos insetos que corriam e se agitavam em tomo dele. Entretanto, à primeira vista, Bobby soube do que se tratava e foi tomado por uma horrível sensação de desmaio. Avançou arrastando os pés, tentando não esmagar nenhum daqueles insetos porque, ao que sabia, a penalidade alienígena pela destruição adicional de propriedade podia ser a incineração instantânea. Quando conseguiu alcançar o metal reluzente, agarrou-o e retirou-o do chão macio. Era a grade que desaparecera da cama do hospital.

— Quanto tempo?—quis saber Julie.

— Vinte e um minutos — disse Clint.

Ainda estavam junto à cadeira onde Frank estivera sentado e ao lado da qual Bobby se agachara.

Lee Chen saíra do sofá, para que Jackie Jaxx pudesse se deitar. O mágico-hipnotizador colocara uma toalha úmida sobre a testa. A cada dois minutos ele protestava que na verdade não podia fazer pessoas desaparecerem, embora ninguém o tivesse acusado de ser responsável pelo que acontecera a Frank e Bobby.

Tendo retirado uma garrafa de uísque, copos e gelo de um pequeno bar do escritório, Lee Chen servia seis doses puras, uma para cada pessoa na sala, bem como uma para Frank e outra para Bobby.

— Se vocês não precisam de um drinque para acalmar os nervos agora — dissera Lee —, vão precisar para comemorar quando eles voltarem sãos e salvos.

Ele mesmo já tomara uma dose de um só gole. O que servia agora, seria o seu segundo drinque. Esta fora a primeira vez em sua vida que tomara uma bebida forte — ou que precisara dela.

— Quanto tempo?—perguntou Julie.

— Vinte e dois minutos — disse Clint.

E eu ainda estou no meu juízo normal, pensou admirada. Bobby, desgraçado, volte para mim. Não me deixe sozinha para sempre. Como vou dançar sozinha? Como vou viver sozinha? Como vou viver?

Bobby soltou a grade da cama e os raios *laser* apagaram-se, deixando-o na sombra da nave espinhosa, que parecia mais escura do que antes de os raios suigirem. Quando ergueu os olhos para ver o que iria acontecer em seguida, uma nova luz projetou-se da parte de baixo da nave, fraca demais para fazê-lo estreitar os olhos. Esta era do diâmetro exato da cratera. Naquela claridade estranha e perolada, os insetos começaram a se erguer do solo como se não tivessem peso. No começo, somente dez ou vinte começaram a flutuar para cima, mas depois outras vinte e uma centenas depois delas, erguendo-se lentamente, sem nenhum esforço, como inúmeras penugens de dente-de-leão, girando lentamente, as pernas imóveis, os olhos sem aquela luz estranha, como se tivessem sido desligados. Em um ou dois minutos o chão da cratera ficou despovoado de insetos, enquanto a horda era atraída para cima naquele silêncio sepulcral que acompanhava todas as manobras da aeronave exceto pelas vibrações que haviam atraído os insetos mineradores para fora de buracos.

Então, o silêncio foi quebrado por um goijeio de flauta.

— Frank! — Bobby gritou de alívio, voltando-se quando uma rajada de vento fétido varreu-o.

Quando o som surdo e frio ecoou pela cratera outra vez, houve uma súbita mudança na tonalidade da luz que vinha da nave acima dele. Agora, milhares de diamantes vermelhos erguiam-se do solo de cinzas onde jaziam e seguiam os insetos para cima, brilhando às vezes opacamente, às vezes intensamente, tantos que a Bobby parecia estar sob uma chuva de sangue.

Um novo redemoinho de ar fétido levantou uma nuvem de poeira cinzenta do solo, reduzindo a visibilidade, e Bobby voltou-se na ansiosa expectativa da chegada de Frank. Até lembrar-se que poderia não ser Frank, mas seu irmão.

O som de flauta foi ouvido pela terceira vez e a subsequente baforada de ar carregou a poeira para longe dele, permitindo que visse Frank materializar-se a menos de três metros de onde estava.

— Graças a Deus!

Quando Bobby avançou, a luz perolada passou por uma segunda mudança sutil. Estendendo a mão para pegar a de Frank, sentiu-se totalmente sem peso. Ao olhar para baixo, viu seus pés erguendo-se do chão da cratera.

Ambos estavam sendo içados no rastro dos insetos e dos diamantes, em direção à parte de baixo da nave alienígena, em direção a só Deus sabe que pesadelo em seu interior.

Escuridão.

Vaga-lumes.

Velocidade.

Estavam na praia de Punaluu outra vez e a chuva caía mais forte do que antes.

— Que diabo de lugar era aquele afinal?—perguntou Bobby, ainda firmemente agarrado a seu cliente.

— Não sei — disse Frank. — Aquele lugar me deixa apavorado, é tão estranho, mas às vezes eu me sinto atraído para lá.

Odiava Frank por tê-lo levado para lá; amava Frank por ter voltado para pegá-lo. Quando gritou acima do ruído da chuva, não havia ódio nem amor em sua voz, apenas algo beirando a histeria:

— Pensei que você só pudesse viajar para lugares onde já esteve.

— Não necessariamente. De qualquer forma Já estive lá antes.

— Mas como chegou lá da primeira vez? É um outro mundo, não podia lhe ser familiar, certo, Frank?

— Não sei. Eu simplesmente não compreendo nada do que acontece, Bobby.

Embora estivesse cara a cara com Frank, Bobby levou algum tempo para perceber o quanto o aspecto do sujeito se deteriorara desde que se teletransportaram dos escritórios de Dakota & Dakota em Newport Beach. Embora a tempestade mais uma vez os tivesse encharcado em segundos e deixado suas roupas pendendo sem forma, não era apenas a chuva que o fazia parecer desalinhado, cansado e doente. Seus olhos estavam mais fundos do que nunca; a parte branca estava amarelada, como se tivesse contraído icterícia e o tecido da pele em tomo deles estava tão roxo e escuro que parecia ter pintado em si mesmo uma falsa máscara negra com graxa de sapato. Sua pele estava indescritivelmente pálida, um cinza cadavérico, e seus lábios azulados, como se o sistema circulatório estivesse falhando. Bobby sentiu-se culpado por ter gritado com ele, de modo que colocou a mão livre sobre o ombro de Frank e pediu-lhe desculpas, que estava tudo bem, que ainda estavam lutando do mesmo lado naquela guerra e que tudo acabaria bem — contanto que Frank não os levasse de volta àquela cratera.

Frank disse:

— Às vezes, é quase como se eu estivesse em contato com as mentes daquelas pessoas, criaturas, o que quer que exista naquela nave.

Apoiavam-se um no outro agora, testa contra testa, buscando apoio mútuo em sua exaustão.

— Talvez eu tenha outro dom que desconheça, como o fato de durante toda a minha vida eu não saber que era capaz de teletransportar-me até Candy encurralar-me num canto e tentar me matar. Talvez eu seja um pouco telepático. Talvez o comprimento de onda em que minha telepatia funciona seja o principal comprimento de onda da atividade cerebral 1 daquela raça. Talvez eu os sinta lá, mesmo através de bilhões de anos-luz de espaço. Talvez seja por isso que eu sinta como se fosse atraído para eles, chamado para eles.

Afastando-se alguns centímetros de Frank, Bobby olhou dentro de seus olhos atormentados por um longo instante. Em seguida, sorriu, apertou a bochecha de Frank e disse:

— Seu danado, você realmente andou meditando sobre isso, hein? Realmente pôs a massa cinzenta para trabalhar em cima disso, não?

Frank sorriu.

Bobby riu.

Logo ambos estavam rindo, apoiando-se um no outro para se manterem

em pé e parte de seu riso era saudável, um alívio de tensão, mas parte era aquele riso tresloucado que perturbara Bobby anteriormente. Agarrando-se a seu cliente, ele disse:

— Frank, sua vida é um caos, você está vivendo no caos, e não pode continuar assim. Isso vai destruí-lo.

— Eu sei.

— Você tem de encontrar um modo de parar com isso.

— Não há nenhuma maneira.

— Você precisa tentar, rapaz, precisa tentar. Ninguém pode aguentar isso. Eu não poderia viver assim nem um dia e você o tem feito por sete anos!

— Não. Não era tão mim assim. Só ultimamente, nos últimos meses, é que se acelerou.

— Alguns meses — disse Bobby, admirado. — Droga, se não enganarmos logo seu irmão e voltarmos ao escritório, parando com essa ciranda nos próximos minutos, juro por Deus que vou sucumbir. Preciso saber que o que eu fizer hoje vai determinar onde estou e quem eu sou e o que terei de fazer amanhã. Uma progressão perfeitamente ordenada, Frank, causa e efeito, lógica e razão.

Escuridão.

Vaga-lumes.

Velocidade.

— Quanto tempo?

— Vinte e sete, quase vinte e oito minutos.

— Onde eles estão afinal?

— Julie — disse Clint —, acho que você devia se sentar. Está tremendo como uma folha, sua cor não está nada boa.

— Estou bem.

Lee Chen entregou-lhe um copo de uísque.

— Tome um drinque.

— Não.

— Pode ajudar—disse Clint

Agarrou o copo da mão de Lee, esvaziou-o em dois longos goles e enfiou-o em sua mão outra vez.

— Vou preparar-lhe outro — disse.

— Obrigada.

Do sofá, Jackie Jaxx disse:

— Ouçam, alguém vai me processar por causa disso?

Julie já não simpatizava com o hipnotizador. Detestava-o como o

detestara da primeira vez em que o conheceram em Vegas e aceitaram seu caso. Unha vontade de ir até lá dar-lhe um pontapé. Embora soubesse que a necessidade de chutá-lo fosse irracional, que ele não fora realmente a causa do desaparecimento de Bobby, queria chutá-lo ainda assim. Este era seu lado impulsivo, o lado pavio curto de que não se orgulhava. Mas nem sempre conseguia controlá-lo, porque fazia parte de sua constituição genética ou, como Bobby suspeitava, uma predileção por reações violentas que começara a se formar nela no dia, em sua infância, quando um sociopata drogado assassinara brutalmente sua mãe. De um modo ou de outro, sabia que Bobby às vezes ficava assombrado com aquele seu lado negro, mesmo amando tudo o mais nela, de forma que fez um acordo tanto com Bobby quanto com Deus: Ouça, Bobby, onde quer que esteja — e o Senhor ouça também, Deus —, se tudo isso terminar bem, se eu puder ter meu Bobby de volta para mim, não serei mais assim, não vou mais querer chutar Jackie ou nenhuma outra pessoa, vou virar uma página nova em minha vida, juro que o farei, apenas faça com que meu Bobby volte para mim são e salvo.

Estavam numa praia outra vez, mas esta era de areias brancas, ligeiramente fosforescente no crepúsculo. A faixa de areia desaparecia numa neblina razoavelmente densa em ambas as direções. Não chovia e o ar não estava tão quente quanto em Punaluu.

Bobby estremeceu com o ar frio e úmido:

— Onde estamos?

— Não tenho certeza—disse Frank —, mas acho que provavelmente estamos em alguma parte da península de Monterey. — Um carro passou numa auto-estrada a cem metros atrás deles. — Aquela provavelmente é a Seventeen Mile Drive. Conhece? A estrada que começa em Carmel, atravessa Pebble Beach...

— Conheço.

— Adoro a península, Big Sur ao sul—disse Frank.—É outro dos lugares onde fui feliz durante algum tempo.

Suas vozes eram estranhamente abafadas pelo nevoeiro. Bobby gostava do chão firme sob seus pés e da ideia de que não só estava em seu próprio planeta, mas em seu próprio país e em seu próprio estado; mas ele teria preferido um lugar com detalhes mais concretos, onde a neblina não ocultasse a paisagem. A cegueira branca da névoa era outra forma de caos e ele já acumulara desordem suficiente para o resto de sua vida.

Frank disse:

— Ah, aliás, quando estávamos lá no Havaí há um minuto, você estava

preocupado em despistar Candy, mas não precisa ficar preocupado. Nós o perdemos a várias paradas antes, em Kyoto, ou talvez nas encostas do monte Fuji.

— Pelo amor de Deus, se não temos que nos preocupar em atraí-lo para o escritório, vamos voltar para casa.

— Bobby, eu não tenho...

— Nenhum controle. Sim, eu sei, já ouvi, não é nenhum segredo. Mas vou lhe dizer uma coisa: você tem um certo nível de controle, lá no fundo de seu subconsciente, mais controle do que você acha que tem.

— Não. Eu...

— Sim. Porque você voltou àquela cratera para me buscar—disse Bobby. — Você me disse que detesta o lugar, que é mais assustador do que qualquer outro onde tenha estado, mas você voltou e me pegou. Não me deixou lá com a grade da cama.

— Foi por puro acaso que eu voltei.

— Não acredito.

Escuridão.

Vaga-lumes.

Velocidade.

Fizeram soar o suave e bonito sinal bing-bong, porque era assim que diziam a todos na clínica que faltavam apenas dez minutos para a hora do jantar.

Derek já atravessara a porta quando Thomas se levantou de sua cadeira. Derek gostava de comida. Todos gostavam de comida, é claro. Mas Derek gostava de comida suficiente para três pessoas.

Thomas alcançou a porta e Derek já estava lá embaixo no corredor, andando depressa naquele seu modo engraçado, quase chegando ao refeitório. Thomas voltou-se para olhar para a janela.

A noite estava na janela.

Não gostava de ver a noite na janela, razão pela qual em geral mantinha as cortinas cerradas depois que a luz se ia do mundo. Mas depois de ter-se aprontado para o jantar, tentara encontrar o Mal lá fora e ajudara-o um pouco olhar a escuridão quando tentava enviar um fio mental através da noite.

O Mal estava ainda tão distante que não podia ser sentido. Mas quis tentar mais uma vez antes de ir comer e Ser Sociável. Projetou-se mentalmente pela janela, para a escuridão no alto, desenrolando o fio da mente em direção ao lugar onde o Mal costumava estar — e ele havia voltado. Sentiu-o de imediato, soube que ele também o sentiu e lembrou-se

do sapo verde comendo a saltitante borboleta amarela. Recolheu-se a seu quarto mais depressa do que uma língua de sapo poderia capturá-lo.

Não sabia se devia ficar contente ou com medo por ele estar de volta. Quando ele se fora, Thomas sentiu-se feliz, porque talvez ele ficasse longe por muito tempo, mas também ficou um pouco amedrontado porque, quando ele desapareceu, Thomas não sabia para onde ele fora.

Ele estava de volta.

Aguardou no vão da porta por alguns instantes.

Depois foi comer. Havia galinha assada. Batatas fritas. Cenouras e ervilhas. Salada de repolho. Havia pão feito em casa e diziam que haveria bolo de chocolate e sorvete de sobremesa, embora os que o diziam eram imbecis e não se podia ter certeza. Tudo parecia bom, saboroso e com um cheiro gostoso. Mas Thomas continuava pensando no gosto que a borboleta teria para o sapo e não conseguiu comer muito bem.

Saltando como duas bolas atreladas uma à outra, viajaram para um terreno baldio em Las Vegas, onde um vento frio do deserto fez um rolo de ervas daninhas passar rolando por eles e onde Frank disse que um dia morara numa casa que agora já fora demolida; para aquela cabana no topo nevado de uma montanha, para onde se teletransportaram da primeira vez após

abandonarem o escritório; para o cemitério em Santa Barbara; para o topo do templo asteca nas luxuriantes selvas mexicanas, onde o ar úmido da noite estava repleto de mosquitos zumbindo e dos gritos de animais desconhecidos, e onde Bobby quase caiu da face em terraços da pirâmide do templo quando percebeu a que altura se encontravam e precariamente empoleirados; para os escritórios de Dakota & Dakota...

Estavam saltando de um lugar para o outro tão rápido, permanecendo em cada lugar por um espaço de tempo tão breve — na verdade, mais breve a cada parada —, que por um instante ele ficou parado em um dos cantos de seu próprio escritório, piscando estupidamente, antes de perceber onde estava e o que tinha a fazer. Arrancou sua mão da mão de Frank e disse:

— Pare agora, pare aqui!

Mas Frank evaporou-se enquanto Bobby ainda dizia-lhe para parar.

Um segundo depois, Julie estava sobre ele, abraçando-o com tanta força que machucou suas costelas. Ele abraçou-a também e beijou-a por um longo tempo antes de procurar recuperar o fôlego. Seus cabelos tinham um cheiro gostoso e sua pele um cheiro mais doce do que ele se lembrava. Seus olhos eram mais brilhantes do que sua memória lhe permitia recordar, e mais bonitos.

Embora por natureza não fosse muito sentimental, Clint colocou a mão sobre o ombro de Bobby.

— Meu Deus, é bom revê-lo, é bom tê-lo de volta. — Sua voz estava até embargada. — Ficamos preocupados.

Lee Chen entregou-lhe um copo de uísque.

— Não faça isso de novo, está bem?

— Não pretendo — disse Bobby.

Não mais o apresentador seguro e de maneiras suaves, Jackie Jaxx já tivera o suficiente por uma noite.

— Ouça, Bobby, tenho certeza de que o que quer que você tenha a nos contar é fascinante e você provavelmente voltou com uma porção de piadas de salão, onde quer que tenha estado, mas eu não quero ouvi-las.

— Piadas de salão? — disse Bobby.

Jackie sacudiu a cabeça.

— Não quero ouvi-las. Sinto muito. A culpa é minha, não é sua.

Gosto do *show biz* porque é uma vida limitada, sabe? Uma fatia muito fina do mundo real, mas excitante porque tudo são cores vivas e música barulhenta. No *show biz*, você não tem de pensar, você pode simplesmente ser. Eu só quero ser, sabe, atuar, sair por aí, me divertir. Eu tenho opiniões, é claro, opiniões extravagantes e espalhafatosas a respeito de tudo, opiniões do *show biz*, mas eu não sei nada e não quero saber nada e certamente não quero saber o que aconteceu aqui esta noite, porque é o tipo de coisa que coloca seu mundo de pernas para o ar, deixa-o curioso, faz você pensar e logo você não se sente mais feliz com todas as coisas que o faziam feliz antes. — Ergueu as mãos, como se quisesse evitar qualquer argumento. — Vou cair fora daqui. — E assim o fez no instante seguinte.

No começo, enquanto contava aos outros o que lhe acontecera, Bobby caminhava lentamente pela sala, admirando-se com objetos comuns, encontrando um encanto especial nas coisas mundanas, apreciando a solidez de tudo. Colocou a mão sobre a escrivaninha de Julie e pareceu-lhe que nada no mundo era mais admirável do que a simples fórmica—todas aquelas moléculas de produtos químicos feitos pelo homem alinhadas em uma ordem estável e perfeita. As gravuras emolduradas dos personagens de Disney, a mobília barata, a garrafa de uísque pela metade, as plantas viçosas numa estante junto à janela — todas essas coisas de repente tomaram-se preciosas para ele.

Estivera viajando apenas 35 minutos. Levou quase o mesmo tempo para contar-lhes uma versão condensada. Saltara do escritório às 4:47

e retomara às 5:26, mas viajara o suficiente — via teletransporte ou de qualquer outro modo — para o resto de sua vida.

No sofá, com Julie, Clint e Lee reunidos à sua volta, Bobby disse:

— Quero ficar aqui mesmo na Califórnia. Não preciso ver Paris. Não preciso ver Londres. Não preciso mais. Quero ficar onde tenho minha cadeira predileta, dormir todas as noites numa cama familiar...

— Pode ter certeza de que dormirá — interveio Julie.

— ...dirigir meu pequeno Samurai amarelo, abrir o armário de remédios onde o Anacin, a pasta de dentes, o colutório, o lápis adstringente, o Bactine e os Band-Aids estão exatamente onde deveriam estar.

Às seis e quinze Frank não reaparecera. Durante o relato da aventura de Bobby, ninguém mencionara o segundo desaparecimento de Frank, nem indagara em voz alta quando ele retomaria. Mas todos olhavam

continuamente para a cadeira de onde ele desaparecera na primeira vez e para o canto da sala de onde ele se desmaterializara pela segunda vez.

— Quanto tempo devemos ficar aqui esperando por ele? — finalmente perguntou Julie.

— Não sei — disse Bobby. — Mas tenho um pressentimento, um pressentimento muito ruim, de que talvez Frank não recupere o controle de si mesmo desta vez, de que ele vai simplesmente continuar saltando de um lugar para o outro, cada vez mais rápido, até que mais cedo ou mais tarde já não possa se reconstituir outra vez.

Quando chegou diietamente do Japão na cozinha da casa de sua mãe, Candy estava fervendo de raiva e quando viu os gatos sobre a mesa, onde ele fazia suas refeições, sua raiva transformou-se numa violenta fúria. Violet estava sentada numa cadeira junto à mesa; sua sempre silenciosa irmã estava em outra cadeira a seu lado, apoiando-se nela. Havia gatos sob suas cadeiras e em tomo de seus pés, além de cinco dos maiores sobre a mesa, comendo pedacinhos de presunto que Violet lhes fornecia.

— O que está fazendo? — quis saber.

Violet não o recebeu nem com uma palavra, nem com um olhar. Seus olhos estavam fixos naquele mestiço cinza-escuro, sentado tão ereto quanto uma estátua de um gato de um templo egípcio, pacientemente beliscando alguns pedacinhos da carne oferecida em sua palma branca.

— Estou falando com você — disse ele asperamente, mas ela não reagiu.

Estava cansado de seus silêncios, cansado de seu modo infinitamente estranho. Se não fosse pela promessa que fizera a sua mãe, teria dilacerado Violet ali mesmo e bebido seu sangue. Muitos anos haviam-se passado desde que provara o néctar das veias de sua santa mãe e ele sempre achara que o sangue de Violet e Verbina era, de certa forma, o mesmo sangue que

fluía em Roselle. Imaginava — e às vezes sonhava — como deveria ser o gosto do sangue das irmãs, que sabor teria em sua língua.

Assomando ameaçadoramente junto a ela, olhando para baixo enquanto ela continuava a comungar com o gato cinza, ele disse:

— É aí que eu como, droga!

Violet continuou em silêncio, e Candy deu um tapa em sua mão, derrubando os pedacinhos de presunto restantes. Também atirou longe o prato de presunto que estava sobre a mesa e sentiu uma imensa satisfação com o barulho que fez ao se espatifar no chão.

Os cinco gatos que estavam sobre a mesa não ficaram nem um pouco assustados com sua fúria e os que estavam no chão continuaram imperturbáveis pelo retinir dos cacos de louça.

Por fim, Violet virou a cabeça, inclinou-a para trás e olhou para Candy.

Ao mesmo tempo que sua dona, os gatos sobre a mesa viraram a cabeça para olhá-lo desdenhosamente também, como se quisessem que ele

compreendesse a honra especial que lhe concediam pelo simples fato de dirigir-lhe a atenção.

Essa mesma atitude era aparente no desdém de Violet e no débil sorriso que erguia os cantos de seus lábios polpudos. Mais de uma vez ele achara seu olhar direto fulminante e desviara-se, abalado e confuso. Certo de que era seu superior em todos os aspectos, ficava perplexo com sua infalível habilidade em derrotá-lo ou forçá-lo a um recuo apressado apenas com um olhar.

Mas dessa vez seria diferente. Nunca estivera tão furioso como agora, nem mesmo sete anos atrás, quando encontrara o corpo ensangüentado, fendido, de sua mãe e compreendera que o machado fora brandido por Frank. Estava mais furioso agora porque aquela raiva antiga nunca fora aplacada; alimentara-se de si mesma todos esses anos e da humilhação de repetidamente fracassar em pôr as mãos em Frank quando as oportunidades surgiam. Agora era uma bÍlis negra que corria em suas veias, banhava os músculos de seu coração e nutria as células de seu cérebro onde visões j de vingança eram desovadas em profusão.

Recusando-se a se intimidar com seu olhar, ele agarrou seu braço fino e sacudiu-a violentamente, fazendo-a levantar-se.

Verbina emitiu um som baixo, lastimoso, por ter sido separada de sua irmã, como se fossem irmãs siamesas, pelo amor de Deus, como se o tecido da carne tivesse sido rasgado e ossos partidos.

Aproximando seu rosto do de Violet, salpicou-a de saliva ao falar:

— Nossa mãe tinha um gato, apenas um, ela gostava das coisas limpas e arrumadas, não iria aprovar esta bagunça, esses seus animais fedorentos.

— Que diferença faz — disse Violet num tom de voz ao mesmo tempo desinteressado e zombeteiro. — Ela está morta.

Agarrando-a pelos braços, ele eigueu-a do chão. A cadeira atrás dela caiu quando ele a arrastou dali. Atirou-a contra a porta da despensa com tanta força que o barulho pareceu o de uma explosão, chocalhando as janelas soltas da cozinha e algumas travessas sujas numa bancada próxima. Ele teve a satisfação de ver seu rosto se contorcer de dor e seus olhos I rolares para trás, quase desmaiando com o golpe. Se a tivesse atirado contra a porta com um pouco mais de força, poderia ter quebrado sua espinha dorsal. Enfiou os dedos cruelmente na carne branca de seus braços, afastou-a da porta e atirou-a contra ela outra vez, embora não com tanta força quanto da primeira vez, apenas deixando claro que poderia ter sido mais forte, que poderia ser mais forte da próxima vez se ela o contrariasse.

Sua cabeça pendeu para a frente, enquanto ela se equilibrava no limite da consciência. Sem esforço, ele segurou-a contra a porta, com os pés um palmo acima do chão, como se ela não pesasse nada, e assim forçando-a a considerar sua força incrível. Esperou que ela se recobrasse.

Ela estava tendo dificuldade em respirar e, quando finalmente parou de arquejar e ergueu a cabeça para encará-lo, ele esperava ver uma Violet diferente. Nunca batera nela antes. Uma linha fatídica fora atravessada, a qual ele nunca esperara ultrapassar. Com a promessa que fizera à mãe na mente, mantivera as irmãs a salvo do mundo exterior em geral perigoso, dera-lhes comida, mantivera-as aquecidas no frio e frescas no calor, secas quando chovia, mas ano após ano ele desempenhara seus deveres de irmão com crescente frustração, perplexo com seu despudor e misterioso comportamento. Agora percebia que castigá-las era parte natural do ato de protegê-las; lá no céu, sua mãe provavelmente perdera a esperança de que ele viesse um dia a perceber a necessidade de disciplina. Graças à sua raiva, encontrara a iluminação. Era bom machucar um pouco Violet, apenas o suficiente para fazê-la recobrar o bom senso e evitar que caísse numa crescente espiral de decadência e sensualidade animal a que se rendera. Unha certeza que estava agindo certo ao castigá-la. Esperou, ansioso, que ela erguesse a cabeça e o fitasse, pois tinha certeza que haviam iniciado um novo relacionamento e que a compreensão dessas profundas mudanças seria evidente em seus olhos.

Finalmente, respirando quase de forma normal, ela levantou a cabeça e fitou Candy nos olhos. Para sua surpresa, nada da sua própria iluminação atingira sua irmã. Seus cabelos quase brancos de tão louros haviam caído sobre seu rosto, e ela olhava-o através deles, como um animal selvagem espreitando através de sua juba alvoroçada pelo vento. Em seus olhos azuis glaciais, ele percebeu algo mais estranho e mais primitivo do que qualquer coisa que já tivesse visto. Umalicienciosidade exultante. Apetites indescritíveis. Desejo. Embora a irmã tivesse se machucado quando ele a atirou contra a porta da despensa, um sorriso brincava novamente em seus lábios carnudos. A irmã abriu a boca, e ele sentiu seu hálito quente contra o rosto quando ela disse:

— Você é tão forte. Até os gatos gostam da sensação de suas mãos fortes sobre mim e Verbina também.

Ele tomou consciência de suas longas pernas nuas. A leveza do tecido de suas calcinhas. A maneira como sua camiseta vermelha se erguera e deixara o ventre à mostra. O volume de seus seios fartos, que pareciam ainda mais fartos por causa da esbeltez do resto do corpo. O contorno nítido dos bicos

dos seios contra o tecido da camiseta. A maciez de sua pele. Seu cheiro.

A repulsa explodiu dentro dele como pus de um abscesso interno secreto, e ele a soltou. Virando-se, viu que os gatos o olhavam. Pior ainda, ainda estavam deitados no mesmo lugar desde que arrancara Violet com violência de sua cadeira, como se não tivessem se intimidado nem um pouco com sua revolta. Sabia que a serenidade deles significava que Violet também não se intimidara e que a reação erótica à sua raiva e seu sorriso zombeteiro não eram nem um pouco fingidos.

Verbina estava arriada em sua cadeira, a cabeça abaixada, pois ainda não conseguia olhá-lo de frente. Mas ria, e sua mão esquerda estava entre as pernas, os dedos longos traçando lentos círculos no tecido fino de sua calcinha, sob a qual se percebia a fenda escura de seu sexo. Não precisava de mais nenhuma prova de que parte do doentio desejo de Violet se comunicara a Verbina e ele desviou-se dela também.

Tentou abandonar o aposento apressadamente, mas sem deixar parecer que estava fugindo delas.

Em seu quarto perfumado, seguro entre os pertences da mãe, Candy trancou a porta. Não tinha certeza por que se sentia mais seguro com a porta trancada, embora estivesse certo de que não era porque temesse as irmãs. Não havia nada a temer em relação a elas. Eram dignas de pena.

Por alguns instantes, ficou sentado na cadeira de balanço de Roselle, lembrando-se das vezes, quando era criança, em que se aninhava em seu colo e satisfeito sugava sangue do ferimento que ela se auto-infligia no polegar ou na almofada da palma da mão. Uma vez, mas infelizmente apenas uma vez, ela fizera uma incisão de um centímetro em um dos seios e segurou-o junto ao peito enquanto ele sorvia o sangue da mesma carne de onde outras crianças recebiam o leite da maternidade.

Tinha cinco anos de idade na noite quando, naquele mesmo quarto e nesta cadeira, saboreara o sangue de seu seio. Frank, com sete anos na época, dormia no quarto ao fundo do corredor e as gêmeas, que acabavam de completar um ano, dormiam em um berço no quarto em frente ao de sua mãe. Estar a sós com ela quando todos os outros dormiam—Ah, como isso o fazia sentir-se único e amado, especialmente quando estava compartilhando com ele o copioso líquido de suas artérias e veias, que ela nunca oferecia a seus irmãos; era uma comunhão sagrada, dada e recebida, que permanecia um segredo entre os dois.

Lembrava-se de ter sentido uma espécie de desfalecimento naquela noite, não somente por causa do gosto forte de seu sangue espesso e do amor ilimitado que essa oferta significava, mas por causa do

balanço metódico da cadeira e dos ritmos hipnóticos de sua voz. Enquanto ele sugava, ela alisava seu cabelo, afastando da testa, e falava-lhe do plano intricado de Deus para o mundo. Ela explicara, como já o fizera muitas vezes antes, que Deus permitia o uso da violência quando era cometida em defesa dos que eram bons e íntegros. Contou-lhe como Deus criara os homens, que se deliciavam com sangue para que eles pudessem ser usados como os instrumentos terrenos da vingança de Deus pelos que eram virtuosos. A família deles era honrada, dissera ela, e Deus enviara-lhe Candy para ser seu protetor. Nada disso era novidade. Mas, embora sua mãe tivesse falado sobre isso muitas vezes durante suas comunhões secretas, Candy nunca se cansava de ouvir outra vez. As crianças sempre

gostam que repitam suas histórias prediletas. E como acontece com algumas histórias particularmente mágicas, esta de certo modo não ficava mais familiar com a repetição, mas curiosamente mais misteriosa e atraente.

Naquela noite, entretanto, a história tomou um rumo diferente. Era chegada a hora, dissera sua mãe, para ele aplicar os verdadeiramente surpreendentes talentos de que era dotado e embarcar na missão para a qual Deus o criara. Ele começara a exhibir seus talentos fenomenais aos três anos de idade, a mesma idade em que os dons menos poderosos de Frank tomaram-se evidentes. Suas habilidades telecinéticas —principal' mente seu talento para o transporte telecinético do próprio corpo — particularmente encantavam Roselle e ela logo viu seu potencial. Nunca % teriam falta de dinheiro enquanto ele pudesse se teletransportar à noite para lugares onde dinheiro e objetos valiosos estivessem guardados: cofres de bancos; os cofres enormes e cheios de joias das mansões de Beverly Hills. E se ele pudesse se materializar dentro das casas dos inimigos da família Pollard enquanto dormissem, a vingança poderia ser perpetrada sem medo de serem descobertos e sem represália.

— Há um homem chamado Salfont — arrulhou sua mãe em seus ouvidos enquanto ele se amamentava em seu seio ferido. — Ele é um advogado, um desses chacais que abatem pessoas honestas, não presta, aquele ali. Foi ele quem cuidou dos bens de meu pai, seu querido avô, meu pequeno Candy, homologou seu testamento, cobrou demais, exage-radamente; ele era ganancioso. São todos gananciosos, esses advogados.

O tom calmo e suave em que falava não combinava com o ódio que

exprimira, mas a contradição aumentava ainda mais a qualidade hipnótica e doce da mensagem.

— Há anos venho tentando conseguir a devolução de parte dos honorários, que é meu direito. Fui a outros advogados, mas todos dizem que seus honorários foram razoáveis, eles se defendem uns aos outros, são todos da mesma laia. Levei-o aos tribunais, mas os juízes não passam de advogados em becas pretas; eles me dão nojo, esse bando de gananciosos. Tenho me preocupado com isso há anos, meu pequeno Candy, não consigo tirá-lo do meu pensamento. Esse Donald Salfont, vivendo em sua mansão em Montecito, explorando as pessoas, me explorando, ele devia pagar por isso. Não acha, meu pequeno Candy? Não acha que ele devia pagar por isso?

Ele tinha cinco anos de idade e ainda não era grande para a idade, como seria quando chegou aos nove ou dez. Ainda que pudesse se teletransportar ao quarto de Salfont, a vantagem da surpresa não seria garantia de sucesso. Se Salfont ou sua mulher por acaso estivesse acordado quando Candy chegasse ou se a primeira navalhada falhasse em matar o advogado e o acordasse num pânico defensivo, Candy não seria capaz de dominá-lo. Não conteria o perigo de ser apanhado ou ferido, pois podia se teletransportar num abrir e fechar de olhos; mas ele se arriscaria a ser reconhecido. A polícia acreditaria num homem como Salfont, mesmo com respeito à fantástica acusação de assassinato apresentada contra um menino de cinco anos. Iriam à casa dos Pollard, fazendo perguntas, vasculhando tudo e só Deus sabe o que poderiam descobrir ou suspeitar.

— Portanto, você não pode matá-lo, embora ele o mereça — murmurou Roselle enquanto balançava seu filho predileto. Ela olhou intensamente para baixo, dentro de seus olhos, enquanto ele olhava para cima de seu seio exposto.

— Em vez disso, o que você tem a fazer é tomar alguma coisa dele como vingança pelo dinheiro que ele tomou de mim, algo que lhe seja precioso. Há um bebê na casa de Salfont. Li nos jornais há alguns meses, uma menina a quem chamaram de Rebekah Elizabeth. Que espécie de nome é esse para uma menina, eu lhe pergunto? Soa extremamente pomposo para mim, o tipo de nome que um advogado sofisticado e sua mulher dão a um bebê porque acham que eles e os seus são melhores do que os outros. Elizabeth é o nome de uma rainha, sabe, e verifique quem é Rebekah na Bíblia, veja se eles não têm a si e a seu rebento em grande consideração. Rebekah está agora com quase seis meses, já a tiveram tempo suficiente para sentir sua falta quando ela desaparecer, sentir muita falta. Amanhã eu o levarei e

passaremos diante da casa deles, meu pequeno e precioso Candy, para que você veja onde fica, e amanhã à noite você irá lá e realizará a vingança de Deus sobre eles, minha vingança. Dirão que um rato entrou no quarto, ou algo parecido, e se culparão até o dia de suas mortes.

A garganta de Rebekah Salfont era macia, seu sangue salgado. Candy gostou da aventura, da excitação de entrar na casa de estranhos sem permissão ou conhecimento. Matar a menina enquanto os adultos dormiam no quarto contíguo, sem nada saber, encheu-o de uma sensação de poder. Era apenas um menino, entretanto ele furara sua defesa e aplica-lhes um golpe por sua mãe, o que de certa forma o transformava no homem da casa dos Pollard. Esta sensação inebriante acrescentou um elemento de glória à excitação de matar.

Depois disso, os pedidos de vingança de sua mãe tomaram-se irresistíveis.

Nos primeiros anos de sua missão, bebês e crianças muito pequenas eram suas únicas presas. Às vezes, para não apresentar um padrão para a polícia, ele não as mordia, mas se desfazia delas de alguma outra forma e, de vez em quando, agarrava-as e se teletransportava para longe da casa com elas, de modo que nenhum corpo era jamais encontrado.

Mesmo assim, se todos os inimigos de Roselle fossem de Santa Barbara ou das imediações, o padrão não poderia ter sido ocultado. Mas muitas vezes ela exigia vingança contra pessoas em locais distantes, sobre quem lera em jornais ou revistas.

Lembrava-se, particularmente, de uma família no estado de Nova York, que ganhou milhões de dólares na loteria. Sua mãe sentira que a sorte deles se dera às custas da família Pollard e que eles eram gananciosos demais para poder continuar vivendo. Candy tinha quatorze anos na época e não entendera o raciocínio de sua mãe — mas não o questionara, tampouco. Ela era a única fonte de verdade para ele e a ideia de desobediência nunca lhe atravessou a mente. Matara todos os cinco membros dessa família de Nova York, depois ateou fogo à casa com os corpos dentro.

A sede de vingança de sua mãe seguia um ciclo previsível. Logo depois de Candy matar alguém para ela, Roselle sentia-se feliz, cheia de planos para o futuro; preparava guloseimas especiais para ele, cantava melodicamente enquanto trabalhava na cozinha e começava uma nova colcha ou um elaborado trabalho de bordado. Mas no decorrer das quatro semanas seguintes sua felicidade definhava como uma lâmpada num reostato e quase um mês do dia do assassinato, tendo perdido todo o interesse em cozinha e artesanato, ela começava a falar sobre

outras pessoas que a haviam prejudicado e, por extensão, à família Pollard. Dentro de mais duas a quatro semanas, ela já teria arranjado um novo alvo, e Candy era despachado para realizar sua missão. Consequentemente, ele matava em apenas seis ou sete ocasiões por ano.

Essa frequência satisfazia Roselle, porém, quanto mais velho Candy ficava, menos o satisfazia. Ele não só adquirira uma sede de sangue, mas um desejo que às vezes o dominava. A excitação da caçada também o intoxicara, e ele ansiava por ela como um alcoólatra ansiava por uma garrafa. Não menos, a inominável hostilidade do mundo para com sua abençoada mãe motivava-o a matar com mais frequência. Às vezes, parecia-lhe que virtualmente todos estavam contra ela, tramando para feri-la fisicamente ou para tirar o dinheiro que era seu por direito. Ela não tinha falta de inimigos. Ele se lembrava dos dias em que o medo a oprimia; então, por determinação dela, todas as cortinas e persianas eram cerradas, as portas trancadas e às vezes até escoradas com cadeiras e outras mobílias, contra o ataque de adversários que nunca vieram, mas que poderiam ter vindo. Nesses dias de infortúnio, ela ficava abatida e dizia-lhe que tantas pessoas estavam lá fora para pegá-la que nem mesmo ele poderia protegê-la para sempre. Quando ele lhe suplicava para deixá-lo agir com liberdade, ela apenas dizia:

— Não adianta.

Então, como agora, ele tentava complementar os assassinatos aprovados com suas incursões pelos desfiladeiros em busca de pequenos animais. Mas essas festas de sangue, por mais saborosas que fossem às vezes, nunca saciavam sua sede tão completamente como nas vezes em que a veia era humana.

Entristecido com tantas lembranças, Candy se levantou da cadeira de balanço e caminhou nervosamente de um lado para o outro do quarto. A persiana estava erguida, e ele olhou com crescente interesse para a noite do outro lado da janela.

Depois de fracassar em pegar Frank e o estranho que se teletransportara no quintal com ele, depois que o confronto com Violet sofrera aquela reviravolta inesperada, deixando-o com uma raiva concentrada, ele estava queimando, ansioso para matar, mas precisando de um alvo. Sem nenhum inimigo da família à vista, teria de assassinar pessoas inocentes ou as pequenas criaturas que viviam nos desfiladeiros. O problema era que... — temia evocar a decepção de sua santa mãe lá no céu, mas não tinha nenhum apetite para o sangue ralo dos tímidos animais.

Sua frustração e necessidade cresciam a cada minuto. Sabia que

acabaria fazendo alguma coisa da qual se arrependeria mais tarde, algo que faria Roselle virar-lhe as costas por algum tempo.

Então, exatamente quando achava que iria explodir, foi salvo pela intrusão de um autêntico inimigo.

Sentiu um toque de mão na parte de trás da cabeça.

Girou nos calcanhares, sentindo a mão retirar-se quando ele se voltou.

A mão fora a de um fantasma. Não havia ninguém ali.

Mas ele sabia que se tratava da mesma presença que pressentira no desfiladeiro à noite passada. Alguém estava lá, não da família Pollard, alguém com capacidade psíquica própria, e o próprio fato de Roselle não ser sua mãe fazia desse alguém um inimigo a ser encontrado e eliminado. A mesma pessoa visitara Candy diversas vezes no começo da tarde, aproximando-se experimentalmente, examinando-o, mas sem fazer um contato completo.

Candy retomou à cadeira de balanço. Se um verdadeiro inimigo estava para aparecer, valia a pena esperá-lo.

«Alguns minutos depois, sentiu o toque outra vez. Leve, hesitante, logo recolhido.

Ele sorriu. Começou a se balançar. Até cantarolou baixinho... uma das canções prediletas de sua mãe.

Represar as brasas da raiva às vezes as fazia queimar com mais intensidade. Quando o tímido visitante ficasse mais ousado, o fogo estaria incandescente, e as chamas o consumiriam.

49

Quando faltavam dez minutos para as sete, a campainha tocou. Felina Karaghiosis não a ouviu, é claro. Mas cada aposento da casa tinha uma pequena lâmpada sinalizadora vermelha em algum canto, e ela não podia deixar de ver a luz piscante ativada pela campainha.

Dirigiu-se ao vestíbulo e olhou pela vidraça de entrada de luz ao lado da porta. Quando viu Alice Kasper, uma vizinha que morava a três casas dali, ela destrancou o fertolho, abriu a corrente de segurança e a deixou entrar.

— Oi, garota. Como vai?

Gosto do seu cabelo assim, disse Felina por meio de sinais.

— Verdade? Acabo de cortar, e a garota perguntou se eu queria o mesmo velho corte ou se eu queria um novo e eu disse, seja o que Deus quiser. Não estou velha demais para ser sensual, não é?

Alice tinha apenas 33 anos, cinco anos mais velha do que Felina. Trocara os cachos louros, que eram sua marca registrada, por um

corte mais moderno, que iria exigir alguma nova fonte de renda só para comprar todo o creme que teria de usar, mas o resultado estava ótimo.

Entre. Quer beber alguma coisa?

— Gostaria muito de um drinque, garota, e nesse momento poderia tomar uns seis, mas tenho de recusar. Meus sogros vieram nos visitar e estamos prestes a jogar cartas com eles ou matá-los: vai depender da atitude deles.

De todas as pessoas que Felina conhecia em sua vida diária, Alice era a única, além de Clint, que compreendia a linguagem dos sinais. Considerando o fato de que a maioria das pessoas alimentava um certo preconceito contra os surdos, que não admitia, mas que demonstrava, Alice era sua única amiga. Mas Felina teria abdicado de sua amizade com prazer se Maik Kasper—o filho de Alice, por quem ela aprendera a linguagem dos sinais — não tivesse nascido surdo.

— Sabe por que vim até aqui? Recebemos um telefonema de Clint pedindo-me para dizer-lhe que ele ainda não está vindo para casa, mas que espera chegar por volta das oito. Desde quando ele trabalha até tão tarde?

Estão com um caso complicado. Isso sempre significa alguma hora extra.

— Ele vai levá-la para jantar fora e disse para contar-lhe que foi um dia incrível. Acho que é a respeito do caso, não é? Deve ser fascinante ser casada com um detetive. E ele também é um doce. Você tem sorte, garota.

Sim. Mas ele também tem.

Alice riu.

— Certo! E se ele chegar em casa assim tão tarde outro dia, não se contente com um jantar. Faça-o comprar-lhe diamantes.

Felina pensou na pedra vermelha que ele trouxera no dia anterior e desejou poder contar a Alice sobre ela. Mas os negócios da Dakota & Dakota, especialmente tratando-se de um caso em andamento onde o cliente estava em perigo, eram tão sagrados em sua casa quanto a sua privacidade de alcova.

— Sábado, na nossa casa, às seis e meia? Jack vai preparar aquela sua gororoba de chile e jogaremos cartas, comeremos chile, tomaremos cerveja e peidaremos até desmaiar. Certo?

Certo.

—E pode dizer a Clint que está bem... não vamos esperar que ele fale.

Felina riu, depois disse com sinais:

Ele está melhorando.

— É porque você o está civilizando, garota.

Abraçaram-se outra vez, e Alice saiu.

Felina fechou a porta, olhou para seu relógio e viu que eram sete horas. Tinha apenas uma hora para se aprontar para jantar e queria parecer especialmente bonita para Clint, não porque fosse uma ocasião especial, mas porque sempre queria estar bonita para ele. Dirigiu-se para o quarto, depois se lembrou que a porta da frente só estava trancada com a fechadura automática. Retomou ao vestíbulo, girou a borboleta que trancava o ferrolho e colocou a corrente de segurança no lugar.

Clint se preocupava demais com ela. Se chegasse em casa e visse que ela não se lembrara do ferrolho, envelheceria um ano em um minuto, bem diante de seus olhos.

Depois de ficar de folga o dia inteiro, Hal Yamataka atendeu a um chamado de Clint e se dirigiu ao escritório às 6:35 de terça-feira à noite, para ficar de vigia caso Frank retomasse depois que todos tivessem ido embora. Clint veio ao seu encontro na sala de recepção e resumiu os acontecimentos enquanto tomavam uma xícara de café. Tinha de ser atualizado sobre o que acontecera durante sua ausência e, depois de ouvir o que ocorrera, de novo considerou sonhadoramente uma carreira em jardinagem.

Quase todos de sua família ou tinham um negócio de jardinagem ou eram proprietários de uma pequena creche e todos eles ganhavam bem, a maioria mais do que Hal, que trabalhava para a Dakota & Dakota, alguns muito melhor. Seus pais, seus três irmãos e vários tios bem-intencionados haviam tentado inúmeras vezes convencê-lo a trabalhar para eles ou entrar no negócio, mas ele resistia. Não que tivesse nada contra administrar uma creche, vender suprimentos de jardinagem, paisagismo, poda de árvores ou conservação de jardins. Mas no sul da Califórnia o termo “jardineiro japonês” era um “clichê”, não uma carreira, e ele não admitia a ideia de ser qualquer tipo de estereótipo.

Durante toda a sua vida, fora um leitor voraz de romances de aventura e suspense e ansiava por ser um personagem como aqueles sobre os quais lia, especialmente o personagem principal de um livro de John D. Mac-Donald, porque os heróis de John D. eram tão ricos em percepção quanto em bravura, tão sensíveis quanto valentes. Em seu coração, Hal sabia que seu trabalho na Dakota & Dakota era geralmente tão mundano quanto a labuta diária de um jardineiro e que as oportunidades de heroísmo na indústria da segurança eram bem menores do que parecia a estranhos. Mas vender um saco de adubo ou uma lata de Spectricide ou um canteiro de margaridas não dava para se iludir de que você era uma figura romântica ou tivesse qualquer chance de vir a ser. E, afinal de contas, a auto-imagem era em geral a melhor parte da realidade.

— Se Frank aparecer aqui — disse Hal —, o que faço com ele?

— Coloque-o num carro e leve-o até Bobby e Julie.

— Quer dizer, à casa deles?

—Não. Santa Barbara. Vão para lá esta noite, vão ficar no Red Lyon Inn, para que amanhã possam começar a investigar os antecedentes da família Pollard.

Franzindo o cenho, Hal inclinou-se para a frente no sofá da sala de recepção.

—Achei que você tivesse dito que jamais esperava ver Frank de novo.

—Bobby acha que Frank está se desfazendo, não vai aguentar essa última série de viagens. É apenas uma opinião.

— Então, quem é o cliente deles?

— Até que ele os demita, é Frank

Parece-me cheio de suposições. Seja franco comigo, Clint. O que realmente os toma tão empenhados neste caso, especialmente considerando-se que parece mais louco e perigoso a cada hora que passa?

—Eles gostam de Frank. Eu gosto de Frank.

—Eu disse para ser direto.

Clint suspirou.

—Macacos me mordam se eu sei. Bobby voltou completamente assombrado. Mas não quer desistir. Era de se pensar que eles se recolheriam, pelo menos até Frank aparecer outra vez, se o fizer. Esse irmão dele, esse tal de Candy, parece o próprio diabo, é demais para qualquer um. Bobby e Julie às vezes são teimosos, mas não são idiotas, e eu esperava que eles fossem abandonar o caso, agora que viram que é um trabalho para Deus, não para um detetive particular. Mas, aqui estamos.

Bobby e Julie reuniam-se com Lee Chen na escrivania, enquanto ele lhes transmitia as informações que obtivera até então.

—O dinheiro pode ser roubado, mas é utilizável — disse Lee. — Não encontrei aqueles números em série em nenhuma relação da polícia, federal, estadual ou municipal.

Bobby já pensara em diversas fontes de onde Frank poderia ter obtido os seiscentos mil dólares agora guardados no cofre do escritório.

—Encontre um negócio com grande fluxo de caixa onde eles nem sempre vão a um banco com os recibos ao final do dia e você tem aí um alvo em potencial. Talvez seja um supermercado, fica aberto até meia-noite e não é uma boa ideia para um gerente transportar tanto de dinheiro para depósito automático em um banco, de modo que há um cofre no supermercado. Depois que o local fecha, você se teletransporta para dentro do mercado, se você é Frank, e usa quaisquer outros poderes de que disponha para abrir aquele cofre, coloca a fêria do dia numa sacola de supermercado e desaparece. Você não vai encontrar grandes somas de dinheiro, uns duzentos mil a cada vez, mas você invade três ou quatro supermercados em uma hora e tem aí a sua arrecadação.

Evidentemente, Julie andara meditando sobre a mesma questão, pois disse:

—Cassinos. Todos eles têm salas de contabilidade que você pode

encontrar nas plantas, aquelas que o serviço de imposto de renda descobre com algum esforço. Mas eles têm aposentos ocultos também, para onde vai a renda não declarada. Cofres grandes, como closets, onde você pode entrar. Fort Knox morreria de inveja. Usa-se quaisquer poderes mentais, por menores que sejam, para descobrir o local de uma

dessas salas ocultas» teletransporta-se para lá quando estiver vazio e simplesmente tira o que quer.

—Frank viveu em Vegas durante algum tempo — disse Bobby. — Lembrem-se» contei-lhes sobre o terreno baldio onde ele me levou» onde ele tivera uma casa.

—Ele não se limitaria a Vegas — disse Julie. — Reno» Tahoe» Atlantic City» o Caribe, Macau, França, Inglaterra, Monte Carlo, qualquer lugar onde haja jogo.

Essa conversa sobre fácil acesso a quantias ilimitadas de dinheiro vivo excitava Bobby, embora ele não soubesse bem por quê. Afinal, era Frank que podia se teletransportar, não ele, e tinha certeza quase absoluta de que nunca mais veriam Frank.

Espalhando um maço de folhas impressas sobre a escrivaninha, Lee Chen disse:

—O dinheiro é o menos interessante. Lembra-se que você queria que eu descobrisse se os tiras estão à procura do Sr. Azul?

— Candy — disse Bobby. — Agora temos um nome para ele.

Lee franziu o cenho.

— Preferia Sr. Azul. Tinha mais estilo.

Entrando na sala, Hal Yamataka disse:

—Não confio no julgamento de estilo de um sujeito que usa tênis e meias vermelhas.

Lee sacudiu a cabeça.

—Nós chineses passamos milhares de anos construindo uma imagem impenetrável para todos os asiáticos, para que possamos manter esses infelizes ocidentais intimidados e vocês japoneses estragam tudo com esses filmes de Godzilla. Não se pode ser misterioso e fazer filmes de Godzilla ao mesmo tempo.

—Ah, é? Mostre-me alguém que compreenda um filme de Godzilla depois do primeiro.

Faziam um par interessante, aqueles dois: um esbelto, vestido na moda, de feições delicadas, um filho entusiasta da era do silício; o outro, atarracado, de ombros largos, com um rosto tão bruto quanto um martelo, um sujeito tão high-tech quanto uma rocha. Mas para Bobby o

mais interessante era que, até aquele momento, ele nunca pensara no fato de que um percentual desproporcionalmente grande do pequeno quadro de pessoal da Dakota & Dakota era composto de americanos-asiáticos. Havia

mais dois—Nguyen Tuan Phu e Jamie Quang, ambos vietnamitas. Quatro em onze pessoas. Embora ele e Hal às vezes fizessem piadas sobre o Oriente e Ocidente, Bobby nunca pensara em Lee, Hal, Nguyen e Jamie compondo subgrupos de empregados; eles eram apenas eles mesmos, tão diferentes um do outro quanto maçãs são diferentes de peras, laranjas e pêssegos. Mas Bobby percebia que sua predileção por empregados americanos-asiáticos revelava algo sobre ele mesmo, algo mais do que simplesmente uma óbvia e admirável cegueira racial, mas não conseguia descobrir o que era.

Hal disse:

—E nada se toma mais impenetrável do que todo o conceito de Mothra. Aliás, Bobby, Clint foi para casa ao encontro de Felina. Todos nós devíamos ter essa sorte.

— Lee nos falava sobre o Sr. Azul—disse Julie.

— Candy — disse Bobby.

Indicando os dados que extraíra de vários registros policiais em todo o país, Lee disse:

—A maior parte das delegacias de polícia começaram a se informatizar e se interligar há apenas nove anos, de modo sofisticado, quero dizer. Portanto, a maioria dos arquivos acessíveis eletronicamente só cobrem esse período. Mas durante esse tempo houve setenta e oito assassinatos brutais, em nove estados, que têm bastantes semelhanças a ponto de levantar a possibilidade de um único perpetrador. Apenas a possibilidade, veja bem. Mas o FBI interessou-se bastante o ano passado para colocar três homens no caso, um no escritório e dois em campo, para coordenarem investigações locais e estaduais.

—Três homens? — disse Hal. — Não parece um caso de alta prioridade.

—O Bureau tem se expandido muito—disse Julie. —E nos últimos trinta anos, pois não fica bem para os juízes darem longas sentenças criminais, os bandidos cada vez mais os superam. Três homens, em tempo integral, é um empenho sério na fase atual.

Extraíndo uma folha impressa de uma pilha sobre a mesa, Lee resumiu os seus dados essenciais.

—Todos os crimes têm os seguintes pontos em comum. Primeiro: todas as vítimas foram mordidas, a maioria na garganta, mas virtualmente não

existe parte do corpo sagrada para esse sujeito. Segundo: muitos foram espancados, sofreram traumatismos cranianos. Mas perda de sangue, das mordidas, em geral a veia jugular e a carótida na garganta, era o fator preponderante da morte em virtualmente todas as instâncias, independente de outros ferimentos.

— Além de tudo, o sujeito é um vampiro?—perguntou Hal.

Levando a pergunta a sério — como na verdade deviam considerar qualquer possibilidade naquele estranho caso, por mais exótico que parecesse—, Julie disse:

—Não um vampiro no sentido sobrenatural. Pelo que ficamos sabendo, a família Pollard é por alguma razão generosamente dotada de poderes especiais. Conhecem aquele mágico na tevê, O Incrível Randi, que oferece cem mil dólares a quem provar que tem poderes paranormais. Esse clã dos Pollard o levaria à falência. Mas isso não significa que haja qualquer coisa sobrenatural a respeito deles. Não são demônios, ou possuídos, ou filhos do diabo, nada desse tipo.

—Trata-se apenas de material genético extra—disse Bobby.

—Exatamente. Se Candy age como um vampiro, mordendo as pessoas na garganta, isso é apenas a manifestação de doença psicológica —disse Julie.—Não significa que ele seja um morto-vivo.

Bobby lembrou-se vividamente do gigante louro correndo em sua direção na praia de areias negras, varrida pela chuva, em Punaluu. O sujeito parecia uma locomotiva. Se Bobby tivesse de escolher entre enfrentar Candy Pollard ou Drácula, ele escolheria o conde redivivo. Nada tão simples como uma cabeça de alho, um crucifixo ou uma estaca de madeira bem fincada serviria para deter o irmão de Frank.

Lee disse:

—Outra semelhança. Nos casos em que as vítimas não deixavam portas ou janelas destrancadas, não havia nenhum indício de como o assassino conseguira entrar. Em muitos casos a polícia encontrou portas trancadas por dentro, janelas trancadas por dentro, como se o assassino tivesse saído pela chaminé ao terminar.

—Setenta e oito — disse Julie, estremecendo.

Lee largou o papel sobre a mesa.

— Acham que há mais, talvez muito mais, porque às vezes esse sujeito tentou encobrir suas pegadas, as marcas de mordida, mutilando ou queimando os coipos. Embora a polícia não tivesse se deixado enganar nesses casos, pode-se deduzir que foram enganados em outros. Portanto, o total é superior a setenta e oito, e isso só nos últimos nove anos.

— Bom trabalho, Lee — disse Julie, e Bobby reforçou.

—Ainda não acabei — disse Lee. — Vou pedir uma pizza e investigar um pouco mais.

—Faz mais de dez horas que você está aqui—disse Bobby.—Isso já ultrapassa o necessário. Tem de dar uma parada, Lee.

—Se acreditasse como eu que o tempo é subjetivo, então teria um suprimento infinito. Mais tarde, em casa, esticarei algumas horas em algumas semanas e retomarei amanhã inteiramente restabelecido.

Hal Yamataka sacudiu a cabeça e suspirou.

—Detesto ter de admiti-lo, Lee, mas você é muito bom nessa besteira de mistério oriental.

Lee sorriu enigmaticamente.

— Obrigado.

Depois que Bobby e Julie foram para casa a fim de que pegar algumas coisas para a viagem de uma noite a Santa Barbara, e depois que Lee voltou à sala de computadores, Hal instalou-se no sofá no escritório dos chefes, tirou os sapatos e colocou os pés sobre a mesinha do centro. Ainda carregava o livro *The Last One Left*, que já lera duas vezes e que recomeçara a ler na noite anterior no hospital. Se Bobby estivesse certo ao dizer que talvez nunca mais vissem Frank outra vez, Hal estava preparado para uma noite tranquila e provavelmente lería metade do livro.

Talvez sua satisfação em *Dakota & Dakota* nada tivesse a ver com a perspectiva de emoções fortes, evitando um emprego estereotipado de jardineiro, nem com a admitidamente escassa possibilidade de se tomar um herói. Talvez o que mais afetasse sua decisão de carreira fosse a compreensão de que ele simplesmente não podia cortar grama, podar uma cerca viva ou plantar cinquenta canteiros de flores e ler um livro ao mesmo tempo.

Derek sentou-se em sua cadeira. Apontou o aparelho de controle remoto para a tevê e ligou-a. Disse:

—Não quer ver o noticiário?

—Não — respondeu Thomas. Estava em sua cama, recostado em travesseiros, olhando a noite cair através da janela.

—Ótimo. Eu também não.—Derek apertava os botões do controle remoto. Um novo canal surgiu na tela. — Não quer ver um programa de auditório?

— Não. — Tudo que Thomas queria era espionar o Mal.

—Ótimo. — Derek continuava apertando botões e os raios invisíveis

fizeram a tela mostrar uma nova imagem. — Não quer ver os Três Patetas fazendo palhaçadas?

— Não.

— O que quer ver?

— Tanto faz. O que você quiser.

— Verdade?

— O que você quiser ver—repetiu Thomas.

—Puxa, que bom. — Mudou a imagem várias vezes até encontrar um filme espacial onde homens espaciais vestindo trajes espaciais percorriam um local assustador. Derek deu um suspiro de satisfação. — Isso é bom. Gosto dos chapéus deles.

—Capacetes — disse Thomas. — Capacetes espaciais.

— Quisera ter um chapéu assim.

Quando se projetou na ampla escuridão outra vez, Thomas não imaginou um fio mental desenrolando-se em direção ao Mal. Em vez disso, imaginou um aparelho de controle remoto, enviando raios invisíveis. Puxa, isso funcionava muito melhor! Wham, numa fração de segundo ele estava lá, junto ao Mal. Sentia-o mais fortemente também, tão mais que se amedrontou, desligou o aparelho e retomou ao seu quarto imediatamente.

—Eles têm telefones nos chapéus — disse Derek. — Veja, estão falando pelos chapéus.

Na tevê, os homens do espaço estavam num lugar ainda mais estranho, bisbilhotando, que era o que os homens do espaço mais faziam, muito embora algo medonho sempre estivesse naqueles lugares mal-assombrados à espera deles. Os homens do espaço nunca aprendiam.

Thomas desviou os olhos da tela.

Olhou para a janela.

A escuridão.

Bobby temia por Julie. Bobby sabia de coisas que Thomas não sabia. Se Bobby temia por Julie, Thomas tinha de ser corajoso e fazer O que Era Certo.

A ideia do controle remoto funcionou tão bem que ele se assustou, mas concluiu que isso era bom porque ele podia espreitar o Mal mais facilmente. Podia chegar até o Mal mais depressa e fugir dele mais depressa também, de modo que podia bisbilhotar com mais frequência e não temer que ele pudesse agarrar a ponta do fio da mente e vir para a clínica com ele. Agarrar um raio invisível era mais difícil, mesmo para algo tão rápido, astuto e cruel quanto o Mal.

Assim, imaginou estar apertando botões de um aparelho de controle remoto outra vez e parte dele atravessou a escuridão — wham! — até o Mal no mesmo instante. Sentiu o quanto o Mal estava irado, mais furioso do que nunca, e com tantos pensamentos de sangue que fez Thomas sentir náuseas. Thomas quis voltar de imediato para a Clínica. O Mal pressentiu-o, tinha certeza. Não gostava que o Mal pressentisse sua presença, sabendo que ele estava lá a seu lado, mas se demorou mais alguns segundos, tentando perceber algum pensamento sobre Julie em todos aqueles pensamentos de sangue. Se o Mal tivesse pensamentos sobre Julie, Thomas enviaria uma mensagem televisionada para Bobby imediatamente. Ficou contente de não encontrar Julie na mente do Mal e rapidamente retomou à clínica.

—Onde acha que eu poderia encontrar um chapéu como aquele?— perguntou Derek.

—Capacete.

—Tem até mesmo uma luz nele, está vendo?

Erguendo-se um pouco de seus travesseiros, Thomas disse:

— Sabe que tipo de história é essa?

Derek meneou a cabeça.

—Que tipo de história?

—O tipo onde a qualquer instante alguma coisa horripilante salta sobre o homem do espaço e suga seu rosto ou talvez rasteja para dentro de sua boca, desce até o estômago e faz um ninho lá.

Derek fez uma careta.

— Uuh. Não gosto desse tipo de histórias.

— Eu sei — disse Thomas. — Foi por isso que o avisei.

Enquanto Derek fazia um monte de imagens diferentes surgirem na tela, uma logo atrás da outra, para fugir do homem do espaço que ia ter o rosto sugado, Thomas tentou imaginar quanto tempo ele deveria esperar antes de espreitar o Mal outra vez. Bobby estava realmente preocupado,

era evidente, mesmo que ele tentasse esconder, e Bobby não era um mongolóide, portanto era uma boa ideia vigiar o Mal regularmente, para o caso de repentinamente ele pensar em Julie, levantar-se e ir ao seu enalço.

— Quer ver isso? — perguntou Derek.

Na tela, via-se a imagem de um sujeito com uma máscara de hóquei e uma enorme faca na mão, atravessando sorrateiramente um quarto onde uma menina dormia numa cama.

— É melhor mudar de canal — disse Thomas.

Como já passara a hora do rush, como Julie conhecia todos os melhores atalhos, e principalmente como Julie não estivesse com disposição para ser cautelosa ou respeitar as leis de trânsito, fizeram o percurso entre o escritório e sua casa no extremo leste de Orange em tempo recorde.

No caminho, Bobby falou-lhe sobre a barata de Calcutá que fizera parte de seu sapato quando ele e Frank chegaram à ponte vermelha no jardim em Kyoto.

—Mas quando saltamos para o monte Fuji, meu sapato estava normal, a barata desaparecera.

Ela reduziu a velocidade em um cruzamento, mas o deles era o único carro à vista, de modo que ela não obedeceu o sinal.

— Por que não me contou isso no escritório?

— Não houve tempo para todos os detalhes.

— O que acha que aconteceu com a barata?

— Eu não sei. É isso que me incomoda.

Estavam em Newpoit Avenue, logo depois de Crawford Canyon. As lâmpadas de vapor de sódio lançavam uma luz estranha no asfalto.

Nas colinas íngremes à esquerda, várias mansões em estilo francês e Tudor inglês, luminosas como imensos cruzeiros de luxo, pareciam terrivelmente deslocadas, em parte porque o valor extremamente alto daqueles terrenos propiciava a construção de residências enormes, fora de proporção com os minúsculos lotes onde se encontravam, mas em parte porque os estilos arquitetônicos Tudor e francês estavam em desarmonia com a paisagem semitropical. Tudo fazia parte do circo californiano, onde algumas coisas ele detestava, mas na maioria amava. Aquelas casas nunca o incomodaram antes e, dados os sérios problemas que ele e Julie enfrentavam, não entendia por que o incomodavam agora. Talvez estivesse tão nervoso que até essas pequenas desarmonias o lembrassem do caos que quase o engolfara durante suas viagens com Frank.

—Precisa dirigir tão depressa?—perguntou.

—Sim—respondeu ela, laconicamente.—Quero chegar em casa, arrumara mala, chegar em Santa Barbara, descobrir o que pudermos sobre a família Pollard e acabar logo com todo esse maldito caso arrepiante.

—Se você se sente assim, por que simplesmente não o largamos agora? Frank volta, nós lhe devolvemos seu dinheiro, seu vidro de diamantes vermelhos, dizemos-lhe que lamentamos muito, achamos que ele é um ótimo sujeito, mas estamos fora.

— Não podemos — disse ela.

Ele mordeu o lábio inferior, depois disse:

— Eu sei. Mas não consigo imaginar por que nos sentimos compelidos a ficar com ele.

Chegaram ao topo da colina e dobraram para o norte, depois da entrada para Rocking Horse Ridge. O próprio condomínio deles ficava apenas algumas ruas à frente, à esquerda. Quando ela finalmente começou a frear para fazer a curva, olhou para ele e disse:

— Não sabe realmente por que não podemos cair fora do caso?

— Não. E você sabe?

— Sei.

— Diga-me.

— Você vai descobrir com certeza.

— Não faça mistério. Não lhe fica bem.

Entrou com o Toyota da companhia no condomínio, em seguida na rua onde moravam.

—Se lhe disser o que penso, vai ficar aborrecido. Vai negar, nós vamos discutir e eu não quero brigar com você.

— Por que vamos discutir?

Estacionou no caminho de entrada da casa, colocou o carro em ponto morto, desligou os faróis e o motor e voltou-se para ele. Seus olhos brilhavam no escuro.

—Quando você compreender por que não podemos cair fora, não vai gostar do que isso vai dizer sobre nós e vai argumentar que estou errada, que na verdade somos um doce casal, hábeis, mas basicamente inocentes ao mesmo tempo, como Jimmy Stewart e Donna Reed quando jovens. Eu realmente o amo por isso, por ser um sonhador a respeito do mundo e de nós, e vai me ferir quando você quiser discutir.

Ele quase começou a discutir com ela sobre se iria discutir com ela. Então, fitou-a por um instante e finalmente disse:

—Tenho essa sensação de que não estou me dando conta de alguma coisa, de que quando tudo isto terminar e eu perceber por que estava tão decidido a ir até o fim, meus motivos não serão tão nobres quanto eu acho que são agora. É uma sensação muito estranha. Como se eu não conhecesse a mim mesmo.

—Talvez a gente passe toda a nossa vida aprendendo a nos conhecer. E talvez nunca realmente aprendamos completamente.

Beijou-o de leve, rapidamente, e saiu do carro.

Enquanto a seguia pelo caminho de entrada até a porta da frente, ele olhou para o céu. A claridade do dia durara pouco. Uma mortalha

de nuvens encobria a lua e as estrelas. O céu estava muito escuro e ele foi dominado pela curiosa certeza de que um grande e terrível peso caía na direção deles, negro contra o céu negro e, portanto, invisível, mas caindo rapidamente, cada vez mais depressa...

Candy sufocava sua ira, que lutava como um cão de ataque tentando libertar-se da correia.

Balançava-se sem parar e gradualmente o tímido visitante tomava-se mais ousado. Repetidas vezes sentiu a mão invisível em sua cabeça. A princípio, pousava sobre ele tão levemente como uma luva de seda vazia e permanecia apenas por um breve instante antes de ir-se embora. Mas, conforme fingia desinteresse tanto na mão quanto na pessoa a quem ela pertencia, o visitante tomou-se mais destemido, a mão mais pesada e menos nervosa.

Embora Candy não fizesse nenhum esforço para investigar a mente do intruso, por medo de afugentá-lo, alguns dos pensamentos do estranho ainda assim vieram até ele. Não achava que o visitante tivesse conhecimento de que imagens e palavras de sua própria mente passavam à de Candy; estavam apenas vazando dele como se fossem filetes d'água filtrando-se de buracos, do tamanho de cabeças de alfinete, de um balde enferrujado.

O nome “Julie” surgiu várias vezes. E uma imagem flutuou junto com o nome—uma mulher atraente de cabelos castanhos e olhos escuros. Candy não tinha certeza se era o rosto do visitante ou de alguém que o visitante conhecia — ou mesmo se era o rosto de alguém que realmente existia. Havia aspectos que o faziam parecer irreal: uma luz pálida irradiava dele e as feições eram tão calmas e serenas que pareciam o semblante sagrado de uma santa como ilustrado na Bíblia.

A palavra “borboleta” vazou da mente do visitante mais de uma vez, às vezes com outras palavras, como “lembre-se da borboleta” e “não seja uma borboleta”. E a cada vez que essa palavra fluía de sua mente, o visitante retirava-se rapidamente.

Mas sempre voltava. Porque Candy não fazia nada para fazê-lo se sentir indesejável.

Candy balançava-se e balançava-se. A cadeira rangia baixinho: cri-que... crique... crique... crique.

Aguardou.

Mantinha a mente aberta.

... crique... crique... crique...

Duas vezes o nome Bobby vazou da mente do visitante e, da segunda

vez, uma imagem nebulosa de um rosto veio ligada a ele, outra face muito bondosa. Era idealizada, como o semblante de Julie. Candy agitou-se achando que o reconhecia, mas a fisionomia de Bobby não estava tão clara ou detalhada quanto a de Julie e Candy não queria se concentrar nela porque o visitante poderia perceber seu interesse e fugir assustado.

Durante a longa e paciente corte do intruso tímido, muitas outras palavras e imagens vieram à mente de Candy, mas ele não sabia que sentido lhes dar.

- homens em trajes espaciais...

- “O Mal”.-

- um sujeito numa máscara de hóquei...

- “A Clínica”.^ M

- “Mongolóides”,.. i

- um roupão de banho, uma barra de chocolate pela metade e um pensamento repentino e desvairado: Atrai Baratas, não é bom, Atrai Baratas, é preciso Ser limpo...

Mais de dez minutos se passaram sem contato, e Candy começou a se preocupar que o intruso tivesse se afastado para sempre. Mas, de repente, ele voltou. Desta vez o contato foi forte, mais íntimo do que nunca.

Quando Candy percebeu que o visitante estava mais confiante, compreendeu que chegara o momento de agir. Imaginou sua mente como uma armadilha de aço, o visitante como um rato intrometido e imaginou a mola da ratoeira saltando, a barra prendendo o visitante à placa de metal.

Chocado, o visitante tentou desvencilhar-se. Candy manteve-o seguro e atravessou a ponte telepática entre eles, tentando invadir a mente de seu adversário para descobrir quem ele era, onde estava e o que queria.

Candy não possuía poderes telepáticos próprios, nada que se comparasse sequer aos dons telepáticos mais fracos do intruso; nunca lera a mente de ninguém antes e não sabia como fazê-lo. Como verificou, ele não precisava fazer nada além de abrir sua mente e receber o que o visitante lhe desse. Seu nome era Thomas e ele estava aterrorizado com Candy, apavorado de Ter Feito Algo Realmente Estúpido e de colocar Julie em perigo; essa trindade de terror demolia suas defesas mentais e fazia-o liberar um caudal de informações.

Na verdade, havia informações demais para que Candy pudesse fazer qualquer sentido, um amontoado de palavras e imagens. Tentou desesperadamente encontrar pistas para a identidade e a localização de Thomas.

Pessoas Idiotas, Cielo Vista, A Clínica, todos aqui têm as dobras das

pálpebras defeituosas, Clínica, boa comida, tevê, O Melhor Lugar Para Nós, Cielo Vista, as enfermeiras são gentis, nós observamos os beija-flores, o mundo lá fora é ruim, muito ruim para nós lá fora, Clínica Cielo Vista...

Com certa perplexidade, Candy compreendeu que o visitante era alguém com um intelecto aquém do normal — chegou até mesmo a detectar o termo “síndrome de Down”—e receou não ser capaz de extrair suficientes pensamentos significativos da tagarelice que pudesse indicar-lhe a localização precisa de Thomas. Dependendo do seu QI, Thomas podia não saber onde ficava a Clínica Cielo Vista, embora ele aparentemente morasse lá.

Em seguida, uma série de imagens projetou-se da mente de Thomas, uma bem encadeada série de lembranças que ainda lhe causavam alguma dor emocional: a viagem para Cielo Vista em um carro com Julie e Bobby, no dia em que o levaram para a clínica. Esta lembrança era diferente da maioria das outras recordações e pensamentos de Thomas, por ser ricamente pormenorizada e tão claramente gravada que se desenrolou como um rolo de filme, dando a Candy tudo que ele precisava saber. Viu as auto-estradas por onde passaram naquele dia, viu alguns sinalizadores passando pelas janelas do carro, viu cada marco da paisagem a cada curva, todas as quais Thomas se esforçara vigorosamente para memorizar porque durante toda a viagem ele não parava de pensar: Se eu não gostar de lá, se as pessoas forem más, se o lugar me der medo, se eu me sentir muito sozinho, tenho de saber como vou encontrar o caminho de volta para Bobby e Julie a qualquer momento que eu quiser, lembre-se, lembre-se de tudo isso: virar na 7 com a 11, bem na 7 com a 11, não se esqueça da 7 com a 11, depois passe por essas três palmeiras. E se eles não forem me visitar? Não, isso é uma coisa ruim para pensar, eles me amam, eles virão. Mas, e se não vierem? Olhe, lembre-se daquela casa, você passa por aquela casa, lembre-se daquela casa com o telhado azul...

Candy apreendeu tudo, uma localização tão precisa quanto a que poderia obter de um geógrafo que falasse em graus e minutos de longitude e latitude. Era mais do que precisava saber para fazer uso de seus poderes. Abriu a armadilha e deixou que Thomas se fosse.

Levantou-se da cadeira de balanço.

Imaginou a Clínica Cielo Vista como aparecia tão minuciosamente detalhada na memória de Thomas.

Imaginou o quarto de Thomas no primeiro andar da ala norte, no lado noroeste.

Escuridão, bilhões de fagulhas girando no vácuo, velocidade.

Como Julie estava no espírito de vamos-terminar-logo-com-isso, demoraram-se não mais do que quinze minutos em casa, o tempo suficiente para atirar objetos de toalete e uma muda de roupas numa bolsa de viagem. No McDonald's, na Chapman Avenue em Orange, ela entrou no drive-through e comprou o jantar para ser comido no caminho: Big Macs, batatas fritas e refrigerantes diet. Antes de chegarem a Costa Mesa Freeway, enquanto Bobby ainda estava repartindo os pacotinhos extras de mostarda e abrindo as embalagens dos Big Macs, Julie prendera o detector de radar no espelho retrovisor, conectara-o ao acendedor de cigarros do Toyota e ligara-o. Bobby nunca comera fastfood em alta velocidade, mas calculava que faziam em média 130 quilômetros por hora para o norte pela Costa Mesa, em direção à Riverside Freeway a oeste da Orange Freeway norte, e ele ainda terminava suas batatas fritas quando faltavam apenas duas saídas para a Foothill Freeway a leste de Los Angeles. Embora a hora do rushy tivesse terminado fazia bastante tempo e o trânsito estivesse incomumente calmo, manter essa velocidade exigia muita mudança de pista e muito sangue-frio.

Ele disse:

—Se continuarmos assim, nunca vou ter a oportunidade de morrer de colesterol por causa deste Big Mac.

— Lee disse que colesterol não mata ninguém.

— Ele disse isso?

—Disse que vivemos para sempre e que tudo que o colesterol pode fazer é nos fazer passar desta vida um pouco mais cedo. O mesmo deve acontecer se eu deslizar e capotar este tablóide algumas vezes.

—Não acho que isso vá acontecer—disse ele.—Você é a melhor motorista que já vi.

— Obrigada, Bobby. Você é o melhor passageiro.

— A única coisa que fico imaginando...

— Sim?

—Se realmente não morremos, apenas passamos desta para melhor, e não tenho que me preocupar com nada, por que me dei ao trabalho de comprar refrigerantes diet?

Thomas rolou para fora da cama, pondo-se de pé num salto.

— Derek, vai, saia, ele está vindo!

Derek assistia a um programa de palhaçadas na tevê e não ouviu Thomas.

A tevê ficava no meio do quarto, entre as camas, e quando Thomas chegou lá e agarrou Derek para fazê-lo ouvir, um som engraçado circun-

dava-os, não um som de fazer rir, mas engraçado de estranho, como se alguém estivesse assobiando, mas não realmente assobiando. Havia vento também, umas duas correntes repentinas, nem frias nem quentes, mas que fizeram Thomas estremecer quando o atingiram.

Puxando Derek para fora da cadeira, Thomas disse:

— O Mal está chegando, saia, vai, como eu lhe disse antes, agora!

Derek apenas fez uma cara estúpida outra vez, depois sorriu, com se achasse que Thomas estava querendo ser engraçado como os Três Patetas na tevê. Esquecera-se completamente da promessa que fizera a Thomas. Achara que o Mal seria ovos escaldados no café da manhã e como não apareceram ovos escaldados no seu prato naquela manhã, imaginou que estava a salvo, mas agora não estava mais a salvo e não sabia.

Novo assobio estranho. Mais vento.

Dando um puxão em Derek, empurrando-o para a porta, Thomas gritou:

— Fuja!

«O assobio cessou, o vento parou e de repente, vindo do nada, o Mal estava lá. Era a escuridão em forma de homem, como um pedaço da própria noite que tivesse entrado pela janela, e não somente porque usasse uma camiseta preta e calças pretas, mas porque era todo escuro por dentro, podia-se ver.

Derek logo ficou com medo. Ninguém precisava lhe dizer que aquilo era um Mal, não agora que podia vê-lo com seus próprios olhos. Mas ele não viu que era tarde demais para fugir e dirigiu-se diretamente para o Mal, como se pudesse passar por ele, que deve ter sido o que imaginou porque nem mesmo Derek era tão estúpido para imaginar que pudesse derrubá-lo, tal era seu tamanho.

O Mal agarrou-o e ergueu-o antes que ele tivesse qualquer chance de rodeá-lo, levantou-o do chão como se ele não pesasse mais do que um travesseiro. Derek gritou, e o Mal atirou-o contra a parede com tanta força que seu grito estancou e as fotografias do pai, da mãe e do irmão caíram da parede, não da parede contra a qual Derek foi atirado, mas uma outra parede do outro lado do quarto e acima da sua cama.

O Mal era muito rápido. Isso foi o pior, como tudo acontecia rapidamente. Ele jogou Derek contra a parede, a boca de Derek abriu-se, mas não emitiu nenhum outro som, o Mal atirou-o outra vez, logo em seguida, com mais força, embora a primeira vez já tivesse sido suficientemente forte, e os olhos de Derek ficaram esquisitos. O Mal afastou-o da parede e lançou-o sobre a escrivaninha. A mesa estremeceu como se fosse se desmontar, mas não o fez. A cabeça de Derek pendia da

borda da escrivania, caída, Thomas olhou para seu rosto, de cabeça para baixo, os olhos piscando rapidamente, a boca escancarada, mas sem nenhum

som. Ergueu os olhos do rosto de Derek, olhou além do corpo de Derek, para o Mal, que ria, como se tudo aquilo fosse uma piada, muito engraçada, o que absolutamente não era. Em seguida, pegou a tesoura que estava na borda da mesa, a que Thomas usava para fazer seus poemas-gravura, os que quase caíram no chão quando ele jogou Derek sobre a mesa. Enfiou a tesoura em Derek fazendo seu sangue jorrar, enfiou-a no pobre Derek que jamais machucaria alguém, exceto a si mesmo, que não saberia como machucar alguém. E o Mal fez a tesoura penetrar em seu corpo outra vez e fazer jorrar mais sangue de outro lugar em Derek, e outra vez, e outra vez. O sangue agora não saía apenas dos quatro pontos no peito e na barriga de Derek onde a tesoura penetrara, mas também de sua boca e do nariz. O Mal ergueu Derek da mesa, a tesoura ainda espetada no peito e atirou-o longe como se ele fosse apenas um travesseiro. Não, como se ele fosse um saco de lixo, atirou-o como os Homens de Santa Nation atiravam os sacos de lixo nos caminhões da Santa Nation. Derek caiu sobre sua cama, de costas em sua cama, com a tesoura ainda no corpo, e não se mexeu e partiu para a Casa do Mal, podia-se ver. E o pior é que tudo aconteceu tão depressa, mais rápido do que Thomas pôde pensar em alguma coisa para impedi-lo.

Passos no corredor, pessoas correndo.

Thomas gritou por socorro.

Pete, um dos enfermeiros, surgiu na porta. Pete viu Derek sobre a cama, a tesoura nele, sangue por toda parte e ficou assustado. Voltou-se para o Mal e disse:

— Quem...

O Mal agarrou-o pelo pescoço e Pete soltou um ronco como se alguma coisa estivesse presa em sua garganta. Colocou as mãos no braço do Mal, que parecia maior do que os dois braços de Pete juntos, mas não conseguiu fazer o Mal soltá-lo. O Mal levantou-o pelo pescoço, fazendo seu queixo virar-se para cima e a cabeça pender para trás e, em seguida, segurou-o pelo cinto também, e atirou-o de volta pela porta, no corredor. Pete chocou-se contra uma enfermeira que chegava correndo e ambos caíram no chão lá no corredor, embolados, ela gritando.

Tildo isso em apenas alguns tique-taques do relógio, Tão depressa.

O Mal bateu a porta, viu que não podia ser trancada, então fez a coisa mais engraçada de todas, engraçada no sentido de estranha, engraçada

no sentido de assustadora. Estendeu as mãos em direção à porta e aquela luz azul saiu de suas mãos como a luz não-azul de uma lanterna. Fagulhas saltaram das dobradiças, em volta da maçaneta e de todas as bordas da porta. Tudo que era de metal fumegou e amoleceu, como manteiga quando se coloca sobre o purê. Era uma Porta de Incêndio. Diziam que era preciso manter a porta fechada se surgisse fogo no corredor, não tentar correr para o corredor, mas manter a porta fechada e ficar onde estava. Chamavam-na de Porta de Incêndio porque o fogo não podia atravessá-la, diziam, e Thomas sempre imaginou por que não a chamavam de Porta que o Fogo Não Pode Atravessar, mas nunca perguntou. A questão era que uma Porta de Incêndio era toda de metal, portanto não podia queimar, mas agora ela se derretia nas bordas, como os batentes de metal, fundiram-se, parecia que ninguém jamais poderia atravessar aquela porta outra vez.

‘ As pessoas começaram a bater na porta pelo lado de fora, tentaram abri-la, não conseguiram, e gritavam por Thomas e Derek. Thomas conhecia algumas das vozes e a quem elas pertenciam e quis gritar-lhes para agirem depressa porque ele estava em dificuldade, mas não conseguia emitir nenhum som, não mais do que o pobre Derek.

O Mal fez a luz azul cessar. Em seguida voltou-se e olhou para Thomas. Sorriu-lhe. Não tinha um sorriso agradável. Disse:

— Thomas?

Thomas ficou surpreso de conseguir levantar-se, estava com tanto medo. Estava contra a parede da janela e pensou em talvez abrir a tranca da janela, levantá-la e fugir, o que ele sabia fazer por causa dos Treinamentos de Emergência. Mas sabia que não era suficientemente rápido, porque o Mal era o mais rápido que já vira.

O Mal deu um passo em sua direção, depois outro.

— Você é Thomas?

Por um instante, ainda não conseguiu emitir nenhum som. Consequia apenas mover a boca e como que fingir que falava. E enquanto fazia isso, imaginou que talvez se dissesse uma mentira, dissesse que não era Thomas, o Mal acreditasse e simplesmente fosse embora. Assim, quando repentinamente conseguiu emitir sons e em seguida palavras, disse:

—Não. Eu não Thomas, não. Ele já foi para o mundo lá fora, ele tem uma boa dobra no olho, é um mongolóide quase normal, por isso mandaram-no para o mundo lá fora.

O Mal riu. Era um riso sem nenhuma graça, o pior que Thomas já ouvira.

O Mal disse:

—Quem afinal é você, Thomas? De onde você vem? Como um idiota como você pode fazer algo que eu não posso?

Thomas não respondeu. Não sabia o que dizer. Queria que as pessoas no corredor parassem de bater na porta e encontrassem uma maneira de entrar, porque bater não adiantava. Talvez pudessem chamar a polícia e dizer-lhes para trazer as Garras Salva-Vidas, sim, as Garras Salva-Vidas, como as via serem usadas no noticiário da tevê quando uma pessoa ficava presa nas ferragens de um carro. Podiam usar as Garras Salva-Vidas para abrir a porta da maneira como abriam carros destroçados para retirar as pessoas de lá de dentro. Esperava que os tiras não dissessem que sentiam muito, mas abriam somente portas de carros com as Garras Salva-Vidas e não podiam abrir portas de clínicas, porque se o fizessem sem dúvida tudo estaria acabado para ele.

— Vai me responder, Thomas?—perguntou o Mal.

A cadeira de ver televisão de Derek caíra durante a luta e agora estava entre Thomas e o Mal. O Mal estendeu uma das mãos em direção à cadeira, apenas uma, e a luz azul saiu vuummm! e a cadeira despedaçou-se em estilhaços, como todos os palitos do mundo. Thomas cobriu rapidamente o rosto com as mãos para que as farpas não entrassem em seus olhos. Algumas penetraram nas costas de suas mãos e mesmo nas faces e no queixo, e pôde sentir outras em sua camisa, espetando-o na barriga, mas não sentiu nada porque estava apavorado demais.

Retirou as mãos dos olhos imediatamente, porque precisava ver onde o Mal estava. Onde ele estava era bem junto dele, com pedacinhos do estofamento da cadeira flutuando no ar diante de seu rosto.

—Thomas?—perguntou, colocando uma de suas mãos enormes no pescoço de Thomas como fizera com Pete pouco antes.

Thomas ouviu algumas palavras vindas de si mesmo e não conseguia acreditar que era ele quem estava falando, mas era. Então, quando ouviu o que disse ao Mal, mal pôde acreditar no que disse:

— Você não está Sendo Sociável.

O Mal agarrou-o pelo cinto enquanto mantinha-o preso pelo pescoço, ergueu-o do solo e afastou-o da parede, em seguida atirou-o contra a parede, exatamente como fizera com Derek e, ah, doeu mais do que Thomas jamais sentira em sua vida.

O interior da porta da garagem tinha uma tranca, mas não tinha corrente de segurança. Colocando suas chaves no bolso, Clint entrou na cozinha às oito e dez e viu Felina sentada à mesa, lendo uma revista,

enquanto o aguardava.

Ela ergueu os olhos e sorriu, e seu coração bateu mais forte só de vê-la, exatamente como em todos os romances água-com-açúcarjá escritos. Perguntou-se como aquilo podia ter-lhe acontecido. Era tão auto-suficiente antes de conhecer Felina. Orgulhava-se do fato de não precisar de ninguém para estímulo intelectual ou apoio emocional e que, portanto, era invulnerável às dores e decepções dos relacionamentos humanos. Então, conheceu-a. Quando recuperou o fôlego, viu-se tão vulnerável quanto qualquer um — e contente por isso.

Estava linda num vestido simples azul com um cinto vermelho e sapatos vermelhos. Ela era tão forte e, no entanto, tão delicada, tão valente e, no entanto, tão frágil.

Dirigiu-se a ela e, por algum tempo, ficaram parados junto à geladeira, perto da pia da cozinha, abraçando-se e beijando-se, sem falar de nenhum dos modos que podiam. Clint achou que seriam felizes assim, mesmo que ambos fossem surdos-mudos, sem saber leitura de lábios ou linguagem de sinais, porque naquele instante o que os fazia felizes era o próprio fato de estarem juntos, o que de qualquer forma nenhuma palavra era capaz de expressar de forma adequada.

Finalmente, ele disse:

— Que dia! Mal posso esperar para contar-lhe. Deixe-me tomar um banho rápido, mudar de roupa. Vamos sair às oito e meia, vamos para o Caprabello's, arranjar uma mesa no canto, um vinho, massas, pão de alho...

Azia.

Ele riu porque era verdade. Ambos adoravam o Caprabello's, mas a comida era muito temperada. Sempre sofriam com a indulgência.

Beijou-a outra vez, e ela sentou-se novamente com sua revista, enquanto ele atravessava a sala de jantar e seguia pelo corredor até o banheiro. Enquanto deixava a água escorrer na pia para esquentar, ligou o barbeador elétrico e começou a se barbear, rindo para si mesmo no espelho porque ele era um sujeito de muita sorte.

O Mal estava diante de seu rosto, rosnando para ele, cheio de perguntas, perguntas demais para Thomas pensar e responder ainda que estivesse

sentado tranquilamente numa poltrona, em vez de estar acima do chão e preso contra a parede, com as costas doendo tanto que teve de chorar. Repetia sem parar:

— Estou cheio, estou cheio.

Sempre que dizia isso, as pessoas paravam de fazer-lhe perguntas ou

dizer-lhe coisas, davam-lhe tempo para clarear a cabeça. Mas o Mal não era como as outras pessoas. Não se importava se sua cabeça estava clara, só queria respostas. Quem era Thomas? Quem era sua mãe? Quem era seu pai? De onde ele era? Quem era Julie? Quem era Bobby? Onde estava Julie? Onde estava Bobby?

Então, o Mal disse:

—Droga, é apenas um idiota. Não sabe as respostas, não é? Você é tão estúpido quanto aparenta ser.

Afastou Thomas da parede, segurou-o acima do chão com uma das mãos em seu pescoço, de modo que Thomas não podia respirar direito. Esbofeteou Thomas no rosto, com força, e Thomas não queria continuar chorando, mas não conseguia parar, sentia dor e tinha medo.

— Por que deixam pessoas como você viverem?—perguntou o Mal.

Ele soltou Thomas, que caiu no chão. O Mal olhou-o com tanto desprezo que deixou Thomas quase tão furioso quanto estava apavorado. O que era esquisito, porque ele quase nunca ficava com raiva. E esta era a primeira vez que estava com raiva e com medo ao mesmo tempo. Mas o Mal olhava-o como se ele fosse um inseto ou uma sujeira no chão que tinha de ser removida.

—Por que não matam crianças como você quando nascem? Para que servem? Por que não os matam quando nascem, picam em pedaços e fazem ração de cachorro?

Thomas tinha lembranças de como as pessoas, no mundo lá fora, olhavam-no daquele jeito ou diziam coisas cruéis e de como Julie sempre as Fazia Calar a Boca. Ela dizia que Thomas não tinha de ser gentil com pessoas assim, dizia que ele podia dizer-lhes que elas estavam Sendo Mal-Educadas. Agora, Thomas estava furioso como tinha Todo Direito de Estar e ainda que Julie nunca lhe tivesse dito que poderia ficar com raiva por causa de coisas como essa, ele provavelmente ficaria de qualquer forma, porque há coisas que você simplesmente sabe se são certas ou erradas.

O Mal deu-lhe um chute na perna e ia chutá-lo outra vez, podia ver, mas ouviu-se um barulho na janela. Alguns dos assistentes estavam à janela. Quebraram um pequeno quadrado de vidro e enfiavam a mão tentando alcançar o ferrolho.

Quando ouviu o barulho de vidro quebrado, o Mal desviou o olhar de Thomas e estendeu as mãos em direção à janela, como se pedisse aos assistentes para pararem de tentar entrar. Mas Thomas sabia que ele ia projetar a luz azul.

Thomas quis avisar os assistentes, mas imaginou que ninguém iria ouvi-lo ou prestar-lhe atenção até ser tarde demais. Assim, enquanto o Mal estava voltado de costas para ele, Thomas atravessou o quarto arrastando-se pelo chão, afastando-se do Mal, ainda que doesse, ainda que tivesse que passar pelo sangue de Derek, tudo molhado, o que o fez sentir-se enjoado, além de estar com raiva e com medo.

'Luz azul. Muito intensa.

Algo explodiu.

Ouviu estilhaços de vidro caindo e pior, como se não apenas toda a janela tivesse explodido sobre os assistentes, mas parte da parede também.

Pessoas gritando. A maior parte dos gritos estancou-se rapidamente, mas um deles continuou, era terrível, como se alguém lá fora no escuro, do outro lado da janela destruída, estivesse sofrendo ainda mais do que Thomas.

Thomas não olhou para trás porque ele agora estava do outro lado da cama de Derek, de onde não podia ver a janela de qualquer ângulo onde estava no chão. E, além do mais, sabia o que queria agora, aonde queria ir, e tinha de chegar lá antes que o Mal se interessasse por ele outra vez.

Depressa, ele arrastou-se para a cabeceira da cama de Derek, olhou para cima e viu o braço de Derek pendendo da beira da cama, o sangue escorrendo pela manga de sua camisa e pela mão e pingando de seus dedos. Não queria tocar em uma pessoa morta, nem mesmo em uma pessoa de quem gostava. Mas era o que precisava fazer e ele estava acostumado a ter de fazer todo tipo de coisas que preferia não fazer — assim era a vida. Assim agarrou-se à borda de cama e ergueu-se o mais rápido possível, tentando não sentir a intensa dor nas costas e na perna onde levava um chute, porque isso o tomaria rígido e lento. Derek estava bem ali, os olhos abertos, a boca aberta, encharcado de sangue, tão triste, tão assustador, sobre as fotografias de seus parentes que haviam caído da parede, morto, imóvel, para sempre na Casa do Mal. Thomas agarrou a

tesoura que despontava do peito de Derek, puxou-a, dizendo a si mesmo que não tinha importância porque Derek já não podia sentir nada agora, ou nunca mais...

— Você! — exclamou o Mal.

Thomas virou-se para ver onde o Mal estava e estava bem atrás dele, do lado da cama, vindo em sua direção. Thomas atacou-o com a tesoura, com todas as forças que lhe restavam, e um ar de surpresa tomou conta do rosto

do Mal. A tesoura penetrou no ombro do Mal. O Mal mostrou-se ainda mais suipreso. O sangue aflorou.

Largando a tesoura, Thomas disse:

— Por Derek—e continuou—e por mim.

Não sabia ao certo o que iria acontecer, mas imaginava que fazer o sangue sair machucaria o Mal e talvez o fizesse morrer, como fizera com Derek. Do outro lado do quaito, viu onde a janela já não existia e onde parte da parede já não existia, um pouco de fumaça saindo dos escombros. Pensou em correr para lá e fugir pelo buraco, embora a noite estivesse do outro lado.

Mas nunca imaginou o que realmente aconteceu, porque o Mal agiu como se a tesoura nem estivesse nele, como se não estivesse sangrando, e agarrou-o e levantou-o outra vez. Atirou-o contra a cômoda de Derek, que doía muito mais do que a parede porque a cômoda era feita de relevos e pontas, que a parede não tinha.

Ouviu alguma coisa estalar-se dentro dele, ouviu alguma coisa romper-se. Mas o engraçado é que ele não estava mais chorando e não queria mais chorar, como se tivesse esgotado todas as lágrimas que possuía.

O Mal colocou o rosto junto ao de Thomas, de modo que seus olhos ficaram a apenas alguns centímetros de distância. Não gostou de olhar nos olhos do Mal. Eram assustadores. Eram azuis, mas era como se fossem muito escuros, como se debaixo do azul houvesse algo negro como a noite do outro lado da janela destruída.

Mas outra coisa engraçada era que já não estava tão apavorado quanto antes, como se tivesse esgotado todo o seu medo como ocorrera com as lágrimas. Olhou nos olhos do Mal e viu toda aquela escuridão, maior do que a escuridão que se abatia sobre o mundo todos os dias quando o sol ia embora, e compreendeu que ele queria matá-lo, ele ia matá-lo, e tudo bem. Já não tinha tanto medo de morrer como sempre achara que teria. Ainda era a Casa do Mal, a morte, e ele preferia não ter de ir para lá, mas

repentinamente sentia uma sensação engraçada em relação à Casa do Mal, uma sensação de que talvez não fosse tão solitário lá como sempre imaginara que seria, nem sequer tão solitário quanto era deste lado. Sentiu como se houvesse alguém lá que o amava, alguém que o amava até mais do que Julie o amava, mais do que seu pai os amara, alguém todo feito de luz, sem nenhuma escuridão, tão luminoso que só se podia olhá-Lo de lado.

O Mal segurou Thomas contra a cômoda com uma das mãos e com a

outra retirou a tesoura do próprio ombro.

Em seguida, fincou-a em Thomas.

Essa luz começou a inundar Thomas, essa luz que o amava, e ele compreendeu que estava partindo. Esperava que quando tivesse partido de vez, Julie soubesse como ele fora corajoso até o fim, como ele parou de chorar e parou de ter medo e revidou. Então, de repente, lembrou-se que não tinha enviado um aviso televisionado para Bobby de que o Mal devia estar no encalço deles também e começou a fazê-lo.

...a tesoura penetrou nele outra vez...

De repente, compreendeu que havia algo ainda mais importante que tinha de fazer. Tinha de dizer a Julie que a Casa do Mal não era tão ruim assim afinal, que havia uma luz lá que o amava, ele tinha certeza. Ela precisava saber disso porque no fundo ela não acreditava nisso. Ela imaginava que tudo era escuro e solitário, como Thomas também imaginara, de modo que ela contava cada tique-taque do relógio e preocupava-se com tudo que precisava fazer antes de seu tempo se acabar, tudo que precisava aprender, ver, sentir e obter, tudo que tinha de fazer por Thomas e por Bobby para que eles ficassem bem se Alguma Coisa Lhe Acontecesse.

... e a tesoura penetrou nele outra vez...

E ela era feliz com Bobby, mas ela nunca ia sentir-se realmente feliz enquanto não soubesse que não tinha de ter tanta raiva de tudo terminar numa grande escuridão. Ela era tão boa que era difícil imaginá-la furiosa por dentro, mas ela era. Thomas somente compreendeu isso agora, conforme a luz o inundava, compreendeu quanta raiva havia dentro de Julie. Tinha raiva porque todo o trabalho, toda a esperança, todos os sonhos, todo o esforço, todo o amor não importavam no final das contas, porque mais cedo ou mais tarde você morria para sempre.

...a tesoura...

Se ela soubesse da luz, podia deixar de sentir raiva por dentro. Assim, Thomas enviou essa mensagem também, juntamente com o aviso e com três últimas palavras para ela e para Bobby, palavras suas, todas as três coisas ao mesmo tempo, esperando que eles não ficassem confusos:

O Mal está a caminho, cuidado, o Mal, há uma luz que os ama, o Mal, eu amo vocês, há uma luz, há uma luz» O MAL ESTÁ A CAMINHO...

Às 8:15 estavam na Foothill Freeway, a toda velocidade, em direção ao entroncamento com a Ventura Freeway, pela qual atravessariam San Fernando Valley quase até o mar antes de virarem para norte em

direção a Oxnard, Ventura, e finalmente Santa Barbara. Julie sabia que devia reduzir a velocidade, mas não conseguia. A velocidade aliviava um pouco de sua tensão; caso se mantivesse sequer perto do limite de oitenta quilômetros por hora, tinha certeza de que começaria a gritar antes de chegarem a Burbank.

Benny Goodman tocava no toca-fitas. As exuberantes melodias e os ritmos sincopados pareciam em consonância com a temerária velocidade do carro; e se estivessem num filme, os acordes de Goodman teriam propiciado um fundo musical perfeito para a tenebrosa paisagem de colinas salpicadas de pequenas luzes pelas quais passavam de uma cidade a outra, de um subúrbio a outro.

Sabia por que estava tão tensa. De uma forma que ela jamais esperara, O Sonho estava ao seu alcance — mas podiam perder tudo ao tentar alcançá-lo. Tudo. Esperança. Um ao outro. Suas vidas.

Sentado no banco a seu lado, Bobby confiava tão intrinsecamente nela que conseguia cochilar a mais de 120 quilômetros por hora, embora soubesse que também ela dormira apenas três horas à noite passada. De vez em quando, lançava-lhe um olhar, simplesmente porque o fato de tê-lo a seu lado fazia-a sentir-se bem.

Ele ainda não compreendia por que estavam indo para o norte para investigar a família Pollard, estendendo irracionalmente sua obrigação para com o cliente, mas sua perplexidade vinha do fato de que era um homem tão bom quanto aparentava ser. Ele às vezes quebrava as regras e as leis em favor de seus clientes, mas era mais escrupuloso em sua vida pessoal do que qualquer outra pessoa que Julie já conhecesse. Estava com ele numa ocasião em que uma máquina automática de venda de jornais deu-lhe um exemplar do Los Angeles Times de domingo, depois deu um

defeito e devolveu três das moedas de 25 centavos que ele depositara, diante do que ele recolocou todas as três de volta na máquina, embora essa mesma máquina já tivesse apresentado defeito contra ele em outras ocasiões ao longo dos anos e já estivesse lhe devendo alguns dólares.

— Ah, bem — disse ele, ruborizando-se quando ela riu de sua boa conduta —, talvez ela possa dormir com a consciência pesada, mas eu não.

Julie podia ter-lhe dito que estavam apegando-se ao caso de Pollard porque viam uma oportunidade única de colocar a mão em muito dinheiro, a Grande Chance pela qual todo trabalhador no mundo procurava e que a maioria jamais encontraria. Desde o instante em que Frank lhes

mostrara todo aquele dinheiro na sacola de viagem e lhes falara da segunda provisão no quarto do motel, ficaram presos como ratos num labirinto, atraídos pelo cheiro de queijo, embora cada qual a seu turno tivesse alegado não ter qualquer interesse no jogo. Quando Frank voltou ao quarto do hospital de só-Deus-sabe-onde, com mais trezentos mil dólares, nem ela nem Bobby sequer levantaram a questão de ilegalidade, embora a essa altura já não fosse possível fingir que Frank fosse completamente inocente. A essa altura, o cheiro de queijo era forte demais para poderem resistir. Estavam mergulhando no caso porque viam a chance de usar Frank para sair da corrida de ratos e comprar O Sonho mais cedo do que esperavam. Estavam dispostos a usar dinheiro sujo e meios questionáveis para alcançar seu objetivo, mais dispostos do que podiam admitir para si próprios, embora Julie achasse que se podia dizer em favor deles que ainda não estavam tão gananciosos que podiam simplesmente roubar o dinheiro e os diamantes de Frank e abandoná-lo à mercê de seu irmão psicopata; ou talvez até seu senso de dever para com o cliente fosse agora uma mentira, uma virtude à qual pudessem recorrer mais tarde quando quisessem justificar, para si mesmos, seus atos e impulsos menos nobres.

Ela poderia ter-lhe dito tudo isso, mas não o fez, porque não queria brigar com ele. Tinha de deixá-lo tirar suas próprias conclusões, aceitar isso a seu modo. Se tentasse dizer-lhe antes que estivesse pronto a compreender, ele negaria o que ela dissesse. Ainda que ele admitisse uma fração da verdade, iria apresentar um argumento sobre a lisura do Sonho, sua moralidade básica, e usar isso para dizer que os fins justificavam os meios. Mas ela não acreditava que um fim nobre pudesse permanecer imaculadamente nobre se obtido por meios escusos. E embora não pudes-

se virar as costas a essa Grande Oportunidade, temia que, ao alcançar O Sonho, ele estaria maculado, já não seria o que deveria ser.

Entretanto, seguiu em frente. A toda velocidade. Porque a velocidade aliviava um pouco do medo e da tensão. Entorpecia a prudência também.

E sem prudência era menos provável que recuasse do perigoso confronto com a família Pollard, que parecia inevitável se quisessem agarrar a oportunidade de conseguir uma riqueza imensa e libertadora.

Estavam numa clareira do tráfego, sem nenhum veículo logo atrás deles e seguindo o carro mais próximo a cerca de quatrocentos metros de distância, quando Bobby gritou e sentou-se ereto no banco, como se a avisasse de uma colisão iminente. Deu um salto para a frente, fazendo a tira do cinto de segurança retesar-se e colocou as mãos na cabeça,

como se atacado por uma súbita dor de cabeça.

Assustada, ela reduziu a velocidade, pisou várias vezes, de leve, no pedal do freio, e perguntou:

— Bobby, o que foi?

Numa voz rouca de pavor e aguda de urgência, falando acima da música de Benny Goodman, ele disse:

— O Mal, o Mal, cuidado, há uma luz, há uma luz que a ama...

Candy olhou para o corpo ensangüentado a seus pés e compreendeu que não deveria ter matado Thomas. Ao contrário, deveria tê-lo levado para um lugar isolado e torturado-o até arrancar-lhe as respostas, ainda que levasse horas para o idiota se lembrar de tudo que Candy precisava saber. Poderia até ter sido divertido.

Mas sentia uma furia maior do que jamais experimentara e tinha menos controle sobre si mesmo do que em toda a sua vida, desde o dia em que encontrara o corpo de sua mãe. Queria vingança, não somente para sua mãe, mas para si mesmo e para todos no mundo que mereciam vingança e nunca a obtiveram. Deus o fizera um instrumento de vingança, e agora Candy ansiava desesperadamente para cumprir seu propósito de um modo que nunca cumprira antes. Não ansiava apenas para dilacerar a garganta e beber o sangue de um único pecador, mas de uma multidão de pecadores. Se quisesse ver sua raiva dissipada, precisava não só beber sangue, mas embebedar-se com ele, banhar-se nele, vadear por rios de sangue, pisar em terra saturada de sangue. Queria que a mãe o libertasse

de todas as regras que haviam restringido sua ira até então, queria que Deus o deixasse à solta.

Ouviu sirenes a distância e compreendeu que logo precisaria ir embora.

Dor e ardência latejavam em seu ombro, onde a tesoura atravessara o músculo e raspava o osso, mas lidaria com aquilo quando viajasse. Ao reconstituir-se, ele facilmente recomporia o tecido e se curaria.

Transpondo os escombros que entulhavam o chão, procurou algo que lhe desse uma pista das andanças tanto da Julie quanto do Bobby de quem Thomas falara. Deveriam saber quem fora Thomas e por que ele possuía um dom que nem a abençoada mãe fora capaz de lhe conferir.

Tocou vários objetos e peças da mobília, mas tudo que conseguiu extrair dali foram imagens de Thomas e de Derek, bem como de alguns auxiliares e enfermeiros que cuidavam deles. Então, viu um caderno de desenho aberto no chão, ao lado da mesa onde havia chacinado Derek. As páginas estavam cobertas de toda espécie de gravuras que haviam sido coladas em fileiras e em estranhos padrões. Apanhou o caderno e

folheou-o, imaginando o que seria, e quando tentou ver o rosto da última pessoa que o havia manuseado, foi recompensado com alguém que não era um mongolóide ou um enfermeiro.

Um homem forte e de ar severo. Não tão alto quanto Candy, mas quase tão forte quanto ele.

As sirenes estavam a menos de dois quilômetros agora, mais altas a cada segundo.

Candy deixou que sua mão direita deslizesse sobre a capa do caderno, procurando procurando...

Às vezes, podia sentir apenas um pouco, às vezes muito. Dessa vez, tinha que ser bem-sucedido ou aquele quarto iria ser um beco sem saída em sua busca do significado do poder do idiota.

Procurando.

Ele recebeu um nome. Clint.

Clint sentara-se na cadeira de Derek à tarde, folheando a singular coleção de gravuras.

Quando tentou ver para onde Clint fora, depois de deixar aquele quarto, viu um Chevy que Clint dirigia na auto-estrada, em seguida um lugar chamado Dakota & Dakota. Em seguida, o Chevy outra vez, numa

auto-estrada à noite e, em seguida, uma pequena casa num lugar denominado Placentia.

As sirenes estavam cada vez mais próximas, provavelmente subindo o caminho de entrada para o estacionamento de Cielo Vista.

Candy atirou o livro no chão. Estava pronto para partir.

Tinha apenas uma última coisa a fazer antes de teletransportar-se. Quando descobriu que Thomas era mongolóide, e quando compreendeu que Cielo Vista era um lugar cheio deles, ficara enfurecido com a existência da instituição.

Estendeu as mãos, afastadas uns cinquenta centímetros, palma voltar da para palma. Uma luz azul-clara brilhou entre elas.

Lembrou-se de como seus vizinhos e outras pessoas falaram de suas irmãs—e também dele quando, ainda menino, foi impedido de frequentar a escola por causa de seus problemas. Violet e Verbina pareciam e se comportavam como se fossem mentalmente deficientes e provavelmente não se importavam se as pessoas as consideravam retardadas. Pessoas ignorantes o tacharam de retardado também, porque acharam que foi afastado da escola por ser incapacitado para a aprendizagem e tão estranho quanto suas irmãs. (Somente Frank frequentou a escola como uma criança normal.)

A luz começou a formar uma bola. Quanto mais energia fluía de suas mãos para a bola, mais ela adquiria um tom escuro de azul e mais parecia ganhar corpo, como se fosse um objeto sólido flutuando no ar.

Candy fora inteligente, sem absolutamente nenhuma dificuldade de aprendizagem. Sua mãe ensinou-o a ler, escrever e a fazer cálculos; de modo que ficava furioso quando por acaso ouvia as pessoas comentarem que ele era um cabeça-dura. Fora afastado da escola por outras razões, é claro, principalmente por causa de sexo. Quando ficou mais velho e maior, ninguém o chamava de retardado ou fazia piadas a seu respeito, pelo menos não que pudesse ouvir.

A esfera azul-safira parecia tão sólida quanto uma safira genuína, mas do tamanho de uma bola de basquete. Estava quase pronta.

Tendo sido injustamente tachado de retardado, Candy não crescera com nenhuma simpatia pelos verdadeiramente incapacitados, mas com um intenso desprezo por eles que ele esperava deixasse claro até para pessoas ignorantes que ele definitivamente não era—e nunca fora—um

deles. Pensar tal coisa dele—ou mesmo de suas irmãs—era um insulto a sua santa mãe, que era incapaz de trazer ao mundo um mongolóide.

Cortou o fluxo de energia e afastou as mãos da esfera. Por um instante, fltou-a, rindo, pensando no que ela faria àquele lugar ofensivo.

Através do buraco onde estivera a janela e das paredes parcialmente destruídas, as sirenes tomaram-se ensurdecedoras, em seguida repentinamente reduziram o barulho de um guincho agudo para um ronco baixo, que decrescia em espiral rumo ao silêncio.

— O socorro chegou, Thomas—disse, e riu.

Colocou uma das mãos sobre a bola de safira e empurrou-a. Ela disparou pelo quarto como se fosse um míssil balístico disparado de seu silo. Chocou-se contra a parede atrás da cama de Derek, deixando um rombo do tamanho que uma bala de canhão produziria, atravessou a outra párede depois dessa e todas as demais paredes à sua frente, vomitando fogo em sua trajetória, incendiando tudo em seu caminho.

Candy ouviu pessoas gritando e uma forte explosão, enquanto ele desaparecia em seu trajeto para a casa em Placentia.

Bobby estava parado no acostamento da estrada, apoiando-se na porta aberta do carro, respirando com dificuldade. Tivera certeza que ia vomitar, mas a ânsia passara.

— Você está bem? — perguntou Julie, ansiosa.

— Eu acho que sim.

Os carros passavam a toda velocidade. Cada veículo era seguido por uma esteira de vento e um ronco que dava a Bobby a estranha sensação de que ele, Julie e o Toyota ainda estavam em movimento, correndo a mais de 120 quilômetros com ele agarrado à porta aberta e ela com uma das mãos em seu ombro, magicamente equilibrados e evitando queimar os pés no asfalto conforme se arrastavam, sem ninguém na direção.

O sonho o perturbara e desorientara seriamente.

— Não foi realmente um sonho — disse-lhe. Continuou com a cabeça baixa, examinando pequenos cascalhos no acostamento da estrada, quase que esperando uma volta das ânsias de vômito.—Não foi como o sonho que tive antes, sobre nós, a vitrola automática e o mar de ácido.

— Mas sobre “o mal” outra vez.

—Sim. Entretanto, não se poderia chamar isso de sonho, porque foi apenas aquela aquela explosão de palavras, dentro de minha cabeça.

— Vindas de onde?

— Não sei.

Atreveu-se a levantar a cabeça e, embora sentisse uma onda de tontura, as náuseas não retomaram.

Repetiu:

—O mal cuidado há uma luz que ama você. Não consigo me lembrar de tudo. Foi tão forte, tão enfático, como alguém gritando-me através de um berrante junto ao meu ouvido. Mas também não era bem isso, porque eu não ouvia realmente as palavras, elas simplesmente estavam lá, dentro da minha cabeça. Mas pareciam altas, se isso faz algum sentido. E não havia imagens, como num sonho. Mas, por outro lado, havia aquelas emoções, tão fortes que eram confusas. Medo e alegria, raiva e perdão e, bem ao final, essa estranha sensação de paz que não consigo descrever.

Um Peterbilt vinha em disparada em direção a eles, rebocando o maior trailer que a lei permitia. Saindo repentinamente da noite por trás de seus

faróis incandescentes, parecia um leviatã subindo à tona, saído de um profundo fosso submarino, pura força bruta e ódio frio, com uma fome que não podia ser saciada. Por alguma razão, quando ele passou por eles a toda velocidade, Bobby lembrou-se do homem que vira na praia de Punaluu e estremeceu.

Julie perguntou:

— Está se sentindo bem?

— Estou.

— Tem certeza?

Ele assentiu.

— Um pouco tonto. Só isso.

— E agora?

Ele olhou-a.

—O que mais? Continuamos para Santa Barbara. El Encanto Heights, vamos logo com isso de alguma maneira.

Candy materializou-se na passagem em arco entre a sala de visitas e a sala de jantar. Não havia ninguém em nenhum dos dois aposentos.

Ouviu um zumbido mais para dentro da casa e, após alguns instantes, identificou o barulho de um barbeador elétrico. O ruído cessou. Em seguida, ouviu água corrente numa pia e o ronco de um exaustor de banheiro.

Pretendia dirigir-se diretamente para o corredor e o banheiro, pegar o homem de surpresa. Mas ouviu um farfalhar de papel vindo da direção oposta.

Atravessou a sala de jantar e parou na entrada da cozinha. Era menor do que a cozinha da casa de sua mãe, mas era tão impecavelmente limpa e arrumada como a de sua mãe nunca mais fora desde a sua morte.

‘Uma mulher com um vestido azul estava sentada à mesa, de costas para ele. Estava debruçada sobre uma revista, virando as páginas uma após a outra, como se procurasse alguma coisa interessante para ler.

Candy possuía um controle muito maior de seus poderes telecinéticos do que Frank e, em particular, podia teletransportar-se com mais eficiência e rapidez do que Frank, criando menos deslocamento de ar e menos barulho da resistência molecular. Ainda assim, ficou surpreso por ela não ter se levantado para investigar, pois os ruídos que fizera com sua chegada separavam-se dela por apenas um pequeno cômodo e, certamente, eram suficientemente estranhos para despertar sua curiosidade.

Folheou mais algumas páginas, depois inclinou-se para ler.

Não podia vê-la muito bem pelas costas. Seus cabelos eram espessos,

brilhosos e tão negros que pareciam feitos do mesmo tecido da noite. Os ombros e as costas eram esbeltos. As pernas, ambas para um dos lados da cadeira e cruzadas nos tornozelos, eram bem torneadas. Se ele fosse um homem com qualquer interesse em sexo, supunha que teria ficado excitado pelas curvas de suas pernas.

Imaginando como seria seu rosto — e repentinamente tomado pela necessidade de conhecer o gosto de seu sangue —, ele adiantou-se e deu três passos em sua direção. Não fez nenhum esforço para ser silencioso, mas ela não ergueu os olhos. Somente tomou conhecimento de sua presença quando a arrancou pelos cabelos, esperneando e debatendo-se, de sua cadeira.

Girou-a nos calcanhares e ficou imediatamente excitado por ela. Era indiferente às suas belas pernas, o brilho de seus lábios, a delicadeza de sua cintura, o volume de seus seios. Embora fosse linda, não era nem mesmo seu rosto que o eletrizava. Algo mais. Algo em seus olhos cinza. Chame a isso de vitalidade. Ela era mais vibrante do que a maioria das pessoas, mais viva.

Ela não gritou, mas deixou escapar um ronco baixo de medo e raiva, depois golpeou-o furiosamente com os punhos. Batia em seu peito e em seu rosto.

Vitalidade! Sim, esta era cheia de vida, explodindo de vida, e sua vitalidade excitava-o muito mais do que qualquer prodigalidade de encantos sexuais.

Ainda podia ouvir o barulho distante de água corrente, o ronco do exaustor do banheiro, e tinha certeza que poderia apoderar-se dela sem chamar a atenção do homem — desde que pudesse impedi-la de gritar. Atingiu-a do lado da cabeça com o punho cerrado, golpeou-a antes que pudesse gritar. Ela caiu em sua direção, não inconsciente, mas aturdida.

Trêmulo em antecipação ao prazer, Candy colocou-a de costas sobre a mesa, as pernas pendendo da borda. Separou suas pernas e inclinou-se entre elas, mas não para cometer estupro, nada tão nojento assim. Ao inclinar o rosto em sua direção, ela primeiro piscou, confusa, ainda desnorteada pelos golpes na cabeça. Em seguida, seus olhos começaram a clarear. Ele viu que a horrorizada compreensão do que ocorria voltou à sua mente e buscou depressa a sua garganta, mordeu profundamente e encontrou o sangue, que era limpo e doce, inebriante.

Ela debatia-se sob ele.

Era tão cheia de vida. Tão maravilhosamente cheia de vida. Por

enquanto.

Quando o entregador chegou com a pizza, Lee Chen levou-a para o escritório de Bobby e Julie e ofereceu-a a Hal.

Colocando o livro de lado, mas sem tirar os pés apenas de meias de cima da mesinha de centro, Hal disse:

— Sabe o que isso faz com suas artérias?

Por que todo mundo está tão preocupado com minhas artérias hoje?

—Você é um jovem tão atraente. Detestaríamos vê-lo morto antes dos trinta. Além do mais, sempre ficaríamos imaginando que roupas você estaria usando se fosse vivo.

—Certamente nada parecido com o que você está usando, pode ter certeza.

Hal inclinou-se para a frente e olhou dentro da caixa que Lee entregava-lhe.

—Parece boa. Dizem que qualquer pizza que lhe tragam, eles estão lhe vendendo serviço e não boa comida. Mas esta realmente não parece nada ruim, você pode até dizer onde termina a pizza e começa o papelão.

Lee arrancou a tampa da caixa, colocou-a sobre a mesinha e colocou dois pedaços no prato improvisado.

— Tome.

— Não vai me dar a metade?

— E o seu colesterol?

‘ — Ora, colesterol é apenas um pouco de gordura animal, não é arsênico.

Quando o vigoroso coração da mulher parou de bater, Candy afastou-se dela. Embora o sangue ainda minasse de sua garganta dilacerada, ele não tocou em mais nenhuma gota. A ideia de beber sangue de um cadáver dava-lhe náusea. Lembrou-se dos gatos de suas irmãs, comendo os da própria espécie toda vez que um deles morria, e fez uma careta.

No mesmo instante em que afastava os lábios molhados de sua garganta, ouviu uma porta abrir-se mais ao fundo da casa. Passos aproximavam-se.

Candy rapidamente deu a volta à mesa, colocando-a e a mulher morta entre ele e a entrada para a sala de jantar. Da visão que lhe fora induzida pelo caderno de recortes do mongolóide, Candy sabia que Clint não seria tão fácil de lidar como a maioria das pessoas. Preferia colocar uma certa distância entre eles, dar tempo a si mesmo para avaliar seu adversário em vez de pegar o sujeito de surpresa.

Clint surgiu na entrada da cozinha. Exceto pela roupa—calças cinza, blazer azul-marinho, suéter marrom de gola em V e camisa branca —, parecia o mesmo da impressão psíquica que deixara no caderno. Fizera muita ginástica quando jovem. Seu cabelo era espesso, preto e inteiramente penteado para trás. Tinha um rosto esculpido em granito e um olhar duro nos olhos.

Excitado pelo assassinato recente, pelo gosto de sangue ainda em sua boca, Candy observou o homem com interesse, imaginando o que aconteceria em seguida. Podia haver qualquer tipo de desdobramento, e nenhum deles prometia ser monótono.

Clint não reagiu como Candy esperava. Não demonstrou surpresa quando viu a mulher caída, sem vida, sobre a mesa; não pareceu horrorizado, destroçado com sua perda, ou enfurecido. Algo maior mudou em seu rosto empedernido, embora abaixo da superfície, como placas tectônicas movendo-se sob a crosta terrestre.

Finalmente, seu olhar cruzou com o de Candy e ele disse:

— Você.

O tom de reconhecimento naquela única palavra foi desconcertante. Por um momento, Candy não conseguiu entender como aquele homem o conhecia — até que se lembrou de Thomas.

A possibilidade de que Thomas tivesse falado a esse homem — e talvez a outros — a respeito de Candy era a reviravolta mais assustadora na vida de Candy desde a morte de sua mãe. Seu serviço no exército divino dos vingadores era uma questão profundamente privada, um segredo que não deveria ultrapassar as fronteiras da família Pollard. Sua mãe avisara-o de que ele podia ter orgulho de fazer o trabalho de Deus, mas que seu orgulho o levaria à derrocada se ele se vangloriasse de seus poderes divinos com outras pessoas.

—Satã — dissera-lhe ela — sempre procura os nomes dos tenentes do exército de Deus, que é o que você é, e quando os encontra, ele os destrói com vermes que os devoram vivos nas entranhas, vermes do tamanho de cobras, e faz chover fogo sobre eles também. Se não puder guardar o segredo, morrerá e irá para o inferno por causa de sua língua grande.

— Candy — disse Clint.

O uso de seu nome dissipou qualquer dúvida que ainda restasse de que o segredo ultrapassara a família e que Candy estava em apuros, embora ele próprio não houvesse quebrado o código de silêncio.

Imaginou que, naquele mesmo instante, o diabo, em algum lugar escuro e enfumaçado, inclinara a cabeça e dissera:

—Quem? Quem foi que disse? Qual era seu nome? Candy? Candy de quê?

Tão furioso quanto assustado, Candy começou a dar a volta à mesa da cozinha, imaginando se Clint soubera a seu respeito através de Thomas. Estava disposto a subjugar-lo, a obrigá-lo a falar antes de matá-lo.

Num gesto tão inesperado quanto sua aceitação impassível da morte da mulher, Clint enfiou a mão dentro do casaco, retirou um revólver e disparou dois tiros.

Ele pôde ter disparado mais de dois tiros, mas esses dois foram os únicos que Candy ouviu. A primeira bala atingiu-o no estômago, a segunda no peito, perfurando-lhe as costas. Felizmente, nem sua cabeça nem seu coração sofreram nenhum dano. Se o tecido de seu cérebro tivesse sido danificado, perturbando a misteriosa e frágil conexão entre cérebro e mente, deixando sua mente aprisionada dentro do cérebro arruinado antes que tivesse a chance de separá-los, ele não teria a capacidade mental de se teletransportar, tomando-se vulnerável a um golpe de misericórdia. E caso o seu coração tivesse parado instantaneamente por uma bala bem colocada, antes que ele pudesse se desmaterializar, ele teria tombado morto naquele mesmo local. Esses eram os únicos ferimentos que poderiam acabar com ele. tinha muitos poderes, mas não era imortal; assim, agradeceu a Deus por deixá-lo sair daquela cozinha e voltar vivo para a casa de sua mãe.

A auto-estrada de Ventura. Julie dirigia em alta velocidade, embora não tanto quanto antes. No toca-fitas: “Nightmare”, de Artie Shaw.

Bobby cismava, olhando a paisagem noturna pela janela lateral. Não conseguia parar de pensar na avalanche de palavras que o atravessara, alta como a explosão de uma bomba e brilhante como o clarão de uma fornalha. Já havia se conformado com o sonho que o assustara na semana anterior; todo mundo tinha pesadelo. Embora excepcionalmente vivido, quase mais real do que a própria vida, nada havia de estranho a respeito dele — ou assim se convencera. Mas isso fora diferente. Não podia acreditar que aquelas palavras uigentes, incandescentes como lava, tivessem sido expelidas do seu próprio subconsciente. Um sonho, com complexas mensagens freudianas expressas em cenas e símbolos elaborados — sim, isso era compreensível; afinal, o subconsciente lidava com eufemismos e metáforas. Mas aquela explosão de palavras fora seca, direta, como uma mensagem telegráfica enviada por um fio diretamente ligado a seu córtex cerebral.

Enquanto cismava, Bobby remexia-se impacientemente. Por causa de

Thomas.

Por algum motivo, quanto mais meditava na labareda de palavras, mais Thomas se insinuava em seus pensamentos. Não conseguia ver nenhuma ligação entre os dois, e tentava afastar Thomas da mente para se concentrar numa explicação para a experiência. Mas Thomas delicada, insistentemente, retomava, repetidamente. Depois de algum tempo, Bob-by começou a ficar com a inquietante sensação de que havia uma ligação entre a explosão de palavras e Thomas, embora não tivesse a menor ideia do que pudesse ser.

Pior, à medida que os quilômetros transcorriam no hodômetro e aproximavam-se do extremo oeste do vale, Bobby começou a achar que Thomas corria perigo. E por causa de mim e de Julie, pensou Bobby.

Perigo por causa de quem, de quê?

O maior perigo que Bobby e Julie enfrentavam no momento era Candy Pollard. Mas mesmo essa ameaça estava no futuro, pois Candy ainda não sabia a respeito deles; não sabia que estavam trabalhando para Frank, e talvez nunca viesse a saber, dependendo de como as coisas transcorressem em Santa Barbara e El Encanto Heights. É verdade, ele vira Bobby na praia em Punaluu, com Frank, mas ele não tinha como saber quem era Bobby. Ainda que Candy viesse a saber da associação de Frank com a Dakota & Dakota, não havia meios de Thomas ser envolvido na questão; Thomas era uma outra parte, separada, de suas vidas. Certo?

—Alguma coisa errada? — perguntou Julie, enquanto desviava o Toyota uma pista para a esquerda, para ultrapassar uma enorme carreta transportando bebidas.

Não via nenhum proveito em contar a ela que Thomas podia estar em perigo. Ficaria transtornada, preocupada. E para quê? Ele estava apenas dando asas à sua imaginação fértil. Thomas estava perfeitamente a salvo lá em Cielo Vista.

— Bobby, o que há de errado?

— Nada.

— Por que está tão irrequieto?

— Problema de próstata.

Chanel n^f 5, um abajur à meia-luz, forração e papel de parede em aconchegantes estampas de rosa.

Riu de alívio quando se materializou no quarto, as balas deixadas para trás naquela cozinha em Placentia, a mais de ISO quilômetros de distância. Seus ferimentos haviam desaparecido como se nunca tivessem

existido.

peidera uma pequena quantidade de sangue e algumas partículas de pele, porque uma das balas atravessara-o, saindo pelas costas, carregando o tecido com ela antes que ele se transportasse para longe do alcance do revólver. Tudo o mais estava como deveria estar e sua carne não guardava nem mesmo a lembrança de dor.

Ficou parado diante da cômoda durante meio minuto, respirando fundo o perfume que exalava do lenço saturado. O aroma dava-lhe coragem e relembrava-o da premente necessidade de fazê-los pagar pelo assassinato de sua mãe, todos eles, não apenas Frank, mas o mundo inteiro, que conspirara contra ela.

Fitou seu rosto no espelho. O sangue da mulher de olhos cinza já não estava em seu queixo e em seus lábios; deixara-o para trás, como deixava a água quando se teletransportava de uma tempestade. Mas o gosto do sangue ainda estava em sua boca. E sua imagem no espelho era sem nenhuma dúvida a personificação da vingança.

Contando com o elemento surpresa e com sua capacidade de estabelecer com precisão o ponto de chegada agora que estava familiarizado com a cozinha, ele se teletransportou de volta à casa de Clint. Pretendia entrar pela porta da sala de jantar, imediatamente por trás do homem, na direção oposta ao ponto de onde se desmaterializara.

Ou a experiência de ser baleado o perturbara mais do que imaginara ou a raiva que o perseguia ultrapassara o ponto crítico a partir do qual começara a interferir em sua concentração. Qualquer que fosse o motivo, não aterrissou onde pretendia, mas junto à porta que dava para a garagem, a noventa em vez de cento e oitenta graus de sua última posição, à direita de Clint, mas não suficientemente perto para atirar-se sobre ele e tomar-lhe a arma antes que pudesse atirar.

Só que Clint não estava presente. E o corpo da mulher fora retirado da mesa. Somente o sangue permanecera, como prova de que ela morrera ali.

Candy não podia ter-se ausentado mais do que um minuto—o tempo que passara no quarto de sua mãe, mais alguns segundos em trânsito de ida e vinda. Esperava encontrar Clint inclinado sobre o corpo, chorando ou verificando desesperadamente se ainda existia algum sopro de vida. Mas assim que viu que Candy fora embora, o homem devia ter tomado a mulher nos braços e... e o quê? Devia ter fugido da casa, é claro, esperando que restasse um fio de vida na mulher, tirando-a dali para o caso de Candy retomar.

Praguejando baixinho — e imediatamente em seguida suplicando o

perdão de sua mãe e de Deus por sua linguagem suja —, Candy experimentou a porta que dava para a garagem. Estava trancada. Se ele tivesse saído por aquela porta, Clint não teria parado para trancá-la.

Saiu apressadamente da cozinha, passando pela sala de jantar e entrando no vestíbulo que dava para a sala de visitas, para verificar o jardim e a rua. Mas ouviu um barulho de dentro da casa e parou antes de chegar à porta da frente. Mudou de direção, cautelosamente seguindo o corredor que levava aos quartos.

Havia uma luz acesa em um dos quartos. Esgueirou-se até a porta e arriscou uma olhadela para dentro.

Clint acabara de colocar a mulher sobre a cama de casal. Enquanto Candy observava, ele ajustou sua saia sobre os joelhos. Ainda tinha o revólver em uma das mãos.

Pela segunda vez em menos de uma hora, Candy ouviu sirenes à distância crescendo na noite. Os vizinhos provavelmente haviam ouvido os tiros e chamaram a polícia.

Clint viu-o no vão da porta, mas não ergueu a arma. Não disse nada, tampouco, e a expressão em seu rosto estóico permaneceu impassível. Parecia um surdo-mudo. O estranho comportamento do homem deixou Candy nervoso e inseguro.

Imaginou que havia uma boa chance de que Clint houvesse esvaziado a arma sobre ele na cozinha, muito embora ele tivesse se teletransportado de lá com o impacto da segunda bala. Era bem provável que tivesse disparado todas as balas automaticamente, o dedo no gatilho comandado pela raiva ou medo ou o que quer que estivesse sentindo. Não podia ter carregado a mulher para o quarto e recarregado a arma também, naquele espaço de mais ou menos um minuto em que Candy se ausentara, o que significava que Candy talvez não corresse nenhum risco se simplesmente entrasse no quarto, fosse até o sujeito e arrancasse sua arma.

Mas continuou no vão da porta. Um daqueles dois tiros poderia ter atingido certamente seu coração. Seus poderes eram grandes, mas não podia exercê-los suficientemente rápido para vaporizar uma bala vinda em sua direção.

Em vez de lidar de alguma forma com Candy, o homem deu-lhe as costas, deu a volta na cama para o outro lado e estendeu-se ao lado da mulher.

— Que diabos está fazendo? — perguntou-se Candy em voz alta.

Clint segurou a mão inerte da mulher. Sua outra mão empunhava o revólver. Virou a cabeça sobre o travesseiro para olhá-la e seus olhos

brilharam com o que pareciam ser lágrimas não derramadas. Colocou o cano da arma sob o queixo e suicidou-se.

Candy ficou tão estupefato que por um instante foi incapaz de se mover ou pensar no que fazer em seguida. Foi sacudido de sua paralisia pelas sirenes ululantes e compreendeu que a trilha de Thomas para Bobby e Julie, quem quer que eles fossem, poderia terminar ali se ele não descobrisse que ligação o homem morto na cama tinha com eles. Se esperava algum dia saber quem fora Thomas, como Clint soubera seu nome e o que mais sabia a seu respeito, se quisesse saber qual o perigo que corria e como livrar-se dele, não podia desperdiçar essa oportunidade.

Correu para a cama, girou de lado o corpo do homem morto e retirou a carteira do bolso de sua calça. Abriu-a e viu a licença de investigador particular. Do outro lado, em outra abertura de plástico, via-se um cartão de visitas da Dakota & Dakota.

Candy lembrou-se de uma vaga imagem dos escritórios de Dakota & Dakota, que lhe sobreviera no quarto de Thomas quando conseguira uma visão de Clint a partir do caderno de desenho. Havia um endereço no cartão. E sob o nome Clint Karaghiosis, em letras menores, viam-se os nomes de Robert e Julie Dakota.

Lá fora, as sirenes haviam silenciado. Alguém batia à porta da frente. Duas vozes gritaram:

— Polícia!

Candy livrou-se da carteira e agarrou a arma da mão do morto. Abriu o cilindro. Era um revólver de cinco tiros e todas as câmaras continham um cartucho vazio. Clint disparara quatro tiros na cozinha, mas mesmo em seu momento de fúria vingadora ele tivera autocontrole suficiente para guardar a última bala para si mesmo.

—Só por causa de uma mulher? — perguntou Candy incrédulo, como se o morto pudesse lhe responder. — Porque agora já não poderia fazer sexo com ela? Por que sexo é tão importante? Não podia fazer sexo com outra mulher? Por que sexo com esta mulher era tão importante que você não quis mais viver sem ele?

Ainda batiam com força à porta. Alguém falou por um alto-falante, mas Candy não prestou atenção no que estava sendo dito.

Largou a arma e limpou as mãos nas calças, porque de repente sentiu-se sujo. O morto segurara a arma e o morto parecia ter sido obcecado por sexo. Sem dúvida, o mundo era uma fossa de luxúria e devassidão, e Candy dava graças a Deus por ter Ele e sua mãe poupado-o dos desejos doentios

que pareciam infectar quase todo mundo.

Partiu daquela casa de pecadores.

53

Esparramado no sofá, Hal Yamataka segurava um pedaço de pizza numa das mãos e o livro de MacDonald na outra, quando ouviu o assobio surdo como o de uma flauta. Largou tanto o livro quanto a pizza e pôs-se de pé num salto.

— Frank?

A porta parcialmente aberta abriu-se lentamente para dentro, não porque estivesse sendo empurrada por alguém, mas porque uma súbita corrente de ar, vinda da sala de recepção, era suficientemente forte para abri-la.

— Frank? — Hal repetiu.

Enquanto atravessava a sala, o som definhou e a corrente de ar cessou. Mas quando chegou à porta as notas dissonantes retomaram e uma rajada de vento agitou seus cabelos.

À esquerda ficava a mesa da recepcionista, vazia àquela hora. Diretamente em frente à mesa ficava a porta que dava para o corredor público que servia a outras companhias naquele andar, e estava fechada. A única outra porta, do outro lado do saguão retangular, também estava fechada; dava para um corredor interior dos escritórios da Dakota & Dakota, de onde saíam seis outras salas—inclusive a sala de computadores onde Lee ainda estava trabalhando—e um banheiro. O som de flauta e o vento não podiam ter chegado até ele através daquelas portas fechadas; portanto, o ponto de origem era sem dúvida o saguão de recepção.

Caminhando até o centro da sala, olhou em tomo, na expectativa.

Os sons de flauta e a turbulência elevaram-se uma terceira vez.

— Frank—disse Hal, ao mesmo tempo em que percebia pelo canto do olho a presença de um homem que surgira junto à porta que dava para o corredor público, à direita de Hal e quase atrás dele.

Mas quando se voltou, viu que não se tratava de Frank. O viajante era um estranho, mas Hal reconheceu-o instantaneamente. Candy. Não poderia ser ninguém mais, porque este era o homem da praia de Punaluu que Bobby descrevera e cuja descrição ele recebera de Clint.

Hal tinha uma constituição baixa e larga, mantinha-se em forma e não se lembrava de nenhuma ocasião em sua vida em que se sentira fisicamente intimidado por outro homem. Candy era vinte centímetros mais alto do que ele, mas Hal já havia lidado com homens maiores do que este, Candy era

claramente um desses sujeitos predestinados desde o nascimento a ter ossos largos cobertos por camadas de músculos, ainda que se exercitasse pouco ou nada; e ele obviamente não era nenhum estranho à disciplina e aos penosos rituais de levantamento de pesos, exercícios com pesos e em pranchas inclinadas. Mas Hal também tinha um corpo atlético e músculos tão rígidos quanto carne congelada. Não se intimidou com a altura e os músculos de Candy. O que o apavorou foi a aura de insanidade, fúria e violência que o homem emanava tão fortemente quanto um cadáver de uma semana emana o odor de morte.

No mesmo instante em que o irmão de Frank surgiu na sala, Hal sentiu sua ferocidade insana com tanta certeza quanto um cachorro saudável detecta o cheiro hidrófobo de um doente, e agiu de acordo. Não estava de sapatos, não carregava uma arma e não via nada à mão que pudesse servir de arma, de modo que girou nos calcanhares e correu de volta para o escritório dos chefes, onde sabia que uma pistola Browning 9mm carregada era mantida sob a escrivaninha de Julie como precaução contra o inesperado. Até agora a arma nunca fora usada.

Hal não era o mago das artes marciais que sua aparência temível e sua ascendência levavam a crer que fosse, mas sabia um pouco de Tai Kwan Do. O problema era que somente um idiota recorrería a qualquer forma de artes marciais como sua primeira defesa contra um touro com uma abelha picando seu traseiro.

Alcançou o vão da porta antes que Candy o agarrasse pela camisa e tentasse erguê-lo do chão. A camisa rasgou ao longo das costuras, deixando o louco com um monte de pano na mão.

Mas isso fez com que Hal se desequilibrasse. Entrou no escritório aos tropeções e colidiu com a cadeira de Julie, que ainda estava no meio da sala com outras quatro cadeiras arrumadas em semicírculo à sua frente, como Jackie Jaxx exigira para a sessão de hipnose de Frank. Agarrou-se à cadeira de Julie para não cair. Era uma cadeira com rodas, que rolaram de má vontade sobre o carpete, embora o bastante para sair deslizando traiçoeiramente, deixando-o sem apoio.

O psicopata atirou-se sobre ele, fazendo-o chocar-se contra a cadeira e esta contra a escrivaninha. Inclinando-se sobre Hal, com punhos enormes que pareciam martelos de forja, Candy aplicou uma enxurrada de socos em seu peito.

As mãos de Hal estavam abaixadas, deixando-o momentaneamente indefeso, mas ele uniu-as, com os polegares alinhados e lançou-as para cima, entre os braços de Candy que o esmurravam como um bate-

estaca, atingindo-o no pomo de Adão. O golpe foi suficientemente forte para fazer Candy engasgar seu próprio grito de dor e os polegares de Hal fincaram-se na carne do louco, resvalando até embaixo do queixo, rasgando a pele em seu caminho.

Asfixiado, impossibilitado de respirar através do esôfago ferido e em espasmos, Candy cambaleou para trás, as mãos na garganta.

Hal afastou-se da cadeira, contra a qual fora imprensado, mas não se voltou contra Candy. Até mesmo o golpe que lhe aplicara era como uma simples pancada com um mata-mosquito no focinho daquele touro com uma abelha no traseiro. Um ataque muito confiante sem dúvida terminaria com uma rápida chifrada. Em vez disso, com dores no peito devido aos socos, com o gosto azedo de molho de pizza no fundo da garganta, rodeou atabalhoadamente a escrivaninha, ansioso para pôr as mãos naquela Browning 9mm.

A escrivaninha era grande e as dimensões do espaço para as pernas eram correspondentemente amplas. Não estava bem certo onde a pistola estava presa e não queria inclinar-se para olhar porque teria que tirar os olhos de Candy. Deslizou a mão da esquerda para a direita ao longo da parte de baixo do tampo da mesa, enfiou a mão mais para dentro e deslizou-a outra vez no sentido contrário.

Assim que tocou no cabo do revólver, viu Candy estender os braços, as palmas da mão para fora, como se ele soubesse que Hal encontrara uma arma e estivesse dizendo: Não atire, eu me rendo, pare. Mas enquanto Hal soltava a Browning da presilha de metal que a segurava, descobriu que

Candy não se rendera mentalmente: uma luz azul projetou-se das palmas de suas mãos.

A pesada escrivaninha repentinamente comportou-se como uma mesa de madeira leve, presa por arames, num truque cinematográfico de um filme de exorcista. No exato instante em que Hal erguia a arma, a escrivaninha chocou-se contra ele e arrastou-o de costas em direção à enorme janela às suas costas. A mesa era maior do que a janela e suas pontas colidiram com a parede, o que a impediu de atravessar diretamente as vidraças.

Mas Hal estava no meio da janela e o parapeito baixo bateu na parte de trás de seus joelhos, de modo que nada impediu seu mergulho. Por um instante, as balançantes persianas pareceram segurá-lo, mas isso não pôssou de um sonho; carregou-as com ele, através das vidraças, para dentro da noite, deixando cair a Browning sem sequer tê-la utilizado.

Surpreendeu-se com o longo tempo que levou para cair seis andares, o

que não era uma distância assim tão grande, embora fosse mortal. Teve tempo para se admirar com a lentidão com que a janela iluminada do escritório recuava, tempo para se lembrar das pessoas que amara e dos sonhos não realizados, tempo até para notar que as nuvens, que haviam retomado ao anoitecer, deixavam cair pequenas gotas de chuva. Seu derradeiro pensamento foi sobre o jardim atrás de sua pequena casa em Costa Mesa, onde cultivava flores o ano inteiro e secretamente comprazia-se com isso: a textura incrivelmente macia de uma pétala vermelho-coral com uma única e minúscula gota de orvalho na borda, brilhando...

Candy atirou a escrivania de lado e debruçou-se na janela do sexto andar. Uma brisa fria ergueu-se pela parede lateral do prédio e fustigou seu rosto.

O homem descalço jazia de costas lá embaixo, numa larga calçada de concreto, iluminado pela luz amarelada de uma lâmpada de jardim. Estava cercado de cacos de vidro, lâminas metálicas amassadas das persianas e uma poça de seu próprio sangue, que rapidamente se alastrava.

Tossindo, ainda com dificuldade para respirar fundo, com uma das mãos pressionada contra o doloroso ferimento da garganta, Candy estava contrariado com a morte do sujeito. Na verdade, não pelo fato em si, mas pelo momento em que ocorrera. Primeiro, queria interrogá-lo para saber

quem eram Bobby e Julie e que associação tinham com o paranormal Thomas.

E quando Candy se teletransportara para dentro da sala de recepção, o sujeito pensara que ele era Frank; ele pronunciara o nome de Frank. As pessoas na Dakota & Dakota estavam de alguma forma associadas a Frank — sabiam tudo sobre sua capacidade de teletransportar-se — e portanto saberiam onde encontrar o matricida miserável.

Candy imaginava que o escritório conteria respostas para pelo menos algumas dessas questões, mas estava preocupado com a polícia, que, atendendo à queda do morto, o obrigaria a partir antes de obter todas as informações que precisava. Sirenes eram a música de fundo para as aventuras daquela noite.

No entanto, não se ouvia ainda nenhuma sirene. Talvez estivesse com sorte; talvez ninguém tivesse visto o sujeito cair. Era improvável que alguém ainda estivesse trabalhando em qualquer das outras firmas do prédio; afinal, faltavam dez minutos para as nove da noite. Talvez houvesse faxineiros encerando assoalhos em algum lugar ou esvaziando cestas de lixo, mas não deviam ter ouvido o suficiente para

justificar uma investigação.

De forma surpreendente, o homem mergulhara para a morte com quase nenhum protesto. Não gritara. Um instante antes do impacto, ele ensaiara um grito, mas fora curto demais para atrair atenção. A explosão do vidro e o ruído metálico das persianas foram bastante altos, mas a movimentação estava encerrada antes que alguém pudesse ter localizado a origem do barulho.

Uma rua de quatro pistas circundava o shopping center Fashion Island e também servia às torres empresariais que, como esta, se erguiam na borda externa. Entretanto, aparentemente não havia nenhum carro naquela rua quando o homem caíra.

Agora, dois surgiram à esquerda, um atrás do outro. Ambos passaram sem reduzir a velocidade. Uma fileira de arbustos, entre a calçada e a rua, impedia os motoristas de verem o cadáver no local em que estava. O anel de prédios de escritórios do amplo complexo obviamente não era uma área que atraísse pedestres à noite, de modo que o morto talvez só viesse a ser descoberto pela manhã.

Olhou para o outro lado da rua, para os restaurantes e lojas que ficavam deste lado do shopping center, a cerca de quinhentos metros de

distância. Algumas pessoas a pé, reduzidas pela distância, moviam-se entre os carros estacionados e as estradas das lojas. Ninguém parecia ter visto nada—e na verdade não teria sido fácil divisar um homem vestido de roupas escuras caindo de um prédio também escuro, no ar, e visível apenas por alguns segundos antes que a gravidade acabasse com ele.

Candy clareou a garganta, pestanejando de dor, e cuspiu em direção ao homem morto lá embaixo.

Sentiu gosto de sangue. Desta vez era o seu próprio.

Afastando-se da janela, examinou o escritório, imaginando onde encontraria as respostas que buscava. Se pudesse localizar Bobby e Julie Dakota, eles poderiam explicar a telepatia de Thomas e, mais importante ainda, poderiam entregar Frank em suas mãos.

Depois de reagir duas vezes ao sinal de alarme do detector de radares e evitar dois controles de velocidade no vale oeste, Julie acelerou o Toyota para 130 quilômetros por hora outra vez e zarparam deixando Los Angeles para trás num rastro de poeira.

Alguns pingos de chuva salpicaram o quebra-vento, mas não duraram. Ela desligou os limpadores de pára-brisa pouco depois de ligá-los.

— Santa Barbara dentro de talvez uma hora — disse —, desde que os

tiras com senso de dever não apareçam.

Sua nuca doía e sentia-se profundamente exausta, mas não queria trocar de lugar com Bobby; esta noite, não tinha paciência para ser uma passageira. Seus olhos ardiam, mas não estava sonolenta; não poderia dormir de forma alguma esta noite. Os acontecimentos do dia haviam sufocado o sono, e a atenção era assegurada pela preocupação com o que poderia vir adiante, não apenas na estrada à frente deles, mas em El Encanto Heights.

Desde que fora acordado pelo que chamou de “torrente de palavras*”, Bobby ficara calado e pensativo. Sabia que ele estava preocupado com alguma coisa, mas não parecia querer falar sobre isso ainda.

Após algum tempo, numa óbvia tentativa de afastar a mente da torrente de palavras e de quaisquer ruminções sombrias que ela inspirara, ele tentou entabular uma conversa sobre algo inteiramente diferente. Abaixou o volume do estéreo, frustrando assim o desejado efeito de “American Patrol”, de Glenn Miller, e disse:

—Já parou para pensar que quatro de nossos onze empregados são americanos de origem asiática?

Ela não retirou os olhos da estrada.

— Edaí?

— Por que será? O que acha?

—Porque contratamos somente pessoal qualificado e aconteceu de que quatro dessas pessoas que quiseram trabalhar para nós eram chineses, japoneses e vietnamitas.

— Essa é parte da razão.

—Somente parte?—disse ela.—Então, qual é a outra parte? Acha que talvez o maléfico Fu Manchu tenha girado seu raio de controle da mente em nossa direção de sua fortaleza secreta nas montanhas do Tibet e nos tenha feito contratá-los?

—Essa também é parte da razão — disse ele. — Mas outra parte é que eu me sinto atraído pela personalidade asiática. Ou pelo que as pessoas pensam quando analisam a personalidade asiática: inteligência, um alto grau de disciplina, perfeição, um forte sentido de tradição e ordem.

—Esses são basicamente os traços de todos os que trabalham para nós, não apenas de Jamie, Nguyen, Hal e Lee.

—Eu sei. Mas o que me faz sentir tão à vontade com americanos-asiáticos é que acredito no estereótipo deles; sinto que tudo transcorrerá ordenadamente, segundo as regras, quando estou trabalhando com eles, e preciso acreditar no estereótipo porque, bem, não sou o tipo de sujeito

que sempre achei que fosse. Está preparada para ouvir algo chocante?

—Sempre — respondeu Julie.

Quando Lee Chen ia trabalhar na sala dos computadores, colocava um CD no seu Discman e ficava ouvindo música pelos fones de ouvido. Sempre mantinha a porta fechada para evitar ser distraído de seu trabalho e sem dúvida alguns de seus colegas achavam que ele era pouco social; entretanto, quando estava empenhado em penetrar numa rede de dados complexa e bem protegida, como a fileira de sistemas da polícia que ele ainda estava explorando, precisava de concentração. Às vezes, a música o distraía tanto quanto qualquer outra coisa, dependendo de seu estado de espírito, mas na maior parte das vezes ela o ajudava em seu trabalho. Os solos minimalistas de piano da música da Nova Era de George Winston quase sempre bastavam, mas ultimamente precisava cada vez mais de rock'n'roll. Esta noite era Huey Lewis e The News; Hip to Be Square e Power of Love, The Heart of Rock & Roll e You Crack Me Up. Intensamente concentrado na tela do computador (sua janela do mundo magnetizante do espaço cibernético), com Bad is Bad jorrando em seus ouvidos através do fone de ouvido, ele nada teria ouvido ainda que, lá fora, Deus tivesse aberto o céu e anunciado a iminente destruição da raça humana.

Uma aragem fria vinda da janela quebrada circulava pelo aposento, mas uma crescente frustração gerava um calor compensatório em Candy. Locomovia-se lentamente pelo espaçoso escritório, pegando vários objetos, tocando nos móveis, tentando obter uma visão que revelasse as andanças dos Dakota e de Frank. Até agora não tivera sorte.

Ele poderia ter examinado o conteúdo das gavetas da escrivaninha e dos arquivos, mas isso levaria horas, pois ele não sabia onde poderiam ter arquivado as informações que precisava. Também achou que poderia não reconhecer o material certo quando o encontrasse, pois poderia estar numa pasta ou envelope com o nome de um caso ou código que nada significasse para ele. Embora sua mãe o tivesse ensinado a ler e escrever e também ele tivesse sido igualmente um leitor voraz — embora tenha perdido o interesse em livros depois de sua morte —, assimilando muitos assuntos tão bem quanto uma universidade o teria feito, ainda assim confiava mais no que seus dons especiais poderiam lhe revelar do que em qualquer coisa que pudesse encontrar em papel.

Além do mais, já estivera na sala de recepção, conseguira o endereço e o telefone da residência dos Dakota e telefonara para saber se eles estavam em casa. Uma secretária eletrônica atendeu à terceira chamada, e ele não

deixou nenhuma mensagem. Não queria apenas saber onde os Dakota viviam, onde eles deveriam estar mais tarde; precisava saber onde eles estavam agora, neste instante, porque estava desesperado para alcançá-los e arrancar deles as respostas.

Segurou um terceiro copo de uísque com soda. Estavam por toda a sala. O resíduo psíquico no copo deu-lhe uma imagem instantânea, vivida, de um homem chamado Jackie Jaxx e ele atirou-o longe com raiva. O copo bateu no sofá e rolou para o chão sem quebrar.

Esse tal de Jackie Jaxx deixara uma impressão psíquica viva e espalhafatosa por toda parte onde passava, como um cachorro com um controle urinário deficiente marcaria cada passo de seu caminho com um fio de sua fétida urina. Candy pressentiu que Jaxx estava no momento com um grande número de pessoas, em uma festa em Newport Beach, e ele também pressentiu que tentar achar Frank ou os Dakota através de Jaxx seria trabalho perdido. Ainda assim, se Jaxx estivesse sozinho agora, facilmente capturável, Candy teria se dirigido diretamente até ele e trucidado-o, pelo simples fato da aura remanescente do sujeito ser tão espalhafatosa e incômoda.

Ou ele ainda não encontrara um objeto que um dos Dakota tivesse tocado por tempo suficiente para deixar uma impressão ou nenhum dos dois era do tipo que deixa um resíduo psíquico duradouro e fecundo em seu rastro. Por razões que Candy não conseguia compreender, algumas pessoas eram mais difíceis de seguir do que outras.

Sempre achara uma dificuldade mediana em seguir a pista de Frank, mas esta noite farejá-lo estava mais difícil do que o normal. Inúmeras vezes ele pressentira que Frank estivera naquele aposento, mas de imediato não pôde encontrar nada onde a aura de seu irmão estivesse condensada.

Em seguida, voltou-se para as quatro cadeiras, começando com a maior. Quando deslizou seus dedos sensíveis de leve sobre o estofamento, estremeceu de excitação, pois soube de imediato que Frank sentara-se ali recentemente. Havia um pequeno rasgo no vinil de um dos braços, e quando Candy colocou o polegar sobre a fenda, acometeram-no visões particularmente vividas de Frank.

Visões em profusão. Foi recompensado com uma série completa de imagens de lugares, por onde Frank viajara depois de levantar-se da cadeira: High Sierras; o apartamento em San Diego onde morara durante pouco tempo fazia quatro anos; o portão de entrada, enferrujado, da casa de sua mãe na Pacific Hill Road; um cemitério; um escritório forrado de livros onde permaneceu por tão pouco tempo que Candy não

pôde obter mais do que uma leve impressão do lugar; a praia de Punaluu, onde Candy quase o capturara. Eram tantas imagens, de tantas viagens, umas sobre as outras, que ele não pôde ver as últimas paradas com clareza.

Frustrado, retirou a cadeira de seu caminho e voltou-se para a mesinha de centro, onde se viam mais dois copos. Ambos continham gelo derretido e uísque. Apanhou um e teve uma visão de Julie Dakota.

Enquanto Julie dirigia para Santa Barbara como se estivessem participando das quinhentas milhas de Indianápolis, Bobby contou-lhe o fato

chocante: que ele não era o sujeito tranquilo e relaxado que parecia ser à primeira vista; que durante suas viagens frenéticas com Frank — especialmente durante os momentos em que fora reduzido a uma mente sem corpo e um redemoinho desvairado de átomos desconexos —, ele descobrira em seu íntimo um rico veio de amor por estabilidade e ordem que corria mais fundo do que ele jamais poderia imaginar, um enorme veio de conservadorismo e apego às coisas comuns; que seu encantamento com o suíngue devia-se mais à apreciação da meticulosidade de suas estruturas do que à inebriante liberdade musical personificada pelo jazz, que ele sequer era metade do homem de espírito livre que julgava ser e muito mais um conservador adepto da tradição do que gostaria de ser.

Em resumo — disse —, todo esse tempo em que você pensou que estava casada com um tipo bonachão como James-Gamer-quando-jovem, na verdade estava amarrada a um tipo Charles-Bronson-em-qualquer-idade.

— Posso viver com você assim mesmo, Charlie.

—Estou falando sério. Em parte. Já estou caminhando para os quarenta, não sou nenhuma criança. Há muito tempo que eu já deveria saber disso.

— Você sabia.

— Hein?

—Você ama a ordem, a razão, a lógica. É por isso que aderiu a uma linha de trabalho onde podia consertar as coisas, ajudar inocentes, punir os maus. É por isso que compartilha O Sonho comigo, para que possamos colocar nossa pequena família em ordem, sair do caos do mundo como está atualmente e adquirir um pouco de paz e tranquilidade. É por isso que não quer me deixar comprar a Wurlitzer 950. Aqueles tubos cheios de bolhas e gazelas saltitantes são simplesmente caóticos demais para você.

Ele ficou calado por um instante suipreso com a resposta de Julie.

A vastidão escura do mar estendia-se a oeste.

—Talvez tenha razão — disse ele — Talvez no fundo eu sempre soubesse como sou. Mas não é exasperante que eu tenha enganado a mim mesmo durante todo esse tempo?

—Você não fez isso. Você é tranquilo e um pouco Charles Bronson, o que é muito bom. Caso contrário, provavelmente nós não conseguiríamos nos comunicar, já que eu tenho mais de Bronson do que qualquer outra pessoa além dele.

— Nossa, isso é verdade!—exclamou ele, e ambos riram.

A velocidade do Toyota fora reduzida para menos de 110. Ela aumentou-a para mais de cento e vinte e disse:

— Bobby, o que realmente o está incomodando?

— Thomas.

Ela olhou para ele.

— O que há com Thomas?

—Desde aquela torrente de palavras, não consigo me livrar da sensação de que ele corre perigo.

— O que isso teve a ver com ele?

—Não sei. Mas eu me sentida melhor se pudéssemos encontrar um telefone e ligar para Cielo Vista. Só para verificar.

Ela reduziu dramaticamente a velocidade. Em menos de cinco quilômetros já haviam saído da auto-estrada e entrado num posto de gasolina. Havia uma entrada para serviço completo. Enquanto o empregado lavava as janelas do carro, verificava o óleo e enchia o tanque com gasolina, eles entraram e usaram o telefone público.

Era uma versão eletrônica moderna que aceitava tudo, de moeda a cartões de crédito, numa parede junto a uma prateleira de pacotes de bolachas, balas, doces e amendoim salgado. Havia uma vendedora automática de camisinha ali também, bem à mostra, graças ao caos social causado pela AIDS. Utilizando seu cartão de crédito, Bobby ligou para a Clínica Cielo Vista em Newport.

Não chamou nem deu sinal de ocupado. Ouviu uma estranha série de sinais eletrônicos, em seguida um gravação informou-o de que o número que discara estava temporariamente desativado em consequência de problemas não-especificados na linha. A voz monótona sugeria que ele tentasse mais tarde.

Ele pediu o auxílio da telefonista, que discou o mesmo número, com os mesmos resultados. Ela disse:

— Sinto muito, senhor. Por favor, ligue mais tarde.

— Que espécie de problemas na linha poderiam ter?

—Não sei dizer, senhor, mas tenho certeza de o serviço logo será restabelecido.

Ele havia afastado o aparelho do ouvido, para que Julie pudesse se aproximar e ouvir a conversa. Quando desligou, olhou para ela.

— Vamos voltar. Tenho a sensação de que Thomas precisa de nós.

—Voltar? Estamos a pouco mais de meia hora de Santa Barbara agora. Longe demais para voltar para casa.

—Ele pode estar precisando de nós. Não é uma sensação forte, admito, mas é persistente e estranha.

—Se ele precisa de socorro urgente — disse ela —> nunca o alcançaríamos a tempo, de qualquer modo. E se não é tão urgente, estará tudo bem se continuarmos até Santa Barbara e telefonarmos de novo do motel. Se ele estiver doente, ferido ou algo assim, a distância extra daqui até Santa Barbara e de volta só acrescentará cerca de uma hora.

— Bem

—Ele é meu irmão, Bobby. Preocupo-me com ele tanto quanto você e digo-lhe que tudo dará certo. Eu o amo, mas você nunca demonstrou talento de paranormal suficiente para me deixar histérica com isso.

Ele assentiu.

—Tem razão. Só estou inquieto. Meu nervos ainda não se acalmaram depois de todas aquelas viagens com Frank.

De volta à auto-estrada, viam-se alguns finos anéis de névoa vindos do mar. Caíram de novo alguns pingos de chuva, que se dissiparam em menos de um minuto. O ar pesado e a opressividade indefinível mas inegável do céu noturno anunciavam uma tormenta.

Alguns quilômetros adiante, Bobby disse:

—Eu deveria ter ligado para Hal no escritório. Enquanto ele está lá sentado à espera de Frank, poderia usar alguns de nossos contatos com a companhia telefônica, os policiais, certificar-se de que tudo está bem em Cielo Vista.

—Se as linhas ainda estiverem com defeito quando telefonar do motel — disse Julie —, então você poderá incomodar Hal com isso.

Do tênue resíduo psíquico no copo de bebida, Candy recebeu uma imagem de Julie Dakota que era reconhecidamente o mesmo rosto que vazara da mente de Thomas no início daquela noite — exceto que não era tão idealizado quanto na lembrança de Thomas. Com seu sexto sentido, ele viu que ela saíra do escritório para o endereço que ele obtivera anteriormente da agenda da secretária. Permanecera pouco tempo lá, de

onde saíra num carro com outra pessoa, provavelmente o homem chamado Bobby. Não pôde ver mais nada e lamentou que as pistas que ela deixara para trás não fossem tão fortes quanto as de Jaxx.

Colocou o copo na mesa e resolveu ir até a casa dela. Embora ela e Bobby não estivessem lá no momento, ele poderia encontrar algum objeto que, do mesmo modo que o copo de bebida, o levaria mais um passo ou dois adiante na trilha dos dois. Se não encontrasse nada, poderia voltar ali e continuar sua busca, presumindo-se que a polícia não tivesse chegado, atendendo à descoberta do morto lá fora.

Lee desligou o computador, desligou o aparelho de CD também—Huey Lewis e The News estavam no meio de “Walking On a Thin Line” — e retirou os fones de ouvido.

Feliz depois de uma longa e produtiva sessão na terra do silício e do gálio arsenieto, levantou-se, espreguiçou-se, bocejou e consultou o relógio. Nove e pouco. Trabalhara durante doze horas.

Deveria não querer outra coisa senão se jogar na cama e dormir meio dia. Mas resolveu passar rapidamente em seu apartamento, que ficava a dez minutos do escritório, refrescar-se e divertir-se um pouco na noite. Na semana passada, descobrira uma nova boate, Nuclear Grin, onde a música era alta e metálica, as bebidas não eram aguadas, a política do grupo inconscientemente adepta da liberdade e as mulheres fogosas. Queria dançar um pouco, beber um pouco e encontrar alguém que estivesse a fim de se divertir.

Nessa época de novas doenças, sexo era arriscado; às vezes, parecia que beber no mesmo copo de outra pessoa era suicídio. Mas depois de um dia no laborioso universo lógico dos micmchips, era preciso ser um pouco temerário, correr alguns riscos, dançar à beira do abismo, para poder conseguir algum equilíbrio em sua vida.

Em seguida, lembrou-se de como Frank e Bobby haviam desaparecido diante de seus olhos. Perguntou-se se talvez já não tivesse tido loucuras demais para um dia.

Pegou as últimas folhas impressas. Tratava-se de mais informações que coletara dos registros da polícia, com respeito ao comportamento decididamente estranho do Sr. Azul, que jamais precisaria de fazer loucuras para encontrar o equilíbrio, pois ele era o próprio caos ambulante. Lee abriu a porta, desligou as luzes, desceu o corredor e atravessou outra porta que dava para o saguão de entrada, pretendendo deixar as folhas impressas sobre a mesa de Julie e dar boa noite a Hal antes de ir embora.

Quando entrou na sala de Julie e Bobby, parecia que a Federação

Nacional de Luta Livre havia realizado ali uma luta entre times de revezamento formados de monstros de 150 quilos. Os móveis estavam revirados, e os copos, alguns deles quebrados, espalhados pelo chão. A escrivaninha de Julie estava enviesada e torta: inclinada sobre uma perna quebrada; o topo já não estava alinhado com a base, como se alguém tivesse se atirado sobre ela com alavancas e martelos.

— Hal?

Nenhuma resposta.

Abriu a porta do banheiro adjacente com cautela.

— Hal?

Não havia ninguém no banheiro.

Dirigiu-se à janela quebrada. Alguns estilhaços de vidro ainda agarravam-se ao batente. Suas pontas sobressaíam contra a luz.

Apoiando a mão na parede, Lee Chen cuidadosamente debruçou-se na janela. Olhou para baixo. Em um tom de voz muito diferente, exclamou:

— Hal?

Candy se materializou no vestíbulo da casa dos Dakota, que estava escura e silenciosa. Ficou parado, imóvel, por um instante, a cabeça inclinada, atento, até ter certeza de que estava sozinho.

Sua garganta estava curada. Estava são outra vez e excitado com as perspectivas da noite.

Começou sua busca dali, colocando a mão sobre a maçaneta da porta, na tentativa de encontrar algum resíduo que, embora desprovido de substância física, ainda assim fornecesse a matéria-prima para suas visões. Não sentiu nada, sem dúvida porque, em parte, os Dakota a tocaram apenas de leve ao entrar e sair de casa.

Obviamente, uma pessoa poderia manipular cem objetos, deixando imagens psíquicas de si mesmo em apenas um deles, depois tocar os mesmos cem uma hora depois e contaminar cada um com sua aura. A razão disso era tão misteriosa para Candy quanto o interesse de tantas pessoas por sexo. Era grato a sua mãe por esse poder como por todos os outros, mas caçar sua presa com psicometria nem sempre era um processo fácil ou infalível.

A sala de estar e a sala de jantar dos Dakota não eram mobiliadas, o que lhe deixava pouco a fazer, embora por alguma razão o espaço vazio

o fizesse se sentir confortável e à vontade. Essa reação o intrigou. Os aposentos na casa de sua mãe eram todos mobiliados—agora tanto com mofo, fungos e poeira quanto com cadeiras, sofás, mesas e abajures;

mas repentinamente compreendeu que, como os Dakota, ele vivia numa parte tão pequena da casa que a maioria dos cômodos poderiam muito bem ficar vazios, sem carpete, fechados.

A cozinha e o aposento contíguo dos Dakota eram mobiliados e obviamente utilizados. Embora fosse pouco provável que tivessem usado o aposento ao lado da cozinha durante a breve parada entre o escritório e aonde quer que tivessem ido a partir dali, esperava que tivessem se demorado na cozinha para comer ou beber alguma coisa. Mas os puxado-res dos armários, forno microondas e a geladeira não lhe forneceram absolutamente nenhuma imagem.

Em seu caminho para o segundo andar, Candy subiu os degraus lentamente, deixando a mão esquerda deslizar ao longo da balaustrada de carvalho. Em vários pontos do trajeto, foi recompensado por imagens psíquicas que, embora breves e indistintas, o encorajaram e levaram-no a acreditar que ele encontraria o que precisava no quarto de dormir e no banheiro.

Em vez de discar imediatamente o número da polícia para notificar o assassinato de Hal Yamataka, Lee primeiro correu para a mesa da recepção e, como fora treinado, retirou um pequeno caderno de notas marrom do fundo da última gaveta do lado direito. Em prol de empregados que, como Lee, quase nunca saíam em campo e raramente lidavam diretamente com as inúmeras delegacias de polícia do condado, mas que poderiam um dia precisar delas numa emergência, Bobby elaborara uma lista de alguns dos mais profissionais, competentes e confiáveis policiais, detetives e administradores em cada jurisdição principal. O caderno de notas marrom continha uma segunda lista de policiais que deviam ser evitados: aqueles que instintivamente detestavam qualquer um que pertencesse à investigação particular e ao ramo de seguros; os que eram simplesmente um saco de aturar; e aqueles que estavam sempre à procura de um pouquinho de graxa para lubrificar as engrenagens da justiça. Era um testemunho da qualidade do cumprimento da lei no condado o fato de que a primeira lista era bem mais longa do que a segunda.

De acordo com Bobby e Julie, era preferível tentar conduzir a intervenção da polícia numa situação que exigia a sua presença, indo mesmo ao ponto de tentar selecionar um dos detetives que compareceriam ao local — se fosse um caso que demandasse detetives. Confiar na sorte ou no capricho de um despachante era considerado uma imprudência.

Lee perguntava-se até mesmo se deveria chamar a polícia. Não tinha a menor dúvida de quem matara Hal. O Sr. Azul. Candy. Mas ele também sabia que Bobby não iria querer revelar mais a respeito de Frank e do caso do que o estritamente necessário; o direito de sigilo cliente-agência não era legalmente tão incontestável quanto o do cliente-advogado e do médico-paciente, mas também era importante. Uma vez que Julie e Bobby estavam na estrada e temporariamente incomunicáveis, Lee não podia obter nenhuma orientação sobre o que e o quanto dizer à polícia.

Mas não podia deixar um corpo estatelado diante do prédio, esperando que ninguém notasse! Especialmente quando a vítima era um homem que conhecia e de quem gostava.

Chame os tiras, então. Mas se finja de idiota.

Consultando o caderno de notas, Lee discou para a Newport Beach

Police e perguntou pelo detetive Harry Ladsbroke, mas Ladsbroke estava de folga. Assim como o detetive Janet Heisinger. No entanto, o detetive Kyle Ostov estava disponível e quando atendeu sua voz forte inspirou confiança; era um barítono suave, e ele falava secamente.

Lee identificou-se, ciente de que sua própria voz parecia mais alta do que o normal, quase estridente, e de que falava depressa demais.

— Houve um... bem... um assassinato.

Antes que Lee pudesse continuar, Ostov disse:

—Meu Deus, quer dizer que Bobby e Julie já sabem? Eu mesmo acabo de saber. Fiquei com a incumbência de contar-lhes e eu estava aqui sentado, tentando imaginar a melhor maneira de dar a notícia. Estava com a mão no telefone para ligar para eles, quando você ligou. Como eles receberam a notícia?

Confuso, Lee disse:

I

—Não creio que saibam. Quero dizer, deve ter acontecido a apenas alguns minutos.

— Um pouco mais do que isso—disse Ostov.

—Quando vocês descobriram? Acabei de olhar e não havia nenhum carro de polícia, nada.—Finalmente, o tremor tomou conta de seu corpo.

— Meu Deus, há pouco eu estava conversando com ele, levei um pedaço de pizza para ele e agora ele está estatelado no concreto seis andares abaixo.

Ostov fez silêncio. Em seguida, disse:

— De qual assassinato você está falando, Lee?

—Hal Yamataka. Deve ter havido uma luta aqui e depois...—Parou, pestanejou e disse: — De que assassinato você está falando?

— Thomas — disse Ostov.

Lee sentiu-se desfalecer. Só vira Thomas uma vez, mas sabia que Julie e Bobby eram devotados a ele.

Ostov disse:

—Thomas e seu colega de quarto. E talvez outras pessoas no incêndio se não conseguiram retirar todos a tempo.

O computador com o qual Lee nascera não estava funcionando tão bem quanto os produzidos pela IBM em seu escritório, e ele precisou de um instante para apreender as implicações das informações que ele e Ostov haviam trocado.

— Eles devem estar relacionados, não?

—Eu posso apostar. Conhece alguém que tenha algum rancor contra Julie e Bobby?

Lee olhou em volta da sala de recepção, pensou nos outros cômodos desertos da Dakota & Dakota, os escritórios vazios no resto do sexto andar e nos andares despovoados abaixo do sexto. Pensou em Candy, também, em todas aquelas pessoas mordidas e dilaceradas, o gigante que Bobby vira em Punaluu Beach, o modo como o sujeito podia zarpar de um lugar para o outro. Começou a sentir-se muito solitário.

—Detetive Ostov, poderia mandar alguém aqui o mais rápido possível?

—Já transmiti a chamada pelo computador enquanto conversava com você—disse Ostov. — Duas unidades já estão a caminho.

Com as pontas dos dedos, Candy traçou demorados círculos na superfície da cama, em seguida explorou os contornos de cada puxador de metal

das gavetas. Tocou o interruptor da luz na parede e os dois interruptores dos abajures em cada lado da cama. Deixou as mãos deslizarem pelos batentes das portas pela possibilidade de que uma de suas presas pudesse ter feito uma pausa e recostado contra uma delas enquanto conversava, examinou as maçanetas das portas espelhadas do closet e acariciou cada número e botão do controle remoto da televisão, na esperança de que tivessem ligado o aparelho mesmo durante o curto espaço de tempo em que permaneceram em casa.

Nada.

Como precisava se manter calmo e metódico em sua busca se quisesse ser bem-sucedido, Candy tinha de reprimir sua ira e frustração. Mas seu ódio crescia na mesma proporção em que lutava para contê-lo e nele a sede de ódio era sempre uma sede de sangue, aquele vinho da vingança. Somente sangue aplacaria sua sede, saciaria sua fúria e lhe proporcionaria um interlúdio de relativa paz.

Quando passou do quarto dos Dakota para o banheiro anexo, Candy foi possuído por uma necessidade de sangue quase tão premente e crítica quanto sua necessidade de ar. Olhando para o espelho, por um instante não viu seu reflexo; viu apenas sangue vermelho, como se o espelho fosse uma portinhola em um convés inferior de um navio no inverno, em um cmzeiro por um mar de sangue. Quando essa ilusão se dissipou e ele viu seu próprio rosto, rapidamente desviou o olhar.

Com os maxilares cerrados, esforçou-se ainda mais para se controlar e tocou a torneira de água quente, procurando, buscando...

O quarto de motel em Santa Barbara era espaçoso, silencioso, limpo e

mobiliado sem os motivos e cores berrantes que pareciam ser a praxe na maioria dos hotéis americanos — mas não era um lugar onde Julie escolheria receber as terríveis notícias que lhe chegaram. O impacto pareceu maior, a dor mais dilacerante, por ter de ser suportada num lugar estranho e impessoal.

Ela realmente achara que Bobby estava deixando sua imaginação correr solta outra vez, que Thomas estava perfeitamente bem. Como o telefone estivesse sobre a mesinha-de-cabeceira, ele sentou-se na beirada da cama para fazer a ligação, e Julie ficou observando e ouvindo de uma cadeira a apenas alguns passos de distância. Quando ele ouviu aquela gravação outra vez, explicando que o número de Cielo Vista estava

temporariamente com defeito devido a problemas na linha, ela sentiu-se vagamente inquieta, mas ainda certa de que tudo estava bem com seu irmão.

Entretanto, quando ele telefonou para o escritório em Newport para falar com Hal, Lee Chen atendeu, e ele passou mais ou menos um minuto ouvindo em silenciosa perplexidade, respondendo com um ou dois mo-nossílabos, ela compreendeu que aquela seria uma noite que dividiria sua vida em antes e depois e que os anos à frente sem dúvida seriam mais sombrios do que os anos em que vivera do outro lado da fenda. Quando Bobby começou a fazer perguntas a Lee, evitou olhar para Julie, o que confirmou sua intuição e fez seu coração disparar. Quando ele finalmente olhou em sua direção, ela teve de desviar os olhos da tristeza em seu rosto. Suas perguntas a Lee eram abreviadas, e ela não podia apreender muito da conversa. Talvez não desejasse fazê-lo.

Finalmente, o telefonema parecia ter chegado ao fim.

—Não, você fez bem, Lee. Continue agindo como fez até agora. O quê? Obrigado, Lee. Não, estaremos bem. Estaremos bem, Lee. De um modo ou de outro, estaremos bem.

Quando Bobby desligou, ficou sentado por um instante, fitando as mãos, unidas entre os joelhos.

Julie não lhe perguntou o que acontecera, como se o que Lee tivesse lhe contado ainda não fosse um fato, como se sua pergunta fosse uma magia negra e como se a tragédia não revelada não fosse se tomar real enquanto ela não fizesse perguntas a respeito.

Bobby ergueu-se da cama e ajoelhou-se no chão diante de sua cadeira. Tomou-lhe as mãos e beijou-as com delicadeza.

Ela compreendeu então que as notícias eram as piores possíveis.

Em voz baixa, ele disse:

— Thomas está morto.

Ela se preparara para essa notícia, mas as palavras feriram-na fundo.

—Sinto muito, Julie. Meu Deus, sinto muito. E não termina aí. — Contou-lhe a respeito de Hal. — E apenas alguns minutos antes de falar comigo, Lee recebeu um telefonema sobre Clint e Felina. Ambos mortos.

O horror era demais para ser assimilado. Julie gostava e respeitava Hal, Clint e Felina imensamente e sua admiração pela coragem e auto-suficiência da mulher surda era ilimitada. Era injusto que não pudesse lamentar a perda de cada um deles individualmente; eles mereciam isso.

Também sentia que de algum modo os estava traindo porque sua dor pela morte deles era apenas um pálido reflexo do pesar que sentia pela perda de Thomas, embora fosse, é claro, o que tinha de ser.

A respiração ficou presa na garganta e quando voou livre, não foi apenas uma exalação, mas um soluço. Não adiantava. Não podia permiti-se fraquejar. Em nenhum momento de sua vida precisara ser tão forte quanto agora; os assassinatos cometidos em Orange County essa noite eram os primeiros de uma série em efeito dominó que iriam atingi-la e a Bobby também, caso se deixassem embotar pelo sofrimento.

Enquanto Bobby continuava ajoelhado diante dela e revelava mais detalhes — Derek também estava morto e talvez outros em Cielo Vista —, ela agarrou as mãos dele com força, indizivelmente grata por tê-lo como âncora naquele tormento. Sua visão estava ofuscada, mas ela reprimiu as lágrimas com uma enorme força de vontade — embora ainda não ousasse fixar Bobby nos olhos; seria o fim de seu autocontrole.

Quando Bobby terminou, ela disse:

—Foi o irmão de Frank, é claro — e ficou consternada com a maneira como sua voz tremia.

— É quase certo — disse Bobby.

— Mas como ele descobriu que Frank era nosso cliente?

— Não sei. Ele me viu na praia em Punaluu...

—Sim, mas não o seguiu. Ele não tinha como saber quem você era. E, pelo amor de Deus, como descobriu Thomas?

—Está faltando alguma informação crucial, por isso não conseguimos entender o quadro.

—O que o desgraçado está procurando? — perguntou ela. Agora sua voz demonstrava quase tanta raiva quanto tristeza, e isso era bom.

—Ele está caçando Frank — disse Bobby. — Durante sete anos, Frank foi um solitário e isso o tomava mais difícil de ser encontrado. Agora, Frank

tem amigos e isso dá a Candy mais pistas de procurar por ele.

— Eu praticamente matei Thomas quando aceitei o caso—disse ela.

— Você não queria pegá-lo. Eu tive de convencê-la.

— Eu o convenci, você queria voltar atrás.

—Se há culpa, ambos somos culpados, mas não há. Aceitamos um novo cliente, só isso... e tudo simplesmente aconteceu.

Julie assentiu e finalmente seus olhos se encontraram. Embora a voz dele tivesse permanecido firme, lágrimas deslizavam pelo seu rosto. Preocupada com sua própria dor, esquecera-se que os amigos perdidos eram amigos dele também e que ele passara a amar Thomas quase tanto quanto ela. Teve de desviar o olhar outra vez.

— Você está bem? — perguntou ele.

—Por enquanto, tenho de estar. Mais tarde, quero falar sobre Thomas, o quanto ele era corajoso em relação ao fato de ser diferente, como ele nunca se queixava, como ele era amoroso. Quero falar sobre tudo isso, você e eu, e não quero que esqueçamos. Ninguém jamais vai construir um monumento a Thomas, ele não era famoso, era apenas um jovem que nunca fez nada de extraordinário exceto ser a melhor pessoa que sabia ser e o único monumento que jamais terá serão nossas lembranças. Vamos mantê-lo vivo, não vamos?

— Sim.

—Nós o manteremos vivo até irmos embora. Mas isso é para mais tarde, quando tivermos tempo. Agora temos de nos manter vivos, porque aquele filho-da-mãe virá em nosso encalço, não é?

— Acho que virá — disse Bobby.

Ele levantou-se e puxou-a da cadeira. Estava usando seu casaco de camurça marrom-escuro de ombreiras largas. Ela tirara seu blazer de veludo e seu coldre; colocou ambos novamente. O peso do revólver contra o lado esquerdo de seu corpo dava-lhe segurança. Esperava ter uma chance de usá-lo.

Sua visão clareara; seus olhos estavam secos.

—Uma coisa é certa—disse —, nada mais de sonhos para mim. De que adianta alimentar sonhos quando eles nunca se realizam?

— Às vezes se realizam.

—Não. Nunca se realizaram para minha mãe e meu pai. Nunca se realizaram para Thomas, não é? Pergunte a Clint e Felina se seus sonhos se tomaram realidade e veja o que dizem. Pergunte à família de Geoige Farris se acham que ser massacrado por um maníaco foi a realização de seus sonhos.

—Pergunte aos Phans — disse Bobby em voz baixa. — Vieram naqueles barcos pelo mar da China do Sul, quase sem nenhuma comida e sem nenhum dinheiro, e agora possuem lavanderias e reformaram casas de duzentos mil dólares para revenda, e têm aqueles filhos maravilhosos.

— Mais cedo ou mais tarde, eles também receberão um golpe fatal

—disse, desconcertada com a amargura em sua voz e o sombrio desespero que se agitava como um tuíbilh&o em seu íntimo, ameaçando engolfá-la. Mas não podia estancar os sentimentos. — Pergunte a Park Hampstead, lá em El Ibro, se ele e sua mulher ficaram eufóricos quando ela desenvolveu um câncer terminal e pergunte-lhe o que aconteceu a seu sonho com Maralee Roman quando ele finalmente se recobrou da morte de sua mulher. O maldito patife chamado Candy intrometeu-se no seu caminho. Pergunte a todos os pobres idiotas lá no hospital com derrame cerebral, câncer. Pergunte aos que adquirem o mal de Alzheimer aos cinquenta anos, exatamente quando seus anos dourados devem começar. Pergunte às criancinhas em cadeiras de rodas, com distrofia muscular, e pergunte a todos os pais daquelas outras crianças em Cielo Vista como a síndrome de Down se encaixa em seus sonhos. Pergunte... — Calou-se. Estava perdendo o controle e não podia se dar a esse luxo esta noite. Continuou: — Venha, vamos.

— Aonde?

—Primeiro, encontramos a casa onde aquela megera o criou. Passamos por ela, vemos como é. Talvez apenas o fato de vê-la nos dê algumas ideias.

— Eu já a vi.

— Eu não.

— Está bem.

Da gaveta de uma das mesinhas-de-cabeceira, ele retirou um catálogo telefônico de Santa Barbara, Montecito, Goleta, Hope Ranch, El Encanto Heights e outras comunidades vizinhas. Levou-o consigo para a porta.

— Para que você quer isso?—perguntou ela.

— Vamos precisar dele mais tarde. Explicarei no caminho.

Chuviscava outra vez. O motor do Toyota ainda estava tão quente da viagem que, apesar do ar frio da noite, um vapor levantava-se do capô conforme as gotas de chuva evaporavam. A distância, uma trovoadas breve e surda roncava pelo céu. Thomas estava morto.

Recebia imagens tão tênues e distorcidas quanto os reflexos na superfície de um lago agitado pelo vento. Vinham continuamente enquanto ele tocava nas torneiras, na borda da pia, no espelho, no armário do

banheiro e nos objetos que continha, no interruptor de luz, nas torneiras do chuvei-

ro. Mas nenhuma de suas visões era detalhada e nenhuma fomecia-lhe uma pista que indicasse para onde os Dakota haviam partido.

Por duas vezes ele foi sacudido por imagens vividas, mas eram relacionadas a nauseantes episódios sexuais entre os Dakotas. Um tubo de lubrificante vaginal e uma caixa de lenços de papel estavam contaminados com velhos resíduos psíquicos que inexplicavelmente haviam permanecido ali além de seu tempo, fazendo-o conhecedor de práticas pecaminosas que não tinha nenhum desejo de testemunhar. Retirou logo as mãos daquelas superfícies e aguardou até que sua ânsia de vômito passasse. Exasperava-o que sua necessidade de localizar Frank através daquelas pessoas decadentes forçara-o a uma situação onde seus sentidos eram tão brutalmente afrontados.

Furioso com o fracasso e com o contato imundo com imagens dos pecados dos Dakota (que parecia incapaz de eliminar de sua mente), resolveu que devia queimar aquela casa para banir o mal dali, em nome de Deus. Incendiá-la. Incinerá-la. Para que sua mente talvez também fosse purificada.

Saiu do banheiro, ergueu as mãos e emitiu uma onda de poder imensamente destrutiva pelo quarto. A cabeceira de madeira da enorme cama de casal se desintegrou, labaredas ergueram-se da colcha e dos cobertores, as mesinhas-de-cabeceira esfacelaram-se e cada gaveta da cômoda saltou e despejou seu conteúdo no assoalho, onde imediatamente pegaram fogo. As cortinas consumiram-se como se fossem feitas de papel e as duas janelas na parede oposta explodiram, deixando entrar uma brisa que aumentou as chamas.

Candy sempre desejou que a misteriosa luz que emanava dele pudesse afetar pessoas e animais, em vez de apenas coisas inanimadas, plantas e alguns insetos. Em muitas ocasiões, teria ido à cidade e dissolvido a carne dos ossos de dez mil pecadores numa única noite, cem mil. Não importava qual cidade, todas elas eram esgotos fervilhantes de iniquidade, habitados por massas depravadas que adoravam o diabo e praticavam todas as formas de repulsivos atos degenerados. Nunca vira ninguém, em nenhuma delas, nem uma única pessoa, que lhe parecesse viver na graça de Deus. Ele os faria sair correndo, gritando de pavor, iria persegui-los em seus esconderijos, estilhaçaria seus ossos com seu poder, massacraria sua carne até virarem uma posta, faria suas cabeças explodirem e lhes arrancaria os órgãos sexuais que tanto os preocupavam. Se tivesse esse

dom, não lhes dispensaria nem um pouco da misericórdia com que seu Criador sempre os tratava, para que vissem, então, o quanto deveriam ser gratos e obedientes a seu Deus, que sempre, tão pacientemente, tolerou mesmo as suas piores transgressões.

Só Deus e a mãe de Candy possuíam uma compaixão tão ilimitada. Ele não a compartilhava.

O alarme de incêndio disparou no corredor. Foi até lá, apontou o dedo e explodiu-o em pedacinhos. Essa parte dos seus dons parecia mais forte do que nunca esta noite. Ele era uma enorme máquina de destruição.

O Senhor devia estar recompensando-o por sua pureza, aumentando seus poderes.

Agradecia a Deus por sua virtuosa mãe jamais ter descido às profundezas do poço da depravação onde uma parte tão grande da humanidade chapinhava. Nenhum homem jamais a tocara dessa forma, e seus filhos nasceram sem a mácula do pecado original. Sabia que isso era verdade, porque ela lhe contara — e lhe mostrara que assim era.

Desceu ao térreo e ateou fogo ao carpete da sala de visitas com um raio lançado da mão esquerda.

Frank e as gêmeas jamais haviam apreciado o aspecto imaculado da maneira como foram concebidos e, na verdade, haviam desperdiçado esse incomparável estado de graça para abraçarem o pecado e fazer o trabalho do diabo. Candy jamais cometeria esse erro.

Ouviu o rugir das chamas, a queda de uma divisória, no andar superior. Pela manhã, quando o sol revelasse uma pilha fumegante de entulho enegrecido, os restos desse ninho de corrupção seriam um testemunho da perdição máxima de todos os pecadores.

Candy sentiu-se purificado. As imagens psíquicas da febril degeneração dos Dakota fora expurgada de sua mente.

Retomou ao escritório de Dakota & Dakota para continuar sua busca.

Bobby dirigia, porque achava que Julie não deveria mais sentar-se ao volante naquela noite. Estava acordada fazia mais de dezenove horas, ainda não uma maratona de 24 horas, mas estava exausta; e sua dor reprimida pela morte de Thomas só faria entorpecer seu discernimento e embotar seus reflexos. Ele, pelo menos, cochilara umas duas vezes desde que o telefonema de Hal do hospital os acordara à noite passada.

Atravessou quase toda Santa Barbara e entrou em Goleta antes de se dar ao cuidado de procurar um posto de gasolina onde podiam lhe indicar como chegar à Pacific Hill Road.

A seu pedido, Julie abriu o catálogo telefônico sobre o colo e, com a

ajuda de uma pequena lanterna retirada do porta-luvas, procurou Fogarty sob a letra F. Ele não sabia o primeiro nome, mas estava interessado apenas em um Fogarty masculino que tivesse o título de doutor.

—Ele pode não morar nesta área — disse Bobby —, mas tenho o pressentimento de que mora.

— Quem é ele?

—Quando Frank e eu estávamos viajando, paramos no gabinete desse sujeito, duas vezes. — Contou-lhe sobre as duas breves visitas.

— Por que não o mencionou antes?

—No escritório, quando lhe contei o que me acontecera, aonde Frank e eu havíamos ido, tive de resumir um pouco e esse Fogarty pareceu-me comparativamente desinteressante, assim o deixei de fora. Mas quanto mais tive tempo de pensar sobre isso, mais me pareceu que ele deva ser uma peça-chave nisso tudo. Veja, Frank nos tirou de lá depressa porque parecia especialmente relutante em colocar Fogarty em perigo ao conduzir Candy até ele. Se Frank está particularmente preocupado com esse homem, então devemos ter uma conversa com ele.

Ela se debruçou sobre o catálogo, examinando-o com cuidado.

— Fogarty, James. Fogarty, Jennifer. Fogarty, Kevin...

—Se ele não for médico e não usar o título diariamente, ou se “Doutor” for um apelido, estamos com problemas. Ainda que seja médico, não se dê ao trabalho de procurar nas Páginas Amarelas sob “médicos” porque o sujeito é idoso, deve estar aposentado.

— Aqui! — disse ela. — Fogarty, Dr. Lawrence J.

— Tem o endereço?

— Tem.—Arrancou a página do catálogo.

—Ótimo. Assim que você tiver visto a infame casa dos Pollard, faremos uma visita a Fogarty.

Embora Bobby tivesse visitado a casa três vezes, fora até lá com Frank e não sabia a localização precisa de Pacific Hill Road 1.458 da mesma forma que não sabia exatamente em que lado do monte Fuji ficava aquela trilha onde se materializaram. No entanto, encontraram-na com facilidade, seguindo as indicações que receberam de um rapaz de cabelos longos com um enorme bigode num posto de gasolina.

Embora as casas ao longo da Pacific Hill Road desfrutassem de um endereço em El Encanto Heights, não ficavam realmente nem neste subúrbio nem em Goleta — que separava El Encanto de Santa Barbara —, mas numa faixa estreita do condado que ficava entre os dois

lugares e que conduzia para leste, para uma reserva de florestas de algarobo, chaparral, vegetação de deserto e bosquetes de carvalhos da Califórnia e outras árvores de grande porte.

A casa dos Pollard ficava quase ao final da Pacific Hill Road, no limiar da região urbana, com poucos vizinhos. Voltada para oeste-sudoeste, dominava as encantadoras comunidades que davam para o Pacífico, tão magnificamente distribuídas pelos terraços das colinas abaixo. À noite, a vista era espetacular — um mar de luzes levando a um oceano verdadeiro coberto por um manto de escuridão — e sem dúvida a vizinhança imediata mantinha-se rural e livre de luxuosas casas novas somente por causa das restrições de ocupação impostas pela proximidade da reserva.

Bobby reconheceu a casa de imediato. Os faróis revelaram pouco mais do que a cerca viva e o enferrujado portão de ferro entre duas altas pilastras de pedra. Reduziu a velocidade conforme passavam por ela. O andar térreo estava às escuras. Havia uma luz acesa em um cômodo no andar de cima; uma fraca claridade escoava-se pelas beiras de uma persiana fechada.

Inclinando-se para ver do outro lado de Bobby, Julie disse:

— Não dá para ver muita coisa.

— Não há muito a ser visto. É um monte de ruínas.

Dirigiram por mais uns quatrocentos metros, até o fim da rua, fizeram a volta e retomaram. Descendo a ladeira, a casa ficava do lado de Julie e ela insistiu para que ele diminuísse até quase parar, para dar-lhe tempo de examiná-la melhor.

Ao passarem pelo portão, Bobby viu uma luz acesa nos fundos da casa, também, no andar térreo. Não pôde realmente ver uma janela iluminada, apenas a claridade que filtrava por ela e desenhava um retângulo pálido e enregelado sobre o pátio lateral.

— Está inteiramente mergulhada em sombras — disse Julie finalmente, voltando-se para olhar para a propriedade conforme ela ia ficando para trás. — Mas posso ver o suficiente para saber que é uma casa maligna.

— Muito — disse Bobby.

Violet estava deitada de costas na cama em seu quarto escuro com a irmã, aquecida pelos gatos, que as cobriam e se aconchegavam à volta das duas. Verbina estava deitada de lado, enroscada junto a Violet, uma das mãos sobre os seios de Violet, os lábios contra o ombro nu de Violet, seu hálito quente espalhando-se sobre a pele macia de Violet.

Não estavam preparando-se para dormir. Nenhuma das duas gostava de dormir à noite, pois esta era a hora excitante, quando um número e

uma variedade maior de predadores da natureza saíam à caça e a vida era mais emocionante.

Naquele momento, não estavam meramente uma na outra e em todos os gatos que compartilhavam sua cama, mas numa coruja faminta que voava pela noite, vasculhando a terra à cata de ratos que não eram suficientemente inteligentes para temer a escuridão e permanecer nas tocas. Nenhuma outra criatura tinha uma visão noturna mais aguçada do que a coruja e suas garras e bico eram ainda mais aguçados.

Violet estremeceu de expectativa pelo momento em que um rato ou outra pequena criatura qualquer seria avistada lá embaixo, esgueirando-se pelo mato alto que julgava oferecer abrigo. De experiências prévias, ela conhecia o terror e o sofrimento da presa, a exultação selvagem do caçador e ansiava agora para vivenciar ambos outra vez, ao mesmo tempo.

A seu lado, Verbina murmurava sonambulamente.

Volteando no alto, planando, descendo em espiral, volteando para cima outra vez, a coruja ainda não avistara seu jantar quando o carro surgiu na colina e diminuiu a velocidade até quase parar diante da casa dos Pollard. Chamou a atenção de Violet, é claro, e através dela a atenção da coruja, mas ela perdeu o interesse quando o carro acelerou novamente e seguiu em frente. Segundos mais tarde, entretanto, seu interesse foi renovado quando ele deu a volta e quase parou, mais uma vez, diante do portão principal.

Direcionou a coruja para dar a volta no veículo de uma altura de cerca de vinte metros. Em seguida, enviou-a adiante do carro e a fez descer ainda mais, a cerca de seis metros, antes de guiá-la de volta outra vez, para aproximar-se do curioso motorista à frente.

De uma altura de apenas seis metros, a visão da coruja era mais do que suficiente para ver o motorista e o passageiro no banco da frente. Havia uma mulher que Violet nunca vira antes—mas o motorista lhe era

familiar. Um instante depois, compreendeu que ele era o homem que aparecera com Frank no quintal da casa, ao anoitecer daquele mesmo dia!

Frank assassinara sua preciosa Samantha, pelo que tinha de morrer, e agora ali estava o homem que conhecia Frank, que poderia levá-las a Frank e, na cama em tomo de Violet, os outros gatos remexeram-se e rosnaram baixinho conforme sua ânsia de vingança lhes era transmitida. Um gato sem rabo da ilha de Man e um mestiço preto pularam da cama, saíram correndo pela porta aberta do quarto, desceram as escadas, entraram na cozinha, saíram pela sua portinhola, deram a volta à casa e alcançaram a rua. O carro se afastava, ganhando velocidade, descendo a ladeira, e Violet quis segui-lo não só pelo ar como por terra, para certificar-se de que não

perderia sua pista.

Candy materializou-se na sala de recepção de Dakota & Dakota. Correntes de ar frias cruzavam-se, vindas da janela quebrada na sala contígua e de duas portas abertas ali, estabelecendo correntes opostas. Os fracos ruídos anunciando sua chegada haviam evidentemente sido mascarados pelos barulhos de estática e vozes ásperas provenientes de rádios portáteis que os policiais traziam presos à cintura. Havia um policial parado na entrada do escritório particular de Julie e Bobby e outro postado na porta aberta para o corredor do sexto andar. Cada qual conversava com alguém fora do campo de visão e ambos estavam de costas para Candy, o que, para ele, era um sinal de que Deus ainda o protegia.

Embora ficasse furioso com esse obstáculo à sua busca pelos Dakota, saiu de lá imediatamente, materializando-se em seu quarto, a quase 250 quilômetros ao norte. Precisava de tempo para pensar se havia algum modo de seguir a pista deles outra vez, um lugar onde tivessem estado esta noite — além de sua casa e seu escritório — onde pudesse buscar mais visões dos dois.

Quando retomaram ao posto de gasolina, o homem de bigodes e cabelos compridos que lhes dera as indicações para a Pacific Hill Road pôde lhes indicar como encontrar a rua onde Fogarty vivia. Ele até o conhecia.

— Um bom sujeito. De vez em quando pára aqui para abastecer o carro.

— Ele é médico? — perguntou Bobby.

— Já foi. Está aposentado há bastante tempo.

Pouco depois das dez horas, Bobby estacionou junto ao meio-fio em frente à casa de Lawrence Fogarty. Era uma residência esquisita, de dois andares, em estilo espanhol, com amplas portas de vidro como as que Bobby vira no gabinete onde Bobby e Frank se materializaram duas vezes e as luzes estavam acesas em todo o andar térreo. As inúmeras vidraças eram chanfradas, pelo menos na frente da casa, e a luz de dentro era agradavelmente refiratada por aquelas bordas lapidadas. Quando Bobby e Julie saltaram do carro, ele sentiu o cheiro de madeira queimada e viu uns caseiros anéis de fumaça erguendo-se da chaminé para o ar parado, frio e úmido, que anunciava uma tempestade. No clarão crepuscular, estranho e vagamente púrpura, de um poste próximo, viam-se algumas flores cor-de-rosa nas azaléas, mas os aibustos não estavam tão carregados dos primeiros botões quanto mais ao sul de Orange County. Uma árvore antiga de tronco múltiplo e galhos enormes assomava sobre mais da metade da casa, tomando-a um refúgio maravilhosamente aconchegante e abrigado em alguma versão espanhola do mundo de fantasia de um conto

de fadas.

Quando seguiam o caminho de entrada, algo passou como uma flecha entre duas luminárias baixas, atravessou-lhes o caminho e assustou Julie. Parou no gramado depois de ultrapassá-los e examinou-os com luminosos olhos verdes.

— É apenas um gato — disse Bobby.

Em geral, ele gostava de gatos, mas quando viu aquele estremeceu.

Ele moveu-se outra vez, desaparecendo nas sombras e arbustos ao lado da casa.

O que o assombrou não foi aquela criatura em particular, mas a lembrança da horda felina da casa dos Pollard, que avançou para atacar Frank e ele, inicialmente num silêncio soturno, mas logo em seguida com um único guincho arrepiante de um regimento de fantasmas e com uma unanimidade de propósito muito pouco própria dos gatos. À espreita sozinho, ágil e curioso, este gato era absolutamente comum, detentor apenas do mistério e da arrogância próprios de todo membro de sua espécie.

Ao final do caminho, três degraus levavam a uma passagem em arco pela qual entraram numa pequena varanda.

Julie tocou a campainha, que era suave e musical, e como ninguém respondeu após meio minuto tocou-a novamente.

Quando os sons de sinos chamaram pela segunda vez e começaram a desaparecer, a quietude foi perturbada pelo farfalhar de asas, quando um pássaro noturno pousou no telhado da varanda acima deles.

Quando Julie estava prestes a estender a mão para a campainha outra vez, a luz da varanda acendeu-se e Bobby sentiu que estavam sendo examinados pelo olho mágico. Após um instante, a porta se abriu e o Dr. Fogarty surgiu diante deles numa descarga de luz do hall atrás dele.

Parecia o mesmo de que Bobby se lembrava, e ele também reconheceu Bobby.

— Entrem — disse, afastando-se um passo para que passassem. — De certa forma, já os esperava; não que nenhum dos dois seja bem-vindo.

— Na biblioteca — disse Fogarty, conduzindo-os de volta pelo corredor até um aposento à esquerda.

A biblioteca, aonde Frank o levara durante suas viagens, era o local a que Bobby se referira como seu gabinete quando o descrevera para Julie. Assim como o exterior da casa tinha um ar de fantasia de um conto de fadas, apesar do estilo espanhol, também aquele aposento parecia exatamente o tipo de lugar onde se imaginaria que Tolkien, em uma das muitas longas noites de Oxford, pegara pena e papel para criar as aventuras de Frodo. Aquele lugar confortável e aconchegante era suavemente iluminado por um abajur de pé de metal e um abajur de mesa de vidro colorido que ou era um genuíno Tiffany ou uma excelente imitação. Livros forravam as paredes sob o teto ricamente trabalhado e um espesso tapete chinês —verde-escuro e bege nas bordas, o verde-claro predominando no centro — enfeitava o assoalho de tábuas de carvalho escuro. O verniz transparente da enorme escrivaninha de mogno tinha um lustre profundo; sobre um protetor de feltro verde, os objetos de um conjunto de escritório folheado a ouro e com cabo de marfim—incluindo um abridor de cartas, uma lupa e tesouras — alinhavam-se ordenadamente por trás de uma caneta tinteiro de ouro num suporte quadrado de mármore. O sofá Queen Anne era forrado numa tapeçaria que combinava perfeitamente com o

tapete e quando Bobby voltou-se para olhar para a poltrona de espaldar de orelhas onde ele vira Fogarty pela primeira vez horas antes—contorceu-se de espanto ao ver Frank.

—Algo aconteceu a ele—disse Fogarty, apontando para Frank. Não se apercebeu da surpresa de Bobby e Julie, aparentemente agindo segundo a suposição de que tinham vindo a sua casa especificamente porque sabiam que encontrariam Frank ali.

A aparência física de Frank se deteriorara desde que Bobby o vira pela última vez às 5:26 daquela tarde, no escritório em Newport Beach. Se seus olhos já estavam fundos na ocasião, agora pareciam verdadeiros poços; as olheiras haviam aumentado também, e um pouco da negritude parecia ter vazado daquelas manchas e conferido um tom cinza mortal ao resto de seu rosto. Sua palidez anterior parecia saudável em comparação.

O pior a seu respeito, entretanto, era a expressão apática com que os olhava. Não havia sinal de reconhecimento em seus olhos; parecia olhar através deles. Seus músculos faciais estavam flácidos. A boca pendia aberta uns três centímetros, como se tivesse começado a falar há

muito tempo, mas ainda não tivesse conseguido lembrar-se da primeira palavra do que queria dizer. Em Cielo Vista Caie Home, Bobby vira apenas alguns pacientes com expressão assim tão vazia, mas se incluíam entre os mais gravemente retardados, muitos graus abaixo de Thomas.

— Há quanto tempo está aí? — perguntou Bobby, caminhando na direção de Frank.

Julie agarrou seu braço e forçou-o a recuar.

— Não!

— Chegou pouco antes das sete horas — disse Fogarty.

Portanto, Frank viajara por mais uma hora e meia aproximadamente depois de levar Bobby de volta ao escritório.

Fogarty disse:

— Está aqui há mais de três horas, e não sei o que devo fazer com ele. De vez em quando ele se recobra um pouco, olha para você quando lhe dirige a palavra, até reage mais ou menos ao que você diz. Mas depois fica decididamente tagarela, não pára de falar, não responde suas perguntas, mas certamente quer falar com alguém, você não consegue fazê-lo parar. Contou-me muita coisa a seu respeito, por exemplo, mais do que eu gostaria de saber. — Franziu as sobrancelhas e sacudiu a cabeça. —

Vocês dois devem ser suficientemente loucos para se meterem neste pesadelo, mas eu não sou e lamento ser arrastado para ele.

À primeira vista, a impressão que o Dr. Lawrence Fogarty dava era a de um avô bondoso que, na sua época, fora o tipo do médico dedicado e abnegado que se toma reverenciado pela sua comunidade, conhecido e amado por todos. Ele ainda usava os chinelos, calças cinza, camisa branca e cardigã azul com que Bobby o vira pela primeira vez horas antes, e a imagem era completada por um par de óculos de leitura, por cima dos quais ele os observava. Com sua abundante cabeleira branca, olhos azuis e suaves feições arredondadas, ele daria um perfeito Papai Noel se tivesse uns trinta quilos a mais.

Mas, a um segundo olhar mais atento, seus olhos azuis eram gélidos, não meigos. Suas feições arredondadas eram flácidas demais e revelavam não tanto distinção, mas falta de caráter, como se tivessem sido adquiridas através de uma vida inteira de auto-indulgência. A boca laiga teria conferido ao velho e bondoso Fogarty um sorriso cativante, mas suas dimensões generosas serviam igualmente bem para emprestar o ar de um predador ao verdadeiro Fogarty.

— Então Frank lhe falou a nosso respeito — disse Bobby. — Mas nós não sabemos nada sobre o senhor e acho que precisamos saber.

Fogarty assumiu um ar carrancudo.

—É melhor que nada saibam a meu respeito. Muito melhor para mim. Apenas tire-o daqui, leve-o embora.

—Quer que tiremos Frank de suas mãos — disse Julie com frieza —, então, tem de nos dizer quem é o senhor, como se encaixa nisso tudo, o que sabe sobre isso.

Encontrando o olhar de Julie, depois o de Bobby, o velho disse:

—Há cinco anos ele não vem aqui. Hoje, quando veio com você, Dakota, fiquei perplexo, pensei que tinha me livrado dele para sempre. E quando ele voltou esta noite...

Os olhos de Frank não haviam recuperado o foco, mas ele inclinara a cabeça para o lado. A boca continuava aberta como a porta de uma sala abandonada às pressas pelo residente.

Olhando para Frank com aborrecimento, Fogarty disse:

—Nunca o vi assim, tampouco. Eu não ia querê-lo em minhas mãos ainda que fosse como era antes, quanto mais agora que é quase um vegetal.

Está bem, está bem, vamos conversar. Mas depois que conversarmos, ele será sua responsabilidade.

Fogarty passou-se para trás da escrivaninha de mogno e sentou-se numa cadeira estofada como o mesmo couro marrom-escuro da poltrona em que Frank estava afundado.

Embora seu anfitrião não os tivesse convidado a sentar, Bobby dirigiu-se ao sofá. Julie seguiu-o e ultrapassou-o rapidamente no último instante, sentando-se na extremidade do sofá mais próxima de Frank. Lançou um olhar a Bobby que essencialmente dizia: Você é muito impulsivo, se ele gemer ou suspirar ou cuspir, você vai colocar a mão sobre ele para reconfortá-lo e aí vai desaparecer num piscar de olhos para Kobo-ken ou para o inferno, portanto mantenha distância.

Retirando os óculos de aro de tartaruga e colocando-os sobre a mesa, Fogarty fechou os olhos com força e pinçou a ponta do nariz entre o polegar e o indicador, como se quisesse banir uma dor de cabeça com a força do pensamento ou reunir seus pensamentos ou ambos. Em seguida, abriu os olhos, pestanejou e disse:

— Sou o médico que fez o parto do nascimento de Roselle Pollaid há quarenta e seis anos, em fevereiro de 1946. Também sou o médico que fez o parto de cada um de seus filhos — Frank, as gêmeas e James ou Candy como ele agora prefere ser chamado. Ao longo dos anos, tratei Frank das doenças comuns da infância e adolescência e acho que é por isso que ele pensa que pode me procurar agora, quando está com problemas. Bem, ele

está enganado. Não sou nenhum maldito médico de tevê que quer ser o confidente de todo mundo, nem seu tio predileto. Eu cuidei deles, eles me pagaram e isso deveria ser tudo. O fato é que na verdade tratei apenas de Frank e de sua mãe, porque as meninas e James nunca ficavam doentes, a menos que falemos de doença mental, de que sofrem desde o nascimento e de que nunca se recobram.

Como a cabeça de Frank estivesse inclinada, um fio fino e prateado de saliva escorreu pelo canto direito de sua boca e pelo queixo.

—O senhor evidentemente conhece os poderes que seus filhos possuem —disse Julie.

—Eu não sabia, na verdade, até sete anos atrás, no dia em que Frank a matou. Eu já estava aposentado, mas ele me procurou, contou-me mais do que eu jamais quis saber, arrastou-me para este pesadelo, pediu minha ajuda. Como eu poderia ajudar? Como alguém poderia ajudar? Não é da minha conta, de qualquer forma.

—Mas por que eles possuem esses poderes?—perguntou Julie. — Tem alguma ideia, alguma pista?

Fogarty riu. Era um riso áspero, agressivo, que teria dissipado quaisquer ilusões que Bobby pudesse ter sobre ele, se essas ilusões já não tivessem sido destruídas dois minutos depois de conhecê-lo.

—Ah, sim, tenho algumas teorias, muitas informações para sustentar essas teorias também, algumas das quais você gostaria de nunca saber. Não vou me envolver nessa confusão, eu não, mas não posso deixar de pensar nisso de vez em quando. Quem poderia? É uma confusão doentia, deformada e fascinante. Minha teoria é de que tudo começou com o pai de Roselle. Supostamente, seu pai era algum itinerante que engravidou sua mãe,' mas eu sempre soube que isso era mentira. Seu pai era Yamell Pollard, o irmão de sua mãe. Roselle era Auto de estupro e incesto.

Um ar de inquietação deve ter atravessado os rostos de Julie e de Bobby, pois Fogarty soltou outra de suas risadas frias, claramente divertido com a reação solidária de ambos.

O velho médico disse:

— Ah, isso não é nada. Isso é o de menos.

O gato sem cauda — chamado Zhita — postou-se de guarda, oculto num arbusto de azaléa junto à porta da frente.

A antiga casa espanhola tinha abas externas nas janelas e o segundo gato — negro como a meia-noite, de nome Darkle — pulou para outra aba, à procura do aposento para o qual o velho levava o homem e a

mulher. Darkle colou o nariz na vidraça. Um conjunto de cortinas interiores impedia-o de bisbilhotar, mas as largas venezianas de ventilação estavam apenas semicerradas, e Darkle podia ver diversos segmentos da sala levantando ou abaixando a cabeça.

Ao ouvir o nome de Frank, o gato empertigou-se, porque Violet empertigara-se em sua cama lá na Pacific Hill.

O velho estava lá, entre livros, e o casal também. Quando todos se sentaram, Darkle teve de abaixar a cabeça para espreitar por entre outro par de venezianas inclinadas. Então, viu que Frank não só era um dos assuntos da conversa, mas que estava na verdade presente numa poltrona de espaldar alto que ficava exatamente a um ângulo da janela que revelava

parte de seu rosto e uma das mãos inertes no braço largo, forrado de couro marrom, da poltrona.

Debruçando-se sobre a escrivaninha e sorrindo desgraciosamente enquanto falava, Fogarty lembrava um anão travesso que houvesse deixado sorrateiramente seu esconderijo sob uma ponte, não satisfeito em esperar por crianças desavisadas que por ali passassem, mas preparado para pilhar seu terrível jantar.

Bobby advertiu a si mesmo para não se deixar levar pela imaginação. Precisava manter uma perspectiva imparcial de Fogarty, a fim de avaliar a verdade e o valor do que o velho tinha a lhes contar. Suas vidas podiam depender disso.

—A casa foi construída na década de trinta por Deeter e Elizabeth Pollard. Ele fizera dinheiro em Hollywood, produzindo um punhado de faroestes medíocres e outras porcarias. Não uma fortuna, mas o suficiente para ele ter certeza de que podia largar os filmes em Los Angeles, que ele detestava, mudar-se para cá, abrir um pequeno negócio e viver bem pelo resto da vida. Tinham dois filhos. Yamell tinha quinze anos quando vieram para cá em 1938 e Cynthia tinha apenas seis anos. Em 1945, quando Deeter e Elizabeth morreram num acidente de carro... atingidos de frente pelo motorista bêbado de um caminhão cheio de repolhos no vale de Santa Ynez, se podem acreditar... Yamell tomou-se o homem da casa aos vinte e dois anos e o tutor legal de sua irmã de treze anos.

Julie disse:

— E... impôs-se sobre ela, não foi o que disse?

Fogarty assentiu:

—Tenho certeza. Porque no ano seguinte, Cynthia tomou-se retraída, chorosa. As pessoas atribuíam isso à morte dos pais, mas era Yamell

abusando dela, eu acho. Não somente porque quisesse sexo... embora ela fosse uma gracinha e não se pudesse recriminar seu bom gosto... mas porque ser o homem da casa atraía-o, gostava de autoridade. E era o tipo que não ficava satisfeito enquanto sua autoridade não fosse absoluta, sua dominação completa.

Bobby ficou horrorizado com as palavras “não se pudesse recriminar seu bom gosto” e o que elas deixavam transparecer da profundidade do abismo moral em que Fogarty vivia.

Indiferente à repulsa com que os visitantes o encaravam, Fogarty continuou:

—Yamell era voluntarioso, irresponsável, causou muito sofrimento aos pais antes de morrerem, toda espécie de sofrimento, mas principalmente o relacionado a drogas. Era um viciado antes que tivessem um nome para isso, antes mesmo que se falasse em LSD. Peiote, mescalina, todos os alucinógenos naturais que se podem destilar de certos cactos, cogumelos e outros fungos. A cultura das drogas não era naquela época a que se tem hoje, mas as drogas já circulavam. Ele começou a usar alucinógenos através do relacionamento que tivera com um ator que trabalhara em vários filmes de seu pai; começou aos quinze anos e estou lhes contando tudo isso porque minha teoria é a de que isso é a chave para tudo que querem saber.

—O fato de que Yamell era um viciado em ácido lisérgico—disse Julie. — Esta é a chave?

—Isso e o fato de que ele engravidou a própria irmã. Os produtos químicos provavelmente haviam causado distúrbios genéticos, e muitos, quando ele tinha vinte e dois anos. Em geral é o que acontece. No caso dele, alguns distúrbios genéticos muito estranhos. Então, quando você acrescenta o fato de que o conjunto de genes era muito restrito, sendo Cyntia sua irmã, pode-se esperar que haja grande probabilidade de que o descendente seja alguma espécie de aberração.

Frank emitiu um som baixo, depois suspirou.

Todos voltaram-se para ele, mas ainda estava distante. Embora seus olhos tenham piscado rapidamente por um instante, não voltaram a se focalizar. A saliva ainda escorria do canto direito de sua boca; um fio pendia do queixo.

Embora Bobby achasse que devia pegar um lenço de papel e limpar o rosto de Frank, conteve-se, em grande parte porque receava a reação de Julie.

—Assim, depois de cerca de um ano da morte dos pais, Yamell e Cynthia me procuraram e ela estava grávida—disse Fogarty. — Vieram com essa

história de um trabalhador rural itinerante tê-la estuprado, mas aquilo soou falso e eu logo imaginei a verdadeira história ao ver como os dois se tratavam. Ela tentara esconder a gravidez usando roupas largas e ficando todo o tempo em casa nos últimos meses de gravidez, e nunca pude compreender esse comportamento; era como se achassem que o

problema um dia se resolveria. Quando vieram me procurar, o aborto estava fora de questão. Diabos, ela estava no começo do trabalho de parto.

Quanto mais ouvia Fogarty, mais Bobby sentia que o ar na biblioteca estava sujo e ficando cada vez mais sujo, carregado de uma umidade tão azeda quanto suor.

— Alegando que ele desejava proteger Cynthia ao máximo do desprezo público, Yamell ofereceu-me polpudos honorários para mantê-la fora do hospital e fazer o parto no meu próprio consultório, o que era um pouco arriscado, caso houvesse complicações. Mas eu precisava do dinheiro e se alguma coisa desse realmente errada, havia maneiras de acobertar o caso. Eu tinha uma enfermeira na época para dar assistência ao parto... Norma... e ela era bem flexível.

Que ótimo, pensou Bobby. O médico sociopata encontrara uma enfermeira sociopata, uma dupla que se daria muito bem no quadro médico de Dachau ou Auschwitz.

Julie colocou a mão sobre o joelho de Bobby e apertou-o, como se o contato lhe assegurasse que não estava ouvindo um médico louco num pesadelo.

— Vocês deviam ter visto o que saiu do forno daquela menina — disse Fogarty. — Uma aberração, como era de se esperar.

— Espere um instante — disse Julie. — Achei que tivesse dito que o bebê era Roselle. A mãe de Frank.

— E era — disse Fogarty. — E ela era uma anomalia tão espetacular que valeria uma fortuna em qualquer show carnavalesco que se dispusesse a enfrentar a ira da lei para exibí-la. — Fez uma pausa, divertindo-se com a expectativa dos dois. — Ela era uma hermafrodita.

Por um instante, a palavra não fez nenhum sentido para Bobby, mas logo ele disse:

— Não está querendo dizer que ela possuía ambos os sexos, masculino e feminino?

— Ah, mas é isso mesmo que estou dizendo. — Fogarty ergueu-se bruscamente de sua cadeira e começou a andar de um lado para o outro, repentinamente energizado pela conversa. — O hermafroditismo é um defeito de nascença extremamente raro em seres humanos, é uma

oportunidade incrível fazer o parto de um. Você tem o hermafroditismo atravessado, onde os órgãos externos são de um sexo e os internos de outro, hermafroditismo lateral... diversos outros tipos. Mas a questão é que

Roselle era o mais raro de todos, ela possuía os órgãos internos e externos completos de ambos os sexos.—Apanhou um grosso volume de referência médica de uma das prateleiras e entregou-o a Julie. — Veja fotos do tipo de coisa a que estou me referindo na página cento e quarenta e seis.

Julie entregou o livro a Bobby tão depressa que parecia achar que se tratava de uma cobra.

Bobby, por sua vez, colocou-o a seu lado no sofá, fechado. A última coisa que precisava, com sua imaginação, era o auxílio de fotos clínicas.

Sentia os pés e as mãos frios, como se o sangue tivesse fugido das extremidades e se concentrado em sua cabeça, para nutrir seu cérebro, que girava furiosamente. Queria poder parar de pensar no que Fogarty estava lhes dizendo. Era repulsivo. Mas o pior é que, a julgar pelo estranho sorriso do médico, Bobby pressentia que o que tinham ouvido até ali era apenas o pão daquele sanduíche de horror; o recheio ainda estava por vir.

Andando de um lado para o outro novamente, Fogarty disse:

—Sua vagina estava lá no lugar esperado, os órgãos masculinos de certa forma deslocados. O ato de urinar era pelo órgão masculino, mas o aparelho reprodutor feminino era completo.

—Acho que já entendemos — disse Julie. — Não precisamos de todos os detalhes técnicos.

Fogarty aproximou-se deles, ficou olhando-os de cima para baixo, e seus olhos eram tão brilhantes e vivos que parecia estar recontando uma interessante anedota médica que havia deliciado legiões de colegas de trabalho nas festas ao longo dos anos.

—Não, não, vocês têm de entender o que ela era se quiserem compreender tudo que aconteceu depois.

Embora sua própria mente estivesse dividida em muitas partes — compartilhando os corpos de Verbina, de todos os gatos e da coruja no telhado da varanda de Fogarty—Violet estava consciente do que recebia através dos sentidos de Darkle, empoleirado no peitoril da janela do gabinete de Fogarty. Com a audição aguçada do gato, Violet não perdia uma só palavra da conversa, apesar da vidraça que os separava. Estava fascinada.

Raramente parava para pensar em sua mãe, embora Roselle ainda estivesse naquela velha casa de tantas formas. Raramente pensava em qualquer ser humano, exceto talvez em si mesma e em sua irmã gêmea

— menos freqüentemente em Candy e Frank —, porque quase nada tinha em comum com outras pessoas. Sua vida estava com as criaturas selvagens. Nelas, as emoções eram tão mais primitivas e intensas, o prazer muito mais fácil de ser alcançado e desfrutado sem culpa. Não conhecera realmente sua mãe nem fora ligada a ela; e Violet não seria ligada a ela, ainda que sua mãe tivesse desejado compartilhar afeto com outra pessoa além de Candy.

Mas agora Violet estava absorta pelo que Fogarty estava contando, não porque fosse novidade para ela (o que era), mas porque qualquer coisa que tivesse afetado a vida de Roselle tão completamente também tinha profundos efeitos na vida de Violet E de todas as inúmeras atitudes e percepções que Violet absorvera das milhares de criaturas selvagens cujas mentes e corpos ela compartilhara, uma fascinação consigo mesma era talvez a característica predominante. Unha uma preocupação de animal com o cuidado de si mesma, com seus desejos e necessidades. Do seu ponto de vista, nada no mundo era de interesse, a menos que a servisse, a satisfizesse ou afetasse a possibilidade de sua felicidade futura.

Vagamente, compreendeu que devia encontrar seu irmão e contar-lhe que Frank estava a menos de três quilômetros dali. Há pouco tempo, ouvira a música da volta de Candy.

Fogarty deu as costas a Bobby e Julie e foi se colocar novamente atrás da escrivaninha, onde caminhou ao longo das estantes de livros, batendo com o dedo nas lombadas dos volumes para pontuar sua história.

Enquanto o médico falava daquela família que aparentemente buscara a catástrofe genética, Julie não pôde deixar de pensar em como a doença de Thomas o afligira, apesar de seus pais terem vivido uma vida normal e saudável. O destino podia ser tão cruel com os inocentes quanto com os culpados.

—Quando viu a anormalidade da criança, acho que Yamell a teria matado e atirado no lixo... ou pelo menos colocado-a nas mãos de uma instituição. Mas Cynthia não quis se desfazer dela, dizia que era seu filho, deformado ou não, e deu-lhe o nome de Roselle, o nome de sua falecida avó. Suspeito que ela quis manter o bebê em grande parte porque viu como ele causava repulsa a Yamell e ela queria ter Roselle por perto como uma lembrança permanente para ele das consequências do que a forçara a fazer.

—A cirurgia não poderia ter sido usada para deixar a criança com apenas um sexo?—perguntou Bobby.

— Hoje seria fácil. Na época, muito pouco provável

Fogarty parara junto à escrivaninha, retirando uma garrafa de Wild Turkey e um copo de uma gaveta lateral. Serviu uma dose do bourbon para si mesmo e recolocou a tampa da garrafa sem oferecer-lhes um drinque. Para Julie, estava tudo bem. Embora a casa de Fogarty fosse impecavelmente limpa, ela não teria se sentido limpa depois de beber ou comer qualquer coisa ali.

Depois de tomar um gole do bourbon, puro, Fogarty disse:

—Além do mais, não iríamos querer retirar um conjunto de órgãos e descobrir mais tarde que, à medida que a criança crescesse, viesse a se parecer e agir cada vez mais com o sexo que lhe negamos do que com o que lhe deixamos. Características sexuais secundárias são visíveis em bebês, é claro, mas não facilmente interpretadas... especialmente não em 1946. De qualquer forma, Cyntia não teria autorizado a cirurgia. Lembre-se do que eu disse: ela provavelmente quis usar a deformidade da criança contra o irmão.

—O senhor poderia ter interferido — disse Bobby. — Podia ter levado a desgraça da criança à atenção das autoridades de saúde pública.

—E por que eu haveria de fazer isso? Pelo bem-estar psicológico da criança? Não seja ingênuo.—Bebeu um pouco mais do bourbon.—Fui bem pago para fazer o parto e manter a boca fechada, e para mim estava tudo bem. Levaram-na para casa, mantiveram a tal história de um itinerante estuprador.

—O bebê Roselle não tinha problemas sérios de saúde?—perguntou Julie.

—Nenhum — respondeu Fogarty.—Afora essa anormalidade, ela era forte como um cavalo. Sua capacidade mental e seu corpo desenvolveram-se de acordo com as previsões, como qualquer criança normal, e dentro de pouco tempo tomou-se óbvio que, segundo todas as aparências externas, ela se pareceria a uma mulher. À medida que crescia, podia-se ver que nunca seria uma potranca atraente, veja bem, era mais do tipo robusto, não era nenhuma modelo, pernas musculosas e tudo o mais, mas feminina o suficiente.

Frank continuava com os olhos vagos e desfocados, mas um músculo em sua face esquerda contorceu-se duas vezes.

O bourbon aparentemente deixou o médico mais relaxado, pois sentou-se atrás de sua escrivaninha outra vez, inclinou-se para a frente e segurou o copo com as mãos.

—Em 1959, quando Roselle tinha treze anos, Cynthia morreu. Matou-se,

na verdade. Estourou os miolos. No ano seguinte, cerca de sete meses após o suicídio da irmã, Yamell veio ao meu consultório com a filha, isto é, Roselle. Nunca a chamou de filha, mantendo a falsa história de que ela era sua sobrinha bastarda. Seja como for, Roselle estava grávida aos quatorze anos, a mesma idade em que Cynthia dera à luz.

— Meu Deus! — exclamou Bobby.

Os choques amontoavam-se um sobre o outro com tal velocidade que Julie estava quase disposta a agarrar a garrafa de uísque da mesa, beber direto do gargalo e nem se importar que fosse bebida de Fogarty.

Divertindo-se com suas reações, Fogarty bebericou o bourbon e deu-lhes tempo para absorver o choque.

Julie disse:

— Yamell estuprou a filha que tivera com a própria irmã?

Fogarty esperou um pouco mais, saboreando o momento. Em seguida, acrescentou:

— Não, não. Ele achava a garota repelente e tenho certeza que jamais tocara nela. Estou certo de que o que Roselle me contou era verdade. — Tomou um novo gole do bourbon. — Cynthia desenvolvera um forte fervor religioso entre a ocasião em que teve Roselle e o dia em que se suicidou, e ela passou essa paixão por Deus para Roselle. A jovem sabia a Bíblia de trás para a frente. Assim, Roselle entrou aqui, grávida. Disse que resolvera que deveria ter um filho. Disse que Deus a fizera especial... era assim que chamava o hermafroditismo, especial!... porque ela deveria ser o instrumento puro pelo qual crianças abençoadas poderiam ser postas no mundo. Portanto, ela coletara o sêmen de sua metade masculina e mecanicamente o inserira em sua metade feminina.

Bobby deu um salto do sofá como se uma das molas tivessem quebrado sob ele e agarrou a garrafa de Wild Turkey da escrivaninha.

— Tem outro copo?

Fogarty apontou para um armário que servia de bar no canto e que Julie não notara antes. Bobby abriu as portas duplas, revelando não só mais copos como outras garrafas de Wild Turkey. Evidentemente, o médico mantinha uma garrafa na gaveta de sua escrivaninha para que não

tivesse de atravessar a sala para pegá-la. Bobby encheu dois copos, sem gelo, e levou um para Julie.

Para Fogarty, ela disse:

— Claro, nunca pensei que Roselle fosse estéril. Ela teve filhos, sabemos disso. Mas presumi que o senhor quis dizer que a parte masculina dela era estéril.

—Fértil como mulher e como homem. Ela não podia na verdade unir-se a si mesma, por assim dizer. Assim, recorreu à inseminação artificial, como eu disse.

Naquela tarde, no escritório em Newport, quando Bobby tentara explicar como viajar com Frank era como uma corrida de trenó para fora da terra, Julie não compreendera realmente por que ele ficara tão abatido com a experiência. Agora, achava que tinha uma ideia do que ele quis dizer, porque o caos das relações e identidades sexuais da família Pollard fazia sua pele se arrepiar e inundava-a de uma sombra suspeita de que a natureza era ainda mais estranha e mais receptiva à anarquia do que ela temia.

—Yamell queria que o feto fosse abortado e o aborto era uma atividade lucrativa naquela época, embora ilegal e secreta. Mas a jovem ocultara sua gravidez dele por sete meses, como ele e Cynthia tentaram fazer quatorze anos antes. Já era tarde demais para um aborto. A menina teria morrido, de hemorragia. Além disso, era mais fácil eu dar um tiro no próprio pé do que abortar aquele feto. Imagine o grau de cruzamento consanguíneo envolvido: a filha hermafrodita do incesto de irmão e irmão engravida a si mesma! A mãe de seu filho é também seu pai. Sua avó é também sua tia-avó e seu avô é também seu tio-avô! Uma linha genética intrincada, além de genes danificados pelo uso de alucinógenos por Yamell, lembrem-se. Virtualmente uma garantia de uma aberração de algum tipo, e eu não iria perder isso por nada desse mundo.

Julie tomou um longo trago do bourbon. Sentiu um gosto azedo que queimou em sua garganta. Não se importou. Precisava disso.

—Eu me tomei médico porque ganhava bem — disse Fogarty. — Mais tarde, quando passei a me dedicar a abortos ilegais, os ganhos eram ainda melhores e isso se tornou meu principal negócio. Não havia muito risco, tampouco, porque eu sabia o que estava fazendo e de vez em quando, se necessário, podia comprar uma ou outra autoridade. Quando se está ganhando honorários tão altos, não se precisa marcar muitas consultas, pode-se desfrutar de muito tempo de folga, dinheiro e lazer, o melhor de dois mundos. Mas tendo me voltado para uma carreira assim, o que nunca imaginei é que fosse encontrar algo tão interessante do ponto de vista médico, tão fascinante, tão divertido quanto essa confusão dos Pollard.

A única consideração que impediu Julie de atravessar a sala e dar um chute naquele homem não foi sua idade, mas o fato de que ele deixaria a história por terminar e alguma peça vital de informação não revelada.

— Mas o nascimento do primeiro filho de Roselle não foi o acontecimento extraordinário que eu imaginara que seria — disse Fogarty.

— Contra todos os prognósticos, o bebê a que deu à luz era saudável e, ao que tudo indicava, perfeitamente normal. Isso foi em 1960, e o bebê era Frank.

Ainda ouvindo Fogarty através de Darkle, Violet sentou-se e jogou as pernas nuas para fora da cama, deslocando alguns dos gatos e extraindo um murmúrio de protesto de Veibina, que raramente se contentava em compartilhar uma ligação mental com a irmã e precisava do conforto do contato físico. Com os gatos amontoando-se a seus pés, vendo através de seus olhos tão bem quanto através dos seus próprios, e portanto indiferente à escuridão, Violet começou a caminhar até a porta aberta para o corredor às escuras do andar superior.

Então, lembrou-se que estava nua e voltou para vestir calcinhas e uma camiseta.

Não receava a desaprovação de Candy — ou o próprio Candy. Na verdade, gostaria de ser alvo de suas atenções violentas, pois este seria o maior jogo de caçador e caça, gavião e rato, irmão e irmã. Candy era a única criatura selvagem em cuja mente não podia penetrar; embora selvagem, era também humano e além do alcance dos seus poderes. Se ele dilacerasse sua garganta, entretanto, então seu sangue entraria nele e ela se tomaria parte dele na única maneira que jamais poderia. Da mesma forma, essa era a única maneira que ele teria de entrar nela: mordendo-a, dilacerando-a, a única maneira.

Em qualquer outra noite, ela o teria chamado e deixado que a visse nua, na esperança de que seu despudor finalmente o instigaria a ser violento. Mas não poderia perseguir seu maior desejo naquele instante,

não quando Frank estava bem perto e ainda impune pelo que fizera a sua pobre gatinha, Samantha.

Depois de se vestir, retomou ao corredor, percorreu-o na escuridão — ainda em completo contato com Darkle e Zitha e o mundo selvagem —, e parou diante da porta do quarto de sua mãe, para onde Candy se mudara após sua morte. Via-se um débil fio de luz ao longo da soleira.

— Candy — disse. — Candy, você está aí?

Como uma lembrança de guerras passadas ou um pressentimento de uma guerra final futura, um raio ofuscante e o estrondo ensurdecidor de trovoadas sacudiram a noite. As janelas do gabinete vibraram. Era o primeiro trovão que Bobby ouvia desde o estrépito débil e distante quando saíam do motel, há quase uma hora e meia. Apesar dos raios no céu, a chuva ainda não estava caindo. Mas embora a tempestade se aproximasse lentamente já estava quase sobre eles. A pirotecnia de uma

tormenta era o pano de fundo ideal para a história de Fogarty.

—Fiquei decepcionado com Frank — disse Fogarty, pegando uma segunda garrafa de bourbon da espaçosa gaveta de sua escrivaninha e servindo-se novamente. — Não teve nenhuma graça. Tão normal. Mas dois anos depois, ela ficou grávida de novo! Desta vez, o parto foi tão interessante quanto eu esperara que o de Frank fosse. Um menino outra vez e ela deu-lhe o nome de James. Sua segunda gravidez virgem, disse ela, e não se incomodou nem um pouco que ele fosse tão deformado quanto ela. Disse que era apenas prova de que ele, também, fora favorecido por Deus e trazido ao mundo sem necessidade de chafurdar na depravação do sexo. Compreendí, então, que ela era doida varrida.

Bobby sabia que precisava manter-se sóbrio e tinha consciência do perigo de muito bourbon numa noite de pouco sono. Mas tinha a sensação que o estava queimando tão depressa quanto bebia, pelo menos até agora. Tomou outro gole antes de dizer:

—Está nos dizendo que aquele homenzarrão musculoso também é hermafrodita?

— Ah, não — disse Fogarty. — Pior do que isso.

Candy abriu a porta.

— O que você quer?

— Ele está aqui, na cidade, neste momento — disse ela.

Os olhos dele arregalaram-se.

— Quer dizer, Frank?

— Sim.

— Pior—repetiu Bobby, estupefato.

Levantou-se do sofá para colocar o copo na escrivaninha. Ainda estava quase cheio, mas repentinamente resolveu que mesmo bourbon não seria um tranquilizante eficaz nesse caso.

Julie pareceu chegar à mesma conclusão e deixou seu copo de lado também.

—James, ou Candy, se preferir, nasceu com quatro testículos em vez de dois, mas sem nenhum óigão masculino. Mas, ao nascer, os bebês do sexo masculino carregam os testículos bem guardados na cavidade abdo-

¹ minai e os testículos descem mais tarde, durante a maturação. Mas os de Candy jamais poderiam descer e nunca puderam, porque não havia saco escrotal para o qual descerem. E por mais um motivo, havia uma estranha excrescência óssea que os impedia de descer. Assim, permaneceram em sua cavidade abdominal. Mas imagino que funcionam

bem, produzindo sem parar grandes quantidades de testosterona, que está relacionada ao desenvolvimento de musculatura e em parte explica seu tamanho formidável.

— Então, ele é incapaz de fazer sexo — disse Bobby.

—Com seus testículos presos e nenhum órgão para copular, eu diria que ele é o homem mais casto que já viveu.

Bobby passara a detestar a risada do velho.

—Mas com quatro gônádas, ele está produzindo uma torrente de hormônio e isso faz mais do que ajudar a criar músculos não é?

Fogarty assentiu.

—Para colocar em linguagem de revista médica: excesso de testosterona, durante um prolongado período de tempo, altera o funcionamento normal do cérebro, às vezes radicalmente, e é um fator causador de níveis de agressão socialmente inaceitáveis. Para colocar em linguagem de leigo: esse sujeito está seriamente carregado de tensão sexual que não pode liberar, ele redirecionou essa energia para outras formas de escape, principalmente atos de incrível violência, e ele é tão perigoso quanto qualquer monstro já criado pelo cinema.

Embora ela tivesse liberado a coruja quando a tempestade se aproximou, Violet ainda habitava Darkle e Zitha, tirando-lhes o medo quando um relâmpago cortava o céu e os trovões ribombavam. Mesmo diante de Candy, na poita do quarto, ela ouvia o que Fogarty dizia aos Dakota sobre a deformidade de seu irmão. Ela já sabia, é claro, pois na família sua mãe se referira a isso como o sinal de Deus de que Candy era o mais especial de todos eles. Da mesma forma, e de certo modo, Violet sabia que esta deformidade estava relacionada com a grande violência de Candy, era o que o tomava tão poderosamente atraente.

Agora, parada diante dele, teve vontade de tocar seus braços fortes, sentir os músculos esculpados, mas se conteve.

— Está na casa de Fogarty.

Isso o surpreendeu.

—Mamãe dizia que Fogarty era um instrumento de Deus. Ele nos trouxe" ao mundo, quatro nascimentos virgens. Por que ele daria abrigo a Frank? Frank agora está do lado do mal.

—É lá que ele está—disse Violet—E mais um casal. O nome dele é Bobby. O dela é Julie.

— Dakota—murmurou ele.

—Na casa de Fogarty. Faça-o pagar pelo que fez a Samantha, Candy. Traga-o de volta para cá depois de matá-lo e deixe-nos dá-lo de comida aos

gatos. Ele odiava os gatos e odiará ser parte deles para sempre.

O gênio de Julie, nem sempre controlável, estava perigosamente prestes a explodir. Quando um relâmpago abalou a noite lá fora e trovões roncaram novamente, ela ponderou consigo mesma a necessidade de diplomacia.

Ainda assim, disse:

—Sabia durante todos esses anos que Candy era um assassino sanguinário e não fez nada para alertar ninguém do perigo?

— E por que o faria?—peiguntou Fogarty.

— Nunca ouviu falar de responsabilidade social?

— É uma bela expressão, mas destituída de qualquer significado.

—Pessoas foram brutalmente assassinadas porque o senhor deixou esse homem...

—As pessoas sempre e para sempre serão brutalmente assassinadas. Hitler matou milhões. Stalin, outros milhões. Mao Tse-tung mais milhões

do que qualquer outro. São todos considerados monstros agora, mas tiveram seus admiradores em suas épocas, não tiveram? E há pessoas, mesmo agora, que lhe dirão que Hitler e Stalin fizeram apenas o que tinham de fazer, que Mao estava apenas mantendo a ordem pública, livrando-se de agitadores. Dantas pessoas admiram esses assassinos, se oigulham disso e disfarçam sua sede de sangue com causas nobres como fraternidade, reforma política e justiça e responsabilidade social. Somos todos carne, apenas carne, e no fundo sabemos disso, de modo que secretamente aplaudimos os homens suficientemente corajosos para nos tratar como somos. Carne.

A essa altura, teve certeza de que ele era um sociopata, sem nenhuma consciência, nenhuma capacidade de amar e nenhuma capacidade de se solidarizar com outras pessoas. Nem todos eles eram arruaceiros de rua —ou mesmo ladrões de alta classe, high-tech, como Tom Rasmussen, que tentara matar Bobby na semana passada. Alguns chegavam a ser médicos — ou advogados, pastores de tevê, políticos. Não se podia ponderar com eles, pois não possuíam nenhum sentimento humano normal.

Ele continuou:

— Por que deveria contar a alguém a respeito de Candy Pollard? Estou a salvo dele porque sua mãe sempre me chamou de instrumento de Deus, disse a sua desventurada cria que eu devia ser respeitado. Não é da minha conta. Ele encobriu o assassinato da mãe para evitar ter a polícia invadindo a casa, disse às pessoas que ela se mudara para um condomínio encantador à beira-mar em San Diego. Não creio que ninguém acredite que aquela

megeira maluca de repente fosse se tomar uma alegre frequentadora de praia, mas ninguém questionou isso porque ninguém queria se ver envolvido. Todo mundo acha que não é da conta deles. O mesmo acontece comigo. Quaisquer atrocidades que Candy acrescente ao mundo são negligenciáveis. Pelo menos, se levarmos em conta seu físico e sua fisiologia particulares, suas violências serão mais criativas do que a maioria.

“Além disso, quando Candy tinha cerca de oito anos de idade, Roselle veio me agradecer por ter trazido seus quatro rebentos ao mundo e por guardar segredo, de modo que Satã não soubesse da abençoada presença deles na terra. Foi exatamente o que ela disse! E como prova de seu reconhecimento, deu-me uma maleta cheia de dinheiro, o suficiente para tomar possível minha aposentadoria precoce. Não podia imaginar onde ela o obtivera. O dinheiro que Deeter e Elizabeth economizaram nos anos trinta havia muito se esgotara. Assim, ela me contou um pouco sobre a capacidade de Candy, não muito, mas o suficiente para explicar que ela jamais teria falta de dinheiro. Esta foi a primeira vez que eu compreendí que havia uma vantagem genética ligada ao desastre genético.”

Fogarty ergueu o copo de bourbon num brinde que eles não compartilharam.

— Aos misteriosos desígnios de Deus.

Como o arcanjo vindo para declarar o fim do mundo no Livro do Apocalipse, Candy chegou exatamente quando os céus se fenderam e a chuva começou a cair copiosamente, embora não chuva negra como seria o dilúvio de Armagedon, nem era uma tempestade de fogo. Ainda não. Ainda não.

Ele materializou-se na escuridão entre dois postes de iluminação bem distantes um do outro, quase a um quarteirão da casa do médico, para ter certeza de que a suave melodia que infalivelmente anunciava sua chegada não fosse audível a ninguém na biblioteca de Fogarty. Enquanto caminhava em direção à casa sob a chuva implacável, acreditava que seu poder, concedido por Deus, agora se tomara tão imenso que nada podia impedi-lo de se apoderar e conseguir o que quer que fosse.

— Em sessenta e três, as gêmeas nasceram e fisicamente eram tão normais quanto Frank — disse Fogarty quando a chuva repentinamente açoitou a janela com força. — Absolutamente sem graça. Na verdade, eu não podia acreditar. Três de quatro crianças, perfeitamente saudáveis. Eu esperava toda sorte de anomalias engraçadas... no mínimo, lábios lepori-nos, crânios deformados, rostos fendidos, membros truncados ou cabeças extras!

Bobby tomou a mão de Julie. Precisava do contato.

Queria sair dali. Sentia-se esgotado. Já não teriam ouvido o bastante?

Mas esse era o problema: não sabia o que mais havia ou o que parte disso seria essencial para descobrir o modo de lidar com os Pollard.

— Claro, quando Roselle me trouxe aquela sacola cheia de dinheiro, comecei a compreender que as crianças eram monstros, mentalmente, se não fisicamente. E sete anos atrás, quando Frank matou a mãe, ele me procurou como se eu lhe devesse alguma coisa... compreensão, abrigo.

Contou-me mais a respeito deles do que eu queria saber, demais. Nos dois anos seguintes, ele periodicamente retomava aqui, simplesmente aparecia como um fantasma que quisesse assombrar a mim em vez do lugar. Mas finalmente compreendeu que não havia nada para ele aqui e por cinco anos manteve-se fora de minha vida. Até hoje, esta noite.

Em sua cadeira de espaldar de orelhas, Frank moveu-se. Remexeu o corpo e inclinou a cabeça da direita para a esquerda. Afora isso, não estava mais alerta do que estivera até ali, desde que entraram no gabinete. O velho dissera que Frank viera várias vezes e mostrara-se muito falante, mas isso não podia ser comprovado por seu comportamento nos últimos sessenta minutos aproximadamente.

Julie, que estava mais próxima de Frank, cerrou as sobrancelhas e inclinou-se para ele, examinando o lado direito de seu rosto.

— Ah, meu Deus.

Pronunciou aquelas três palavras num tom de voz tão desolado que era capaz de refrigerar tão bem quanto um ar-condicionado.

Com um calafrio percorrendo-lhe a espinha, Bobby deslizou pelo sofá, comprimindo-a contra a outra extremidade, e olhou por cima dela para o lado da cabeça de Frank. Preferia não tê-lo feito. Tentou desviar o olhar. Não conseguiu.

Quando a cabeça de Frank estava inclinada para a direita, quase caída sobre o ombro, eles não puderam ver aquela têmpora. Depois de deixar Bobby no escritório, ainda sem controle, viajando contra sua vontade, Frank evidentemente retomara a uma daquelas crateras onde os insetos mecânicos desencavavam seus diamantes. Sua carne estava coberta de protuberâncias desde a têmpora até o maxilar e, em alguns lugares, as gemas brutas que eram a causa das protuberâncias projetavam-se para fora, brilhando, intimamente conjugadas ao tecido cutâneo. Por alguma razão, ele apanhara um punhado para trazer consigo, mas cometera um erro ao se reconstituir.

Bobby perguntou-se que tesouros deveriam estar escondidos na massa

cinzenta e mole do cérebro de Frank.

—Eu também vi isso — disse Fogarty. — E olhe para a palma de sua mão direita.

Embora Julie protestasse, Bobby segurou a manga do casaco de Frank com as pontas dos dedos e puxou-a até fazer seu braço cair e revelar a palma da mão. Encontrara o pedaço da barata que estivera mesclada com seu próprio sapato. Ao menos, parecia ser a mesma. Projetava-se da parte polpuda da mão de Frank, a carcaça brilhando, os olhos sem vida olhando para cima, em direção ao dedo indicador de Frank.

Candy deu a volta na casa sob a chuva, passando por um gato preto no peitoril de uma janela. Ele voltou a cabeça para olhá-lo, depois colou o rosto na vidraça outra vez.

Nos fundos da casa, entrou em silêncio no alpendre e experimentou a porta. Estava trancada.

Uma vaga luz azul pulsou de sua mão quando segurou a maçaneta. A fechadura deslizou, a porta abriu-se e ele entrou.

Julie já ouvira e vira o suficiente, demais.

Ansiosa para se afastar de Frank, ela ergueu-se do sofá e dirigiu-se à escrivaninha, onde considerou seu bourbon inacabado. Mas isso não resolvia nada. Estava terrivelmente cansada, lutando para sufocar sua dor pela morte de Thomas, lutando ainda mais para entender aquela grotesca história familiar que Fogarty lhes revelara. Podia dispensar a complicação de mais bourbon, por mais atraente que pudesse parecer lá no copo.

Disse ao velho:

— Então, que esperança temos de lidar com Candy?

— Nenhuma.

— Deve haver algum modo.

— Não.

— Tem de haver.

— Porquê?

— Porque ele não pode vencer.

Fogarty sorriu.

— Por que não?

— Porque ele é o bandido, droga! E nós somos os mocinhos. Não perfeitos, talvez, não sem falhas, mas certamente somos os mocinhos. E é por isso que temos de vencer, porque se não o fizermos, então todo o jogo não fará sentido. . .

Fogarty recostou-se em sua cadeira.

—Exatamente o meu ponto. Nada faz sentido. Nós não somos bons, nós não somos maus, somos apenas carne. Não temos alma, não há

nenhuma esperança de transcendência para um naco de carne, não ia querer que um hambúrguer fosse para o céu depois que alguém o comesse.

Nunca odiara tanto alguém como odiou Fogarty naquele instante, em parte porque era tão presunçoso e vil, mas em parte porque reconhecia, em seus argumentos, algo perigosamente próximo do que dissera a Bobby no motel, depois que soube da morte de Thomas. Disse que não fazia sentido alimentar sonhos, que eles nunca se realizavam, que a morte estava sempre lá à espreita, ainda que você tivesse sorte de ter sucesso na vida. E odiando a vida, simplesmente porque ela, mais cedo ou mais tarde, levava à morte... bem, era mesmo que dizer que as pessoas não passavam de um monte de carne.

— Apenas temos prazer e dor—disse o velho médico —, portanto não faz diferença quem está certo e quem está errado, quem vence e quem perde.

— Qual é a fraqueza dele? — perguntou ela, com raiva.

—Nenhuma que eu conheça. — Fogarty parecia satisfeito com a desesperança de sua posição. Se ele praticava medicina no começo dos anos quarenta, devia estar beirando os oitenta, embora parecesse mais jovem. Ele na verdade estava perfeitamente cômico do pouco tempo que lhe restava e sem dúvida ressentia-se de quem era mais jovem; e, considerando-se sua fria perspectiva da vida, a morte deles nas mãos de Candy Pollard o divertiria. — Absolutamente nenhuma fraqueza.

Bobby discordou, ou tentou fazê-lo:

—Poderíamos dizer que sua fraqueza é sua mente, sua psicologia deformada.

Fogarty sacudiu a cabeça.

—E eu argumentaria que ele transformou numa força sua psicologia deformada. Ele usa essa história de ser o instrumento da vingança de Deus para se armar muito bem contra a depressão, a dúvida e qualquer outra coisa que possa enfraquecê-lo.

Na poltrona de espaldar alto, Frank bruscamente sentou-se ereto, sacudiu-se como se quisesse dissipar sua confusão mental do modo como um cachorro sacode a água do pêlo encharcado quando sai da chuva. Disse:

— Onde por que eu está está está?

— Está o quê, Frank? — perguntou Bobby.

—Está finalmente acontecendo? — perguntou Frank. Seus olhos

pareciam clarear lentamente. — Está finalmente acontecendo?

— O que está finalmente acontecendo, Frank?

Sua voz era rouca.

— A morte. Está finalmente acontecendo? Está?

Candy penetrara furtivamente na casa e entrara no corredor que levava à biblioteca. Quando se locomovia para a porta aberta à esquerda, ouviu vozes. Ao reconhecer uma delas como a de Frank, mal conseguiu se conter.

Segundo Violet, Frank estava inutilizado. Seu controle sobre os poderes telecinéticos sempre foram erráticos, razão pela qual Candy alimentara a esperança de um dia agarrá-lo e acabar com ele antes que pudesse viajar para algum lugar a salvo. Talvez o momento de triunfo tivesse chegado.

Quando alcançou a porta, viu-se olhando para as costas da mulher. Não podia ver seu rosto, mas tinha certeza que seria o mesmo que estivera difuso numa claridade beatificada na mente de Thomas.

Mais além, vislumbrou Frank e viu seus olhos se arregalarem ao avistá-lo. Se o matricida estivera mentalmente confuso demais para teletransportar-se para longe do alcance de Candy, como Violet alegara, ele agora desfazia essa confusão. Parecia que ele iria dissipar-se dali muito antes de Candy poder colocar as mãos nele.

Candy pretendia provocar um tumulto na biblioteca enviando uma onda de energia pela porta à sua frente, ateando fogo aos livros e estilhaçando as lâmpadas, com o propósito de apavorar e distrair os Dakota e Fogarty, dando-lhe uma chance de ir direto pegar Frank. Mas agora era forçado a mudar seus planos pela visão de seu irmão tremendo à beira da desmaterialização.

Entrou na sala correndo e agarrou a mulher por trás, passando o braço direito pelo pescoço dela e puxando sua cabeça para trás, de modo que ela e os dois homens compreendessem imediatamente que ele poderia partir seu pescoço num instante, quando lhe aprouvesse. Ainda assim, ela lançou um dos pés para trás, raspando sua canela com o salto do sapato, pisando seu pé, tudo doendo muito; era algum golpe de artes marciais e ele podia ver pelo modo como ela tentava contrabalançar sua posição e seu braço que ela era muito bem treinada nisso. Assim, ele puxou sua cabeça para trás mais uma vez, com mais força, e flexionou seu bíceps, o

que pressionou sua traqueia, machucando-a o suficiente para compreender que qualquer resistência seria suicida.

Fogarty observava de sua cadeira, assustado, mas não a ponto de se levantar, e o marido saltou do sofá com uma arma nas mãos, Sr. Artista Tiro-Rápido, mas Candy não se preocupava com nenhum dos dois.

Sua atenção estava focalizada em Frank, que se levantara da poltrona e parecia estar prestes a desapareço' dali, para Punaluu e Kyoto e tantos outros lugares.

—Não faça isso, Frank!—disse.—Não fuja. É hora de ajustarmos as contas, de pagar pelo que fez a nossa mãe. Você vem para casa, aceita o castigo de Deus e termina isso agora, esta noite. Vou para lá com esta vagabunda. Ela tentou ajudá-lo, suponho, então talvez não queira vê-la sofrer.

O marido ia fazer alguma loucura; ao ver Julie nas garras de Candy, ficara transtornado. Procurava um lance, um modo de pegar Candy sem atingi-la e poderia até mesmo arriscar a atirar na cabeça de Candy, embora ele estivesse se protegendo atrás da mulher. Hora de cair fora dali.

—Venha para casa, Frank — disse Candy. — Vá até a cozinha, deixe-me terminar isso para você e a soltarei. Juro pela nossa mãe, eu a deixarei ir. Mas se você não vier em quinze minutos, colocarei esta vagabunda na mesa e terei meu jantar, Frank. Quer que eu me alimente dela depois que ela tentou ajudá-lo, Frank?

Candy achou ter ouvido um tiro assim que desapareceu dali. De qualquer modo, fora tarde demais. Ele se materializou na cozinha da casa na Pacific Hill Road, com Julie Dakota ainda presa no seu braço.

NÃO MAIS PREOCUPADO com o perigo de tocar em Frank, Bobby agarrou-o pelo casaco com as mãos e empurrou-o contra as persianas de frestas largas da janela da biblioteca.

— Você o ouviu, Frank. Não fuja desta vez, ou vou grudar em você e nunca mais vou largá-lo, seja para onde for que me leve, juro por Deus, vai desejar ter colocado o pescoço nas mãos de Candy em vez das minhas.

Atirou Frank com força contra as persianas para enfatizar o que dizia e, atrás dele, ouviu a risada baixa, cínica, de Lawrence Fogarty.

Registrando o terror e a confusão nos olhos de seu cliente, Bobby compreendeu que suas ameaças não iriam produzir o efeito desejado. Na verdade, era quase certo que ameaças iriam amedrontar Frank fazendo-o partir, ainda que ele quisesse ajudar Julie. Pior ainda, recorrendo à violência em primeira instância, estava tratando Frank não como uma pessoa, mas como carne, confirmando o código depravado pelo qual o velho médico corrupto norteara toda a sua vida, e isso era quase tão intolerável quanto perder Julie.

Soltou Frank.

— Desculpe. Ouça, sinto muito, fiquei desnorteado.

Estudou os olhos de Frank, buscando alguma indicação de que restara inteligência suficiente no cérebro danificado para que os dois pudessem chegar a um entendimento. Viu medo, absoluto e terrível, e uma solidão que lhe deu vontade de chorar. Viu um olhar perdido, não muito diferente daquele que vira algumas vezes nos olhos de Thomas quando o levavam de Cielo Vista para um passeio, no “mundo lá fora”, como ele dizia.

Ciente de que dois dos quinze minutos de Candy já haviam se escoado, tentando manter a calma mesmo assim, Bobby tomou a mão direita de Frank, virou a palma para cima e forçou-se a tocar a barata morta que agora fazia parte da sua carne macia e branca. Sentiu nos dedos o inseto seco e quebradiço, mas não permitiu que sua repulsa transparecesse.

— Dói, Frank? Este inseto misturado a suas próprias células aqui, isto lhe dói?

Frank olhou-o fixamente, finalmente meneou a cabeça. Não.

Animado pelo estabelecimento de ao menos esse diálogo, Bobby delicadamente colocou as pontas de seus dedos na têmpora direita de Frank, tateando as protuberâncias de pedras preciosas como

furúnculos não aflorados ou tumores cancerosos.

— Sente dor aqui, Frank? Está sentindo dor?

—Não — disse Frank, e o coração de Bobby bateu mais forte de excitação diante da escalada para uma resposta falada.

De um dos bolsos de seus jeans, Bobby retirou um lenço de papel dobrado e delicadamente secou a saliva que brilhava no queixo de Frank.

O homem piscou, e seus olhos pareceram focalizar melhor.

Por trás de Bobby ainda na cadeira de couro da escrivaninha, talvez com um copo de uísque na mão, quase certamente com aquele exasperador sorriso petulante estampado no rosto, Fogarty disse:

— Restam doze minutos.

Bobby ignorou o médico. Mantendo contato visual com seu cliente, as pontas dos dedos ainda na têmpora de Frank, disse devagar

—Tem sido uma vida difícil para você, não é? Você era o normal, o mais normal, e quando criança sempre quis se integrar na escola, não foi, do modo que suas irmãs e seu irmão nunca puderam. E precisou de muito tempo para compreender que seu sonho não iria se realizar, você não iria se enquadrar, porque, por mais normal que você fosse em comparação com o resto de sua família, ainda assim você pertencia àquela maldita casa, àquela fossa de esgoto, o que fazia de você eternamente um estranho para as outras pessoas. Eles podiam não ver a mancha em seu coração, nem conhecer as sombrias lembranças dentro de você, mas você via, você se lembrava, e você se sentia menosprezado por causa do horror que era sua família. E no entanto, você também era um desajustado em casa, são demais para se enquadrar ali, sensível demais ao pesadelo de tudo aquilo. Assim, durante toda a sua vida, você esteve sozinho.

— Toda a minha vida—disse Frank.—E assim será para sempre.

Ele não iria viajar agora. Bobby podia apostar.

—Frank, eu não posso ajudá-lo. Ninguém pode. É uma verdade dura, mas não vou lhe mentir. Não vou enganá-lo ou ameaçá-lo.

Frank não disse nada, mas continuou encarando-o nos olhos.

— Dez minutos — disse Fogarty.

—A única coisa que posso fazer por você, Frank, é mostrar-lhe uma forma de finalmente dar sentido à sua vida, uma forma de terminá-la com propósito e dignidade e talvez encontrar paz na morte. Tenho uma ideia, uma maneira de você talvez poder matar Candy e salvar Julie e, se você puder fazer isso, terá partido como um herói. Você virá comigo, Frank, me ouvirá e não deixará Julie morrer?

Frank não disse que sim, mas também não disse que não. Bobby

resolveu animar-se com a ausência de uma resposta negativa.

—Temos de ir logo, Frank. Mas não tente se teletransportar para a casa, porque então você perderá o controle outra vez, vai saltar para o inferno e voltar centenas de vezes. Vamos em meu carro. Podemos chegar lá em cinco minutos.

Bobby tomou a mão de seu cliente. Fez questão de segurar a que tinha a barata embutida na palma, na esperança de que Frank se lembrasse de que ele tinha pavor de insetos e compreendesse que a disposição de dominar sua fobia era prova de sua sinceridade.

Atravessaram a sala em direção à porta.

Erguendo-se de sua cadeira, Fogarty disse:

— Sabe que está indo para sua morte, não sabe?

Sem voltar-se para olhar para o médico, Bobby disse:

— Bem, parece-me que você já foi para a sua há décadas.

Ele e Frank saíram para a chuva e estavam encharcados quando finalmente entraram no carro.

Atrás do volante, Bobby consultou o relógio. Restavam menos de oito minutos.

Perguntou-se por que aceitara a palavra de Candy de que o prazo de quinze minutos seria respeitado, por que tinha tanta certeza de que o maníaco ainda não dilacerara a garganta de Julie. Lembrou-se que a esperança é a última que morre.

As calhas transbordavam, e um vento repentino tecia fios prateados de chuva pelos fachos de seus faróis.

Enquanto guiava pelas ruas varridas pela tempestade e virava à direita, na Pacific Hill Road, explicou como Frank, com seu sacrifício, poderia livrar o mundo de Candy e desfazer o mal de sua mãe como tentara fazer — mas fracassara quando a matou com o machado. Era um plano simples. Pôde repassá-lo várias vezes nos poucos minutos que tiveram antes de estacionar diante do portão enferrujado.

Frank não respondeu a nada que Bobby disse. Não havia como ter certeza de que ele compreendera o que devia fazer—ou mesmo se sequer ouvira uma palavra do que dissera. Olhava fixamente para a frente, a boca aberta uns três centímetros e, às vezes, a cabeça pendia para trás e para a frente, para trás e para a frente, de acordo com os limpadores de pára-brisas, como se estivesse olhando para o pingente de cristal de Jackie Jaxx balançando em sua corrente de ouro.

Quando saíram do carro, atravessaram o portão e aproximaram-se da casa em ruínas, a menos de dois minutos do fim do prazo, Bobby viu-

se reduzido a prosseguir apenas pela fé.

Quando Candy materializou-se com ela na cozinha imunda, empurrou-a para uma das cadeiras junto à mesa e soltou-a, Julie imediatamente tentou pegar o revólver no coldre sob o casaco de veludo. Entretanto, ele foi mais rápido do que ela e arrancou-o de sua mão, quebrando dois de seus dedos.

A dor era torturante e somava-se à dor no pescoço e na garganta pelo tratamento brusco que recebera na casa de Fogarty, mas se recusou a chorar ou queixar-se. Em vez disso, quando ele lhe deu as costas para atirar a arma numa gaveta fora de seu alcance, ela saltou da cadeira e partiu em direção à porta.

Ele alcançou-a, eigueu-a do chão, girou-a e jogou-a com tanta força sobre a mesa que ela quase desmaiou. Aproximou o rosto do seu e disse:

—Você deve ser saborosa, como a mulher de Clint, toda essa vitalidade em suas veias, toda essa energia, quero sentir você jorrando sangue em minha boca.

Suas tentativas de resistência e fuga não eram fruto da coragem, mas do terror, parte do qual provinha da experiência de desintegração e reconstituição, que ela esperava jamais ter de sofrer outra vez. Agora seu terror duplicou quando ele aproximou os lábios a menos de cinco centímetros de distância e seu hálito sepulcral cobriu-lhe o rosto. Incapaz de desviar-se daqueles olhos azuis, imaginou que os olhos de Satã deveriam ser assim, não escuros como o pecado, não vermelhos como as chamas do inferno, não pululando de vermes, mas gloriosa e maravilhosamente azuis—e inteiramente desprovidos de qualquer clemência ou compaixão.

Se toda a pior selvageria do ser humano desde tempos imemoriais pudesse ser condensada em um único indivíduo, se toda a fome de sangue, violência e força bruta da espécie pudesse ser personificada em uma única figura monstruosa, ela se assemelharia a Candy Pollard naquele momento. Quando finalmente afastou-se dela, como uma serpente enrolava-se con-trariadamente, reconsiderando sua decisão de atacar, e quando ele a arrastou da mesa e atirou-a outra vez na cadeira, ela se intimidou, talvez pela primeira vez em sua vida. Sabia que se exibisse qualquer outra resistência ele a mataria na hora e beberia seu sangue.

Em seguida, ele disse uma coisa surpreendente:

—Mais tarde, depois que eu tiver acabado com Frank, você me dirá onde Thomas conseguiu seus poderes.

Estava tão amedrontada que teve dificuldade em encontrar sua voz:

— Poderes? O que quer dizer?

—Ele foi o único que conheci, fora de nossa família. Chamava-me de O Mal. E ficava tentando me vigiar telepaticamente, porque sabia que mais cedo ou mais tarde nossos caminhos se cruzariam. Como ele podia ter qualquer poder se não nasceu de minha mãe virgem? Mais tarde você me explicará isso.

Enquanto permanecia sentada, na verdade apavorada demais para chorar ou tremer, na calmaria do olho de um tomado, afagando a mão machucada com a outra, teve de encontrar espaço em si mesma para uma sensação de perplexidade também. Thomas? Bem-dotado psiquicamente? Poderia ser verdade de que todo o tempo em que ela se preocupava em tomar conta dele, ele de alguma forma tomava conta dela?

Ouviu um som estranho aproximando-se da frente da casa. Um instante depois, pelo menos vinte gatos invadiram a cozinha vindos da porta do corredor, roçando-se uns nos outros.

No meio do bando, vieram as gêmeas Pollard, de longas pernas, descalças, uma de calcinhas e camiseta vermelha, a outra de calcinhas e camiseta branca, tão sinuosas quanto seus gatos. Eram pálidas como fantasmas, mas nada tinham de frouxo ou inadequado. Eram esbeltas e vigorosas, cheias daquela energia concentrada que sempre sabemos que existe em um gato mesmo quando ele parece estar preguiçosamente deitado ao sol. Eram etéreas em certos aspectos e ao mesmo tempo terrenas e fortes, poderosamente sensuais. A presença de ambas na casa deve ter acionado as extravagantes tensões de seu irmão, que era duplamente masculino no que dizia respeito a testículos, mas privado da válvula essencial que lhe permitiria liberá-las.

Aproximaram-se da mesa. Uma delas olhou fixamente para Julie, enquanto a outra se apoiou na irmã e desviou os olhos. A mais ousada disse:

—Você é a namorada de Candy ?—Havia um indisfarçável deboche do irmão na pergunta.

— Cale-se — disse Candy.

—Se você não é a namorada dele — disse a atrevida, numa voz macia como o farfalhar da seda —, poderia subir conosco, temos uma cama, os gatos não se importariam e eu acho que gostaria de você.

— Não fale desse modo na casa de sua mãe — disse Candy, furioso. Sua raiva era real, mas Julie pôde ver que ele estava também bastante irritado com a irmã.

As duas mulheres, inclusive a tímida, virtualmente irradiavam

impetuosidade, como se pudessem fazer qualquer coisa que lhes ocorresse, por mais inominável que fosse, sem arrependimento ou inibições.

Julie sentiu quase tanto medo delas quanto de Candy.

Da frente da casa em ruínas, ecoando acima do barulho da chuva no telhado, ouviu-se uma batida.

Como se fossem um só, os gatos partiram em disparada da cozinha, percorrendo o corredor em direção à porta da frente e, menos de um minuto depois, retomaram escoltando Bobby e Frank.

Entrando na cozinha, Bobby foi inundado pela sensação de gratidão — a Deus, até mesmo a Candy — ao ver Julie viva. Estava desfigurada, com um ar desvairado de dor e medo, mas nunca lhe parecera tão bela.

Também nunca a vira tão intimidada, ou tão insegura, e apesar do coro de emoções que gritava e se lamuriava dentro dele, encontrou espaço para abrigar tristeza e raiva por isso.

Embora ainda esperasse que Frank viesse em seu auxílio, Bobby preparara-se para usar seu revólver se o pior viesse a acontecer ou se suigisse uma vantagem inesperada. Mas assim que entrou na cozinha o maníaco disse:

— Tire o revólver do coldre e esvazie o tambor.

Quando Bobby entrou, Candy moveu-se para trás da cadeira de Julie e colocou uma das mãos em sua garganta, os dedos em garras. Com a força inumana que possuía, poderia sem dúvida dilacerar sua gaiganta em um ou dois segundos, embora não tivesse garras de verdade.

Bobby retirou o Smith & Wesson do coldre pendurado no ombro, segurando-o de modo a demonstrar que não tinha nenhuma intenção de usá-lo. Abriu o tambor, sacudiu os cinco cartuchos no assoalho e colocou o revólver sobre uma bancada próxima.

A excitação de Candy Pollard crescia visivelmente a cada segundo, a partir do instante em que Bobby e Frank apareceram. Retirou a mão da garganta de Julie, afastou-se dela e olhou triunfalmente para Frank.

Pelo que dizia respeito a Bobby, era um olhar em vão. Frank estava lá na cozinha com eles—e não estava. Se estava consciente e compreendia tudo que estava acontecendo, estava se saindo muito bem fingindo o contrário.

Apontando para o assoalho a seus pés, Candy disse:

— Venha aqui e ajoelhe-se, seu matrícida.

Os gatos saíram depressa do lugar no linóleo rachado que o louco indicara.

As gêmeas estavam de pé, em atitude de espera, mas alerta. Bobby já vira gatos fingindo indiferença daquela mesma maneira, mas revelando seu

real envolvimento pelas orelhas empinadas. Com Violet e Verbina, seu verdadeiro interesse era traído pelo pulsar das têmporas e, quase obscenamente, pela ereção do bico dos seios sob o tecido da camiseta.

—Eu disse para vir até aqui e ajoelhar-se — repetiu Candy. — Ou vai trair as únicas pessoas que jamais levantaram a mão para ajudá-lo nestes últimos sete anos? Ajoelhe-se ou eu matarei os Dakota, os dois, eu os matarei agora.

Candy projetava a terrível imagem não de um psicótico, mas de um ser genuinamente sobrenatural, como se seu nome fosse Legião e forças além do conhecimento humano atuassem através dele.

Frank deu um passo à frente, afastando-se de Bobby.

Mais um passo.

Então, parou e olhou em tomo, para os gatos, como se alguma coisa a respeito deles o intrigasse.

Bobby nunca soube se Frank tivera a intenção de provocar as sangrentas consequências que se seguiram de seu ato seguinte, se suas palavras foram calculadas ou se falara por pura perplexidade e ficara tão surpreso quanto qualquer outro com o tumulto que se seguiu. Seja como for, ele franziu o cenho para os gatos, ergueu os olhos para a mais afoita das gêmeas e disse:

—Ah, mamãe ainda está aqui, então? Ela ainda está aqui na casa conosco?

A gêmea tímida empertigou-se, mas a atrevida na verdade pareceu relaxar, como se a pergunta de Frank tivesse lhe poupado o trabalho de decidir a melhor hora e lugar para fazer ela mesma a revelação. Ela virou-se para Candy e brindou-o com o sorriso mais sutilmente urdido que Bobby já vira: era debochado, mas era um convite a um possível amante também; era levemente amedrontado, mas ao mesmo tempo desafiador; quente de desejo, frio de pavor; e acima de tudo era selvagem, tão incivilizado e feroz quanto a expressão no semblante de qualquer criatura que vague por qualquer campo ou floresta do mundo.

Seu sorriso foi recebido por Candy com uma expressão de absoluto honor e incredulidade que o faziam parecer, por pouco tempo e, pela primeira vez, quase humano.

— Você não fez isso—disse.

O sorriso da gêmea ousada alargou-se.

—Depois que você a enterrou, nós a desencavamos. Ela agora é parte de nós e para sempre será, parte de nós, parte do bando.

Os gatos sacudiram a cauda e fitaram Candy.

O grito que irrompeu dele não era humano e a velocidade com que alcançou a gêmea ousada foi sobrenatural. Arrastou-a de encontro à geladeira com seu corpo, esmagou-a, agarrou-a pelo rosto com a mão direita e golpeou sua cabeça contra a superfície amarelada de esmalte, em seguida outra vez. Erguendo seu corpo, as mãos em tomo da cintura delgada, tentou arremessá-la como uma criança furiosa joga fora uma boneca mas, com a agilidade de um gato, ela enroscou as pernas flexíveis em tomo da cintura dele e prendeu os tornozelos às suas costas, de modo que ficou cavalgando-o com os seios diante de seu rosto. Ele socou-a com os punhos cerrados, mas ela não o soltou. Manteve-se firme até os golpes cessarem, depois deixou-se escorregar para baixo o suficiente para levar sua pálida garganta peito de sua boca. Ele agarrou a oportunidade que ela lhe atirou e arrancou-lhe a vida com os dentes.

Os gatos guincharam hediondamente, embora não mais como uma única criatura, e fugiram da cozinha debandando-se em todas as direções.

Ao som de seus berros angustiados e dos estranhos gritos eróticos dela, Candy extinguiu a vida de sua irmã em menos de um minuto. Nem Bobby nem Julie tentaram intervir, pois era claro que isso seria como entrar no funil de um tomado, decretando suas mortes sem reduzir em nada a tormenta. Frank continuou apenas naquele curioso alheamento que agora era sua única atitude.

Candy voltou-se imediatamente para a gêmea tímida e destruiu-a ainda mais rápido, uma vez que não ofereceu nenhuma resistência.

Quando o gigante psicótico deixou cair o corpo brutalizado, Frank finalmente obedeceu a ordem que lhe fora dada, eliminou a distância entre eles e surpreendeu o irmão tomando-lhe a mão. Então, como Bobby esperava, Frank viajou e Candy foi com ele, não por seus próprios poderes, mas como um pa[^]ageiro a reboque, do modo como Bobby viajara.

Após o tumulto, o silêncio era assustador.

Suando, claramente sentindo-se mal com o que presenciara, Julie empurrou a cadeira para trás. As pernas de madeira raspavam o linóleo.

—Não—disse Bobby e rapidamente veio para seu lado, abaixou-se a seu lado, encorajando-a a sentar-se. Segurou sua mão que não estava ferida.

— Espere, ainda não, fique longe...

O som surdo de flautas.

Uma rajada de vento.

—Bobby—disse ela —, eles vão voltar, vamos embora, vamos sair daqui enquanto podemos.

Ele a manteve na cadeira.

—Não olhe. Eu tenho de olhar, ter certeza de que Frank compreendeu, mas você não precisa ver.

A música monótona soou outra vez e o vento espalhou o cheiro de sangue das mulheres mortas.

— De que está falando?—perguntou ela.

— Feche os olhos.

Ela não fechou os olhos, é claro, porque nunca fora de desviar o olhar ou fugir de nada.

Os Pollard reapareceram, de volta de alguma breve visita que haviam feito em conjunto a algum lugar tão longínquo quanto o monte Fuji ou tão perto quanto a casa de Fogarty, mais provavelmente a diversos lugares. A viagem aleatória, rápida e repetida era a chave do sucesso do artifício, como Bobby explicara para Frank no cano. Os irmãos já não eram dois seres humanos distintos, pois Frank fora a consciência guiadora na jornada e sua capacidade em conduzi-los através de uma reconstituição sem erros estava declinando rapidamente, piorando a cada excursão. Estavam fundidos, mais biologicamente enredados do que quaisquer gêmeos siameses. O braço esquerdo de Frank desaparecera no lado direito de Candy, como se ele tivesse enfiado a mão dentro de seu coipo para pegar algum órgão interno. A perna direita de Candy mesclara-se com a esquerda de Frank, deixando-os apoiados sobre apenas três.

Havia outras aberrações, mas isso foi tudo que Bobby pôde apreender antes de desaparecerem outra vez. Frank precisava continuar viajando, manter o controle, não dar a Candy nenhuma chance de exercer seus próprios poderes, até que a fusão fosse de tal ordem que a reconstituição adequada de qualquer um deles se tornasse impossível.

Percebendo o que estava ocorrendo, Julie permaneceu sentada totalmente imóvel, a mão quebrada apoiada no colo, segurando-se firme a Bobby com a outra mão. Ele soube que ela compreendia, sem que lhe houvessem dito, que Frank estava se sacrificando por eles, e que o mínimo que podiam fazer por ele era testemunhar sua coragem, exatamente do modo como manteriam Thomas, Hal, Clint e Felina vivos na lembrança.

Esse era um dos mais sagrados e fundamentais deveres que os bons amigos e a família desempenhavam uns pelos outros: mantinham acesa a chama da lembrança, de modo que a morte de ninguém significava um desaparecimento instantâneo do mundo; de certo modo, os mortos continuavam a viver depois do falecimento, pelo menos enquanto aqueles

que os amavam vivessem. Tais lembranças eram uma arma essencial contra o caos da vida e da morte, um modo de assegurar alguma continuidade de geração a geração, uma garantia de ordem e de significado.

Som de flauta, vento: os irmãos retomaram de outra série de rápidas dissoluções e reconstituições e agora eram essencialmente uma criatura de biologia cataclísmica. O corpo era grande, com bem mais de dois metros de altura, amplo e volumoso, pois incorporava a massa de ambos. A única cabeça possuía um rosto hediondo: os olhos castanhos de Frank estavam tragicamente desalinhados; uma boca enviesada abria-se entre eles onde deveria haver um nariz; e uma segunda boca apontava da face esquerda. Duas vozes torturadas, aos berros, inundaram a cozinha. Um outro rosto incrustava-se no peito, sem boca, mas com duas órbitas, em uma das quais se via um olho arregalado azul como os de Candy; a segunda órbita estava cheia de dentes eriçados.

A besta desengonçada desapareceu, depois retomou mais uma vez, em menos de um minuto. Dessa vez, era uma massa disforme de tecido, escura em alguns lugares e hediondamente rósea em outras, com fragmentos de ossos espetados, com tufo esparsos de cabelo, marmoreado com veias, que pulsavam em compassos diferentes. Ao longo do trajeto, Frank sem dúvida visitara aquela viela em Calcutá ou algum lugar parecido, pois trouxera com ele dúzias de baratas, não apenas uma, e ratos também; estavam incorporados ao tecido por toda parte que Bobby via, certificando-o ainda mais que a carne de Candy estava espalhada e poluída demais para poder ser adequadamente reconstituída. A mistura monstruosa e obviamente disfuncional caiu ao chão pesadamente, estremeceu e por fim ficou imóvel. Alguns dos roedores e insetos continuaram a tremer e debater-se, tentando libertar-se; inextricavelmente amoldados à massa sem vida, logo iriam também perecer.

A casa era simples, numa faixa da costa que ainda não se tomara um lugar da moda. A varanda dos fundos dava para o mar e degraus de madeira levavam para um quintal de vegetação rala que terminava na praia. Havia doze palmeiras.

A sala de estar era mobiliada com duas poltronas, um sofá, uma mesinha de centro e uma Wurlitzer 950 abarrotada de discos da época das big-bands. O chão era de tábuas de carvalho alvegadas, bem encaixadas, e às vezes eles afastavam os móveis para os cantos, enrolavam o tapete, escolhiam alguns números na vitrola automática e dançavam, apenas os dois.

Isso em geral acontecia à noite.

Nas manhãs, se não faziam amor, repassavam atentamente diversos livros de culinária na cozinha e preparavam juntos deliciosos quitutes ou simplesmente ficavam sentados junto à janela tomando café, observando o mar e conversando.

Tinham livros, dois baralhos, um interesse pelos pássaros e animais que viviam à beira-mar, lembranças boas e ruins e tinham um ao outro. Sempre, um ao outro.

Às vezes, falavam de Thomas e admiravam-se com o dom que ele possuía e mantivera em segredo toda a sua vida. Ela costumava dizer que a fazia humilde pensar nisso, perceber que tudo e todos eram mais complexos e misteriosos do que se poderia imaginar.

Para fazer com que a polícia os deixasse em paz, haviam admitido trabalhar num caso para um Frank Pollard de El Encanto Heights, que acreditava que seu irmão James estava tentando matá-lo por causa de um mal-entendido. Disseram que achavam que James devia ser um completo psicopata que matara seus empregados e Thomas, simplesmente porque haviam ousado tentar resolver a disputa entre os irmãos. Em seguida,

quando a casa dos Pollards ao norte foi encontrada incinerada com gasolina, com um punhado confuso de remanescentes ósseos no rescaldo, a pressão da polícia gradualmente foi retirada de Dakota & Dakota. Acreditou-se que o Sr. James Pollard assassinara as irmãs gêmeas e seu irmão e atualmente estivesse foragido, armado e perigoso.

A agência foi vendida. Não sentiram sua falta. Ela já não achava que podia salvar o mundo, e ele não mais precisava ajudá-la a salvar a

si mesma.

Dinheiro, mais alguns diamantes vermelhos e negociação haviam convencido Dyson Manfred e Roger Gavenall a inventarem outra origem para o inseto biologicamente criado quando, por fim, publicassem seu trabalho a respeito. De qualquer forma, sem a cooperação de Dakota & Dakota, eles jamais saberiam a verdadeira origem.

No sótão da casa de praia, guardavam as caixas e sacas de dinheiro que haviam trazido da Pacific Hill Road. Candy e sua mãe haviam tentado compensar o caos de suas vidas estocando milhões num quarto do segundo andar, exatamente como Bobby e Julie suspeitaram antes de algum dia terem ido a El Encanto Heights. Só uma pequena parte do tesouro dos Pollard estava agora no sótão da casa de praia, mas era mais do que duas pessoas poderiam gastar, o resto fora queimado, juntamente com tudo o mais, quando atearam fogo à casa da Pacific Hill Road.

Com o tempo, ele veio a aceitar que podia ser um bom homem e ainda assim, às vezes, ter maus pensamentos ou motivos egoístas. Ela disse que isso era maturidade e que não era nada mau viver fora da Disneylândia quando se chegava à meia-idade.

Ela disse que gostaria de ter um cachorro.

Ele disse tudo bem, desde que concordassem na escolha de raça.

Ela disse você limpa a sujeira.

Ele disse você limpa a sujeira, eu cuido de mimá-lo e brincar com ele.

Ela disse que estava errada naquela noite em Santa Barbara quando, em seu desespero, afirmara que nenhum sonho se toma realidade. Eles se realizam o tempo todo. O problema é que, às vezes, você se fixa em um determinado sonho e perde todos os outros que surgem em seu caminho: como conhecê-lo, disse ela, e ser amada.

Um dia ela lhe disse que esperava um filho. Ele abraçou-a por um longo tempo antes de conseguir encontrar as palavras para expressar sua felicidade. Aprontaram-se e saíram para jantar com champanha no Ritz, depois decidiram que preferiam jantar em casa» na varanda, vendo o mar, ouvindo velhas gravações de Tommy Dorsey. Construía castelos de areia. Castelos enormes. Sentavam-se na varanda dos fundos e observavam a maré enchente desmanchar suas construções.

Às vezes, falavam sobre a torrente de palavras que ele recebera no carro, na auto-estrada, de Thomas no momento de sua morte. Meditavam sobre as palavras “há uma luz que os ama” e ousavam sonhar o maior de todos os sonhos—que as pessoas na verdade nunca morrem.

Compraram um cão Labrador.

Deram-lhe o nome de Sookie, só porque parecia um nome bobo.
Em algumas noites, ela sentia medo. De vez em quando, ele também.
Tinham um ao outro. E tempo.